

SÉRIE FAMÍLIA CARTIER • LIVRO IV

Entre o
ODIO *eo*
PERDÃO



K. C. FERREIRA



SÉRIE FAMÍLIA CARTIER • LIVRO IV

Entre o
ODIO *e o*
PERDÃO



K. C. FERREIRA

ENTRE O
ODIO
ea PERDÃO

Série família Cartier – Livro 4
ENTRE O ÓDIO E O PERDÃO
K.C. Ferreira © Copyright 2020.

Revisão – Simone Salinas

Capa – Janaína Rodrigues

Diagramação – Nathalia Leandro – NL Design

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue da nova ortografia da língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação de direitos autorais é crime na lei n 9.610/98 é punido no artigo 184 do código penal.

*Eu atravessei o céu e o inferno para fugir da dor. Eu persegui a luz do sol,
em busca de um novo amanhã. Estive fugindo das sombras para então lhe
encontrar!*

AGRADECIMENTOS

É com muita emoção e orgulho que termino a Série Família Cartier. E pensar que tudo começou com um diamante vermelho, e foi ganhando vida até se tornar essa série que amamos conhecer. Família Cartier jamais irá acabar, ela vive dentro dos seus corações.

Dedico aqui este último livro às pessoas que foram fundamentais nesse processo, e que jamais serão esquecidas por mim:

Simone Salinas, minha revisora, que é muito mais que uma simples revisora, e sim peça fundamental para que esses livros tivessem vida. Jamais irei esquecer do dia em que você leu “Entre o Amor e a Vingança” e me disse: “Se você se dedicar, você irá longe, talento você tem, e muito”. Suas palavras estão gravadas na minha memória, jamais as esquecerei. Obrigada por todo o esforço e pelos puxões de orelha que você me deu.

Família Cartier, o que seria de mim sem vocês, meninas? Minha segunda família. Que choraram comigo durante as dificuldades, e riram ao meu lado nas vitórias.

Wenida, a encrenqueira, popularmente chamada “a santa”, sou muito grata por todas as broncas que já me deu e por todas as vezes que não me deixou cair.

Natasha, o que falar da minha filha postiça, que amo mesmo com suas neuras e manias irritantes, sei que sempre poderei contar com você.

Maristela, querida Bela, chegou há tão pouco tempo, mas tomou um grande espaço no meu coração, sempre me fazendo pensar e refletir melhor sobre as situações.

Karina, a guria que amo demais, parceira de crime, indispensável pra mim, amiga para todas as horas.

Jéssica, não pensou que ia esquecer você, minha amiga das madrugadas, que

sempre estava disposta a me ajudar de todas as formas possíveis para esse livro ganhar vida.

Rosely Honesko, a fã número um do rei sapo, aquela que o defendeu com unhas e dentes até o fim do livro.

E em especial, a todos os fãs que foram conquistados por essa série, e que agora estão prontos para embarcar em mais este romance inesquecível. Sem o apoio e o carinho de vocês, eu não estaria aqui.



PRÓLOGO

Acordo assustada com o som da sirene, era hora da contagem das presas. Levanto-me meio atordoada, como sempre, tive um pesadelo.

— Pesadelos de novo, Liana? — Pergunta Miranda.

— Sim, já faz cinco anos que tudo aconteceu, mas sinto como se fosse hoje, não há um dia em que eu não sonhe com elas. — Respondo limpando meu rosto.

— Todos esses pesadelos irão embora quando você estiver livre e longe daqui. — Fala Miranda abatida, ela parece mais debilitada a cada dia.

— Isso nunca vai acabar, é a culpa que sinto pelo que fiz.

— Vamos, Liana, antes que a agente Nabya venha nos tirar daqui. — Fala Karina, minha outra colega de cela.

Um nó se forma na minha garganta; eu sabia que dia era hoje, o dia que mais temo no ano. Todo dia vinte e três de setembro é assim.

— Vamos! Ou estão achando que isso aqui é colônia de férias?! —

Grita Soares, um dos guardas da prisão.

— Miranda, vamos. — Chamo a mesma, que está sentada na cama parecendo fraca.

— O que você tem, Miranda, são as dores de novo? — Karina pergunta.

— Não é nada, fica tranquila. Vamos, antes que Soares volte. — Diz Miranda disfarçando, mas posso ver que ela não está bem.

— Castela, você vem comigo. — Diz a agente Nabya, me puxando antes mesmo que eu saia da cela.

— O que foi? Eu não fiz nada, para onde está me levando?

— O diretor quer falar com você. Sabe que dia é hoje? — Ela pergunta com um brilho sádico no olhar.

— Sei... — É a única coisa que digo enquanto tento controlar as lágrimas que querem sair.

Caminho e, guiada pela carcereira, atravessamos o corredor sete até a sala do diretor.

— Entra. — Diz me empurrando em direção à porta. Entro meio desconfiada, não gosto de estar aqui.

— Liana Alvarez Castela. Sente-se. — O diretor diz apontando para a cadeira à sua frente.

Sento-me e, ao sentir seu olhar sobre meu corpo, estremeço inteira de medo.

— Sabe que dia é hoje, Liana?

— Sim, sei. — Falo com um gosto amargo na boca.

— Eu já disse que não gosto de fazer isso com você, mas... *As ordens vêm de cima*. Se você fosse boazinha e me agradasse, talvez eu pudesse te livrar da solitária.

— Eu não me importo. — Falo firme, com asco desse velho nojento.

— Eu até tento ajudar, Liana, mas você não colabora. — Diz ele dando a volta na mesa e se pondo de pé, bem ao meu lado; suas mãos vão para o decote da minha camiseta e eu me seguro para não vomitar.

— Você pensa que eu não vejo o que Morgana faz com você? Nada passa despercebido por mim, Liana. Eu posso te proteger, minha flor.

— Eu já disse que não, como todas as outras vezes que me fez essa proposta! Não me importo de ir para a solitária. Pode chamar a agente Nabya para que me leve.

— Você me deixa enfurecido com esse seu puritanismo exagerado.

— Eu não vou mudar de ideia, para me ter terá que me forçar!
— Já lhe disse que não gosto de forçar uma mulher, meu amor. Talvez ficar na solitária sem comida te faça mudar de ideia! — Dito isso, ele caminha até a porta e só então eu posso respirar aliviada.
— Nabya, leve a senhorita Castela até a solitária e nada de comida pra ela por hoje.
— Ok, diretor. — Ela responde já puxando-me pelo braço e me arrastando da sala dele. Nabya me joga na solitária como se eu fosse um saco de lixo; é assim que me sinto nesse maldito lugar.

A sala é minúscula, mal iluminada e úmida; não possui janelas, apenas um fino colchão malcheiroso sobre uma cama de concreto. Quando menos espero, as lágrimas começam a cair. Eu não devia estar chorando, já deveria estar acostumada; é sempre assim. Uma vez por ano, há quatro anos, sou jogada aqui na data do atropelamento. No começo, tentei entender o porquê, mas agora já não me importo. Afinal, eu sou uma assassina. Sento-me na cama e puxo minhas pernas, me encolhendo; o lugar é tão pequeno que só consigo ficar sentada encolhida na cama em posição fetal durante a madrugada, pensando que vou enlouquecer com o frio e com o silêncio perturbador desse lugar.

Fecho os olhos e tento dormir, e aos poucos vou me entregando à escuridão.



“Assassina!”

Era isso que via nos olhos de todas aquelas pessoas. Lá estava eu, em frente ao tribunal, com apenas dezessete anos, já enfrentando um julgamento por assassinato e tentativa de fuga. O pior de tudo era saber que sou realmente culpada; aquela pobre mulher e o bebê em seu ventre morreram por minha culpa. A vergonha, o arrependimento e a dor tomam conta do meu ser. O juiz me olha de forma dura à medida que o promotor narra uma lista de relatos sobre mim. A maioria eram falsos, mas dentro de mim eu sabia que merecia pagar. Talvez assim, condenada, na prisão, eu encontrasse a paz que procuro. Testemunhas terminavam de destruir minha reputação, todos estavam contra mim e não havia nada a fazer. Eu olhava ao redor e não a via,

mas sabia que ela estava ali; ela não perderia isso por nada, muito menos ele. E no meio de todas aquelas pessoas, me senti sozinha, fraca, amedrontada. Senti como se estivesse presa na escuridão, em meio ao medo e à culpa.

— Culpada!

A sentença do juiz foi como uma flecha me acertando, eu pude sentir o peso de duas vidas nas minhas costas; contudo quatro anos não iam trazer aquela mulher e seu bebê de volta. Meus olhos se voltam para uma fileira de cadeiras à minha esquerda, lá estavam os familiares de Melissa, a moça que atropeli. Uma senhora era amparada, em meio às lágrimas, por um senhor, imagino serem os pais dela.



Um som alto de metal batendo me desperta. Atordoada, eu abro os olhos e me vejo na solitária com uma carcereira me chamando.

— Acorda, princesa, é hora de sair da torre.

Levanto-me assustada, o sonho foi tão real, era como se estivesse novamente ali no meio do meu julgamento. Ainda meio zonzinha, sigo a carcereira até o banheiro, outras detentas já estão tomando banho. Pego meus objetos pessoais e caminho em direção a uma cabine. Ligo o chuveiro e deixo a água morna relaxar meu corpo dolorido. Fecho os olhos e esfrego meus cabelos, começando a me sentir melhor. A água do chuveiro cessa repentinamente, e ao abrir os olhos dou de cara com Morgana entrando na minha cabine.

— O que tá fazendo? — Pergunto tentando me cobrir.

— A bonitinha dormiu fora hoje? — Fala cheia de ódio e eu tremo de medo, já sabendo o que ela pretende fazer.

— Me deixa em paz, Morgana, eu nunca te fiz nada.

— Eu já te falei, meu amor, estão me pagando bem para te dar um tratamento exclusivo aqui. — Fala e me acerta em cheio no estômago.

Curvo-me, tentando me defender, mas meus cabelos são puxados, me fazendo curvar para trás, e então Ariana chuta meu estômago. Sinto a bile subir e minhas pernas fraquejam. Não aguento e caio no chão gemendo de dor.

Tento proteger meu rosto, até que elas se cansem. O inchaço no meu olho direito já borrava a minha visão; a cada golpe eu sentia uma parte

de mim morrendo. Sentia-me o pior ser humano da terra, o mais insignificante, inútil, incapaz de me proteger.



Elas saíram e me deixaram jogada no chão do banheiro, nua, molhada e ferida. Limpei meu rosto com as mãos, eu não deveria chorar. Lágrimas eram para os mais fracos e eu estou mais forte agora, ou pelo menos é o que digo a mim mesma dia após dia nesse inferno. O que quer que seja esse Deus de que todos falam, ele parece que está rindo de mim nesse momento. Arrasto-me pelo chão gemendo de dor nas costas. Um corte no meu lábio inferior enche minha boca com o gosto ácido de sangue. Sem forças, fico ali escolhida pelo que parecem horas, até Soares me chamar.

— O que fizeram com você? — Pergunta ele, me ajudando a ficar de pé e cobrindo meu corpo com uma toalha.

— Não foi nada, eu me machuquei. — Digo tremendo de dor.

— Não me tome por idiota, Castela; quem fez isso com você? — Ele pergunta de forma fria, pegando o meu uniforme que está caído no chão.

— Ninguém, eu já estou bem. — Falo lavando as minhas mãos na pia e limpando meu rosto.

— Você pode não dizer, mas saiba que vou descobrir. E essa pessoa vai ficar uma semana na solitária. — Fala irado me assustando.

Com dificuldade, consigo me vestir, ainda sob o olhar preocupado dele.

— Eu já estou bem, vou para o refeitório. — Falo constrangida.

— Você vem comigo para a enfermaria; Miranda piorou e está chamando por você. O doutor Cézar não sabe se ela passa de hoje.

Quando ele diz isso, esqueço toda a dor que estou sentindo e meu coração dispara. Miranda é mais que uma amiga para mim, ela me ajudou tanto desde que cheguei aqui. Desespero-me com a hipótese de perdê-la. Corri com o coração acelerado, seguida por Soares, até a enfermaria. Ao entrar, já vejo sua figura frágil e debilitada sobre uma maca. Sua fisionomia está tão pálida.

— O que você tem, Miranda, o que aconteceu?! — pergunto preocupada, me aproximando e segurando suas mãos.

— Minha menina, o que fizeram com seu rosto? — ela pergunta com a

voz fraca; mesmo doente ainda se preocupa comigo.

— Não foi nada, escorreguei no chuveiro.

— Morgana te feriu, meu anjo?

— Não foi nada. Me diga, o que você tem?

— Estou doente, minha doce menina, e está chegando minha hora de partir. — Ela fala devagar. — Eu preciso te contar uma coisa

— Não... Não diga isso. Fica tranquila, logo você vai melhorar, como das outras vezes; o doutor Cézar pode te ajudar.

— Filha, me escuta. Meu tempo está acabando, você precisa me ouvir.

— Tudo vai ficar bem. Logo você vai ficar boa e vai sair daqui.

— Liana, é câncer, e ele já se espalhou por todo meu corpo. É tarde demais.

— Eu não posso perder você, não posso...

— Escuta, eu preciso te entregar uma coisa. — Ela diz, abrindo a mão esquerda e me mostrando o colar com uma grande pedra azul. — O diretor me deu uma autorização especial para que eu pudesse entregá-lo a você. É muito importante que fique com ele, você vai precisar.

— Este colar se chama Hope, ganhei do meu marido quando nos casamos. Existe uma lenda sobre ele e preciso te alertar antes de entregá-lo. Essa pedra foi extraída de um santuário feito em homenagem à deusa hindu Sita, e esse sacrilégio ocasionou uma maldição. O diamante foi levado à Europa pelas mãos do joalheiro Jean Baptiste Tavernier, e depois foi comprado por Luís XIV, que reduziu seu tamanho e lhe deu uma forma de coração. Grande parte dos filhos do rei morreu com uma idade precoce. — Miranda faz uma pequena pausa para se recompor. — Anos depois, a joia foi presenteada a Maria Antonieta, que morreu decapitada durante a Revolução Francesa. Uma amiga da rainha, a princesa de Lamballe, que havia usado o diamante em mais de uma ocasião, também morreu tragicamente, linchada por uma multidão. A pedra foi roubada e apareceu séculos depois nas mãos do joalheiro holandês Wilhelm Fals, que lhe deu a forma ovalada, como está agora. Ele morreu assassinado pelo seu próprio filho. O diamante continuou circulando: foi presenteado a uma nobre russa, que morreu assassinada e, depois, esteve nas mãos do príncipe Ivan Kanitowski, executado pelos revolucionários bolcheviques. Seu último proprietário, o joalheiro Harry Winston, vendeu o colar ao meu marido em uma exposição, e ele então me deu como presente de casamento. Meu marido foi um homem cruel, quando não me espancava, me estuprava. Perdi a conta de quantas gestações eu perdi

por conta das suas agressões. Até o dia em que o esfaqueei enquanto ele dormia bêbado ao meu lado. O resto da história você já sabe: fui condenada à prisão e agora irei enfim descansar em paz. Porém, antes de morrer, quero ter a certeza de que você estará segura e protegida.

— Você não vai morrer, para de dizer besteiras, Miranda.

— Liana, querida, este diamante é amaldiçoado. Todos que o tiveram em suas mãos sofreram com sua maldição. Quero que o venda e use o dinheiro para recomeçar sua vida, ele vale uma boa quantia. Meu amor, podem ter lhe tirado tudo, mas há algo que não lhe tiraram: foi sua vida. Saia daqui e não olhe para trás, siga em frente e recomece do zero, fuja. Apaixone-se e se case, tenha filhos e seja muito feliz. Você é tão jovem e já passou por tanto sofrimento. Preste atenção agora. Pegue a chave que guardo dentro do meu colchão; ela abre o compartimento 456 do guarda-volumes na estação de trem Atocha, em Madrid. Eu escondi um dinheiro lá; pretendia fugir do meu marido e esse dinheiro me ajudaria a recomeçar.

— Eu não posso aceitar. Você vai sair dessa, vai ver. Ainda vai sair aqui. Vai viajar. Não me disse que queria conhecer a Inglaterra?

— Faça isso por mim; você é a filha que nunca tive. Foi a única que me trouxe um pouco de felicidade, mesmo dentro desse lugar. — Ela para de falar para tossir.

Os aparelhos começam a apitar e o doutor Cézar se aproxima, junto com dois enfermeiros.

— Não, Miranda! Fica comigo, não me deixa sozinha!

— Se afaste! — Alguém grita para mim.

Algo dentro de mim diz que é tarde demais. Seguro com força o diamante em minhas mãos, enquanto vejo os médicos tentando reanimá-la.

— Não, Miranda! Fique comigo, não me deixe sozinha! — Grito chorando. — Salve ela, por favor, salve ela!

— Soares, tire-a daqui. — Pede o doutor Cézar.

Sinto meu corpo ser arrastado para fora da enfermaria.

— Castela, me escuta. Eles estão cuidando dela. — Fala ajudando-me a sentar no banco de madeira do corredor.

— Eu não posso perdê-la, ela é tudo que eu tenho. É mais que uma amiga; ela é uma parte minha. — Falo soluçando alto.

Fiquei ali sentada pelo que pareceram horas, até que o doutor saiu e veio falar comigo.

— Eu sinto muito, Miranda não resistiu. — Diz de maneira fria, como

se a vida dela não importasse.

— Não, Doutor! Não me diga uma coisa dessas, por favor! Ela tem que ter sobrevivido!



Um mês depois da morte de Miranda, chegou meu dia de partir. A chave da qual ela tinha me falado, no mesmo dia eu peguei, já que todos os pertencem dela estavam sendo retirados e seu beliche sendo preparado para ser ocupado por outra detenta.

— Castela, já está pronta? — Pergunta Soares na porta da minha cela.

— Tchau, Karina. — Falo abraçando a única amiga que me sobrou.

— Que Deus te proteja. — Diz Karina, limpando as lágrimas.

— Em breve vamos nos ver, eu prometo. — Falo, triste por deixá-la aqui.

— Não quero que venha. Esse lugar não é pra você. Daqui a um ano eu estarei livre dessas grades e nós vamos nos encontrar em Las Canteras, nas Ilhas Canárias. Já até nos imagino tomando sol em frente àquele mar azul.

Sorrio, despedindo-me dela, e saio daquela cela sentindo meu coração pesado, estou há tanto tempo presa dentro dessas paredes que agora que vou sair não sei bem o que fazer.

Fui levada até a sala do diretor, onde assinaria meus papéis de soltura.

— Entre, senhorita Castela. — Diz ele já me aguardando na porta da sua sala.

Entrei e fiquei calada, aguardando.

— Sabe, Liana, quando você entrou aqui parecia um ratinho assustado, mas olha para você agora, se tornou uma mulher. Uma pena não termos nos divertido juntos... — Diz tocando uma mecha do meu cabelo.

Não digo nada, apenas fico olhando fixamente para sua mesa.

— Assine aqui e você estará livre. Mas tenha cuidado, você está livre dessas grades, mas o peso do seu crime sairá daqui com você.

Engulo em seco, assinando meu nome nos papeis e, por fim, saindo dali. Fui levada até a saída e lá peguei os únicos pertences que vieram comigo. Após me vestir, caminhei até os portões. Soares me acompanhava

silenciosamente. Quando as grandes portas de metal se abriram, as lágrimas transbordaram de meus olhos. Respiro fundo, caminhando rumo à minha liberdade.



CAPÍTULO 1

RECOMEÇO INFELIZ

‘Quando tudo que você ama é roubado de você, tudo que resta é a vingança!’

Hector

Entrei em nosso quarto com uma bandeja de café da manhã nas mãos. Melissa não anda comendo bem, nada para em seu estômago, e eu já estou começando a ficar preocupado com seu constante mal-estar. Ao ver a cama vazia, olhei na direção do banheiro e vi a porta aberta. Deixei a bandeja sobre a cama e corri para ajudar Melissa, que está curvada em frete ao vaso, vomitando.

— Eu não quero saber de desculpas, Mel, vou te levar para o hospital agora.

— Eu já me sinto melhor. — diz ela ficando de pé e indo até a pia escovar os dentes.

— Amor, é melhor deixar para ir ao médico quando voltarmos para Madrid, você tem duas reuniões essa tarde. — Diz minha esposa, enquanto se troca.

— Nada disso, *mi princesa*, nós vamos agora mesmo, precisamos cuidar da sua saúde.

— Tudo bem, sei que não vou conseguir te convencer mesmo. — Diz revirando os olhos.



Levei Melissa para o hospital Vall d’Hebron e não foi preciso esperar. Nessas horas agradeço pelo meu título na realeza, pois logo estávamos, nós dois, na sala da prestativa doutora Açucena Ferdinan. Melissa foi examinada, seu sangue foi coletado e aguardávamos ansiosamente o resultado dos exames. Em menos de uma hora, fomos chamados de volta para a sala da médica.

— Bem, como eu imaginava, a princesa Melissa não tem nada de grave. Pelo contrário, ela está ótima, esses sintomas são normais.

— Mas e o mal-estar e os enjoos?

— Não se preocupe, princesa, é normal na sua condição, a senhora está grávida. — Diz a médica sorrindo.

Eu não aguentei de emoção, me abaixei em frente à minha princesa, beijando seu rosto e seus lábios apaixonadamente.



Eu ainda não podia acreditar na felicidade que estava sentindo. De mãos dadas, tínhamos acabado de sair do hospital.

— Esse literalmente é o dia mais feliz da minha vida. — Diz minha princesa, feliz.

Ela sorria tanto, eu me sentia o homem mais feliz desse mundo. A mulher da minha vida estava esperando nosso primeiro filho.

— Ainda não acredito que vou ser pai, Mel! Não vejo a hora de contar para os meus pais.

— Eu já posso até imaginar a felicidade dos meus pais com a notícia do neto.

Atravessávamos a rua pela faixa de pedestre, rumo ao restaurante em que iríamos almoçar para comemorar a boa notícia, quando então meu mundo desmoronou. Em câmera lenta, eu vi o corpo dela sendo arremessado por um carro em alta velocidade. Em seguida,

Melissa estava caída no chão com sangue escorrendo pela sua cabeça.

— Amor, aguenta firme, a ambulância já tá chegando. — Tentei tranquilizá-la.

— É tarde demais... — Ela tenta dizer, porém o sangue escorre por sua boca, a fazendo engasgar.

— Para, não fala nada. Você vai ficar bem! — Falo em prantos, vendo o amor da minha vida se esvaindo em sangue nos meus braços. Afasto os cabelos do seu rosto e sinto sua pulsação fraca.

— Nós vamos ficar bem, você vai ver. Nosso filho vai nascer e será muito amado.

— Eu amo você, meu príncipe... Nunca se esqueça disso. Quero que seja feliz. — Ela fala e fecha os olhos.

— Mel! Mel, não me deixa. Melissa, não me deixa, amor. Acorda, *mi vida*, acorda!! — Grito descontroladamente, implorando que ela não morra.

Parecia que eu estava em um terrível pesadelo, mas era real; era ela, minha mulher, no asfalto quente, se esvaindo em sangue em plena Avenida Del Alberche. E eu não podia fazer nada para impedir sua morte; senti-me um inútil, um merda. Ainda posso ouvir sua voz triste dizendo que me amava, que deveria ser feliz. Como ser feliz sem ela? Como sobreviver a isso? Eu já sabia que ela não sobreviveria, ela estava perdendo muito sangue, seus batimentos estavam muito fracos; mas eu não queria acreditar que a estava perdendo. Em um momento, éramos o casal mais feliz do mundo, no segundo seguinte eu a assistia morrer em meus braços, deixando-me sozinho. A multidão ao nosso redor não fazia nada! Todos apenas olhavam para meu pranto, ouvindo meus gritos de desespero, mas ninguém se movia. Minhas roupas já cobertas sujas de sangue, e foi ali que senti o último sopro de vida escapar do meu amor. Olhei para o carro, que parecia destruído, mas quem a atropelou não estava mais lá, fugiu sem prestar socorro.



Fecho os olhos e sinto o gosto amargo do ódio enchendo minha boca. Nada nesse mundo me faz esquecer aquele maldito dia. Já é tarde, e pela janela do meu gabinete via o sol se pôr. Analiso a pasta que contém uma foto e todos os relatórios da prisão; o dossiê completo da vida da assassina. Lá está a vagabunda, irresponsável, que dirigia sob efeito de álcool e drogas, aquela que roubou a vida da minha mulher, além de quase ter matado Verônica e os meus afilhados. O pior de tudo é saber que ela não pegou a pena máxima por ser menor de idade e réu primária. Ela tirou a vida da minha mulher e do meu filho. E agora goza de liberdade, podendo recomeçar, enquanto eu perdi aqueles que mais amava. Todavia, a vingança é um prato que se come frio. Esperei quatro longos anos para colocar minha vingança em ação; agora ela não perde por esperar! — Sorrio friamente.

Ouçõ baterem na porta do meu gabinete e me desperto de minhas terríveis lembranças.

— Pode entrar. — Falo, guardando os papéis sobre Liana dentro da minha gaveta.

— Filho, está ocupado, posso entrar? — Diz Inês já entrando no meu escritório.

— Entre, dona Inês. Já conversamos sobre me chamar de filho, principalmente com a senhora vivendo aqui no palácio.

— Desculpe, querido, é difícil pra mim me acostumar com isso. — Ela fala com um olhar magoado, porém, por mais que eu entenda que ela é minha mãe verdadeira, ainda não consigo amá-la como tal; não quando eu tive Letícia como mãe.

— Apenas vim te perguntar se você vai jantar. Não o vi na hora do almoço e fiquei preocupada, está passando muito tempo trabalhando. — Diz ela olhando para minha mesa e seus olhos focam na foto de Liana, que esqueci de guardar.

— Quem é ela?

— Ela não é ninguém, Inês. Pode avisar a meus pais que irei jantar com eles.

— Certo. — Olha para janela pensativa. — Eu já vou então, te espero no jantar. Desculpe atrapalhar seu trabalho, Hector.

Só quando ela sai que respiro aliviado. Guardo a maldita foto junto com o dossiê e tranco a gaveta, quando novamente a porta se abre. Já estou pronto para dizer a Inês que me deixe sozinho quando noto ser Afonso, meu melhor amigo.

— Majestade, ainda enfiado nesse gabinete. — Diz ele, fazendo uma falsa reverência.

— O que faz aqui, idiota? Ou melhor, Duque de Aragão.

— Cara, você precisa sair desse palácio. Não acredito que esqueceu que íamos jogar golfe hoje à tarde.

— Droga, Afonso! Esqueci completamente.

— Pela sua cara de bunda já imagino o que deve estar te tirando a concentração. Ela já saiu da prisão?

— Sim, já faz três dias que ela está gozando da liberdade como se não fosse um monstro.

— Não desistiu do plano. — Ele fala preocupado.

— Sabe que não. Nada nesse mundo vai me fazer mudar de ideia. Aquela miserável tem que pagar pelo que fez!

— Não te julgo por querer justiça, mas se essa merda vazar na imprensa ou se dona Letícia descobrir... Tem certeza de que vai querer sujar suas mãos com o sangue de uma miserável como essa?

— Não mudarei de ideia. Contudo, andei pensando muito, e a morte é pouco para essa desgraçada. Ela precisa sofrer, eu a quero totalmente destruída antes do seu fim.

— Tem noção do risco que está correndo, não é? Você não é qualquer um, é o rei da Espanha.

— Eu sei, e é por isso que andei pensando... E vou precisar da sua ajuda.

— Tenho até medo do que vai me pedir. — Ele diz com uma cara assustada.

— Preciso que me empreste a fazenda Del Diablo, em Andaluzia. E também que mande os funcionários da casa grande para umas das minhas fazendas. Lá, quero que contrate apenas estrangeiros, pessoas que não conhecem nada sobre a monarquia da Espanha, sobre mim. É a única maneira de despistar dona Letícia pelo tempo que preciso.

— Hector, cara, assim você me lasca! Se a dona Letícia descobrir que fui seu cúmplice, eu estarei fodido. Não pense que vou deixar você enterrar um cadáver na minha fazenda, porque isso eu não aceito.

— É claro que não, para de ser covarde. — Falo rindo da sua cara.

— Tá bem, eu vou te ajudar, mas, por favor, não destrua minha fazenda. Pelo menos cuide dela enquanto estiver lá. Sabe que tenho um apreço enorme pelas minhas uvas e meus cavalos.



Já era quase hora do jantar quando saí do meu gabinete. Ser pontual é uma das regras do meu pai, por isso me apressei, tomando um banho rápido, e seguindo logo para o salão azul, onde a refeição seria servida. Foi com certa surpresa que deparei-me com Alexandra e seu pai, Ramon Ortiz, o Marquês da Catalunha, sentados à mesa junto com meus pais, além de Inês e minha irmã Charlotte.

— Boa noite a todos. Peço desculpas por meu atraso. — Falo polidamente, sentando em meu lugar e olhando para mamãe, que tem uma sobrancelha erguida. Charlotte estava com cara de brava, ela detesta Alexandra.

— Estávamos apenas te esperando, meu filho. Alexandra e Ramon fizeram a gentileza de vir jantar conosco essa noite.

— É um prazer revê-los. — Digo de maneira educada, mas hoje não estava com cabeça para aturar as tentativas de flerte de Alexandra. Nunca a enxergarei como algo além de uma amiga de infância.



O jantar foi longo; falamos principalmente sobre a Espanha, mas a todo momento Alexandra tentava flertar comigo, o que já me irritava. Inês se mantinha calada, mas eu sentia que ela estava enojada com a presença de Alexandra, que fazia questão de demonstrar que Inês estava sobrando na mesa. Ao término de nossa refeição, Charlotte pediu desculpas, dizendo que estava com alergia ao perfume de Alexandra e que precisava se retirar, e eu tive que me segurar para não rir. Mamãe a repreendeu apenas com o olhar. Meu pai, eu e Ramon fomos até o salão dos lordes, onde tomamos conhaque e conversamos um pouco mais sobre a política da União Europeia. Já era

tarde quando enfim eles decidiram ir embora e eu pude conversar a sós com meus pais.

Inês

Vim à Espanha na tentativa de me aproximar de meu filho. Meu filho, que me foi tirado assim que nasceu, tudo por culpa do miserável do Santiago. Hector tem meu sangue, mas é Letícia, sua mãe adotiva, que ele ama. Nada que eu faça parece mudar esse fato, ele só me vê como a mãe de Arturo, Paloma e Guilherme. Machuca saber que nunca terei o mesmo espaço no seu coração que Letícia. Porém não pretendo desistir assim. Hector é meu filho, eu o gerei. Posso não tê-lo criado, mas é meu sangue que corre em suas veias, e algo me diz que ele precisará de mim. Tenho certeza que ele está escondendo alguma coisa dos seus pais. Aquela mulher da foto tem a ver com isso, tenho certeza. Hector ficou muito nervoso quando percebeu que eu vi a foto. Meu faro me diz que aí tem coisa... Preciso investigar melhor e descobrir o que está acontecendo, nem que para isso precise contratar um detetive.



Caminho pelo palácio em direção ao meu quarto, porém, mais uma vez me perco em um de seus milhares de corredores. Estava quase voltando pelo mesmo caminho quando ouvi a voz do meu filho saindo por uma fresta de uma grande porta de carvalho. Aproximo-me tentando ouvir a conversa e entender o que discutem.

— Serão seis meses, não é como se estivesse sumindo do mapa! Preciso desse tempo para mim, quero colocar a cabeça em ordem. — Diz Hector a Letícia.

— Hector Carlos VI de Ortega! Não minta para mim. O que você quer não são férias. Você está estranho, anda me escondendo algo. Fale-me a verdade, *hijo*, o que está acontecendo?

— Letícia, dê um voto de confiança a ele. Hector nunca fez nada de errado, sempre foi um orgulho para nós, um filho exemplar. Deixe nosso menino descansar. Talvez essas férias sejam o que ele precisa para seguir em frente com sua vida e deixar Melissa descansar em paz. — Fala Felipe à esposa.

— Obrigado, pai. Prometo que seis meses é tudo que preciso, talvez eu volte até antes.

— Eu não concordo com isso. Eu te conheço melhor do que qualquer um, e você não me engana. Entretanto, como sua mãe, vou apoiá-lo. Se quer um descanso da nobreza do seu título, eu aceito. Desde que me mantenha informada de seu paradeiro onde quer que esteja nessa sua viagem pelo mundo.

— É claro, mãe. Jamais faria algo que a deixasse aflita. Meus seguranças irão comigo, não há o que temer. Vou conhecer lugares em que nunca estive, e claro, com discrição. Pretendo ir à América Latina; o Brasil tem praias belíssimas, além da famosa floresta amazônica. Vejo Letícia sorrir para ele e decido sair de trás da porta, antes que um dos três me veja. Minha cabeça está martelando. Hector está mentindo, isso está claro, mas não fui só eu que notei; Letícia também. Agora, mais do que nunca, preciso descobrir o que ele está tramando.

Liana

Mais um dia inteiro de pé, à procura de emprego. Sem dinheiro, não pude ir até Madrid buscar o dinheiro que Miranda me deixou. Fui obrigada a dormir em um abrigo, enquanto não arrumo um emprego. Liberdade não tem o sabor doce que imaginei.

— Liana, já levantou? — Pergunta Maya, minha colega de quarto, levantando do beliche.

— Não consigo dormir mais, estou acostumada a acordar cedo.

— Liana, eu sei que não nos conhecemos há muito tempo, você está aqui há apenas uma semana, mas você é tão gente fina... O que aconteceu

com a sua família? O que houve com você, pra vir parar aqui no abrigo?

— Eu sou órfã, meus pais morreram há cinco anos. Bem, eles não eram meus pais biológicos, mas me adotaram e me deram amor. — Falo e deixo uma lágrima escapar, apenas por lembrar deles.

— Eu sinto muito, Liana.

— É melhor parar de falar de mim. Fale-me de você. — Digo tentando mudar de assunto, pois não quero que ela insista.

— Bem, meus pais estão vivos. Terri e Rachel, mas não me dou bem com eles, e por esse motivo fugi de casa. Eles queriam me casar à força com um maldito sheik árabe. Eu não aceitei, então fugi. Vim para cá com umas economias que eu tinha. O dinheiro não durou muito e acabei vindo dormir aqui no abrigo. Mas consegui um emprego no clube de golfe. E logo vou alugar um quartinho em algum lugar para mim. — Ela sorri animada.

— Tenho certeza que sim. Você merece, Maya.

— Agora vamos, antes que a gente perca o café da manhã.

— Vamos. — Falo pegando a bolsa com meus documentos e o jornal com as ofertas de emprego.

Sentamos à grande mesa do refeitório e tomamos nosso desjejum conversando animadamente. O café da manhã no abrigo era muito simples, mas confesso que me sinto bem estando aqui. É na simplicidade das coisas que vemos a felicidade.



Despedi-me da minha nova amiga Maya e parti em busca de um trabalho. O dia estava quente, do jeito que eu gosto. Na prisão, tínhamos direito a banho de sol uma vez ao dia, mas não se compara com o sol daqui; aqui não há grades e nem barreiras à minha volta.

Caminhei de loja em loja, deixando meu currículo, porém, com pouca experiência e com antecedentes criminais, ninguém quis nem ao menos marcar uma entrevista. Não sei por que cheguei a pensar que seria mais fácil; é difícil um lugar que aceite dar uma chance a uma ex-presidiária, ainda mais ela sendo negra. Eu já tinha riscado todas as ofertas de emprego do jornal que carregava, quando parei em uma lanchonete para comprar uma garrafinha de água. Entrei desanimada, pedi a água, paguei ao atendente e me

sentei em uma mesa perto da janela. Já é tarde e estou cansada. Um sentimento de tristeza se apodera de mim... É horrível ter que voltar para o abrigo mais uma noite sem ter conseguido trabalho. Fecho os olhos por um instante, me segurando para não chorar. Não posso ficar chorando todos os dias, pela maneira como a vida é dura comigo. Quando os abro, percebo que tem uma placa no vidro de fora da loja. Me levanto curiosa e só então percebo que estão precisando de uma garçonete. Volto para dentro da lanchonete com as esperanças renovadas.

— Desculpa incomodar, mas eu vi na placa que vocês estão contratando. — Falo ao moço que me atendeu antes.

— Sim, aqui somos só eu, minha mãe e meu irmão que trabalhamos no período da noite, e os dois cozinheiros. Como estamos em período das aulas da faculdade, na hora do intervalo a lanchonete está cheia e meu irmão Juan não está dando conta do movimento.

— Eu estou à procura de emprego, posso ajudar. E quanto ao salário, não preciso de muito. — Falo animada tentando convencê-lo.

— Não sei... Você é muito jovem e não parece alguém que já trabalhou no passado.

— Eu sei, eu não tenho experiência; mas o que me falta em experiência, tenho em força de vontade, e darei o meu melhor se me der essa oportunidade.

— Tudo bem, mocinha. Gostei de você. Venha amanhã, antes das seis da tarde, falar com meu irmão. Traga seus documentos. Faremos uma experiência; se você se sair bem durante a primeira semana, o emprego é seu.

— Obrigado, senhor, não sabe o quanto estou feliz por essa oportunidade.

— Me agradeça dando o seu melhor.

— Eu o farei. Prometo.



No caminho de volta ao abrigo, sinto minha nuca esquentar, e aperto meus passos. Tenho uma estranha sensação de estar sendo seguida. Por um segundo, penso que estou de volta em meu pesadelo. A lua está cheia e o início da noite está frio. Ando apressada, com medo. Meus pés estão cheios

de bolhas de tanto caminhar, mas apesar disso, ando rápido, olhando sempre para trás, embora não veja ninguém. Até que noto um homem em minha frente, um homem alto, com barba rala. Fico assustada, com medo de quem ele possa ser.

— Com licença, senhor. — Peço educadamente.

— Pra onde a lindinha vai? — Tento passar por ele, mas ele me impede, pondo-se no caminho.

— Por favor, me deixe passar! — Peço de novo, dessa vez com a voz trêmula.

— Na, na, ni, na, não. Você vem comigo, gracinha. — Fala, puxando meu braço e me arrastando até um beco. Tento me soltar, me debatendo; tento morder seu braço, mas é inútil, ele é mais forte, seu aperto parece uma garra me arrastando.

— Por favor, me deixe ir. — Começo a ficar apavorada. — Não me toque! — Grito quando ele me segura contra a parede.

Ele toca meu rosto com suas mãos sujas e nojentas, e eu começo a chorar e me debater, tentando escapar. Dentro de mim, sinto que serei violentada aqui nesse beco escuro.

— Olha como ela é gostosa. Essa carinha de anjo, mas um corpo de puta. — O homem sorri, puxando meus seios com força, o que me causa nojo, e rasgando meu vestido.

As lágrimas turvam minha visão, sinto uma vontade tremenda de vomitar.

— Você é muito linda, não será sacrifício nenhum foder esse seu corpinho gostoso. — Ele aperta seu membro por cima das calças, deixando claro o que quer.

— Por favor, não! — Imploro chorando, e ele me dá um tapa na cara, fazendo meu rosto arder.

— A princesa é teimosa, bem do jeito que eu gosto. — Sou arremessada perto de umas caixas de papelão. Tento me afastar o máximo possível do homem, que está rindo do meu desespero. Meu sutiã está à mostra, minha roupa toda suja. Eu grito por ajuda, mas é inútil, ninguém me ouve. Estamos longe de qualquer movimentação.

— Por favor, não faça isso comigo! Me solte, eu não fiz nada! Me deixe ir. — Suplico, já chorando de desespero.

— Calada, vagabunda. — Ele fala, tentando abrir minhas pernas.

— Não faça isso, por favor! Não me toque!! — Suplico desesperada e,

em resposta, ele rosna irritado e me acerta outro tapa na cara muito forte, fazendo meu rosto virar para o lado e um gosto metálico de sangue me subir à boca. Fico tonta e vejo tudo girar.



Foi então que vi um vulto muito rápido. Uma hora o homem nojento estava sobre mim, no segundo seguinte ele estava caído no chão sendo socado por outro homem, vestido de preto. O pânico é tão forte que tremo sem parar olhando para os dois. Não consigo ver o rosto do meu salvador, mas posso ver seus cabelos loiros revoltados.

Ouçoo-o dizer algo para o agressor, mas estou extremamente tonta e não consigo entender. Tento me levantar para fugir dali, porém meu corpo está pesado e eu cambaleio. O homem loiro solta o corpo do bandido no chão e olha para mim.

E foi como se um raio me atingisse. Tudo paralisou quando seus olhos azuis focaram nos meus. Uma emoção que jamais senti. Ele é belo como um anjo, e, mesmo com a escuridão, eu posso ver seus belos traços; sua pele clara, seus cabelos loiros e seu rosto quadrado.

— Você está bem? — Pergunta com uma voz rouca, vindo em minha direção.

— Eu...

Não tenho tempo de completar a fala, pois sinto meu corpo amolecer e me entrego à escuridão. Não antes de sentir os braços do meu anjo me amparando.



CAPÍTULO 2



ANJO

DIABÓLICO

"Há muitas maneiras de matar uma pessoa. Cravando um punhal em seu coração. Não tratando sua doença. Condenando à miséria ou impelindo ao suicídio. Só a primeira é proibida e te leva à cadeia!"

Leticia

Olho pela sacada do meu quarto, a noite está quente, o que é comum na Espanha nessa época do ano. Já passa de uma da manhã, mas o sono não vem. Minha cabeça fica dando voltas pensando em meu filho. Hector nunca me deu trabalho, nem na adolescência.

Quando se apaixonou por Melissa, tanto eu como o pai apoiamos o namoro, e não demorou muito para que eles se casassem. Melissa sempre foi um doce de garota, não tinha como não gostar dela. Mas algo me dizia que ela não era a rainha certa para o meu filho.

Melissa era perfeita, mas faltava algo. Meu coração de mãe diz que ele ainda vai encontrar o verdadeiro amor, alguém que vai ser o centro do

seu mundo, aquela que o fará perder a cabeça. Um vento frio me acerta, fecho o lenço e os olhos, me lembrando do dia em que ele saiu dizendo que iria viajar. Eu já sabia que ele estava mentindo desde o início. Conheço meu filho o bastante para saber que ele não iria deixar o reinado e o povo assim. Algo estava errado nessa história.



— Você vai levar todas essas malas, *hijo*? — falei ao ver um empregado levar três malas.

— Calma, mãe, não fica assim. Estou levando roupas de inverno, caso eu vá esquiar em Bariloche com Afonso.

— Tudo bem. Deixe-me arrumar essa gravata.

— Pablo vai com você, não é? — Pergunto confusa, sem entender por que um agente das forças especiais iria com ele em uma viagem de férias.

— Sim. Pablo e mais cinco seguranças, mãe. Não se preocupe, é só uma viagem de descanso — diz sorrindo, mas seus olhos me dizem que tem algo a mais nisso.

— Prometa que não fará nada que me decepcionaria. — Falo olhando seus olhos.

— Eu prometo, mãe! — Ele diz, me abraçando forte.

Percebo que alguém está chegando e vejo Inês, estava parada na porta, olhando para nós dois. Eu podia ver várias coisas passando em seus olhos, dor, mágoa, tristeza, até mesmo inveja. Eu dizia a mim mesma que Hector é meu, e que não deveria me sentir culpada. Mas havia momentos como esse em que meu lado compassivo falava mais alto e eu sentia pena dessa pobre mulher.

Ficamos as duas paradas na entrada do palácio, vendo nosso filho partir.

— Você sabe que ele está mentindo. — Ela diz em voz baixa, e suas palavras parecem brasas queimando meu corpo.

— Meu filho não mentiria para mim — digo tentando convencê-la de algo que nem eu mesma estava convencida.

— Ele pode ter sido criado por vocês, mas é meu sangue que corre

naquelas veias, meu e do Santiago. Hector está aprontando algo e posso lhe dizer com toda certeza que não é algo bom. — Fala de maneira altiva.

— Você não sabe nada sobre meu filho, Inês. — Afirmo enciumada.

— Sei que o sangue é mais denso que a água. E sei reconhecer o ódio no olhar de uma pessoa. Além do mais, sei do que um Cartier é capaz.

— Meu filho jamais será como você, eu o criei bem. Hector é um homem honrado, justo, bondoso e leal. Seja lá o que você esteja querendo sugerir, pode esquecer. — Falo tentando convencer mais a mim mesma do que a Inês.



— O que faz aqui fora acordada, *mi reina*? — Pergunta Felipe me despertando das minhas lembranças.

— Estou pensando no nosso filho. Não posso deixar de me preocupar com Hector.

— Ele não está sozinho, está com seguranças bem armados, o que aconteceu na Inglaterra não vai se repetir. — Diz ele me lembrando do tiro que Hector levou em Londres ao proteger Verônica.

— Não é isso que me preocupa, e sim o fato dele estar mentindo, pela primeira vez em trinta e sete anos...

— Sabia que você tinha notado que ele mentia, mas não me falou nada. Não confia mais no nosso filho?

— Eu confio nele, mas não confio no ódio e na amargura que vem tomando conta do seu coração nos últimos anos.

Hector

Minhas mãos tremem, meu sangue parece gelo. Ódio é tudo que sinto ao vê-la. Tão frágil e delicada, eu poderia acabar com sua vida aqui mesmo e ninguém jamais ficaria sabendo. Bastaria apertar seu frágil pescoço... Não.

Fácil demais. Eu a quero sofrendo, de coração partido. Quero ver seu corpo frio e sem vida. Liana não merece misericórdia, não merece paz, nem um recomeço de vida.

Seguro seu corpo lânguido desacordado, e noto o quanto ela é leve. Carrego-a até o carro que me espera ao lado do beco. Pablo abre a porta e olha para Liana nos meus braços com o cenho franzido.

— Isso não fazia parte do plano. Onde está o Jean? — Pergunta Pablo confuso.

— As coisas saíram do controle. Vamos ter que mudar os planos. Vou para o hotel com Samer e você faz a limpeza. — Falo firme.

— Quer que o elimine, mas ele não fez exatamente o que pediu?

— Não! Não mandei que a violentasse! Era apenas um susto.

— Certo, farei o que mandou, Majestade.

Pablo parece não gostar muito da ordem que dou, mas não questiona. Ele é o chefe da inteligência espanhola e meu homem de confiança. Todavia, foi o único que não concordou com meu plano. Ele defende que deveria abrir uma investigação mais detalhada sobre Liana Castela. Porém, tudo que preciso saber foi dito naquele julgamento. Apesar disso, quis que ele viesse nessa operação.

Entro no carro e coloco a moça de qualquer jeito no banco de couro. O motorista arranca em direção ao hotel, junto com mais dois seguranças. Durante o caminho, me forço a não olhar para essa desgraçada, com medo que acabe estragando meus planos e a machucando antes da hora.



O caminho foi percorrido em silêncio absoluto; ela continuava descordada, com as roupas rasgadas e sujas, e os cabelos jogados no rosto, em um estado lastimável. Isso acabou me fazendo sorrir, essa garota não perde por esperar. Ao entrarmos no hotel, passei pela recepção com a garota nos braços, dando graças a Deus por Pablo ter fechado o hotel apenas para nossa equipe. Evitando assim que a imprensa, ou minha mãe, descobrisse que estamos aqui. Samer me ajudou abrindo a porta do quarto. Então entrei com ela nos braços e a coloquei sobre a cama. Enquanto olho para Liana, penso

melhor sobre o que fazer agora. Poderia levá-la até a fazenda e mantê-la em cativeiro, como essa miserável merecia, até não haver um resquício sequer de felicidade em sua alma, para que eu possa enfim matá-la. Mas esse não é meu plano. Quero que ela vá por conta própria. Assim, não levantará suspeitas. Quero que ela confie em mim, para assim destroçá-la.

— Senhor, aqui está a bolsa dela. — Diz Samer, me entregando a bolsa surrada.

— Obrigado, Samer. Peça para uma funcionária do hotel conseguir roupas femininas e subir aqui para dar um banho nessa mulher, ela fede — falo com nojo olhando para ela.

— Certamente, Majestade.

Fecho a porta e me sento na poltrona de frente a ela. Abro sua bolsa em busca de algo que possa usar a meu favor, mas a única coisa que encontro são três euros e dois currículos, o que me faz lembrar que ela está atrás de emprego. Isso vai facilitar quando eu lhe fizer minha proposta. Quando ela estiver comigo na fazenda, aí sim poderei pôr minha tão esperada vingança em prática. Depois de vê-la sofrer e implorar pela morte, só então me sentirei vingado.

Liana

Acordo com a claridade forte, o corpo todo dolorido. Abro meus olhos assustada e me dou conta de que estou em um quarto luxuoso. Entro em pânico, tentando lembrar o que aconteceu, mas a única coisa que consigo lembrar é do beco escuro e do homem nojento tocando em mim. Minhas mãos vão direto para o meu pescoço; é como se ainda conseguisse sentir aquele toque asqueroso. Eu já não usava o vestido de ontem, e sim uma camisola de seda nude, aparentemente cara. Sento-me na cama e sinto minha cabeça latejar; olho ao redor procurando alguém que possa me explicar o que aconteceu.

E é aí que vejo o anjo que me salvou ontem.

Ele está dormindo em uma poltrona de frente à cama, todo

desengonçado. Ele é grande demais para dormir em uma poltrona tão pequena, provavelmente vai lhe dar dor nas costas. Levanto-me e caminho até onde ele está, a fim de acordá-lo; porém, antes que minha mão toque seu ombro, sinto meu pulso ser agarrado com força.

— Desculpe, eu não quis assustá-lo, ia apenas te acordar — falo envergonhada com seu olhar frio.

— Não precisa se desculpar, eu não deveria ter dormido aqui. — Fala se levantando.

Alguma coisa nele me atrai, ao mesmo tempo que me dá medo. Não sei explicar, é como se existisse uma corrente elétrica percorrendo meu corpo.

— Obrigada por ter salvado minha vida. Eu não sei o que seria de mim sem você naquele beco. Aquele homem, ele... — Não consigo terminar de falar, as lágrimas já enchem meus olhos. — Desculpe — falo limpando meu rosto. — Estou aqui te agradecendo e nem ao menos sei seu nome. Eu me chamo Liana. — Digo estendendo a mão para ele.

— Hector Cartier — sua voz rouca causa arrepios em meu corpo.

Ele demora um pouco para tocar minha mão, acho que não é muito de gestos ou talvez seja uma pessoa mais reservada, porém, quando nossas mãos se tocam, sinto uma descarga elétrica por todo meu corpo. Olho para ele estática e sinto que ele também sentiu.

— Você foi um herói, obrigada. — Falei meio afetada com sua presença.

— Estou longe de ser herói, não precisa agradecer. Fiz o que qualquer um faria no meu lugar. — Diz de maneira fria.

— Mesmo assim eu me sinto em dívida com você.

— Você não me deve nada. Eu te trouxe para o meu hotel porque desmaiou no beco e eu não sabia onde morava, ou para quem ligar, já que não tinha um celular na bolsa.

— Você mexeu na minha bolsa? — Pergunto constrangida.

— Pensei que teria algum telefone de algum parente para ligar.

— Claro, entendo... Preciso saber onde estão minhas roupas. — Falo olhando para mim mesma, e só agora reparo no decote exagerado da camisola que visto. Quem quer que seja a dona dela gosta de coisas vulgares. — Acho que sua esposa não vai gostar de me ver vestida com a camisola dela. — Digo com um sorriso tímido.

— Eu mandei uma funcionária do hotel comprar para você. E tem uma muda de roupas novas em cima do criado-mudo. Ademais, não sou casado.

— Diz impassível.

— Meu Deus, não precisava gastar dinheiro comigo. Eu vou reembolsá-lo.

— Não se preocupe com isso, são apenas roupas. Vou deixá-la se trocar em paz. Vou tomar um banho na suíte ao lado e te espero para o café da manhã.

— Eu não quero incomodar, só preciso me trocar. Cinco minutinhos e já irei embora.

— Tome café comigo antes de partir. Precisamos conversar, Liana. Tenho uma proposta para você. — Diz indo em direção à porta, me deixando sozinha.

Meu corpo está tenso. Não sei explicar por que, mas fico intimidada perto dele. Hector, que nome lindo tem o meu anjo. *Deus, o que eu estou pensando?* É claro que ele não é meu. Um homem como Hector Cartier deve ter uma namorada, talvez até uma noiva. — O que deu em mim? Nunca fui de pensar em ninguém dessa forma. Caminho até o criado-mudo e encontro as roupas de grife. *Meu Deus, isso deve custar uma fortuna.* Também há um conjunto de lingerie e me envergonho ao saber que estou sem calcinha. *Quem será que me vestiu?* Sinto meu rosto esquentar de tanta vergonha. — Que não tenha sido ele, meu Deus. — Digo a mim mesma lembrando das cicatrizes que carrego.

Decidindo deixar para me preocupar com isso depois, pego a calça jeans, a blusa branca de cetim e o conjunto de lingerie. E entro na porta que imagino ser o banheiro. Por sorte estava certa; o banheiro é enorme, com uma banheira de mármore com vista para a reserva florestal. Pelo visto Hector deve ser muito rico para se hospedar em um hotel como esse. Escovo meus dentes com a escova descartável que encontrei na pia, lavo meu rosto, dou um jeito nos meus cachos negros, e me visto rapidamente. Deixei para tomar banho no abrigo, pois não quero abusar da bondade do meu anjo.



Saio do quarto sem saber bem aonde ir, e então vejo um homem enorme parado no corredor.

— O senhor Cartier a espera no jardim do hotel. — Ele fala, me

indicando o caminho.

— Obrigada. — Respondo e o sigo pelo fabuloso hotel até o jardim lindíssimo. De longe o vejo, novamente está de preto; ele parece estar de luto, ou talvez seja apenas sua cor favorita.

— As roupas lhe caíram bem. — Elogia ele assim que me aproximo da enorme mesa que está posta para nós dois.

— Obrigada, serviu certinho. — Digo ainda constrangida.

— Sente-se, estava só te esperando para o café. Pode ir, Pablo. — Diz ele olhando para o segurança, que agora sei se chamar Pablo.

— Eu gostaria de agradecer mais uma vez. Você nem me conhece e me ajudou tanto. Me trouxe para o seu hotel, cuidou de mim... Não estou acostumada com pessoas me ajudando, mas saiba que sou muito grata.

— Sirva-se, deve estar faminta. — Ele muda de assunto.

Tomo um pouco de suco de laranja e como um pedaço de bolo de chocolate, sorrindo ao sentir o gosto doce em meus lábios.

Hector continua calado olhando para algum ponto atrás de mim, bebendo apenas um café.

— Isso está uma delícia — falo tentando quebrar o estranho silêncio entre nós.

— Você deve estar curiosa para saber sobre a proposta, não é? — Pergunta e seus lábios ameaçam formar um sorriso. Fico abobada olhando para seu rosto tão perfeito.

— Na verdade, eu gostaria de perguntar se foi o senhor que trocou minhas roupas? — Digo muito envergonhada.

— Não, foi uma funcionária do hotel. Ela lhe aseou e vestiu, eu só a ajudei lhe carregando até o banheiro. — Diz formalmente. — Bem, voltando ao que eu dizia, ontem, quando a vi naquele beco desacordada, fiquei pensando em alguma forma de te ajudar. Não desejo ofendê-la, mas parece uma moça simples, e vi que em sua bolsa havia currículos; imagino que estivesse à procura de emprego quando foi atacada.

— Bom, não exatamente, mas estava sim à procura de emprego. — Tento me explicar.

— Isso é ótimo. Eu tenho uma fazenda em Cádiz, província de Andaluzia. Uma fazenda de produção de vinhos, e estou precisando de alguém para ajudar na casa grande. Acho que o emprego seria perfeito para você.

— Andaluzia é bem longe... — divago em voz alta.

— Estou na cidade a negócios, mas pretendo ir para a fazenda na próxima quarta.

— Eu agradeço muito a oferta de emprego, e a gentileza de me oferecer esse café da manhã, mas eu já consegui um emprego, não posso deixar meu novo patrão na mão. Ele foi muito gentil ao me contratar. Cádiz seria perfeito, mas não posso aceitar.

Vejo que ele parece chocado com a minha recusa e me sinto mal por isso.

— Eu entendo seu ponto, mas posso ao menos saber onde irá trabalhar?
— Diz ele sorvendo mais um gole de seu café.

— Claro, é em um café não muito longe de onde me encontrou.

— Certo. Bem, Liana, a oferta permanece de pé, e caso mude de ideia, o emprego é seu. Vou lhe dar meu cartão, e você também pode me procurar aqui no hotel. Se quiser trabalhar para mim, saiba que será bem recompensada. Terá o benefício de ter moradia; a maioria dos funcionários não são da região, e por isso vivem na fazenda.

— Tudo bem, de qualquer forma eu agradeço. — Falo me levantando, pronta para sair.

— Se quiser, eu te levo até sua casa. — Diz ele todo educado, um verdadeiro cavalheiro.

— Não se preocupe, eu prefiro caminhar um pouco. — Falo despedindo-me.

— Até logo, então, Liana Castela. Sinto que a verei em breve. — Diz me deixando confusa. Eu não disse meu sobrenome, como foi que ele descobriu? E então me lembro do currículo em minha bolsa, que ele deve ter lido.



Caminhei por cerca de meia hora até chegar ao abrigo. Sentia-me apreensiva, um tanto traumatizada. Volta e meia, olhava para trás, pensando que alguém estava me seguindo. Ao entrar no prédio, já sou abordada por Noélia, a coordenadora do abrigo.

— *Madre de Dios*, Liana! Onde você estava? Quase nos matou de preocupação! — Diz me abraçando e me emociono com o seu carinho. É tão

bom saber que alguém se importa comigo.

— Liana, que bom que chegou! — Diz Maya, descendo as escadas toda descabelada, indicando que acabou e acordar.

— Desculpa preocupar vocês, mas não tinha como avisar, ontem aconteceu tanta coisa.

Sento-me em uma das cadeiras e elas também, e então vou narrando para as duas tudo que aconteceu no dia ontem.

— Para mim, o bonitão tá caidinho por você, nega! — Fala Maya com um sorriso malicioso.

— Que isso! Onde já se viu pensar algo assim? Ele só foi gentil e respeitoso, não diga bobagem! — Falo jogando uma almofada nela.

— Liana, tirando a brincadeira da Maya, você correu um grande risco; sorte que esse rapaz te ajudou, querida. — Diz Noélia assustada.

— O que importa é que o pior não aconteceu, e eu consegui um emprego. — Digo animada.

— Isso é ótimo, Lia! Agora sim tudo ficará perfeito. — Fala Maya se levantando empolgada.

— Eu consegui uma quitinete perto do clube ontem; nós podemos dividir. O aluguel para mim sozinha ia ficar muito difícil, mas agora que conseguiu um trabalho, nós podemos dividir o aluguel.

— Tem certeza que não se importa de ter uma colega de quarto? — Pergunto receosa.

— Tá brincando? Vai ser ótimo ter você morando comigo! — Diz ela me abraçando.

— Posso ajudar as duas com a mudança, e se precisar de calção, eu lhes empresto.

Emocionada, penso que talvez Miranda tenha razão, que Deus não tenha me abandonado totalmente. Ele tem me mandado seus anjos; primeiro foi Hector e agora Maya, Noélia. Meu peito se enche de esperança de que agora tudo ficará melhor.



CAPÍTULO 3



NINGUÉM

PODE MUDAR O DESTINO

"O destino tem duas maneiras de nos destruir... Seja recusando nossos desejos ou então os cumprindo!"

Héctor

Ela recusou a minha oferta! Vadia, imunda, quem ela pensa que é, para recusar minha oferta? Por um momento pensei que ela iria cair de joelhos me agradecendo por empregá-la. Mas não, a maldita tinha que recusar a minha proposta e dificultar ainda mais o meu plano.

Ouçó alguém batendo na porta.

— Entre — digo, imaginando ser Pablo.

— Aqui estão os relatórios que pediu, senhor. Contudo, pelo que

investiguei, não há nada de errado com os proprietários da lanchonete. Nada que possa fazer para fechar o local.

— Fez a oferta que pedi de comprar aquela espelunca?

— Sim, entretanto eles não aceitaram, independentemente do valor. É um negócio de família e eles possuem um apego emocional ao lugar.

— Malditos!! — Digo socando a mesa. — Eu preciso comprar aquele café e despedi-la, se ela estiver empregada não vai aceitar minha oferta.

— Talvez deva desistir dessa ideia e deixar a moça viver a vida dela, agora que a pobre coitada conseguiu sair do abrigo.

— Eu não me lembro de ter pedido sua opinião sobre esse assunto. Isso diz respeito apenas a mim. — Falo amargo transbordando de raiva.

— Como quiser, Majestade. Mas, se não tiver uma ideia melhor, não vejo como despedir a moça do trabalho. — Fala com ironia.

— O que descobriu sobre a amiga dela, a tal de Maya?

— Pouca coisa. Mas ela é filha de Terri Hernandez Martinelli e Rachel Orleans Martinelli.

— O que uma garota de família rica faz vivendo em um abrigo e trabalhando em um clube de golfe? — Pergunto perplexo.

— Não descobri muito, apenas que ela está prometida a Hamed Bin Yussef e, pelo que investiguei, a moça não aceitou o enlace e fugiu de casa.

— Hamed não é casado? — Questiono confuso.

— Sim, mas o senhor sabe como são as leis em países árabes. Ele pode contrair matrimônio novamente, ela seria sua segunda esposa.

— Entendo. Isso vai ser perfeito. Com a amiga longe, Liana ficará sozinha, e, sem emprego, não terá outra opção, senão vir comigo. Consiga o telefone dos pais da garota.

— A moça não tem culpa de nada, se está fugindo dos pais, deve ter seus motivos — diz Pablo me recriminando.

— Com pessoas sem escrúpulos, como Liana Castela, não se pode jogar limpo, Pablo. Se para tê-la na fazenda for preciso, jogarei sujo. De um jeito ou de outro ela estará em minhas mãos.

— O que pensa em fazer, Majestade?

— Temos que encontrar uma maneira de fechar essa maldita lanchonete de uma vez por todas. Quero tê-la tão desesperada que não encontrará outra saída a não ser aceitar minha proposta.

Liana

Tinha acabado de chegar da escola; guardei todo meu material e estava me preparando para o almoço, quando ouvi alguém me chamar.

— Liana, querida, vem conhecer a nova coleguinha, amor. — Diz a tia Luana.

Desci as escadas animada, é sempre bom quando chegam crianças novas no orfanato. Ela poderia ser minha amiga, eu poderia emprestar a Mônica, minha boneca de pano, a única que tenho, que tia Dora costurou para mim. Assim que desci, vi a menininha de cabelos negros e olhos castanhos tristes, sentada no sofá. Ela parecia chorar.

— Aí está você, Liana. Esta é Elisabeth, ela vai ser sua colega de quarto; espero que você cuide dela. A pobrezinha não tem ninguém, apenas nós.

— Pode deixar, tia Luana, vou cuidar dela. — Falo sorrindo para a menina que está me olhando curiosa.

— Oi, eu sou a Liana. Quer ser minha amiga? Posso te emprestar a Mônica. — Falo mostrando a boneca.

— Oi — diz desconfiada. Eu sorrio para ela e coloco Mônica no seu colo.

— Ela é linda. — Diz passando as mãos pelo cabelo da boneca.

— Foi a tia Dora que fez pra mim. Posso pedir para ela fazer uma para você. — Falo animada por ter uma nova amiga.

— Meu nome é Elisabeth, mas pode me chamar de Liz, eu gosto assim. — Fala abraçando Mônica.

— Vem, vamos conhecer o quarto das meninas. Você vai amar, ele é rosa — digo pegando sua mão e a puxando em direção da escada.



Acordo angustiada com o peso das lembranças. Mais uma vez, o passado e o presente brincando com a minha mente. Sento-me no colchonete

e limpo o rosto cheio de lágrimas. Levando-me e noto que ainda é madrugada. Sem sono, e com medo de ter esses sonhos novamente, caminho até o pequeno banheiro da quitinete.

Eu e Maya nos mudamos para a quitinete, situada em cima de uma lojinha de penhores, perto do clube de golfe onde ela trabalha. Não tínhamos móveis, o pouco que havia era o que já estava na casa, mas por ora o colchão que Noélia me deu já estava de bom tamanho. Decido ir para a cozinha preparar o café da manhã para Maya. Cozinhar sempre me ajuda a relaxar.

Pego a farinha e os outros ingredientes para fazer um pão caseiro, em seguida já coloco o café para fazer. Vou sovando a massa enquanto penso em minha amiga. Maya é uma pessoa tão especial e teve que fugir dos pais, para não ser obrigada a se casar com um milionário árabe. Acho que, no lugar dela, também faria o mesmo. Após colocar o pão para assar, encho uma xícara para mim. O gosto doce do café desce pela minha boca e sorrio olhando a maior maravilha do mundo: o nascer do sol. Contudo, ao olhar para baixo, noto alguém nas sombras. Não consigo ver seu rosto, mas percebo que ele olha diretamente para mim. Um arrepio sobe pela minha espinha.

— Lia, já levantou — fala Maya aparecendo na sala.

— Maya, tem alguém lá fora, olha.

— O quê? — Pergunta, olhando na mesma direção, porém não havia mais ninguém.

— Liana, não tem ninguém lá fora. Você deve ter visto um vulto, tá muito cedo para ter gente andando nas ruas.

— Eu juro que vi, Maya. Ele olhou para mim, eu vi. — Falo angustiada.

— Calma, não fica assim. Quem quer que possa ter sido já foi não embora. Vem, vamos pra cozinha, o cheiro do seu pão assando me acordou. — Fala ela me puxando.

Após o desjejum, decidi esquecer o ocorrido. Tomei um banho e me preparei para o trabalho. Peguei o primeiro ônibus e parti em direção à lanchonete. Hoje entraria mais cedo, já que dona Ariana, mãe de Javier e Juan, não estava bem.

Ao chegar à lanchonete, encontro o senhor Juan abrindo as portas.

— Bom dia, Liana, como está?

— Bom dia, senhor. Estou ótima, e dona Ariana? — Pergunto preocupada com a bondosa senhora.

— Ela está bem, o médico disse que ela terá alta amanhã, meu irmão

está com ela. Quando acabar meu turno na lanchonete, vou para lá trocar com ele.

— Manda um beijo para ela, diz que sinto falta dela aqui na lanchonete.
— Falo ao vestir meu avental.

Começo limpando toda a lanchonete, depois atendo as mesas; o cozinheiro Silvio fica na cozinha e o senhor Juan no caixa. Enquanto levava o suco de laranja ao senhor Fabiano, que todos os dias vinha para o desjejum, eu o vi entrando pela cafeteria e estaquei no lugar. Lá estava ele, com suas costumeiras roupas negras, e trajando óculos escuros e um boné — penso que é um desperdício esse boné cobrindo seus lindos cabelos loiros. Seus olhos focam nos meus e ele sorri amigavelmente.

— Bom dia, Liana, não sabia que trabalhava aqui — diz se aproximando de mim.

— Olá, senhor Cartier. Que surpresa vê-lo, achei que já tivesse deixado a cidade. — Falo não aguentando minha curiosidade.

— Tem razão, já era para eu ter ido, mas havia alguns assuntos pendentes na cidade, os quais requerem minha atenção. Poderia me servir um café forte, sem açúcar, por favor? — diz me olhando com expectativa.

— Claro. Pode se sentar na mesa doze, vou buscar o seu café. — Sorrio indo até a cozinha.

Meu coração estava acelerado apenas por estar perto dele. Coloquei o café na bandeja junto com as *tostas y mantequilla* da mesa oito. Caminhei meio vacilante em sua direção.

— Aqui está, senhor Cartier.

— Não me chame de senhor Cartier, Liana, me faz sentir um velho. Ou pior, parece o meu irmão. Me chame apenas de Hector. — Ele diz de maneira estranha.

— Certo, Hector.

— Esse café está delicioso.

— Obrigada, fui eu mesma quem fiz — digo meio envergonhada.

— Pelo que vejo, gosta de trabalhar aqui. Eu perdi a chance de ter esse maravilhoso café todos os dias na fazenda.

— Sim, gosto muito daqui. O pessoal me trata muito bem. O senhor Javier foi muito generoso em me dar essa chance, não poderia desperdiçá-la. Mesmo achando que seria incrível ir para Andaluzia.

— Entendo. Bem, preciso ir; tenho negócios a fazer ainda hoje — diz ele se levantando e deixando cinquenta euros sobre a mesa.

— Espere, vou buscar seu troco.
— Não precisa, fica como sua gorjeta — fala me deixando envergonhada.

Hector

Sentado em minha cadeira, observo-a tirar a roupa sensualmente, logo se desfaz do vestido justo que usava. Enquanto a observo, dou mais um gole em meu uísque, admirando sua bela lingerie. Desfaço o nó da minha gravata e coloco o copo sobre a mesa.

— Quero que fique de joelhos e caminhe até mim. — ordenei firme e vi sua pele se arrepiar.

A safada não se fez de rogada e rapidamente se prostrou aos meus pés. Rebolando e de quatro, ela veio até mim. Retirei meu cinto e o usei ao redor de seu pescoço.

— Quero que chupe bem lentamente meu pau, sem usar os dentes ou as mãos. — Falo mantendo o aperto em seu pescoço.

Ela prontamente fez o que eu pedi, tirou meu pau para fora da calça e foi logo o colocando em sua boca macia. Chupou como se aquele fosse o último pau de sua vida. Sua boca quente me deixa perdido em uma nevoa de tesão. A cadela vale cada euro pago por ela. Chupava com força, me levando ao delírio. Ela sorri, levando-o profundamente na garganta sem engasgar, como uma bela profissional. Então aumenta a velocidade e a pressão das chupadas. Puxo um pouco mais o cinto em seu pescoço e vejo seu rosto se contorcer enquanto eu fodo sua boca. Segundos depois, solto seu pescoço, urrando de prazer ao gozar, enchendo sua boca, e ela sorri, engolindo todos os jatos de porra.

A loira ainda se mantém ajoelhada e me olha com cara de safada, limpando os cantos da boca e lambendo os dedos, não querendo desperdiçar nem uma gota.

Me levanto e termino de tirar a roupa. Pego um preservativo no bolso da calça, e depois pego a puta pelos braços, virando-a de costas para mim.

Pressiono-a contra a parede, me posiciono entre suas pernas e soco o meu pau naquela boceta apertada, enfiando de uma vez, fazendo a safada gritar. A fodi com força contra a parede, apertando sua bunda gostosa, deixando as marcas dos meus dedos. Senti ela gozar, apertando meu pau em sua boceta, e jogando o pescoço para trás. Tirei o pau de sua boceta e esfreguei a cabeça em seu cuzinho. Forço um pouco e ele entra gostoso, fazendo-nos gemer de prazer. A safada rebola o rabo no meu pau e eu perco a cabeça, metendo fortemente.

—— Era isso que queria, não é, cachorra?! —— falo rouco em seu ouvido, esfregando a barba em seu pescoço, deixando-a arrepiada.

Sentia que ia gozar, não conseguia mais controlar. Meti dois dedos na sua boceta encharcada e ela gemeu alto e gozou; então bombeei mais duas vezes e gozei, enchendo a camisinha. Logo me afastei, tirando a camisinha e descartando-a, enquanto a loira ainda recuperava o fôlego.

—— Você pode usar o banheiro. O pagamento e o bônus estão no envelope sobre a mesa. —— falo vestindo meu robe e saindo da suíte, deixando a loira que nem sei o nome, sozinha. Precisava de uma boa foda para me acalmar. Mal aquela infeliz apareceu na minha vida, já está me enlouquecendo. Saí daquela maldita lanchonete com o sangue fervendo. Bastava ficar perto dela para que o meu ódio aumentasse. E o quão frustrante era vê-la bem e feliz depois do que fez. Depois das vidas que tirou. Desgraçada! Ela sorria atendendo os clientes contente, já Melissa nunca mais irá sorrir para mim, nossa filha nunca me chamará de papai. Tudo por culpa dessa miserável, que entrou no nosso caminho apenas para destruir nossas vidas.

Entro em minha sala e aguardo o espetáculo começar. Na tela do meu computador, vejo as imagens das câmeras de segurança que mandei instalar em frente à lanchonete onde ela trabalha, para que eu pudesse vigiar seu horário de entrada e saída. Não demora muito para meu colega da vigilância sanitária chegar. Leonel, juntamente com uma equipe de quatro homens e um oficial de justiça, entram na lanchonete. Lá, conforme o combinado, eles fariam uma grande inspeção, e, claro, encontrariam os presentinhos que mandei implantar. Sorrio imaginando a cara do dono da lanchonete ao ver o ninho de ratos em sua cozinha.

Liana será despedida e não terá outra saída a não ser aceitar ir para a fazenda comigo. Pelas câmeras, posso ver a confusão armada. Os donos do lugar parecem inconformados e discutem com

o oficial de justiça. Aos poucos, o local vai sendo esvaziado.

Aproximo a câmera, dando zoom, e noto o exato momento quando os lacres são postos; o lugar ficará fechado por no mínimo seis meses.

Liana parece triste, desolada, e isso me enche de prazer. Ela olha para o proprietário do lugar com a bolsa nas mãos, chorando. Sorrio ao ver seu sonho de trabalhar sendo frustrado. *Isso é só o começo do pesadelo, pequena Liana, você não perde por esperar...* Observo atentamente o decorrer dos acontecimentos. Os agentes vão embora após fechar o estabelecimento. Quando ficam apenas Liana e o tal Javier Olivares, dono do lugar, do lado de fora, ele fala algo a ela e toca seu ombro. Então, abre a carteira entregando a ela algum dinheiro, provavelmente o dinheiro dos dias em que ela trabalhou no local. Liana se despede e caminha pela calçada em direção ao ponto de ônibus. Agora é apenas uma questão de tempo até que ela venha até mim em busca do emprego, e então a terei em minhas mãos.

Liana

Tudo parecia estar desmoronando. Primeiro, a lanchonete foi interditada. E ninguém entendia por que aquilo aconteceu; nas semanas em que estive trabalhando lá jamais vi um rato sequer. Como aqueles agentes puderam achar ratos lá? A lanchonete sempre estava impecavelmente limpa. Javier não teve saída, a não ser me demitir. O coitado ficou desesperado com a situação, como se já não bastasse a dona Ariana doente. Ele agora perdia seu único ganha pão. Ninguém sabia dizer por quanto tempo a lanchonete ficaria fechada. Senhor Javier pagou os dias que trabalhei, até um valor a mais, que eu não queria aceitar, mas por insistência acabei aceitando; e agora estou novamente desempregada. Se isso tudo já não fosse ruim o suficiente, ao entrar no prédio fui abordada pela senhora Olivia, a dona da quitinete onde morávamos.

— Liana, tentei falar com a Maya, mas ela entrou feito um furacão, que nem me ouviu chamando por ela.

— O que houve, dona Olivia?

— Filha, não queria ter que te dar essa notícia, mas o prédio foi vendido. Tem mais de dois anos que meus filhos estão tentando vender o prédio e ninguém se interessava. Então, essa semana chegou um comprador interessado. Infelizmente vocês terão que desocupar a quitinete, o dono vai demolir o prédio e deu o prazo de quinze dias.

— Meu Deus, dona Olivia! O que eu e a Maya vamos fazer? Não temos para onde ir. — Falei nervosa, parecia que o mundo estava desabando.

— Eu sei, filha, eu vou devolver o depósito que vocês fizeram, isso pode ajudá-las a encontrar um lugar para ficar.

Sem ter como argumentar, eu subi para o pequeno lugar derrotada.

Ao abrir a porta de casa, me deparo com uma Maya assustada, arrumando suas coisas apressadamente.

— Maya, que mala é essa? O que houve?

— Eles me acharam Lia, eu preciso fugir. — Ela responde, e suas palavras soam desesperadas. — Meus pais já sabem que estou na cidade. Eles foram até o clube me buscar, mas assim que os avistei, eu fugi. Não vai demorar muito para eles chegarem aqui.

— Meu Deus, como eles descobriram seu paradeiro?

— Eu não sei — fala já chorando. — Não queria ir embora e te deixar; justo agora que fiz amigos e arrumei um bom trabalho. Porém, é minha única saída.

— Eu sei. Não se preocupe comigo — falo abraçando-a. — Você precisa ir. Leve isso com você, vai te ajudar. — Digo e entrego a ela o dinheiro que recebi de Seu Javier.

— Liana... Eu não posso aceitar, é seu.

— Você precisa mais do que eu agora. E tem que se apressar. Vamos, aceite logo e fuja enquanto é tempo. — Dou-lhe um último abraço e me despeço de minha única amiga.

— Eu prometo que um dia nos veremos novamente, amiga. — Fala ela deixando duas lágrimas caírem.

— Que Deus proteja seu caminho.

Desolada e sozinha, penso no que farei agora.

A vida me deu mais uma rasteira. Várias rasteiras, aliás.

No banho, enquanto deixo as lágrimas escorrerem livremente por meu rosto, reflito sobre o porquê de tudo isso estar acontecendo comigo. Justo agora, que queria tanto recomeçar... Então me lembro do meu pecado; da pobre mulher que perdeu a vida por minha culpa. Essa é a minha sina. Eu

jamais terei paz, não quando minhas mãos estão sujas do sangue de dois inocentes. Saí do banho e vesti a primeira roupa que encontrei. Peguei a caixinha de madeira que havia guardado no fundo da minha gaveta, a abri com cuidado e tirei de lá o colar. O diamante azul reluzia de tão brilhante, mas eu deveria vendê-lo, assim teria dinheiro para ir para bem longe. *Mas, como me desfazer da única coisa que me lembra você, Miranda?* — penso triste, olhando para a joia em minhas mãos. Seu brilho é tão bonito que parece me hipnotizar.

— Se você estivesse aqui, me daria um conselho, me ajudaria a sair desse poço.

Então, como em um estalo, me lembro do meu príncipe salvador: Hector Cartier. Ele disse que a proposta de emprego estaria de pé. E ir para Andaluzia seria perfeito para mim; estaria longe do meu passado, teria um lugar para ficar e um salário digno. Mas eu mal o conheço... Contudo, que saída eu tenho? Além do mais, ele me salvou; se quisesse me fazer mal, era só ter deixado aquele monstro me violar. Decido arriscar, preciso ser corajosa e ter fé que as coisas vão mudar. Respiro profundamente e resolvo procurá-lo no hotel.



Fui caminhando mesmo, já que não podia dispor de dinheiro para um táxi. Nervosa, entrei no rol daquele luxuoso hotel. Não sei conseguirei o emprego, mas estou disposta a tentar.

— Boa tarde, meu nome é Liana Castela. Gostaria de falar com o senhor Hector Cartier.

— Só um minuto, senhorita, irei interfonar para o quarto — diz a moça com um sorriso gentil.

Aguardei ansiosa até que ela me disse:

— A senhorita pode aguardar um instante que o senhor Cartier já está descendo. — Diz e me indica um sofá onde poderia me sentar.

Não demora muito para ele aparecer, com seus cabelos molhados, indicando que tinha acabado de sair do banho.

— Liana, fiquei surpreso quando me disseram que estava aqui. Aconteceu alguma coisa? — Pergunta ele me olhando atentamente.

— Desculpa te incomodar, mas queria saber se a oferta de emprego ainda está de pé.

— O que houve com a lanchonete? — Pergunta ele se sentando à minha frente.

— Aconteceu um problema com a vigilância sanitária e tiveram que fechar o lugar. Eu, além de ter perdido meu emprego, também estou para ser despejada.

— O emprego é seu Liana. Sinto muito que tudo isso esteja acontecendo, mas talvez seja o destino — diz ele de maneira misteriosa.

— Obrigada. Eu prometo que farei jus a essa oportunidade.

— Tenho certeza que sim. Bem, sei que é em cima da hora, mas meu voo sai às onze. Será que consegue se aprontar a tempo? — Fala olhando para o relógio.

— Hoje? Quer dizer, o senhor já vai hoje para a fazenda?

— Sim. Como disse, tinha pendências a serem resolvidas, mas por sorte tudo saiu como o planejado.

— Entendo. Bem, eu só preciso de um tempinho para fazer minha mala.

— Ótimo. Me dê seu endereço, que meu motorista te pega às oito horas.

— Tudo bem.

Despeço-me dele e vou direto para casa. Arrumei os poucos pertences que tinha, entreguei as chaves para dona Olivia e entrei no carro preto indo em direção ao aeroporto.

Minhas mãos estão frias, um nervosismo enorme toma conta de mim, não sei se estou fazendo a coisa certa.

— Chegamos, senhorita. — Fala o motorista mal-encarado.

Olho para fora e quase não acredito no que estou vendo: um jatinho particular. Minhas pernas ficaram bambas. Temerosa, eu entro no avião, mas assim que vejo seu sorriso para mim o medo se vai; Hector tem o poder de me tranquilizar apenas com o olhar.

— Que bom que chegou, achei que tinha desistido de trabalhar para mim — diz ele dobrando o jornal e o colocando sobre a mesinha. Reparo, no relógio, que já são onze e quinze.

— Desculpe a demora, acabei me atrasando um pouquinho. — Digo sem graça.

— Não precisa se desculpar, o importante é que está aqui. Vamos,

sente-se, o jatinho já vai decolar — fala indicando a poltrona em sua frente.



A viagem de Tarancón para Cádiz foi rápida e sem turbulências. Uma simpática aeromoça serviu-nos o jantar, *arroz com pollo*. Confesso que estava faminta, e depois disso acabei cochilando um pouco. Acordei com Hector me chamando para avisar que estávamos pousando. Envergonhada por ter dormido toda desengonçada em sua frente, tentei ajeitar meus cabelos, que escapavam do rabo de cavalo.

Quando pousamos é que fui reparar na quantidade de seguranças que nos seguiam. E, mais uma vez, pensei no quão importante Hector seria, para andar com tantos seguranças. Entramos em um carro preto bastante luxuoso. Ele deve gostar muito dessa cor. Fiquei calada durante todo o caminho. Estava escuro e eu não conseguia ver muito, porém, ao pararmos no grande portão da fazenda, consegui ler a fachada:

Fazenda Del Diablo.

Um arrepio tomou conta de mim. Não sei por que, mas algo me dizia que não deveria entrar nessa fazenda.

— Seja bem-vinda à Del Diablo, Liana Castela — diz Hector secamente.



CAPÍTULO 4



MEU

PATRÃO

"Não alimente a mágoa ou o ódio, porque só vive feliz quem tem a grandeza para perdoar".

Liana

O cheiro de grama é tão gostoso, e aquela imensidão de árvores me traz uma sensação gostosa de refúgio. Aqui eu poderia recomeçar, essa era a oportunidade de que eu tanto precisava. Andaluzia é perfeita, estou longe o suficiente para me sentir protegida.

— Vamos — diz Hector abrindo a porta do carro para mim, assim que o motorista estaciona em frente à casa grande.

Não consigo não ficar abobada vendo a beleza da mansão de cor laranja, com dois andares, bem ao estilo espanhol, com palmeiras e terraço

colonial.

— Anda, não tenho a noite toda! — Diz ele de maneira tão grosseira que até me espanta.

Não digo nada, apenas pego minha mala e o acompanho pelas escadarias do casarão. Hector anda a passos firmes à minha frente. Ele deve estar de mau humor, talvez seja pelo atraso ou esteja cansado da viagem.

— Bom, não tenho tempo para te mostrar a casa, já é tarde, então vou te mostrar onde vai ficar e depois irei descansar. Meu dia foi longo e a vida aqui na fazenda começa cedo.

— Tudo bem — digo sem saber muito o que dizer.

Acompanho seus passos pela grande entrada e logo nós paramos na bela sala de estar. A casa consegue ser ainda mais bonita por dentro do que é por fora. O único detalhe é que parece estar abandonada; há poeira e sujeira por todos os lados, posso ver claramente que faz muito tempo que ninguém limpa nada.

— Não tive tempo de mandar preparar um quarto de empregados para você, o único que tem na casa está servindo como depósito. Espero que não se importe com sua acomodação. — Fala indicando uma porta embaixo da escada.

Abro-a e vejo um quartinho minúsculo, que parece mais um armário, com uma cama de solteiro e uma cômoda. Mas, quem sou eu para reclamar? Ele estava me dando um teto e um emprego, a única coisa que posso fazer é ser grata.

— Está ótimo para mim, não preciso de muito espaço. — Falo constrangida com seu olhar sério.

— Ótimo. O banheiro que pode usar é ao lado da lavanderia — diz indicando uma porta próxima a um corredor.

— Ok, muito obrigada, Hector.

— Senhor Cartier! — Fala com a voz grossa, como se estivesse irritado. — Não fica bem os outros funcionários da fazenda verem-na me chamando de maneira tão íntima. Então, a partir de agora, me chama de senhor Cartier ou de patrão.

— Claro, senhor, me desculpe. — Falo envergonhada, percebendo que ele está frio desde que chegamos.

— Certo, vou indo. Esteja de pé às cinco da manhã; o dia será longo, e pretendo te passar todo o serviço da casa antes de sair.

— Sim, senhor.

Ele nem mesmo respondeu, apenas virou as costas, me deixando sozinha, e subindo as escadas com passadas firmes. Seu comportamento frio e distante me deixa confusa, mas, vendo que já é tarde, decido tomar um banho e ir logo dormir. Peguei uma muda de roupa e uma toalha, e fui em direção ao banheiro que ele indicou, mas me perdi no caminho. Acabei entrando na cozinha, depois em uma grande dispensa, para só então achar a lavanderia, e, ao lado, um banheiro pequeno, mas incrivelmente limpo. Tomei um banho rápido e gelado, já que não tinha água quente. Porém, isso não me incomoda, já faz muito tempo que esqueci o que é luxo e conforto. Ao entrar no pequeno quarto, rapidamente me ajeito, me preparando para dormir. Minha cabeça está pesada com todos os acontecimentos de hoje, e o sono demora a vir. Pouco a pouco, vou me entregando ao cansaço do longo dia...



— Liz, onde você está...? Liz, a tia Luana está te chamando. — Falo preocupada com ela, a procurando por todos os cantos do orfanato. — Liz, você está aqui...?

Olhei dentro do armário e lá estava ela.

— Ei, o que tá fazendo aí? — Falo, ajudando-a a sair de dentro dele.

— Eu quero ficar sozinha, Lia. Não quero brincar com as meninas, elas não gostam de mim.

— É claro que gostam, todo mundo gosta de você.

— Não, Lia, ninguém gosta de mim; não como elas gostam de você. Não vê a tia Dora? Ela não fez uma boneca para mim. Ontem ela fez trança no seu cabelo, eu só queria uma traça bonita, igual a sua.

— Não fica assim, eu vou falar com a tia Dora, ela vai fazer uma traça em você também, você vai ver.

— Eu não quero mais!! — diz emburrada, batendo o pé.

— A tia Luana diz que quando a gente tá triste, só precisa de um abraço. — Falo abraçando Liz, que parece tão triste.

— Ninguém me ama, Lia... Minha mamãe me deixou sozinha, minha

vó é má; elas não me amam.

— Meninas! Aí estão vocês. Estamos chamando as duas para jantar. — Diz a tia Luana.

— Vamos, Liz, hoje é dia de macarronada.

— Hum, eu amo macarronada. — diz ela com um sorriso engraçado.

Hector

Subi para o quarto principal, com um gosto amargo na boca. Após um banho quente, visto uma boxer e me deito na cama para tentar dormir, mas estou sem sono. Não é fácil estar tão perto da assassina de Melissa e não dizer umas verdades na cara dela. Ou pior, usar minhas próprias mãos para esmagar seu pescoço. Mas não. Isso seria fácil demais para ela. Me irrita a forma como ela agradece por tudo e sorri o tempo todo, como se o mundo fosse seu paraíso cor de rosa. A desgraçada nem imagina que está nas mãos do seu pior inimigo. Liana Castela não sabe o inferno que a aguarda.



Acordo com meu celular despertando, são quatro da manhã. Hora de começar a colocar meu plano em prática. Pablo e os outros seguranças estão todos alojados no anexo, ao lado da casa grande. No casarão, só eu e Liana, o que facilitaria fazer da sua vida um verdadeiro inferno. Me levanto e visto um jeans, uma camisa polo e um par de botas. Olhando no grande espelho de mogno, tudo que vejo é um homem infeliz, amargo, que será capaz de qualquer coisa para se vingar. Esse é o homem em que Liana me transformou quando tirou a vida da minha mulher e filho.

Já com um péssimo humor, desço as escadas, fazendo questão de não ser nada silencioso. Se ela pensa que poderá ter paz na fazenda, ela não perde por esperar. Caminho até a cozinha, onde preparo um café expresso e

sento-me na varanda, de onde posso ver o sol alaranjado nascendo por trás das verdejantes montanhas ao longe, tingindo o céu das cores róseas da aurora. Realmente entendo por que Afonso gosta tanto dessa fazenda. Del Diablo é linda, e produz o melhor vinho da região. Os trabalhadores da fazenda já estão indo em direção aos campos de uva. A colheita é feita manualmente, o que influencia na qualidade no vinho, uma vez que os cachos são retirados da vinha com a baga inteira. Do outro lado da fazenda, temos as máquinas que trituram e fermentam as uvas para fazer um saboroso vinho. Afonso ainda investiu em um pequeno negócio de criação de cavalos de raça; mais tarde pretendo ir conhecer os novos animais que ele adquiriu.

Deixo a xícara na pia e parto em direção à escada; bato na porta com força até acordá-la de uma vez.

— Já estou indo! — Diz com a voz rouca de sono. Eu sorrio me divertindo.

A porta se abre e ela aparece descabelada, com uma blusa velha e desbotada, e um short curto.

— Primeiro dia de trabalho e já está atrasada. Pensei ter dito a você que levantasse cedo. A senhorita disse que era esforçada e estava muito agradecida pelo emprego, não?

— Mil perdões, senhor Cartier! Estava tão cansada que não vi a hora. Estou muito atrasada? — Pergunta olhando para mim.

— Já são cinco e meia. Você não quer que eu pare minha rotina porque está cansada, não? Terá que se acostumar com a vida na fazenda.

— Claro que não, me desculpa. Prometo que isso não vai mais acontecer.

— Estarei no meu escritório. É aquela porta, à direita. Assim que o café estiver na mesa, me chame. Preciso ir ver os novos cavalos que chegarão, e graças a sua incompetência, chegarei atrasado.

Noto que seus olhos se enchem de lágrimas, e, assim que me viro de costas, sorrio, sabendo que a magoei. Foi mais fácil do que eu imaginava. No escritório, fico revendo os relatórios das últimas safras de vinho; Afonso me pediu que cuidasse dos assuntos da fazenda enquanto estou aqui, e é o mínimo que posso fazer para lhe retribuir o favor.

Meu telefone toca e vejo o número da minha mãe.

— *Hola, madre, ¿que tal?*

— *Hijo, mi príncipe*, quanta saudade estou de você, meu amor! Como

está o Rio? — Pergunta ela com voz desconfiada.

— O Rio é lindo, estou encantado pelo Brasil, mamãe! — Falo olhando em direção à janela, pela qual tenho a bela visão da fazenda.

— Hector, você parece diferente. Algo aconteceu e você não quer me falar. — Ela soa preocupada.

— Claro que não, mãe, não aconteceu nada. Tudo está maravilho aqui. Estou pensando em ir ao Peru semana que vem. Estou aproveitando muito essa viagem. Espero que papai não esteja tendo problemas com o primeiro ministro.

— Você sabe como é seu pai, o parlamento questionou sua decisão de se afastar do cargo por um tempo, mas Felipe conseguiu contornar tudo. Ninguém passa por cima dele.

— Fico aliviado com ele no comando da Espanha enquanto estou fora.

— Volte logo, filho, eu amo você. Seu pai e sua irmã estão mandando beijos.

— Manda outro para eles, mãe, amo vocês.

— Eu sei, meu amor. Não se esqueça do que eu lhe disse, eu confio em você, *mi príncipe*, não quebre a minha confiança.

Desligo o telefone me sentindo péssimo por estar enganando meus pais. Eles não merecem isso. Mas é claro que eles jamais entenderiam que não posso deixar Liana livre depois do que ela fez. Saio em direção à cozinha e vejo Liana atrapalhada colocando a mesa. Ela veste um vestido velho e esfarrapado, e eu me pergunto se ela faz isso para me comover ou se realmente não tem nada decente para vestir.

Ao sentar à mesa, sinto o cheiro gostoso de café. Observo o desjejum que ela preparou: suco de laranja natural, pão com *tumaca y aceite*, típico *desayuno* de Andaluzia, além de *jamón*, *magdalenas* e frutas cortadas. Não posso negar que a maldita se esforça para agradar e cozinha bem, o cheiro está ótimo. Mas jamais diria isso a ela.

— Eu não sabia do que o senhor gostava no café, então fiz de tudo um pouco. Tem ovos mexidos e panqueca também. — Fala com um sorriso animado, que me irrita.

Coloco o café na xícara e provo um gole do café maravilhoso que ela fez. Jogo a xícara na mesa, derrubando tudo sobre a toalha de mesa de linho.

— Isso está horrível! Não acredito que achou que eu iria tomar um café insosso desse, parece chá sem açúcar. — Falo com raiva, mostrando um lado

meu que ela só está vendo agora.

— Me desculpa, eu... Eu posso fazer outro, me dê só um minutinho.

— Como se eu tivesse mais tempo a perder com você! Estou vendo que foi uma perda de tempo tê-la contratado. — Falo, deixando claro o quão inútil ela é.

— Eu sinto muito. Prometo melhorar — diz ela fungando, de cabeça baixa.

— Estou indo para a plantação. Você está proibida de passear pela fazenda, e é proibida a interação dos funcionários da casa grande com os demais funcionários da fazenda. Como é a única empregada na mansão, é sua responsabilidade cuidar da casa e da comida. Estarei de volta às treze horas e espero que o almoço seja melhor do que esse café horrível que fez. — Dizendo isso, viro as costas para ela e caminho até o estábulo.

Assim que chego, vejo o tratador escovando o pelo do belo lusitano negro.

— Ele é lindo — falo olhando para o belo animal.

— Ele se chama Feroz e é um puro sangue legítimo. Estamos querendo cruzar ele com uma égua lusitana marrom.

— Prepare-o para mim. Vamos dar uma volta, garotão. — Falo animado em cavalgar pela fazenda e espairecer um pouco, e esquecer a maldita assassina.

Liana

Recolhi os cacos da xícara com lágrimas nos olhos. Não entendo o que eu fiz para ele me tratar assim. É como se ele fosse duas pessoas diferentes. Em nada me lembra o Hector que conheci, aquele que me salvou quando precisei, que foi gentil comigo e me levou até para seu hotel. Agora, ele se transformou em um homem arrogante, insensível. *Droga, Liana! O que você queria? Que ele te acordasse e te levasse para conhecer a fazenda ao lado dele?* Não passo de uma simples empregada.

Por um segundo, pensei que ele me mandaria embora, fiquei com tanto

medo. Para onde eu iria? Não tenho mais ninguém. Sem contar os riscos que correria.

Após o café da manhã, guardo tudo e decido tentar limpar a cozinha antes de começar o almoço. Por sorte, encontro na dispensa todos os produtos de limpeza de que preciso. Fico me perguntando como uma pessoa só dá conta de cuidar de um casarão tão grande. Eu imagino que, no mínimo, essa casa deva ter uns quinze quartos. Nem em um mês eu conseguirei dar conta de tudo. Sem contar os pátios e a varanda do lado de fora, que estão como se estivessem abandonados há semanas. O que é lastimável. Talvez a casa estivesse fechada e só agora ele decidiu se mudar para cá.

Nada faz muito sentido. Para que uma casa tão grande, se ele mora sozinho? Talvez seja a fazenda da família. E onde estão todos aqueles seguranças armados, de cara amarrada? Viemos em três carros por conta do número de seguranças, mas não os vi entrando na casa. Termino de limpar a cozinha e começo a fazer uma *paella* de frango com linguiça. Talvez uma boa comida melhore o humor do meu novo chefe.

Cortei a linguiça, o bacon e o frango, temperei com pimenta, sal e alho. Comecei a preparar o prato que mamãe sempre fazia para nós no dia de domingo. O aroma familiar já estava tomando conta da cozinha. Preparei uma salada de folhas e tomates cereja com palmito para acompanhar.

Arrumei a mesa da melhor maneira que eu consegui, deixando tudo bem apresentável. Fiz um suco de *mandarina* e, ao olhar para o relógio, vi que estava vinte minutos adiantada. Decidi fazer também uma sobremesa. Não sabia se Hector gostava de doces, pensando bem, eu não sabia nada sobre ele. Decido fazer uma *mousse* de limão, é rápido e daria tempo de gelar até o senhor Cartier terminar de almoçar. Assim que coloquei a travessa na geladeira, ouvi a porta da frente batendo com força. Estremeci, já sabendo que o humor dele não havia melhorado. Tirei o avental e corri até a sala de jantar para servi-lo.

— Boa tarde, senhor Cartier. O almoço já está pronto, pode se sentar.

— Ao menos não se atrasou. Espero que a comida esteja decente, não me dê nada queimado ou grudento.

Engulo a vontade de responder à altura, mas não posso, preciso do emprego.

Não consigo entender por que ele tem sido tão ignorante.

Volto para a cozinha, sem responder, e rapidamente levo toda a comida

e o suco que preparei. Reparo que ele parece admirado, e sorrio por dentro, satisfeita.

— Espero que goste da *paella*. Eu preciso que me diga o que gosta de comer para que eu possa planejar melhor o cardápio do senhor. — Falei constrangida com seu olhar frio.

— Certo. Agora me deixe sozinho, quero almoçar em paz.

— Tudo bem, senhor. — Falei magoada, me perguntando o que diabos eu fiz para ele agir assim.

Me servi com o que sobrou do almoço e fui até a varanda dos fundos com meu prato na mão, aqui poderia comer olhando a plantação de uvas. Encantada, lembro-me do aras do meu pai; tudo que eu queria era conhecer a fazenda e os cavalos. Não esperava que fosse proibida de sair do casarão, e pior ainda, de falar com outras pessoas.

Termino de almoçar e volto para cozinha a tempo de ouvir os gritos do meu patrão.

— Onde você estava? Eu não disse que não queria você zanzando pela fazenda? — diz ele puxando meu braço, assim que entro na cozinha.

Me assunto com sua brutalidade, ele parece tomado pelo ódio.

— Me diz, Liana, onde você estava?! Eu te avisei que não é para sair do casarão.

— Eu... Eu só fui almoçar na varanda. — Falo com a voz embargada, lágrimas de desespero transbordam pelo meu rosto, estou com medo. — Você está me machucando. — Tento me soltar.

— Os empregados nessa casa só podem comer após os patrões. Não saia para lugar nenhum sem me avisar! — Diz com amargura, me soltando e voltando para a sala de jantar.

Meu corpo está em choque, não esperava uma reação dessa. Com as mãos tremendo, eu coloco o meu prato na pia. Olho para o meu braço e vejo a marca vermelha de seus dedos.

— Liana, as coisas vão melhorar, têm que melhorar. Essa é minha única chance de recomeçar. Provavelmente alguma coisa o deixou chateado na plantação e logo ele volta ao normal. Já passei por situações piores, eu sou forte e vou aguentar. — Digo para mim mesma como se fosse um mantra.

Ouçõ o som de um carro chegando, o que me faz despertar das minhas divagações. A curiosidade me faz espiar pela janela. Vejo um dos seguranças que vieram conosco descarregar malas do carro. Olho confusa para o pátio e

logo vejo Hector abrindo a porta do carro para um homem alto, de cabelos escuros e olhos muito azuis.



CAPÍTULO 5

DESEJO

IMPREVISÍVEL

"Não é porque o diabo reina no inferno, que ele não queima dentro dele!".

Hector

Fiquei atordado com a forma como reagi, acabei deixando minha raiva por essa mulher transparecer e ela ficou desconfiada. Por um segundo, pensei que ela tinha fugido, e uma fúria enorme cresceu dentro de mim. Maldita, desgraçada! A vadia vem consumindo meu juízo, me fazendo perder o controle. Contudo, não posso fraquejar. Não quando tudo que eu quero é acabar com sua vida. Quero ela consumida pela dor e pelo desespero, a ponto de agradecer-me quando eu enfim tirar sua vida. Ouço um carro chegando, e, confuso saio em direção à entrada da casa. Ao passar pela porta da frente,

vejo Dimas descarregando malas, e Afonso fechando a porta da camionete branca.

Bufo já irritado, o que esse imbecil pensa que está fazendo?

— O que veio fazer aqui, Afonso? Esse não foi nosso combinado!

— Boa tarde para você também, meu amigo. É assim que me recepciona, *Senhor Cartier*?

— Afonso, para de brincadeira, não era para você estar aqui.

— Calma, cara, só vim passar uns dias com meu amigo. Sabe, ar puro faz bem de vez em quando. E, já que você disse pra rainha Letícia que eu estaria com você na viagem, vim tornar a mentira real. E, claro, vigiar você, para que não acabe fazendo uma besteira que suje o nome da coroa; imagina se alguém descobre seus planos para com essa garota.

— Droga, quer destruir meu plano? Não era pra você estar aqui! — Falei revoltado.

— Claro que não, eu estou aqui para te ajudar. Para de reclamar e me ajuda a levar essas malas lá pra cima. Estou ansioso para conhecer a jovem assassina.

— Cala a boca, idiota, não tá vendo que ela pode ouvir? — Olhei para trás receoso.

— Não está mais aqui quem falou — diz ele erguendo as mãos.

— Vem, idiota, vamos te arrumar um quarto, já que estou no seu.

Tudo que eu menos precisava era ter Afonso aqui, agindo como babá. Como se já não bastasse os olhos julgadores de Pablo e dos outros seguranças, agora mais esse mané para me atormentar.

Assim que nós dois entramos, demos de cara com Liana, abaixada no chão limpando o tapete. Mas o que me irritou foi a porra do vestido que ela usa, tão curto que suas coxas estão todas à mostra, provavelmente para se insinuar para o novo hóspede.

— Oh, cara, que gostosa — diz meu amigo, me tirando do sério.

— É melhor você subir e achar um quarto você mesmo. Vou ter uma conversa com a senhorita Castela! — Falei alto o suficiente para que ela ouvisse e se virasse para nós assustada.

— Desculpa, senhor. Eu estava limpando a sala de estar, mas posso terminar outra hora. — Diz ela baixando o olhar, envergonhada.

— Bom, eu vou subir. *Mucho gusto*, senhorita Castela. Eu sou Afonso Dávila, amigo desse mal educado aí. — Diz todo simpático estendendo a mão

para a maldita.

— Prazer, senhor, pode me chamar de Liana. — Responde a vadia, se oferecendo para ele. Se ela pensa que vou deixá-la se insinuar para o meu amigo, está muito enganada.

— Não disse que ia subir, Afonso? O que tá esperando? Não está vendo que a empregada tem trabalho a fazer?! — digo com raiva e Afonso me olha confuso. Acho que ele nunca tinha me visto falar com alguém nesse tom, mas Liana desperta o meu pior lado.

Afonso sorri, tentando amenizar o clima tenso, pega sua mala e sobe as escadas. Meus olhos fuzilam a maldita, eu juro que, se pudesse, a mataria apenas com o olhar!

— Você só tem essas roupas velhas de indigente? Parece que acabou de sair da rua. Não percebeu ainda que está em uma casa de família? Precisa se vestir de maneira decente.

Vejo que minhas palavras a atingiram em cheio, seus olhos castanhos se enchem de lágrimas e seus lábios tremem.

— Você está me envergonhando vestida desse jeito. Meu convidado vai pensar que estou abrigando mendigos. — Eu sei bem que ela não tinha lugar para ir e que ficou em um abrigo na cidade, por isso sei que a feri.

— Desculpe... — diz meio atordoada, mas seu rosto se endurece e sua respiração fica alterada.

— Bem, me desculpe, senhor Cartier. Se minhas roupas não são adequadas, nada mais justo que o senhor providenciar uniformes! A culpa não é minha se não tenho condições financeiras de me vestir de maneira que não o envergonhe. — A vadia responde de maneira atrevida.

— Que seja, irei providenciar isso — falo com raiva do seu olhar petulante. — Quero você longe de Afonso. Se eu a vir conversando sozinha com ele ou com qualquer homem dessa fazenda, não hesitarei em lhe mandar embora.

— Certo, senhor! — Ela responde, um tanto ofendida.

— Suba para o meu quarto, quero ele impecavelmente limpo. Não use produtos de limpeza, pois sou alérgico, apenas água e sabão. Não se esqueça que o jantar deve estar servido às oito.

Subo as escadas indo atrás de Afonso. Ao chegar no corredor, já ouço sua voz em um dos quartos à esquerda, falando ao telefone.

— Claro, tio, estou cuidando dele. Hector é muito responsável e não

fará nada que o coloque em risco. Sim, sim, eu sei como a tia Letícia é. Claro, te mantenho informado. *Hasta luego, tío.*

— Sua mãe está infernizando a vida do seu pai preocupada com você.

— Eu já esperava por isso — falo indo em direção à poltrona de frente à cama.

— Tia Letícia não é burra, Hector, ela sabe que você está mentindo e não vai demorar muito pra ela descobrir onde você está. Já pensou se ela descobre o que está fazendo?

— Espero que até lá eu já tenha conseguido me vingar.

— Da forma como agiu agora lá em baixo, isso não vai demorar a acontecer.

— Você não tem que ficar falando com aquela maldita, muito menos todo cheio de sorrisos, como se não soubesse o monstro que ela é.

— Sei que a odeia mais que tudo. Mas você precisa se controlar ou a garota vai acabar percebendo que tem algo errado na fazenda e vai fugir daqui.

— Isso não irá acontecer, eu nunca a deixarei livre. Quero vê-la completamente quebrada, infeliz, da maneira como ela me deixou. E somente quando ela estiver no limbo, eu darei o golpe final... — digo mostrando o pequeno frasco de vidro com líquido translúcido que retiro do bolso.

— Não acredito que terá coragem de fazer isso — Afonso fala assustado.

— Ela não teve piedade ao tirar a vida da mulher que eu amo, então por que devo ter clemência dela?

— Espero que mude de ideia até lá. Melhor a gente dar uma volta hoje. Você está precisando relaxar um pouco. Vamos à cidade à noite para beber e sair com umas gostosas.

— Não estou no clima para diversão. Sem contar que posso ser reconhecido por algum morador da cidade.

— Cara, você está nas minhas terras, aqui eu conheço tudo. Vou te levar em um lugar onde o que menos vai importar é seu sobrenome.

— Você tem razão, preciso respirar um pouco fora dessa casa. Estar sob o mesmo teto que essa assassina vai acabar me deixando louco.

Liana

Eu me perguntava como uma pessoa poderia se transformar de um príncipe em um babaca do dia para a noite. Tudo que saía da boca de Hector pareciam facas prontas para me ferir, parece que ele gosta de me humilhar. Mas o que o meu chefe não sabe é que é impossível destruir um espírito já quebrado. Nada que ele faça é pior do que eu já passei.

Eu preciso muito desse emprego agora. Preciso juntar dinheiro para quem sabe até sair do país. Eu mereço uma segunda chance e irei lutar por um recomeço.

Assim que Hector sai da casa grande, acompanhado por Afonso, eu arrumo as coisas para ir limpar seu quarto, conforme meu patrão me ordenou. É a primeira vez que ando livremente pela casa toda, e fico encantada com a beleza da mansão. Mesmo estando suja e mal cuidada, é possível ver a riqueza e os detalhes de sua construção. Caminho admirando as obras de arte e a decoração requintada estilo colonial.

Entro, então, no maior quarto da mansão e fico admirada. O quarto é incrível. Há uma sala conjugada, um banheiro gigantesco, com paredes de mármore esculpido, e uma espaçosa banheira com vista para o lago. Caminho até a sacada e quase me perco na vista incrível da fazenda. Daria tudo para poder conhecer cada pedacinho desse lugar.

Ignoro meus pensamentos e decido começar logo a limpar o quarto. As malas dele estão todas reviradas, parece que uma guerra foi travada dentro desse quarto.

Começo colocando as roupas no closet, organizando tudo por cores, de maneira uniforme. Depois, dou início à limpeza. Tento trabalhar rápido, mas o quarto está bastante desarrumado. O banheiro foi o que mais demorou. Quando termino, já passa de seis da tarde. Estou exausta, meu corpo dolorido pelo esforço de limpar o tapete manchado de vinho. Recolho o lixo e desço as escadas apressadamente até a cozinha. Sem querer, acabo esbarrando na mesinha de centro e machucando o pé esquerdo.

— Merda! — Grito de dor, me encolhendo.

— Liana, aconteceu alguma coisa? — Pergunta Afonso amigo do

patrão, que nem escutei chegar. Será que Hector também está em casa?

— Não foi nada, me desculpa. — Falo baixando a cabeça, lembrando do aviso do senhor Cartier, pois se ele me visse conversando com o amigo, eu estaria em maus lençóis.



Chegando à cozinha, decido fazer um risoto de camarão. Eu não sabia fazer comidas muito sofisticadas, mas teria que aprender se quisesse sobreviver nesse emprego. Preparei uma salada de aspargos com tomate para acompanhar. Já eram oito horas e não tinha posto a mesa ainda.

Corri apressada até a sala de jantar, mas parei ao ver meu patrão sorrindo com algo que o amigo lhe havia dito.

— Vai ficar parada igual uma estátua olhando para mim até que horas? Estou com fome e você está atrasada, o jantar já deveria estar servido.

Constrangida, terminei de colocar as travessas na mesa e minha barriga roncou, fazendo com que os dois, que já estavam sentados à mesa, olhassem para mim.

— Deus! Some da minha frente, senhorita Castela! Não dá nem para jantar com você aqui! — Diz ele me olhando bravo.

Me senti, mais uma vez, humilhada. É horrível uma pessoa te tratar mal apenas por ser de uma classe superior à sua. Não sei o que fiz para o senhor Cartier me odiar tanto; se me trouxe para trabalhar aqui pensei que no mínimo gostasse de mim.

Voltei para a cozinha limpando tudo enquanto os dois jantavam. Eu estava faminta, mas não cometeria o mesmo erro do almoço, só iria jantar quando eles já tivessem acabado.

Peguei a travessa redonda com a *mousse* que fiz para o almoço ainda intocada, e levei até a sala de jantar, mas assim que o senhor Hector me viu já foi logo gritando.

— Eu não falei que queria jantar em paz? O que você ainda faz aqui? É retardada, por acaso?! — Ele rosnou como uma fera, revoltado.

Coloquei a *mousse* em cima da mesa e saí correndo em direção à cozinha, antes que jogasse aquela travessa nos belos cabelos loiros dele. Tentei segurar, mas as lágrimas escorreram dos meus olhos. Hector Cartier

tem o poder de fazer com que eu me sinta a pior das criaturas. Me sinto inadequada sem nem mesmo ter feito nada de errado.

Voltei aos meus afazeres, mas percebi que estava acontecendo uma discussão na sala de jantar. Ignorei as vozes alteradas e corri para o meu quarto. Ou melhor, para debaixo da escada. Deitei na cama estreita e fiquei ali olhando para o colar que Miranda deixou para mim. Sua beleza hipnotiza qualquer um, jamais teria coragem de me livrar dele. Queria ter Karina, Miranda, e até mesmo a doida da Maya aqui comigo. Pobre Maya. Tomara que seus pais não a tenham encontrado.



Ouvi o som de um carro saindo, e imaginei que ou o senhor Afonso foi embora ou os dois saíram juntos. Sentindo-me enclausurada dentro desse quartinho minúsculo, decido espiar um pouco da fazenda antes que eu acabe sufocando aqui dentro.

Caminhei pela grama e admirava a noite quente na bela fazenda, quando um segurança me viu e veio em minha direção.

— Precisa de alguma coisa, senhorita? — Pergunta ele.

— Não, obrigada. Estou apenas caminhando, não se preocupe. — Digo me distanciando dele.

Continuei minha caminhada, olhando tudo encantada. Ao longe, havia casinhas, que provavelmente serviam de alojamentos para os outros funcionários. Avistei um grande estábulo à direita da propriedade. Era uma noite tranquila de céu estrelado. O cheiro gostoso de mato e os barulhos da noite me trazem uma sensação gostosa de paz que há muitos anos não sinto. Percebi que o mesmo segurança ainda mantinha os olhos em mim, mesmo de longe. Ignorei-o e fui andando pelo belo jardim. Havia flores de todas as cores por todos os lados, um banco de pedra, uma grande macieira.

Sigo as flores em direção ao lado escuro do jardim, onde não havia nenhuma luminária clareando, e depois de caminhar bastante por alguns declives, escutei um barulho de água. Dou alguns passos e, entre alguns galhos e arbustos, vejo um belo rio.

— Oh, meu Deus, esse lugar é lindo. — Falo me sentando em uma pedra às margens do rio, admirando sua beleza sob a luz da lua. Coloco os

pés na água e vejo que ela não está tão fria. Dou uma olhada em volta, para ver se o segurança ainda me segue e, quando vejo que ele me perdeu de vista, sorrio, pois finalmente estou sozinha. Agora é minha chance de relaxar um pouco e curtir essa natureza linda. Tiro meu vestido, deixando-o sobre a pedra. Sempre amei nadar; mamãe vivia me chamando de sereia. Mas faz tanto tempo que não tenho esse prazer.

Entro na água e meu corpo se arrepia, sorrio com a sensação gostosa e mergulho animada, brincando feito uma criança. É tão boa a sensação de liberdade...

Fecho os olhos e flutuo sobre a água. Estava completamente distraída quando, de repente, ouvi o som rouco. Não era um animal, e sim o próprio demônio. Em choque, afundei meu corpo na água para que ele não visse que estou apenas de lingerie.

— O que você pensa que está fazendo?! Pensei que havia deixado claro que não queria você fora da casa! Você está proibida de circular pela propriedade! E agora te encontro aqui. Não consegue seguir uma simples ordem?

— O senhor não pode me manter trancada, eu sou sua funcionária, não sua escrava.

— A fazenda é minha!! Anda por ela quem eu quiser, e esse rio está na propriedade, ou seja, também é meu!

— Não precisa ser grosseiro, eu só queria respirar ar puro, estava me sentindo enclausurada.

— Não é isso o que parece. Não se faça de inocente; você veio para cá para tentar seduzir um dos meus seguranças!

— O quê?! — Pergunto confusa e ofendida por sua acusação.

— Não se faça de rogada, uma mulher não vem nadar quase pelada, se não quer que alguém a veja!

— Eu não pretendia seduzir ninguém, você está me ofendendo.

— Saia imediatamente dessa água e vá para o casarão! — Diz ele com a voz transtornada.

— Eu só queria nadar um pouco, fiquei tão feliz quando vi o rio que não pensei duas vezes em entrar — falo tirando o cabelo do rosto, mas ainda submersa.

— Você está proibida de nadar, ou melhor, está proibida de andar pela propriedade.

— Mas eu não fiz nada. — Tento protestar.

— Não me contrarie! Saia já dessa água.

— Só saio quando você se virar! — digo vermelha de raiva.

Ele parece um ogro, de príncipe não tem nada, está mais para um sapo feio e verde.

— A descarada é você, se não se importou em nadar nua para os meus seguranças verem, então terá que sair comigo aqui.

— Eu não vou sair, então. — Digo já tremendo de frio.

— Se não sair, serei obrigado a te tirar daí eu mesmo, e você não vai gostar nada disso. — Fala fora de si.

— Senhor, será que não vê que isso é constrangedor? Não posso sair da água com o senhor me olhando. Por favor, vire-se para que eu possa me retirar.

— Você não dá às ordens aqui. — Ele se abaixa, pega minhas roupas e me olha em desafio. — Se não quiser que eu a tire daí, é melhor sair sozinha.

Morrendo de vergonha e me sentindo exposta, eu decido que não tenho outra saída a não ser obedecê-lo, se quiser pegar minhas roupas.

Saio do rio tentando me cobrir com os braços, e sinto o seu olhar me devorar. Ele nem mesmo desvia o olhar. Me aproximo dele para pegar as roupas que estão em suas mãos.

— Satisfeito, senhor?! — digo com raiva, encarando-o nos olhos.

— Ainda não! — Diz colando seu corpo ao meu e beijando-me, deixando-me chocada.

Sua boca me beija com brutalidade, e eu tento me soltar, o empurrando, mas suas mãos fortes puxam meu corpo para o seu. Aos poucos, o beijo bruto vai se transformando em um beijo quente, devastador. Nossas línguas se tocam e se acariciam. Minhas mãos estão trêmulas e vão direto para seus cabelos sedosos, e em resposta ele solta um pequeno gemido. Meu corpo está em brasa, nunca senti nada parecido com isso. Se eu morresse agora, morreria feliz porque estou sendo consumida pelo paraíso...



CAPÍTULO 6

ENTRE UVAS

E LÁGRIMAS

"Homens são como um bom vinho. Todos começam como uvas, e é dever da mulher pisoteá-los e mantê-los no escuro até que amadureçam e se tornem uma boa companhia para o jantar!"

Hector

Depois da discussão com Afonso, mudei de ideia sobre ir para a cidade com ele. Não tenho cabeça para me divertir; vim aqui com um propósito e irei até o fim para cumpri-lo. Só de pensar que a maldita está conseguindo manipular meu melhor amigo, me sobe um ódio tremendo. Afonso ficou furioso ao ver a forma como agi com a garota na hora do jantar. Assim que ele saiu, fui à adega da fazenda escolher uma garrafa de vinho, talvez uma ou

duas taças me façam acalmar. Se continuar tão estressado assim, colocarei todo o meu plano a baixo. Abro a garrafa de *Teso La Monja Românico 2016*, Melissa amava esse vinho. É difícil degustá-lo e não lembrar dela... Lembro da primeira vez que ela veio à fazenda de Afonso, de como amou este lugar, e principalmente o vinho que Afonso produz.

— Oh, meu amor... O que eu faço sem você aqui? Sinto sua falta dia e noite... É uma tortura constante viver sem você...

Alguns momentos depois, com a garrafa já vazia e a casa silenciosa, penso na assassina, e imagino que já tenha ido deitar-se. Se ela pensa que vai ficar assim, suas insinuações para cima do Afonso, está muito enganada. Ela ainda não viu o carrasco que posso ser.

Saio do meu quarto e vou ao escritório verificar o sistema de câmeras, que a vigiam o todo tempo. Já está na hora de começar a atormentar sua mente. Liana precisa sentir o peso dos seus atos, a gravidade do que fez. Quero vê-la se corroendo em culpa, a ponto de enlouquecer. Seu calvário está só começando. Me sento na poltrona de couro e ligo o notebook, indo direto ao acesso às câmeras. Isso está virando quase uma obsessão, observar seu sono. Por muitas vezes tenho que me segurar para não fazer uma besteira, como entrar lá e sufocá-la com o travesseiro. Pelo menos constatei que a desgraçada não dorme bem; passa boa parte da noite perturbada, inquieta. É bom saber que não sou o único a não ter paz, já que ela me roubou a minha.

Olhando para a tela do computador, vou passando de câmera em câmera, até perceber que seu quarto está vazio.

— Onde você está, sua miserável?

Sem querer, as palavras de Afonso me vêm à mente; será que peguei pesado demais e ela fugiu? Não, ela não faria isso, para onde ela iria? A fazenda está cercada de seguranças, ela não seria capaz de fugir. Ou seria? Levanto-me enfurecido. Eu a avisei que estava proibida de sair da casa grande! Quem ela pensa que é para desobedecer a uma ordem minha? Assim que deixo a casa, vejo Roger vindo, nervoso, em minha direção.

— Senhor, já estava vindo lhe chamar. A senhorita Castela foi em direção ao jardim sul.

— Desgraçada. Pode deixar que eu mesmo irei buscá-la.

Furioso, caminho em direção ao jardim, no qual ela não está. Continuo a sua procura, virando à direita, onde vejo um declive e dou mais alguns passos. E, entre alguns galhos e arbustos, a encontro. Ela está de costas para

mim, nas margens do rio.

— Oh, meu Deus, esse lugar é lindo. — A ouço dizer encantada, com os pés na água. Fico escondido, apenas observando o que ela pretende fazer.

Liana olha para trás, como se quisesse ter a certeza de que está sozinha, e então faz algo que me surpreende: ela começa a se despir, ficando apenas de calcinha e sutiã, preparando-se para um mergulho noturno. Meus olhos ficam colados em sua pele exposta e, mesmo apenas com a luz do luar, posso ver claramente o contorno do seu corpo sensual. A maldita entra no lago como se fosse uma sereia, dando um gritinho que mais parece um gemido, ao entrar nas águas escuras. Não consigo tirar meus olhos do seu corpo. Fico extasiado com sua beleza e com a forma que seus cachos negros se pregam a seus seios firmes e redondos. Ela flutua graciosamente sobre a água enquanto a lua cheia banha sua pele negra. Percebo que estou excitado, o que me irrita. Sinto ainda mais raiva; dela e de mim, por estar apreciando seu corpo, e pior: louco para tocá-la.

Decido acabar com essa provocação dela; no mínimo está assim para que um dos seguranças a veja. Sem conseguir tirar meus olhos do seu corpo proibido, me aproximo cautelosamente. Meu desejo de tocar sua pele nua é tão forte que minhas mãos tremem; sinto um calor percorrer todos os meus órgãos, e o sangue correr direto para o meu pau. Faço o melhor que posso para ignorar essas sensações e me aproximo da margem, pegando-a distraída.

— O que você pensa que está fazendo?

Quando revelei minha presença, a dissimulada se fez de inocente, ainda tentou esconder o corpo sob as águas do rio. À medida em que íamos discutindo, minha raiva ia aumentando ainda mais. Só de pensar que um dos seguranças podia tê-la encontrado assim...

— Saia imediatamente dessa água e vá para o casarão. — Ordeno fora de mim.

Mediante sua recusa em me obedecer, ameaço eu mesmo entrar naquela água para tirá-la de lá à força. Desafio a descarada a sair dali, quase pelada, sob o meu olhar atento. Me abaixo e pego os trapos que ela chama de roupa. Vamos ver até onde vai sua coragem...

— Satisfeito, senhor?! — A diaba diz, me encarando com fogo nos olhos, e estica uma mão para pegar as roupas.

— Ainda não! — Digo, dando vazão ao desejo louco que está me incendiando.

Colo seu corpo ao meu, a beijando de surpresa, e fico, eu mesmo, chocado com a sensação incrível que sinto ao ter seus lábios nos meus. É como uma fruta proibida deliciosa, como o pecado. Seu cheiro me deixa louco, nunca senti algo assim. Desesperado, não resisto, e a trago mais para mim. O beijo vai se tornando mais e mais intenso, é como se eu não conseguisse ter o bastante dela. Minhas mãos vão para seus cabelos, puxando mais seu rosto para mim. Liana geme arranhando meu braço; nossas línguas duelam uma com a outra em uma disputa frenética. Ela gruda mais seu corpo ao meu, sentindo meu pau duro pronto para pular pelas calças. Ao abrir meus olhos e ver Liana rendida em meus braços, um raio de consciência me acerta e me dou conta da merda que estou fazendo. Empurro-a para longe de mim e a olho enojado.

— Desculpa.... — Tenta dizer, mas a corto com um gesto de minha mão. Sinto um misto de nojo e raiva; de mim, dela, da situação vergonhosa em que me encontro.

— O que pensa que está fazendo, sua oferecida?

— Foi você quem me beijou! — Diz ela tratando de se vestir rápido.

— Te beijei porque sou homem e você está praticamente se jogando em cima de mim.

— Eu não fiz isso, está me ofendendo... — diz terminado de se vestir em tempo recorde.

— Espero que isso não se repita. Além do que, você não faz o meu tipo. Se te beijei foi porque sou homem e não resisti. Sei que, para uma mulher como você, é difícil ver um homem e não se atirar, mas essa é uma casa de respeito e não quero saber de você se jogando em cima de mim ou de meus funcionários.

— Não sei que tipo de pessoa pensa que sou, senhor Cartier, mas jamais me atirei em cima de nenhum homem. E digo mais, isso foi um erro estúpido e nunca mais irá acontecer. Sei muito bem qual o meu lugar nessa fazenda — ela responde firme mesmo com o rosto cheio de lágrimas, e parte em direção ao casarão.

Olho para ela assustado; não sei o que está acontecendo comigo, mas seja o que for, isso precisa acabar. Essa garota só pode ser algum tipo de bruxa, essa é a única justificativa para a maneira como me comportei.

— Eu odeio Liana Castela! Odeio com todas as minhas forças, e é no meu ódio que tenho que me concentrar!

Dali vou direto ao alojamento dos empregados atrás de Mariano, o capataz da fazenda, entretanto sou interrompido por Pablo.

— Precisa de algo, Majestade?

— Já disse para não me chamar assim aqui.

— Desculpe. É a força do hábito.

— Certo. Sabe onde posso encontrar o capataz da fazenda? — Pergunto, indo direto ao assunto.

— Ele vive no alojamento doze com a família.

— Vá chamá-lo para mim, preciso acertar algumas coisas com ele.

— Sim, senhor. Mas, aproveitando que está aqui, gostaria de pedir autorização para investigar mais a fundo o passado da senhorita Castela, sinto que ainda há muitas coisas que não foram investigadas. — Diz ele me surpreendendo.

— O que tínhamos que saber já foi dito no julgamento dela. Não tenho necessidade nenhuma de saber nada mais sobre a vida daquela infeliz.

— Bem, tenho uma suspeita de que a senhorita Liana não é tão culpada como aparenta.

Olho para ele coberto de raiva. — Não queira encontrar desculpas para essa assassina! Liana estava sob efeito de álcool e drogas, ela atropelou e matou minha mulher grávida e não prestou socorro. Isso é tudo que eu preciso saber!!

— Tudo bem, senhor. Se tem certeza, não preciso investigar. Irei chamar o capataz.

Volto para o escritório tentando controlar minha raiva. Eu só posso ter enlouquecido, onde já se viu, beijar aquela mulher?

Alguém bate na porta e mando entrar; é Mariano, o capataz.

— Mandou me chamar, patrão?

— Sim, Mariano. Preciso da sua ajuda.

— O que quiser, patrão.

— Quero que faça uma lista dos piores e mais exaustivos serviços desta fazenda.

Afonso

Foi impossível ver meu amigo humilhar aquela pobre garota e fingir que nada estava acontecendo. Após a nossa discussão, Hector nem quis vir ao clube comigo. Fico pensando em Liana. Olhando bem para a moça, é difícil acreditar em tudo que ouvi falar dela. A coitada não me parece alguém capaz de atropelar uma mulher grávida e não prestar socorro. Sei que meu amigo tem seus motivos para desprezá-la e querer acabar com sua vida, todavia não é fácil ver alguém tratando o outro com tanta grosseria e não dizer nada. Dirijo pela estrada de terra que leva até a cidade, ansioso para chegar ao meu destino. Essa noite pretendo sair daqui bem acompanhado. Estaciono meu carro e entro direto, sem pegar fila. Todos na região sabem quem sou, e isso tem seus benefícios.

Assim que adentro o lugar, o som inebriante de uma música latina alaga meus ouvidos. Sento-me a uma mesa discreta e peço uma bebida.

— Afonso, meu caro! Há quanto tempo não o vejo em Andaluzia! — Diz Arrow, meu amigo de longa data e dono do lugar.

— Pois é, Arrow, faz tempo que não venho à fazenda. Já estava sentindo saudade desse lugar. — Falo com um sorriso no rosto.

— É sempre um prazer tê-lo na minha boate. Hoje temos um show ao vivo e tenho certeza que vai amar.

Arrow faz questão de que me sente em sua mesa, onde ele está acompanhado por duas moças belas e voluptuosas, uma morena e uma ruiva. Logo, uma loira gostosa vem sentar em meu colo, e fico conversando com Arrow sobre os negócios na região. A gostosa sutilmente se esfrega em mim, louca para ser a minha foda da noite.

A música muda e as luzes focam no palco, onde vejo uma morena baixinha de cabelos cacheados entrar. Ela está usando um vestido vermelho justo e seu olhar é tão quente que sinto algo dentro de mim se agitar.

— Sabia que ia gostar. Essa é a Alessia, nossa nova contratada. Ela foi um achado, chegou recentemente na cidade. — Ele fala, mas eu mal presto atenção, meus olhos estão focados nela, que está sob os holofotes.

A morena fecha os olhos e sorri provocadora, e a música *Señorita*, de Camila Cabelo, começa a tocar. Engulo em seco quando sua voz sensual preenche o ambiente; nossos olhares se cruzam e posso ver as faíscas. Ela sorri e vira-se de costas, cantando o refrão e seduzindo a plateia. Uma porra se não estou duro apenas vendo seu gingando *caliente*.

— Quem é ela? — Pergunto sem tirar os olhos do palco.

— O nome dela é Alessia, veio de fora. Ela trabalha em uma fazenda da região, e a às sextas-feiras canta aqui. Mas sinto lhe dizer, meu amigo, Alessia não é para o seu bico. Já a vi dispensar uma montanha de clientes que estavam tão interessados nela como você.

— Não subestime o Duque de Aragão.

Dispenso a loira, que se tornou sem graça depois que pus meus olhos sobre *la diosa latina*. Sorrio, sabendo que esta noite irei me esbaldar nessa *caliente* morena. Depois de cantar três músicas, ela sai, provavelmente em direção ao camarim. Chamo o garçom e peço que a chame para o camarote, preciso conhecê-la. Fico aguardando ansiosamente enquanto ele vai buscá-la. Minutos depois, para o meu desagrado, o mesmo garçom volta sozinho.

— A senhorita Alessia disse que não virá, *señor*, ela fez questão de dizer que não está a fim de conhecer ninguém essa noite.

— Ela disse o quê? — Falo revoltado. — Quem ela pensa que é?

O garçom repete suas palavras, o que me deixa com ainda mais raiva, e decido ir até lá eu mesmo buscar essa morena afrontosa. Ao entrar no camarim, o encontro vazio; a maldita se foi. Como um banho de água fria, toda a animação para a noite acabou, com o fora que levei dela. Frustrado e morrendo de raiva, decido voltar para a fazenda.

A maldita latina conseguiu escapar, mas ela não perde por esperar, eu ainda a terei gemendo em minha cama, ou não me chamo Afonso de Aragão.



De volta à estrada de terra, penso em como farei para descobrir quem é a *diosa*. Pablo pode me ajudar; se ela trabalha em uma fazenda da região, então será fácil encontrá-la. Na metade do caminho, vejo uma camionete velha parada na estrada, com fumaça saindo do capô. Penso muito bem antes

de estacionar atrás; minha arma está na cintura caso seja uma armadilha.

— Ei, precisa de ajuda? — Pergunto, me aproximando, e fico chocado ao ver ninguém menos do que a minha *diosa*.

— É claro que não, me viro sozinha. — Diz ela durona.

— Você é a Alessia, não é? — Pergunto disfarçando.

— Como sabe meu nome, se não te conheço? — Diz soltando o cinto de segurança e me olhando de nariz em pé, o que me deixa ainda mais interessado.

Ela abre a porta do carro e me afasto, dando-lhe espaço. Eu e ela estamos a um palmo de distância e posso sentir distintamente o cheiro do seu perfume, é algo que lembra jasmim, doce e delicado.

— Acabei de voltar do clube onde você estava cantando.

A morena abre o capô do carro e solta dois palavrões em voz baixa.

— Calma, *chica*, não tá vendo que vai se machucar? — Digo me aproximando dela, que está irritada xingando o carro. — É melhor eu chamar um guincho para levar seu carro a uma oficina e te levo para casa.

— Não precisa, eu vou andando — fala sem nem me olhar.

— É muito perigoso, uma mulher andando pela estrada sozinha no meio da noite.

— Eu não estou muito longe de casa.

— Eu insisto. Vou ligar para alguém vir rebocar seu carro e te levo para casa.

Ela olha para mim como se analisasse se pode ou não confiar em mim. Olha para o carro e, bufando, pega sua bolsa e vem em minha direção.

— Quero que saiba que, se tentar alguma gracinha, eu sei me defender e posso te arrebentar.

Sorrio achando graça da sua teimosia; essa baixinha é selvagem isso a deixa ainda mais atraente. Ligo para um amigo, que irá rebocar o carro dela e levar a sua oficina. Abro a porta do carro para ela, que entra sem relutar.

— Pronto. Para onde, *señorita*? — digo ligando o carro.

— Fazenda *Del Diablo*, conhece?

— Sim, conheço bem — falo com um sorriso no rosto; talvez a noite tenha terminando melhor do que eu pensava.

Liana

Estou na fazenda há apenas três semanas e minha vida já se tornou um verdadeiro inferno. O senhor Cartier parece me odiar e faz de tudo para que minha vida aqui seja o mais desagradável possível. Depois do dia no maldito rio as coisas pioraram. Agora, além de me matar para dar conta da casa grande, ainda tenho que fazer outros serviços na fazenda. E não são quaisquer serviços, e sim os piores possíveis. Alguns são torturantes, como recolher o estrume dos cavalos do celeiro. Além disso, ainda não consegui tirar aquele beijo da minha cabeça. Não entendo essa atração que sinto por ele, ainda mais sabendo que ele me detesta. Às vezes, ele me olha como se eu fosse a pior criatura da face da terra, não só ele, como todos os seguranças da fazenda. Os únicos que parecem não me odiar são Pablo, o chefe da segurança, pelo que descobri, e Afonso, que ainda não foi embora.

Respiro fundo, tomando coragem para encarar o serviço que irei fazer agora, que é o pior de todos: limpar os barris de carvalho, retirando o tartarato que se concentra no fundo. O cheiro é muito forte, de revirar o estômago. Ele deixou claro que caso não fossem devidamente limpos, isso poderia afetar o sabor do vinho, podendo até estragar uma leva inteira. Me concentro em limpar os malditos barris de carvalho.

Exausta, limpo o suor do rosto e olho para o único barril que consegui limpar, me sentindo orgulhosa.

— Não acredito que passou a manhã toda e só limpou um barril! — Diz Mariano, bravo com meu desempenho.

— Fiz o que pude, não estou acostumada a esse tipo de trabalho. — Respondo irritada.

— Pois trate de melhorar! Pode ir agora, já encerrou seu horário.

Ele fala como se eu não estivesse trabalhando feito uma escrava nessa fazenda.

Mesmo exausta, ainda estava um pouco feliz, por poder sair da casa grande e conhecer melhor a fazenda. Tenho trabalhado de domingo a domingo, sem folga. Parece que meu patrão gosta de me ver exausta. Já pensei várias vezes em ir embora, entretanto, como ir sem juntar dinheiro

primeiro? Preciso aguentar firme, ao menos até ter uma boa quantia, para conseguir ir até Madrid e, de lá, sair do país.



Entro na sala da casa grande e paraliso ao ver marcas por todo o carpete e chão da sala. Engulo a vontade de chorar quando vejo o estrago feito com barro no tapete e no chão, que encerei com tanto cuidado.

— Ah, você está aí. — Diz meu chefe infernal.

Olho para as duas botas e descubro de onde vem a maldita lama.

— Você está imunda e fedendo a vinho velho. E está atrasada para fazer o meu almoço.

— Estava trabalhando na limpeza dos barris, senhor. Vou tomar um banho rápido e já preparo o almoço do senhor.

— Acha que tenho todo o tempo do mundo para esperar você tomar seu banho e se arrumar? Preciso almoçar.

— Está bem, senhor, irei preparar seu almoço — falo com desgosto ignorando seu rosnado; pelo pouco tempo que o conheço percebi que ele odeia quando respondo a ele.

Em tempo recorde, preparei o frango grelhado, que já havia deixado marinando, acompanhado de purê de batatas e salada de folhas verdes. Assim que servi o almoço, fui correndo tomar um banho, para em seguida limpar a sujeira que ele havia feito na sala. Eu mal tinha terminado a sala, já o ouvi dizendo:

— Quero que lave minhas botas e depois acompanhe Mariano até a plantação. Estamos com falta de funcionário e você deve ajudar na colheita das uvas, para que não haja atraso na produção.

— Mas, senhor, eu... não sei o que fazer. — Tento convencê-lo.

— Seja menos inútil e tente aprender — diz sentando-se na poltrona e digitando em seu celular. Me seguro para não gritar e respiro fundo, contando até dez.

— Ah, já ia esquecendo... — Ele chama minha atenção. — Aqui estão seus novos uniformes. Não quero vê-la desfilando pela fazenda com esses trapos, então trate de usar o uniforme que comprei para você. — Fala apontando para a mesa de centro, onde uma sacola se encontra.

Pego a sacola, que prefiro abrir longe dele, e assim que entro na lavanderia a abro e vejo os uniformes. Quatro conjuntos de vestido preto e avental branco ridículos. Parece que foi tirado de alguma série de época, onde empregadas mais parecem freiras. O vestido é enorme, cabem duas de mim dentro! A minha sorte é que na prisão eu acabei aprendendo a costurar. Me troco, me sentindo horrível, e em seguida saio do casarão, indo até Mariano, o capataz.

— Vamos, a senhorita já está atrasada — diz ele, indicando o carro em que me levaria à plantação.

No caminho, fico animada com a bela visão do vinhedo. Aos poucos, posso ver as infinitas fileiras de parreiras, e diversos funcionários trabalhando de um lado a outro.

— Tome esse alicate de corte, e tenha cuidado para não estragar os cachos de uva. Você vai ficar nessa fileira. É só seguir até o final e ir colocando os cachos nessas cestas — diz ele tão rápido que tenho até dificuldade de entender.

E então me deixa largada sozinha no meio da plantação. Sem saber muito bem o que fazer, tento acompanhar os outros funcionários; seguro minha cesta e alicate e vou em direção à minha primeira videira. Não resisto à tentação e coloco uma uva na boca. Quase gemo ao sentir o sabor doce da fruta. Continuo o trabalho, hora ou outra beliscando as uvas.

— Ei, garota! Presta atenção no está fazendo, você está destruindo os cachos de uva. — Diz uma garota se aproximando de mim. — Por que está sem chapéu? O sol está forte. E ainda de preto?

— Desculpa, eu sou nova aqui, não sei fazer isso direito.

— Certo. Qual é o seu nome? Não te vi por aqui antes.

— Meu nome é Liana. Eu trabalho na casa grande, mas com a falta de funcionários, fui mandada para a plantação.

— Meu nome é Alessia. Não ouvi falar que está faltando funcionários, mas deixar isso pra lá. Você deveria estar usando chapéu, o sol está forte; e protetor solar também.

— Ninguém me disse nada. — Falo na defensiva.

— Venha, eu tenho protetor aqui, mas na próxima você precisa pedir para Mariano, ele que é encarregado de cuidar dos funcionários. — Diz ela me indicando uma cesta.

De cara já gostei da Alessia, ela parece uma boa moça.

Ficamos conversando por um bom tempo, enquanto trabalhávamos lado

a lado. Ela me contou que veio da Colômbia e que os funcionários da fazenda eram todos imigrantes de outros países. Disse ainda que à noite teria uma fogueira, e que um tal de José ia tocar violão.



No fim da tarde, me despedi da minha mais nova amiga com os braços doloridos e exausta demais para parar em pé, contudo lembrei que ainda precisaria fazer o jantar.

— Te vejo mais tarde na fogueira.

— Eu vou tentar ir, prometo. — Digo sem muita certeza.

— Tudo bem, Liana. Qualquer coisa, eu te espero perto do jardim leste.

— Ok, pode deixar.

Sentei no banco de trás do carro para voltar à casa grande, cansada demais para sequer pensar. Os pesadelos não me deixam dormir direito à noite, e o trabalho exaustivo está começando a cobrar seu preço no meu corpo. Acabei adormecendo no percurso de volta, e fui despertada bruscamente por Mariano, me avisando que já havíamos chegado. Entro pela porta dos fundos da casa e escoro numa pilastra, tentando me recuperar da fraqueza repentina que me acometeu. Fecho os olhos e me lembro que não comi nada o dia todo, apenas algumas uvas na plantação; na verdade, mal ando tendo tempo para comer. Me distraio por um segundo, e de repente ouço passos fortes vindo em minha direção.

— Estava te procurando! Está atrasada de novo! — Brada meu lindo e insuportável chefe.

Sem forças para responder, apenas aceno, tentando ajeitar minha postura.

— O que está fazendo parada aí? Você não é paga para ficar enrolando. — Fala me puxando pelo braço.

Não tenho nem chance de protestar, o cansaço que sinto é tão grande que minhas pernas me falham e quase caio no chão. Porém, antes que eu apague, sinto seus braços me cercando, e então me entrego à escuridão.



CAPÍTULO 7

DE ESTRATÉGIA

MUDANÇA

"A vingança não nos livra do ódio. Ela faz com que esse ódio fique mais tolerável. Ninguém vence quando se vinga, mas sim quando perdoa."

Hector

Liana desmaiou nos meus braços e um pânico tremendo tomou conta de mim. Seu rosto está suado e frio; ela parece exausta. Ergo-a em meus braços, levando-a para a sala de casa. Ela não pode morrer, não assim, é fácil demais para essa miserável.

— Merda!

— O que fez com a garota? — Pergunta Pablo assim que me vê com ela nos braços.

— Eu não fiz nada — digo na defensiva, mas não posso evitar me sentir culpado.

— Vou chamar um médico para atendê-la antes que seja tarde! — diz ele saindo em seguida.

Levo Liana até o meu quarto e coloco seu corpo sobre a cama. Olho para ela atordoado; algo dentro de mim se agita vendo-a tão frágil, desacordada sobre a cama. Balanço a cabeça tentando espantar esses sentimentos traiçoeiros.

— Eu não posso sentir pena dela, não dela, não dá assassina. — Digo agitado.

Caminho de um lado para o outro sem saber o que fazer, se ela morrer assim essa vingança não terá valido de nada.

— Por que tinha que ser você, garota? — Pergunto ao vazio.

Me aproximo da cama e tiro o cabelo do seu rosto, dessa forma posso ver o quanto ela é bonita, frágil e delicada. Percebo que seu corpo está quente. De longe, Liana não parece alguém que foi capaz de atropelar e matar, de maneira inconsequente, uma pessoa. Se eu não soubesse da verdade, poderia facilmente ser enganado pelo seu rosto delicado e sua voz doce. Me afasto dela incomodado, não sei por que estou pensando essas coisas.

Maldito dia que a beijei! Como uma cobra venenosa, essa garota me envenenou. Só isso para justificar o remorso que sinto vendo-a dessa forma. Ouço uma batida leve na porta do meu quarto, que está aberta, e Pablo entra, seguido por um senhor de cabelos acinzentados.

— Esse é o doutor Guzmán, ele veio ver a garota — diz Pablo sisudo.

— Há quanto tempo ela está desacordada? — Pergunta o médico.

— Acho que faz meia hora — digo olhando para o relógio; o tempo passou e eu nem percebi.

— Certo, me deixem sozinho com a moça, irei examiná-la.

— Não sairei; o que tiver que fazer, faça comigo aqui — digo, irritado com esse médico.

Pablo bufa e sai do quarto, nos deixando a sós. O médico se aproxima e a examina.

— Ela está com trinta e oito graus de febre e a pressão está baixa. Sabe

se ela se alimentou hoje? Se foi exposta ao sol? — Questiona ele me olhando atentamente.

— Eu não sei — falo olhando para ela preocupado.

— Ela parece estar com insolação e esgotamento físico. Talvez esteja com alguma infecção, mas só poderei saber quando fizer um exame de sangue. Vou aplicar um remédio para a febre baixar. Recomendo que a deixe dormir e descansar. E ela vai acordar sentindo muita sede, o que é normal. Ela precisa se alimentar bem e beber muita água — diz aplicando uma injeção no braço dela. — Vou colher uma amostra de sangue, e assim que tiver o resultado aviso seu funcionário. Gostaria que a levasse até meu consultório depois de amanhã, lá vou poder avaliá-la melhor. — Diz o médico sempre profissional, porém eu vi quando tocou a mão de Liana de maneira carinhosa.

— Obrigado, doutor — falo, abrindo minha carteira para pagar pelos seus serviços.

— Não é preciso, seu funcionário já acertou meu pagamento. Agora, se me dá licença, estou indo, tenho outros pacientes para atender. Qualquer coisa que aconteça, pode mandar me chamar. Quando fico a sós com Liana, me ponho pensativo enquanto observo seu corpo inerte; talvez eu tenha pegado pesado demais com o trabalho braçal. Eu pensei que iria machucá-la, humilhando-a e colocando-a para fazer os piores serviços da fazenda, mas ela parece indestrutível, é como se nada abatesse seu espírito. Quando eu acho que ela vai responder a minhas ofensas, que vai surtar ou chorar feito uma garotinha, ela simplesmente sorri. Liana Castela é uma incógnita para mim. Mas uma coisa é certa, nada do que ando fazendo está tendo o resultado que eu quero. Pelo contrário, ela está acamada, mas não quebrada e sofrendo.

Afonso

Os dias na fazenda estão sendo melhores do que eu imaginava. Tirando, é claro, o fato da colombiana que vem consumindo meu juízo não dar a

mínima para mim. Mesmo com ela vivendo na minha fazenda, não está sendo fácil me aproximar da latina. Ela me afronta, é teimosa e orgulhosa. Mandou devolver todos os presentes que lhe mandei. Recusou todos os meus convites para jantar e não deixa eu me aproximar.

Fiquei sabendo, pelo capataz da fazenda, que ela veio a Colômbia para a Espanha sozinha, atrás de trabalho. Não fala muito sobre a família ou sobre seu passado; e também não se engraçou com ninguém da fazenda, mesmo os peões dando muito em cima dela. Mas isso não me fez desistir; muito pelo contrário, quanto mais difícil a presa, melhor é a caça. Saio da casa grande quando o sol está se pondo. Nesse horário, já estão todos de volta em suas casas e Alessia já deve estar chegando da plantação. Antes que eu chegue ao alojamento de número sete, onde a minha latina mora, eu a vejo caminhando com uma sacola nas mãos usando um chapéu de palha, os cabelos revoltos. Mesmo de maneira tão simples ela ainda se destaca entre as mulheres. A pequena ferinha tem uma beleza única que me encanta.

— Aí está você — falo a interceptando.

— Você de novo — diz revirando os olhos.

— Eu sei que estava morrendo de saudades de mim, docinho.

— Cara, você não cansa, não? — Pergunta, colocando a mão na cintura.

— Você fica tão gostosa com essa pose de mulher brava, eu poderia te jogar nesse chão agora mesmo e te chupar todinha.

Alessia perde a fala e fica vermelha igual um tomate, e eu sorrio, dando dois passos em sua direção.

— Mauricinho filho da puta, quem você pensa que é para falar dessa forma comigo?

— Para que lutar, latina? Para que lutar contra o que nós dois queremos? — Falo rodeando seu corpo com meus braços.

— Quem disse que eu quero você, seu imbecil? Você não é homem o bastante pra mim.

— Ah, é mesmo? Você não sabe o que acabou de fazer, menina malvada. — Falo erguendo-a nos meus braços e prendendo seu corpo contra o grande carvalho atrás dela.

— Me solta, desgraçado! — diz, batendo em meus ombros.

— Você é uma menina muito levada — falo enquanto mordisco a pele do seu pescoço.

— Me solta, ou eu vou gritar. — Ela diz ofegante.
— Grita, latina, mas deixa para gritar quando eu estiver dentro de você.
— Digo e ataco sua boca, beijando-a com loucura. Alessia não corresponde e tenta sair dos meus braços. Eu mordo seus lábios e ela geme, então esfrego meu pau duro contra sua intimidade, fazendo-a gemer ainda mais alto. Beijo sua boca com mais fome ainda, e ela não aguenta muito tempo e acaba correspondendo. Seu corpo amolece e sua língua duela com a minha; e meu corpo entra em erupção. O gosto do seu beijo é melhor do que qualquer outro que já tenha provado. As suas mãos sobem para o meu pescoço e, quando menos espero, Alessia me dá uma cabeçada. Cambaleio para trás, gemendo de dor. A danada se aproveita do meu descuido e acerta um chute nas minhas partes baixas.
— Isso é para aprender a nunca mais tocar uma mulher sem autorização, seu Duque de merda!! — Ela grita e se vai, me deixando curvado no meio da grama, gemendo de dor.
— Você me paga, maldita colombiana!



Voltei para o casarão meio cambaleando, com as bolas latejando de dor. Ao entrar na sala, dou de cara com Pablo, que desce as escadas nervoso.
— O que aconteceu? — Pergunto de uma vez.
— A garota está desacordada lá em cima, um médico a está examinando. Ela passou a tarde na plantação, está trabalhando como escrava nessa fazenda; desde que chegou não teve um dia de descanso.
Ouço trêmulo o que ele diz e me enfureço com o que Hector está fazendo.
— Eu vou falar com ele, mas Hector está cego pelo ódio e pela sede de vingança! Eu não reconheço meu amigo, não quando Liana está por perto. — Falo apreensivo. — De qualquer forma, vou falar com ele. Ela não é uma escrava; é um ser humano, e até mesmo na prisão ela tinha mais direitos que nessa fazenda.
— Eu vou investigar o passado da garota, ainda não estou satisfeito com a investigação que foi feita. Antes de conhecê-la, poderia acreditar no

que a promotoria disse, mas, vendo-a aqui na fazenda, é difícil acreditar que ela pode um dia ter sido uma bêbada imprudente.

— Faça isso, investigue mais a fundo. Eu também tenho minhas dúvidas. E tomara que você encontre algo, que não seja tarde demais para a garota.

Pablo sai, me deixando sozinho na sala. Espero o médico sair e então eu entro no quarto dele sem bater. Encontro Hector sentado em uma poltrona de couro olhando para a menina desacordada.

— Preciso falar com você, é importante. Se não quiser que ela acorde e ouça o que tenho a falar, é melhor vir comigo até o escritório.

Hector me olha confuso, mas me acompanha em direção ao escritório. Ouço a porta fechar atrás de mim e o surpreendo com um soco no estômago.

— Você está louco, seu imbecil?! — Grita curvado de dor.

— Isso é pela garota. O que pensa que está fazendo, Hector? — Questiono cansado.

— Me vingando. Tudo faz parte do meu plano. Ela precisa pagar pelo que ela fez, quero ver ela sofrendo, agonizando nessa fazenda, se sentindo humilhada, derrotada, para enfim tirar a única coisa que lhe resta, sua vida.

— Pois então você deve estar feliz, já que a está matando de exaustão. — Falo inconformado,

— Não é possível que esteja tomando as dores dessa assassina! Melissa era sua amiga.

— Eu sei, porra! Eu sei. Acha que não sinto falta dela? Acha que não sei o quanto deve ser difícil pra você?

— Pelo visto, não. — Diz ele amargamente.

— Hector, você não vê que essa vingança está te destruindo? Você está se transformando em alguém que não conheço. Mandá-la trabalhar no sol o dia todo até a garota desmaiar de exaustão. — Falo nervoso. — Você só dá as piores tarefas a ela, e o pior, sem descanso. Isso é desumano, Hector, e você não é assim!

— Você não entende! Ela não cede, ela não sofre, não desmorona; nada que eu faça parece atingi-la.

— Desista dessa vingança enquanto é tempo. Deixe a garota em paz, você já viu o quanto ela estava miserável, morando até em um abrigo. Já não é bastante para você? Ela ficou presa por quatro anos.

— Foram apenas quatro anos; Melissa perdeu uma vida inteira. Você

não entende, ninguém vai entender a profundidade da minha dor.

— Ela não é uma escrava, Hector! A moça só tem vinte e um anos, estamos no século vinte e um, e ela tem trabalhado mais do que qualquer um nessa fazenda!

— Eu a odeio! — Fala cego de ódio.

— Eu sei, mas ela não é um bicho de estimação. Você não pode continuar agindo dessa forma, pois ela vai acabar indo embora. Os funcionários já estão começando a comentar sobre a menina que trabalha feito um burro de carga.

— Eu não quero machucá-la, não assim.

— Isso está se tornando uma obsessão, não era isso que Melissa ia querer para você.

— Não fale de Melissa! — Diz ele, indo até o bar do escritório e enchendo um copo com uísque.

— Pensei que ia conseguir colocar juízo na sua cabeça vindo pra cá, mas vejo que está cego. Vou deixar uma coisa clara, Majestade, você pode ser o rei da Espanha, mas esta fazenda é minha, e Liana não vai mais fazer os serviços pesados de um peão. Se ainda deseja se vingar, comece a ser mais criativo.

Liana

— Lia e Liz, queridas, tem um casal querendo adotar uma menina mais velha. Eles virão amanhã para conhecer vocês duas — diz a tia Nice.

— Tudo bem, tia, mas a senhora sabe que já não me importo mais de ser ou não adotada, eu gosto daqui gosto, gosto de vocês, dos bebês e da escola. — Digo sendo sincera.

— Você está louca, Liana? Tudo que eu mais quero é sair de aqui e ter uma vida boa. Poder ir às compras, ao cinema, viajar e conhecer o mundo — diz Liz toda empolgada, com os olhos brilhando de animação.

— Eu sei, Liz, é por isso que vou orar muito para que essa família goste de você, e você seja adotada, mesmo sabendo que sentirei muito sua falta se

você se for.

No dia seguinte, estávamos as duas vestindo nossas melhores roupas, de pé, esperando pelo casal Luíza e Miguel Castela. Quando os dois entraram e olharam para nós duas, nos analisando cuidadosamente, eu segurei a mão da Liz, sabendo que ela estava nervosa.

— Essas são as meninas que falei a vocês. Esta é Liana, de sete anos, e esta é Elisabeth, com seis.

— Olá, meninas, eu me chamo Luíza, e gostaria muito de poder conhecer as duas melhor.

Não sei o que houve naquele momento, mas algo dentro da senhora de cabelos loiros e olhos verdes mexeu comigo, me dizendo que podia confiar nela. Nós duas tivemos um tempo a sós com os dois. Depois daquela tarde, a senhora Castela vinha sempre ao orfanato brincar com a gente e, em uma dessas tardes, descobri que ela era juíza e seu marido, um cardiologista. Eu gostava muito dela, mas confesso que tinha medo pela minha amiga. Todas as vezes que Luíza e Miguel vinham nos ver, ela criava esperanças de que eles tinham vindo buscá-la e, quando isso não acontecia, ela chorava muito. Na manhã de uma quarta-feira chuvosa, fui chamada até a sala da madre, e Liz estava tão ansiosa que me acompanhou até lá, segurando a minha mão, como amigas unidas. Chegando à sala, estranhei quando a senhora Castela chegou junto com o marido, pois ela nunca vinha no período da manhã.

— Liana, querida, a senhora Castela tem algo a lhe dizer — diz a tia Nice.

— Meu anjo, eu vim te buscar, meu amor. Você agora será nossa filha!
— Ela disse emocionada.

Senti um choque tão grande que não tive reação. Foi Liz que me fez reagir, quando soltou minha mão e subiu as escadas com pressa. Eu não conseguia dizer nada, ainda estava paralisada com a notícia, quando senti os braços da senhora Luíza ao meu redor, e do senhor Miguel, ambos emocionados.



Acordo assustada com mais um pesadelo, a luz do sol entra brilhante

pela janela. Sento-me na cama atordoada e sinto um gosto amargo na boca; olho ao redor e me espanto ao perceber que estou no quarto do senhor Hector. Então, um filme vai se passando na minha cabeça... A plantação, Alessia, e o senhor Cartier brigando comigo. Noto que o senhor Cartier está dormindo na poltrona em frente à cama e, como num *déjà-vu*, me lembro do dia em que nos conhecemos e da maneira atenciosa que ele cuidou de mim. Tento fazer o mínimo de barulho possível para me levantar da cama, o que não dá certo, pois acabo tropeçando no tapete e o acordo.

— Onde você pensa que vai? — Pergunta ele já do meu lado e eu me desequilibro de fraqueza; e ele me ajuda a sentar.

— Desculpe, eu não deveria estar aqui, vou para o meu quarto.

— Você precisa descansar, o médico disse que você desmaiou de exaustão.

— Médico? — *Mas que médico?*

— Nós chamamos um médico aqui, que a examinou enquanto você estava desacordada. O doutor Guzmán disse que você precisa de descanso e de uma boa alimentação. Você está muita magra, está parecendo doente. — Diz ele olhando para o meu corpo.

Eu engulo em seco, envergonhada.

— Desculpa. Eu fico tão perdida no trabalho que acabo esquecendo de me alimentar. — Falo abaixando o olhar.

— Por que se desculpa tanto? O que você fez, Liana? Eu ouço tanto você se desculpar, que sinto que está pedindo desculpas por outras coisas. — diz ele me tirando o fôlego.

— Eu... Eu...

— Não diga nada. Deite e descanse; eu vou buscar algo para você comer.

Olho para ele muito confusa e atordoada com seu comportamento, pois é como se eu estivesse com o Hector que conheci novamente. Ele muda de humor tão rápido que me pergunto se ele tem algum tipo de transtorno de bipolaridade. Eu não deveria estar aqui nesse quarto. Depois ele vai dizer que eu estou abusando da generosidade dele.

Não demora muito para o senhor Cartier voltar com uma bandeja de prata nas mãos. Me pergunto quem terá feito essa sopa. *Será que foi ele?* Rio de mim mesma, é óbvio que não. Hector se aproxima e coloca a bandeja sobre meu colo.

— Espero que goste da sopa, foi Hildy que fez.

— Hildy? — Pergunto confusa.

— Ela é a cozinheira do anexo dos seguranças.

Decido não comentar nada, apenas pego a colher e vou tomando a sopa que, além de ter um aroma ótimo, está uma delícia. Sinto seus olhos observando cada gesto meu. E quando termino, ele me entrega um copo de suco de laranja e um comprimido.

— O doutor indicou para você, vai ajudar com a dor no corpo. — Diz ele prestativo.

Bebo tudo sem questionar e, após engolir o remédio, acabo não segurando minha língua.

— Por que está me tratando assim? — Pergunto de uma vez, antes que perca a coragem.

Hector olha para mim e parece pensar, embora eu nunca consiga imaginar o que se passa em sua cabeça.

— Eu sei que não tenho sido justo com você, Liana. Acabei descontando em você todos os meus problemas pessoais, te tratei de maneira injusta.

Olho para ele tão chocada que me pergunto se esse é mesmo Hector Cartier ou se foi abduzido.

— Eu não sei lidar com o que venho sentindo e acabei te machucando — diz sentando-se na cama e olhando dentro dos meus olhos. — Não sei explicar, mas... eu acho que estou começando a gostar de você. — Diz ele tenso, com a voz até trêmula.

Eu não aguento, começo a rir e quase engasgo, porém o olhar sério de Hector me faz colocar as mãos no rosto e me conter.

— Tudo bem, sei que é difícil acreditar em mim, mas é verdade. Liana, eu gosto de você, e quero que me perdoe pela forma que a tratei desde que chegamos aqui.

— Bem, senhor Cartier, eu não sei o que aconteceu enquanto eu estive desacordada, mas o senhor não parece estar bem... — Falo preocupada.

— Eu estou ótimo, Liana. Na verdade, melhor do que nunca. E vou provar que estou sendo sincero. Você me encantou desde que a vi naquele beco. Nunca senti isso. Não soube lidar com meus sentimentos e acabei a tratando mal, a magoei, mas prometo reparar meus erros de agora em diante.

— Diz ele pegando minhas mãos e eu me assusto com a eletricidade que

passa por elas.

— Senhor Cartier...

— Me chame de Hector, Liana.

— Acho que isso não vai ficar bem, eu sou sua funcionária nessa fazenda. — Falo de forma insistente enquanto ele faz um carinho em minhas mãos, o que me deixa atordoada. — Como eu estava dizendo, senhor... Quer dizer, Hector. Eu não acredito que de uma hora para outra o senhor descobriu que gosta de mim e, mesmo que isso seja verdade, estou aqui para trabalhar e não para ter um caso com o patrão. Se pensa que sou esse tipo de mulher, sinto muito lhe dizer que está muito enganado. Sei bem o meu lugar, e não é junto ao senhor. — Faço uma breve pausa e penso melhor, não querendo soar indelicada ou mal-agraçada.

— Eu agradeço muito por ter mandado chamar um médico e por ter cuidado de mim; peço que desconte do meu salário os gastos que teve. E, bem, como agora estou me sentindo melhor, vou tomar um banho e voltar para os meus afazeres. Mais uma vez, obrigada por tudo. — Falo me levantando e deixando um Hector estarecido para trás. Fecho a porta e vou embora correndo como se estivesse fugindo do diabo.

— E que diabo! — Falo para mim mesma.



CAPÍTULO 8



FOGUEIRA

DA TENTAÇÃO

"Quando tudo que você ama é roubado de você, as vezes só nos resta é vingança."

Liana

Olhava para as bonecas no meu quarto e não conseguia ficar feliz, mesmo sendo diariamente rodeada de amor e carinho. Papai e mamãe, há um ano e dois meses, têm feito de tudo para me adaptar, e me tratam com muito amor. Estudo em uma boa escola, onde faço até aulas de balé; papai me busca todas as tardes e mamãe me leva para ter aulas de piano e inglês. Aos fins de semana, vamos todos para o haras; estou cada dia mais apaixonada pelos cavalos do papai.

— Filha, por que essa carinha triste? — diz mamãe entrando no meu

quarto.

— Sinto falta da Liz, mamãe. Amanhã é Natal e ela não está aqui. Este ano não vamos trocar cartões de Natal. Ela deve estar triste lá sem mim.

— Eu não sabia que vocês eram tão ligadas. Não imaginei que ficaria tão abatida pela falta dela. — Diz mamãe pensativa.

— Mamãe, será que a gente poderia ir ver a Liz e levar uma boneca para ela?

— Claro, meu amor, eu vou conversar com seu pai enquanto você se arruma. Podemos passar numa loja e comprar um cartão bem bonito para sua amiga, e uma linda boneca. — Diz mamãe, querendo me animar, e depois me dá um beijo terno no rosto.

Naquele mesmo dia, dentro do carro, após termos saído do orfanato, fiquei triste porque Liz estava chateada comigo. Nada que eu fizesse a animava.

— Liana, meu amor, você sabe que nós te amamos, não é? — diz mamãe, do banco da frente.

— Sim, mamãe, eu também amo a senhora e o meu pai. — Digo com um sorriso fraco.

— Eu quero ver você feliz, meu anjinho. Assim que a vi pela primeira vez, eu sabia que você era minha. Você pode não ter nascido de mim, mas meu coração a escolheu como minha filha. — Diz emocionada.

— O que a sua mãe está tentando dizer, é que nós estamos pensando em adotar a Liz para que você não se sinta sozinha e não fique mais triste pela casa.

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu não consigo dizer nada, meu coração parece que vai explodir. Liz seria minha irmã; ela teria uma família assim como eu...



— Acorda, Liana! Parece que estava em outro lugar desde que falei da minha irmã — diz Alessia, me tirando de mais uma lembrança do passado; não bastassem as noites cheias de pesadelos, agora divago durante o dia.

— Desculpa, Alessia. O que estava falando?

— Você estava dormindo acordada mesmo, hein? Eu estava dizendo

que preciso mandar dinheiro para a minha irmã, ela estuda em um internato na Colômbia.

— Eu imagino como deve ter sido difícil para você, sozinha, ter que cuidar dela.

— Não é nada fácil, e para piorar, o maldito do nosso pai, depois da morte da nossa mãe, decidiu me mostrar que tipo de monstro ele é...



— Meu Deus, não acredito que ele fez isso com a própria filha! — digo chocada com a história que ela acabou de me contar.

— Pois é! Mas Deus me deu dois braços fortes e uma voz boa, e isso me ajuda a lutar. Esse emprego na Espanha me salvou de ter que virar uma stripper, e de quebra ainda ganho um extra cantando no bar sextas à noite.

— *¡Buenas tardes, chicas!* O que estão fazendo? — Pergunta Afonso, chegando ao jardim dos fundos, onde eu e Alessia estendíamos roupas no varal. Hoje ela teve um tempinho de folga e veio ver como eu estava; e aproveitou para me ajudar.

— Se não está vendo, estamos trabalhando, e você está atrapalhando! — Diz grosseiramente e eu olho para ela chocada.

— Desculpe, senhor Afonso — falo envergonhada pela atitude de minha amiga.

— Liana, querida, Hector está te procurando. Disse que precisa falar com você — diz ele ainda com os olhos em Alessia. Não sei o que aconteceu entre esses dois, mas há uma forte tensão sexual entre eles.

— Eu vou lá, Alessia, nos falamos à noite, n+a fogueira.

Despeço-me de Afonso e caminho até a entrada dos fundos do casarão; deixo o balde e o resto das roupas na lavanderia, e sigo para a sala, onde imagino que meu patrão deve estar. Depois da estranha conversa com Hector, meu patrão infernal se transformou em outra pessoa, e as coisas na fazenda mudaram drasticamente. Contratou uma senhora para me ajudar na limpeza da casa e parou de reclamar da minha comida, o que é um alívio. Faz questão que eu descanse após terminar o almoço. Mandou Pablo me levar à cidade para fazer alguns exames médicos e visitar o doutor Guzmán, o mesmo que me atendeu aqui na fazenda. Até um quarto novo eu recebi, um dos quartos

de hóspede, no andar de cima.

— Senhor, mandou me chamar? — falo assim que o vejo colocando suas botas de montaria.

— Sim, Liana, quero te levar para conhecer um lugar. — diz ele sorrindo e eu quase perco o fôlego.

É difícil me acostumar com seus sorrisos e com a maneira doce que ele fala meu nome. É literalmente como se fosse outra pessoa aqui na minha frente.

— Mas, patrão, eu ainda tenho muito serviço para fazer — falo constrangida com seu olhar intenso.

— Não se preocupe com isso. Dolores dará conta do que ficou pendente, assim você pode vir comigo. — Diz puxando meu braço para fora da sala.

Caminho ao lado dele me sentindo atordoada com a proximidade com que estamos. Hector me leva ao estábulo da fazenda e fico encantada quando vejo os belos animais.

— Uau, eles são lindos. Esse é um andaluz? — Pergunto encantada com o cavalo negro.

— Não sabia que conhecia cavalos de raças.

— Meu pai tinha um haras, ele costumava levar a família lá nos fins de semana e nas nossas férias. Eu amava aquele lugar. — Digo fechando os olhos para não chorar com as belas lembranças.

— Você nunca fala sobre seus pais, Liana, é sempre tão reservada.

— Meus pais estão mortos e é tudo que tenho a dizer. — Falo cortando o assunto.

— Certo, então vamos dar uma volta. Presumo que saiba montar? — Pergunta ele olhando para mim em expectativa.

— Sim, faz bastante tempo que não monto, posso estar um pouco enferrujada.

— Vou pedir para o Ramón trazer uma égua mansa, assim você ficará mais à vontade.



O vento balança meus cabelos enquanto cavalgo feliz, como uma

criança que ganhou um presente. Hector me acompanhava de perto, mas volta e meia eu corria, o deixando para trás em meio a gargalhadas. Aos poucos, fomos chegando a uma clareira e pude ouvir o som de água caindo. Desmontei do cavalo e o ajudei a amarrar os dois em uma bela macieira. Olhei ao redor embasbacada com tanta beleza. Estávamos de frente a uma cachoeira linda de águas límpidas, cercados por uma grama verde e macia por todos os lados.

— Esse lugar é incrível. — Falo encantada.

— Eu sabia que ia gostar, pensei em fazermos um piquenique aqui em frente à cachoeira, o que acha? — Pergunta ele sorrindo enquanto pega uma cesta.

— Senhor, não sei se fica bem eu aqui sozinha com o senhor. Você é meu patrão, eu sou a empregada da sua casa; o que os outros vão pensar?

— Não me importo com que os outros pensam, Liana, e você deveria fazer o mesmo. Já lhe disse que gosto de você, mas você foge de mim como o diabo foge da cruz, e não me dá uma chance.

— Senhor, eu...

— Me chame de Hector, Liana, não gosto quando me chama de senhor, quero que me chame pelo meu nome.

— Tudo bem, Hector — falo enquanto o ajudo a estender a toalha no chão.

Observo que ele trouxe frutas, doces e bolos, e acho estranho, pois nada disso fui eu quem preparei.

— Onde conseguiu tanta comida?

— Comprei em uma confeitaria hoje de manhã, pois acordei decidido a ter um momento a sós com você. — Fala colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e eu não consigo não ficar arrepiada.

— Hum, esse bolo está uma delícia — falo enfiando um grande pedaço de bolo de chocolate na boca, tentando disfarçar minha vergonha.

— Eu quero um pedaço. — Fala ele brincalhão, tentando roubar meu bolo.

Hector abre uma garrafa de vinho e serve para ele, porém, antes que ele sirva para mim, eu o impeço.

— Eu não bebo — digo terminando meu bolo.

— Ah, não acredito nisso. Liana, você não bebe?! — diz ele me olhando estranho.

— Não, nunca gostei de bebidas alcoólicas, prefiro um suco — falo

pegando uma garrafa de suco de uva integral.

Hector guarda o vinho e olha para mim como se estivesse tentando analisar se estou mentindo.

— Você é jovem, aposto que deve ter tido uma fase rebelde, em que aproveitou muito as bebidas. Todos nós já passamos por isso.

— Eu não. — Digo sem entender por que ele insiste nesse assunto.

— Certo, já que você não vai beber, eu vou te acompanhar no suco de uva — diz ele sorrindo, mas o sorriso não acompanha seu olhar.

Hector começa a falar sobre sua família; me conta que tem quatro irmãos: duas mulheres e dois homens. Também me contou que é o mais velho, e que tanto Alice quanto Guilherme são filhos de outras relações de seus pais.

— Não acredito que sua irmã foi para a África atrás do marido. — Falo rindo.

— Você fica linda quando sorri, Liana, deveria fazer isso mais vezes. — Diz se aproximando de mim, olhando-me de forma intensa, fazendo com que eu me sinta uma presa; ele é como um lobo pronto para o ataque.

Suas mãos vão para minha nuca e, quando dou por mim, seus lábios estão colados aos meus e, num momento de insensatez, de pura loucura, eu correspondo loucamente.

Sua boca devora cada canto da minha é como se ele quisesse degustar cada pedacinho meu. Meu corpo se torna lava e eu já não raciocino mais. Sinto meu corpo sendo inclinado sobre a toalha e puxo seus cabelos macios, aprofundando nosso beijo. Hector geme e morde meus lábios. Quando já não temos fôlego, ele começa a descer sua boca pelo meu pescoço, indo em direção aos meus seios. Dos meus lábios saem gemidos de puro prazer; estou sentindo com ele coisas que nunca imaginei sentir.

— Você é deliciosa, Liana. — Diz ele com a voz rouca de desejo e eu acordo do transe em que me encontrava. Dou-me conta da besteira que estava fazendo e, me afastando dele, arrumo minha blusa.

— Isso não deveria ter acontecido! Eu não sei o que deu em mim, meu Deus! — Falo horrorizada.

Hector sorri com meu desespero.

— Não negue que quis tanto quanto eu, Liana. Eu quero você, por que não me dá uma chance?

— É melhor irmos embora, já está ficando tarde e eu preciso preparar o jantar.

— Tudo bem, mas só vou porque estou louco para descobrir o que vai preparar para mim essa noite. Não pense que desisti de você. Só vou parar de lutar quando estiver apaixonada por mim. — Diz ele com um olhar enigmático.

Se ele soubesse que eu já estou me apaixonando... — Penso comigo mesma.

Hector

Entro no meu quarto e vou direto para o chuveiro, tomar um banho gelado para tirar esse maldito cheiro de mim. Minhas mãos estão formigando, apenas por tê-la tocado. Não tem como não me sentir enojado com o que estou fazendo. Se ela soubesse o quanto a detesto, o quanto a odeio, o quanto me esforço para poder estar perto dessa maldita.

Esfrego meu corpo com raiva, é como se seu cheiro estivesse impregnado em mim. Termino meu banho, e repito como um mantra que tudo que estou fazendo é apenas para destruí-la. Liana precisa pagar pelo que fez, nem que para isso eu tenha que arrancar seu coração do peito.

Me visto rapidamente e desço as escadas em direção ao escritório, que vem sendo meu refúgio, o único lugar que não está contaminado com a presença dela.

— Senhor, preciso falar um minuto com o senhor. — Diz Pablo me parando assim que chego à sala.

— Claro, vamos para o meu escritório. — Digo indicando a porta, e assim que entro encho um copo com uísque e tento relaxar. — Então, Pablo, o que quer falar comigo? — Pergunto indo direto ao ponto. Há dias percebo que Pablo anda me escondendo algo, ele está estranho.

— Preciso me ausentar por um tempo, pois minha presença é necessária na capital. São assuntos pessoais, Luciene precisa de mim em um assunto urgente.

— Você sabe que é o chefe da segurança, não pode abandonar o seu posto assim.

— Não estaria pedindo para me afastar se não fosse realmente importante. Deixarei Henry no meu lugar, ele é de minha total confiança. — Diz me olhando seriamente.

— Quanto tempo vai ficar fora? — Questiono já irritado, era só o que me faltava.

— Creio que em um mês eu resolva tudo. Estou indo resolver algo importante, já deixei na mão de outras pessoas antes, mas quando quero o serviço bem feito, eu mesmo tenho que fazer.

— Você está liberado, Pablo, mas saiba que não estou satisfeito com essa licença forçada. — Falo incomodado.

— Aposto que ainda vai me agradecer por estar indo, Majestade. — Diz saindo da minha sala, me deixando pensativo.

Às vezes eu sinto que o peso do mundo está sobre minhas costas. Encho o copo mais uma vez e vou para a varanda do escritório. Um vento forte balança as cortinas. A noite está bonita, a lua está cheia e o céu cheio de estrelas.

— Me pergunto se uma dessas estrelas é você, Melissa... Sinto tanto sua falta, meu amor — digo ao vento, em busca de uma resposta, e como sempre tudo que sinto é um vazio.

Decido ir atrás da minha presa antes que eu acabe enchendo a cara nesse escritório. Ao chegar à cozinha, encontro Liana rindo de algo que Dolores lhe diz; ela parece feliz. Há um brilho em seus olhos que não havia antes, o que me deixa animado; talvez meu plano esteja dando certo e ela já esteja apaixonada.

— Senhor Cartier, não sabia que estava aí — diz ela envergonhada, assim que me vê.

— Na verdade, eu vim seguindo o cheiro bom, lá do escritório.

— Estou preparando *chili con carne*; na verdade, já está pronto, só preciso colocar a mesa — diz ela desligando o fogo.

— Liana, minha flor, eu já vou; ainda tenho que preparar o jantar do meu neto — diz a senhora que contratei para ajudar Liana com os afazeres da casa.

— Claro, Dolores, pode deixar que eu tomo conta de tudo aqui. — Sorri docemente.

Espero pacientemente ela colocar a mesa e, quando vejo que colocou dois lugares, me lembro que Afonso foi à cidade e que estou sozinho com ela.

— Você já jantou, Liana? — Perguntou como quem não quer nada.

— Não, ainda não. — Diz ela colocando o vinho na mesa.

— Então senta aqui e janta comigo, me faça companhia. Afonso foi à cidade e não vai jantar aqui hoje.

— Não acho uma boa ideia, senhor. Não pega bem comer junto com sua funcionária.

— Liana, você sabe muito bem o que eu sinto. Por favor, sei que ainda é muito cedo para você, mas quero me aproximar, quero estar perto de você.

— Eu não sei o que dizer, senhor, mas... — Ela olha para mim se fingindo de inocente. — Estou sem fome, geralmente eu janto bem mais tarde.

— Ok, não vou insistir. Mas espero que em breve você se sente ao meu lado, para comermos uma refeição tranquila, como um casal. — Digo manipulando suas emoções.

— Casal — ela fala horrorizada.

Como se eu não soubesse que ela está doida para cair na minha cama. Bobinha, acha que com essa carinha de ingênua tem qualquer um em suas mãos. Mas ela não sabe com quem está lidando...

Após jantar, continuo à mesa tomando o bom vinho da fazenda, até a garrafa estar vazia. Enquanto aprecio minha bebida, vou pensando em como Liana mente bem... Ela veio com aquele papo de que não bebe, como se eu fosse acreditar! Além do mais, ela não tem nenhum familiar. Ninguém que esteja procurando por ela, ou que a tenha visitado na prisão. Sem família, sem amigos... Quem é você, Liana Castela? Não se parece em nada com a mulher ardilosa que imaginei. Deus, eu só posso estar enlouquecendo! O que eu estou pensando? É claro que ela é um monstro, uma vagabunda; aquela bêbada que atropelou e matou uma pessoa inocente. Passando pela sala de estar, encontro com Afonso, que já tomou banho e parece estar de saída.

— Mal chegou e já vai sair, Afonso?

— Vai ter uma fogueira perto do lago e Alessia vai cantar. Sabe como é, roda de viola, vinho, alguns petiscos. Você não quer ir? Vai tá todo mundo lá, até a Liana.

Quando ele diz isso, uma fúria se apodera de mim.

— Como é que é? Eu não dei permissão para que ela fosse a festa nenhuma.

— Não é nenhuma festa, seu idiota. Os funcionários da fazenda sempre fazem fogueira. Deixa de ser quadrado; não foi você mesmo que disse que quer se aproximar da morena? Se chegar lá com sete pedras na mão, isso não

dará certo.

— Você tem razão, é melhor eu te acompanhar, assim, talvez, eu possa conquistá-la — falo passando a mão no queixo, nervoso. — Você tem certeza que os funcionários não vão me reconhecer?

— Fica tranquilo, cara, são todos estrangeiros. E se tiverem alguma dúvida, nós dizemos que apenas se parece com o rei, ninguém irá questionar.

— Certo, então me espera que vou trocar de camisa. — Falo já subindo as escadas de dois em dois degraus. Arrumo-me rápido e parto junto com Afonso em direção ao lago. Assim que chegamos lá, não consigo deixar de notar que os funcionários olham para nós dois achando estranho o padrão, que eles pensam ser eu, no meio deles.

— Desculpa atrapalhar a cantoria, mas eu e meu amigo viemos aproveitar a fogueira com vocês. — Diz Afonso simpático. O capataz da fazenda nos entrega uma cerveja e o violão volta a tocar.

Liana está linda vestindo uma calça jeans justa e um body verde colado no corpo. Seus cachos estão soltos, o que é raro, pois nunca vejo seus cabelos soltos, ela sempre os mantém em um coque discreto. Reparo que ela fica bonita assim.

Liana sorri para Alessia, e as duas dançam, ignorando totalmente nossa chegada.

— Boa noite, meninas. — Falo assim que nos aproximamos. Liana se assusta com a minha voz e se vira. Alessia revira os olhos assim que vê Afonso; agora entendo por que meu amigo está tão encantado com a colombiana, ela é realmente muito linda.

— Vai cantar para a gente hoje, Alessia?

— Talvez, mas isso não é da sua conta. — Diz ela enfrentando-o, se ela soubesse que isso apenas a torna um desafio maior para o meu amigo...

— Alessia, você disse que ia se comportar hoje. — Fala Liana repreendendo-a.

— Você tem razão, mas esse idiota me tira do sério. — Fala ela olhando para as unhas.

— Liana, você está muito bonita, deveria usar os cabelos soltos mais vezes. — Falo focado no meu plano.

— Obrigada, senhor. — Diz envergonhada.

— Já disse que me chame de Hector — a repreendo.

— Alessia, estão te chamando, é a sua vez de cantar. — diz um dos peões da fazenda, cujo nome não me lembro.

— Claro, Will, já estou indo — diz Alessia sorrindo para ele, e vejo meu amigo bufar.

Nos sentamos em troncos de árvores caídos e aproveito para ficar bem perto de Liana.

Alessia vai ao centro da roda e olha para todos sorrindo, menos para meu amigo. Ela fala algo para Will, que sorri e começa uma batida de reggaeton lento. Eles começam a tocar a música *Besarte Mucho*, de Lali.

— Dança comigo? — sussurro no ouvido de Liana, que se arrepia assim que toco seu ombro.

— Eu não sei dançar — diz ela se fazendo de tímida, eu me controlo para não revirar os olhos.

— Eu te ensino — digo ficando de pé em sua frente e estendendo a mão. Ela, relutante, aceita, e seguimos para onde outros casais dançam.

Grudo seu corpo ao meu e vejo sua respiração ficar alterada. Começamos a dançar colados um ao outro, de maneira sensual. Liana me segue como uma perfeita bailarina, seu corpo se molda ao meu durante o refrão, seus cabelos balançam ao som da música. Giro-a para em seguida curvar seu corpo para trás e então a beijar. Minha boca devora a sua. Seu beijo é doce e inexperiente, posso sentir seu corpo tremendo em meus braços. Minhas mãos vão parar em suas costas, puxando-a ainda mais para mim. Nossas línguas duelam uma com a outra; Liana geme em meus braços e, mesmo não querendo, meu corpo corresponde ao som do seu gemido. Fico duro feito rocha apenas por beijá-la. Uma maldita assassina que provavelmente pensa que pode me manipular com seus beijos doces.



CAPÍTULO 9

TEMPESTADE DE MENTIRAS

"Quem não compreende um olhar, tampouco compreenderá uma longa explicação."

Liana

Mal posso acreditar que Hector me beijou na frente de toda a fazenda, não esperava que ele fizesse isso. As palavras de Alessia voltaram à minha mente: “Homens como Hector e Afonso só querem usar garotas como nós”. Mas, se ele me beijou na frente de todos...

— Aceita uma limonada? — diz Hector me oferecendo um copo.

— Sim, obrigada.

— Você fica linda quando cora assim, sabia, Lia? — Fala sentando ao meu lado.

— Alessia canta bem, não acha? — Pergunto, ainda sem saber como lidar com a proximidade dele.

— Acho que Afonso sofre do mesmo mal que eu. — Diz olhando para o amigo, que parece encantado com minha amiga, que ainda canta, agora uma música lenta.

— Mal? — Questiono confusa.

— Estar apaixonado por alguém que não corresponde o sentimento. — Diz olhando-me com uma intensidade que me deixa sem fôlego.

— Senhor Cartier...

— Hector, Liana. Já disse para me chamar pelo meu nome.

— Hector, eu estou confusa, nós mal nos conhecemos, e bem, quando cheguei aqui você não me tratava exatamente bem. — Digo com sinceridade. — E eu não sei se estou pronta para deixar alguém entrar na minha vida. Tenho alguns traumas que ainda não foram curados. A carga que carrego é pesada demais para sobrar tempo para namoro.

— Eu não me importo com seu passado, Liana. — Fala com a voz meio trêmula; acho que de nervoso. — O que importa é seu futuro ao meu lado. Eu quero você para mim; me dê essa chance, vamos nos conhecer melhor. — Toca meu rosto, fazendo um carinho.

Olho para ele confusa, sem saber se posso ou não arriscar. O meu coração clama por um pinga de felicidade, de amor, e então decido ser corajosa e me arriscar.

— Tudo bem. Não sei se isso é certo, mas também não posso negar que sinto algo muito forte quando estou com você.

Sorrio para ele, mas na verdade tenho medo; medo de que acabe saindo quebrada desse romance. Mas é tarde demais para voltar atrás, já estou loucamente apaixonada por ele, mesmo sabendo que é perigoso e arriscado tentar viver esse amor.

— Você me faz tão feliz, querida — diz e me beija novamente.

O resto da noite passou em meio a beijos e carícias. Não conseguia conter o sorriso enorme em meu rosto, sempre que Hector olhava para mim. Ele parece um príncipe encantado, ainda não consigo entender o que ele viu em mim. Alessia foi embora para sua casa, irritada com Afonso, que acabou bebendo demais e fazendo escândalo, quando um dos peões da fazenda quis dançar com ela. Já era quase madrugada quando decidimos vir embora, e ajudei Hector a trazer para casa um Afonso embriagado. O levamos para seu quarto; ele estava tão bêbado que desmaiou.

— Eu vou para o meu quarto. — Aviso assim que a porta do quarto de Afonso se fecha.

— Espera. Você não me deu meu beijo de boa noite. — Diz ele com um sorriso malicioso.

Me aproximo dele e dou um beijo casto em seus lábios, totalmente encantada com esse sentimento que vem crescendo dentro de mim.

— Não é bem esse tipo de beijo que eu tô querendo, Liana — diz ele colando seu corpo ao meu, enquanto sua boca devora cada pedacinho da minha. — Vem para o meu quarto comigo, Liana, vamos nos amar a noite toda? — Implora perdido, enquanto distribui beijos por todo meu rosto, pescoço, colo. Um sinal de alerta se acende dentro de mim e dou um passo atrás, assustada com a rapidez com que as coisas estão caminhando.

— O que houve, Liana? Você não me quer, não me deseja? — Pergunta confuso, um tanto decepcionado.

— Me perdoa... Eu sei que pode parecer infantil ou até bobo para você, mas.... Eu não posso... Não posso. — Falo gaguejando, me segurando para não chorar.

— Eu não entendo, Liana; eu sinto que me quer, eu a sinto estremecer em meus braços. O que te prende?

— Eu não posso, Hector, eu o desejo intensamente, mas preciso ter certeza que o que temos é sério. Preciso realmente confiar que não sou apenas mais uma em sua cama; que o que diz sentir é verdadeiro.

Noto que ele fica pálido e seu rosto se transforma em uma máscara de frieza.

— Tudo bem, Liana, eu entendo que não confie em mim ainda. Eu prometo que vou provar a você que o que sinto é verdadeiro e que não estou brincando com seus sentimentos.

— Ele diz com firmeza, mas não posso ver essa mesma clareza em seus olhos. Meu pai sempre dizia que os olhos são os espelhos da alma, e os olhos de Hector sempre me deixam confusa; é como se ele carregasse um grande conflito dentro de si. Sua boca me diz uma coisa, mas seus olhos dizem outra.

— Obrigada por ser tão compreensivo paciente — falo ignorando minha consciência. Toco seu rosto e vejo seu corpo se arrepiar, dou-lhe um beijo delicado e me afasto. — Boa noite, meu príncipe. — Me despeço.

— Boa noite, Liana Castela. — Diz entrando em seu quarto.

Com o coração mais leve, caminho em direção ao meu quarto. Tomo um banho frio, mas meu corpo está quente apenas ao lembrar do seu toque

em mim.

— Deus, eu estou apaixonada. — Digo olhando para mim mesma no espelho do meu novo quarto. *Eu o quero tanto*. Mas, o medo de que meu passado venha à tona e tudo se destrua à minha volta, me faz perder, mais uma vez, a felicidade.

Hector

Depois da noite na fogueira, as coisas entre mim e Liana parecem ter evoluído, entretanto, ainda tenho que respirar fundo para estar perto dela; tocá-la é como uma tortura. Mas me apego ao ódio, ao desprezo e à minha vingança, para não a deixar perceber o nojo que sinto. O tempo está passando rápido demais e em alguns meses terei que voltar à capital. Preciso colocar uma pedra nessa história; a justiça tem que ser feita, ela precisa pagar caro por todo o mal que me fez.

— Hector, desculpa te incomodar — Diz ela entrando no meu escritório.

— Você não me incomoda, querida. — Falo engolindo o desprezo que sinto e me aproximando dela.

Liana sorri um sorriso doce, quem não a conhece até se convence que ela é um anjo, com esse sorriso tímido.

— Eu queria pedir autorização para ir à cidade com Alessia. Queremos ir ao salão de beleza e, como é sábado e não tem muito serviço para fazer, pensei que não ia se importar.

— O que vai fazer no cabelo, Liana? Não vai cortá-lo, né? — Falo nervoso com a hipótese de ela cortar seus cachos ou alisá-los.

Liana sorri, dando um passo em minha direção.

— Não sabia que gostava dos meus cachos tanto assim — diz tocando meu rosto e eu estremeço ao sentir seu toque, porém não sei dizer se por nojo ou algo mais.

— Apenas não o corte — digo nervoso. Com a intensidade do seu olhar, posso sentir o que ela quer. Como em um magnetismo sobrenatural, eu a trago para os meus braços e a beijo, devorando cada canto da sua boca.

Liana geme e suas mãos vão direto para minhas costas. Nosso beijo se transforma em uma chama intensa; minhas mãos vão para sua cintura, e eu me pego erguendo-a ao meu redor. Liana cruza as pernas na minha cintura e eu a levo em meu colo para a mesa do escritório.

— Opa, opa, merda! — diz Afonso, entrando no escritório sem bater.

— Inferno! Não sabe bater? — digo e ajudo Liana a descer da mesa, trêmula e vermelha de vergonha.

— Desculpa, cara, eu não queria atrapalhar — fala meu amigo envergonhado.

— Eu já estou de saída — diz Liana sem olhar na direção de Afonso.

— Te espero às oito, Liana, vamos jantar juntos — falo sorrindo para ela.

— Tudo bem. — diz saindo do escritório.

— Olhando para vocês um minuto atrás, nem parece que ela é sua inimiga e que a odeia.

— Eu sou homem, Afonso, e não sou cego. Liana é uma mulher bonita, mas nós dois sabemos que isso é tudo uma casca, por dentro ela não passa de uma mulher inescrupulosa e cruel.

— Não sei, não, cara. Já falei que não tô muito confiante de que foi Liana que atropelou Melissa. E se por acaso estiver se vingando da mulher errada? Já parou para pensar?

— Era Liana atrás daquele volante, as digitais foram confirmaram, ela confessou. Não sei aonde você quer chegar com essa suposição. Ela pode te enganar com aquela cara de frágil e inocente, mas a mim ela não engana.

— Você não sente nada por ela, Hector? Aquela cena na fogueira me deixou confuso, meu amigo.

— A única coisa que sinto por Liana Castela é desprezo e asco. E tudo que estou fazendo, faz parte da minha vingança — Digo amargo enchendo dois copos de uísque.



Afonso me deixou sozinho após conversamos a respeito do parlamento, que vinha pressionando minha volta antes do prazo de seis meses. Meu pai foi firme e disse que preciso de um tempo, mas sei como o parlamento pode

ser persuasivo; sem contar a pressão para que me case com Alexandra assim que voltar. A festa de Ação de Graças será amanhã, e Verônica me convidou para ir passar com os Cartier na ilha deles; seria o primeiro ano que todos passaríamos juntos, mas eu neguei. Nada poderia me tirar o foco da minha vingança. Inês ainda tentou insistir, mas fui categórico que não poderia ir, pois estava resolvendo problemas pessoais. Meu telefone toca e atendo sem olhar quem é, mas assim que ouço a voz fina de Alexandra já reviro os olhos, cansado.

— Olá, Alexandra.

— Hector, querido, estou tão preocupada com você! Que ideia é essa de viajar sem me avisar? Eu poderia ter te acompanhado, nós nos divertiríamos muito juntos.

— Alexandra, eu preciso desse tempo sozinho para organizar minha cabeça. — Falo tentando convencê-la.

— Eu sei, querido, sei que ainda sente a dor da perda dela, mas eu posso te ajudar Hector. Você só precisa me dar uma chance. Eu posso curar o seu coração, te fazer feliz. — Diz me deixando nervoso.

— Nós já falamos sobre isso, Alexandra. Você merece alguém que a ame de verdade e esse cara ainda vai aparecer.

— Eu não me importo que não me ame, tenho certeza que, com o tempo, podemos construir um amor lindo juntos.

— Alexandra, essa não é uma boa hora para essa conversa, eu estou realmente ocupado.

— Tudo bem, querido. Só não se esqueça que estou aqui pra você. — Fala com uma voz melosa, que me enjoa.

— Tudo bem, Alexandra. Quando eu voltar, nós conversamos. — Digo encerrando a chamada.



Liana chegou ao final da tarde junto com a amiga; vejo que ela está linda, com os cabelos volumosos e brilhantes, está tentadora.

— Desculpa a demora — diz, assim que me vê na porta da sala.

— Não tem importância, você está linda. — Falo devorando seu corpo com o olhar.

E nessa hora um raio corta o céu assustando a nós dois.

— Acho que uma tempestade está se formando.

— Tem razão. Vou guardar essas sacolas e fechar as todas janelas antes do jantar.

— Você janta comigo? — Pergunto segurando sua mão antes que suba.

— Eu jantei com você ontem, acho que não fica bem.

— Não gosto de comer sozinho, e você é uma ótima companhia. — Falo sorrindo.

— O senhor Afonso, ele não vai jantar aqui? — Pergunta querendo escapar.

— Afonso foi pro bar, provavelmente esperar a hora que Alessia irá cantar.

— Tudo bem, eu aceito jantar com você. — Sorri e sobe as escadas.

Fico olhando para a janela, de onde vejo uma forte chuva cobrir toda a fazenda. Os raios tremeluzem no céu, cada vez mais frequentes, e o ribombar dos trovões estremece até as paredes da casa.

Liana não demora muito para descer.

— Vou aquecer o jantar, se importa de me esperar na sala de jantar? — Diz ela.

— Claro que não. — Falo, pensando que meu plano está dando certo, ela está apaixonada. A forma como se derrete em meus braços é a prova que estou entrando em seu coração; mas algo sempre a trava e não a deixa se entregar totalmente.

Liana volta com o jantar e se senta à minha frente.

— O cheiro está delicioso. — Digo sendo sincero.

— Espero que goste, preparei essa torta antes de sair. — diz ela servindo o meu prato, sempre tão prestativa.

— Você gostou do passeio com Alessia? — Pergunto, fingindo que me importo.

— Sim, Alessia é muito companheira, é uma amiga de verdade.

— Fico feliz que tenha uma amiga sincera, mas às vezes não devemos confiar tão rapidamente nas pessoas.

— O que quer dizer com isso? — Pergunta confusa.

— Não é nada, Liana; às vezes você parece tão ingênua que me deixa incomodado.

— Talvez seja porque prefiro enxergar o lado bom das pessoas. Eu sei o que é o mal, Hector, e não é algo que eu goste de lembrar. Por isso, prefiro

tentar enxergar apenas a bondade no ser humano.

Nesse momento, somos interrompidos por um funcionário, que entra apressado.

— Senhor, desculpa atrapalhar, mas um raio acertou uma árvore velha, que acabou caindo no estábulo. Vários cavalos fugiram e outros foram feridos. — Diz Henry, o chefe da segurança.

— Onde está o capataz da fazenda? — Pergunto nervoso.

— Ele foi junto com alguns funcionários atrás dos cavalos.

— Afonso ainda não chegou? — pergunto nervoso, pensando no prejuízo para Afonso.

— Você disse que ele saiu atrás de Alessia — diz Liana atrás de mim.

— Eu vou ajudar. — Digo indo em direção à saída.

— Hector, está caindo uma forte tempestade, é perigoso. Não vá. — Diz Liana segurando meu braço e eu fico transtornando; nesse momento tudo que enxergo é a assassina em minha frente.

— Me solte agora! — Vocifero e ela se afasta assustada.

— Vamos, patrão, a equipe já está reunida lá fora. — Diz Henry.

Não espero mais nada, apenas sigo com ele em direção aos estábulos.



Uma vez no estábulo, avalio os danos e oriento os seguranças a levarem os animais que conseguirem até o celeiro, onde eles poderão ficar enquanto essa maldita tempestade não acaba. Mariano, o capataz da fazenda, chega com outros dois funcionários, carregando selas para que possamos montar e ir atrás dos cavalos perdidos. A chuva forte deixava o chão cheio de lama escorregadia, teríamos que ir a cavalo pela terra atrás dos animais.

— Alguém se feriu com a queda da árvore? — Pergunto, preocupado com os funcionários do estábulo.

— Por sorte Ramón não estava na hora da queda, mas está aflito com o sumiço da Hadisha, uma égua árabe que está para parir.

— Vamos encontrá-la. — Falo tentando acalmá-los.



— Conseguimos recuperar três éguas, mas ainda temos nove cavalos perdidos.

— Vamos nos dividir para conseguir percorrer uma área maior, a fazenda é muito grande, e eles devem estar espalhados. — Falo organizando as buscas.

Nos dividimos em quatro grupos e partimos atrás dos animais. Sinto-me na responsabilidade de cuidar da fazenda de Afonso, sei do amor que ele tem por seus animais, e se algo acontecer, me sentirei culpado.

Horas depois, a chuva havia diminuído um pouco e já havíamos conseguido trazer no laço seis cavalos. Estávamos todos exaustos após horas cavalgando na chuva e no escuro, com o terreno enlameado.

— Senhor, acho que vi um potro naquela direção — diz um peão chegando junto com Henry.

— Leve esses para junto dos outros, que eu vou atrás do outro fujão. Vocês podem ir na frente. — Digo aos dois, que seguram o laço de outros dois cavalos.



Cavalgo na direção que meu segurança indicou. Meu cavalo dá sinais de cansaço, mas sigo cavalgando em direção ao lago. Está escuro e não consigo visualizar bem em que parte do lago estamos.

— Calma, garoto, calma. — Tento segurar as rédeas para que não avance para o mato, mas ele está agitado e começa a correr em direção à mata. — Calma, calma!

Puxo as rédeas, mas ele não responde e continua correndo para o meio da mata. Sou atingido por diversos galhos e arbustos, que cortam meus braços; tento proteger o rosto, mas é difícil, devido à velocidade

— Ei, garoto! Por aí não! — Tento domá-lo, mas ele está descontrolado e empina para a frente quando chegamos à beira do lago; me desequilibro e sou arremessado ao chão.

Afonso

Estar aqui na fazenda durante esse tempo vendo como Hector reage a Liana me fez pensar que meu amigo está se apaixonando pela doce garota. Algo dentro de mim diz que ela será a única capaz de curar o vazio dentro dele. No caminho para o bar, ligo para a única pessoa que pode me ajudar a colocar um pouco de juízo na cabeça do rei.

— Pablo? — falo assim que o telefone é atendido.

— Senhor Afonso, pedi que não me ligasse a menos que fosse algo de muita importância.

— Preciso saber como está o andamento da investigação sobre Liana. A coisa aqui está cada dia pior; ele está cego e vai acabar se machucando no decorrer dessa vingança.

— Descobri muita coisa sobre a moça. Fui ao orfanato onde ela viveu e consegui algumas informações. Liana foi adotada aos sete anos por um casal muito rico, os Castela.

— Precisamos descobrir se era ela dirigindo aquele carro, e não sobre a infância dela, cara! Você tá perdendo tempo aí.

— É aí que se engana, senhor Aragão. Tem mais coisa nessa história. Liana tem uma irmã chamada Elisabeth, que foi adotada meses após Liana; ao que parece, as duas eram muito próximas. No orfanato, tentei obter mais informações sobre a irmã, mas ao que tudo indica, o passado da irmã de Liana é segredo de justiça, nem mesmo a diretora do orfanato tinha essas informações.

— Aonde você quer chegar, acha que Liana está encobrindo a irmã? — questiono confuso.

— Há uma chance, mas as peças ainda não se encaixam. Onde está Elisabeth, e por que nunca visitou Liana na prisão? Nem mesmo foi ao julgamento?!

— Acho que essa tal Elisabeth pode ser a chave desse mistério, só temo que, quando descobrirmos a verdade, seja tarde demais e uma tragédia já tenha acontecido — falo me referindo à cartada final no plano de Hector: a morte de Liana.

— Irei descobrir o que aconteceu o mais rápido possível.
— Me mantenha informado, Pablo. Quero te pedir só mais uma coisa.
— Digo antes que ele desligue o telefone. — Tem uma garota aqui na fazenda...
— Alessia Molina, a colombiana — diz ele, acertando em cheio.
— Ela mesmo.
— Imagino que queira que eu descubra informações sobre ela.
— Bem, não exatamente, mas serve; quero saber se ela foi casada, se tem alguém que a espera. Sua vida é um mistério para mim.
— Vou entrar em contato com Kendal, uma ex-colega que vive na Colômbia; ela vai investigar e assim que tiver um relatório te mandarei por e-mail.
— Perfeito. Obrigado, Pablo, aguardo ansiosamente seu retorno.

Desligo o telefone sentindo-me mais leve e ao mesmo tempo confuso. O que Liana esconde? Ninguém tira da minha cabeça que não foi ela quem atropelou Melissa. Liana é doce demais para não prestar socorro e fugir após atropelar uma pessoa. Olho-me no espelho do carro e percebo que ando tão perdido pela latina que não ando pegando ninguém. Com raiva de mim mesmo, decido mudar meus planos. Esta noite não irei me humilhar atrás dessa latina dos infernos. Se ela não me quer, tem quem queira! Não é possível eu, o Duque de Aragão, sendo rechaçado por uma simples funcionária qualquer. Ela nem é tão bonita assim. — Digo tentando me convencer.

— Hoje vou mostrar que ela não é a última bolacha no pacote.
Estaciono o carro próximo a uma pequena cervejaria e, ao entrar, vou direto ao balcão e peço ao garçom um chope grande. O tempo vai passando e, entre um chope e outro, fui observando quem seria minha presa da noite. Uma morena de cabelos cacheados e peitos grandes chamou minha atenção, ela passou boa parte da noite olhando para mim e puxando o decote do vestido para baixo. Faço sinal com a mão, chamando-a para o bar, e antes que ela diga qualquer coisa a puxo para mim, indo direto ao ponto.
— Que tal sair daqui comigo e irmos para um lugar mais quente? — Pergunto já sabendo onde irei levá-la.

Alessia

— Alessia, já falou com a banda sobre o repertório de hoje? —
Pergunta Megan, a gerente do *Conexión Latina*, onde canto todas as sextas.

— Já sim, Megan, não se preocupe, tudo vai sair bem.

— Tem dois empresários de Andorra vindo conhecer a região, eles querem investir no turismo da cidade e você sabe como Arrow é, já quer marcar pontos com os possíveis investidores, então preciso que dê uma atenção a mais para a área vip, onde eles estarão.

— Prometo dar o meu melhor — digo me despedindo dela e indo para o camarim checar meu figurino e minha maquiagem. Passo mais uma camada de batom e vou direto para o palco onde o show vai começar.

A primeira música é “Havana”, da cantora Camila Cabelo; amo as músicas dela, têm uma batida quente. Canto com vontade, dando atenção ao camarote, que está lotado. Viro de costas e giro meu corpo no refrão; a batida mexe comigo e danço junto com duas dançarinas do clube, até meus olhos focarem nele. O maldito Duque! Ignoro sua chegada, ainda mais quando vejo que ele não está sozinho. Encerro a música e sou muito aplaudida. Canto mais duas músicas, evitando olhar para a mesa dele, mesmo ele estando bem no centro do bar, com a morena em seu colo quase dando para ele. O desgraçado não tira o sorriso provocador do rosto e me devora com seu olhar quente. Se ele pensa que me importo com quem ele anda, está muito enganado; eu não tô nem aí. Vou até Gustavo e peço uma música especial para mostrar a esse Duque de merda com quem ele está lidando. “*Don't Cha*”, de The Pussycat Dolls.

Sorriso provocadora olhando, desta vez, diretamente para ele, que engole em seco, já esperando o show. Canto a letra, que é puramente provocadora; o refrão me embala, giro meu corpo e mando um beijinho para ele. A galera vai à loucura ao término da canção, e eu decido que é hora de encerrar a noite; já não tenho cabeça para continuar no placo. Assim que atravesso o corredor indo até o camarim, ele me puxa bruscamente.

— Você vem comigo, morena provocadora.

— Me solta, seu imbecil!

— Nada disso. Você vem comigo, *latina del infierno* — diz puxando-

me para as portas dos fundos e nos molhando no processo, já que cai uma tempestade. Até tento me soltar, mas ele me segura forte.

— Me solta, seu infeliz! Vai atrás da sua puta e me deixa em paz!

— Como se fosse possível ficar com outra, com você infiltrada em meu corpo! — Grita me arrastando até seu carro.

Tento arranhar seus braços para que ele me solte, mas Afonso me joga com tudo dentro do carro e entra logo em seguida.

— Quem você pensa que é para me arrastar assim?! — Grito fora de mim.

— Sabe qual o seu problema, Alessia? É que você gosta de mim, mas não quer aceitar. É isso, você gosta de mim e fica aí com essa sua pose de indiferença.

— Não é verdade, seu idiota. Agora, abre a porta desse carro e me deixa sair; vai atrás da sua “peguete”.

— Não! E sabe por que, Alessia? — Pergunta me olhando profundamente com seus olhos muito azuis, que me deixam embasbacada. — Eu não vou voltar lá porque é com você que eu quero estar, é com você que eu tô louco para fazer amor. — Diz me puxando para seu colo, onde posso sentir seu comprimento duro na minha bunda.

— Você está louco, me deixa sair daqui! — Tento me levantar, mas ele segura meus braços, me mantendo em seu colo; o volante está nas minhas costas, me mantendo colada ao seu peitoral forte.

— Para de lutar, teimosa. — Fala e beija meu pescoço, enquanto eu tento me esquivar, mas ele é mais forte e me mantém refém.

Sua boca viaja do meu pescoço para minha orelha, que ele chupa e morde, me deixando arrepiada, e todo meu corpo se transforma em chamas em segundos. Não sei bem o que aconteceu, nem por que fiz isso, mas eu o beijei de volta. Nossas línguas duelavam com raiva, chegava a ser rude. Afonso já puxava meu cabelo pela nuca e beijava meu pescoço. Minhas mãos foram para sua camisa, que puxei com força arrebatando os botões; eu já nem raciocinava mais, sentia apenas o desejo de tê-lo para mim.

— Você é uma maldita provocadora, eu quase subi naquele palco para tirar você de lá.

— Hum...

É a única coisa que digo quando sinto suas mãos quentes na minha bunda, fazendo um caminho perigoso até minha calcinha encharcada. Afonso puxou minha blusa e meus seios enormes pularam em sua frente.

— Eles são mais bonitos do que eu imaginava — fala, beijando o biquinho do meu seio esquerdo.

Um telefone toca, tentando nos distrair, mas o tesão fala mais alto e nós dois o ignoramos. Minhas mãos vão para sua calça e tento tirar seu cinto, enquanto ele devora meus seios, mordendo e beliscando apenas para me provocar. O telefone continua a tocar, quebrando o meu clima, e tento me afastar.

— É melhor você atender essa merda. — Falo já irritada.

— Deixa tocar — diz ele ainda com meu seio na boca.

— Atende logo que deve ser algo urgente — falo com um pouco de razão chegando a minha mente.

Afonso pega o celular e parece reconhecer o número. Ele atende de imediato e eu acabo ouvindo parte da conversa, algo sobre “protocolo real”, “avisar a rainha” e o nome de Hector no meio.

— O que aconteceu? — Pergunto assim que ele desliga, notando que está pálido.

— Houve um acidente na fazenda, e alguns cavalos fugiram. Hector saiu no meio da tempestade para procurá-los e agora está desaparecido. Precisamos voltar com urgência. — Fala sério; todo o clima quente de antes foi por água abaixo.

— Vamos logo... — falo ajeitando minha blusa rapidamente e sentando no banco do passageiro, sem coragem de olhar para ele, constrangida.

Afonso

Alessia passou o caminho todo calada; eu não consegui disfarçar a minha preocupação, como iria olhar na cara da tia Letícia se algo acontecesse com Hector?

Chegamos à fazenda e ela nem se despediu, foi direto aonde os funcionários estavam reunidos. E eu fui atrás dos seguranças e vi Henry conversando com um deles.

— Henry, me diga, o que aconteceu, já o acharam?

— Ainda não, senhor. Encontramos seu cavalo, mas ainda não o

encontramos.



Andamos feito loucos no meio da plantação, e nada de achar Hector. Eu já estava desesperado pensando no pior, quando ouvi um dos seguranças dizendo que o acharam. Acelero com o cavalo na direção em que o ouvimos gritar. Assim que o vejo, respiro com alívio.

Hector está de pé; um tanto sujo, mas aparentemente bem, e principalmente: vivo.

— Seu desgraçado, você quase me matou do coração!!

— Você precisa encontrar um adestrador melhor, seu cavalo quase me matou. — Diz ele debochado. — Vaso ruim não quebra, caro amigo, não achou que um cavalinho fosse me matar, não é? — Pergunta rindo.

— Você não imagina o sufoco que passamos! Henry estava quase ativando o protocolo real de emergência. Tem noção da merda que ia acontecer?

— Sinto muito. — Ele responde, entendendo a gravidade da situação. — O cavalo estava exausto, ficou descontrolado. Tentei domá-lo, mas ele correu em direção à mata, e empinou; acabei me desequilibrando e caindo. Bati a cabeça em uma pedra. Não sei quanto tempo fiquei desacordado, mas quando acordei vim em direção à sede.

— Seu empata foda do caralho! Se eu soubesse que estava bem, eu tinha terminado a noite com a minha latina. Você tá todo machucado, quer que chame o médico?

— Calma, meu caro, não é para tanto. Já disse que estou bem; só um pouco tonto, mas nada que uma noite de sono não resolva.

A caminhonete chega para nos buscar. Entrego o meu cavalo a Mariano e ajudo Hector a entrar no veículo.

— Você não imagina o quanto a Liana está desesperada. Coitadinha, queria vir te procurar; estava angustiada chorando, preocupada com você. — Falo lembrando do quanto Liana estava desolada sem notícias de Hector. Hector olha para mim contente com que digo, e posso ver em seus olhos que ele está pensando em algo.

— Talvez essa queda me sirva para algo. Eu vou fisgá-la de vez, e

então poderei destruí-la. Quando não sobrar lhe mais nada, será seu fim.

— Cara, de novo isso?! — digo já irritado com essa merda dessa vingança, que está saindo do controle, e só ele não percebe. — Ela gosta de você, Hector, dá para ver pela forma com que se preocupa com seu bem estar. Não machuque a menina, desista disso.

— Tarde demais, meu amigo, só entro em um jogo para ganhar — diz ele arquitetando algo.

Antes que chegássemos à casa grande, Hector foi falando tudo que eu e os seguranças tínhamos que fazer, e confesso que fiquei com pena da garota.

Liana

Passaram-se horas e nenhuma notícia de Hector. Afonso já havia chegado e partido para ajudar na busca havia tanto tempo. Meu coração está pesado; olho para a janela aflito à espera de notícias. A chuva não dá trégua, uma tempestade tão forte que me arrepia. O vento assopra como uma maldição.

— Por favor, Deus, o proteja. Não deixe que nada aconteça a Hector. — Imploro angustiada, olhando para o céu.

“Proteja-o, tire-o da escuridão, só você pode salvá-lo.” Essas palavras ficam martelando na minha cabeça, palavras do sonho estranho que tive ontem à noite.

— Toma, eu fiz um chá de camomila para você. Tenta ficar calma, ele logo vai passar por aquela porta, você vai ver. — Fala Alessia se sentando ao meu lado no sofá da sala.

Ficamos as duas assim, orando a Deus que nada de mal acontecesse. O tempo parecia se arrastar e a chuva foi se acalmando, até se tornar uma pequena garoa. Foi quando a porta da frente abriu e Afonso passou por ela; atrás dele, dois seguranças carregando Hector.

— Hector! — Grito assustada vendo que ele está desacordado, encharcado, e com o rosto sujo de barro. — O que aconteceu com ele? — Pergunto aflito, acompanhado eles, que levam Hector até seu quarto.

— Ele caiu do cavalo, encontramos ele desacordado — fala Afonso

nervoso.

— Não é melhor levá-lo ao hospital? — Pergunto morrendo de preocupação.

— Não podemos levar ele ao hospital, Liana.

— Deus, como assim? Afonso, por acaso ele é algum foragido? E se ele não acordar? — Despejo tudo de forma rápida.

— Calma, ele vai ficar bem. O doutor já foi chamado, Hector é forte e vai ficar bem, você vai ver.

— Me ajuda a tirar essa roupa molhada dele — falo com o coração em pedaços ao vê-lo nesse estado; seu rosto está machucado, seus braços, cheios de arranhões. — Afonso me ajuda a livrar Hector das roupas molhadas. Alessia vai buscar cobertores para que possamos mantê-lo aquecido até a chegada do médico. Após limpá-lo e cobri-lo com os cobertores, rezei a Deus que o protegesse e que ele logo acordasse. Quando todos foram embora, fiquei sozinha cuidando dele. Eu não poderia perder mais uma pessoa que amo, não iria suportar. Alguns minutos depois, Afonso volta, trazendo o médico que me atendeu.

— Preciso que me deixem a sós com o paciente. — Fala o médico sério, olhando para Hector.

— Eu gostaria de ficar, por favor.

— Liana, deixa o doutor examiná-lo.

— Tá bem — digo com uma dor no coração, pois não quero deixá-lo sozinho.

Aguardo ansiosa, andando de um lado para o outro na sala de estar. Vejo pela janela que a chuva já cessou, e um novo dia está para raiar. Meu coração segue aflito, sem saber se ele vai acordar. Suspiro pesadamente e me assusto quando ouço a voz de Afonso:

— Ele já acordou, Liana, e quer te ver.

Vejo Afonso levar o doutor até a saída, e subo apressadamente para a suíte de Hector.



Ao entrar no quarto, meus olhos vão direto para os seus, tão azuis, tão profundos, e muito abatidos.

— O que está sentindo? — Pergunto me aproximando da cama e toco seu rosto, que está com um curativo.

— Estou melhor, amor, foi apenas um susto — diz ele tossindo.

— O que o médico disse? — Pergunto me sentando ao seu lado na cama, arrumando os travesseiros nas suas costas.

— Eu desmaiei após a queda, pois bati minha cabeça em uma pedra. Mas não me machuquei seriamente. Provavelmente terei um resfriado, mas o médico já deixou uma receita, caso isso venha a acontecer.

— Eu quase morri de aflição, fiquei com tanto medo de perder você! Não sei o que seria de mim se você tivesse morrido. — Falo não segurando o choro e o abraço.

— Vem, deita aqui comigo — diz ele me puxando para seus braços e me aconchegando em seu corpo.

— Eu não queria que ficasse assim, Lia, não quero te ver triste. Foi só um susto. — Diz ele limpando minhas lágrimas.

— Não tem como não me preocupar, Hector, é impossível não se preocupar com as pessoas que se ama.

O seu rosto fica tenso assim que digo essas palavras, mas logo em seguida um sorriso largo toma conta dos seus lábios.

— Isso quer dizer que você me ama, Liana Castela? — Pergunta olhando diretamente em meus olhos.

— Amo você, Hector; de uma maneira tão intensa que até me assusta. — Falo não aguentando mais segurar esses sentimentos dentro de mim. — Não imagina o quanto isso me deixa feliz, meu amor.



Hector pegou uma gripe forte. Eu passei três longos dias cuidando dele dia e noite, dormindo na poltrona em seu quarto. Por mais que ele insistisse para que eu deitasse na cama com ele, ainda não me sentia preparada para esse passo. A febre demorou a ceder, mas enfim os medicamentos começaram a fazer efeito e, na terceira noite, Hector dormiu bem, enquanto eu velava seu sono, admirando silenciosamente a sua beleza. Entrei no quarto para entregar seu café da manhã e me surpreendi ao vê-lo de pé, de costas para mim, olhando pela janela.

— Estava esperando você chegar, meu amor.

— Fico feliz em vê-lo de pé, depois do susto que me deu — digo o abraçando.

— Eu tive uma ótima enfermeira — responde me olhando intensamente. — Quero lhe fazer um pedido — ele diz e pega algo no bolso de sua calça. — Você merecia uma coisa especial, mas não tive tempo de planejar nada, e o tempo está passando tão rápido... — diz ele divagando.

Ele, então, olha para mim como se pudesse ver o mais profundo da minha alma; como se pudesse enxergar a pesada carga que carrego. Hector abre um estojo cinza e o que tem dentro que me deixa paralisada.

— Sei que pode parecer rápido demais para você, Liana. Contudo hoje eu percebo que o amor é assim, ele vem quando menos esperamos, e não quero passar mais nenhum segundo da minha vida sem você. Quer casar comigo, Liana? — Pergunta me deixando emocionada.

— Hector... Você tem certeza que é uma boa ideia? Nós mal nos conhecemos... — falo tentando fazê-lo enxergar o quanto isso é precipitado. — Eu sei tão pouco sobre você, nem mesmo os seus pais eu conheço.

— Nós temos tempo para isso, minha querida. Prometo que vai conhecê-los. Se você me ama como diz, por que não ser minha em todos os sentidos? — beija meu rosto. — Diz que aceita, Lia, diz que aceita ser minha mulher. — Fala roubando um beijo e outro, e quando dou por mim estamos nos beijando intensamente.

Eu já não raciocinava quando apenas disse “sim”.



CAPÍTULO 10



CASAMENTO DE ILUSÕES

“E u estava deixando roubar toda minha razão e escondê-la em um canto escuro, onde eu não conseguia mais encontrá-la.”

Liana

O dia da chegada de Liz à nossa casa foi incrível, convenci papai a fazer uma festa de boas-vindas para ela. Tudo parecia um sonho: nós éramos irmãos e ninguém iria nos separar.

— Vamos, minha joia, seu pai já está chegando com ela — diz mamãe tão animada quanto eu. E, assim que descemos as escadas, a porta da frente é aberta e Liz passa por ela no colo de papai.

— Seja bem-vinda!! — gritamos mamãe e eu, juntas, segurando o bolo de chocolate que eu ajudei mamãe a decorar.

Liz sorri olhando para mamãe, depois olha para mim. —

Obrigada — diz sorrindo timidamente e papai a coloca no chão; ela corre e abraça mamãe. Aquele foi o dia em que pensei estar ganhando uma irmã. Naquele mesmo dia, fui dormir magoada porque Liz convenceu papai e mamãe a dar um quarto só para ela. Nossa mãe já tinha arrumado meu quarto para ficarmos juntas, e eu não conseguia entender por que ela não queria ficar comigo, se no orfanato dormíamos na mesma beliche. Mais tarde, mamãe veio até mim, sentou na minha cama fazendo um carinho no meu rosto, limpando minhas lágrimas.

— Não fique triste, meu anjo, é normal sua irmã querer as coisas dela, querer ter o próprio quarto, seu espaço, isso não quer dizer que ela não te ama, e que vocês não serão mais amigas.

— Mas ela nem quis brincar comigo — falo soluçando.

— Ela estava cansada, aposto que amanhã vocês duas vão brincar muito no jardim.



Três anos se passaram, e posso dizer que as coisas não eram exatamente como eu imaginei que seriam. Mamãe e papai se desdobravam para dar amor a nós duas. E Liz voltou a ser minha melhor amiga, mas às vezes ela fazia coisas que eu não gostava, coisas que me deixavam com medo... Estava saindo da escola naquela tarde, quando vi minha irmã e seu grupinho de amigas.

— Olha lá, se não é a nerd da sua irmã. — Diz uma das amigas patricinhas da Liz ao esbarrar comigo no corredor.

— Ela tá se achando porque entrou naquela escola idiota de balé. — Diz outra, com maldade.

— Não acredito, Lizzy, que sua “irmãzinha” foi melhor do que você na competição. — Jheny fala rindo e vejo minha irmã ficar enfurecida.

— Eu já falei, ela é adotada, nós não temos o mesmo sangue — diz me magoando, já que ela faz questão de dizer que ela é filha legítima da minha mãe e meu pai, e eu adotada.

— Liz, por que tá fazendo isso? — digo segurando o choro olhando para ela decepcionada.

As outras três ficam rindo de mim.

— Logo se nota que essa negrinha não tem nada de vocês! — diz a amiga dela.

Recolho meus livros do meu armário e decido correr para a casa. Eu nem queria participar da competição de balé, mas papai insistiu que queria nós duas no espetáculo. Eu tinha medo que Liz ficasse chateada, pois sabia que o balé era importante para ela.

— Ei, cabelo de aço! Onde você pensa que vai? — Ana Lucia puxa meu braço enquanto minha irmã não faz nada, apenas olha para mim rindo.

— Liz... — imploro com o olhar, mas ela apenas ri enquanto suas amigas jogam o material do meu armário no chão. Olho ao redor desesperada, tentando encontrar ajuda, mas o corredor está vazio; eu acabei demorando demais na biblioteca e quase não tem mais ninguém na escola. Tento escapar das garras delas, sabendo o quanto são cruéis, mas é em vão, são três contra uma. Elas então me empurram para dentro do armário e me trancam lá dentro, eu entro em pânico. Estava escuro e apertado, minha cabeça bateu no fundo do armário.

— Liz!!! Não me deixa aqui, por favor! Eu juro que não vou mais ao balé, eu prometo, mas me tira daqui. — Bato no armário tentando sair. — Liz, me tira daqui! Eu prometo não contar pra mamãe.

— Isso é pra você aprender, bailarina. — Diz minha irmã friamente.

Fiquei quase uma hora trancada dentro do armário. Quando a porta finalmente foi aberta, mamãe apareceu no meu campo de visão, e eu, de tão assustada, não conseguia nem falar. Chorei por horas no colo da mamãe enquanto papai dizia que ia processar a escola.

Liz estava do meu lado, fingindo-se de preocupada; eu não conseguia nem olhar para ela.

— Meu anjo, me fala quem fez isso com você — mamãe tentava me fazer falar, mas eu apenas balancei a cabeça, me encolhendo no seu colo chorando.

— Deixe-a descansar um pouco, ela está muito traumatizada. Assim que ela disser o nome da pessoa ou das pessoas que fizeram isso, faremos questão de resolver isso na justiça. — Fala meu pai. Mais tarde, após mamãe me acalmar, eu acabei dormindo, e acordei com alguém mexendo no meu ombro. Abri os olhos e vi Liz ali sentada na minha cama.

— Me desculpa pelo que eu fiz — diz ela me olhando arrependida. — Eu não queria te machucar — fala e começa a soluçar — Era só uma brincadeira, não era para você ficar assim. Eu juro que ia te soltar, só que

acabei esquecendo. Me perdoa, por favor, Lia — ela suplica, me abraçando, e eu acabo retribuindo seu abraço. — Se contar para a mamãe que eu tive participação nisso, eles vão me devolver para o orfanato e eu vou perder a minha família.

— Mamãe não faria isso, ninguém vai te devolver.

— Você sabe que eles amam mais você, só estou aqui porque você pediu — ela começa a chorar forte. — Não quero me afastar de você, irmãzinha. Eu só estava com raiva, era para ser eu a ganhar o concurso. Eu treinei por horas e mal tinha tempo para brincar, você nem ensaiou direito e simplesmente venceu.

— Desculpa, eu não queria que isso acontecesse.

— Eu te amo, Liana, não quero perder você. Se contar, eu serei expulsa da escola e provavelmente devolvida para o orfanato — chora angustiada.

— Não chora, eu não vou contar — digo limpando seu rosto.

— Prometo que nunca mais farei aquilo. — Diz me abraçando.

— Irmãs? — digo fazendo a jura de dedinho.

— Para todo sempre...



O sol entrava pela janela do quarto, pois acabei esquecendo as cortinas abertas. Levanto, me sentindo animada. Nem mesmo os insistentes pesadelos do passado conseguirão me entristecer hoje. Eu daria tudo para ter meus pais aqui. Miranda, Karina, todos juntos para me aconselhar e me desejar felicidades.

— Hoje é um dia feliz; não devo pensar em coisas tristes.

Depois de fazer minha higiene e de tomar um banho gelado, consigo realmente despertar. Me visto rápido e desço as escadas, animada para conferir se está tudo arrumado. Os quartos de hóspedes já estão prontos para a família de Hector, e estou ansiosa para conhecê-los. Uma parte de mim tem medo de que eles me rejeitem, ainda mais quando soubessem que sou uma ex presidiária.

— Senhora, precisa ver como o jardim está lindo, um verdadeiro sonho! — diz Dolores assim que chego à cozinha.

— É, realmente me sinto como uma princesa de um conto de fadas —

falo emocionada.

— Aí está você! A equipe do salão já está chegando e você ainda nem tomou café da manhã — diz Alessia entrando feito louca na cozinha.

— Bom dia, amiga. Vou só pegar uma torrada e falar com Hector.

— Nada disso, mocinha, o noivo não pode ver a noiva antes do casamento; dá azar.

— Mas eu preciso saber que horas a família dele chega, verificar se está tudo pronto, a comida e os outros detalhes...

— Pode deixar que eu tomo conta de tudo. E você vem comigo para o quarto que hoje será seu dia de princesa — diz ela empolgada levando-me novamente para meu quarto.

Hector

Não consegui pregar os olhos, com nojo e remorso do que estou prestes a fazer. E mesmo sabendo que ela não merece nenhum sentimento de culpa da minha parte, ainda assim uma parte dentro de mim, talvez o que restou do antigo Hector, insiste em dizer que estou indo longe demais. Na tela do meu computador, eu vejo pela milésima vez o vídeo do meu casamento com Melissa. Nele posso ver Mel se arrumando no SPA para o nosso casamento. O vídeo muda e vejo eu e Afonso rindo enquanto eu coloco a gravata. As imagens vão passando e me torturando, a saudade aumenta e o ódio pela assassina prolifera dentro de mim. Melissa não era da realeza, mas isso não me impediu de ficar com ela. Melissa me conquistou com sua doçura e bondade, éramos grandes amigos antes de nos casarmos, e não poderia imaginar uma mulher melhor para mim do que ela. Nas imagens, vejo quando ela entrou na cerimônia com seus cabelos loiros e olhos verdes, brilhando de felicidade, meu coração parecia que não cabia dentro do peito. Abro minha carteira e tiro de lá algo que levo sempre comigo, uma foto nossa no dia em que nos casamos.

— Me perdoa, Mel. Me perdoa por ter me transformado nesse ser desprezível. Talvez Inês tenha razão, amor, o sangue que corre em minhas veias que me faz ser assim. Eu tentei, Melissa, tentei seguir em frente; tentei

usar Verônica e as crianças para neutralizar essa dor, mas foi impossível. Depois que eles se foram, eu senti a dor de sua partida em sua totalidade, tornei-me um homem vazio, oco por dentro. Só vou conseguir seguir em frente, amor, quando destruí-la por completo. Quando Liana sentir essa mesma dor que me mata dia após dia, quando ela pagar por ter tirado sua vida. Saio dos meus devaneios quando escuto alguém bater na porta, rapidamente guardo a foto e fecho meu notebook.

— Entre — digo tentando me desligar das minhas lembranças.
— Ponce já chegou e os funcionários já estão chegando.
— Espero que isso baste para convencê-la de que é real.
— Ao menos poderia ter feito uma cerimônia, algo especial pra garota.
— Fala Afonso se referindo ao fato de termos optado por ser apenas o “juiz de paz” e um churrasco para os funcionários da fazenda. E isso apenas para que a sonsa não desconfie de nada. Ela é doida de pensar que um homem como eu se casaria com uma mulher como ela.

— Você sabe o que está fazendo, Hector. Só espero que não se arrependa do que vai fazer, essa garota já tem uma vida desgraçada, não há necessidade de matá-la.

— Ela não merece viver, quando tirou esse privilégio de Melissa e do nosso filho.

Afonso ainda tentou me convencer a desistir do plano novamente, porém nada nesse mundo me fará desistir de acabar com a vida dessa miserável.

Alessia

Entramos no quarto de Liana e aproveitei que estávamos sozinhas para entregar o meu presente de casamento. Percebi que ela estava nervosa, talvez meu presente a faça relaxar um pouco.

— Eu comprei uma coisa para você usar hoje — digo com um sorriso no rosto, tirando a sacola pequena de dentro da minha bolsa.

— Eu falei que não queria presente, já basta sua presença como madrinha.

— Não é algo muito caro ou sofisticado, é mais uma coisa de mulher

para mulher, espero que goste — falo a entregando a caixa.

— Obrigada — diz ela pegando e abrindo, e posso ver seus olhos se arregalarem; eu me seguro para não rir da sua cara de espanto. — Você acha que eu devo usar? — Pergunta ela olhando para a lingerie delicada de renda branca.

— Com toda certeza. Hoje será sua noite de núpcias, e pelo que me disse será sua primeira vez, precisa de algo especial. — Fala sugestiva.

— Mas, e as cicatrizes? Já te contei o quando me sinto exposta, não sei como vou reagir se Hector tiver nojo delas. — Diz baixando a cabeça já desanimada.

— Ei, não fica assim. Se ele te ama como diz, vai amar cada pedacinho seu, não vão ser essas marquinhas bobas que o farão perder o interesse.

— Espero que tenha razão; esperei muito tempo para o dia em que me entregaria ao homem que me amasse, o homem que seria o meu marido. — Ela diz tão encantada que até me convence que esse amor que ela tanto fala realmente existe.

Tem horas que queria ser como Liana e acreditar em príncipes encantados.

— Experimenta, vamos ver a mulher fatal que vai se tornar. — Falo animada e ela logo experimenta a lingerie e fica vermelha se olhando no espelho.

— Não é exagerado demais, não? Me sinto estranha.

— Você está maravilhosa, tenho certeza que seu futuro marido vai amar.

O pessoal do salão logo chega, e então começa seu momento de beleza: massagem relaxante, manicure e pedicure, depilação, cabelos... Liana é tratada como uma verdadeira rainha, e bem que ela merece. Não entendia bem por que ela continuava a trabalhar no casarão, se ia se casar com o dono de tudo isso aqui, mas duas semanas haviam se passado desde que ela havia ficado noiva, e nesse tempo ela continuou trabalhando na casa; segundo ela, fazia porque tinha prazer em cuidar das coisas de Hector.



Dolores traz um almoço leve para nós e sai, para também se arrumar.

Num clima gostoso, terminamos de nos aprontar; Liana parecia um anjo com seu vestido branco.

— Alessia, faz um favor para mim? — diz encantada olhando para o espelho que está posicionado à sua frente.

— Pode falar.

— Na gaveta do criado-mudo tem um estojo preto, traz para mim, por favor — diz ela enquanto o cabeleireiro termina seu penteado.

Pego o estojo pesado e entrego a ela. Liana o abre e vejo um magnífico colar com uma gigantesca pedra preciosa azul.

— Meu Deus, Liana, isso é um diamante? — Pergunto encantada.

— Ele é lindo, não é? Foi um presente de uma pessoa muito querida, que já não está mais entre nós — diz calmamente. — Me ajuda a colocar. — Fala sorrindo.

Toco a peça fria e sinto um arrepio por todo meu corpo, as janelas, que estão abertas, trazem um vento forte.

— É a joia mais linda que já vi, e combina com você — Diz Zoey, a cabeleira, olhando para Liana com o colar.

— Você acredita que tem uma lenda por trás desse colar? — Liana comenta com um sorriso no rosto e vai nos contando sobre a tal maldição. Quando ouço a história entendo porque o arrepio.

— Não acho uma boa ideia você usar ele hoje, já que é amaldiçoado.

— Não acredito nisso. E usar ele hoje vai ser como ter uma parte de Miranda comigo. — Fala se segurando para não chorar.

— Desculpe, ela deve ter sido uma mulher especial.

— Sim, ela foi uma segunda mãe pra mim; sem ela, não sei se teria suportado tudo que passei na prisão.

— Vamos deixar as tristezas pra lá, hoje é o seu dia especial. Não vamos pensar em coisas tristes. Você precisa estar linda, e nada de borrar essa maquiagem. — Falo para animá-la.

— Você tem razão, hoje é o dia mais feliz da minha vida, nada de chorar!

— Você merece essa felicidade, querida, mais do que qualquer uma.

Afonso

Já era a vigésima terceira ligação que eu fazia para Pablo. Precisava de algo que pudesse impedir esse casamento, se é que se pode chamar isso de casamento. A última vez que tive contato com ele foi via e-mail, quando me enviou o relatório sobre o passado de Alessia. Confesso que as coisas que descobri ainda estão martelando em minha mente. Alessia Molina Gusman é filha de um traficante de drogas internacional procurado pela Interpol, Carlos Archivaldo Gusman. Foi casada com o braço direito do pai, Enrico Sebastian Maldini, mas conseguiu se divorciar há menos de um ano, quando fugiu com a irmã Clara, de nove anos, para o Equador, onde trabalhou por um tempo como garçoneiro. Sua irmã estuda em um colégio integral lá. Alessia veio para a Espanha trabalhar na fazenda provavelmente fugindo do pai ou do ex-marido. Agora consigo entender por que é tão arredia. Mas meu desejo por ela continua vivo.

Não sei explicar, é como se a descoberta do seu passado apenas a tivesse deixado mais fascinante para mim. Desde nosso beijo no carro ela vem evitando-me de todas as formas. Eu estou para enlouquecer com essa mulher, é como se ela tivesse me estragado e todas as outras ficaram sem graça. Nunca fiquei tanto tempo sem sexo na vida, estou quase me transformando em um monge por causa dessa mulher. E ainda tem essa situação absurda com o Hector. Não bastasse maltratar e humilhar a moça, agora ele está determinado a quebrar seu coração. E o pior de tudo, com a minha ajuda. Me sinto péssimo com isso, culpado, mas não teria coragem de desmascarar meu amigo. Além do mais, eu vejo uma chama nos olhos de Hector, que há muito estava apagada. Acho que ele está se apaixonando por Liana tanto quanto ela por ele. Mas meu amigo está corrompido demais para se deixar levar por esse sentimento novo.

— Pobre garota, não imagina que está sendo vítima de um plano terrível de vingança.

Saio da casa grande e percebo que o sol já está se pondo; nessa hora a Del Diablo fica magnífica, com as plantações de uva ao oeste fazendo um contraste lindo com o céu alaranjado.

Caminho pelo gramado, rumo ao local onde será realizada a “união”. Um gazebo está decorado singelamente com flores do campo e algumas luzinhas. Até que ficou bonito, ainda mais tendo como pano de fundo o entardecer de Andaluzia. Penso no que dona Letícia diria se visse o que seu filho está aprontando por aqui.

Logo vejo *la diosa* vir em minha direção e quase perco o fôlego. Alessia está vestindo um vestido vermelho curto e sexy, seus cabelos rebeldes estão presos em um coque bagunçado que eu adoraria puxar. Sinto meu pau endurecer, assim que meus olhos vão para suas pernas grossas à mostra.

— Aí está você. Que bom que chegou, estava te procurando.

— Eu sou todo seu, minha linda — falo sem tirar meus olhos do seu decote.

— Sabe a que horas os pais e os irmãos de Hector irão chegar? Liana está aflita — pergunta quebrando todo meu tesão.

— Eu não sei, pensei que eles já estivessem aqui. — Falo mentindo.

— Droga, tomara que não tenha acontecido nada grave — diz ela pensando longe.

— Tenho certeza que não. Alessia, sobre aquele dia, eu preciso conversar com você. — Falo segurando seus ombros e a mantendo de frente para mim.

— Não sei do que está falando — diz ela indiferente.

— É claro que você sabe. Ainda posso ouvir seus gemidos, posso sentir o sabor dos seus lábios, não adianta fingir amnésia.

— Ah, você tá falando daquele beijo? — fala como se tivesse lembrado de fazer as unhas.

— Não adianta negar, eu sei que sente algo por mim. Só não entendo por que essa luta em assumir que me quer da mesma forma que eu te quero.

— Olha, senhor Afonso, aquele beijo foi um equívoco, não era para ter acontecido. Eu estava alterada pela bebida e acabei passando dos limites. Mas não se preocupe, não irá mais acontecer.

— Que inferno, mulher! O que eu preciso fazer para você entender que estou louco por você?! — Questiono totalmente fora de mim.

— Sabe qual o seu problema, Duque? Você se acha demais. Acha que só porque é rico e bonitinho que todas as mulheres vão cair aos seus pés implorando por uma foda. Querido, eu não sou como todas as garotas. Eu já convivi com homens arrogantes como você, que tratam mulheres como

brinquedo, e não estou a fim de entrar nessa de novo. Nem que fosse o último homem da terra eu dormiria com você.

Uma fúria tremenda toma conta de mim e minha vontade é fazê-la engolir suas palavras.

— Você pode mentir para mim, Alessia, mas não para si mesma. Eu nunca a desrespeitei; e não é porque no passado você só conheceu lixos de homens, que todos serão iguais. Eu prometo, latina, farei você engolir essas palavras, agora quem vai implorar vai ser você. — Falo virando as costas e deixando-a sozinha com sua estupidez.

Subo os degraus da escada em direção ao quarto principal, onde Hector deve estar terminando de se arrumar. Bato na porta e ouço-o dizer que posso entrar.

— Vejo que o noivo já está pronto — falo de mal humor.

— Que cara de merda é essa? — pergunta ele passando seu perfume.

— Nada de mais, apenas a maldita latina que quer me deixar louco.

— Não achei que estaria vivo para ver meu amigo de quatro por uma mulher. — Diz debochado.

— Pois se prepare que jogo essa maldição em você.

— Isso nunca vai acontecer, por Liana só sinto desprezo e nojo.

— Engraçado, eu nem toquei no nome dela — rio da sua cara descontente. — Vai mesmo se casar todo de preto?!

— Não tenho motivos para tirar o luto — diz amargo.

— Não está indo longe demais? Imagina se essa história vaza. Você estaria em maus lençóis. Já não tá na hora de parar com toda essa loucura, Hector?

— Eu sei o que estou fazendo. A cada dia ela está mais apaixonada, o que tornará tudo mais drástico quando eu esmagar seu coração.

— Mesmo que ela seja culpada pelo atropelamento de Melissa, você não pensou em perdoá-la? Liana tinha dezessete anos quando tudo aconteceu e cometeu o erro de não prestar socorro e fugir. Mas aquela garota te ama, meu amigo, e se você for até o fim com essa loucura, vai quebrá-la de uma maneira que ninguém poderá consertar.

— Você está perdendo seu tempo, tentando me fazer mudar de ideia. Esta noite começará o calvário de Liana Castela; ela se sentirá desprezada, a pior das mulheres. E eu estarei assistindo seu sofrimento.

— Vai ter coragem de dormir com ela mesmo que a odeie? — jogo verde.

— Não desejo essa garota, ela não me atrai. Nada nela me chama atenção, você não imagina o sacrifício que é para mim tocá-la.

— Sei bem o tamanho do sacrifício. Ao menos deveria ter comprado um anel decente para a garota. Um diamante falso, Hector, isso foi ridículo.

— Como se uma assassina merecesse uma joia de verdade. Sério, queria o quê? Uma joia da coroa para essa mulherzinha desprezível?

— Vejo que nada que eu disser irá fazer você mudar de ideia. Eu vou para o meu quarto me arrumar, afinal eu sou o padrinho dessa grande palhaçada.

Liana

Me olhei no espelho e não acreditava no que estava vendo, me sentia uma verdadeira princesa. O vestido é lindo, longo e com rendas e flores brancas, se ajustou perfeitamente ao meu corpo. Meu cabelo está em um penteado delicado, e o único adorno que uso é o maravilhoso colar de Miranda. Quando saio do quarto, indo em direção a onde será o casamento, fico maravilhada com a decoração, que é simples, mas encantadora. As luzes penduradas nas árvores, as flores brancas enfeitando todo o caminho. Sem conseguir me conter, uma lágrima cai dos meus olhos.

— Está pronta, querida? — Pergunta Dolores, me entregando o buquê de rosas claras.

— Estou — fecho os olhos e penso no meu pai, era para ele estar me levando hoje até o homem que amo, mas a vida não quis que fosse assim. Limpo as lágrimas com um lençinho e dou um passo em direção ao caminho de flores. Vejo meu príncipe me esperando junto com o juiz de paz. Nós concordamos em não realizar um casamento religioso tradicional, mas apenas o casamento civil, seguido de uma pequena festa na fazenda.

Hector está lindo, vestido um smoking preto, que o deixa ainda mais belo.

Então, aqui estou eu, prestes a começar uma nova vida ao lado do anjo que me salvou, que me tirou da escuridão. Este será o primeiro dia do resto de nossas vidas. Caminho lentamente até ele, que sorri ao me ver. Alessia

está linda de madrinha ao lado de Afonso. Eles serão nossas testemunhas, assim como Dolores e Henry. Procuro pelos familiares de Hector, mas não os vejo aqui. Respiro fundo sorrindo, e foco meus olhos no homem que balança minhas estruturas, que me faz ter esperança na felicidade, me faz acreditar no amor.

— Você está linda, Liana. — diz sorrindo para mim assim que paro em sua frente, e minhas mãos tremem.

— Obrigada, você também está lindo — sorrio encantada.

O juiz de paz nos pede para ajoelhar e une nossas mãos, em seguida lê rapidamente a certidão de casamento. Noto que as mãos de Hector estão tão frias como as minhas. Estou tão emocionada por estar casando com o amor da minha vida que nem escuto nada.

— É de livre espontânea vontade que estão firmando contrato de casamento?

— Sim — dizemos juntos.

— As testemunhas, assinem aqui — diz ele indicando a certidão. Uma a uma, nossas quatro testemunhas assinam o documento, e então é nossa vez.

Hector coloca a aliança em meu dedo, e eu deixo uma lágrima escapar enquanto faço o mesmo com ele.

— Parabéns aos noivos! Agora vocês já estão legalmente casados, senhor e senhora Cartier. Pode beijar a noiva.

E então sinto seus lábios nos meus, e juro que pude sentir o que é o paraíso.

— Finalmente você é minha, Liana — fala com a voz rouca.

— Sempre serei sua, meu amor, assim como você é meu; meu amor, meu príncipe e meu anjo salvador...

— Você nem imagina o quanto, minha querida...



CAPÍTULO 11



NOITE FRIA

“A força não vem de quão forte você é capaz de bater, mas sim do quanto você é capaz de apanhar e continuar indo em frente”.

Hector

Nunca senti um peso tão grande em minhas palavras. Mesmo não sendo verdadeiro esse casamento, senti como se estivesse caindo em uma armadilha. Olhei para o céu cheio de estrelas e senti-me culpado. Melissa não sentiria orgulho do que estou fazendo. Liana sorri feliz quando jogam arroz em nós, meus olhos ficam no colar que ela usa. Um diamante azul. Mesmo não sendo conhecedor de joias como Arturo, sei reconhecer uma joia valiosa. Onde Liana conseguiu esse colar?! Provavelmente roubou de alguém, de uma mulher como ela posso esperar tudo. — Penso.

— Sua família não veio? — Questiona ela olhando ao redor.

— Aconteceu um problema com a minha irmã Paloma e eles não puderam vir, mas garanto que logo eles estarão todos aqui para te conhecer.

— Falo inventando uma desculpa qualquer.

— Espero que eles gostem de mim — diz sorrindo.

— É claro que vão te amar, você é uma pessoa boa e justa, com o coração enorme. — Digo com ironia e por dentro, morro de vontade de dizer umas verdades a ela.

— Aí estão os noivos, vocês ficam lindos juntos! — diz Afonso me irritando e deixando Liana envergonhada.

— Obrigada, meu amigo.

— Liana, vem tirar uma foto comigo — diz Alessia se aproximando, me deixando aliviado por estar sozinho um minuto.

— É, meu caro, não é tão fácil como imagina mentir para a garota. — Diz meu amigo trazendo-me uma taça de vinho.

— Ela parece um chiclete grudado em mim, não imagina o quanto eu me seguro para não fazer uma besteira.

— Como se já não estivesse fazendo besteira.

— Ultimamente está sempre me julgando e defendendo essa assassina, acaso está interessado nela?! — Digo amargo, segurando a taça com mais força que o normal.

— Está com ciúme — ele aponta com um sorriso cínico.

— É óbvio que não. Acha que eu sentiria ciúmes de uma garota tão sem graça como ela?

— Bem, eu não a acho sem graça. Na verdade, sua cor é linda, seus cabelos cacheados a deixam ainda mais bela. Sem contar os seios fartos e empinadinhos, a cintura fina... Aposto que qualquer um nessa fazenda daria tudo para ficar com ela.

Uma fúria tremenda se apodera do meu corpo e quando dou por mim estou puxando meu amigo pelo pescoço.

— Ei, me solta, seu idiota. Não está vendo que estava só brincando? — diz tentando respirar assim que o solto.

— Posso odiar e ter nojo da garota, mas para todos os efeitos ela é minha esposa, e você e todos os outros deveriam respeitar isso.

— Cara, você está gamado na morena e não quer admitir, e quase me esganou por isso. Não vê que só estava te provocando? Meu pau já tem dona, e é uma latina teimosa.

Olho bem em seus olhos para ter certeza que o que ele diz é verdade. Não que eu sinta ciúmes de Liana, é apenas uma questão de respeito.

— Certo, não vamos mais falar sobre isso — ele diz com um sorriso zombeteiro.

— O jantar será servido — diz Alessia, vindo até nós com Liana a seu lado.

Percebo que Afonso a ignora totalmente.

— Parabéns, Hector, Liana. Você é um cara de sorte por ter uma noiva tão apaixonante — diz o idiota me provocando.



O jantar foi uma tortura, não via a hora de todo esse circo acabar. Sufocado era como me sentia, com todos os sorrisos e felicitações destinados a nós dois.

— Eu vou fazer uma ligação e já volto — falo querendo tomar um ar e me afastar um pouco desse circo.

— Vai ligar para sua família? — Pergunta Liana.

— Ah? — Por um minuto eu me esqueci do que ela estava falando — Ah, claro, sim. Vou ver se minha irmã está bem — minto e saio de lá indo em direção ao lago para tentar me acalmar, porém, antes que eu possa chegar, esbarro em alguém.

— Desculpe-me, senhora — falo amparando a senhora de cabelos brancos que nunca vi aqui na fazenda, provavelmente uma das funcionárias.

— Preciso alertá-lo, Majestade, o tique-taque do relógio já pode ser ouvido.

— Quem é você? — falo confuso por ela me chamar de Majestade.

— Eu sou aquela que enxerga os erros do presente e do passado, e que tenta remediar o que não pode ser remediado.

— Desculpe, senhora, mas preciso ir — digo me virando para sair de perto da velhinha maluca.

— Não vire as costas para o seu destino. Há paixão em você, e ela arde profundo em sua alma, mas poderá traz a paz que tanto deseja. O destino já jogou a moeda e há somente duas opções a seguir. Se escolher o caminho do ódio, estará fadado a viver no vazio, mas se aprender a perdoar, poderá

encontrar a cura para o seu vazio. — Ela sorri de maneira fria. — A vida já te deu um exemplo do que não deve ser feito, ouça a voz da experiência e, quando a hora chegar, não deixe o mal tomar ela de ti. Um passo em falso e a felicidade escapará. Lembre-se, só existe uma maneira de quebrar a maldição. A maldição que a ganância e o ódio formaram só será quebrada quando o amor for maior que a ambição, maior que a coroa. — Fala de maneira enigmática.

Olho-a chocado e confuso, com a cabeça dando voltas e, sem querer, me lembro do sonho que tive com Melissa no hospital. Sobre a tal escuridão.

— O que quer dizer com isso? Seja clara — questiono segurando em seu braço.

— Sua Majestade logo saberá — diz se afastando de mim, deixando-me estático.

Trêmulo, ainda sem digerir tudo o que ela disse, procuro Henry para que encontrem a velha. Pelo visto ela sabe quem eu sou e pode espalhar pela fazenda, fazendo meu plano ir por água abaixo. As palavras dela ficam martelando em minha mente. Falo com Henry sobre a mulher; ele e mais dois seguranças vão à procura dela.

Decidido a não deixar que suas palavras me influenciem, volto para a festa e vejo Liana, que dança com Alessia e outras moças da fazenda.

— Ei, estava te procurando, sumiu por bastante tempo.

— Desculpa, estava resolvendo alguns problemas. — Falo beijando seu pescoço e noto que sua pele fica arrepiada, ela sorri e me beija intensamente.

— Você está me fazendo tão feliz, meu amor, nunca imaginei que um dia estaria casada. — Ela fala e sorri, me olhando apaixonadamente, e sinto uma satisfação tremenda sabendo que em breve irei destruí-la.

— Está na hora da dança dos noivos — diz Alessia.

— Eu vou me trocar e já volto — diz Liana me beijando mais uma vez, o que não me agrada nem um pouco.

— Claro, vai lá — disfarço meu desgosto.

Bebo mais uma taça de vinho tentando me controlar ao máximo.

— Senhor, não encontramos a mulher — diz Henry, que chega junto com Ruiz.

— Como é possível ela ter desaparecido?

— Tomei a precaução de verificar na listagem dos funcionários da fazenda e nenhuma descrição bate com as que o senhor forneceu. Mas somente funcionários foram convidados, o que é muito estranho.

— Faça mais uma busca para tentar localizá-la... — Perco totalmente minha linha de raciocínio quando vejo Liana vindo até mim com um vestido de cor clara, ajustado no busto, ressaltando seus seios, e curto o suficiente para expor boa parte de suas pernas. O colar ainda está em seu pescoço, porém o que me chama atenção é que ela se desfez do penteado e seus cachos negros estão todos à mostra.

— Você está linda — digo sem saber ao certo o que dizer.

— Obrigada — diz ficando corada e me espanta uma mulher de vinte e um anos corar assim.

— Nos falamos depois — digo a Ruiz, que percebo estar olhando para o decote de Liana.

Puxo-a em direção à pista de dança.

— Que tal tango, sabe dançar? — pergunto tentando me concentrar no papel que tenho que fazer.

— Eu não seria uma boa bailarina se não soubesse.

— Não sabia que era bailarina — falo surpreso.

— Fui, ou melhor, eu quase fui profissional, mas a vida não quis assim.

— Diz com pesar, mas tenta disfarçar sorrindo.

Desfaço-me do paletó e da gravata. Os olhos dela estão grudados nos meus. Liana dá três passos para trás. Ao som de *“I Put a spell on You”* começamos a dançar. Liana dança como uma deusa, seu corpo se molda à música com fluidez, e sinto como se ela guiasse cada passo que eu dou, e não o contrário. Ela gira e sorri olhando para mim. Quando a música se encerra, estou sem fôlego, e num ato impensado, a beijo.

Liana

A festa foi simples, apenas nós da fazenda, mas ainda assim foi maravilhosa. Meus pés estavam me matando, mas estou tão feliz que não ousou reclamar. Quando passamos pela porta da sala de mãos dadas, senti aquele famoso friozinho na barriga, ansiosa. Subimos os degraus da escada em silêncio, é como se o clima animado de antes tivesse sido quebrado. Quando paramos na porta do meu quarto, Hector a abriu e soltou minha mão.

Olhei para ele confusa, e então ele beijou meu rosto com delicadeza.

— Boa noite, amor — ele se despediu.

— Espera — digo segurando seu braço. — Você não vai dormir comigo? — questiono chocada.

— Desculpa, querida, foi tão corrido para mim esses últimos dias, que acabei não te contando, mas eu não durmo com ninguém.

— Como assim? — digo com a voz trêmula, olhando para ele sem acreditar.

Hector passa a mão no queixo, um gesto que faz sempre que está nervoso.

— Me perdoa, Lia, mas eu não consigo dormir acompanhado; prefiro que fique no seu quarto e eu no meu. Também é uma forma de preservar a privacidade dos dois.

Um nó se forma em minha garganta, e tudo que penso é que estou sendo rejeitada por meu marido na nossa noite de núpcias.

— Hector... É nossa noite de núpcias.

— Eu sei, querida, mas estou tão cansado, eu sei que vai entender. Ainda tive o problema com minha irmã. Estou com a cabeça cheia, podemos deixar isso para outro dia — fala como se fosse uma obrigação, me magoando profundamente.

— Tudo bem, boa noite. Espero que durma bem. — Digo ferida.

Ele me puxa para seus braços e me abraça.

— Eu prometo te compensar, minha linda. — Diz beijando meus lábios com delicadeza. Eu tenho que me segurar para não chorar, tamanha a tristeza que me assola.



Entro no meu quarto e, assim que ouço o som da sua porta se fechando, desabo no chão. Choro, sentindo-me a pior das mulheres, rechaçada pelo próprio marido. Me olho no espelho tentando entender o que há de errado comigo. Não consigo encontrar uma resposta; fico igual uma idiota chorando de frente ao espelho. Minha maquiagem fica borrada, minha vista embaçada; tiro o vestido do meu corpo com raiva de mim mesma.

— Talvez Liz tenha razão, eu sou tão sem graça que ninguém quer estar

comigo. Mas então por que ele quis ser meu marido? Por que se casar? — Penso com tristeza.

Nada faz sentido. No grande espelho, vejo uma Liana destroçada, com os cabelos bagunçados e a maquiagem desfeita; me sinto a mesma infeliz de anos atrás. Levanto-me rápido indo direto para o banheiro. Entro no chuveiro, tiro minha roupa e deixo a água lavar todas as cicatrizes em meu coração, que foram reabertas hoje. Uma sensação de solidão e vazio toma conta de mim. Sensação de estar sozinha no mundo, sem meus pais, sem minhas amigas, até mesmo a Maya. Todos foram tirados de mim sem que eu pudesse fazer nada para impedir. Talvez esse seja meu carma. Eu o amo tanto que não me importaria em não ficar a noite toda ao lado dele. Apenas estar um pouco ao seu lado já me bastaria. Ao me deitar em minha cama, com algumas lágrimas ainda escorrendo pelo rosto, respirei fundo e disse a mim mesma que amanhã seria um novo dia.

Hector

Meu pau estava duro, pronto para a uso, e tentei colocar na minha cabeça que aquilo era só uma reação do meu corpo a uma mulher bonita; que não tinha nada a ver com seu sorriso ou com aquela maldita dança que me deixou louco. Deixá-la na porta do quarto não foi fácil, e por um minuto eu desejei que ela não fosse quem é, uma assassina, para que eu pudesse entrar naquele quarto e a fazer minha. Sentir seu corpo estremecer após um orgasmo alucinante, puxar seus cachos enquanto a fodo por trás.

Não sei de onde tirei essas ideias idiotas, só posso estar bêbado — penso comigo mesmo ao fechar a porta do meu quarto. Abro os botões de minha camisa e uma raiva imensa se apodera de mim.

— Que droga é essa, Hector? O que está acontecendo contigo?

Eu preciso focar na minha vingança e no meu plano, e não sentir desejo por aquela desgraçada.

Tiro a camisa e arremesso ela longe, faço o mesmo com as calças. Meu amigão continua duro, não relaxa nem com a minha raiva; é como se meu corpo quisesse algo que minha cabeça diz que é errado. Entro no banheiro da

suíte e olho meu reflexo no espelho. A culpa que sinto é esmagadora, sinto-me um desgraçado por fazer isso com Melissa. Por tocar, por beijar aquela mulher, e pior, por desejar a assassina. Vivo um conflito interno, me culpando por ter me transformado nesse monstro. Talvez seja remorso pelo que estou fazendo e pelo que ainda irei fazer com a garota. Acerto um soco no espelho; os cacos se espalham pela pia, minha mão começa a sangrar, mas não sinto nada. Apenas nojo de mim mesmo. Entro no box e ligo o chuveiro na temperatura mais quente possível, me esfregando com raiva e repulsa. *Como pude sequer cogitar a ideia de dormir com aquela vagabunda?*

— Me perdoa, Melissa — digo olhando para o piso de mármore branco, que leva as gostas de sangue embora. — Eu prometo que a farei pagar caro pelo que ela fez.

Visto uma cueca boxer preta e deito na cama. Olho o relógio e vejo que já são duas da manhã; passei muito tempo no banheiro preso em conflitos internos. Sem um pinga de sono, a minha mente fica dando voltas e mais voltas. O olhar decepcionado de Liana ficou gravado em minha memória. Estranhamente, não senti a satisfação que esperava. Aposto que ela deve ter chorado. Se esse fosse um casamento de verdade, com duas pessoas que se amam, agora estaríamos rolando na cama fazendo amor. Mas somos dois fodidos: ela, assassina sem escrúpulos, e eu, um homem amargo, coberto de ódio. Já prevendo que não vou conseguir dormir, levanto, visto um roupão preto de seda e saio, agitado demais para ficar trancado nesse quarto. Sigo em direção à escada, porém algo me faz parar no primeiro degrau. Sinto-me inexplicavelmente indo em direção ao quarto de Liana no fim do corredor, como que puxado por uma força invisível.

Quando dou por mim, estou abrindo a porta de seu quarto e entrando nele, e, mesmo no escuro, posso reconhecer a sua silhueta. Devagar, me aproximo da cama sem fazer barulho. Vejo seus cabelos, que estão espalhados pelo travesseiro; ela está vestindo um roupão branco, que está meio aberto deixando sua coxa e um pedaço da bunda à mostra.

Dou um passo em direção a ela, mas sinto medo de acordá-la. Posso ver perfeitamente que ela estava chorando, pois seus olhos estão inchados. Uma angústia me acerta e a voz da senhora de mais cedo parece falar ao pé do meu ouvido, suas palavras me atormentam. Quem era aquela bruxa?

Transtornado, dou um passo para trás, me sentindo um idiota por me preocupar com essa infeliz. Não olho para a cama novamente. Sigo meu caminho, saindo do seu quarto e indo em direção ao meu, onde decido beber

para não ficar pensando na morena de cabelos cacheados a dois quartos do meu. Liana é minha inimiga, uma inconsequente que tirou a vida de dois seres inocentes, ela merece sofrer, merece pagar.

Alessia

Afonso me ignorou durante toda a cerimônia e, quando a festa começou, eu pensei que fosse falar comigo, mas ele simplesmente fingiu que eu não existia. Acho que de certa forma isso é bom. Já tenho problemas o bastante.

Como o fato de precisar trazer minha irmã para perto de mim. É muito arriscado deixá-la tão longe, o ideal seria que conseguisse um colégio para ela aqui na Espanha. Com a cabeça latejando foi como eu acordei no domingo, que era dia de folga na fazenda. Fiquei na cama viajando no Kindle, em mais um livro hot delicioso. Ou melhor, estava viajando pela África com um personagem que estava me deixando doida.

Horas mais tarde, me levantei, preparei um sanduíche rápido e decidi visitar Liana. Tenho certeza que depois da noite de ontem, Liana, do jeito que é tímida, deve precisar de uma amiga para conversar.

— Espero que Hector tenha sido carinhoso e tenha dado a noite inesquecível que minha amiga merece.

Entrei no casarão e encontrei Dolores na cozinha.

— Bom dia, Dolores, Liana já acordou? — pergunto a ela.

— Sim, Alessia, ela acabou de deixar a bandeja de café do senhor Cartier e foi para o quarto dela.

— Quarto dela? — falo confusa.

— Bom, não sei bem, esses jovens de hoje em dia são estranhos... Mas pode subir, é o mesmo quarto dela — ela diz encabulada.

Subo as escadas em direção ao último quarto à direita. Porém, antes que vire no corredor, uma parede de músculos esbarra em mim, me fazendo desequilibrar; só não caio porque braços fortes me amparam com firmeza.

— Desculpe, estava com o fone de ouvido e não vi você chegando —

diz Afonso todo suado vestindo apenas uma calça de ginástica.

Fico excitada apenas ao olhá-lo, o suor escorrendo pelo seu pescoço, seus cabelos bagunçados... Droga! Por que esse filho da mãe tem que ser tão gostoso?

— Me olhando assim, fica difícil acreditar que não quer nada com um homem como eu. Como foi mesmo que você me chamou? Cafajeste, arrogante, que trata todas as mulheres como brinquedo. Lembrei.

— Talvez eu não tenha usado boas palavras, mas isso não significa que mudei de ideia.

— Certo, latina, eu também não mudei. Reforço o que disse ontem, se me quiser agora terá que implorar.

— Arrogante, metido a besta! — Digo me sentindo ofendida com seu deboche. — Eu vou falar com a minha amiga, já perdi tempo demais com você. — Falo virando as costas e me afastando dele.

Respiro fundo tentando me acalmar, e bato na porta de Liana.

— Entre — ouço ela dizer.

Assim que abro a porta, vejo uma Liana chorosa, limpando o rosto com as costas das mãos e tentando sorrir.

— O que Hector fez com você? — falo sendo direta.

— Bom dia, amiga. Não foi nada, apenas estou sentindo falta dos meus pais — ela tenta mentir para mim, olhando para as mãos.

— Você não me engana, Liana. Você é tão boa que nem consegue mentir, por mais que se esforce.

— O problema não é ele, Alessia, sou eu... — diz com os lábios tremendo.

— Não diga isso, você é um anjo. Como uma pessoa como você pode ser um problema? Eu já vi muita maldade nesse mundo, Liana, e posso dizer que você é uma pessoa especial, não deixe que ninguém mude isso em você. Me conte o que aconteceu para que eu possa te ajudar — sento ao seu lado na cama.

— Na verdade, o problema foi o que *não* aconteceu.

— Do que está falando?

— Bem, ontem Hector não dormiu comigo. Meu marido não me quis. Ele inventou uma desculpa de que estava cansado e que não gosta de dividir a cama com ninguém, e me deixou sozinha na nossa noite de núpcias.

— Maldito, cafajeste! Eu sabia que esses dois idiotas não prestavam. — Falo fora de mim, me levantando com raiva. — Como ele pôde fazer

isso? Justo no dia que deveria ser inesquecível, sua primeira vez.

— Acho que o problema sou eu, Alessia. Eu não sei o que fazer, não sei como agir... Estou confusa. Eu o amo tanto, e quero que esse casamento dê certo, mas eu sinto que ele esconde algo. — Diz nervosa.

— Para de colocar caraminholas na sua cabeça, a culpa não é sua se Hector é um panaca que não percebe a joia que tem. Se ele não te quer, talvez seja melhor pedir a anulação do casamento.

— Não, não. Alessia, como pode dizer isso? Eu amo esse homem, sou completamente apaixonada por ele. É ao lado de Hector que eu quero reconstruir a minha vida, formar uma família. Você não o conhece como eu. Hector me salvou não uma, mas duas vezes. Confesso que no começo tivemos alguns atritos, mas aprendi a conviver com ele, com suas mudanças de humor e com suas manias.

— Você o ama. Deus, Liana, seus olhos brilham quando fala dele.

— Eu não me casaria se não o amasse. Prometi ao meu pai que só seria dono do meu corpo aquele que fosse dono do meu coração.

— Você não deveria ter levado o café para ele, ainda mais depois do que ele fez. O mínimo que ele merecia era seu desprezo. Se fosse eu, jogava a bandeja na cara dele.

— Ele disse que estou proibida de entrar no quarto dele sem permissão, e nem ao menos me deu um bom dia ou perguntou como eu dormi.

— Pobre Liana, esse miserável não te merece, não merece que chore por ele.

— Você tem razão, chorar não vai ajudar em nada, preciso tomar as rédeas da minha vida.

— É assim que se diz, se esse Hector não te quer, faça ele ver o que está perdendo. Está na hora de te ensinar umas coisas, minha amiga, coisas que vão transformar a vida do seu marido em um inferno. — Sorrio diabólica.



CAPÍTULO 12



O

PODER DO CETRO REAL

"Pode mentir e tentar negar, mas sei que quando me olha seu mundo gira, tudo perde o rumo, e o desejo se torna incontrolável!"

Liana

Penso na conversa que tive com Alessia, em tudo que ela me instruiu a fazer de agora em diante. E, se for para chamar a atenção do meu marido, estou disposta a mudar. Olhar fixo, manter sempre o contato visual, nunca baixar a cabeça e chorar na frente dele, muito menos deixar que ele perceba

que suas palavras me afetaram. Sussurrar palavras em seu ouvido, ignorá-lo da mesma forma que ele faz comigo. A parte de mudar o meu guarda-roupa não gostei muito, mas minha amiga louca insistiu tanto que a ouvi. Usei todo o dinheiro que vinha juntando e comprei roupas novas; agora eu vestia roupas mais atuais para a minha idade, e sentia-me mais bonita e confiante. Eu não queria ser a Liana do passado, queria ser uma mulher forte, dona da própria vida.

Hector me deixa confusa com sua grosseria e constantes mudanças de humor na frente dos funcionários da fazenda. Quando estamos só nós dois, é um poço de frieza; anda irritado, me ignorando, como se eu não morasse aqui, e a todo momento procura motivos para reclamar de algo que eu fiz.

Os três últimos dias pareceram ser os mais longos da minha vida. Continuei fazendo o serviço da casa; não que me importe com isso, mas sinto falta de Dolores que, segundo Hector, era necessária em outra área de fazenda e não poderia mais ajudar na casa grande. E sentia-me extremamente sozinha. Alessia trabalha muito, Afonso passa mais tempo fora de casa do que dentro, e Hector vive trancado no seu escritório, quando não está pela fazenda. Na única vez que fui falar com ele lá, ele teve um surto e me proibiu de entrar lá sem sua autorização. Entro na grande biblioteca do casarão, que tem se tornado meu lugar favorito; quando não tenho mais serviço a ser feito, venho me refugiar entre os livros. São tantos, que me vejo perdida; pego um volume de um romance, *Traição*, da autora Maya Banks. A história é tão emocionante que me vejo com lágrimas nos olhos. Fiquei tão entretida na história que não vi a hora passar. Desanimada com o rumo que a minha vida de casada vem tomando, eu saio da biblioteca e vou caminhar pela fazenda, para me ajudar a espairar.

Caminho pelo jardim, o sol já está se pondo, é sempre lindo ver esse espetáculo daqui. Hector ainda está trancado no escritório; eu já nem ligo, estou até me acostumando com isso. Entretanto, já percebi que os funcionários estão comentando sobre a nossa lua de mel, nem parecemos recém-casados. É ridícula essa relação, tão diferente do que sonhei para mim, totalmente diferente do casamento feliz que meus pais tinham.

— Senhora, é melhor voltar para o casarão, é perigoso ficar aqui. — Diz Ruiz, o segurança. Ele é sempre gentil comigo, gosto de conversar com ele. Quando estou sozinha caminhando ele sempre aparece.

— Ficarei só mais um pouquinho, Ruiz, estou me sentindo

enclausurada naquela casa.

— O senhor Cartier não vai gostar de saber que está aqui sozinha.

— Eu não estou sozinha, você está comigo — falo sorrindo e ele se senta ao meu lado. — Esse lugar é muito lindo, em nada lembra o nome Del Diablo. — Falo vendo o alaranjado do céu e o sol se pôr aos poucos.

— O nome vem do conde Diablo, cujo nome na verdade era Camilo, mas após ser traído pela mulher que ele amava com o próprio primo, ele se trancou na fazenda. Segundo os funcionários da época, ele transformou a vida de todos em um inferno. Era cruel com os arrendatários. Dizem que ninguém o suportava. As lendas contam que até as terras da propriedade ficaram amargas e que nenhuma uva sequer crescia nessas terras. Ele era chamado de *El Diablo* em pessoa. Quando foi encontrado morto em seu gabinete foi um alívio para essa fazenda. Dizem que, no dia de sua morte, uma videira foi encontrada florescendo na fazenda, após onze anos sem frutos.

— É uma história fantástica, então isso justifica o nome da fazenda.

— Exatamente. Após a sua morte sem deixar herdeiros, a propriedade voltou para o rei. Então, o rei a deu ao Duque de Aragão, como presente após anos de serviços prestados à coroa, e dizem que o novo proprietário teve que chamar agrônomos de vários países para cuidar dessas terras. Ele decidiu manter o nome Del Diablo como homenagem a seu antigo proprietário.

— Aí está você, estive te procurando — diz Alessia chegando até onde estamos.

— Vim tomar um ar, já estava me sentindo claustrofóbica dentro de casa.

— Vou deixar as duas sozinhas e fazer a minha ronda. Boa noite, senhoras — diz Ruiz se despedidos de nós duas.

— Estava te procurando, pois tive uma ideia para você fisgar de vez o imbecil do seu marido.

— Não gosto que fale assim dele.

— Desculpa, amiga, mas um homem que tem uma mulher linda como você disponível em casa e não faz nada só pode ser imbecil. Ou gay, já pensou nessa opção? — Diz ela fazendo cara de deboche.

— Para, sua louca! Vai, me conta qual o seu plano mirabolante — rio da sua pose.

— Você vai fazer aquele idiota comer na sua mão, vai seduzi-lo. Primeiro, vai precisar preparar um jantar romântico só para vocês dois, ao

som de uma música lenta. Não esquece de preparar um prato afrodisíaco para apimentar as coisas, com um bom vinho. E você vai se produzir; usar uma lingerie daquelas que compramos, passar um batom vermelho sensual. E o resto da noite é só deixar as coisas seguirem seu curso. Seja provocante. Encha a taça dele a todo o momento e, quando chegar a hora, sem querer você derrama vinho no colo dele e diz que vai ajudar a limpar. Se é que me entende. — Ela balança as sobrancelhas sugestivamente.

— Deus, Alessia! Não teria coragem de fazer isso.

— Mas é claro que tem! Lembra das dicas que te dei com a banana; é só seguir sua professora que vai arrasar.

— Eu posso tentar, mas não garanto que isso vai dar certo.

— É claro que vai. Usa o vestido azul, ele vai ficar sexy e provocante, não acredito que ele vá resistir.

— Mas e o Afonso, como vou fazer tudo isso com ele aqui?

— Essa parte você deixa comigo, darei um jeito de deixar aquele metido a besta fora da fazenda.

Após Alessia sair, comecei a colocar o plano em prática. Preparei um jantar caprichado: fiz filé com pimenta-do-reino e redução de vinagre balsâmico, cogumelos salteados na manteiga, acompanhado por uma salada de folhas frescas. Arrumei a mesa para dois, coloquei flores num vaso e velas em um castiçal de cristal. Escolhi um vinho que imaginei que combinaria bem com a comida na imensa adega. Coloquei o vinho para gelar enquanto terminava a comida e, como não tinha tempo para sobremesas, coloquei alguns morangos em uma vasilha e derreti chocolate, os cobrindo. Teria que servir. Apenas esperava que o agradasse.

Quando tudo estava pronto, corri para o meu quarto para me aprontar. Escolhi uma lingerie bem sensual e o vestido azul justo, que me deixa com um ar mais maduro e menos inocente. Hoje eu preciso seduzi-lo, preciso quebrar esse muro enorme que nos separa, pois eu sei que ele me ama. Se não amasse, por que um homem como ele se casaria com uma garota como eu, sem família, com um passado terrível, uma reles empregada em sua casa? Está claro para mim que ele me ama, só existe algo que o faz se afastar, é como se ele estivesse ferido e eu precisasse curá-lo. Passei o batom vermelho em meus lábios, e soltei meus cachos, sabendo que ele gosta de ver meu cabelo solto. Calcei uma sandália de salto com tiras, passei um perfume bem gostoso. Me senti poderosa e sensual, e assim, fui até o escritório; dessa vez,

confiante.



Bato na porta e escuto ele me dizendo para entrar.
— Boa noite, amor, vim te chamar para jantar.
— Estou sem fome, Liana, e cheio de trabalho para fazer.
— Meu amor, você precisa comer ou vai acabar ficando doente — falo dando a volta na sua mesa e colocando as mãos em seus ombros tensos. — Eu fiz uma comida especial. — Falo em seu ouvido apenas para provocar.
— Tudo bem, você tem razão; e já está tarde também — diz se afastando de mim, e antes que ele feche o computador eu vejo o brasão da família real e estranho. — Vamos! Ou vai ficar parada aí feito uma estátua? — diz ele abrindo a porta do escritório.
— Desculpa — digo e o acompanho até a sala de jantar.
Hector olha a mesa com velas acesas e posta para dois com estranheza.
— Afonso não vai jantar conosco?
— Não, ele saiu com Alessia, acho que eles dois se gostam — falo rindo.
— Bem, da parte do meu amigo está mais do que comprovado, só Alessia que parece estar correndo dele como o diabo foge da cruz.
— Tem razão, mas logo os dois se acertam — falo servindo seu prato.
Hector abre a garrafa de vinho, e serve apenas para ele, enquanto eu fico com o suco de abacaxi com hortelã. O jantar foi silencioso, ele parecia estar com pressa de se livrar de mim, já que as refeições eram os únicos momentos em que estávamos juntos.
— Você não vai experimentar os morangos? — pergunto quando percebo que ele terminou seu prato e já se prepara para fugir.
— Não, Liana; estou cansado e tudo que eu quero é dormir.
— Nós poderíamos assistir a um filme juntos, o que acha? — falo assim que vejo ele se levantar.
— Não estou no clima para isso, Liana, assista você sozinha.
— Quando você vai estar? Nunca tem tempo para mim! Eu me pergunto por que se casou comigo, se não suporta a minha presença?! — Falo indignada.

— Você está me irritando com sua birra uma hora dessas da noite.

— Será que eu devo marcar um horário na sua agenda para poder discutir a relação, marido? — Falo com deboche.

— Eu não sou obrigado a aguentar suas infantilidades — fala virando as costas para mim, e indo em direção às escadas.

— Por que me odeia, por que me trata assim, Hector?! — digo indo atrás dele no corredor — Por que se casou comigo se não me ama?! — Grito colocando para fora toda a raiva que venho sentindo desde a noite de núpcias.

— Porque eu sou um investidor bilionário de trinta e sete anos. Precisava de uma esposa para meus futuros empreendimentos, e também para tirar a marca de playboy e afastar as interesseiras da minha cola. E você, querida esposa, foi perfeita para o cargo.

— Você me enganou dizendo que me amava e que estava apaixonado por mim.

— Eu não condeno inocentes, Liana, mas também não perdoo pecadores.

— O que quer dizer com isso, o que eu fiz para você?! Por que brincar com meus sentimentos? — Digo segurando a vontade de chorar, não darei esse gostinho a ele.

— Liana, eu já falei, estou cansado, preciso descansar. Você está exaltada e eu tive um dia complicado, só preciso dormir. — Tenta me ludibriar.

— Me dê a anulação do casamento se não sou boa o bastante para você. Talvez ainda dê tempo de achar alguém que me queira, que me deseje, me ame. Já que deixou claro que isso para você é impossível! — Jogo as palavras na sua cara.

— O que disse, você está louca?! — fala possesso de raiva.

— Você ouviu bem, estou cansada. Nós não parecemos recém-casados; não é esse o casamento que imaginei pra mim. Eu sou jovem, tenho a vida toda pela frente. Vou achar um homem que me trate como eu mereço, que me dê amor, que não me deixe sozinha na noite de núpcias.

Hector me olha com tanta raiva que juro que fiquei com medo que ele enfartasse, seus olhos azuis estão escuros de raiva e seu rosto de contorce.

— Você não deveria ter dito isso. Eu não aceito que ninguém toque no que me pertence. — Diz puxando meu braço com brutalidade e me empurrando para a parede ao lado da porta do meu quarto.

— Me solta, não quero que me toque!

— Ninguém vai ter o que é meu! Você é minha mulher e não deixarei você escapar de mim. Vai pagar caro por ter sequer pensado em outro homem te tocando. Seu corpo, seu coração, sua alma, são todos meus para fazer o que quiser com eles. — Fala de maneira possessiva e descontrolada. E então Hector me beija de maneira bruta, punitiva; com raiva, como se quisesse provar que quem está no comando é ele.

— Me solta, agora quem não quer mais sou eu! — digo tentando me soltar, mas ele gruda seu corpo ao meu e puxa meus cabelos, atacando minha boca novamente. Eu até tento ser forte, mas é difícil resistir a esse deus de um metro e noventa, loiro, de olhos azuis, me devorando.

Hector

Quando enfim entramos no quarto, arremesso Liana de maneira bruta em direção à cama, tentando me controlar para não fazer uma besteira.

— Nunca mais você vai dizer isso, está me ouvindo? — Digo olhando para seus olhos, que me desafiam.

Abro os botões da minha camisa com pressa e desespero, é como se eu estivesse sendo consumido por chamas e tudo que eu quero é me entregar mais e mais.

— O que vai fazer? — ela pergunta sem tirar os olhos do meu peitoral.

Sei que ela está excitada, sua respiração está agitada e posso vê-la engolindo em seco.

— Vou te mostrar quem é que manda aqui, Liana. Nunca mais, está me ouvindo? Nunca mais você vai me afrontar dessa forma. *Eres mía, Liana, mi esposa, y es una provocadora.* Era pau que você queria? Então é isso que eu vou te dar. Vou te deixar tão saciada, que nunca mais vai abrir a boca para falar de outro homem!

Ela me olha assustada e me divirto com isso.

— Fique de pé — digo com minha voz de comando e ela o faz sem pestanejar.

Uso o cinto da minha calça para indicar para que se aproxime.

Liana para a um palmo do meu rosto e posso ver sua respiração

alterada. Sem pressa e apenas para torturá-la dou a volta no seu corpo. Fico encantando com seus fartos cachos, que quase chegam a sua cintura fina. Posso sentir o cheiro de morango que me embriaga, não resisto e mordo seu pescoço doce, sentindo a textura da sua pele da cor do pecado. Liana geme e fecha os olhos, louca de prazer. Não me seguro e viro-a para mim, empurrando-a contra o divã, onde beijo sua boca com força, obrigando-a a abrigar minha língua em sua boca. Seus lábios são como uma fruta carnuda, sua boca me deixa embriagado, como se estivesse tomando o mais doce vinho.

— *Estás consumiendo mi juicio*. Quando te toco, esqueço o errado que é tê-la em meus braços. — Falo mordendo seu ombro, queixo e clavícula, deixando sua pele toda marcada com meus chupões e mordidas.

— Eu quero você, Hector, só você — diz puxando meus cabelos.

Afasto-me, tentando manter um pouco da minha sanidade, mas olhando para os seus olhos escuros, sua boca vermelha pelos meus beijos, sanidade é a única coisa que não tenho.

— Tire a roupa! — ordeno com a voz firme.

Liana treme, me olhando assustada e não se mexe.

— Não vou dizer duas vezes.

Lentamente ela vai descendo as alças do vestido azul que usa, expondo um conjunto de lingerie branca sexy pra caralho.

Nunca imaginei que branco pudesse ser tão sensual; a cor alva deixa seu corpo de ébano ainda mais tentador.

— Tire tudo — Não tiro meus olhos dos seus seios fartos, quase pulando para fora.

Liana fica vermelha como se estivesse envergonhada e, devagar, se desfaz do sutiã; posso ver os bicos escuros intumescidos de excitação. Suas mãos escorregam pela cintura fina até o cós da calcinha, que logo está no chão. Seu corpo brilha à luz da lua, que entra pela janela e o banha. Liana parece uma deusa da noite, uma princesa exótica, nunca vi algo tão fascinante e excitante.

— De joelhos — digo com voz trêmula.

Ela engole a saliva e se ajoelha aos meus pés. Olhar para Liana assim de joelhos, totalmente entregue, aos meus pés, faz algo dentro de mim estremecer.

— *Eres mía, mi pequeña*, minha, e fará o que eu mandar.

Sei que com minhas palavras consegui o efeito que imaginei; seu corpo

todo se arrepia e posso até sentir o cheiro da sua excitação. Ela gosta assim, gosta de como pode soar sujo e profano; ela é perfeita para mim.

Abro o zíper e tiro meu pau para fora da cueca boxer e seus olhos se arregalam.

— Eu sei, amor, ele é grande, mas vai caber todo na sua boceta. — Digo sorrindo enquanto me toco, extasiado apenas com sua visão de joelhos, nua para mim. — Me toque — ordeno e ela morde os lábios, sem desgrudar os olhos do meu pau.

Suas mãos frias causam um arrepio na minha espinha. Suas mãos são pequenas e ela usa as duas e faz movimentos de vai e vem, como eu fiz segundos atrás, me deixando louco.

— Abra a boca e me chupe. Se usar os dentes, será castigada. — Digo louco para encher seus lábios vermelhos com meu gozo.

— Eu não sei como fazer isso — ela diz baixando o olhar envergonhada, deixando-me confuso; até parece que uma mulher como ela nunca fez um boquete.

— Abra a boca e o leve o mais fundo que conseguir, tente relaxar a garganta e respire pelo nariz.

Liana faz o que eu digo e, quando sinto sua boca quente envolver meu pau, eu enlouqueço. Ela começa a lamber e chupar um tanto desajeitada e engasga com o tamanho; suas mãos seguraram o que sobra. Eu fecho os olhos e o levo mais fundo dentro da sua boca. Sua língua chupa a cabecinha.

— Assim... mais fundo — falo segurando seus cabelos e fazendo os movimentos vigorosos por ela.

Liana engasga novamente e olha para mim como uma pantera pronta para me devorar.

— Vou gozar nessa boquinha e você vai beber tudo — digo me segurando para durar mais; essa mulher me leva à loucura apenas com sua boca, imagina com a boceta.

Liana passa os dentes lentamente; não me seguro mais e gozo, rugindo feito uma fera, perdido. Estremeço quando os espasmos do orgasmo vão me acertando, ela bebe tudo e engasga com a quantidade de gozo, e acaba deixando escapar um pouco pelo canto da boca. Garota levada, fica linda assim com meu pau na boca toda gozada. Um caralho se essa imagem não ficará gravada na minha mente por toda a eternidade!

— Gostoso, é muito melhor do que eu esperava — diz limpando os lábios. — Ele é tão grande, parece um cetro. — Diz ainda olhando para o

meu pau, o que me deixa duro de novo apenas com o poder das suas palavras.

— Safada, você me olhando dessa forma me deixa louco para fodê-la até que esqueça quem sou.

— Oh, por favor, eu preciso disso — diz Liana juntando as coxas, tentando aplacar a palpitação que vem sentindo.

Pego o cinto que estava no chão e aproveito para torturá-la, da mesma forma que ela vem me torturando com suas roupas provocantes. Lentamente, vou passando-o sobre seus seios rijos, eles são tão pesados e durinhos que me deixam louco de vontade de mordê-los. Acerto o primeiro golpe e ela grita de susto.

— Oh, Deus!!

— Isso é para aprender a não ser uma safada provocadora! — Falo e acerto mais um golpe em seu outro mamilo, querendo puni-la por me fazer querê-la tanto. Liana geme e posso ver que ela está a ponto de gozar. — Não ouse gozar ainda. Você só vai gozar na minha boca e no meu pau. — Falo firme e ela se contorce com mais uma cintada.

— Eu não aguento mais!! — Ela grita gozando, e eu jogo o cinto no chão. Avanço em sua direção, pegando-a pelos braços e a jogando no divã.

— O que eu disse para você, safada? Não sabe obedecer? — Falo enquanto abocanho seu seio direito, sua pele está quente e marcada pelos golpes do cinto.

Suas mãos vão para meus cabelos e ela os puxa desesperadamente.

— Eu vou ter que te amarrar, putinha teimosa, para me obedecer — falo enquanto uso sua calcinha para fazer um nó em suas mãos. Giro seu corpo no divã, a deixando de quatro sobre os cotovelos. Desejei que a luz estivesse acesa para que pudesse olhar melhor seu corpo, mas o pouco que vejo já me faz delirar. Acerto um tapa forte na sua bunda carnuda e ela treme.

— Ah... Eu quero você, amor, por favor, eu quero te sentir.

Eu gemo rouco, fechando os olhos ao ouvir suas palavras. — Ainda não, *niña traviesa*, quem manda aqui sou eu, só vou entrar nessa boceta quando *eu* quiser. Agora eu quero sentir o seu sabor. — Me encaixo sob ela, com meu rosto bem na sua bocetinha. Liana está praticamente montada em minha cabeça, e posso sentir seu cheiro doce. Meus dedos separaram seus lábios e minha língua acerta diretamente seu clítoris; ela grita, tentando segurar-se no divã.

— Hector, oh...

— Eu vou te levar ao precipício e, juntos, vamos nos jogar — falo

enquanto vou lambendo seu botão; seu sabor enche minha boca e eu entro em êxtase. Deliciosa, divina, perfeita... é tudo que passa na minha cabeça. Maldita, perfeita e deliciosa. Assopro seu clítoris e faço movimentos sincronizados com a língua, uso um dedo em seu canal.

— Ahhh!! — Grita gozando de novo.

Eu bebo todo seu gozo delicioso, nunca senti tanto prazer apenas em chupar uma boceta. Liana me leva ao limite da tentação. É errado e pecaminoso, mas não consigo parar.

— Não aguento mais.

Ela tenta deitar no divã, mas tem dificuldade, com as pernas trêmulas e as mãos amarradas. Desfaço-me da calça e da cueca, meu pau está babando de tesão.

— Você está pronta agora, safada? Está pronta para ser fodida?

— Sou toda sua, meu amor.

— Agora vou te foder tanto, que não vai sair dessa cama amanhã. — Falo sorrindo de maneira selvagem.

Deitei sobre seu corpo, beijando sua boca, que se tornou um vício para mim. Soltei suas mãos e coloquei suas pernas grossas em minha cintura, num encaixe perfeito; e fui levando meu pau diretamente para sua bocetinha molhada. Comecei a passar a cabeça do meu pau pela sua entrada e notei que ela é muito apertada.

— Porra, você é muito apertada, bebê. — Falo enquanto vou entrando na sua boceta macia.

Sinto a cabeça do meu pau alargando seu canal. Eu mal tinha começado, ela já estava me arranhando. Quando tentei ir mais fundo, ela se contorceu e deu um gritinho tão sexy, que fui à loucura e meti de uma vez. Ouvei ela gritar de dor, e senti algo dentro dela se rompendo. Meus olhos foram para o seu rosto, não acreditando. *Não é possível. Ou é?*

— Por favor, continua, não pare — ela pede, com os olhos cheios de lágrimas.

Senti-me a porra de um canalha, pois havia acabado de tirar sua virgindade. Em choque, tento me afastar, mas Liana surpreende-me, cruzando as pernas nas minhas costas, me mantendo dentro dela.

— Eu quero você, eu preciso de você — ela beija minha boca, e todo meu juízo se esvai. Já não me importo com a merda que estou fazendo, só quero senti-la, só desejo estar dentro dela. Eu só posso estar enlouquecendo, isso é errado de infinitas maneiras. Tento me segurar para não a machucar e

lentamente vou dando investidas dentro dela. Nossas bocas não se desgrudavam uma da outra, seus gemidos eram engolidos por meus lábios. Fui sentindo meu pau sendo esmagado por sua bocetinha apertada. Fechei os olhos rugindo de prazer.

Liana goza, arranhando meus braços; meu coração está disparado, parece que há uma magia sobrenatural nos envolvendo. Vou acelerando os golpes em busca do meu prazer e seus gemidos não me ajudam em nada a raciocinar. Quando meu pau sai de dentro dela, eu posso ver claramente o sangue de sua virgindade, e sinto-me possessivo ao saber que fui seu primeiro. Vou forçando o meu pau a entrar cada vez mais, até sentir minhas bolas batendo em sua bunda. Liana se contorce, eu toco seu clítoris para que ela venha junto comigo e, quando percebo que ela está gozando, tiro meu pau e solto todo meu gozo na sua barriga.

— Vem comigo — falo pegando sua mão, porém, assim que ela põe o pé no chão seu corpo bambeia. Suas pernas estão trêmulas, e antes que ela caia, eu a pego no colo e a levo até o banheiro. Coloco Liana sentada em cima do vaso enquanto vou em direção à banheira para enchê-la. Percebo que ela está tímida, parece envergonhada pelo que acabou de acontecer.

Jogo alguns sais na banheira e ligo a hidromassagem. Volto até ela, a pego e a coloco na banheira, e assim que a água entra em contato com suas partes íntimas, ela geme, fechando os olhos. Entro junto na banheira, me pondo atrás dela, mas não consigo dizer uma só palavra. Decido não pensar no que aconteceu, não agora, pelo menos. Lentamente, vou passando a bucha sobre seu corpo. A luz do banheiro está acesa e então posso admirar melhor suas curvas. Lavo seus cabelos com um shampoo de morango que encontro, e ela parece relaxada com meus toques. Mas, ao lavar suas costas, algo me chama a atenção. Há várias cicatrizes em toda a extensão da sua coluna, algumas bem profundas, o que indica que algo a feriu gravemente.

— Quem fez isso com você?! — pergunto nervoso.

— Eu... Eu não gosto de falar sobre isso.

— Quem te machucou dessa forma?! — Falo já puto; ela quer proteger quem a machucou?

— Foi... Foi na prisão. Uma presa não gostava de mim, eu nunca nem soube por que — diz enquanto tenta segurar as lágrimas.

Não consigo dizer nada. Minhas mãos tremem ao lembrar da prisão do motivo dela estar aqui. Antes que eu tenha qualquer reação, ela sai da banheira correndo e se enrola na toalha como se sentisse vergonha de mim.

— Liana. Lia, espera. — Chamo por ela, mas ela corre para o quarto sem deixar me deixar falar.

Visto um roupão e a vejo tentando se vestir toda atrapalhada.

— Ei, eu te ajudo.

— Não precisa, você viu minhas costas. E deve estar arrependido de ter me tocado — ela fala sem me olhar, se segurando para não chorar.

Aproximo-me dela, levantando seu rosto para mim, olhando em seus olhos, e sou sincero, mesmo sabendo que não deveria.

— Não tem do que se envergonhar, Liana Castela. Você é linda, tudo em você foi feito para me enfeitiçar. — Acho que isso é um tipo de castigo, por te querer e não poder ter.

— Você não sentiu nojo? — Fala com a voz embargada.

Pego suas mãos e coloco dentro do roupão que estou usando, onde meu pau já está duro.

— Nojo é tudo que eu não sinto por você, Liana. Mesmo querendo negar, eu me vejo fascinado por você, por sua doçura, sua inocência. Você me deixa louco, *mi diosa*. — Falo beijando seus lábios com delicadeza.

— *Tú eres mi hermosa, eres mi perdición* — falo em meio aos beijos — *me está volviendo loco. Tu eres mía y de nadie más*.

— Eu te amo, Hector, amo mais que tudo, mais que a mim mesma. Meu príncipe.

Com essas palavras, mesmo sendo tão erradas, levando em conta quem somos, nós dois estávamos completamente entregues um ao outro.

— Fica de quatro para mim.

Ela faz o que eu mando sem hesitar e eu começo a lambar sua bundinha macia. Vou lambendo-a inteira: sua boceta, seus seios, até seu cuzinho. A sensação de tê-la entregue a mim é indescritível; isso é tão errado e ao mesmo tempo tão certo.

— Você está com dor? — falo sabendo que minutos atrás ela era virgem. Porra, virgem! Meu cérebro ainda está demorando a processar essa informação.

— Não, estou bem.

— Eu vou te comer de quatro, como toda *diosa ardiente* deve ser comida — falo em seu ouvido e ela esfrega a bunda no meu pau. Lentamente vou colocando meu pau dentro da sua boceta recém inaugurada e ela geme alto, segurando os lençóis de seda da cama.

— Você me provocou, agora aguenta!

Quando o meu pau estava dentro dela novamente, senti como se fosse o paraíso; não queria mais sair da sua bocetinha. Soco com força, totalmente alucinado, e o único som dentro do quarto são meus golpes e nossos gemidos. Meu pau está sendo esmagado por sua boceta apertada, Liana treme e goza, chamando meu nome. Eu puxo seus cabelos em um rabo de cavalo e a visão que tenho me leva ao limite. Rapidamente, tiro meu pau de dentro dela e gozo na sua bunda, a deixando toda lambuzada.

— Porra, isso foi insano! — Ela gira o corpo, com o rosto suado e o cabelo grudado na testa, e eu me deito ao seu lado e a beijo, abraçando-a e sentindo coisas que não queria. Mesmo tentando me enganar, é impossível não sentir meu coração estremecer tendo ela nos meus braços.

Liana

Nada do que já senti na vida pode ser comparado a essa noite. Nunca pensei que sexo pudesse ser tão mágico e perfeito. Nós fizemos amor por horas. Hector é lindo, gostoso, intenso e bruto, ao mesmo tempo em que é doce. Deus, se eu já não o amasse, agora estaria completamente apaixonada por esse homem. É tão bom se sentir desejada e amada. Hector não só domina, como adora meu corpo. Fazendo-me sentir maravilhosa, me sinto nas nuvens. Às vezes me pego pensando que não o mereço, não depois de tudo que fiz. É como se fosse bom demais para acontecer comigo. O que ele faria se eu contasse sobre meu passado? Isso provavelmente mudaria tudo.

Me aconchego em seus braços e fico olhando para o seu rosto adormecido; até dormindo ele consegue ser lindo, meu príncipe encantado. Hector manda meus pensamentos embora quando abre seus lindos olhos azuis para mim. Sorrio apaixonada.

— Desculpa, te acordei?

— Que horas são? — pergunta meio atordoado.

— Ainda é madrugada, é uma e quinze, pode voltar a dormir.

— Não acredito que dormi aqui — fala assustado.

Hector começa a se levantar da cama e nessa hora sinto como se meu coração estivesse sendo apertado em um punho. Ele se levanta da cama e

veste sua boxer sem nem olhar para mim. Então eu seguro seus braços e olho em seus olhos, e peço, não tendo vergonha.

— Por favor, não me deixe sozinha.

Seus olhos agora estão distantes e em nada ele lembra o Hector de antes.

— Não seja ridícula, Liana, você não é mais criança para ter medo de dormir sozinha.

Engulo em seco a vontade de chorar. Isso não pode estar acontecendo! Ele não pode estar fazendo isso de novo, não depois do que aconteceu nessa cama.

— Hector, só hoje, fica comigo? Ao menos até eu dormir. Por favor?
— ele fecha os olhos e esfrega a fronte, como se estivesse cansado.

— Não, Liana. Nós já conversamos sobre isso. Agora vai dormir e me poupe desses seus choros noturnos — ele sai e bate à porta, me deixando sozinha e totalmente magoada com sua atitude. Minha vontade é de gritar e xingar ele, todavia tudo que faço é arremessar o seu travesseiro na parede. Levanto-me da cama vou até o divã, onde recolho sua camisa que está jogada, abraço ela e volto para a cama, onde horas antes nos amamos de maneira tão intensa.

— Não é possível que ele vá fingir que nada aconteceu. E voltar a ser o mesmo grosso de antes. — Encolho-me na cama sentindo o vazio, e choro segurando a sua camisa, que é a única coisa que me resta. Em meio ao choro, as palavras de Liz vêm e ficam martelando na minha cabeça...

— Aprenda o seu lugar, Liana! Ninguém jamais vai te amar de verdade. Todos sabem que você é suja, todo mundo vê o que você é. Suas amigas fingem se importar, e tudo por pena, nada mais que isso. Tento ignorar sua voz na minha cabeça, mas ela está infiltrada em mim, depois de tantos anos a ouvindo. Por mais longe que eu esteja de Liz, tem horas que a minha mente faz questão de me fazer lembrar o que eu quero apagar...



CAPÍTULO 13



PAIXÃO QUE ATORMENTA

“Ela é um lampejo de luz em um mundo de trevas. Bela demais para ser amada, pura demais para enfrentá-lo.”

Afonso

Faz alguns dias desde que Hector e Liana se casaram naquela cerimônia bizarra de casamento. Durante esses dias, tentei entrar em contato com Pablo, mas não obtive sucesso, o que me deixa apreensivo. Sinto que Liana anda cada dia mais deprimida, trancada nessa fazenda. Já Alessia, aquela maldita

latina, decidi dar-lhe o tratamento que ela merece: o meu desprezo. Suas palavras no casamento ainda estão martelando dentro de mim; e mesmo a desejando, não vou dar o braço a torcer. Observo como ficou o novo estábulo e confesso que está melhor que o anterior. A fase da fermentação já começou e logo a nova safra de vinhos Del Diablo estará pronta.

Saio de meus devaneios com meu celular tocando.

— Alô?

— Até que enfim consegui falar com você, filho ingrato!

— Oi, mãe, desculpa. Andei meio ocupado esses dias e não pude ligar para a senhora.

— Ocupado de férias, Afonso? Estou começando a pensar que Letícia tem razão e que você e Hector estão aprontando alguma coisa.

— Tem falado com tia Letícia? — digo nervoso.

— Sim. Ela marcou um chá no palácio e passou quase duas horas me interrogando. Como se adiantasse alguma coisa, já que você nunca me conta nada.

— Mamãe, já te disse: decidi tirar essas férias prolongadas para descansar e relaxar. Depois da morte do meu pai, não ando tendo descanso.

— Eu sei, mas também sei que você e Hector são carne e unha e, para ajudá-lo, você faria qualquer coisa, inclusive mentir.

— Não estou mentindo, mãe, estamos no Brasil, que é um país lindo. Aliás, estamos em Angra dos Reis, curtindo um dia lindo de sol — digo tentando convencê-la.

— Certo, querido. Apenas lembre-se: se estiver fazendo algo errado me diga logo, antes que Letícia descubra, pois aí não poderei te defender, sabe como sua madrinha é.

— Eu sei, mãe, não precisa se preocupar. Hector está muito sobrecarregado com as novas funções e há muita pressão em cima dele. Daqui a pouco estamos voltando.

— Certo. Espero que essa viagem sirva para você enxergar que já está na hora de tomar juízo e arrumar uma mulher de berço para se casar; você e seu irmão são dois irresponsáveis. — Anahí é apaixonada por você, quando vai dar uma chance para a garota?

— Mãe, nós já tivemos essa conversa! Eu não gosto da Anahí, ela é como uma irmã para mim. Acho que ela combina muito mais com Lorenzo do que comigo.

— Lorenzo está namorando uma tal de Aline, uma garota sem classe, e

pior: trabalha como empregada na casa dos Martinez. — Diz ela revoltada e eu já imagino o inferno que ela deve estar fazendo na vida do meu irmão.

— Conversaremos sobre isso quando eu voltar para casa.

— Tudo bem, meu filho, volte logo, sinto sua falta.

— Eu também, mãe. — Digo e desligo, me sentindo mal por estar mentindo para ela.



Caminho de volta para a casa grande pensando que Anahí provavelmente seria mesmo a esposa perfeita: doce, delicada, sabe se portar como uma duquesa, seria uma boa mãe. Mas por que não consigo enxergar ela sendo minha? Por que quando penso em uma duquesa para mim, a imagem de uma certa latina dos infernos é que vem à minha mente?

— Aí está você, estava te procurando — diz Alessia me surpreendendo.

Viro-me e vejo-a vestida para matar, com um vestido preto curto, que deixa suas coxas à mostra, além de ter um decote gigante.

— Estão você está me procurando? — falo cruzando os braços, fingindo que não fiquei afetado com sua presença.

— Você ainda está bravo comigo? — Pergunta olhando para mim.

— O que você acha? — Falo com raiva.

— Bem, pelo visto, sim. E é por isso que estou aqui — ela dá um passo em minha direção e assim posso sentir seu perfume. Porra, essa mulher será minha ruína... — Fala logo o que você quer, tenho coisas para fazer.

— Não precisa vir com pedras nas mãos, só queria te chamar para jantar comigo na cidade. — Olho para ela como se estivesse vendo uma alien na minha frente.

— Sério isso? Cadê as câmeras? Você está bem?

— Estou te devendo um pedido de desculpas, e inaugurou um restaurante de frutos do mar e não tenho ninguém para me acompanhar.

— Então é isso, só está me chamando porque não tem companhia — digo irritado, por um segundo cheguei a pensar que ela queria estar comigo.

— Claro que não, Afonso. Espera — fala segurando meu braço, me impedindo de sair. — Vamos comigo, me dê a chance de desculpar-me da maneira correta, eu sei que tenho sido injusta. Você tem razão quando diz que

eu o julguei pelas experiências ruins que tive. Ela está tão próxima a mim que não consigo raciocinar, essa mulher consome meu juízo.

— Tudo bem, eu vou com você, mas eu pago — falo sorrindo e ela assente. — Vou tomar um banho rápido, você me espera lá na frente.



Entro na casa grande animado e, ao passar pela sala de jantar, vejo a mesa posta para dois. Liana deve estar tentando impressionar Hector. Subo direto para o meu quarto e me arrumo sem demora. Por último, pego a chave da minha Harley. Com um sorriso no rosto logo encontro a latina teimosa que vem me enlouquecendo.

— Está pronta? — pergunto assim que a vejo.

— Sim, vamos então.

Caminho com ela até a garagem. Entrego um capacete para ela e pego o meu.

— Sério, nós vamos de moto? — fala empolgada.

— Sim. Faz tempo que não dou uma voltinha com minha bebê, ela está se sentindo triste sem uso. Alessia senta na garupa da moto e eu acelero, saindo da fazenda em direção à cidade.



Assim que chegamos ao restaurante Ventorrillo El Chato, peço uma mesa mais afastada, para ficarmos mais à vontade. Seguro na mão de Alessia, que não reclama ou me afasta, o que me deixa feliz, e acompanhamos o maître até a mesa no terraço. Daqui podemos ver toda Cádiz iluminada e suas belas construções históricas.

— Esse lugar é lindo — diz ela encantada.

— Tem toda razão — falo olhando para ela encantando.

Um garçom traz o cardápio, escolhi *Langostinos de Sanlúcar* com molho de laranja para mim e para Alessia escolhi um aligot com lagosta. Um bom vinho rosé frizante para harmonizar.

— A noite está linda — diz ela um tanto envergonhada.

— Sim, tem razão. Cádiz tem um clima maravilhoso. Mas, me fale sobre você, Alessia.

— O que quer saber? — Pergunta bebendo um gole de vinho.

— O que quiser me contar.

— Bem, sou colombiana, como você já sabe. Tive uma infância bastante atribulada. Nunca pude ser normal como as outras crianças. Não fui à escola, pois meu pai me obrigava a ter aulas particulares. Minha mãe morreu quando eu tinha dezesseis anos, no parto da minha irmã. Infelizmente, ela tinha a saudade frágil, mas a vontade de dar um herdeiro homem para o meu pai a fez levar a gravidez de risco até o final. Quando descobriu que esperava uma menina, ela entrou em depressão. Eu não entendia muito o que estava acontecendo, mas aos poucos vi minha mãe, a única que me fazia sorrir naquela casa, ir definhando. Minha mãe morreu no parto e só sobrou minha irmã e eu. Prometi que cuidaria dela e não deixaria nada de ruim acontecer a ela.

— Vejo que a ama muito. E, onde está sua irmã enquanto trabalha aqui na Espanha? — digo bebendo meu vinho, tentando fingir que não sei de nada.

— Clara está longe daqui, em um colégio integral; mas meu sonho é conseguir um emprego bom o bastante para alugar uma casa para mim e trazê-la para morar comigo. — Fala com um brilho no olhar que encanta.

A noite estava realmente boa, porém foi quando estávamos comendo a sobremesa que o clima esquentou.

— Tem sorvete aqui — diz ela tocando, com a ponta dos dedos, meus lábios.

Eu não resisti e chupei seus dedos deliciosamente, a torturando. Alessia me surpreende ao me puxar para ela e me beijar com loucura. Ela parece desesperada, suas mãos vão parar nos meus cabelos e logo a vejo sentando-se em meu colo.

— Vamos sair daqui — diz com a voz rouca de desejo, enquanto beijo seu pescoço tão ou mais desesperado do que ela.

— Agora! — falo levantando-a do meu colo. Jogo três notas de cem sobre a mesa e saio de lá arrastando Alessia pelo braço.

— Ei, calma, brutalmente — diz ela rindo e quase caindo nos saltos.



Levei-a para o melhor hotel da cidade. Alessia não dizia nada, parecia perdida nessa aura de desejo. Tudo passou rápido. Pegamos a chave e, ainda no elevador, eu não consegui resistir e ataquei sua boca.

— Você está me deixando louco, latina.

— Não mais que você; não sei o que estou fazendo, só sei que quero te sentir mais — fala fechando os olhos enquanto eu mordo sua orelha. As portas se abrem no andar onde fica a suíte presidencial. Ao entrarmos, Alessia fica encantada olhando para o quarto; eu nem olhei para a decoração, meus olhos estão focados nela.

— Você é linda — digo beijando seu pescoço e afastando seu cabelo cacheado sedoso.

Minhas mãos vão para as alças do vestido, que escorrega lentamente do seu corpo. Afasto-me, apenas para poder ver melhor seu corpo: ela usa apenas uma calcinha rosa de renda, que deixa sua pele dourada ainda mais destacada.

— Você tem noção do quanto a desejo?!

— Pare de falar e aja antes que eu enlouqueça — fala virando-se de frente para mim e meu pau falta explodir nas calças apenas com a bela visão dos seus seios. Avanço em direção a ela e beijo sua boca, grudando meu corpo ao seu. Comecei a passar a mão pelo corpo dela sentindo sua pele macia enquanto eu beijava seus seios. Ela também não se faz de rogada; tirou minha camisa e passou suas unhas pelo meu peito, me marcando. Coloquei ela sentada na cama e tirei a calça e a cueca, ficando completamente nu diante dela. Seus olhos me devoraram.

— Gosta do que vê, bebê?!

— Não tenho do que reclamar, a vista é muito boa — diz apertando os seios e mordendo os lábios.

— Você sabe quantas vezes eu fui dormir duro por sua culpa e sonhei que estava aqui com você?

— Hum, então andou tendo sonhos eróticos comigo, duque? — fala ficando de joelhos na cama com os cabelos espalhados pelos ombros, apenas com a maldita calcinha.

Alessia me chama com o dedo e não demoro a obedecer. Ela sorri travessa e começa a beijar meus lábios, sua língua safada viaja por todo meu peitoral, até chegar ao meu pau.

— Caralho, mulher, você vai me matar assim!

Ela sorri e segura meu pau com as duas mãos, fazendo movimentos de vai e vem, depois começa a beijar a cabeça, passando a língua de leve só para me castigar.

— Não judia de mim, peste! — falo com a mão direta em seus cachos castanhos.

Alessia não resiste e o abocanha com gosto, eu tremo inteiro ao sentindo sua boca me devorando.

— Porra, Alessia, assim eu não vou aguentar — falo quando ela acelera seus movimentos brincando com as minhas bolas, deixando-me alucinando.

Antes que acabe gozando, eu a puxo para cima.

— Você está brincando com fogo, não tem medo de se queimar? — falo olhando em seus olhos, totalmente entregue a essa paixão que nos consome.

— Hum, você não imagina o quanto eu gosto do fogo — fala fogosa me provocando.

A jogo com tudo na cama, pegando-a de surpresa. Alessia sorri sabendo o que vou fazer; abro suas pernas e rasgo sua calcinha. Sinto meu pau babar apenas ao ver sua bocetinha rosada molhada para mim. Abri mais suas pernas, deixando-a arreganhada para mim e caí de boca na aquela maravilha. Seu sabor enche minha boca, eu gemo louco de tesão; ela é perfeita para mim. Separei seus pequenos lábios com os dedos, dando atenção ao seu clítoris. Ela se contorce puxando os lençóis.

— Oh, Deus! Eu vou gozar! — grita puxando meu cabelo feito uma gatinha feroz.

— Goza na minha boca que vou beber cada gota do seu gozo, amor.

Alessia se contorce enquanto eu meto dois dedos dentro dela e mordo suavemente seu clítoris inchado. Sinto os tremores e os espasmos do orgasmo.

— Foi uma delícia chupar essa bocetinha encharcada e viciante, preciso chupar essa boceta todo dia de agora em diante para me sentir saciado.

Alessia está descabelada e com o corpo suado pelo orgasmo, é a coisa mais linda que já vi. Essa mulher é como uma droga tomando conta do meu corpo e dos meus sentidos; sinto que já estou me viciando. Pego uma camisinha, que havia colocado na mesa de cabeceira e, antes que ela possa recuperar-se do orgasmo, eu enfio meu pau nela. Alessia me arranha pela investida bruta, sei que sou grande e sua boceta apertada está me esmagando. Comecei a socar com força naquela bocetinha, ela gemia de prazer e eu

delirava de tesão. Ela cruza as pernas na minha cintura; a cama bate na parede ao nosso ritmo, e no quarto só se ouve nossos gemidos de prazer.

— É assim que gosta, peste? — aperto seus seios com força.

— Sim! — geme fechando os olhos e mordendo meu ombro quando o segundo orgasmo da noite a atinge.

Sorrio beijando sua boca, porém, ela se afasta, me gira na cama e sobe em cima de mim e, para me enlouquecer, Alessia senta no meu pau devagar e começa a rebolar lentamente, me torturando.

— Não faz isso, provocadora.

— Você quer que eu rebole assim? — diz ela levando meu pau fundo em sua boceta, começando a sentar forte no meu pau, enquanto eu apertava seus peitos fartos.

— Isso, safada, quica no meu pau.

Ela controlava a velocidade e eu ajudo segurando em sua cintura.

— Vem comigo, Afonso, goza comigo — ela fala jogando o corpo para trás enquanto rebola com gosto.

Esfreguei sua boceta com a mão, enquanto metia, e senti seu orgasmo sendo construído. Beijeí sua boca ferozmente, então eu não resisti e gozei, levando-a junto comigo.

Alessia caiu sobre o meu corpo, abracei ela junto a mim e ali eu tive a plena certeza que ela seria minha para sempre.



Horas mais tarde, estávamos os dois exaustos das inúmeras rodadas de sexo.

— Está cansada — falo quando percebo que ela está calada enquanto eu acaricio seus cabelos.

— Apenas pensando no que aconteceu aqui — diz um tanto tímida.

— Você é minha, Alessia, e não vai mais fugir de mim — falo sentindo seu cheiro doce.

— Uma hora dessas, Liana e Hector devem estar juntos e talvez tenham se acertado — ela muda de assunto. E eu a olho confuso.

— Do que está falando?

— Liana vai seduzir ele essa noite, e não acredito que seu amigo vá

resistir aos encantos dela por mais um dia.

— Espera, você me chamou para sair porque queria deixar sua amiga sozinha com Hector?! — Falo me levantando e olhando para seu rosto pálido.

— Então essa história de desculpa, todo esse jantar, tudo não passou de um teatro seu? — digo me afastando dela e ficando de pé no quarto, me sentindo usado.

— Também não é assim, Afonso — fala se cobrindo com os lençóis.

— Diz para mim que você não preparou tudo isso só porque sua amiga pediu? — pergunto tentando não acreditar que tudo não passou de um teatro da parte dela.

Alessia engole em seco e demora a responder.

— Seu silêncio já disse tudo, Alessia. Pensei ter deixado claro para você que não estou brincando com você, que sinto algo especial — visto minha calça e pego minha camisa do chão.

— Afonso, não é para tanto, não precisa ficar chateado; me deixa explicar.

— Pode ficar o resto da noite aqui, eu vou deixar pago um táxi para que volte para a fazenda. — Falo amargo virando as costas sem a deixar sequer protestar.

— Afonso, espera! Vamos conversar — ainda consigo ouvir quando fecho a porta daquela suíte.

Que droga de sentimento é esse que parece que vai me sufocar? Maldição! Isso só pode ser um castigo vindo do além. Justo eu, Afonso de Aragão, apaixonado por uma latina que não dá a mínima para mim.

Hector

Fugi. Não posso me enganar e dizer que não fugi daquele quarto feito um covarde; é isso que sou: uma porra de um covarde. Ela era virgem e se entregou a mim de maneira intensa. Porra! Se eu não me senti um sortudo a tendo em meus braços, se submetendo a mim, se entregando de maneira tão submissa!

— Droga, não era isso que eu queria! Meu plano está saindo do rumo;

não posso me envolver dessa forma.

Ainda pude ouvir seus soluços quando fechei aquela porta. Minha mente me diz que ela é a assassina que não merece nenhum sentimento; mas meu corpo clama por algo que não sei explicar. Fecho os olhos confuso, sentindo-me arrependido, e vou direto para o banheiro e ligo o chuveiro na água escaldante. Seu cheiro está grudado em minha pele, ainda posso sentir suas mãos pelo meu corpo. Me visto transtornado, não conseguindo ficar nessa casa. É como se as paredes me sufocassem. O que acabei de fazer? Eu não posso me deixar levar apenas pelo fato de que ela era virgem. Decido ir à cidade beber, encher a cara e esquecer a assassina do quarto ao lado.

Fui sozinho até o primeiro bar que encontrei em Cádiz. Sentei numa mesa afastada para não ser reconhecido, o garçom me serviu o uísque, que bebi agoniado, com o peito ardendo. Melissa deve me odiar pelo que fiz! Como pude deixar o desejo dominar meu corpo? Como pude gostar tanto de transar com aquela mulher? Justo ela! Não sei quantas doses bebi, mas quando dei por mim havia uma morena linda conversando comigo. Seu sorriso me lembra Lia, minha Lia, mas seus cabelos não são cacheados como os dela. Seu beijo não tem o mesmo sabor, e seu perfume é forte demais, e não suave como o do meu anjo.



Acordo com a cabeça latejando. Abro os olhos e me vejo em um quarto estranho. Assusto-me quando percebo que não estou sozinho; há uma morena deitada ao meu lado com as pernas descobertas, aparentemente nua.

— Porra, que merda eu fiz?

Procuro minhas roupas vestindo-me rápido, me sentindo um verme. Pago a conta do motel e saio o mais rápido possível, antes que a moça acorde. No caminho até o estacionamento tento lembrar o que aconteceu, mas minha mente está em branco.



Cheguei à fazenda por volta das cinco da manhã e por sorte Liana ainda

não tinha acordado. Não sei se conseguiria olhar para ela depois do que fiz. Droga! Esse casamento nem é de verdade. Eu não deveria me sentir um canalha miserável como me sinto nesse momento. — Penso comigo mesmo.

Chamo Henry e peço-lhe que investigue a moça do motel, pois eu corria o risco de ela ter me reconhecido. Sem contar que precisava saber se aconteceu algo entre nós ou não, já que não consigo me lembrar o que houve ontem. Ao entrar em meu quarto, um sentimento de culpa se apossou de mim, tomei um banho gelado para tentar curar o porre e clarear a mente. Sentei-me no chão frio respirando fundo tentando me acalmar. Preciso agir mais rápido; quanto mais tempo fico perto dela, mais difícil está sendo acabar com isso. E aquelas cicatrizes. Será verdade o que ela falou? Tudo que diz respeito à Liana é confuso para mim, e por mais que eu tente enxergá-la como uma mulher fria, sem escrúpulos, uma assassina sem coração, eu não estou conseguindo. E agora estou aqui me sentindo um merda por tê-la traído.

É como se a Liana que imaginei nesses cinco anos desde a morte de Melissa fosse outra pessoa. Essa Liana que vejo é totalmente o oposto do que imaginei. Desligo o chuveiro, enrolo uma toalha na minha cintura e volto para o quarto. Visto uma boxer, pego meu celular e vou para a sacada do meu quarto ver o sol nascer. Fiquei ali divagando sobre o que tinha acontecido e me dei conta de que não devo me culpar, afinal Liana não merece meu respeito e compaixão. Desço as escadas indo em direção ao escritório; não vejo Liana pelo caminho, o que é bom. Assim que chego ao escritório, entro e tranco a porta para que ninguém me incomode. Sento-me à mesa e abro a segunda gaveta, pegando a minha verdadeira aliança; é como se ela me desse forças para seguir, preciso me apegar a ela para me manter são. Até essa maldita vingança acabar. Ligo para Pablo, que é o único que poderá tirar essas dúvidas idiotas da minha cabeça. Demora um pouco, mas enfim ele atende.

— Majestade?

— Preciso de respostas, Pablo — falo indo direto ao ponto.

— Certo, do que o senhor precisa?

— Sobre Liana, algo me diz que ela esconde alguma coisa, que deixamos algo passar nas investigações do assassinato de Melissa.

— Do que o senhor desconfia? — diz ele com uma voz estranha, como se já soubesse de algo.

— Eu não sei. Não digo que ela é inocente, nós sabemos que não, mas talvez esteja protegendo alguém. Eu vi cicatrizes nas suas costas e algo me

diz que não foram feitas na prisão. Tem alguma coisa no passado dela que ela não quer contar. Talvez eu devesse ter ouvido seu conselho e investigado o passado dela a fundo.

— Eu avisei que precisaríamos de mais tempo para descobrir toda a história, desconfiei do promotor no instante em que vi o vídeo do julgamento.

— Eu não sei — falo nervoso, andando pelo meu escritório.

— Eu sinto como se ela tivesse medo de algo, como se ela estivesse fugindo de alguém — digo o que se passa na minha cabeça.

— Bem, eu também tenho minhas dúvidas sobre o acidente, mas preciso de provas, e não apenas de suposições.

— Volte o quanto antes para a fazenda, Pablo, preciso que investigue melhor o passado de Liana. Ela disse que os pais estão mortos, mas talvez ela tenha mentido.

— Tudo bem, senhor. Irei vasculhar o passado de Liana Castela, e descobrirei exatamente o que ela esconde. Até lá, aconselho abortar o plano e esperar meu retorno. — Diz ele de maneira enigmática, como se me escondesse algo.

— É tarde demais para isso. — Falo com um nó na garganta.

Liana

Estávamos todos no haras, como eu amo esse lugar! Sempre pedia para papai nos trazer aqui nas férias. Mamãe amava a natureza, e papai, seus cavalos; a única que não gostava muito daqui era Liz. Por ela, nós estaríamos na Disney, ou quem sabe na Itália, como suas amigas. Não que eu não gostasse da Disney, mas depois que Jeniffer, melhor amiga da Liz, espalhou para toda a escola que eu tinha HIV, eu não tinha mais amigos, e me sentia deslocada. E era sempre assim: bastava as amigas dela estarem por perto que minha irmã me ignorava. A casa do haras é linda, toda de madeira, com uma grande varanda na frente, onde há um balanço confortável. A lareira na sala criava um clima aconchegante e rústico. Eu também amava vir para cá por causa da dona Ana, caseira e cozinheira do haras. Ela sempre fazia a torta de maçã que eu amo.

Solto Algodão, meu gatinho branco, e ele corre pelo gramado.

— Pai, você vai me levar para andar a cavalo? — Pergunto animada.

— Claro, meu anjo, já mandei preparem Lady para você. Liz, não quer ir com a gente? Talvez desta vez você acabe gostando.

— Não gosto de bichos, papai, você sabe. Prefiro ficar com a mamãe — diz ela olhando para Algodão, que brinca com as plantas do jardim.

Tudo estava indo bem naquela tarde, Liz ficou com mamãe em casa e eu e papai fomos cavalgar pela fazenda. Eu amava sentir o vento soprando pelo meu corpo, e estava aproveitando nosso momento de pai e filha, quando, em determinado momento, a sela se desprende e fui arremessada ao chão. Meu corpo gira e só para quando acerto uma árvore; a dor é tão forte que grito curvada no chão. Ouço o som do cavalo de papai se aproximando.

— Filha, o que aconteceu, meu anjo?

— Eu não sei, pai, a sela... — tento dizer, mas a dor é muito grande.

Ainda não sabia, mas eu tinha quebrado o braço. Segundo papai, a sela do meu cavalo estava cortada. O empregado da fazenda foi demitido, mesmo ele dizendo que não tinha culpa.

Mas isso não foi tudo. As férias, que tinham tudo para terem sido incríveis, se tornaram uma desgraça. Apesar do braço engessado, eu convenci mamãe a continuarmos na fazenda. Porém, algo horrível aconteceu, que me fez querer fugir de lá. Algodão sumiu e eu passei dois dias procurando-o pela fazenda, pensando que talvez ele tivesse sido picado por uma cobra ou estivesse perdido. Mas nada me preparou para o que eu veria. Meu gatinho Ragdoll, que parecia uma bolinha de algodão, o meu filhinho, estava morto. Não apenas morto, mas com a cabeça decepada. Eu o encontrei jogado atrás do galinheiro.

Eu gritei tão alto, assustada, que não demorou muito para papai, mamãe e alguns funcionários da fazenda me encontrarem ali encolhida, chorando pelo meu gatinho. Aquelas férias foram marcadas pela dor; e nunca mais voltamos ao haras. Sei que papai sentia falta de lá, mas eu sentia que, se voltasse lá, outras coisas ruins poderiam acontecer. Ledo engano, eu não precisava estar no haras para coisas ruins continuarem acontecendo.



Acordo abalada, com o corpo coberto de suor. Mais um pesadelo! Sento-me na cama e gemo ao sentir a ardência nas minhas partes íntimas. Levanto com dificuldade, as pernas bambas pela noite intensa de ontem. Sorrio lembrando a forma como nos amamos, nunca imaginei que poderia ser tão bom, tão intenso. Fecho os olhos e posso sentir seus toques, seus beijos.

Olho-me no espelho do quarto e vejo meu corpo todo marcado: há vários chupões e marcas de mordidas pelo meu pescoço e colo. Recolho as roupas jogadas no chão, tiro o lençol sujo da cama, que está manchado com o sangue da minha virgindade. Mesmo que ele tenha me tratado daquela forma no final, não me arrependo de nada; ainda assim foi inesquecível. Após arrumar o quarto, vou para a cozinha preparar o café da manhã e me preparar para conversar com Hector. Não posso aceitar que ele me trate daquela forma, ainda mais depois do que aconteceu. Com a mesa pronta, esperei ele vir tomar café, mas eu já deveria imaginar: ele não veio. Ficou trancado em seu escritório a manhã toda. Alessia deveria estar com Afonso, já que nenhum dos dois apareceu.

Tentei me concentrar nos afazeres da casa, mas a todo momento pensava em ir até o escritório enfrentá-lo. Ele não pode fingir que eu não existo e me tratar como um nada. Ao terminar o almoço, decido chamá-lo. Bato na porta do escritório e falo:

— Hector, o almoço está pronto. Você já está há tanto tempo aí dentro, precisa se alimentar.

— Estou ocupado, Liana. Vá almoçar e não me encha! — ele diz enfurecido, sem nem abrir a porta.

Forço a maçaneta, pronta para dizer umas verdades a ele, porém, a porta está trancada. Saio da lá enfurecida com sua atitude. Como uma pessoa pode ser tão confusa assim? Suas atitudes não fazem nenhum sentido. Uma hora ele parece me odiar, e em outras me trata com carinho, como na banheira. Droga! Esse amor está tirando minha sanidade. Hector ainda vai me deixar louca. Como perdi totalmente a fome, tirei a mesa e decidi ir cavalgar. Não vou ficar trancada dentro dessa casa chorando porque meu marido não suporta ficar perto de mim. Rapidamente troquei de roupa e fui em direção ao novo estábulo. Ramón relutou em preparar um cavalo para mim, mas depois que insisti, ele me entregou uma égua malhada mansa, chamada Amora. Não foi difícil voltar a cavalgar. Bastou subir nela que senti aquela sensação gostosa de liberdade que não sentia há muitos anos.

Hector

Fiquei a manhã toda trancado no escritório; aproveitei para ajudar Afonso com o balanço das exportações dos vinhos para os Estados Unidos e partes da Europa. Já passa das duas da tarde e estou faminto. Mas quando Liana veio me chamar para almoçar, eu não consegui; só de pensar em encará-la depois de ontem, sinto meu estômago embrulhar. Afonso ainda não voltou para casa e também não atende o celular. Decido sair do escritório para procurá-lo, todavia não o encontro em nenhum lugar da casa grande; e estranhamente nem Liana.

— O'Connell, sabe onde Afonso está? — Pergunto a um dos meus seguranças já do lado de fora.

— Ele foi em direção aos estábulos, senhor.

— E Liana? — pergunto.

— Ela saiu acavalo senhor.

— Ótimo — digo e vou em direção aos novos estábulos.

— Já estava preocupado com você, cara — falo assim que vejo meu amigo distraído olhando seu cavalo favorito se alimentar do lado de fora do estabulo.

— Desculpa, meu celular está sem bateria e não tinha cabeça para voltar para a fazenda. Na verdade, estou pensando em ir para Amsterdã.

— O quê? Como assim, o que aconteceu? — questiono confuso.

— Nada com que deva se preocupar. Só vi que não tenho chances com a latina e decidi me afastar até essa paixão maluca passar.

— Não acha que é muito cedo para dizer está apaixonado por ela?

— Quisera eu não estivesse, meu amigo. — Ele diz com pesar.

— Vai me deixar sozinho nessa empreitada — falo nervoso ao me imaginar sozinho com Liana.

— Pelos arranhões no seu pescoço, você está lidando bem com a situação — ele diz rindo.

— Não brinca com isso, seu idiota, a coisa acabou saindo do controle. Nem te conto a merda que fiz ontem à noite.

— Tenho até pena da Vossa Majestade, foi atacado pela malvada da

plebeia; não diga que ela te amarrou e abusou de você?

— Claro que não, seu mané, eu nem lembro como começou. Só sei que quando dei por mim eu já estava no quarto dela, e pior, cara, eu tirei a virgindade dela. Se isso não fosse o bastante, eu a deixei sozinha, fui à cidade beber e acabei ficando com uma mulher.

— Opa, opa! Como assim virgindade? Cara, você dormiu com outra após ter transado com a Liana?

— Não tenho certeza se dormi com a mulher, eu não lembro de nada. Só sei que acordei em um motel com uma morena do meu lado.

— Cara, a garota era virgem e você fez isso com ela! Isso é tão nojento que nem eu seria capaz de fazer algo assim. Sabe que agora que dormiu com ela as coisas vão se complicar, né? E, pela forma como você parece estar arrependido de ter ficado com a outra, aposto que gostou muito do que aconteceu entre você e Liana.

— Eu sou homem, ela é uma mulher bonita, é meio óbvio que seria bom.

— Vou te perguntar uma coisa e espero que seja sincero comigo. Transar com a Liana foi melhor do que com a Melissa?

— Mais que merda de pergunta é essa?! — falo revoltado. — Melissa é o amor da minha vida, Liana é só sexo, puro e cru! — falo exasperado.

— Tudo bem, não está mais aqui quem perguntou. Só acho que, já que Liana era virgem e isso não dá para enganar, muitas das coisas que você pensava sobre ela caíram por terra.

— Eu estou confuso, sinto que ela esconde algo.

— Isso está na cara, e é por isso que é melhor você desistir dessa vingança antes que você, Hector, seja o maior prejudicado.

Conversamos por mais um tempo até que Afonso decidiu ir para o casarão e eu quis ficar mais um pouco com os cavalos. Estava quase entrando nos estábulos para escolher um cavalo, quando vi Liana chegando montada em uma bela égua marrom. Ela parece uma amazona e domina perfeitamente o animal. Liana desmonta e entrega a égua para o tratador e vem em minha direção com um olhar triste.

— Não me lembro de ter dado autorização para sair a cavalo — digo irritado.

— Não me lembro de ter pedido sua autorização! Além do mais, achei que ficaria o dia todo enfiado no escritório — diz chateada entrando nos estábulos.

— O que quer, Liana? Se não fui até você é porque queria ficar sozinho.

— Como você pode ser tão estúpido? —fala vindo em minha direção feito uma fera.

— Você está louca por acaso? O que deu em você? Bastou se casar com o dono da fazenda para colocar as garrinhas de fora — falo para machucá-la.

— Você está me deixando louca! Eu não entendo o que se passa com você. Por que me evita, se sou sua mulher?

— Você disse bem, minha mulher, não minha dona. Pode notar que quero minha privacidade. — Falo irritado com sua postura vendo todos os funcionários saindo de fininho nos deixando sozinhos.

— Eu nunca disse que queria ser sua dona, só quero te entender. Quero que não me afaste, quero que sejamos um casal de verdade.

— Não era isso o que queria ontem? Não te satisfiz o bastante? — falo com asco e vejo-a sentir o baque das minhas palavras.

— Não trate o que aconteceu ontem como uma obrigação! Você quis tanto quanto eu, então não se faça de idiota.

— O que quer que eu diga, Liana? Que não gostei de comer você? — falo e imediatamente sinto o choque do tapa na minha cara.

— Eu não sei o que aconteceu para você me odiar tanto, Hector, mas eu não tenho culpa se você carregar tanto ódio dentro de si — fala limpando as lágrimas.

— Não se faça de inocente, Liana; podia até ser virgem, mas inocente é tudo que você não é!

— Você me confunde com essas frases sem sentido. O que eu fiz para você, Hector? O que eu te fiz? Me diga, que posso consertar.

Suas palavras me acertam como facas afiadas perfurando meu corpo.

— Nada, Liana, você não fez nada — digo tentando convencê-la.

— Então me dê uma justificativa para suas atitudes, porque eu estou enlouquecendo aqui.

— Me desculpe, eu não deveria ter falado com você dessa forma. Você não tem culpa; estou cheio de problemas com a fazenda e acabo descontando em você — digo a abraçando, antes que ela desconfie de algo, e ao mesmo tempo me sentindo culpado por ontem.

— Eu amo você, Hector Cartier, mais do que tudo nesse mundo — diz ela me abraçando e beijando meu rosto e, mesmo não querendo, me sinto um

merda, ainda mais quando ela fala com tanta firmeza dos seus sentimentos por mim.

Seus lábios tocam o meu rosto e a chama se acende. Fecho a porta da banha, trancando o estábulo. Puxo-a para mim angustiado.

— Eu te amo, eu te amo — fala enquanto eu afasto seus cabelos presos em um rabo de cavalo, expondo seu pescoço para mim.

— Quero você aqui e agora, safada — falo fora de mim, desesperado para senti-la.

— Eu sou toda sua, meu amor, de corpo e alma — fala ela descendo as alças da blusa que usa.

Só agora reparo na roupa que ela está vestindo; uma calça de couro sexy e uma blusa tão justa que seus seios estão quase saltando para fora. Solto um rosnando só de imaginar os seguranças vendo-a vestida assim.

— Não quero que use essa roupa nunca mais, tá ouvindo? — falo firme e ela apenas sorri. Sua blusa vai ao chão em cima do feno, e a calça segue o mesmo caminho.

— Sem calcinha, safada — digo vidrado na sua bocetinha. — Eu vou te comer de quatro sobre esse feno, Liana, terá que ser rápido para que ninguém nos pegue aqui — falo abrindo o cinto ferozmente.

— Tudo que, o meu senhor, quiser — ela diz provocadora, ficando de quatro sobre as sacas de fenos. Porra! Quase gozo só com a visão do seu corpo de ébano, sua bunda toda arreganhada para mim.

— Você quer me deixar maluco, não é, safada? Quer me provocar, consumir meu juízo, a ponto de ficar descontrolado — falo e dou um tapa forte na sua bunda

— Hum — ela geme de olhos fechados.

— Você gosta quando eu faço isso, não é? — digo e dou outro tapa.

Liana sorri mordendo os lábios.

— Ah, safada, levada — digo e beijo sua bunda, para logo em seguida chupar sua boceta molhada. — Caralho, como pode ser tão gostosa? — falo transtornado.

Abocanho sua bocetinha com força e chupo seu cuzinho assim por trás, Liana estremece e grita, gozando na minha boca. Seu sabor me leva à loucura. Sua entrega me excita; seu corpo me deixa fascinado. É como se ela fosse uma bruxa que me enfeitiçou, e quando ela está em meus braços, nada mais importa. Levanto-me e puxo seu rabo de cavalo; odeio quando ela prende o cabelo, isso me deixa irritado.

— Quero que use os cabelos soltos, Lia — falo chupando sua orelha.
Encaixo meu pau na sua entrada e meto de uma vez, arrancando gemidos dela. Fui ao paraíso ao sentir sua gruta quente me acolhendo.
— Você continua tão apertada quanto da primeira vez — falo sentindo sua bocetinha me esmagando.
Que sensação deliciosa, penso enquanto vou dando arremetidas dentro dela.
— Você é deliciosa, Liana; é viciante estar dentro de você — falo puxando seus cabelos para trás enquanto ela apenas geme.
— Isso, Hector, não para! Mais, mais, por favor!
E eu não paro, mas acelero, metendo com força. Eu podia sentir meu pau tocando seu útero.
— Está gostoso, safada? Era isso que você queria, ser fodida por mim?
— Sim! Não para, por favor! Mais!
— Você quer meu pau, gostosa? — Soco com força, depois a giro, me sentando no feno, só para vê-la cavalgar no meu pau. Não demora muito ela está cavalgando feito uma amazona, seu rosto está coberto de prazer assim como o meu. Beijo seus lábios carnudos com gula, sentindo-a gozar alucinadamente, o que me faz gozar fortemente.
Liana sorri e beija meu rosto.
— Isso foi incrível, uau! Eu nem sei o que dizer — fala de maneira doce, me deixando sem graça.
— É melhor a gente se vestir.



— Senhor Cartier? — diz um dos meus seguranças, da entrada do estábulo, nos interrompendo.
— Estou indo! — falo ajudando Liana a se recompor.
Ela fica vermelha; é engraçado ver o quanto ela é tímida e não tem noção da sensualidade que tem.
— Vamos, antes que ele entre aqui — digo segurando sua mão.
O olhar de Ruiz vai direto para Liana e eu não gosto da maneira que ele olha para ela.
— O que aconteceu para estar me chamando? — falo chamando sua

atenção e ele desvia o olhar ajeitando a postura.

— Temos visita, senhor.

Estranho. Quem poderia vir à fazenda? Ninguém sabe que estou aqui.

— Vamos ver quem está aí — falo indo em direção à casa grande.

Liana me acompanha calada. Olho para o carro preto e não reconheço de quem possa ser, porém, assim que nos aproximamos a pessoa se vira e eu congelo.

— Quem é ela? — Pergunta Liana ao meu lado.

— Minha mãe...



CAPÍTULO 14



DE UMA PECADORA

LÁGRIMAS

"Suportei a dor, suportei a maldade, suportei a injustiça, só não fui capaz de suportar a falta do seu amor, o engano, a mentira!"

Pablo

Dirijo meu carro em direção ao ferro velho "Santa Cristina". O carro usado no atropelamento de Melissa foi encontrado, e como não confio na perícia que foi feita na época, decidi que irei realizar uma nova perícia. Mesmo após cinco anos do acidente, DNA pode ser encontrado. Após a ligação de Hector, me dei conta do quanto é importante descobrir a verdade sobre o acidente. Na época da investigação sobre Liana, eu estava na Alemanha com Amanda, amiga de Verônica Cartier. Depois, passei um tempo na Inglaterra, e não demorou muito para que a bomba da prisão da garota tivesse explodido. Dezesete anos e órfã, recém-ingressada na *Universidad Complutense de Madrid*, onde cursaria Direito, assim como a mãe, que era juíza na vara criminal. A garota tinha tudo para ter uma grande

carreira, seu currículo escolar era excelente. Nada disso, porém, foi analisado na época do julgamento. Depois de muito investigar, constatei que o promotor Rogério Gusmão havia sido comprado para acusar Liana Castela, e que as testemunhas foram todas pagas para dizer que ela estava bêbada na ocasião do acidente.

Bianca Orlean, uma das testemunhas decisivas no caso, após ter sido confrontada duramente pelos meus homens, confessou que foi paga para dizer que viu Liana saindo do carro totalmente embriagada e provavelmente sob efeito de entorpecentes. Duas ex-colegas de escola da garota também foram testemunhar contra ela, o que piorou a situação, já que as duas diziam ser amigas da moça. Muita coisa está se encaixando nesse mistério, entretanto, o passado de Liana Castela está longe de ser revelado. A irmã adotiva, Elisabeth Castela, não foi ao julgamento da irmã, muito menos fez visitas no tempo em que Liana ficou presa, e algo que me diz que é por aí que devo começar.

Elisabeth Castela é herdeira de uma grande fortuna. A mãe e o pai, Luíza e Miguel Castela, morreram quando ela tinha quinze anos, e Liana dezesseis. As duas foram deixadas com um amigo da família e tutor, como foi solicitado no testamento dos pais. Esse mesmo amigo ficou responsável pela herança, porém, também não apareceu no julgamento. O que me leva a crer que o tal Taylor também está envolvido na história. Hoje, Elisabeth é a única responsável pelo haras da família e também as ações da bolsa de valores que o pai deixou. No orfanato, onde as duas moravam antes de serem adotadas, descobri pouca coisa sobre elas. Liana foi abandonada ainda bebê em uma praça, e em seguida levada ao orfanato; e Elisabeth foi levada para lá quando já tinha cinco anos, mas o passado dela segue como segredo de justiça.

Dora Sánchez, uma antiga funcionária do lugar, me disse que as duas eram muito unidas, e que Liana foi a primeira a ser adotada. Após cerca de um ano, a pedido dela, seus pais adotaram Elisabeth. O que não faz sentido, já que a irmã não foi ao julgamento de Liana.



Estaciono o carro na entrada do ferro velho, atrás de mim estaciona a

equipe de perícia, junto com o guincho que levará o carro para um lugar seguro. Desço, como sempre armado, não posso correr riscos em investigações como essa.

— Em que posso ajudar? — um homem careca de bigode diz assim que me vê entrando no lugar.

— Falei com Vigo ao telefone, vim buscar, junto com minha equipe de peritos, um Citroen prata que foi deixado aqui há mais ou menos cinco anos.

— Eu sou Vigo, foi comigo que o senhor falou. Sei que carro é esse, vem comigo, irei levá-los até o local.

Acompanho-o em meio à montanha de carros empilhados e, pelo estado dos carros, acho difícil que o carro de Liana ainda sirva para descobrir alguma coisa; provavelmente estará em péssimo estado.

— É aquele ali! — Diz ele apontado para o carro.

Eu sorrio pensando na sorte que tivemos. Aproximo-me do carro, que está sujo e todo amassado, mas que, por dentro, parece estar em ótimo estado.

— Isso era tudo que eu precisava, obrigado.

Sinto que será com este carro que irei desvendar esse mistério.

Héctor

Estático. Foi assim que fiquei ao ver Inês na minha frente e, como se um raio me atingisse, fiquei mortificado.

— Não é possível que ela tenha me encontrado e está justo aqui. — Penso raivoso.

Liana está paralisada ao meu lado olhando para Inês, que a analisa minuciosamente. Posso ver pelo seu olhar que ela já entendeu o que se passa aqui. Inês é ardilosa e inteligente demais.

— O que faz aqui, Inês? — Pergunto com frieza, deixando claro que ela não é bem-vinda.

— Não é assim que deveria falar com sua mãe. — Ela sorri com ironia, olhando para mim e para Liana, que se mantém calada, para a minha sorte.

— Querida, leve minhas malas para o quarto de hóspedes. — Inês diz indicando as malas, e Liana prontamente faz o que ela diz.

Olho para ela e engulo em seco, não me sinto bem vendo Liana ser tratada como uma serviçal. Talvez Inês pense que ela é uma empregada da casa.

Espero Liana entrar e, assim que a porta da frente se fecha, me viro para aquela que me deu à luz, mas que não consigo considerar como mãe.

— Espero que tenha uma boa justificativa para sua vinda a essa fazenda — digo duramente, porém ela não se abala.

— Também senti sua falta, meu filho. Adoraria conversar com você agora e contar como descobri esse planinho ridículo, mas estou muito cansada e prefiro me refrescar antes. — Diz virando as costas para mim e entrando no casarão.

— Você não dá as ordens aqui, Inês. Espero você em uma hora no meu escritório, e não se familiarize com o quarto, você não ficará por muito tempo nessa fazenda.



Quase duas horas depois, eu olhava pelas câmeras da mansão e via Liana entretida na cozinha. Inês ainda não tinha vindo me procurar. Minha cabeça estava dando voltas pensando em como ela descobriu onde estou e se meus pais também já sabem que estive mentindo.

— Droga, droga! Tudo está saindo do meu controle.

A porta se abre e Inês aparece por ela com sua posse de mulher fria. Às vezes me pergunto como ela consegue manter-se tão dura depois de tudo que aconteceu com ela. Tem horas que me sinto culpado por tratá-la dessa forma. Não é que eu não saiba que ela foi uma vítima de Esteban, mas não consigo amá-la da maneira que amo minha mãe Letícia.

— Como descobriu onde estou? — falo indo direto ao ponto, assim que ela fecha a porta.

— Você não é tão esperto quanto pensa, filho.

— Não foi difícil descobrir que não havia ido para o Brasil. E mais fácil ainda foi mapear possíveis locais aonde levaria sua presa.

— Você contou para os meus pais que estou em Andaluzia?

— Não. Letícia pensa que você está no Brasil, ela acredita que jamais mentiria para ela. Pobre rainha, não imagina o que você está aprontando bem

debaixo do nariz dela.

— Não fale assim da minha mãe.

— Eu tenho quatro filhos, Hector. Você, Arturo, Paloma e Guilherme. Posso dizer com toda certeza que você é o que mais se parece comigo. E, por mais que não queira, eu vejo Esteban em você.

— Não diga o nome desse desgraçado perto de mim.

— Meu filho, não imagina o quanto dói em mim, ver você cometendo esse erro. Existe tanto amor e bondade em você. Mas está tão cego pelo ódio que não vê que está fazendo a mesma coisa que Verônica.

— Você não sabe nada sobre mim, Inês. Não sabe o que eu sinto, a dor que carrego. Não pode me julgar, ela é a assassina da minha mulher.

— Não, Hector. Ela é uma mulher apaixonada que olha para você como se fosse seu único e verdadeiro amor, e que pensa que você se casou com ela por amor. — Diz com convicção.

— Como sabe disso?!

— A pobre garota é tão doce, ingênua, que me perguntou sobre Paloma e disse que adoraria que eu tivesse vindo ao seu casamento.

— Eu sei o que estou fazendo, não se intrometa, Inês. Isso está acima de você.

— Eu não posso deixar você fazer isso, Hector. Está destruindo sua vida.

— Você não tem que deixar nada, Inês. Não pode chegar aqui achando que tem o poder de me fazer mudar de ideia. Liana tem que pagar pelo que fez, ela destruiu a minha vida. E não se esqueça que Verônica quase morreu no acidente e por pouco os seus netos não estariam aqui.

— Eu conheço você, Hector, sei que você não é assim; não é vingativo e não é cruel. Não faça mal à garota, porque vai estar se transformando em algo que você mesmo abomina.

— Como você mesma vive dizendo, é o sangue dos Cartier que corre em minhas veias. Pois é, Inês, talvez eu esteja sendo o que deveria ter sido sempre, um Cartier. E nada nesse mundo irá impedir a minha vingança.

— Tenha cuidado com o que está fazendo, filho. Se você quebrar aquela garota, pode não sobrar nada para você tentar remendar.

Liana

A mãe de Hector é linda, e parece tão elegante e sofisticada, que dentro de mim cresceu a semente da insegurança. Contudo, quando estava saindo do quarto de hóspedes após deixar suas malas, ela me surpreendeu.

— Desculpe, não queria assustá-la.

— Não foi nada, senhora. Eu coloquei suas malas no closet, espero que goste do quarto — falo meio sem graça com sua presença.

— Estou em desvantagem, não sei seu nome. — Fala ela, me deixando-me confusa.

— Liana Castela, sou a esposa do Hector — digo com um sorriso no rosto.

— Ah, claro! Desculpe-me, que cabeça a minha. Liana, é claro que sei quem você é.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com Paloma. Hector me contou que ela não esteve bem e por conta disso vocês não puderam vir ao nosso casamento. Espero que ela já esteja bem.

— Paloma... Sim, minha filha está ótima, não se preocupe com ela. — Diz sentando-se na poltrona. — Você é muito bonita, Liana. Tem uma beleza exótica, e parece tão jovem; me faz lembrar alguém — diz ela pensativa.

— Obrigada, senhora — digo envergonhada com a maneira que ela me olha, como se eu fosse um animal em exposição em um zoológico.

— Não me chame de senhora, por favor, eu sou sua aliada, querida. Me chame de Inês. — Diz ela me olhando séria.

— Tudo bem, Inês — falo sorrindo. — Vou preparar o jantar, tem alguma preferência? — falo querendo agradá-la.

— Você vai cozinhar, onde estão os funcionários da casa? — Pergunta ela confusa.

— Bem, tinha a Dolores, mas ela não pode ficar no casarão, pois tinha outros serviços mais importantes para fazer na fazenda.

— Você cuida da casa sozinha? — questiona ela com estranheza.

— Não é nenhum sacrificio para mim, já estou acostumada com o trabalho duro e faço tudo com carinho, afinal é a minha casa.

— Pois não deveria — diz ela pensativa.

Despedi-me de Inês e fui tomar um banho rápido, pois ainda tinha feno no meu cabelo após a aventura do estábulo.

Ao descer as escadas, dei de cara com Afonso.

— Boa tarde, Afonso, você viu Alessia por aí? Estive procurando por ela e não a achei — digo assim que o vejo de pé na sala de estar.

— Agora eu sou obrigado a saber onde sua amiguinha ardilosa está. Por acaso tenho obrigação cuidar dela? — diz ele grosseiro, me deixando chocada.

— Desculpa, é que eu pensei...

— Claro, já sei o que pensou. Faz um favor, Liana?! Não fale o nome dessa praga na minha frente. — Diz ele emburrado virando as costas e me deixando parada no meio da sala.

O que foi que aconteceu com ele? Parece que o bicho o mordeu. — Penso.

Encaminho-me para a cozinha para fazer o jantar logo, antes que a minha sogra chegue.

Opto por preparar batata cremosa ao forno, salada de abacate com bacon e molho caesar, e de prato principal filé mignon na manteiga e alho. Lembro quando tinha um jantar mais sofisticado em casa e Cecí, a cozinheira e minha amiga, preparava esse cardápio; eu sempre gostei de ajudar. E para a sobremesa eu já tinha feito torta alemã; como Hector não veio almoçar, eu nem toquei nela. Fiquei por horas na cozinha. Dona Inês não desceu, ou talvez ela esteja no escritório com o filho. Termino de temperar a carne, desligo o forno, retirando a forma com a batata gratinada.

Arrumo a mesa da sala de jantar com uma toalha de mesa com fios de linho, a louça e os talheres de prata, em todos os lugares onde iremos nos sentar. Quando quase tudo está pronto, sinto que falta apenas um toque delicado para que fique perfeito. Saio da cozinha indo até o jardim, atrás de colher algumas margaridas para enfeitar a mesa. Recolho algumas, colocando-as na cesta. Já está escuro e não quero demorar. Pego apenas mais três e estou pronta para voltar para a casa.

— Precisa de algo, senhora? — diz Ruiz me assustando.

— Quase morro do coração, Ruiz, não faz isso.

— Desculpe, senhora, não queria assustá-la.

— Não foi nada. Estava apenas colhendo umas flores, mas já vou entrar. — Digo me despedindo dele, porém eu paro assim que vejo Alessia

chorando desesperada.

— Alessia! O que aconteceu, querida? O que houve? — Digo segurando suas mãos, que estão frias.

— A minha irmã, Lia... Meu pai conseguiu encontrá-la! Ele a levou do colégio interno, estou desesperada! Eles a estão usando para me fazer voltar para a Colômbia.

— Como podem fazer isso? Já não destruíram sua vida o bastante, como podem ser tão cruéis? — Falo inconformada.

— Preciso falar com Afonso, só ele poderá me ajudar.

— Ele está no quarto dele. É melhor você mesma ir até lá; se eu for chamá-lo, ele não deve vir. Mais cedo ele parceria enfurecido comigo e com você.

— Foi um mal-entendido. Nós dormimos juntos e depois tudo desandou, sem que eu pudesse me explicar. Eu ia procurá-lo e explicar o que aconteceu, mas não agora. Nesse momento o que importa é a Clara.

— Afonso é um Duque e, como parte da nobreza espanhola, ele tem influência. Sei que não lhe negará ajuda, amiga. — Levo-a para dentro do casarão, me despedindo de Ruiz, que observava nossa conversa de longe.



Com o coração pesado, vi minha amiga subindo as escadas em direção ao quarto de Afonso. Terminei a mesa a tempo de ver Hector sair do escritório, ele parecia tenso, apenas ao vê-lo caminhar pude ver que está irritado.

— Boa noite, meu amor, espero que sua mãe goste do que preparei, tentei fazer algo sofisticado, mas como não sabia que ela viria...

— Você já colocou a mesa — diz ele olhando para os pratos postos.

— Sim, está tudo arrumado — digo docemente.

— Liana, espero que não se importe, mas preferia que você não jantasse na mesa com a gente, pelo menos até minha mãe ir embora. Inês é uma mulher sofisticada, rica de berço. E você não está acostumada a jantar com gente desse nível. — Fala com tanta frieza que imagino que eu esteja tendo um pesadelo.

— Você está com vergonha de mim, perto da sua mãe, é isso mesmo?

— questiono me sentindo humilhada.

— Somos de mundos diferentes, Liana. Você era apenas uma empregada até dias atrás. E eu sou um empresário. Você não é ingênua ao ponto de não saber como as coisas funcionam.

— Nunca pensei que isso importasse para você, afinal quis se casar com essa *empregadinha*. — Falo magoada, me segurando para não chorar.

— É só por hoje, ok? Você janta na cozinha, logo minha mãe vai embora, e tudo volta ao normal. O que acha? — fala com tanta naturalidade que me enoja.

— Não se preocupe, marido, não irei te constranger na frente da sua mãe, e muito menos te envergonharei. Com licença, preciso buscar o vinho na adega. — Falo tentando me afastar antes que eu desabe em lágrimas na sua frente, me humilhando ainda mais. Viro as costas entrando na cozinha. Fugindo como se tivesse ruma doença contagiosa naquela sala de jantar. Eu não sei o que fiz para merecer tanto desprezo. Ele parece sentir prazer em me ferir, em me humilhar, como se eu fosse apenas uma marionete em seu jogo perverso.

Deus, que amor doentio é esse? Como posso amar alguém que me trata assim?

O vinho já estava na mesa, a desculpa da adega era só para me afastar. Saio da cozinha dando a volta pelo corredor leste para subir para meu quarto. Porém sou parada por dona Inês.

— Boa noite, querida, meu filho já desceu? — diz Inês me parando na porta do meu quarto.

— Sim, dona Inês, ele está na sala de jantar. O jantar já está pronto, espero que seja do seu agrado — falo com a voz trêmula.

— Você está bem? — Questiona ela me analisando.

— Sim, é apenas uma enxaqueca — tento sorrir disfarçando.

— Ok, vou descer então. Amanhã nos falamos, precisamos conversar.

— Tudo bem — digo, louca para ficar sozinha.

Quando ela vira as costas, não aguento. Um soluço triste sai dos meus lábios. Depois do que ele disse, perdi totalmente a fome. As palavras de Liz voltaram para me atormentar; eu não sou boa o bastante para ele. Tranco a porta e desabo na cama, destroçada, com o coração partido. Por que ele faz isso comigo? Eu nem mesmo sei o que fiz para merecer isso! Uma hora me trata bem, na outra me trata com ódio, desprezo. Por que se casar comigo se me despreza por ser pobre, por ser uma simples empregada? Se ele soubesse

que não sou uma pobre coitada como se imagina... Que sei muito bem me portar à mesa, que estudei nas melhores escolas desse país...

Eu vou acabar enlouquecendo nessa fazenda. Hector está me fazendo sentir pequena, indigna, da mesma forma que foi no passado.

— Por que, Deus?! — Pergunto ao vazio, deixando as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Encolhi-me na cama, soluçando, com uma dor tremenda dentro do coração. Fechei meus olhos, me entregando ao sono, para, assim, fugir dessa agonia.



Acordei no meio da noite sentindo beijos molhados em meu rosto. Por um momento pensei que ainda estava dormindo, porém era gostoso demais para ser um sonho. Ao abrir os olhos, vejo que o quarto ainda está escuro, mas posso vê-lo pela claridade que entra pelas janelas.

— O que está fazendo aqui? — consigo dizer mesmo com a garganta ardendo pelo choro de mais cedo.

— Por que trancou a porta, Lia? Por que não desceu?

— Você ainda pergunta! — digo com raiva tentando me afastar do seu toque. Porém ele é rápido e me beija carinhosamente.

— Não negue que me quer, Lia, não negue que me deseja — fala enquanto puxa meu rosto mais para ele e me beija com destreza.

— Você é minha, toda minha, não é? Não me negue o que é meu. — ele fala possessivo enquanto beija meu rosto.

— Me deixa sozinha — tento dizer, mas sua boca vai direto para a minha, e me odeio por ser tão fraca e não resistir ao seu toque. Maldito, desgraçado. Por que eu tenho que amá-lo tanto? E por que tem que ser tão lindo? Seus beijos me deixam embriagada, seu toque me deixa anestesiada, é como se só quando ele me toca eu pudesse me libertar.

— O que está fazendo comigo, Lia? Eu não consigo ficar longe de você. *Tu piel me encanta, tu olor me alucina* — diz ele enquanto eu sinto beijos em meu pescoço e colo. As alças da camisola deslizam por meus ombros e logo sua boca está em meus seios.

— Eles são perfeitos — diz enquanto brinca com os biquinhos,

apertando e mordiscando eles. Hector os chupa como se fossem frutas suculentas, dando atenção aos dois por igual, para só então fazer o caminho até minha boceta. Abaixou a cabeça e começou a literalmente morder minha boceta, que nesse momento estava latejando de tesão, escorrendo de tão molhada.

Ele passou a língua por cima da minha calcinha, e depois a rasgou de maneira brutal, e só para provocar eu agarrei os cabelos loiros puxando forte. Hector me recompensou chupando meu clitóris. Ele chupava com tanto gosto, faminto, que eu ia ficando cada vez com mais tesão. Ele subia e descia a boca me torturando, e de repente começou a morder a minha boceta e eu não aguentei; gozei tremendo nos braços dele.

Hector me beijou e senti meu gosto em seus lábios; sua língua brincava com a minha em uma disputa frenética. Mordo seus lábios e ele sorri puxando meus cabelos. Fui sentindo seu pau invadindo minha boceta fortemente. Fui sendo alargada e abri minhas pernas para que ele pudesse entrar mais facilmente. E começou o vai e vem bem feroz, me fazendo contorcer e gozar. Eu pude ouvir Hector gemendo ofegante em meu ouvido.

— Hector, não para, amor... — Gemi pedindo por ele.

— *Qué me estás haciendo, Lia?* — ele agarrou minha cintura e começou a socar forte, e eu comecei a gemer mais alto, sentindo seu pau dentro de mim. Hector inverteu nossas posições me colocando por cima. Olhei em seus olhos e pude ver chamas. O contraste de nossas peles era lindo.

— Rebola no meu pau, safada — ele diz enquanto toca meu clitóris.

Inclino-me para trás e sento gostoso. Começo a cavalgar seu pau, ele está louco de tesão e seu pau duro como uma rocha.

— Oh, meu Deus! — falo jogando os cabelos para trás, e ele chupa meus seios enquanto continuo cavalgando em seu pau.

— Estou viciado nessa bocetinha, Lia, nunca senti nada tão intenso assim. Fica de quatro para mim, safada. Quero ver seu rabo todo a mostra, enquanto eu fodo sua bocetinha. Fiz o que ele mandou sem pestanejar. Hector geme alto quando me vê de quatro para ele. Sinto um tapa forte na minha bunda, mas ao invés de sentir dor, eu sinto prazer, apenas prazer. Ele não para aí e dá outro tapa.

— É disso que você gosta, cachorra? — beija toda minha bunda e brinca com sua língua no meu cuzinho.

— Oh, meu Deus, Hector, não para! — Gemi rebolando na sua língua.

— Não vejo a hora de ter meu pau fodendo esse cuzinho gostoso.

Eu já estava na borda, pronta para gozar, quando ele socou seu pau tão forte que o senti invadindo meu útero.

— Deliciosa — Diz e mete ferozmente puxando meu cabelo.

Chamava-me de safada, cachorra, enquanto dava tapas na minha bunda, até que veio meu terceiro orgasmo. Meu corpo caiu sobre a cama, estava exausta. Hector não me deu descanso, continuou a socar até gozar, sujando minhas costas. Fiquei deitada, ainda tentando me recuperar, me sentindo mole. Hector levantou-se e limpou minhas costas com um pano molhado, depois deitou-se ao meu lado, me abraçando e sentindo o cheiro dos meus cabelos. Porém, quando a névoa de luxúria passou, me lembrei das suas palavras de anteriormente, que envenenaram meu coração. Quando Hector tentou beijar meu pescoço, me levantei rapidamente. Mesmo no escuro, encontrei minha camisola, vestindo-a rapidamente e, após isso, acendi a luz e olhei para ele, lindo, com os cabelos loiros revoltos, e totalmente nu, relaxado após o sexo.

Com raiva, magoada, cansada de ser um objeto para ele, eu abro a porta do quarto e digo firme:

— Agora que já teve o que queria, é melhor ir para o seu quarto!

— O quê?! — Questiona ele, se fazendo de surdo.

— Você ouviu bem, já se satisfiz, agora me deixe sozinha.

— Mas, do que tá falando? — Diz se fazendo de idiota.

— Você pensa que pode me tratar como lixo durante o dia e me usar como uma puta à noite. Posso ter sido fraca e cedido, mas isso não irá mais acontecer. Fora daqui!! — grito revoltada.

Hector olha para mim chocado, como se não acreditasse que tive coragem de dizer isso. Nem eu acredito, porém estou farta. Ele se levanta da cama e se veste rápido.

— Eu nunca te tratei como uma puta, Liana, você é minha mulher. — Responde parando em minha frente.

— Não é preciso palavras, com suas atitudes você me mostra o que pensa.

— Lia, sobre o que disse na cozinha, eu sinto...

— Eu não quero suas desculpas, sai do meu quarto!

— Essa casa é minha, não pode me expulsar daqui — ele diz inconformado, ficando vermelho de raiva. Mas quer saber? Para mim já chega!

— Se você não sair, quem sai sou eu, é você quem decide! — falo de queixo erguido.

— Não é preciso, eu vou para o meu quarto. Amanhã, quando estiver mais calma, conversamos. — Diz ele me deixando sozinha.

Bato a porta com tudo, irritada, me sentindo um lixo. Mas dessa vez eu não irei chorar.



CAPÍTULO 15



FALSO

AMOR

‘O amor e o ódio, a felicidade e a tristeza, a ilusão e a certeza, o tempo e o perdão. De todos esses matizes, tudo passa, mas o perdão é o único que não deixará cicatriz.’

Afonso

Depois que falei com Liana, decidi me trancar no quarto. Minha cabeça passou o dia latejando, enquanto me esforçava para esquecer aquela maldita latina. Tiro minha roupa pronto para tomar um banho relaxante e tentar dormir, já que passei a noite em claro enchendo a cara no bar. Entro no banheiro e me espanto ao ver minha cara de cansado com a barba por fazer e olheiras escuras.

— Droga, o que essa mulher está fazendo comigo?

Resolvo fazer a barba e, quando termino, me sinto mais leve. Ligo o chuveiro e tomo um banho relaxante, a água quente faz minha pele arder, pois meu peito está todo arranhado.

— Maldita onça feroz.

Desligo o chuveiro e enrolo uma toalha em minha cintura, enquanto seco meu cabelo com outra, tão distraído que não vejo quem está sentada na minha cama.

— O que tá fazendo no meu quarto?! — Digo enfurecido ao ver Alessia aqui.

— Precisamos conversar. — Ela diz se levantando e dando dois passos em minha direção. Eu me esquivo.

— Não temos nada a falar, sai do meu quarto.

— Afonso, é importante. Por favor, me escuta, você é único que pode me ajudar! — diz desesperada, e só então percebo que ela está com o rosto inchado e aparenta ter chorado muito.

— Vou me vestir e já volto. Espero que não esteja brincando e realmente seja algo sério. — Falo e vou para o closet, tentando respirar fundo e não ceder a sua chantagem barata. É óbvio que ela veio se explicar e tentar justificar sua atitude infantil de ontem.

Escolho uma boxer branca, uma polo cinza e uma bermuda. Saio do closet e encontro ela no mesmo lugar de antes, mas dessa vez está em prantos.

— O que aconteceu? — Pergunto sentindo um aperto no peito ao vê-la nesse estado, um alerta se acende em minha mente.

Alessia me surpreende quando se joga em meus braços, me abraçando, e chora tão fortemente, agoniada.

— Ei, não fica assim, latina, não chora... Prefiro te ver gritando comigo do que assim. — Digo tentando acalenta-la.

— Minha... Irmã... Clara, encontraram ela... levaram a Clara. — Fala em meio aos soluços.

— Senta aqui e tenta se acalmar para me contar o que aconteceu — falo levando-a para a sacada, onde a noite cheia de estrelas ilumina o céu. Alessia se senta na poltrona e eu me sento na sua frente. Respirando fundo, ela parece pensar por onde começar. Eu apenas fico calado dando tempo a ela, mesmo já imaginando o aconteceu.

— Primeiro eu preciso te contar quem eu sou e porque estou aqui na fazenda — ela diz mais calma.

— Certo.

— Meu nome é Alessia Molina Gusman. Sou filha do maior contrabandista de drogas da Colômbia e divorciada do braço direito do meu pai, Enrico Sebastian Maldini. — Ela diz amedrontada. — Minha vida nunca foi fácil, meus pais viviam um casamento infeliz. Como eu te contei antes, minha mãe morreu dando à luz a minha irmã Clara. Acho que Clara é mais uma filha do que uma irmã para mim.

— Meu pai sempre fora egoísta, um homem amargo, me desprezava apenas pelo fato de ter nascido mulher. Humilhava minha mãe e vivia trazendo suas amantes para nossa casa. Nossa casa vivia rodeada de criminosos e armas por todos os lados, as coisas não eram boas, porém, com a morte da minha mãe, tudo piorou. Meu pai culpava minha irmãzinha pela morte dela e descontava todas as suas frustrações em mim. Dizia que eu era um peso em sua vida.

— Eu fui educada em casa, porque ele dizia que deveria apreender a ser uma dama para não envergonhá-lo e nem ao meu futuro marido. Na época, eu não entendia o que ele dizia, mas quando fiz dezessete anos, apenas um ano após a morte da minha mãe, tudo fez sentido. No dia do meu aniversário, fiquei noiva de Enrico. Tinha tanto medo dele. Na verdade, tinha um verdadeiro pânico, porque eu só tinha 17 anos, e ele 39. Quando me obrigou a sentar no seu colo e ficou tocando a minha coxa, senti vontade de vomitar. Não demorou nem seis meses, eu estava me casando com ele, e naquela noite fui estuprada. — Ela pausa tentando conter um soluço.

— Aquele verme abusou de mim, me fez de boneca para seus caprichos. Foram os piores anos da minha vida. Eu passei a odiar meu pai, por ter me dado para ele como uma mercadoria. Quando completei vinte e quatro anos, eu já não aguentava mais aquele monstro, que sempre me agredia quando, segundo ele, eu o desobedecia. Já estava há bastante tempo juntado dinheiro para fugir para o Equador. Não foi fácil, e eu tive sorte da Lara, ex do Enrico e funcionária dele, me ajudar, pois ela seguia apaixonada por ele e usei isso a meu favor. Ela pensava que iria se casar com ele após a minha fuga. Certo dia, ela colocou uns papéis a mais junto com alguns documentos que ele tinha que assinar.

Ela para de relatar por um momento, respirando profundamente.

— O idiota estava tão focado nos peitos dela que não viu que estava assinando os papéis do nosso divórcio. Depois disso, foi só registrar em cartório. E eu estava um passo à frente dele. Tive que me fingir de boa esposa por mais duas semanas até ter a chance perfeita: durante uma viagem de negócios que ele e meu pai fizeram, eu peguei Clara na saída da escola e fugi. Lara me levou até uns amigos coiotes que nos levariam como imigrantes para o Equador. Lá, tive ajuda do padre João, que me ajudou a colocar Clara no colégio interno. Trabalhei um tempo como garçonne lá, mas, com medo de ser descoberta, decidi vir à Espanha e vim parar aqui na fazenda.

— Então você está escondida aqui na Espanha, está fugindo desses bandidos — digo sério.

— Sim. Eu vim para a Espanha na esperança de que conseguiria juntar um bom dinheiro para trazer Clara para viver comigo, alugar uma casinha para nós duas longe de toda a sujeira que minha família representa. E estava quase conseguindo, mas tudo desabou.

— O que fizeram com a Clara? — falo preocupado com a pequena de apenas nove anos sozinha na mira desses marginais.

— A madre Emília, diretora do colégio, me ligou desesperada. Levaram a Clara e tenho certeza que foi Enrico, ele levou minha irmãzinha. — Ela diz voltando a chorar.

— Quando foi isso? — Pergunto nervoso, indo para dentro do quarto em direção à cômoda, onde abro a caixa de charutos; sempre quando fico nervoso eu acabo fumando, me ajuda a pensar.

— Faz algumas horas. Preciso da sua ajuda, Afonso. Eu não tenho a mínima chance de conseguir tirar ela de lá, uma hora dessa ela já deve estar na Colômbia. Enrico e meu pai vão usá-la para me obrigar a voltar para eles.

— O que acha que posso fazer numa situação dessas?

— Eu não sei — fala se aproximando de mim. — Você é um Duque, tem influências, pode me ajudar a entrar lá sem ser descoberta. Pode me ajudar a subornar algum dos homens do meu pai para que eu consiga fugir com Clara.

— O que você está me pedindo é muito sério, Alessia, quer que eu cometa um crime. Eu não sou um bandido, e não posso simplesmente dar uma de super-herói.

— Por favor, Afonso, por favor! Eu não tenho a quem recorrer, não sei o que fazer. Não posso simplesmente seguir minha vida e deixar minha

irmã para trás.

— Nós estamos falando de traficantes. Alessia, isso pode manchar o nome da coroa; eu tenho deveres como duque.

— Eu faço qualquer coisa, apenas me ajude a tirar ela de lá — fala exasperada, se jogando no chão aos meus pés.

Isso faz algo acender dentro de mim. Eu já sabia que a ajudaria de um jeito ou de outro, mas talvez essa seja a chance que eu precisava para tê-la em minhas mãos. É errado, sei que não deveria fazer isso, mas, quando dei por mim, as palavras já estavam saindo da minha boca:

— Irei te ajudar, mas com uma condição. — Falo e ela me olha esperançosa. — Você terá que se casar comigo.

— O que disse? — Diz com os olhos arregalados.

— É exatamente o que ouviu. Eu vou tirar sua irmã das garras do seu pai e vou te livrar de uma vez por toda dos dois, e você poderá criar sua irmã em paz aqui na Espanha. Contudo, a minha condição é que aceite ser minha mulher.

— Você está louco. Como assim, casamento? Nós nem nos amamos. Você tá maluco — fala ela, fazendo pouco caso da minha proposta. Se fosse qualquer outra, estaria se jogando nos meus braços, e essa latina desdenha do meu pedido.

— Não se preocupe, não será um casamento de verdade; vai ser um contrato de trabalho. Preciso de uma esposa para despistar minha mãe. Ela está fazendo da minha vida um inferno; insiste que me case com a filha de uma amiga e, para piorar, a garota é apaixonada por mim.

— Então seria uma união de fachada?

— Exatamente. E você seria a nova Duquesa de Aragão, e teria muitos privilégios como tal. Eu vou me livrar de casar com Anahí, e de quebra ainda vou fazer a vontade da minha mãe, sem ela nem perceber. Daqui a um ano nos divorciamos, você poderá seguir a sua vida e eu volto a minha vida de solteiro.

— Eu não sei se isso vai dar certo, eu duquesa, não sei nada sobre realeza ou sobre como devo me portar.

— Isso a gente resolve depois. Primeiro preciso saber se está disposta a aceitar nosso trato.

— Eu não tenho outra saída. Você é minha única esperança. Só me resta torcer para que esse ano passe voando.

Sorrio pensando que logo será ela que não vai querer que esse ano passe tão rápido assim.

Liana

Acordei na manhã seguinte com uma sensação nostálgica; ao contrário do que pensei, eu dormi bem, nem tive os pesadelos corriqueiros. Ao terminar de preparar o café, me sento na varanda, me sentindo confusa com tudo que ando vivendo.

— Bom dia, querida, vejo que acorda cedo. — Diz dona Inês entrando na varanda.

— Bom dia, senhora. Tomei a liberdade de colocar a mesa do café aqui fora, está uma manhã linda e adoro a vista da fazenda daqui.

Inês se senta em minha frente e não posso evitar ficar intimidada com sua presença.

— Hector, pelo visto, ainda está dormindo.

— Na verdade, eu não sei. — Digo olhando para o chão.

— Hum, entendo — diz olhando para a vista da fazenda, enquanto se serve de uma xícara de chá. — De certa forma é bom estarmos sozinhas aqui, precisava falar com você antes de ir embora.

— Mas a senhora acabou de chegar e já vai embora, pensei que iria passar um tempo na fazenda.

— O que vim fazer aqui, já estou fazendo. E por mais que queira colocar meus filhos dentro de uma caixa para protegê-los do mundo, não posso. Já interferei em outros momentos e acabei ferindo-os. — Ela diz como se lembrasse de algo triste.

— Entendo. De qualquer forma, eu adorei conhecê-la, dona Inês.

— Eu também, Liana, mas antes de ir, preciso conversar com você sobre meu filho.

— Sobre Hector? — Falo pensando que o clima da casa está tão tenso que até ela já percebeu.

— Exatamente. Sobre você e meu filho.

— As coisas entre nós dois não estão nada bem.

— Eu imagino que ele não esteja sendo um príncipe encantado, e é por isso que preciso conversar com você. O passado de Hector o marcou de forma terrível, ele não consegue esquecer.

— Ele me deixa confusa. Eu nunca sei como agir com ele, é como se vivesse pisando em ovos; a qualquer momento ele se transforma em um idiota arrogante.

— Hector é teimoso, como todos os meus filhos. Ele pode estar cego de raiva, mas eu vejo uma chama em seus olhos quando você está por perto. Ele não quer dar o braço a torcer, mas está claro para mim que ele gosta de você.

— Gostar não significa que ele me ama. Eu realmente me casei pensando que seríamos felizes, que formaríamos uma família. Agora percebo o quanto fui precipitada.

— Sei que pode parecer difícil o que vou dizer, Liana. Às vezes, em uma relação, um dos lados tem que ceder. Ele está apaixonado por você, Liana, e cabe a você fazê-lo enxergar isso.

— Não sei se consigo suportar por mais tempo essa arrogância dele, a forma como ele me usa e me manipula.

— Não vai ser chorando ou saindo da sala de jantar como ontem que vai mudar isso.

— A senhora sabe o que aconteceu ontem?

— Não totalmente, mas imagino. Quando perguntei sobre você, ele me deu uma desculpa qualquer, e sua cara ontem não era de uma pessoa que estava só com dor de cabeça.

— Ele me odeia. É a única justificativa que tenho.

— Não, querida, ele não te odeia. Se te odiasse, não iria invadir seu quarto no meio da noite. — Ela diz me deixando envergonhada. — Escute o que vou dizer, Liana, você tem a chance de mudar esse jogo. Hector não é tão forte como pensa, ele tem um coração enorme e cheio de amor, meu filho é um príncipe. Ele pode estar se mostrando um ogro, mas ele é um verdadeiro rei. Quase rio com seu comentário, mas prefiro ficar calada. Ela é a mãe, é óbvio que ela vai pensar que o filho é um príncipe encantado, quando na verdade ele é um sapo verde arrogante.

— Escute com atenção o que vou lhe dizer: o ame sem restrições, entregue a ele todo amor e bondade que tem dentro de você. Você é tão forte,

posso ver um pouco de mim em seus gestos. Ame meu menino, mesmo quando achar que ele não merece esse amor! Sinto um arrepio subir pela espinha; o que ela quer dizer com isso? Ela parece me esconder algo, se não, por que diria algo assim?

— *Buenos días*. Liana, preciso falar com você — diz Alessia cumprimentando nós duas.

— Bem, eu estou indo para o meu quarto arrumar minhas malas. — diz Inês se levantando. — Obrigada pelo chá, Liana, está uma delícia.

— Eu que agradeço — digo, ainda mexida com suas palavras.

— Que bom que te encontrei antes, precisava ver você antes de ir.

— Ir para onde? — questiono confusa.

— Estou indo para a Colômbia daqui a pouco com Afonso, vamos buscar a Clara, e também vamos nos casar — ela diz com um sorriso zombador no rosto.

— Oi, o quê? Como assim, casar? Não entendi direito.

— É uma longa história, mas resumindo: Afonso vai me ajudar a resgatar Clara e em troca terei que me casar com ele.

— Como? Não acredito que ele fez isso com você, ele está usando seu desespero para tê-la para si.

— Não se preocupe com isso, sei muito bem me cuidar, a última coisa que serei é usada. De certa forma eu estou usando mais ele do que o contrário. Ser casada com um Duque me deixará blindada. Enrico não arriscaria se meter com a realeza espanhola apenas para me ter, e de quebra Clara ficará segura.

— Mas isso não é justo — digo inconformada com a situação dela.

— Ei, não fica assim, não quero te ver triste, e tenho pouco tempo. Afonso está falando com Hector no escritório, daqui a pouco ele chega. Eu passei a noite arrumando minhas coisas e me preparando para viajar.

— Eu vou sentir sua falta — digo fungando.

— Eu também, Lia. Você chegou há tão pouco tempo, mas já tomou um espaço no meu peito e se tornou uma amiga leal.

— Oh, meu Deus, eu vou chorar, minha amiga vai casar — digo emocionada.

— Ei, pare de ser boba, chega de chorar e me conta como foi a noite romântica dos dois.



Contei tudo para Alessia; desde a noite em que consumamos nosso casamento, inclusive o que aconteceu depois, e tudo mais que aconteceu nas últimas 24 horas.

— Eu sinceramente não consigo compreender como você aguenta esse cara. Por mais que tenha sido uma noite maravilhosa e o cara tenha te levado ao céu. Ele é um escroto, filha de uma puta. Deus, desculpa, a mãe dele não tem culpa dele ser um bosta. — Ela diz baixo para não ser ouvida.

— Eu sei, não imagina como me sinto um lixo quando ele me trata dessa forma.

— Então vá embora, deixe esse idiota sozinho, porque é isso que ele merece. Como pode, tratar uma mulher como você dessa forma. Eu juro que se fosse comigo eu arrancava as bolas dele.

— Você não entende, a minha vida aqui na fazenda é tudo que tenho, eu não tenho para onde ir, e aqui estou segura. — Acabo deixando escapar. — Meu pai sempre dizia que nós sempre devemos mudar, evoluir e sempre persistir. Preciso fazer meu casamento dar certo, Alessia, eu o amo. Hector é tudo que eu tenho, meu sonho é ter uma família. Não posso simplesmente desistir do meu casamento.

— Você o ama de verdade — ela diz com pesar.

— Sim, mais que a mim mesma.

— Então o faça sentir na pele o mesmo desprezo que ele te dá, use a sua melhor arma. Uma coisa é certa: ele te deseja, tá louco por você, isso está claro. Então o faça comer na sua mão.

— Você tem razão, já vinha pensando nisso ontem. Não posso simplesmente deixar ele me tratar como um lixo e depois vir me procurar como se nada tivesse acontecido. Sou a sua esposa e mereço ser tratada como tal.

— É assim que se fala, garota. — Diz ela sorrindo.

Hector

Mal dormi à noite depois da discussão que tive com Liana, e acordei irritado, de mal humor. Eu deveria fazê-la pagar por tudo que fez, e não estar invadindo seu quarto na madrugada.

— Quem ela pensa que é para me expulsar assim? A desgraçada deve estar se achando, só porque não resisti a ela.

Saio do meu quarto e vou direto à suíte de Inês; preciso garantir que ela vá embora ainda hoje, e que não irá contar a ninguém sobre Liana.

Bato na porta e ninguém responde, pelo visto ela já se levantou. Caminho em direção à escada, quando vejo Afonso sair do seu quarto com duas malas.

— Aonde vai com essas malas? — falo curioso.

— Que bom que já acordou, preciso falar com você urgentemente.

— Vamos para o escritório, então.

Descemos as escadas juntos; Afonso deixa as malas no hall de entrada e vem junto comigo para o escritório. Ao entrarmos, eu fecho a porta e sento em uma poltrona de frente para ele.

— O que aconteceu, cara? Vai voltar para Madrid?! — Questiono preocupado.

— Alessia aconteceu. Preciso ajudá-la e vou viajar para a Colômbia para isso. De lá, irei ficar na França até o término do seu plano, para só então voltar para a Espanha; dessa forma não vou atrapalhar.

— Você está realmente apaixonado pela colombiana.

— Sim, mais do que gostaria; é por isso preciso ajudá-la.

Então Afonso me conta tudo que aconteceu com Alessia, e também sobre a pequena Clara.

— Se precisar da ajuda de alguns agentes especiais, pode contar com os meus para resgatar a menina.

— Eu ia mesmo falar com você sobre isso. Vou precisar de segurança extra ao entrar na Colômbia e também quero que me ajude a entrar em contato com a Interpol.

— Vai invadir a casa de um dos maiores traficantes da história — falo preocupado.

— Não sou nenhum bandido, Hector; eu irei ajudar Alessia, mas do jeito certo. Ela terá que entregar o pai e o ex para a polícia. Eu vou negociar o testemunho dela em troca da proteção a ela e a Clara. Ela tem informações privilegiadas; se tudo der certo, logo os dois estarão atrás das grades, e com o nosso casamento, elas estarão bem protegidas.

— Vai levar essa história de casamento a sério. Alessia não é o tipo de mulher que Laura aprovaria.

— Minha mãe não tem que aprovar. Alessia é perfeita para mim, ela só não se deu conta disso ainda.

— Boa sorte, meu amigo, você sabe que te desejo o melhor. Se é a ela que deseja, eu irei te apoiar.

— Quem diria que eu entraria para o time dos casados? Agora só falta você tomar vergonha e assumir que está apaixonado pela Liana e parar com essa coisa de vingança.

— Você está louco. Liana é assassina da Melissa, como eu iria assumir algo com ela? Se ela está aqui, é apenas para me vingar, para levá-la ao inferno e por fim acabar com sua vida.

— Você repete isso como se fosse um escudo; sua boca diz uma coisa, mas seus olhos dizem outra. Assume ao menos que se não tivesse sido ela dentro daquele carro, você se interessaria por ela, talvez em outras circunstâncias ficariam juntos.

— Para que imaginar uma coisa impossível, que não vai acontecer.

— Não jogue sua felicidade fora por conta passado. Perdoe Liana, esqueça o que aconteceu e fique com ela.

— A paixão está te deixando cego. Eu confesso que Liana me atrai, que temos uma ótima sintonia na cama. Ontem, porra, ela me levou ao delírio. — Falo pensando na noite de ontem.

— Bem, espero que esteja certo do que está fazendo, Hector. Agora eu realmente preciso ir. Vamos partir imediatamente. Fretei um jatinho para irmos até Bogotá. Somente ao chegar à Colômbia poderei ajudar a organizar o resgate de Clara.

— Me deixe informado de tudo, e se precisar é só chamar que estarei voando para lá.

— Pode deixar — diz dando dois tapas em minhas costas.

É difícil ver Afonso se arriscando assim, ele é mais que um amigo, fomos criados juntos. Ele é meu melhor amigo, um irmão, se algo acontecer com ele, não vou me perdoar.

Saímos do escritório e encontramos Alessia e Liana na cozinha conversando.

Liana está com o rosto vermelho, provavelmente andou chorando, deve estar triste com a viagem da amiga.

— Bom dia, moças. Está pronta, Alessia? — fala Afonso assim que elas nos veem.

— Sim, estava apenas esperando você chegar. Minhas malas já estão no carro.

— Certo, então vamos — diz ele se despedindo de mim e de Liana.

Ficamos nós dois de pé na varanda vendo os dois partir.

— Não fica assim, tudo vai dar certo. Afonso não deixará que nada aconteça com Alessia.

— Sim, tem razão. Ele a ama, então não vai deixar ninguém machucá-la — diz ela de maneira fria que até me impressiona.

— Liana, sobre ontem, nós precisamos conversar. — Tento tocar no assunto.

— Estou ocupada — diz voltando para a cozinha, ignorando-me completamente.

Sigo-a já irritado; quem ela pensa que é para me deixar falando sozinho? Puxo seu braço, a fazendo derrubar o pano de prato no chão.

— Quando eu falar com você, faça o favor de me responder — digo com raiva.

Mas, ao contrário do que pensei, Liana não abaixou a cabeça. Ela olhou dentro dos meus olhos e me empurrou.

— Me larga, você está me machucando! — fala ela enfurecida e eu a solto.

— Lia, não quero brigar. Vamos conversar sobre ontem, eu não gostei que trancou a porta do quarto, muito menos que falou comigo daquela forma — digo inconformado por ela não estar sofrendo da maneira que eu queria, e pior me afrontando.

— Nossa, sério? Imagina se eu fosse fazer uma lista de tudo que não gosto que você faça! — Sorri irônica.

— O que deu em você, por que está agindo assim?

— Eu vou ajudar sua mãe com as malas, enquanto você tenta descobrir o que tem de errado comigo, Hector.

— Liana, essa conversa ainda não acabou — digo com vontade de chacoalhá-la ou quem sabe colocá-la em cima dessa ilha e fodê-la até ela voltar a ser a menina dócil de antes, aquela que chorava toda vez que eu gritava com ela.

Ela nem olha para mim; simplesmente me dá as costas e sai da cozinha. Decido deixar para falar com ela quando estivermos apenas nós dois. Vou em direção à garrafa de café e vejo que está vazia, a mesa da varanda está vazia. Liana já tirou o café da manhã, mas eu ainda não comi. Volto para a cozinha e a mesa da cozinha também está vazia. Abro o forno e não tem nada assim, como o micro-ondas. Na geladeira, apenas legumes, frutas, leite e queijo, mas nada pronto para eu possa tomar meu café.

— Onde Liana deixou minha comida? — Resolvo ir atrás dela e questioná-la.

Porém, a vejo descendo as escadas junto com Inês, e o sorriso contente das duas me dá até um calafrio. O que essas pestes estão aprontando para estarem felizes assim?

— Já está indo, Inês?

— Sim, querido, o que tinha que fazer aqui já fiz. Agora é hora de voltar para Londres. Mas não se preocupe, eu volto em breve para ver como as coisas vão estar.

— Certo, espero que não se esqueça do que falei! — digo me referindo à nossa conversa de ontem no jantar. Ela não pode contar a ninguém sobre o que viu aqui. Ninguém.

— Não esquecerei, meu filho, e você também não se esqueça do que te disse ontem. — Fala ela parando na minha frente e me abraçando. Retribuo sem graça vendo que Liana está observando a cena.

— Boa viagem, Inês, espero que volte mais vezes. E quem sabe não traz o restante da família para passar um tempo na fazenda? — ela diz e eu quase tenho um ataque.

— Aposto que as crianças iriam adorar a fazenda — Inês fala só para me provocar.

— Bem, é melhor você ir, não é, mãe? Se não, pode perder seu voo — falo abrindo a porta para ela, que abraça Liana como se já fossem amigas; era só o que me faltava.

Assim que Inês fecha a porta do carro, me viro para Liana a questionando.

— Onde está o café, por que tirou a mesa se eu ainda não me servi?

— Tem pó no armário, o açúcar tá na segunda prateleira. — Ela fala me olhando friamente.

— Você está brincando, né, Liana?

— Tem uma moderna máquina de café expresso na cozinha, você pode escolher até o sabor.

— Não quero café expresso! Não tem nada para eu comer. Não jantei ontem, estou faminto.

— É uma pena que não jantou, afinal eu me esforcei para fazer aquele jantar para vocês. — Ela diz enrolando uma mecha de cabelo no dedo enquanto sorri docemente e eu quase perco o foco da discussão.

— Tem alguma coisa para o café da manhã?

— Tem muitas coisas para comer, é só você fazer. Eu já tomei meu café junto com a sua mãe. Então pode ficar à vontade e preparar o seu.

— Como assim, você só cozinhou para você e para minha mãe e me deixou sem comida?

— Não sou sua empregada, sou sua esposa. Se quiser comida na mesa, faça você mesmo, querido marido.

— Liana, tudo isso é pelo jantar...? — falo nervoso com sua atitude, odeio a forma como ela me enfrenta.

— Não é apenas sobre ontem, Hector. Será que você não percebe o que tá errado nessa relação? Não vou aceitar que me trate como lixo, como a sua empregada, para depois fingir que nada aconteceu — ela fala de maneira tão dura que é impossível não me sentir mal. Por outro lado, minha mente grita que ela merece sofrer.

— Desculpa. Era isso que você queria? Eu não deveria ter agido daquela forma com você. Me perdoe, Lia. — Digo tentando ludibriá-la ao lhe abraçar, mas ela se esquivava.

— Estou indo para a biblioteca, tenho um ótimo livro para ler. Por que não aproveita que vai para cozinha e já tira uma carne para o seu almoço? — Fala virando as costas, me deixando de boca aberta.

Liana

Na última semana fiz tudo que pude para me manter forte. Hector vem me rodeando como cão ferido, achando que pode me comprar com palavras bonitas. Depois da nossa discussão na cozinha não cozinhei mais, deixei ele se virar. Mas o sapo é esperto, está indo fazer suas refeições no refeitório, junto com os funcionários da fazenda. Enquanto eu faço de tudo para me manter o mais afastada dele possível, o que o irrita imensamente. Porém, isso não é nada perto do que ele fez comigo nesses meses. Sinto falta dos seus beijos, do seu toque, mas não irei ceder. Quem sabe assim ele me trata como mereço. Inês disse que algo no seu passado o marcou e ele ainda não superou; tudo que eu mais queria era saber o que aconteceu para ele ser assim. Saio do meu quarto sentindo-me sufocada. A cada dia que passa, as paredes dessa enorme casa me fazem sentir como estivesse novamente em uma prisão. Todos esses guardas me olham como se eu fosse um ser desprezível. O único que não me olha assim é Ruiz, que já virou meu amigo. Desde que Alessia se foi, não tive mais notícias suas. Até tentei perguntei para Hector sobre ela e Afonso, e ele só me disse que eles estavam bem. Eu rezo para que seja verdade e que nada de ruim aconteça a ela. Saí da casa grande e dei de cara com Henry, o chefe da segurança. Não gosto da maneira como ele me olha, como se tivesse raiva de mim. Ignoro sua presença e vou em direção ao estábulo.

— Onde a senhora vai? — ele pergunta, como sempre de cara amarrada.

— Não que lhe deva satisfação, mas irei cavalgar — falo andando rápido.

— O senhor Cartier não vai gostar de ver a senhora saindo sozinha.

— Não me importo, eu irei onde eu quiser e ninguém vai me impedir — falo com raiva, me sentindo enclausurada.

Entrei nos estábulos e encontrei o tratador alimentando os cavalos.

— Boa tarde, senhor. Pode preparar a Amora pra mim? — digo ansiosa para poder respirar ar puro, fora das paredes daquele casarão.

— Claro, senhora. Acho que Amora andou sentindo falta da senhora.
— Ele diz gentil.

— Eu também gostei muito dela — sorrio aguardando-o preparar a sela para mim.

Quando enfim pude subir no animal, trotei para o mais longe possível da casa grande. O dia estava quente e o vento gostoso. Fui cavalgando por cerca de meia hora, até encontrar uma parte bem afastada do rio, onde uma bela macieira fazia uma sombra na campina. Desço da égua, amarrando-a na árvore, e caminho até a beira do rio, feliz por estar sozinha nesse lugar tão lindo.

Depois da noite em que Hector me proibiu de ir ao rio, nunca mais tinha vindo nadar. Hoje, porém, estou bem afastada de todos da fazenda. Sento-me numa pedra e retiro minhas botas. Percebo que a água está uma delícia e decido, então, não resistir à tentação. Começo a tirar minhas roupas para me refrescar nas águas do rio...

Hector

Sete dias. Foram sete malditos dias nos quais Liana fez questão de me ignorar, parecia até me desprezar. Afonso e Alessia estão na Colômbia, e pelo que meu amigo me disse, ela já deu seu testemunho para a Interpol e agora estão organizando como será a apreensão do pai e do ex-marido dela, e também o resgate da sua irmã. Tem sido uma droga de semana; tive que ir para o refeitório fazer minhas refeições por lá ou passaria fome. E é à noite que o tormento piora. Mesmo não querendo, e mesmo me odiando por isso, algo me leva a observá-la em seu quarto em seu sono. Tem horas que sinto vontade de esganá-la até vê-la desfalecendo, sem vida. Em outros momentos eu quero acordá-la com meus beijos, ouvir seus gemidos. Ela sempre tranca a porta, mas isso não impede que eu vá até ela, já que tenho a cópia da chave.

Liana parece um anjo quando está adormecida. E algo dentro de mim me diz que ela não é a mesma Liana que odiei por cinco anos. Que ela não seria capaz de fazer o que fez. Talvez seja meu coração tentando encontrar

uma desculpa para as coisas que ando sentindo. Os sonhos com Melissa vêm me enlouquecendo. É sempre o mesmo: ela apenas me olha com tristeza e diz:

— “Você pode! Você é forte, você é o rei! O melhor que a Espanha já viu. Ainda será muito feliz, só precisa limpar seu coração! Você só precisa entregar a ela o seu amor, tirá-la da escuridão e protegê-la, ou será o seu fim.” No começo, quando acordava, eu não lembrava direto do sonho, mas foi uma maldita semana tendo o mesmo sonho toda noite. Agora as palavras estão gravadas em minha mente. Saio do escritório indo atrás de Liana; não podemos continuar assim, eu preciso recuperar o controle dessa vingança. Procurei por toda casa e nem sinal dela. Do lado de fora encontro Henry com uma cara nada boa.

— Onde está Liana?

— Ela saiu a cavalo faz pouco tempo. Até tentei impedi-la, mas ela estava muito nervosa — ele fala e fico fora de mim. Onde ela está com a cabeça para sair sem minha autorização?

Pedi um cavalo e saí enfurecido à sua procura, na direção que Henry havia indicado. Vou trazer essa mulher de volta nem que seja amarrada!



Após procurá-la por quase uma hora, vejo seu cavalo ao longe, amarrado em uma macieira. Acelero naquela direção, parando sob a mesma árvore. Olhei ao redor e, ao ver o rio, já imaginei o que ela estaria fazendo. Desci do cavalo, amarrando-o junto ao dela e, ao olhar em volta, vi que não havia ninguém por perto. Caminho para a margem do rio tentando me segurar para não colocá-la entre minhas pernas e estapeá-la.

De longe já a avistei, deitada sobre uma pedra lisa, nua como uma ninfa, banhando-se à luz quente do sol. Suas roupas estão dobradas sobre uma pedra ali perto. Ela não nota a minha presença, à medida que me aproximo.

— O que pensa que está fazendo? — questiono nervoso e ao mesmo tempo excitado.

— Não sabia que você viria. — Diz abrindo um sorriso e afundando-

se na água.

— Não sabia? Veio para cá para me provocar com sua desobediência. Onde está com a cabeça, tomar banho nua em plena luz do dia?!

— Estamos longe da sede, ninguém vem aqui. Posso tomar banho tranquilamente que ninguém me verá. — Ela fala feliz, como há dias eu não a via.

— Nua, Liana! Saia já daí, sua irresponsável! — Digo enfurecido com sua alegria.

— Não vou sair. A água está uma delícia; se quiser que eu saia terá que me tirar daqui à força. — Diz mergulhando na água.

Não espero ela dizer mais nada. Tiro as botas de montaria, a calça e a camisa, e pulo na água. Liana sorri e tenta escapar nadando para longe, porém eu dou braçadas fortes e a puxo para mim.

— Vou te tirar daqui, sua teimosa. — Digo com raiva, mas Liana me surpreende ao cruzar as pernas na minha cintura e beijar meu pescoço.

— Essa água está tão boa, não quero sair. — Fala com o corpo colado ao meu, se esfregando em mim.

— Você está me saindo uma safada provocadora. — Falo não resistindo, e dando vazão ao meu desejo. Abraço seu corpo e a beijo loucamente. Liana geme em meus lábios, enquanto sua língua entra na minha boca e eu a chupo desesperado, como se eu nunca pudesse ter o bastante dela. Assim, beijando-a fervorosamente, fui guiando-a até as pedras, e inclinei seu corpo sobre uma grande rocha, parando para admirar sua beleza tentadora. Sua pele negra toda molhada, seus seios rijos, pelo frio ou pela excitação, não saberia dizer.

— Você é linda, parece uma pantera selvagem. — Falo enquanto lentamente acaricio seus seios deliciosos.

— Só você me deixa assim, amor, encharcada e pronta para você. — diz fechando os olhos enquanto vou chupando seus seios.

Chupo e vou mamando o esquerdo enquanto brinco com o direito. Quando me dou por satisfeito, começo a passar a língua pela sua barriga chapada, indo até as coxas dela e subindo bem devagar até sua bocetinha. E só de lembrar o sabor da sua boceta, minha boca já enche de água. Liana deu uma empinada assim que minha língua tocou seu centro molhado. Comecei a lamber aquela boceta gostosa, ora passava a língua no buraquinho dela, ora na boceta.

— Oh, Deus! Hector, não para, amor, assim. — Ela gemia gostoso.

Meti o dedo no cuzinho dela, enquanto ficava com a língua, lambendo e enfiando, em sua boceta. Fiquei assim por um bom tempo, até senti-la estremecer e gozar na minha boca; engoli todo seu mel. Liana ficou de joelhos na minha frente, tirou minha boxer molhada e, olhando fixamente para mim, colocou meu pau em sua boca, bem gostoso, fazendo movimentos de sobe e desce com a língua pelo meu comprimento. Aperta com força a cabeça, sugando, e com as mãos livres massageia as bolas, tentando engolir o máximo que pode. Pego-a em meus braços e entro no rio, colocando suas pernas em volta da minha cintura e metendo meu pau de uma vez em sua boceta. Ela geme alto, ainda se acostumando com meu tamanho.

Liana me segura forte para não cair. A água faz barulho ao nosso redor, enquanto eu metia como um louco, vendo seu rosto se contorcer de prazer. Puxei seu cabelo com uma mão e com a outra a segurei firme, voltando para a pedra. Deitando-a ali, coloco suas pernas sobre meus ombros, metendo sem parar na sua bocetinha. Depois de um tempo ela grita, quando um orgasmo avassalador a atinge. Logo me veio a vontade louca de gozar; beijei seus lábios carnudos e dei mais dois golpes ferozes, gozando dentro daquela boceta apertada, enchendo-a com meu gozo. Quando recuperei a sanidade, a realidade do que havia feito me atingiu e me afastei dela, com nojo de mim mesmo.

— Isso foi incrível, meu amor. — Ela diz apaixonada e eu decido colocar uma barreira entre nós.

— Com toda certeza pra você foi incrível, mas eu já tive melhores. Com o tempo, você vai aprender a ser menos sem sal, e me satisfazer na cama! — falo para magoá-la e o resultado é alcançado. Liana fica pálida, em choque, e me surpreende com um tapa certo em meu rosto.

— Tenho nojo de você, Hector Cartier. Você é um homem sem coração, que sente prazer em me ferir. — Diz correndo em direção às suas roupas.



De volta à fazenda, pude ver pelas câmeras de segurança Liana

chorando, mas estranhamente aquilo não me deu o prazer que eu esperava. Liguei para Afonso para ficar a par de como estavam as coisas. Fiquei apreensivo por saber que faltava tão pouco para a polícia marcar a emboscada. Liana não desceu para jantar e eu não a vi mais naquele dia. Fui dormir com uma sensação angustiante; por pouco não fui ao quarto dela pedir desculpas e dizer que eu era um miserável mentiroso, e que nenhuma mulher jamais me fez sentir as coisas que ela faz. Mas não fui. Melissa não merecia isso. Preciso arrumar uma forma de acabar de uma vez por todas com essa vingança, antes que eu acabe desistindo do plano.



Na manhã seguinte, fui à cidade dar uma volta. Liana não saiu do quarto, mesmo quando a chamei para conversar. Pelo visto a magoei profundamente. Todavia não sinto uma gota de felicidade. Parei em frente a uma joalheria e quando dei por mim estava escolhendo uma pulseira que me lembrou Liana; uma joia delicada de prata com apenas um brilhante de pingente. Disse a mim mesmo que só comprei o presente porque precisava dela comendo nas minhas mãos para que a vingança viesse ao fim. Voltei para a fazenda e, ao entrar na sala, a vi descendo as escadas.

— Eu já ia subir, preciso falar com você. — Falo firme, fazendo com que ela me olhe.

— Vou dar uma volta pela fazenda, me sinto sufocada aqui dentro.

— Posso te acompanhar, se você quiser. — Tento remediar o que fiz ontem.

— Melhor não, prefiro ir sozinha.

— Espera —falo segurando seu braço, antes que se afaste.

— O que você quer, Hector? — Fala tão triste que sinto meu coração apertar.

— Que façamos as pazes, não aguento você me ignorando. — Sou sincero.

— Hector, nós dois não damos certo, isso ficou claro pra mim ontem.

— Esqueça o que disse ontem, podemos recomeçar. Eu te trouxe um presente de desculpas, não quero mais brigar. — Falo entregando a pequena

caixa da joalheria.

— Não precisava de presente para que eu te perdoasse, basta você ser sincero comigo e não voltar a me tratar daquela forma.

— Não pode devolver o presente, eu escolhi especialmente para você.

— Liana abre a caixa e seus olhos brilham quando a vê.

— Ela é linda.

— Sabia que ia gostar. — Digo me aproximando, tirando a pulseira da caixa e colocando delicadamente em seu pulso.

— Obrigada, eu amei.

— Acho que merece ao menos um beijo — Falo puxando-a para os meus braços e a beijando intensamente. Nos beijamos com desejo, paixão, como se tivéssemos necessitando um do outro; só nos separamos quando estávamos sem ar. Eu quero te levar a um lugar. Troca de roupa e pega um biquíni; vou fazer uma ligação e te encontro lá fora. — Eu digo fazendo planos. Só por hoje, irei esquecer quem sou, quem ela é, e principalmente, minha vingança.



Em questão de minutos, vejo Liana descer as escadas linda com um vestido rosa com rendas.

— Você está linda. Vamos? — pego sua mão e a levo para fora.

Não demora muito para o helicóptero pousar na entrada da fazenda. Liana fica encantada.

— Vamos. — Direciono-a para dentro do helicóptero.

Substituo o piloto e Liana me olha admirada.

— Não sabia que você pilotava.

— Na verdade, eu amo pilotar. — Digo animado com o passeio.

Liana fica maravilhada, olhando a bela vista da fazenda do alto.

Sobrevoamos toda Cádiz; a Catedral histórica, a Torre Tavira. Depois, fomos mais ao sul para sobrevoarmos o Castelo de São Sebastião. Liana olhava tudo encantada; realmente meu país é um dos mais lindos do mundo. Para mim, não há lugar mais lindo do que a Espanha. Levo o helicóptero em direção ao porto, sobrevoando o mar, e logo à frente vejo o iate Royal Prince.

Um luxo que me dei de presente, que conta com um heliporto, quatro suítes, todas equipadas, duas cozinhas e uma bela sala de estar e de jantar, além de uma piscina privativa, uma jacuzzi e uma lancha acoplada ao barco.

Faço o pouso e logo um dos meus funcionários vem nos receber.

— Você gostou? — pergunto, pegando sua mão assim que nós descemos.

— Sim, é a coisa mais linda que já vi.

— Vamos passar a tarde aqui, só nós dois. — Falo puxando-a para mim e roubando um beijo seu.

Cumprimentamos juntos a tripulação e confirmo que tudo está pronto para nós dois. Quando a tripulação vai embora na lancha, ficamos apenas eu e Liana, ancorados em alto mar.

— Vem, vou te mostrar todo o barco. — Pego-a pela mão, a levando para as escadas que levam para dentro do barco.

Mostro-lhe cada canto do barco, e é linda a forma que ela sorri encantada.

— Isso é incrível, amei esse passeio. E é ótimo sair um pouco da fazenda.

— Confesso que até eu estava me sentindo preso naquela fazenda. Vem, vamos para a piscina. — Falo enquanto a ergo em meus braços, a levando no colo.

Liana beija meu pescoço e esfrega o nariz na minha nuca, me deixando excitado.

— Se você não parar, terei que levá-la para minha suíte e não para a piscina, meu bem.

— Hum — Diz como se pensasse nas alternativas. — Estou com muito calor, vamos para piscina — fala me provocando.

Assim que chegamos à piscina, eu pulo com ela no colo. Liana dá um grito de susto, enquanto eu apenas rio.

— Ei, não vale! Molhou toda a minha roupa.

— Você fica linda assim — falo percebendo que sua roupa está colada em seu corpo.

— Vou me trocar e já volto — ela fala subindo as escadas da piscina, indo em direção ao banheiro. Saio da água, tiro minha bermuda molhada e fico só de sunga, esperando seu retorno, já excitado.

— Porra, essa mulher está consumindo meu juízo.

O sol está escaldante apesar de ser primavera. Liana volta vestindo a porra de um biquíni tomara que caia indecente. Ela me olha de maneira tão devassa que tive que me segurar para não atacá-la.

— Você tem sorte de estarmos apenas nós dois aqui, senão íamos ficar trancados no quarto, não ia deixar ninguém a ver vestida dessa forma.

— Está com ciúmes?! — Ela fala sorrindo e eu engulo em seco.

— É claro que não. — Falo inconformado.

— Você passa protetor solar em mim? — ela diz provocando.

— Vem aqui, deita aqui. — Falo, indicando a espreguiçadeira.

Ela deita de costas para mim, com a bunda arrebitada toda à mostra na calcinha minúscula que ela usa. Fecho os olhos já imaginando o que posso fazer com essa bunda gostosa. Começo passando protetor sobre suas costas e, com cuidado, acaricio cada uma das suas cicatrizes. Vou descendo pela sua cintura até chegar à sua bunda gostosa. Meu tesão nesse momento já está à loucura, começo a massagear de maneira safada.

Ela não ajuda e geme baixinho com meu toque.

— Vira de frente para mim. — Digo rouco e ela obedece sem pestanejar.

Passei em seus braços, sua barriga, e quando abaixei a parte de cima do biquíni e espalhei protetor em seus seios, ela já estava de olhos fechados, apreciando. Eu espalhava o protetor massageando e apertando o biquinho do seu seio. Seus gemidos são como música para meus ouvidos. Minha boca vai direto para seu ouvido e sussurro com minha voz transbordando tesão.

— Tá gostando, safada?

— Não para, amor, isso é bom demais. — Ela fala gemendo.

Livro-me da sua calcinha e babo ao ver sua bocetinha lisinha. Meus dedos deslizam por ela lentamente, e constato o que já imaginava: ela está encharcada. Meu dedo desliza para dentro dela, que geme se contorcendo. Começo a masturbá-la devagar, tirando e colocando meu dedo; é uma linda visão, vê-la assim nua, deitada em pleno alto mar.

— Não me torture, me faça gozar — ela fala sem vergonha.

— Você quer gozar, safada?!

— Sim.

— Então irá gozar na minha boca, safada.

Abro os lábios da sua boceta com dois dedos e abocanho seu clitóris carnudo. Seu gosto me deixa louco de tesão, sugo, meto a língua na bocetinha

e ela geme de prazer, empurrando mais minha cabeça de encontro à sua boceta.

— Aí, que delícia, eu vou gozar! — Ela diz estremecendo e enchendo minha língua com seu gozo.

— Estava com saudade do seu gosto, safada. Você me deixou viciando nessa boceta gostosa.

Seguro-a pelas coxas e sofregamente me acabo na sua boceta, deixando-a bem encharcada. Abro sua bunda admirando seu rabinho pequeno. Liana fecha os olhos e puxa meu cabelo quando começo a lamber seu cuzinho.

— Safada, hoje eu vou foder esse cuzinho gostoso.

— Oh, Deus! Hector, eu vou gozar de novo! — Fala quando meto um dedo dentro da sua entrada de trás enquanto mordisco seu clitóris.

Liana goza e eu giro seu corpo, colocando-a de quatro com a bunda gostosa toda arreganhada para mim. Dou-lhe um tapa certo e ela grita. Tiro minha sunga e meu pau salta, duro feito aço. Entro na sua boceta em uma estocada firme, a fazendo arquear com o impacto. Junto seus cabelos, fazendo um rabo de cavalo ao redor de minha mão. Soco em sua boceta apertada até senti-la encharcar meu pau com seu gozo. Então tiro para fora, afasto suas pernas, deixando seu cuzinho todo à mostra, e encosto a cabeça do meu pau no seu rabinho. Percebo que ela fica tensa.

— Relaxa, amor, você vai gostar. — Falo soltando seus cabelos, focando em sua entrada de trás.

Vagarosamente vou forçando sua entrada, Liana geme alto de dor. Massageio sua boceta com um dedo e vou forçando meu pau a entrar. Quando a cabeça já está dentro, solto um rugido de prazer, e lentamente vou abrindo espaço para o restante do meu comprimento. Quando dou por mim, já estou todo dentro dela, e a visão do meu pau na sua bunda morena é inesquecível. Meu pau enterrado em seu cuzinho virgem me deixa louco.

— Devagar. — Ela fala e eu vou fazendo movimentos de vai e vem sem pressa, enquanto com meus dedos esfrego sua boceta. Liana goza e despenca, deitando-se exausta, e eu continuo socando até gozar gritando seu nome. Deito ao seu lado e puxo seu corpo para mim. Beijo sua boca, a intensidade do nosso beijo é incrível. Ela morde meu lábio e suas mãos vão para minhas costas, enquanto puxo sua cintura colando ainda mais nossos corpos, como se pudéssemos nos fundir. Ela é perfeita, seu corpo é feito para

o pecado. Com sua personalidade doce e meiga, ela me encanta.

Não consigo aceitar que estou apaixonado por ela, justo por Liana Castela, a assassina.



O tempo passou rápido demais. Fizemos sexo em cada canto daquele barco. Tivemos um almoço maravilhoso, já preparado para nós; lagosta grelhada com risoto de couve-flor e camarão. Conversamos e rimos muito, como que em uma bolha, fora da nossa realidade trágica. Já era mais de cinco da tarde quando nos arrumamos para voltar. A lancha com a tripulação voltou, e sentamos os dois na proa do barco. Abraço seu corpo vendo o iate cortar o mar de volta para Cádiz. O céu está coberto de luz alaranjada em um espetáculo lindo para terminar nosso dia. O sol já estava se pondo e algumas nuvens queriam tomar conta do céu, provavelmente choveria esta noite.

— Eu amei esse passeio, esse foi o dia mais feliz da minha vida — ela fala encantada.

O barco para no píer, eu a ajudo a descer, e caminhamos de mãos dadas até o estacionamento. Liana não tira o sorriso lindo do rosto, realmente esse dia foi inesquecível para nós dois. Porém o prazo está acabando, e de um jeito ou de outro tudo irá acabar.

— Hector? — Pergunta alguém atrás da gente.

Viro-me e fico petrificado ao ver Alexandra em minha frente. Liana se vira para ver quem é e, na hora, solto sua mão assustado.

— Não sabia que estava em Andaluzia, pensei que estivesse no Brasil. — Ela diz olhando para Liana curiosa. Meu coração acelera e tenho que me controlar para não demonstrar meu pânico.

— Vim passar um tempo na fazenda. — Falo tentando disfarçar.

— É tão bom te ver! Estava em um passeio com uns amigos. Nem acreditei quando vi seu iate. — Ela fala ignorando Liana, o que me deixa, por um segundo, mais calmo.

— É bom vê-la também, Alexandra.

— Quem é ela? — Pergunta apontando para Liana. E tudo que penso é que ela não pode

descobrir sobre Liana ou estarei colocando tudo a perder.

— É Liana, uma funcionária da fazenda. — Falo e sinto que Liana paralisa ao meu lado.



CAPÍTULO 16



O QUE VOCÊ QUER DE MIM?

“Não adianta mentir. Cedo ou tarde, a verdade vai aparecer. E, contra a verdade, não há argumentos!”

Liana

Tudo estava bom demais para ser verdade. Tocam as famosas doze badaladas e a realidade vêm à tona, afinal, a vida não é um conto de fadas. Suas palavras deixam claro o meu lugar em frente aos seus amigos, se é que posso chamar essa loira de amiga.

“É Liana, uma funcionária da fazenda.” A frase se repete em minha mente, como se fosse uma maldição. Dou um passo à frente e sorrio friamente, como se não estivesse totalmente quebrada por dentro.

— Prazer, Alexandra. Desculpa, houve uma pequena confusão com o senhor Hector. Não sou mais sua funcionária, aliás, estou saindo da fazenda hoje mesmo. De qualquer forma, foi um prazer conhecê-la. — Digo virando as costas e saindo de lá apressadamente.

Tentei andar calmamente e não correr desesperada, procurando a saída do estacionamento. As lágrimas escorrem por meu rosto sem parar.

Ouçõ Hector chamar por mim, mas o ignoro e corro para longe. Mais à frente, Ruiz está parado com mais dois seguranças encostados no carro que iria nos buscar.

— Liana, o que houve? — ele fala preocupado.

— Me tire daqui, por favor, me leve daqui. — Imploro desesperada.

Ruiz abre a porta de um dos carros e fala algo aos outros dois seguranças, depois entra, assumindo o volante. Quando o carro parte dali, eu desabo derrotada me sentindo a pior das mulheres.

— Para onde quer que eu a leve? — Ruiz me pergunta olhando pelo retrovisor.

Eu devo estar parecendo uma louca chorando dessa forma por um homem que não merece uma lágrima minha.

— Para qualquer lugar, menos para a fazenda.

— Certo. — É a única coisa que ele diz, respeitando meu silêncio, ele não pergunta o que aconteceu.

Não sei quanto tempo se passa, mas o carro para e Ruiz abre a porta para mim. Percebo que estamos em um parque bonito e bem iluminado.

— Que lugar é esse?

— Esse é o Parque Jardines de Varela, pensei que ia querer um lugar calmo para pensar. — Ele diz olhando para mim.

— Pareço patética, não é? — Digo desolada.

— Não, até chorando você fica linda. — Ele fala e fico envergonhada. Seguimos para um coreto de frente para o espelho d’água.

— Você se importa de me deixar sozinha por um tempo? Preciso pensar.

— Tudo bem, tire o tempo que precisar; ficarei por perto.

— Obrigada, Ruiz, você é um bom amigo. — Ele não responde, apenas sai me deixando sozinha.

Sento-me em um banco de pedra e olho para a água; lembro-me do haras e penso em como as coisas seriam diferentes se meus pais não tivessem morrido. Sinto-me sozinha; a sensação de não ter ninguém a quem recorrer é angustiante.

Um filme se passa na minha mente, desde que conheci Hector. Tudo parece tão estranho e confuso. Por que ele quis se casar comigo se não me amava?

“Paixão”, ele já usou essa palavra, mas nunca disse que me amava. E eu, burra, não liguei, porque pensei que ele estivesse apaixonado o bastante. Agora me pergunto se um dia ele realmente se apaixonou por mim.

Há momentos em que ele me olha como eu se fosse a pior criatura da terra, como se me odiasse.

“Eu não condeno inocentes, Liana, mas também não perdoo pecadores.”

— O que ele quis dizer com isso, o que eu fiz para que ele me odiasse? Por que ele me trata dessa forma? Deus, como fui ingênua desde que cheguei à fazenda! Ele faz de tudo para me fazer infeliz, faz de tudo para me ferir.

Limpo o rosto e olho para o céu.

— Mãe, o que eu faço? Dói tanto. Eu estou perdida. Esse maldito sentimento me machuca tanto, odeio amá-lo. Ele não é quem eu pensei; me trouxe para esse lugar para me fazer sofrer. Fico ali, refletindo, por horas. O céu já estava escuro e uma leve garoa começava a cair. O dia, que fora lindo, se transformou em cinza e triste, assim como dentro de mim.

— É melhor voltarmos, o senhor Cartier já ligou mais de dez vezes mandando levá-la para a fazenda. — Diz Ruiz preocupado.

— Tudo bem. É melhor irmos. — Falo limpando meu rosto e me reerguendo.



Voltamos para o carro e quando ele começa a dirigir, percebo que está nervoso.

— Não se preocupe, Ruiz, Hector não fará nada com você, você apenas cumpriu ordens.

— Não estou preocupado comigo e sim com a senhora. — Ele diz enigmático, o que me faz lembrar de outra pessoa.

— Será... — Não. Hector não seria capaz. Ou seria? Fico angustiada apenas com a hipótese de Hector estar junto com ela.

O carro para na entrada da fazenda. Ruiz abre a porta para mim, a chuva já está forte sobre meu corpo.

— Obrigada, Ruiz, você foi um verdadeiro anjo.

Respiro fundo e olho para a grande escadaria, onde o vejo todo de preto, como se estivesse de luto eterno. Ele está de pé no topo me olhando com raiva.

A cada degrau que subia, minha mágoa ia crescendo, e junto com ela a dor horrível que estou sentindo; a chuva parecia acalentar meu corpo.

— Onde você estava? Tem noção do quanto eu fiquei preocupado com você?! — fala ele enfurecido com uma toalha nas mãos. Eu apenas o ignoro, passando reto por ele.

— Estou falando com você, Liana! Não haja como uma criança. Você já tem vinte e um anos!! — Ele fala revoltado e um sorriso frio toma conta dos meus lábios.

— Vinte e dois, mas isso não importa. Só preciso arrumar minhas coisas e estarei indo embora da sua fazenda para nunca mais voltar.

— Liana, que história é essa? Volta aqui! — Fala segurando meu braço.

— Hoje é meu aniversário, e você fez o favor de deixá-lo inesquecível. Jamais vou esquecer a forma como me tratou. Mas isso acaba aqui, Hector Cartier!

Alessia

Olho pela janela do hotel, hoje o céu está cinzento e um vento frio sopra lá fora. Afonso acabou de sair do meu quarto, ele veio ver se eu já estava pronta. Hoje será o dia da emboscada contra meu pai. Estou tão nervosa que nem consegui comer nada. Será que conseguirei fazer o que é preciso e resgatar Clara?

Já faz uma semana que estamos na Colômbia. Nossa viagem até aqui

foi longa e cansativa. Eu não conseguia me acalmar, não sabendo que minha irmã estava nas mãos de dois assassinos. Afonso tem sido um porto seguro para mim, desde que embarcamos naquele jatinho, ele tem feito de tudo para me deixar mais calma. É horrível estar de volta a esse lugar que me trouxe tantas dores. Meu medo é que tudo dê errado, e Afonso e eu caíamos em uma armadilha do meu pai.

Assim que pousamos em solo colombiano, um carro da Interpol já nos esperava; a polícia tinha pressa para ouvir meu depoimento.

Afonso segurou minha mão durante todo o caminho até o hotel.

Vários seguranças nos acompanhavam a mando de Afonso, os policiais da Interpol também faziam parte da nossa segurança. Assim que chegamos ao hotel fomos levados até uma suíte, onde eu prestaria meu depoimento. Tudo estava feito sob sigilo para que pegássemos meu pai de surpresa.

— Senhorita Molina Gusman.

— Sim, sou eu.

— Eu sou o detetive Drummond, o responsável pela investigação contra seu pai. A senhorita está pronta para dar seu depoimento?

— Acho que sim. — Digo nervosa.

— Então vamos lá. Este é Tomás, escrivão, ele irá registrar nossa conversa. Vou precisar que a senhorita me conte tudo o que sabe sobre a organização do seu pai. Quero que me conte cada passo, como ele leva a cocaína para fora do país, quem são as mulas, e o principal, se ele tem apoio de alguém do governo para manter seu negócio.

Fui convidada a me sentar em um sofá de couro marrom, Afonso se sentou ao meu lado e segurou minha mão enquanto eu ia narrando ao detetive tudo que eu sabia.

No final, eu já estava com os olhos cheios de lágrimas e aflita pela minha irmãzinha sozinha no meio desse inferno.

— Então é como suspeitávamos, o governador está envolvido diretamente com o tráfico.

— Sim, já o vi muitas vezes reunido com meu pai, desde que ele era apenas um vereador. Meu pai o ajudou diretamente em sua campanha.

— Agradeço muito pela sua sinceridade e coragem, senhorita Molina. Será de grande ajuda nesse caso. Prometo que faremos o que estiver ao nosso alcance para resgatarmos sua irmã Clara. Agora, precisamos planejar cuidadosamente como faremos para pegar seu pai e ex-marido. Entretanto

vamos precisar da senhorita.

— Seja o que for, eu farei.

— Tem certeza que não quer pensar melhor? Vamos precisar que seja a isca, o que será bem arriscado, mas é a nossa melhor chance.

— Nada disso. Você disse que ela não corria risco. — Diz Afonso nervoso ao meu lado.

— Calma, Afonso, se é isso que preciso fazer, eu farei. A única coisa que importa é tirar Clara das mãos deles.

Depois de muito discutir, Afonso aceitou que eu participasse de toda ação, mas não sem antes garantir que ele estaria por perto.

Agora, depois de uma semana planejando tudo e vigiando a rotina do meu pai e do Enrico, estamos prontos para executar o plano.

Respiro fundo e faço o combinado: ligo para o meu pai.

— Alô, Carlos.

— Minha filha ingrata, sabia que me ligaria cedo ou tarde.

— Eu voltei, quero ver minha irmã. Quero saber como Clara está.

— A pequena Clara está ótima, melhor do que pode imaginar.

— Eu vou me entregar a você, mas só irei se você e Enrico vierem me buscar.

— Acha que sou bobo, meu tesouro? Não caio nessa.

— Essa é a minha condição. Vou voltar para a família, e serei a esposa que Enrico deseja. Mas quero que a minha irmã viva comigo.

— Você sabe que jamais vai conseguir fugir novamente, não? Nem imagina o castigo que Enrico preparou para você.

— Eu não ligo, pai. Estarei na Praça de Bolívar te esperando.

Hector

“Jamais vou esquecer a forma como me tratou. Mas isso acaba aqui, Hector Cartier!”

Sentado no escritório, tomando o quinto copo de uísque puro, me atormento pensando nas palavras de Liana. Ela tem razão, isso tem que acabar, de um jeito ou de outro.

Encontrar Alexandra no píer foi um grande imprevisto. O pior de tudo foi ela ter reconhecido Liana como a assassina de Melissa, e ter me questionado sobre o que eu estava fazendo. Com muito custo consegui despistá-la, mas já era tarde. Liana havia fugido.

Sinto-me terrível por saber que hoje é seu aniversário e tudo acabou de maneira trágica. Eu já não aguento todo esse inferno, não suporto estar perto dela, a querendo e sabendo que é errado. Ela é minha inimiga, uma assassina. A culpa que sinto por falhar com Melissa me corrói por dentro. Tudo saiu do meu controle e só há uma maneira de acabar com isso de uma vez por todas.

Meu coração acelera, pois percebo o que tenho que fazer. Pego o pequeno frasco na gaveta da escrivaninha e vou até a cozinha, despejando o conteúdo em um copo com água.

Demoro cerca de cinco minutos para reagir, olhando para o copo em minhas mãos.

Adrenalina toma conta do meu corpo e uma dorzinha, que não sei de onde veio, assola meu coração. Vou atrás dela, decidido a acabar com toda essa vingança de uma vez, mas ao chegar ao seu quarto, a porta está trancada. Então sigo até meu quarto para pegar a chave reserva.

— Não terei pena dela. Liana ela é uma assassina, não posso deixá-la impune depois do que ela fez. — Digo tentando convencer a mim mesmo de que estou fazendo o certo, mas meu coração parece que está sendo esmagado com o peso da minha decisão.

Pego a chave do quarto dela na gaveta do criado-mudo e rumo até seu quarto, que está silencioso. Abro a porta e, de cara, noto a mala aberta sobre a cama e várias peças de roupas em cima da mesma.

A porta do banheiro se abre e Liana sai vestida com um moletom branco.

— Eu trouxe um copo com água para que se acalme e possamos conversar — digo colocando o copo sobre a penteadeira.

— Como entrou aqui? — Pergunta nervosa.

— Com a chave reserva. O que significa essa mala?

— Eu já disse, estou indo embora. Já que sou apenas uma empregada, eu me demito. E não se preocupe, assim que puder, irei atrás de um advogado e assinarei o divórcio.

— Você não vai sair daqui, Liana! Você é minha mulher, seu lugar é ao meu lado. — Falo me aproximando dela, que se assusta e dá dois passos

para trás.

— Agora eu sou sua esposa, Hector?! Chega! Eu não vou ser seu capacho! Está claro que se casou comigo para fazer da minha vida um inferno. Você não me ama e nunca amou.

— Não é verdade! — Falo angustiado.

— Então me diga que estou errada, diga que me ama!

Minha garganta se fecha e meus lábios travam, nenhuma palavra sai.

— Seu silêncio já diz o que eu precisava saber. Chega dessa droga de vida. Eu já passei por um inferno, não vou perder minha vida entrando em outro. — Fala recolhendo as roupas e jogando todas na mala.

— Você não vai. — Falo puxando a mala das mãos dela transtornado, jogando a mala longe.

— Seu desgraçado!! — Ela grita furiosa.

— Fica calma, Lia, vamos conversar. Você não entende, eu entrei em pânico quando vi Alexandra. Nós nos conhecemos desde criança, ela sempre quis ter algo comigo e quando eu a vi, não soube o que dizer.

— Isso apenas me machuca mais, é pior do que eu pensei. Você me chamou de empregada para manter ela na lista de amantes. Tenho nojo de você, Hector Cartier! Nunca imaginei que poderia sentir nojo de mim mesma. — Ela fala chorando e puxando os próprios cabelos descontrolada.

— Lia, não é assim, meu anjo. — Tento me aproximar para abraçá-la.

— Não quero que me toque!! — Diz se encolhendo no canto da parede com medo de mim. — Sai daqui!

Ela está quebrada, destruída, e a culpa é minha toda.

— Eu não vou sair, não vou te deixar sozinha nesse estado. A casa é minha, não pode me expulsar daqui.

— Tem razão — diz com um sorriso triste. — Tudo é seu, não é? A fazenda, o barco, os carros... Você é o todo poderoso Hector Cartier. E eu, olha para mim, sou apenas a garota burra que se apaixonou pelo patrão. — Diz ficando de pé e apontando o dedo na minha cara. — Mas, quer saber? Eu não me importo com seu dinheiro, com sua fazenda... Foda-se! Eu não fico mais aqui! — ela tenta correr para a porta, mas a impeço, segurando seu braço e trazendo seu corpo para mim.

— Fica calma.

— Desgraçado, me deixa ir! — Fala e me surpreende quando me acerta bem nas bolas.

Porra, a dor é horrível; me encolho no chão com as duas mãos no meu

amigão ferido.

— Liana, volta aqui!! — Grito, mas ela corre para a porta.

Tento ir atrás dela, mas a dor é intensa. Porra, ela foi certa. Fiquei por quase vinte minutos gemendo no chão tentando controlar a dor para ir atrás dela. Sabia que da fazenda ela não sairia, ainda mais com essa tempestade caindo.

Mesmo ainda com dor, consigo levantar e à sua procura.

— Vocês viram Liana? — Pergunto aos seguranças que ficam de vigia na porta da frente.

— Não, senhor, por aqui ela não passou.

— Inferno, onde ela está? Quero todos à procura dela, ela saiu não faz muito tempo e está a pé.

Sentindo que algo muito ruim vai acontecer, não ligo para a chuva forte que cai, apenas saio em busca dela. A cada lugar que procurava e não a encontrava, meu desespero aumentava.

— Liana!! — Grito com medo do que pode ter acontecido.

Na entrada da plantação vi uma movimentação. Comecei a andar por entre as videiras até que a encontrei, sentada no chão enlameado, chorando.

Porra, eu a quebrei! Está nítido o quanto ela está abalada.

— O que você está fazendo aqui, quer pegar uma pneumonia e morrer?! — Pergunto assim que me aproximo dela.

— Quero, eu quero morrer! Já não aguento mais sofrer desse jeito!!

— Não diga isso, Lia, você não vai morrer, eu não vou deixar! — Respondo tremendo.

— Para, para!!! — Grita tampando os ouvidos.

— Liana, fica calma, você está fora si.

— Eu nunca estive tão certa na vida! — Diz limpando as lágrimas que caem dos seus olhos se misturando com a água da chuva.

— Acabou, eu vou embora, não aguento mais! Não era isso que você queria, me ver destruída?! — Me pergunta com tanta dor que sinto a sua dor em mim.

Agacho-me e tento abraçá-la e consolá-la.

— Me solta, não me toque! Eu te amava, você foi meu primeiro amor, meu primeiro tudo, e o que você fez?! — Me olha magoada.

— Vamos conversar dentro da casa, vamos sair da chuva.

— Eu não vou, não vejo motivo para ficar aqui. Você me odeia, está fazendo da minha vida um inferno!!

Eu havia desejado ver Liana sofrer, desejava ter seu coração despedaçado em minhas mãos. Mas, o que eu não imaginei era o quanto isso doeria em mim.

— Não é bem assim, Lia. — Tento convencê-la a se acalmar.

— Eu sou uma estúpida! Você me trouxe aqui para pagar por algo que não sei o que é!

Quando ela diz isso, sinto meu corpo todo em alerta.

— Liana, fica calma, vamos voltar para a casa e vamos conversar lá; você vai acabar ficando doente.

— Eu não vou, me solta! Eu vou embora, nunca mais quero vê-lo.

— Para com isso, Lia, eu não vou te deixar ir.

— Me dê uma boa razão para que eu fique aqui; para que eu fique com você.

— Você me ama, que motivo melhor que esse? — Falo a primeira coisa que me vem à mente.

— Era isso que você queria, não era? Que eu me apaixonasse. Queria que eu caísse aos seus pés, queria me enganar com suas mentiras e com seu falso amor, queria me fazer pagar por todos meus pecados. Foi ela quem mandou você, não foi? Quanto ela te pagou para me destruir, hein, Hector?!

— Eu não sei de quem está falando. — Falo confuso.

— Parabéns, Hector, você foi perfeito! Conseguiu. Estou destruída, estou à beira da loucura! Imagino o quanto deve estar feliz em me ver assim destruída, acabada, na lama. — Ela fala e dá um sorriso triste, mas vê-la nesse estado não me traz nenhum alívio, nem o prazer que eu pensei que sentiria.

— Eu fiz merda, Liana, mas eu me arrependo. Me odeio por fazer você chorar desse jeito, por ter te machucado assim. Por favor, meu anjo, vamos voltar para o casarão. Você precisa de um banho, precisa descansar. Amanhã, quando estiver mais calma, você toma a decisão se vai ou não embora da fazenda. E prometo que não vou te impedir. Mas antes você vai precisar me ouvir.

— Promete que me deixará ir embora? — Pergunta se levantando trêmula.

Mesmo me odiando por dentro eu digo firme:

— Prometo que se depois de me ouvir você quiser mesmo ir embora, te deixarei partir.

— Então eu vou voltar para o casarão, arrumarei minhas coisas e

amanhã parto daqui. — Diz séria e meu coração pesa com medo dela me deixar.

Liana começa a andar em direção ao casarão, a chuva castiga nossos corpos. Ela está física e emocionalmente exausta. Liana foi a única mulher que fez meu coração voltar a bater. Vê-la assim toda suja de lama, toda molhada e tão ferida, me fez perceber que essa vingança não me trouxe nenhum conforto, nenhuma sensação de paz. É apenas quando estou nos braços dela que me sinto verdadeiramente em paz.

Que merda eu estou fazendo da minha vida! E se Afonso estiver certo e não for ela a culpada? Quem é essa pessoa que ela acredita que me pagaria para feri-la?

Antes que eu possa questionar Liana, noto que ela para no começo da escadaria e seu corpo fica mole. Antes que ela caia no chão, eu a seguro.

Liana desmaia, provavelmente de exaustão. Eu a pego nos meus braços e subo as escadas em direção ao segundo andar. Levo-a para o seu quarto e coloco-a deitada na cama. Mesmo toda suja, posso ver em seus traços delicados o que tanto me encantou. Liana é doce, dedicada e amorosa, ela não seria capaz de negar socorro a alguém.

Deixo-a deitada na cama e vou ao banheiro colocar a banheira para encher, ela precisa de um banho quente urgente. Quando a banheira está cheia, volto para o quarto e a encontro na mesma posição em que deixei. Tiro suas roupas molhadas e sujas e a pego no colo.

Com cuidado, coloco Liana na banheira; ela continua desacordada tamanho fio o baque que sofreu. Lavo com cuidado seu corpo e seu cabelo.

— Me perdoa, meu anjo. — Falo acariciando seu rosto, e quando percebo lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto.

— Onde estou? — diz ela acordando desorientada.

— Eu te trouxe para o banho.

— Sai daqui, me deixa sozinha — ela diz sem sequer olhar em meus olhos.

Deixo-a terminar o banho sozinha e volto para o quarto. Com a mente perturbada, olho pela janela da sacada o vento, os raios cortando o céu. Como não percebi antes que ela já carregava tanta dor dentro de si? Como fui capaz de ferir uma pessoa que só me deu amor?

A porta do banheiro se abre e Liana passa por ela usando um roupão, ela caminha até a penteadeira sem notar que ainda estou aqui. Em choque eu vejo o momento em que ela pega o copo, o mesmo que trouxe no intuito de

matá-la. Porém agora já não desejo mais o mesmo.

Desesperado, avanço em sua direção derrubando o copo com veneno longe, assustando Liana.

— O que você fez? — Ela pergunta confusa.

— É melhor não beber nada, pode te fazer mal. Eu vou chamar um médico, você

desmaiou. — Digo disfarçando.

— Não preciso de médico, só quero ficar sozinha. — Diz caminhando até a cama e se deitando.

— Tudo bem, você precisa descansar. Eu vou para o meu quarto. — Falo me sentindo um merda.

Era para eu estar me sentindo vitorioso, afinal consegui o que queria. Mas não me sinto um vencedor, sinto-me um demônio. Estou machucando um anjo, uma pessoa doce como Liana. Saio do quarto indo direto para o escritório. Minha mente fica dando voltas... Por pouco ela teria morrido. A que ponto eu cheguei? No que todo esse ódio me transformou? Tudo começa a se misturar na minha cabeça; o vídeo do julgamento, tudo que ouvi daquele promotor, o dia do acidente... E então flashes da Liana que passei a conhecer aqui na fazenda... As palavras de Afonso, a desconfiança de Pablo.

Encho meu corpo com uísque, mas a bebida não alivia esse desespero. Abro a gaveta da mesa e tiro de lá uma foto de Melissa, e nossas alianças. Tento me apegar à saudade que sinto dela, mas agora já não é o bastante. A dor de ver Liana sofrendo consegue ser maior.

— Me perdoa, Mel. Me perdoa por amar justo Liana Castela, me perdoa.

Choro, me sentindo o pior dos homens por amá-la, e me odiando por querê-la dessa forma.

— Deus, por que, por que justo ela?! Isso só pode ser um castigo.

Confuso, sem saber que decisão eu devo tomar, pego meu celular e ligo para a única pessoa que vai me entender.

O telefone chama, chama... Não demora muito, escuto a voz dela.

— Alô, Hector?

— Verônica...



CAPÍTULO 17



FIQUE

COMIGO, AMOR

"Só o amor é capaz de mudar o mundo, te faz ser feliz, faz você fazer coisas e dizer coisas que jamais pensou antes. O amor vence barreiras, vence a distância, supera as brigas, o amor vence tudo... se não vencer é porque nunca foi amor!"

Hector

— Verônica...

— O que aconteceu? — Ela pergunta assim que percebe minha voz trêmula.

— Eu não sei por onde começar. — Digo totalmente sem chão.

— Respira fundo e começa do começo. Onde você está, Hector? Sinto que algo muito grave aconteceu.

— Eu fiz uma merda muito grande, não sei como concertar. Sinto que estou errado e que cometi uma enorme injustiça. Minha cabeça me diz para fazer uma coisa, mas meu coração clama por outra.

— Às vezes não devemos seguir nossa cabeça. Eu fui pela razão, pela minha consciência, e cometi o maior erro da minha vida. — Ela diz com a voz tensa, se lembrando provavelmente de Arturo.

— Verônica, me diga, quando você descobriu que amava Arturo? Quando percebeu que tinha se apaixonado por seu inimigo?

— Eu não sei explicar exatamente. Sendo sincera, eu já o amava há muito tempo, mas estava tão cega de ódio, pelo desejo de vingança, que quase perdi a minha felicidade.

— Liana me deixa confuso, Verônica! Tudo aponta para ela, mas seus olhos me fazem questionar se ela seria capaz disso.

— Liana Castela, a moça que atropelou Melissa? — Ela fala, já entendendo o que eu fiz. — Escuta, Hector, quando entreguei aquelas provas contra Arturo, eu não senti prazer algum. Não me senti vingada, não houve satisfação. Muito pelo contrário, eu senti apenas dor. Eu não sei pelo que você está passando, Hector, mas eu o conheço bem, e sei que vingança não vai trazer alívio ao seu coração, e muito menos trará Melissa de volta.

— Eu não sei o que fazer, Verônica! Eu me enfiei em uma trama da qual não posso voltar atrás; se não for ela, significa que ela protege alguém. E não sei se posso perdoar isso.

— Hector, me escuta, eu já agi como uma justiceira, e o que isso trouxe para mim? Nada além de dor e sofrimento! Pode parecer que tudo está perdido agora, mas sempre há duas saídas, não vá pelo caminho mais fácil se isso fará com que perca sua felicidade.

— Você não entende, eu fodi tudo. Eu amo a pessoa que eu deveria odiar! — Falo exasperado e quando essas palavras saem, posso sentir o peso delas me esmagando.

— Se você a ama, seja verdadeiro com esse sentimento. Perdoe-a e diga a verdade a ela, não cometa o mesmo erro que eu! — Ela implora chorando.

— Eu não sei se sou capaz de esquecer o que ela fez, se sou capaz de perdoar.

— Esquecer você nunca vai, mas terá que conviver com isso. Ou você

prefere viver sem ela? Consegue se imaginar seguindo sua vida sem ela ao seu lado?

— Eu nunca nem cogitei essa hipótese. Está tudo tão confuso... Era ela, Verônica! Ela era no volante, foi ela que atropelou você e Melissa. Por causa dela Melissa não está aqui.

— Deus, Hector, eu tenho até medo de perguntar o que você fez com essa garota.

— Eu estava cheio de ódio, de rancor, e só conseguia pensar na minha dor.

— E o que mudou agora, o que mudou para você, Hector? Por que não consegue ir em frente com sua vingança?

— Eu não sei, Verônica, não sei o que pensar. Ela me mostrou um lado que não imaginei existir. Liana é boa, carinhosa e ingênua. É tão doce e delicada, parece um cristal frágil quebrado, que precisa de alguém para colar seus cacos. Em nada se parece com a imagem que havia pintado dela.

— Talvez seja porque a imagem que você criou dela por todos esses anos esteja errada. Ela foi julgada, Hector, foi condenada e perdeu quatro anos de sua vida. Não digo que o que ela fez foi certo, mas não somos Deus para julgar ninguém! Eu me achava no direito de condenar a todos, eu tive o poder de fazer isso. Eu tive que aprender da pior forma que estava errada. Esqueça o passado e perdoe essa mulher, tire esse ódio de dentro de si. Você, mais do que qualquer um, merece a felicidade.

— Se eu lhe contar a verdade, ela irá me deixar. Você não sabe, eu fiz tanta merda, Verônica... Estraguei tudo, eu a machuquei, a quebrei de uma forma que não poderei consertar.

— Nada é impossível quando se ama de verdade. Se ela foi capaz de fazer seu coração voltar a bater, ela deve ser especial e vai entender. E então os dois poderão começar algo verdadeiro, sem mentiras.

Quando desliguei o telefone, já havia tomado minha decisão.

Já era tarde da noite e Liana deveria estar dormindo, cansada após os acontecimentos de hoje. Dentro de mim o caos estava posto, minha cabeça latejava, minhas mãos estavam trêmulas. Olhei em direção às gavetas da mesa e abri a primeira gaveta, peguei as alianças e o porta-retrato.

A chuva já tinha cessado, apenas um vento frio balançava as árvores. Saí do escritório pronto para encerrar um capítulo da minha vida.

Ao sair da casa grande e pisar no gramado, dois seguranças me seguiram.

— Me deixem sozinho. — Digo virando-me para os dois.

Caminhei no escuro sentindo o peso da minha decisão, era hora de ser um homem; enfrentar o passado e enterrar a dor, a mágoa e principalmente o ódio.

Ao chegar à beira do lago, as lágrimas descem sem controle, um pranto profundo dispara dentro de mim. As lembranças de momentos vividos por nós dois voltaram em flashes. A saudade é grande, mas junto com ela, sinto a certeza de estar tomando a decisão certa.

— Era isso que você dizia em meus sonhos, e eu, cego pelo ódio, não enxergava. É hora de seguir em frente, Mel; é hora se recomeçar. — Falo me ajoelhando em frente ao lago com sua foto nas mãos. — Me perdoa, Mel, me perdoa por não ter protegido você e nossa filha. Me perdoa por ser fraco e não ter enxergado que essa vingança não me traria nada. Você estava tão certa, princesa, eu iria mesmo me apaixonar. Agora eu vejo que a amo e não posso viver sem ela. Jamais me esquecerei de você, princesa, e do nosso bebê, mas é hora de enterrar o passado. — Digo com a voz embargada olhando para o céu. Arremesso as alianças no lago e sinto um alívio tremendo tomar conta de mim.

— Acabou, coloquei um ponto final em toda essa história. Liana não é culpada, ela não seria capaz; não a minha Liana.

Fiquei ali até o sol nascer, trazendo com ele a esperança de que agora as coisas iam melhorar. Sei que terei de contar toda a verdade a Liana, mas primeiro terei de convencê-la a não me deixar. Depois, aos poucos contaria sobre Melissa e ela poderia me explicar o que aconteceu, porque dentro de mim, eu sei que ela não é uma assassina.

Eu prometi a mim mesmo que nunca mais amaria ninguém, mas não amar Liana foi impossível. Ela me conquistou com sua pureza, bondade e altruísmo. Quando dei por mim, estava louco por essa mulher.

Quando voltei para a casa grande, meus seguranças me olhavam assustados. Deve ter sido patética a cena: eu correndo no meio da madrugada em direção ao lago.

Ao ver que Liana ainda dormia, aproveito para preparar algo especial para ela. Ontem foi seu aniversário e eu estraguei tudo, mas se depender de mim ela não voltará a chorar.

Tomo um banho rápido e mando Ruiz ir buscar algumas coisas para mim na cidade; essa é uma maneira de mostrar a ele que Liana tem dono e que não vou desistir fácil dela. Não sou burro para não perceber seu interesse

por ela. Liana é linda, doce, e tem uma sensualidade natural, é impossível não se encantar. Porém ela me pertence, ele jamais a terá.

Depois de me livrar das roupas escuras de luto, me vesti com as poucas roupas claras que tinha trazido. Sinto meu celular vibrar e vejo o número da minha mãe. Já faz alguns dias que evito falar com ela, com medo de acabar deixando alguma coisa escapar.

— Alô, mãe.

— Filho, que bom que atendeu, já estava nervosa sem notícias suas. Por que não me ligou de volta?

— Desculpe, mamãe, não era minha intenção deixar você ou meu pai preocupado.

— Quando você volta, *hijo*? Não aguento mais ficar sem notícias suas. Não me esconda as coisas, Hector, eu sei que está aprontando, por isso está longe de mim. O que me esconde?

— Eu estou apaixonado, mãe. — Falo com um sorriso bobo, só de pensar no que minha mãe achará de Liana quando a apresentar.

— Quem é ela? — Pergunta em tom de curiosidade.

— O nome dela é Lia, mãe, ela é doce, amável e carinhosa.

— Eu quero conhecê-la. — Ela diz empolgada.

— Eu preciso consertar as coisas, mãe, eu estraguei tudo. Ela não sabe sobre a coroa, não sabe sobre eu ser o rei.

— Isso só faz com que eu goste ainda mais dela. Se ela se interessou por você sem saber sobre o seu reinado. Isso é um sinal de que não é interesseira. E só pela forma como fala dela, já posso notar o quanto é especial.

— Ela é, mãe. Liana é um raio de luz que entrou na minha vida para me tirar das sombras; ela me devolveu a vontade de viver.

— Eu vejo que é, meu filho — diz ela chorando emocionada. — Não a deixe escapar, *hijo*, traga essa garota especial. Meu coração diz que é ela sua felicidade.

— Eu prometo que irá conhecê-la. Entretanto, antes ela tem que me aceitar.

— Ela seria muito boba se não o quisesse, meu príncipe lindo.

— Eu não sei, mãe, digamos que eu não fui eu mesmo com ela, mostrei a Lia meu pior lado, agora ela está magoada.

— Então você só precisa mostrar a ela o seu melhor, mostrar que vale a pena estar ao seu lado. Conquiste-a, seja o príncipe que eu criei.

— É o que farei. — Falo com um sorriso no rosto, extremamente animado, e desligo.

Ruiz e outro segurança entram carregando as flores que mandei buscar. A cara dele não é das melhores, o que me deixa extremamente feliz.

Com cuidado para não fazer barulho e acordar meu anjo, fui colocando as flores no quarto. Quando estavam todas espalhadas, preparei uma bandeja com tudo que ela gosta de comer, diretamente da padaria da cidade. E, quando tudo estava pronto, fiquei admirando seu sono tranquilo me sentindo o homem mais sortudo do mundo por ter o amor dessa mulher.

Liana

Acordei naquela noite com sede e decidi levantar da minha cama e ir até a cozinha pegar um copo de água, quem sabe até ter a sorte de achar o bolo de chocolate que mamãe fez. Coloquei minhas pantufas e sai do meu quarto sem fazer barulho, sabia que Liz ficava muito brava quando era acordada e não queria ver ela irritada comigo.

Saí pelo corredor, mas parei na porta do quarto dos meus pais quando ouvi o choro de mamãe.

— Eu não posso aceitar, não posso!

— Luíza, não há o que fazer, ela é doente. Nós fizemos tudo que esteve ao nosso alcance.

— Não, ela é minha filha, não posso desistir da minha filha. Talvez se a levássemos a outro especialista.

— Como outro especialista, Luíza? Já é o sexto psiquiatra que dá o mesmo diagnóstico. Não tem cura, meu bem. Eu a amo também, ela também é minha filha. Acha que é fácil para mim, aceitar o que ela é?

— Eu não posso interná-la em uma clínica para doentes mentais.

— Mas ela é doente! E o que podemos fazer, Luíza? Ela está fora de controle; você viu o que ela fez com a filha dos Fonseca.

— Mas ela está arrependida, você a viu; ela chorou, pediu desculpas.

— Para, Luíza. Não foi a primeira vez e você sabe.

Paralisada com o teor da conversa, tentei voltar ao meu quarto, mas

acabei esbarrando no aparador do corredor. Foi quando a porta do quarto dos meus pais se abriu e meu pai me olhou assustado.

— Liana, meu anjo, o que está fazendo aqui nesse escuro? — Ele me ajuda a levantar.

— Estava indo pegar um copo com água quando ouvi a mamãe chorando.

— Não foi nada, meu anjo. Vem, a mamãe vai te levar para a cozinha, guardei um pedaço de bolo de chocolate para você.

Naquela noite eu senti que algo muito ruim iria acontecer, mas não imaginava que seria tanto. Eu fui burra e não notei as coisas que aconteciam bem na minha frente. Aquele maldito Taylor que não saía da nossa casa, a forma nojenta como ele me olhava. Algumas vezes peguei ele e Liz juntos. Tudo estava prestes a desmoronar e eu não percebi.



Acordo sobressaltada com um cheio doce de rosas exalando pelo quarto; abro os olhos e me dou conta da claridade que vem da janela. Sento-me com cuidado, sentindo minha cabeça doer, e só então noto que não estou sozinha. Hector está sentado nos pés da cama segurando uma bandeja e uma rosa branca nas mãos.

Se isso já não fosse assustador, ele está vestindo uma camisa azul e uma calça jeans. O quarto está repleto de buquês de rosas e ele sorri para mim como se nada tivesse acontecido.

— Bom dia, meu amor, como está se sentindo? — Pergunta ele com a voz calma, me deixando confusa.

— Bem. Com licença, eu preciso ir. — Falo afastando as cobertas.

— Não precisa se levantar ainda, eu trouxe o café da manhã para você. — Fala colocando a bandeja no meu colo.

Olho para Hector como se tivesse um alien na minha frente, e não o homem cruel que conheço.

— Eu não sei o que você pensa que está fazendo, me trazendo café na cama, mas saiba que eu não vou mudar de ideia. Vou embora da fazenda, não adianta tentar me enganar.

— Podemos conversar depois, agora eu só quero que tome seu café da

manhã. Ontem você não jantou, e desmaiou; não quero que fique doente. — Fala servindo uma torta de morango para mim.

Olho para a bandeja e meu estômago protesta, me deixando envergonhada. Opto não por discutir com ele e aceitar a comida; já que vou embora, ao menos não irei com fome. Peguei a xícara de chá e levei aos lábios, o sabor doce me fez gemer de prazer.

— Gostou das flores? — ele pergunta quando me vê olhando para os muitos buquês.

— São lindas. — Falo a verdade.

— Eu sabia que ia gostar, elas combinam com você. — Ele diz tentando ser gentil, porém para mim agora tudo que ele diz soa falso.

Comecei a comer enquanto tentava ignorar seu olhar sobre mim, entretanto, a cada pedaço que comia, uma ânsia tremenda ia tomando conta de mim. Quando a bÍlis subiu, um gosto amargo percorreu minha boca, e levantei apressada, indo em direção ao banheiro. Curvei-me sobre a privada e deixei o vômito sair. Hector me ajuda, segurando meu cabelo, e esfrega minhas costas, enquanto eu vomito todo o café da manhã e todo o líquido que tinha no meu estômago.

— O que você está sentindo, meu anjo? É melhor te levar ao hospital, não é normal vomitar tanto. — Ele diz fingindo preocupação.

Levanto-me ainda meio tonta e lavo meu rosto, escovo os dentes. Hector fica ao meu lado apenas me observando.

— Eu não sei aonde quer chegar com esse teatro, essas flores e essa falsa preocupação, mas isso não vai mudar o fato de que vou embora. — Falo com raiva, mas sinto minhas pernas falharem. Antes que eu caia no chão, seus braços fortes me envolvem. Hector grita por ajuda, mas estou cansada demais para entender o que ele diz e fecho os olhos, não suportando seus olhos azuis sobre mim.



Não sei quanto tempo se passou até eu acordar, mas acordei na minha cama, e novamente tinha companhia, mas dessa vez era o doutor Guzmán.

— Que bom que acordou, seu marido estava preocupado. Tive que obrigá-lo a sair para conseguir examiná-la direito.

— Desculpa incomodar, doutor. Foi só uma queda de pressão devida ao estresse, eu já estou me sentindo melhor.

— Há quanto tempo vem sentindo enjoo e tontura? — ele pergunta enquanto olha minhas pupilas.

— Desde ontem, deve ter sido alguma coisa que comi.

— Sua menstruação está atrasada? — Pergunta deixando-me confusa.

— Bem, pelas minhas contas, não.

— Hmm, pode acontecer. — fala e toca meu abdômen concentrado, como se estivesse procurando algo. — Bem, dona Liana, desconfio fortemente que esteja grávida, mas, se estiver, ainda é uma gestação bastante recente.

Olho para ele estática, como se uma bomba acabasse de me atingir.

— Grávida, eu?

— Sim, é o que parece. Mas de qualquer forma, recomendo que faça um exame de sangue, e para isso o melhor seria ir até a clínica. Se for comprovada a gravidez, a senhora deverá começar o acompanhamento médico, o pré-natal, e receitarei vitaminas e remédios para seus enjoos, se necessário.

Minhas mãos vão para o meu abdômen. Estou tão emocionada. Um filho! Estou esperando um filho meu e de Hector.

— Doutor? — Falo chamando sua atenção antes que ele saia do quarto.

— Sim?

— Não diga nada para o meu marido, por favor; gostaria de confirmar antes de contar a ele — digo tentando convencê-lo.

— Claro, pode deixar.

O doutor sai, me deixando sozinha no quarto. Eu ainda não posso acreditar que tem um bebê dentro de mim, um anjinho que cresce dentro do meu ventre, alguém que irei amar mais que tudo nesse mundo.

— Deus, o que Hector vai pensar quando souber que vai ser pai? Na certa vai me culpar por não ter me precavido. Não importa o que ele pense, eu já amo esse bebê, e graças a ele eu nunca mais estarei sozinha. — Falo emocionada.

Hector abre a porta e entra no quarto um tanto aflito, seu rosto está cansado, com olheiras profundas e uma expressão de preocupação.

— O doutor me avisou que você já estava bem e queria me ver.

— Sim, estou bem — falo séria, ainda decidida a dar um basta nisso.

— Foi apenas um mal-estar, já estou melhor. O doutor apenas recomendou que eu passasse na clínica quando possível. E, como já me sinto melhor, vou indo.

— Lia, sobre isso, vamos conversar.

Levanto-me da cama tentando não demonstrar o quanto estou fraca.

— O que tínhamos para falar já foi dito ontem na plantação. As flores, o café da manhã, não mudam a forma como vem me tratando desde que coloquei os pés nessa fazenda.

— Eu sei, meu anjo, mas agora tudo é diferente, tudo vai mudar, eu prometo.

— Por favor, saia. Eu preciso me vestir e arrumar as minhas coisas — digo abrindo a porta para ele, e Hector passa por ela parecendo desolado

Não se engane, Liana, ele não te ama, nunca amará. Sei que logo terei que contar sobre o bebê, mas antes preciso estar forte, preciso estar com a minha vida organizada; não quero depender de Hector para nada. Lembro-me das palavras de Miranda, do dinheiro que ela deixou para mim. Agora é a melhor hora de ir atrás desse dinheiro, vou precisar cuidar do meu bebê, protegê-lo. Peguei a pequena chave que ela me deu e preendi no pingente da medalhinha de nossa senhora que uso, troquei de roupa, optando por uma calça jeans e uma camisa verde. Em seguida, guardei todas as minhas roupas dentro de uma pequena mala.

Primeiro preciso ir até Madrid para recuperar o dinheiro, depois irei para Lãs Palmas, um belo lugar para criar meu filho. Hector será um bom pai, mesmo que não estejamos juntos, sei que ele vai amar esse bebê.

Quando a mala já está feita, decido descer e enfrentar a fera de uma vez por todas. A cada passo que dava em direção às escadas, sentia um aperto em meu peito. É horrível pensar que tudo tem que acabar assim; eu o amo tanto, mas às vezes o amor não é o bastante, não quando só uma das partes ama.

Sentado no primeiro degrau da escada está Hector, totalmente derrotado, com os cabelos bagunçados, o rosto vermelho, coberto por lágrimas. Minhas mãos ficam trêmulas, a minha vontade é me jogar nos braços dele e dizer que tudo vai ficar bem, mas não posso; não dessa vez.

— Eu já estou pronta. Arrumei todas as minhas coisas. Só queria pedir para que Ruiz me deixe na cidade, se não for muito incômodo.

— Não, Liana, você não pode ir. Fica comigo. — Ele fala segurando minhas mãos, me impedindo de descer.

— Por que está fazendo isso, por que nos ferir dessa forma? — Pergunto não segurando as lágrimas.

— Eu não posso te deixar ir, porque eu te amo. Você pode não acreditar em mim, mas eu quero você, preciso de você, e me arrependo da forma como te tratei; você não merecia.

— Eu não acredito em você — falo sentindo meu coração partindo em milhares de pedacinhos.

— Eu sei, eu sei que estraguei tudo, meu anjo. Eu te tratei mal, não dei valor ao amor que sentimos, mas eu estava errado, estava cego e não via o quão especial você é.

— Por que está fazendo isso? — falo não me contendo. — Por que está dizendo essas coisas justo agora, quando é tarde demais?

— Eu te amo, Liana! Se não disse isso antes era porque estava tentando lutar contra esse sentimento. Mas agora tudo mudou, eu percebi que não posso viver sem você. Por favor, não desista de nós dois, eu prometo melhorar por você.

— Eu queria acreditar. — Falo triste por seguir o amando.

Hector abraça minhas pernas, angustiado e em prantos.

— Por favor, não me deixe, eu não vou te decepcionar, Lia. Vou te mostrar que posso ser melhor, vou mostrar a você que podemos dar certo.

— Eu não consigo acreditar. Sei que me esconde algo, eu sinto isso. Você me trouxe para essa fazenda para me fazer sofrer e agora quer me manter aqui para quê?

— Meu anjo, meu amor, olha para mim. Eu era um homem amargo até te conhecer. Estive por muito tempo andando nas sombras e nunca pensei que sairia de lá. Quando eu te conheci, Lia, não quis acreditar que poderia amar de novo. Mas você me conquistou dia após dia. Com sua doçura, com seu carinho e com seu amor. Se você for embora, estará me deixando no vazio de novo, eu não quero mais isso pra mim. — Ele diz com tanta certeza no olhar que não consigo deixar de acreditar.

— Eu não quero isso para mim, Hector. Quero alguém que não tenha vergonha de mim, quero alguém que me apresente aos amigos, alguém que me trate com respeito.

— Eu não tenho vergonha de você, meu anjo, você é linda, é perfeita. As coisas são mais complicadas do que parecem. Mas eu prometo que vou te contar tudo. Só me dê um tempo e eu juro que não te esconderei mais nada.

Me abaixo ficando na mesma altura que ele e toco seu rosto cheio de

lágrimas, ele fecha os olhos ao sentir meu toque; nós dois estamos em prantos, quebrados, nessa sala.

— Por favor, meu amor, me dê uma chance de mostrar a você que podemos dar certo. Deixe-me te amar. — Ele fala me abraçando e eu não aguento e retribuo, tão ou mais angustiada que ele.

— Tudo bem, vamos fazer nosso casamento dar certo. Eu prometi a Inês que não desistiria de você facilmente. Eu te amo, Hector, mas quero que saiba que, mesmo te amando, irei sair por aquela porta caso não cumpra sua palavra.

— Prometo que chega de lágrimas, quero te fazer feliz, Liana, quero ser feliz ao seu lado. — Diz enquanto beija todo meu rosto sorrindo e me puxa para os seus braços, me apertando forte contra ele.

— Eu te amo, Liana Castela, amo como nunca imaginei voltar a amar.

Eu, como boba apaixonada, me vi cega pelo seu amor. Naquele instante tudo que importava era que finalmente o homem que eu amo estava se declarando para mim, mesmo com algo dentro de mim dizendo que havia mais coisas nessa história.

Alexandra

Eu mal consegui pregar o olho naquela noite, a expectativa de ver Hector de novo me deixou eufórica. Eu o amo tanto, desde pequena. Eu era só uma garotinha, mas já o via como meu príncipe encantado. Mamãe sempre dizia que eu me casaria com ele e seria a futura rainha da Espanha. E eu cresci esperando isso acontecer. Ele dizia que eu era a menina mais bonita que conhecia, e isso bastava para mim. Eu não me importava se ele tinha várias namoradas, o que importava era que quando eu crescesse, nós iríamos ficar noivos e nos casar.

Mas todos os meus planos foram por água abaixo com a chegada de Melissa. Eu a odiava e detestava a forma como ela era boa e fazia todos suspirarem por ela. Meu coração foi partido quando, na festa da rainha Letícia, ele a pediu em casamento. Até então eu pensava que tudo não passava de sexo, que logo o encanto iria acabar, e eu estaria lá. Mas estava

enganada. Aquela cobra se introduziu na monarquia e não pretendia sair. Meu pai teve que me levar para uma clínica para que pudesse me recuperar após o maldito casamento real. Ela tinha roubado minha felicidade, meu amor, tinha me tomado tudo que sempre sonhei.

Fiquei por quase dois anos afastada de toda monarquia, pois tudo que eu não queria era ver a felicidade dos dois. Foi em uma viagem à Itália que conheci Edward, ele foi meu primeiro namorado. Cheguei a pensar que eu conseguiria esquecer meu amor por Hector, mas não passou de uma paixão. Quando Melissa morreu, eu percebi que era o destino me dando uma segunda chance. Abandonei tudo na Itália, e vim correndo para a Espanha atrás do meu príncipe, entretanto mais uma vez havia uma mulher atrapalhando tudo: Verônica e seus bebês. Estava claro para todo mundo que ele só estava com ela para tapar o buraco que Melissa tinha deixado. Ela era o pacote completo, uma família já pronta, e a desgraçada quase se casou com ele. Se não fosse seu ex-marido, talvez ela e Hector estivessem juntos até hoje.

Bom, já faz cinco anos que Melissa morreu. Um homem como ele não fica sem sexo e eu estou disposta a ser tudo que ele precisar. Farei o que for preciso para que ele me enxergue como mulher. Mas algo vem martelando na minha cabeça: Liana Castela. Algo me diz que tenho que ficar esperta com essa garota. Não posso negar que ela é bonita. Porém, ninguém ficará no meu caminho dessa vez.

Meu pai já está fazendo um ótimo trabalho subornando o parlamento para forçá-lo a se casar, e quem melhor do que eu para ser a candidata a futura rainha?

— Ninguém está mais à altura do que eu, Alexandra Ortiz, filha do Marquês da Catalunha. — Digo e termino de passar meu batom, soltando meus longos fios loiros. Sinto-me poderosa e pronta para o que der e vier.



Estaciono meu carro na entrada da fazenda, notando que há muitas seguranças.

— Em que posso ajudá-la, senhorita...?

— Alexandra Ortiz, estou aqui para ver Hector. — Falo ignorando

esse tipo de gente, sempre detestei serviçais, eles nunca sabem o momento certo de fazer seu trabalho.

Continuo meu caminho pelo jardim, indo em direção à escadaria, e vejo que ele diz algo no rádio, provavelmente avisando que estou aqui. Entro pela porta acompanhada por outro segurança. Na sala de estar eu estaco, em choque, olhando para o topo da escada.

Parece um pesadelo, um dos piores que já tive, sinto até dificuldade de respirar ou raciocinar direito. Hector está beijando a negrinha no topo da escada! Ela está sentada em seu colo, os dois estão tão envolvidos que não percebem a minha chegada.

— Com licença. — Falo com a voz trêmula de raiva.

— Alexandra, o que faz aqui? — pergunta Hector pálido ao ser pego no flagra com essa vadia imunda.

— Eu avisei que vinha, lembra? Você disse que iríamos conversar.

— Tem razão, que cabeça a minha. Liana, meu anjo, você se importa de levar sua mala para o meu quarto e arrumar suas coisas no closet enquanto eu converso com Alexandra?

— Tudo bem — ela diz acenando para mim e levando consigo uma mala velha.

— Vem, vamos para o escritório. — Ele desce as escadas e para em minha frente.

Acompanho-o até o escritório de Afonso e reparo que não há outros funcionários dentro da casa.

— Entre — ele diz indicando a porta do escritório.

Ainda chocada com o que presenciei, entro e me sento de frente para a grande mesa de cedro.

— Acho que você me deve uma explicação, Hector.

— Eu sei você deve estar confusa com o que viu. — Ele fala nervoso passando a mão no queixo.

— Você disse que ela era sua empregada.

— E era, mas tudo mudou.

— Hector, nós somos amigos antes de tudo, nos conhecemos a vida toda. Seja o que for, eu não irei te julgar, estarei ao seu lado. — Falo tocando sua mão por cima da mesa.

— Tem razão, Ale, você sempre foi tão compreensiva. Nunca me deixou, nos momentos mais difíceis da minha vida.

— Você sabe o quão importante é para mim. — Digo com um sorriso

meigo.

— Você sabe o quão devastado eu fiquei após a morte de Melissa, não sabe?

— Sim, você a amava muito.

— E por amá-la, eu imaginei que só teria paz me vingando, causando dor àquela que a tirou de mim.

— Eu não o julgo por pensar assim, provavelmente eu pensaria o mesmo. — Falo tentando consolá-lo.

— Mas eu estava errado. Armei um plano terrível de vingança contra Liana. Esperei ela sair da cadeia para pôr minhas mãos sobre ela. A fiz perder seu emprego, trouxe-a para a fazenda sob o pretexto de trabalhar aqui, mas a humilhei e maltratei. Eu usei da sua bondade para iludi-la e enganá-la. Brinquei com os sentimentos dela, armei um circo com direto até a ator.

— Então é por isso que ela está aqui, está se vingando dessa miserável. — Falo com nojo só de lembrar da negrinha.

— Sim, mas eu estava errado. Vingar-me de Liana não me trouxe satisfação, muito menos paz. Eu me apaixonei por ela.

— O quê?! — Pergunto sem entender o que estou ouvindo.

— Eu me apaixonei pela mulher que deveria odiar.

— Mas ela é uma assassina, você não pode!

— Eu estou muito seguro de que não era Liana naquele carro, ela não seria capaz de tirar a vida de ninguém. Agora eu sei.

— Ela já sabe o que você fez? Ou melhor, sua família já sabe que está dormindo com essa mulher?

— Não, e aí está o meu grande problema. Não tive coragem de contar a verdade para ela. Liana não sabe quem sou, ela não imagina que nosso casamento foi falso, e eu tenho medo de contar e perdê-la. Eu a amo tanto. Não sei como vai reagir quando souber a verdade.

— Você gosta dela mesmo. — Digo contendo meu ódio, segurando na mesa para não surtar.

— Eu a amo, amo tanto que estou disposto a lutar para estar com ela. Quero enterrar o passado e ser feliz. — Ele fala tão apaixonado que eu quase vomito.

— Eu não sei o que dizer, estou chocada com tanta informação. Você sabe que sempre vou desejar a sua felicidade. Se é ela que quer, o que me resta é torcer para que seja feliz. — Falo com a minha melhor pose de boa moça, porém por dentro estou fervendo de ódio.

- Eu sabia que poderia contar com você, sempre foi uma boa amiga.
- É claro que pode contar comigo, só quero a sua felicidade, Hector.



CAPÍTULO 18



A VERDADE

POR TRÁS DOS SEUS OLHOS AZUIS

“Às vezes é melhor você não saber de certas verdades. Porque aquilo que os ouvidos não ouvem, não pode provocar dor ao coração!”

Alessia

Mesmo com medo de algo acontecer comigo ou com minha irmã, eu aceitei o plano da Interpol e seguirei até o fim. Eu já estava com a escuta, a segunda equipe a postos para invadir a mansão do meu pai ao mesmo tempo em que ele viria até mim e seria cercado e preso.

— Vista o colete à prova de balas. Se algo der errado, não se esqueça de fazer o gesto com a mão, nós estaremos vigiando você. Sabe usar isso? — Pergunta Afonso.

— Sou filha de um criminoso, fui obrigada a aprender a usar. E se ele não vier, Afonso? E se ele desconfiar que é uma armadilha e fizer algo contra

a Clara? — Pergunto aflita.

— Ele não fará nada contra sua irmã, ela é o trunfo que ele usa contra você. Fique calma que tudo dará certo, eu não deixarei que nada aconteça com vocês. — Fala me abraçando.

— Eu odeio ter te colocado nessa situação, tenho tanto medo que algo dê errado e que eles dois venham atrás de você também.

— Não se preocupe comigo, estou seguro. É você quem vai estar cara a cara com o maldito. — Fala com raiva.



Ao chegar à movimentada Praça de Bolívar, onde seria o nosso encontro, calmamente desci do táxi, sabendo que era provável que os homens dos meu pai já estivessem aqui vigiando. Porém o que eles não sabem é que há vários agentes federais disfarçados. Caminhei pela praça olhando para todos os lados, e me sentei em um banco para esperar. Dois carros pretos logo param em frente à praça. Observo atentamente para ver se são eles. Meu telefone toca e vejo o número do meu pai na tela.

— Já estamos aqui; entra no carro, estamos te esperando. — Diz ele.

— Eu não vou entrar. Primeiro eu quero ver a Clara, ver que ela está bem. Estou bem aqui, não estou? Venha me buscar.

— Ah, *hija*! Você não dá as cartas aqui. Acha que sou burro, filha? Venha logo até mim. Clara está te aguardando, é melhor vir depressa, antes que algo de ruim aconteça com ela. — Ele diz tentando me manipular.

Fico indecisa, sem saber o que fazer, porém decido seguir meus instintos. Caminho em direção ao carro de trás, torcendo para que os agentes já tenham a confirmação de que é meu pai dentro do carro.

— Carlos Gusman está no carro, positivo. Alessia, tente fazer com que ele saia; ainda não sabemos se Enrico está com ele. — Ouço a voz de Drummond pela escuta em meu ouvido.

— Não entre no carro, vamos acionar o plano B. — Ele diz e eu me apavoro preocupada com clara.

Paro de frente ao carro e então o vidro é abaixado.

— Onde está Clara? — Pergunto ao meu pai, que me olha de maneira fria, como se tivesse um inseto em sua frente.

— Sua irmã está em casa, de onde nunca deveria ter saído.

— O combinado era que trouxesse Clara — falo dando um passo atrás, tensa.

A porta da frente do carro se abre, e meu pai faz um gesto para um dos seus homens virem até mim. É então que sou tomada pela adrenalina. Saco a pistola que estava às minhas costas e, antes que o capanga consiga me pegar, atiro bem no meio de sua testa. Aponto a arma para o carro em estado de choque, e ouço pela escuta eles dizerem:

— Vamos cercar o carro.

Em questão de segundos, o carro preto do meu pai é cercado e um tiroteio começa. Lanço-me ao chão com medo de ser atingida. Os homens do meu pai tentam sair com o carro, mas dois carros da Interpol fecham sua saída. Em pânico, eu não consigo me mexer, e logo sinto alguém me puxando dali. Afonso me leva para trás de uma árvore, enquanto usa sua arma para tirar nos bandidos; podemos ouvir os gritos das pessoas que estavam na praça.

— Calma, já passou, acabou. — Fala puxando-me para os seus braços enquanto choro em choque, vendo meu pai ser algemado e gritar em alto e bom som que sou uma bastarda e pagarei caro pelo que fiz.

— Conseguimos pegar a menina, ela está a caminho do hotel — diz Drummond vindo até nós. — Enrico fugiu, mas estamos na cola dele. Sem Carlos ficará difícil ele se esconder, logo ele também será preso.



Afonso ficou comigo em todo momento durante aquele dia. Ele segurava minhas mãos e me mantinha por perto, o que me trazia conforto e segurança. Estava em choque por ter matado uma pessoa à queima-roupa, mas foi necessário. Quando Clara chegou, algum tempo depois, vindo de helicóptero, senti um alívio imenso. Assim que vi minha irmã sã e salva, corri em sua direção e a abracei apertado, emocionada.

— Acabou, Clara. Estamos livres.

Liana

Taylor estava jantando na nossa casa mais uma vez. Eu não gostava dele, em especial pela maneira indecente que ele olhava para mim e para Liz. Meu pai não percebia, dizia que ele era um ótimo advogado e amigo de longa data. Mas algo nele me dava medo. Já falei para mamãe que não gosto quando ele vem aqui. Ela me deu uma bronca, falando que deveria tratar os mais velhos com respeito, ainda mais pois Taylor é quase da família. Antes do jantar, fui até o quarto da Elisabeth chamá-la, como mamãe falou. A porta estava entreaberta, e vi Liz, de costas para mim, colocar algumas seringas dentro de uma bolsa cinza.

— Liz, mamãe está chamando a gente para jantar. — Falo tentando ver o que ela esconde.

— Já falei que não é pra entrar no meu quarto. Eu tenho direito à minha privacidade.

— Não precisa ficar brava, só vim te chamar. — Falo chateada.

Ela sempre arruma uma maneira de brigar comigo seja como for. Deixei-a sozinha e desci as escadas, indo para a sala de jantar.

— Liana, meu anjo, é muito bom vê-la. — diz Taylor me abraçando e eu quase corro.

Papai sorri e chama o amigo para conversar, provavelmente sobre negócios. Liz desce toda arrumada, parece até que vai ao shopping com as amigas, e não jantar em casa. Tentei me distrair ajudando Glória a colocar a mesa, contudo algo me chama atenção. Mamãe parece nervosa e procura algo na cozinha, mexendo nos armários preocupada.

— Lia, meu anjo, você viu meu remédio da diabete? Já procurei em vários lugares, tenho certeza que ainda restava cinco dozes.

— Eu não vi, mãe. — Falo engolindo a vontade de dizer que está com Liz.

Mamãe continua a procurar e eu me pergunto por que Liz pegou o remédio, se ela sabe que a mamãe precisa dele, que ela pode passar mal sem usar. Volto para sala e vejo-a mexendo em seu celular sorrindo com algo que está vendo. Me sento do seu lado segurando seu braço e digo firme:

— Você vai subir, vai pegar a insulina da mamãe e vai dizer que encontrou no quarto dela. Se não fizer isso, eu vou contar para ela que você roubou, e pior, vou contar que você esconde um isqueiro dentro da sua gaveta de meias. Ela vai descobrir que você anda fumando.

— Você não manda em mim, maldita. — Ela diz com ódio, porém já nem ligo para seus ataques, estou acostumada com sua arrogância.

— Você é quem sabe, só não contei ainda porque não quero decepcionar ainda mais a mamãe, mas se não devolver eu conto tudo para ela.

Liz se levantou enfurecida e eu respirei aliviada. Entretanto eu não tinha ideia de com quem estava lidando. Isso estava longe de terminar.



Limpo as lágrimas de tristeza, após me perder em minhas lembranças. Eu era só uma criança, mas deveria ter percebido o que estava acontecendo. Por culpa da minha ingenuidade, não vi o mal bem do meu lado. Mas, não posso ficar pensando nisso agora. Não agora que tudo está tão bem, que a minha vida enfim está em paz. Feliz e apaixonada; essas palavras definem como está sendo minha vida nos últimos dias. Estamos em lua de mel, pois é como se tivéssemos começado agora nossa vida juntos. Aquele Hector amargo e cruel ficou no passado. Hector tem sido um verdadeiro príncipe, e me trata como sua princesa. Dolores voltou a trabalhar na fazenda, e junto dela veio María, que faz o serviço pesado do casarão. Ainda não me acostumei a ter empregados fazendo algo que eu estava acostumada a fazer, no entanto Hector insistiu muito, dizendo que quer aproveitar o máximo de tempo possível comigo ao seu lado.

Essa semana ficamos o tempo todo juntos. Andamos a cavalo, fomos à cidade ontem à noite para o jantar, e o mais incrível foi o restaurante estar fechado apenas nós dois. O jantar foi perfeito, tínhamos uma bela vista de Cádiz. Não tem como não ficar cada dia mais apaixonada por esse homem. Nossas noites são regadas a muita paixão, só vamos dormir quando nossos corpos estão exaustos pelos vários orgasmos.

Estava entretida com uma geleia de morango, quando senti braços fortes me rodearem.

— O que você está fazendo de bom? — Perguntou Hector

sussurrando em minha orelha enquanto a mordiscava.

— Estou terminando uma torta de morango, quer provar?

— Não era bem isso que eu estava querendo. — Ele fala sorrindo de maneira safada.

— Ah é? Não faço ideia do que pode ser. — Falo com um sorriso bobo.

Ele não se aguenta e me ergue no colo, colocando-me sobre a bancada da cozinha. Seus olhos vão para sua camisa, que estou usando como um vestido.

— Nunca mais vou conseguir usar essa camisa e não pensar no quão belos seus seios ficam nela.

— Safado!! — Grito quando ele morde meu ombro.

— É você que me deixa assim, amor, você me mantém viciado, refém do seu corpo. Eu sou seu escravo, pronto para satisfazê-la. — Ele diz enquanto lentamente vai abrindo os botões da camisa.

— Dolores pode entrar aqui!

— A porta está trancada, estamos só nós dois aqui, e é só não gritar. — Fala enquanto coloca meu seio direito na boca.

— O difícil é aguentar e não gritar.

— Delícia. — Fala enquanto morde e chupa todo meu seio, ao mesmo tempo em que sua mão massageia o outro.

Meus olhos já estão fechados e meu corpo tremendo, sua boca é como brasa em minha pele, a cada golpe eu me sinto mais quente. Seus dentes raspam meus bicos sensíveis, minha boceta já está molhada latejando pronta para o seu pau.

— Eu amo sua pele, amo como ela se arrepia ao meu toque. — Fala e esfrega a barba por todo meu colo.

Eu não aguento e o puxo para mim, beijando seus lábios com desejo. Minhas mãos vão para seus cabelos loiros, o trazendo ainda mais para mim, como se pudesse nos fundir em um só. Tomado pelo tesão, Hector mordiscou meu lábio superior com bastante pressão e quando gemi ele se aproveitou para introduzir sua língua na minha boca e aprofundar ainda mais o beijo. Seus lábios parecem um precipício onde me afundava e não queria sair, poderia morrer beijando esses lábios. Lentamente seus lábios descem pelo meu pescoço beijando cada canto da minha pele, sua língua vai deslizando fazendo um caminho perigoso.

— Essa calcinha está no meu caminho. — Diz ele rasgando minha

pobre calcinha azul.

— Não acredito que fez isso. — Falo me fingindo de brava, mas na verdade tudo que eu queria era me livrar dela.

— Você já tá molhada, safada, tá pingando de tesão — diz pegando um morango sobre o balcão e deslizando pela minha boceta, quase me deixando louca.

— Delicioso, amor, toda vez que sentir o sabor de um morango, lembrarei do quão doce ele fica com seu mel sobre ele. — Diz chupando a fruta e me olhando com seus lindos olhos azuis nublados de desejo.

Antes que fizesse menção de responder, ele já tinha me dado um baita tapa na bunda e puxava meu corpo contra o seu. Pude sentir todo seu comprimento marcando a calça jeans; eu o ajudo a se livrar do cinto, das calças e por fim da boxer. Quando seu pau salta para fora quase gozo apenas ao vê-lo. Será que existe um pau tão bonito como esse? Merda, eu devo ter virado uma devassa para estar babando pelo seu pau assim. Agarrei seu pescoço, cravando minhas pernas em sua cintura, deixando minha boca próxima a sua orelha, para ele me sentir arfando e ouvir meus gemidos ainda baixinhos. Dois dedos seus entram em meu canal e eu gemo mordendo seu ombro tamanha excitação que sinto. Ele começou a mexer no meu clitóris, fazendo com que meus gemidos aumentassem, me fazendo rebolar mais forte em sua mão.

— Eu vou gozar assim.

— Goza nos meus dedos, minha safada, goza pra mim. — Ele fala com um sorriso cafajeste que mexe comigo.

Gozei gostoso, deixando sua mão toda lambuzada. Ainda tentava me recuperar, quando Hector coloca seus dedos em minha boca, para eu chupar, e me provoca, colocando um morango em sua boca para que eu possa comê-lo. Não me fiz de rogada; mordi a fruta e lambi seus lábios, me deliciando com nosso beijo. Sentei-me no balcão da cozinha toda aberta, olhando-o com a cara de safada que ele adora, o chamando com o dedo.

— Vem, amor, preciso de você aqui. — Digo apontando para minha boceta, e ele rosna como uma fera enjaulada. Sei que não devia provocar, mas meu desejo por ele fala mais alto.

— Você gosta de provocar, não é, safada? Gosta quando eu sou bruto com você. — Fala e soca de uma vez.

A cada golpe, eu sentia meu corpo trêmulo. Fechei meus olhos, jogando a cabeça para trás, mas Hector me virou, colocando-me de costas

para ele, com as pernas no chão e com a bunda arrebitada. E me deixando louca de tanto prazer, ele puxa meus cabelos, tira seu pau todo e depois mete de novo, bem devagar, bem gostoso.

— Quer mais, minha safada?

— Quero!

— Então pede. Implora pelo meu pau.

— Quero com força, amor.

Hector sorri, puxa meus cabelos e soca com sem dó nem piedade, me fazendo gritar de tanto tesão. O barulho ecoava pela cozinha, e seria impossível ninguém escutar meus gritos de prazer. Sua respiração está ofegante assim como a minha. É tanto prazer que não aguento mais. Deixei aquela névoa de prazer me levar a um orgasmo intenso, e desabei sobre a bancada de mármore, exausta. Mas Hector não me deu descanso, ele continuou investindo em minha intimidade até sentir seu pau enrijecer ainda mais e jorrar dentro de mim, e eu sentir seu corpo desfalecer sobre o meu.

— Aposto que toda a fazenda ouviu o escândalo que você fez. — Diz ele rindo.

— A culpa é sua, por fazer essas coisas em horas impróprias. — Falo ficando vermelha.

— Como resistir, amor, você me deixa louco. — Diz ele me ajudando a vestir a camisa.

— Vou precisar de um banho. — Falo jogando o que sobrou da calcinha no lixo.

— Correção, nós dois precisamos de um banho bem gostoso. — Fala me pegando no colo.

Hector

Jamais imaginei que em meio a uma vingança, iria encontrar o amor. Quando conheci Verônica, quis usá-la para estancar a dor que sentia com a morte de Melissa, porém isso não aconteceu. A dor continuou marcada dentro de mim, e quanto mais longe eu ia com minha vingança, mais eu me feria. Ingênuo, eu pensei que se me vingasse ficaria em paz, e a culpa pelo que

aconteceu iria embora. Ledo engano, a vingança não me trouxe nada além de mais dor. Ver Liana naquele estado, e quase ter feito a maior merda da minha vida, que seria envenená-la, me fez ver o quão frágil ela é. Eu enxerguei a garota quebrada, sozinha, doce e carinhosa que ela é. Liana não seria capaz de matar uma pessoa.

— Não a minha Liana, meu anjo. — Digo em pensamento.

Faz exatamente cinco dias que venho planejando como contar a ela sobre quem sou, sobre nosso passado, e também dar a ela a chance explicar seu lado da história. Mas meu medo de perdê-la é grande. Talvez ela não consiga me perdoar, não depois de tudo que fiz. Estar ao lado dela é como voltar a viver depois de um coma. Liana me completa de uma maneira que nunca imaginei, ela é perfeita para mim. Ontem recebi uma mensagem de Pablo que me tirou o sono, me fazendo criar várias incertezas dentro de mim. Apenas uma frase.

“Não faça nada que prejudique a garota, eu estou voltando.”

O desgraçado joga essa bomba em meu colo e não atendente minhas ligações, nem responde minhas mensagens. O que me deixa enfurecido. Decido ligar para Afonso e saber como estão os preparativos para seu casamento. Agora que o problema na Colômbia foi resolvido, ele está na França com Alessia e Clara.

— E aí, cara! Que bom que me ligou, precisava falar com você. — Diz meu amigo.

— Como está na França? — pergunto.

— Tudo bem. Estamos em Marselha, na sua casa de férias, bem seguros. E não se preocupe, não estamos saindo em público.

— Ainda assim, mantenha a segurança rígida. Com Enrico foragido, é provável que vá atrás de Alessia.

— Esse é meu maior medo, mas não falo nada para não deixar ela e a Clarinha nervosas. Mas sei que ele não vai desistir.

— E o casamento?

— Vai ser apenas no civil, não temos tempo para um casamento grande como Alessia merece. Mas, quando tudo se resolver, pretendo fazer o maior e mais bonito casamento que a Espanha já viu.

— Como se fosse possível o seu ser maior que o meu. — Falo fechando os olhos e imaginando Liana vestida de noiva vindo até mim na Catedral de Almudena.

— Pelo visto, meu amigo, está com os quatros pneus arriados.

— Sim, Afonso, não posso negar que estou apaixonado e tudo que mais quero é ficar com Lia, tê-la ao meu lado. Quero construir uma família ao lado da Liana.

— Uau, quem diria! Por um momento eu pensei que não ia assumir nunca que a ama. Demorou, meu amigo, mas nunca é tarde para ser feliz. Olha o meu exemplo, quem diria que iria me apaixonar por uma latina teimosa que trabalhava na minha fazenda?

— Tem razão. Amo tanto Liana que sacrifiquei todos os meus planos de vingança apenas para ficar com ela.

— Precisa contar a verdade a Liana, Hector. Você sabe que uma hora ou outra ela vai ficar sabendo e quanto antes você contar melhor.

— Eu sei, cara. Não é fácil para mim, contar tudo a ela. Eu fiz muita merda, não pensei no quanto a estava machucando; eu estava cego. Tenho medo que ela não me perdoe. Fora a questão do casamento falso. Como conto isso para ela, como digo que armei tudo desde o princípio?

— Eu sinceramente não sei, você se meteu nessa merda, meu amigo. Sei que não vai ser fácil, mas Liana é uma boa pessoa, ela vai acabar entendendo e vai te perdoar.

— Tem razão, o melhor é contar tudo de uma vez. Não tem como preparar ninguém para descobrir uma coisa dessas.

— É o melhor a se fazer.

Despeço-me de Afonso quando ouço alguém bater na porta do meu escritório.

— Pode entrar. — Digo imaginando ser Liana, porém quem passa pela porta é Alexandra.

— Hector, querido, vim ver como você está.

— Olá, Alexandra, pensei que já tinha voltado para Madrid.

— Não, decidi ficar mais uns dias e aproveitar o ar do campo. Você poderia me levar para andar a cavalo. Que tal? Taz tempo que não ando e Afonso tem belos animais aqui.

— Tem razão, vou chamar Liana para ir com a gente e depois te encontro nos estábulos, tudo bem?

— Claro, querido, aposto que ela vai amar ir também.

Enquanto ela foi indo para o estábulo, eu subi as escadas, encontrando María, a empregada, no caminho.

— María, você sabe onde minha mulher está? — Pergunto a parando no corredor.

— Ela está no quarto, *señor*, acabei de falar com ela.

— Obrigado.

Ao abrir a porta da suíte, encontro Liana fechando o zíper do vestido preto justo.

— Posso saber aonde minha linda mulher vai assim tão arrumada?

— Vou precisar ir à cidade comprar umas coisas. Você se importa de ficar sozinho essa tarde?

— Bem, eu vim te chamar para andarmos a cavalo pela fazenda, pensei em fazer um piquenique no lago. — Digo curioso para saber o que ela quer fazer na cidade.

— Ah, querido, me perdoa; nós podemos ir amanhã. — Diz ela beijando meu queixo e depois meus lábios.

— Tudo bem, é até melhor, assim iremos só nós dois. — Digo já fazendo planos.

— Por que, só nós dois? Não entendi. — Fala confusa.

— Alexandra veio nos visitar, ela queria andar a cavalo, então vim te buscar.

— Ela veio te visitar, não a mim.

— Já falei que não precisa ter ciúmes dela, eu a considero como uma irmã, nunca houve nada entre nós dois.

— Mas isso não quer dizer que ela não o queira. Não acha que ela anda passando tempo demais aqui na fazenda? — Diz toda enciumada, o que me faz abraçá-la e devorar sua boca, borrando todo seu batom.

Essa mulher me deixa louco; ela fica linda quando está enciumada. Se ela soubesse que só tenho olhos para ela!

— Eu te amo, Liana Castela! Nunca se esqueça disso. Mesmo que tudo indique o contrário, não se esqueça de que eu amo você, só você, meu anjo.

Liana

Saio da clínica empolgada, pretendendo fazer uma surpresa para Hector. Hoje à noite eu contarei que estou grávida, já que agora tenho o

resultado do exame, que tirou todas as minhas dúvidas. Sei que ele vai amar a notícia, pois tem demonstrado que quer uma família comigo. Ele está tão diferente... Faz de tudo para me agradar, é carinhoso, atencioso, tudo que eu sempre sonhei. Posso dizer que estou sendo tratada como uma rainha, e principalmente, me sinto muito amada. Alessia me ligou hoje e contou sobre seu casamento com Afonso, fiquei triste por não poder participar. Por outro lado, sei que é melhor ela voltar para Espanha já casada. Torço para que agora ela possa enfim ser feliz. Está óbvio para mim que ela gosta do Afonso, e que essa história de casamento forçado é só um disfarce para algo que os dois querem. Eles se gostam, a química entre os dois é visível.

Alessia se tornará a nova duquesa de Aragão. Engraçado pensar que Hector tem um amigo da realeza. Pensando bem, eu não conheço muito sobre o passado de Hector; sua infância, seus amigos e família, seus sonhos. As únicas pessoas que conheço são Inês, Afonso e Alexandra. E falando nela, essa mulher não sai mais daqui. Sei que ela é amiga antiga do meu marido, mas é difícil engolir sua presença. Ela pensa que não vejo a forma que olha para ele. Mas nada vai estragar minha felicidade, não hoje, nesse dia tão especial. Acaricio minha barriga e penso em nosso filho, que cresce dentro de mim. Deus, ainda não posso acreditar que tenho uma família. Em breve terei uma menininha ou um menininho correndo por essa fazenda... É bom demais para acreditar. Quando saí da prisão, tudo que queria era fugir para bem longe do meu passado. Nunca imaginei que pudesse me apaixonar e ser amada dessa maneira.

Estava pronta para entrar na sala, quando fui abordada por Alexandra; já tinha até esquecido que essa mulher estava aqui.

— Olá, Alexandra, não sabia que ainda estava aqui.

— Acabei de voltar do meu passeio com Hector, relembramos nossos momentos felizes da infância.

— Sei... — digo morrendo de ciúmes.

— Onde está Hector? — Pergunto incomodada com a maneira que ela me olha.

— Ele está nos subsolos, checando a armazenagem da safra desse ano, está junto com um especialista para medir a temperatura do ambiente. Aproveitei essa chance de estar a sós com você para te contar algo muito importante. — Ela me olha com pena.

— O que você quer falar comigo? — Sou direta.

— É sobre Hector, mas é tão grave que nem sei como te contar. —

Diz horrorizada.

— O que aconteceu com ele? — Pergunto já preocupada.

— Liana, querida, você sabe que já a considero uma amiga. Não posso deixar que ele continue enganando você, pobrezinha. Preciso te contar a verdade, mesmo que seja tão terrível.

— Que história é essa? Você está me deixando confusa.

— Hector, Liana. Ele está te enganado, está mentindo pra você todo esse tempo. — Diz com uma expressão triste.

— Eu não sei o que você ganha com essas mentiras, mas não vai estragar o meu casamento! — Falo exaltada.

— Oh, pobre Liana, seu casamento não passou de uma peça de teatro. O juiz não passava de um ator contratado para representar um papel.

— Você está louca! É melhor sair da minha casa, eu não vou cair na sua armadilha.

— Deixa de ser ingênua, Liana! Se não acredita em mim, talvez o nome Melissa Ortega te faça acreditar!!

— Como você sabe sobre ela, o que você quer com isso?! — Pergunto trêmula.

— Melissa é a esposa do Hector, cujo nome verdadeiro é Hector Carlos VI de Ortega, o atual rei de Espanha. Tá vendo tudo isso aqui? — Ela ergue os braços apontando para a fazenda. — Isso tudo não passa de um plano de vingança, e você caiu feito boba. Hector planejou por quatro anos sua vingança. Ele não te ama, Liana, nunca amou. A única coisa que ele sente por você é ódio. Você matou a mulher que ele amava, e o filho que ela esperava.

— Não, não!! Isso não é verdade! Para, por que está dizendo essas coisas?! — Grito, tampando meus ouvidos, não querendo ouvir o que ela diz.

— Estou te ajudando; ele me contou tudo, cada passo do seu plano de vingança. Ele quer destruí-la, Liana, e o quanto antes você fugir, melhor. Hector vai acabar com sua vida, ele está cego pelo ódio, nunca vai te perdoar por ter matado o amor da vida dele! Suas palavras me perfuraram, e a dor é torturante. Um filme se passa na minha mente: cada momento que vivemos juntos, cada humilhação, cada lágrima que derramei por ele.

— Não, não pode ser verdade, não posso acreditar!!! — Grito chorando angustiada.

Ela me olha com pena; como me sinto insignificante, uma completa tola.

— Você não me engana, tudo isso é mentira. Você quer destruir meu casamento! — Tento em vão encontrar um motivo para ela estar falando essas coisas. — Hector me ama, ele me ama, não seria capaz de fazer isso.

— Você não acredita em mim, mesmo depois de tudo que ele fez, ainda não acredita. Acha mesmo que um homem como Hector traria uma sem-teto para trabalhar na sua fazenda? Acha mesmo que um homem como ele se interessaria por uma mulher como você, negra e pobre, que não tem onde cair morta?

— Para!! Você não sabe o que está dizendo, não sabe o que sentimos um pelo outro! — Tento me convencer.

— Você pode até amá-lo, não é difícil amar um homem como ele. Mas Hector só te despreza, ele te odeia! Eu imagino o sacrifício que ele deve fazer para tocá-la.

— Isso é mentira sua, não pode ser real.

— Hector nunca te amou, tudo que ele queria era te fazer sofrer. O pior cego é aquele que não quer ver, Liana. Se não acredita em mim, vai até o escritório dele. Aposto que vai encontrar algo que comprove que estou falando a verdade. Liana, eu quero o seu bem. Se não sair dessa fazenda o quanto antes, pode ser tarde demais. Hector vai te destruir, ele planeja te matar!! — Alexandra vira de costas, me deixando só os cacos.

Desabo no chão, minhas pernas já não me sustentam, meu corpo está em estado de choque.

— Hector Carlos VI de Ortega, o rei de Espanha... Todo esse tempo ele vinha me enganando. Deus, não pode ser! — Digo a mim mesma com um aperto no coração, sinto como se meu peito estivesse sendo esmagado.

Encolho-me no chão da sala segurando minhas pernas, em posição fetal, enquanto deixo as lágrimas verterem. Vou me lembrando do dia em que nos conhecemos, das vezes em que ele me desprezou... Das vezes que me rechaçou na cama. Como suas palavras foram cruéis, prontas para me ferir. Como ele parecia querer me punir. Levanto-me daquela sala sentindo-me um lixo, a pior mulher da terra. Caminho com passos trêmulos até o escritório. Mesmo com medo do que posso descobrir, abro aquela porta pronta para revirar tudo até encontrar a verdade, seja ela qual for. Abro a primeira gaveta e tudo que encontro são papéis da fazenda. Vou revirando tudo sem me importar com a bagunça que estou fazendo. Ligo o notebook, mas ele pede senha e eu não faço ideia de qual possa ser; porém não deixo de notar o brasão da realeza de descanso de tela. Abro outra gaveta e um porta-retrato

me chama a atenção; lá estão eles: Melissa e Hector. Seu sorriso é tão bonito, que me pergunto como não percebi antes toda sua falsidade; ele nunca sorri assim para mim, seus olhos não brilham como brilhavam para ela.

Na mesma gaveta de onde tirei o porta-retrato, vi uma pasta marrom. Pego-a sentindo-me ansiosa, já imaginando que é algo importante. Sento-me na cadeira tentando me acalmar, antes que passe mal e afete meu bebê. As lágrimas mal me deixam enxergar. Ler ali o nome “Liana Alvarez Castela” me tira o ar; lá eu encontro tudo: fotos minhas no julgamento, detalhes que a acusação fez sobre mim. Assim como fotos da minha saída da prisão, minha entrada no abrigo... Vou lendo cada folha e vejo a ordem de interdição da lanchonete, cada facada rasgava ainda mais meu peito. Fotos de Maya trabalhando no clube de golfe fazem um soluço rasgar minha garganta; pobre Maya, por minha culpa seus pais souberam onde ela estava.

Por último encontro, no fundo da gaveta, uma agenda com capa de couro, e o que chama minha atenção é o símbolo da realeza espanhola que ela ostenta. Com uma sensação terrível, abro a agenda e vou folheando suas páginas; reconheço de imediato a caligrafia de Hector. Ele pediu um afastamento de suas funções como o soberano da Espanha só para se vingar. Se vingar de mim. Leio a última folha em que há algo escrito e mal posso acreditar no que meus olhos veem. “Veneno.” Ele queria me matar! A conclusão de seu sórdido plano seria acabar com a minha vida. Meu Deus! Como ele pôde ser tão cruel? Como pôde brincar com meus sentimentos dessa forma? Agora eu percebo que tudo foi calculado friamente para me destruir; ele sabia quem eu era desde o início. Imagino como deve ter rido da minha cara, como foi burra! As palavras do diretor da prisão voltam com força à minha mente, “Você está livre dessas grades, mas o peso do seu crime sairá daqui com você.” Começo a lembrar de todas as surras que levei; todos os anos na data do acidente eu era trancada na solitária, sem direito nem a me alimentar.

— Deus, como ele pôde ser cruel ao ponto de fazer isso comigo? Foi tudo ele!

E aquela noite no beco, quando quase fui estuprada? Só pode ter sido ele quem mandou aquele homem! Agora tudo faz sentido, seu ódio por mim é tão grande que ele quis me ferir de maneira tão suja. Desolada, sinto como se estivesse morrendo, tamanha minha dor. Hector me feriu de uma maneira tão profunda que jamais irei me recuperar. Eu o amei intensamente, me dediquei a fazê-lo feliz, me doei de corpo e alma, para no fim descobrir que tudo não

passou de um plano de vingança. Jamais pensei que pudesse amar alguém como amei Hector, enquanto que o único sentimento que ele teve por mim foi o ódio. Tremendo dos pés à cabeça, desesperada para fugir desse lugar, saio do escritório. Pensando que todos esses meses, eu vivi uma mentira.

— Lia, meu amor, estava te procurando, preciso falar com você. — Diz Hector entrando na sala e me vendo de pé quase subindo as escadas.

Viro-me para ele e o enxergo pela primeira vez desde que o conheci, eu o vejo pelo que ele é de verdade: um homem cruel e vingativo.

— Falar... Falar o quê? Sobre a sua maldita vingança?!



CAPÍTULO 19



A MORTE

DE MELISSA

"Eu atravessei o deserto e o oceano para fugir da dor. Eu persegui a luz do sol em busca de um novo amanhã. Estive fugindo das sombras para então me curar!".

Liana

— Meu amor...

— Seu maldito desgraçado!!! Você me enganou, Hector! Você me iludiu, me usou, usou do meu amor para brincar comigo, para me destruir!!

— Digo cheia de ódio.

— Liana, fica calma, me deixa te explicar. — Diz ele tentando se aproximar e meu corpo treme de ódio.

— Explicar o quê?! Eu já sei de tudo, seu desgraçado! Me trouxe para a fazenda para se vingar da morte da Melissa! — Digo e ele paralisa, ficando

pálido, mostrando o quão bom ator ele é. — Todo esse tempo tudo o que queria era me fazer sofrer.

— Eu sinto muito, meu anjo, você não imagina o quanto me arrependo. Eu... eu estava errado, eu queria te contar! — Tenta me enganar se fingindo de arrependido.

— Ia me contar, sério? Quando?!

— Você tem que me escutar, Liana, as coisas não aconteceram da maneira como você pensa. Eu te amo, meu anjo, eu me apaixonei por você. Mesmo pensando que você tinha sido a responsável pela morte da Melissa. — Diz tentando se aproximar e eu me afasto com asco.

— Não chega perto de mim, não se aproxime!!! — Grito.

— Eu estava errado, Lia, eu juro que se pudesse voltar atrás, nunca teria te ferido, eu mudaria tudo, meu amor.

— Como você é hipócrita. Sua máscara caiu, Hector Carlos VI de Ortega. Não precisa mais mentir para mim.

— Eu não menti quando disse que te amo, Liana, não menti quando disse que quero construir uma família com você.

Balanço a cabeça em negação, suas palavras já não me convencem. Elas são apenas flechas perfurando o frágil órgão que bate em meu peito.

— Você me fez sofrer incontáveis vezes. Eu era apenas uma garota quebrada, e você tratou de passar com um trator em cima de mim.

— Eu juro que me arrependo de tudo. — Ele tenta me enganar com suas falsas lágrimas.

— Não tem desculpa, Hector, você planejou tudo desde o começo. Até um casamento falso. Como pode? Você conseguiu transformar um momento especial em uma mentira. — Falo tão enojada que tiro até o anel do meu dedo. — Você nunca foi meu marido; todo esse tempo, estava mais para meu carrasco. — Jogo a aliança em seu peito com tanta força, que ela cai no chão e a pedra se quebra.

— Pode ter sido errado, mas, amor, você tem que entender, naquela época eu estava tomado pelo rancor e o ódio, não pensei na gravidade do que estava fazendo. — Ele fala, mas meus olhos estão fixos no anel quebrado no chão.

— É falso, não é?! — Rio histericamente — Você me deu um anel falso. — É tão cruel da parte dele, que sinto como se o chão se abrisse aos meus pés.

— Isso não importa mais, meu anjo, eu a cobrirei de joias, a farei

minha rainha; só preciso que me perdoe. — Tenta me ludibriar.

— Te perdoar!? Da mesma forma que você me perdoou?! — Pergunto magoada.

— Eu sei... Eu sei, me sinto um merda por ter feito tudo isso com você. Tenta me entender, a morte de Melissa me marcou de maneira tão intensa, que pensei que nunca mais superaria. Porém eu estava errado.

— Você é um covarde, Hector. Um covarde que não teve a coragem de me enfrentar frente a frente. Não teve a coragem de me matar logo de uma vez, já que esse era seu objetivo. Não! Você é um fraco! Preferiu brincar com meus sentimentos, preferiu me enganar. — Falo desolada, limpando as lágrimas que nublam minha visão.

— Ela estava grávida, Liana! Eu sei que isso não justifica nada, mas para mim era justo; você tinha que pagar pela dor que eu sentia. Se coloque em meu lugar, tente me entender.

— Eu jamais planejaria acabar com a vida de uma pessoa dessa forma!

— Eu queria te contar, Liana. Desde o passeio de barco queria te contar. Eu me apaixonei por você. No meio dessa vingança, você acabou me conquistando e eu decidi deixar o passado para trás e ficar com você. Eu não tive coragem de ir até o fim porque te amo!!

— Seu desgraçado!! Mentiroso! Você mandou me estuprar!! Que tipo de monstro faz isso? Você tirou o único emprego que eu tinha conquistado. Não bastasse isso, você me trouxe para essa fazenda, me tratou como sua escrava, me humilhou feito um cão sarnento!! Você queria me matar! — Grito apontando o dedo na sua cara.

— Lia, acredita em mim, eu não mandei aquele homem te violentar, jamais faria isso. — Diz o descarado, segurando meus braços.

— Não, para! — Grito tentando me soltar, mas Hector me segura firme, como se tivesse medo que eu fugisse.

— Se acalma, você não está raciocinando direito. Quando estiver mais calma, você vai ver que eu não faria isso, meu amor. Você é compreensiva, doce e carinhosa. Você é uma alma bondosa, eu sei que vai acabar se convencendo de que te amo de verdade e vai me perdoar.

— Jamais vou te perdoar! Essa Liana doce e carinhosa que te amava morreu nessa fazenda! Nunca mais deixarei ninguém fazer o que você fez.

Ele chora parecendo desolado, mas eu já não me importo com suas lágrimas.

— Liana, meu anjo, por favor! Eu me odeio por ter feito tanta estupidez. Mas agora você sabe a verdade, e a verdade é que eu te amo. Eu sofria fazendo você sofrer, me feria quando te machucava, porque mesmo negando eu já te amava, e eu sei você me ama.

— Você me condenava desde sempre, me fazia pagar por algo que eu nem imaginava o que era! Eu não acredito em você, Hector! Sua palavra não serve de nada para mim. Esqueceu de todas as vezes que me humilhou, todas as vezes que me menosprezou? Você me fez sentir a mulher mais odiada e desprezada. Se esqueceu das vezes que me rechaçou na cama? Eu só queria me sentir amada por você! Sabe o que significa para uma mulher ser desprezada pelo homem que ama?!

— Eu me torturava quando fazia isso, Lia, era uma briga dentro de mim, entre minha mente e meu coração. Eu juro que me arrependo de tudo, você tem que acreditar em mim. — Ele tenta me abraçar angustiado, mas eu me esquivo, pegando um vaso de flores e apontando para ele.

— Sai de perto de mim, não me toque!! O que você me fez foi imperdoável! Você usou do meu sentimento como arma na sua vingança. Brincou com a minha vida como se fosse Deus. Agora você jura que me ama?! Como pode dizer que me ama?! — Grito enfurecida.

— Larga isso. Liana. Você vai se machucar, meu amor.

Arremesso o vaso em sua direção com força, querendo feri-lo, para ver se assim ele sente um terço da dor que estou sentindo, mas Hector desvia e o vaso se quebra no chão.

— Eu te amo, Liana. Sei que é difícil aceitar, eu amei a mulher que deveria odiar. Eu estive vivendo um inferno todo esse tempo lutando contra esse sentimento que crescia dia após dia. Não queria aceitar, não queria assumir que estava apaixonado, louco por você. Mas agora que já sabe a verdade, podemos recomeçar; podemos curar as feridas um do outro.

Passo as mãos pelo rosto limpando minhas lágrimas. Tento me manter fria e não deixar ele me afetar com sua mentira, pelo bem do meu filho.

— Escuta bem, Hector, eu te odeio. Eu te odeio, Hector Ortega! — Digo amargurada.

— Não, você não me odeia, você me ama! Você me ama, assim como eu te amo!! — Ele se desespera.

— Não... Não. Me larga!! Eu te odeio, Hector. Você não imagina o ódio que tenho de mim por ter me entregado a você, por um dia ter amado um homem cruel como você!

— Tudo que vivemos foi real, foi verdadeiro. Pode ter começado por meio de uma vingança, mas se transformou em um grande amor. Você está marcada em mim. — Ele fala, apontando para seu peito, com a voz embargada.

— Você cortou as asas de um pássaro ferido. Eu não tinha nada e você, Hector, veio e me tomou tudo.

— Agora as coisas serão diferentes, meu amor, nós podemos ser felizes. Basta você me aceitar, me dar essa chance. Eu prometo que farei de tudo para que seja feliz ao meu lado. Não existem mais segredos, a verdade já foi revelada. Demorou para que eu enxergasse que você é inocente, que não seria capaz de atropelar ninguém e fugir.

— Você quer saber a verdade?! — Falo pronta para colocar toda a dor para fora.

— Eu sei que tem uma explicação para o acidente, mas isso não importa agora, você é a única coisa que importa.

— É claro que importa! Você mandou me surrar na prisão, me fez ser colocada na solitária todos os anos, na data da morte de Melissa. Você me fez perder meu emprego. Tirou a única amiga que eu tinha. Me tratou como lixo. E ainda pretendia me matar. Então sim, o acidente importa.

— Eu não mandei que fizessem isso com você, Liana. Você está enganada...

— Não importa mais!! A única coisa que importa agora é que saiba a verdade!

— Lia...

— Agora é minha vez de falar, você apenas ouça!

— Tudo começou pouco menos de dez anos antes daquele fatídico dia. Eu tinha acabado de completar sete anos e vivia em um orfanato, onde fui abandonada ainda bebê. Pode pensar que eu era infeliz, mas não, a minha vida lá era ótima. Eu tinha amigos e todos os funcionários do orfanato me tratavam com carinho. Tudo estava bem até *ela* chegar. Elisabeth Cristina, esse era seu nome. Ela era um ano mais nova do que eu. Quando ela chegou ao orfanato, eu, como qualquer criança de sete anos, fiquei tão feliz por ter uma amiga nova. Liz, como ela gostava de ser chamada, mesmo com seis anos já era geniosa, ativa e manipuladora demais para uma criança.

— Foram tantas, mas tantas vezes que ela me fez levar broncas da diretora por coisas que ela fazia. Mas eu era uma criança e não via maldade na minha melhor amiga. — Digo olhando para ele, abrindo meu coração para

colocar para fora coisas que preferia simplesmente esquecer.

— Um ano depois, eu já a protegia como se ela fosse minha irmã. Tudo que ia fazer, Liz estava junto comigo. E um dia, numa manhã de chuva, Nice, uma funcionária do orfanato, nos chamou para conhecer um casal que queria adotar uma menina. Eram Luíza e Miguel, ela, uma juíza importante, e ele, um médico renomado de Toledo.

— Era uma oportunidade rara, já que a maioria dos casais não adota crianças crescidas. Minha mãe gostava de me dizer que assim que ela me viu, se apaixonou. Eu confesso que para mim foi da mesma forma. Eles me escolheram, eu fui adotada por eles e enfim tinha uma família. Mas, ao ser escolhida, acabei perdendo a minha amiga. Liz ficou ressentida por não ter sido escolhida, e isso me magoou, eu era apenas uma menina ingênua e não vi a fúria nos olhos daquela menina. E então, um tempo depois, Liz foi adotada pelos meus pais, e eu teria uma irmã, e não me cabia de tanta felicidade.

— Foi ela, não foi, Liana? Foi sua irmã que atropelou Melissa, ela te obrigou a assumir a culpa. — Ele diz me interrompendo.

— Pode, por favor, escutar essa merda toda? Acho que é o mínimo que mereço, depois de tudo. Quero te contar tudo, vou te contar o quão fodida era a minha vida antes de ir parar naquela prisão.

— Me desculpe. — Ele fala nervoso passando as mãos pelos cabelos loiros bagunçados.

— Foi a partir daí que o inferno começou. Eu tinha pais maravilhosos, que me amavam. Eu tinha dinheiro, as melhores roupas, estudava na melhor escola da cidade. Mas nada disso impedia que as coisas ruins acontecessem sempre comigo. Era como um carma, uma cruz que eu carregava.

— Liz tinha mudado, ela já não gostava de mim como na época do orfanato, e simplesmente me ignorava. Ou, quando falava comigo, era com grosseria. E as coisas ruins continuavam acontecendo sempre comigo, eu era a famosa desastrada. Eu me desequilibrei na escada e quebrei o tornozelo. Alguém colocou amendoim no bolo de chocolate, mesmo sabendo que eu era alérgica. A sela do cavalo que meu pai me deu se soltou, o que me fez quase ser pisoteada. Meu gatinho, que era meu único amigo, foi encontrado morto, sem a cabeça. Na escola, minha irmã fez de tudo para que todos se afastassem de mim; eu não tinha amigos. Ela chegou ao cúmulo de dizer que eu tinha HIV, o que fez com que todos os alunos da minha sala não quisessem fazer os trabalhos comigo. Mas foi na adolescência, quando ganhei uma bolsa de

estudos em uma escola de balé, que tudo piorou. Era apenas uma vaga, e eu não sabia que esse era o sonho de Liz. Quando ela não passou, e eu sim, ela se revoltou.

— Jeniffer Britoriz, lembra dela?! — Pergunto a Hector.

— Ela foi uma das testemunhas de acusação. — Ele se lembra.

— Sim, a melhor amiga da Liz. Ela me odiava, assim como minha, e juntas me trancaram no armário da escola uma vez, onde fiquei por quase uma hora.

— Por que nunca contou aos seus pais o que ela fazia, por que não a enfrentou? — Ele questiona inconformado.

— Eu era uma criança e não via quem ela era, eu a amava!! Você não sabe o quanto dói saber que você ama alguém e ela não merece um terço da sua dedicação e carinho. Eu fiz tudo por uma pessoa, e ela me retribuiu com traição, com ódio e com inveja. Eu fui fraca, não tinha armas contra ela. Eu não fui capaz de agir; era ingênua e não imaginava o quão longe ela iria. Eu não sabia o que sei hoje, pensei que ela mudaria. Mas não mudou; e tudo foi ficando pior, ao ponto de eu ter medo dela. Liz era popular, estava sempre rodeada de amigos, todos a protegiam, todos a idolatravam, e ninguém acreditava em mim. Ela dizia que era filha legítima por ser branca, e que seus pais me adotaram porque me acharam morando na rua e tiveram dó de mim.

— Como ninguém percebeu o que ela fazia, caralho? — Ele diz revoltado.

— Ela era Elisabeth Cristina, tinha um exército de pessoas para defendê-la. Ninguém percebia o quão manipuladora ela sempre foi; eu era a culpada por tudo.

— Mamãe a amava, assim como meu pai, mas eles de alguma forma perceberam que algo acontecia com ela. E certa noite, eu ouvi meus pais discutindo quando descia as escadas para beber água. Mamãe dizia que não iria colocar sua filha em uma clínica para doentes mentais, mas meu pai, como médico, era firme dizendo que o problema dela não tinha cura.

— Fiquei confusa; eu não entendia o que estava acontecendo e aquela conversa não fazia sentido. Nós estávamos tão afastadas que eu fazia de tudo para ficar longe quando ela estava em casa. E tudo piorou com a chegada de Taylor.

— Quem é Taylor?

— Se tivesse investigado melhor antes de fazer essa maldita vingança, saberia. Taylor Silvergold, um advogado que trabalhava no fórum junto com

a mamãe, amigo de infância do meu pai. Ele estava voltando para Toledo e precisava de um lugar para ficar até seu apartamento ficar pronto. Ele morou por três meses na nossa casa. Eu tinha medo dele e detestava a forma como ele me olhava. Já Liz parecia que se encantava por ele. Algumas vezes ele a buscava na escola; segundo ele, era caminho do seu apartamento e quando ele ia verificar a obra aproveitava e pegava Liz. Eu preferia ir de bicicleta do que ir com os dois.

— Liz continuava com o comportamento estranho. Ela tinha uma fixação inexplicável por fogo, gostava de brincar com velas e isqueiros. Um dia, a peguei roubando as insulinas da mamãe, e dinheiro da carteira do meu pai. Taylor se mudou, entretanto ele não saía da nossa casa; estava sempre me olhando de maneira imprópria e beijando meu rosto. — Falo com nojo só de lembrar dele.

— Eu tinha dezesseis anos e Liz quinze quando, em uma noite que ficou gravada para sempre em minha memória, ligaram do fórum, já tarde, dizendo que havia uma emergência e mamãe precisava ir até lá. Meu pai, para não a deixar ir sozinha, foi junto. Eu implorei para que eles não fossem, eu já pressentia que algo aconteceria.

— E aconteceu. Mais tarde naquela noite, a polícia ligou dizendo que meus pais haviam sido encontrados mortos na estrada, cada um com um tiro. Segundo a polícia, fora um latrocínio, roubo seguido de morte.

— Fiquei sem chão, chorei tanto, pensei que morreria sem eles. Quando contei a Liz, ela não chorou, e pensei que se tratava de estado de choque. Taylor apareceu, horas depois, como único responsável por nós duas, já que meus pais não tinham parentes vivos. Mesmo odiando Taylor, estava tão ferida pela morte dos meus pais, que não contestei sua presença na nossa casa.

— Esse cara fez alguma coisa contra você, Liana? Me diga que esse miserável não tentou... — engasga com as palavras.

— Não seja hipócrita, Hector, o que Taylor fez comigo é pouco comparado ao que você me fez.

— Liana, fala logo de uma vez que foi sua irmã que atropelou Melissa, não deixarei que você a acoberte novamente.

— Para de me interromper e escuta! — Grito cansada. — Na leitura do testamento, minha ficha caiu que Taylor e Liz tinham alguma coisa a ver com a morte dos meus pais. Todos os bens da família foram passados para o nome da Liz. Tudo, até mesmo o haras, que meu pai vivia dizendo que um

dia seria meu, já que minha irmã detestava a fazenda.

— Por que não foi à polícia, não pediu ajuda das autoridades?

— E dizer o quê? Olha, minha irmã é louca, psicopata? Ou quem sabe, poderia dizer que o renomado advogado Taylor Silvergold tinha um caso com uma menina de quinze anos? Sim, os dois dormiam juntos. Depois que o testamento foi aberto, Taylor passou a morar na mansão. Os empregados foram demitidos e eu fazia de tudo para cuidar da casa sozinha. Odiava ver as coisas da minha mãe sendo destruídas. Eu vi os dois transando no escritório do meu pai quando fui questionar Liz. A coloquei contra a parede, disse que ela e Taylor tinham forjado o testamento e que tinham alguma coisa a ver com a morte dos meus pais. Então, eles me trancaram no porão.

— Eu não acredito nisso, Liana! Se eu soubesse que você passou por isso, meu amor. Eu não teria... Perdoe-me, Lia, me perdoa, meu anjo. — Ele diz se ajoelhando e abraçando minhas pernas, porém não me comove. Não mais.

Ignoro a cena que ele faz, me afasto, e continuo a contar.

— Eles já tinham tudo planejado. Quando entrei no porão, havia uma gaiola de metal feita sob medida. Liz e Taylor me prenderam lá dentro como um animal. Eu gritei, tentei me soltar, mas foi em vão. Ninguém ouvia meus gritos, eu estava sozinha no mundo. Foram seis meses presa em uma gaiola de metal sofrendo os piores tipos de torturas. — Digo com pesar, o choro embolando minha voz.

— As suas costas... as... cicatrizes? — Ele diz com a voz trêmula.

— Algumas foram com facas. Liz gostava de enfiar agulhas em mim. Outras foram com fogo. Ela amava me torturar. Outras foram das surras na prisão. Aqueles dois são doentes. Faziam festas quase todas as noites, me amordaçavam para que eu não pudesse gritar. Uma vez por dia, era alimentada com os restos do que eles comiam. Quando ela saía, Taylor aproveitava para me molestar. Dizia que iria me dar banho, mas fazia isso apenas para me tocar; acredito que ele não chegou a me estuprar porque tinha medo da Liz.

— Acabei ficando doente por conta do frio; sem nenhum cobertor para me aquecer, eu apenas me encolhia na grade e tentava dormir e nunca mais acordar. Cada dia era um martírio. Eu juro que chegou um momento em que eu implorava para Liz me matar, que acabasse de vez com a minha vida. Ela sorria e dizia que a culpa era minha, porque eu roubei tudo que era dela e

que tinha que pagar pelo que fiz. Ela estava totalmente desequilibrada, me enchia de medo. Ela sorria de maneira demoníaca. Começou a me espancar usando um taco de golfe do papai, e acertava as bolas em mim; dentro daquela gaiola não conseguia fazer nada para me proteger do seu ódio e da sua maldade. — Respiro fundo, tentando conter as lágrimas, que não parar de escorrer por meu rosto.

— Eu precisava arrumar uma maneira de sair dali ou acabaria morrendo; se ela não me matasse com as torturas, eu morreria de hipotermia no inverno. Um dia, Taylor entrou no porão e disse que eles tinham que ir. Liz sorriu, beijou Taylor na boca, e subiu com ele. Fiquei por um tempo esperando que os dois se distraíssem com a festa e tentei passar pelas barras da grade. Não foi fácil; eu acabei deslocando o ombro no processo, mas, para a minha sorte, nem Liz nem Taylor imaginavam que eu perderia mais de quinze quilos presa ali. Eu consegui sair daquela gaiola, mas ainda teria que sair do porão.

— A porta estava trancada, para o meu desespero. Tentei uma pequena janela de vidro e, quando consegui sair para fora, a luz do sol quase me cegou. Desesperada e com medo de Liz ou Taylor descobrirem que eu havia fugido, andei o mais rápido que consegui até os fundos de casa, tão fraca que mal conseguia correr. Foi quando ouvi Taylor gritar de dentro da casa; ele tinha descoberto que eu fugira.

— Me esforcei e corri até a garagem. Entrei no carro da minha mãe, que estava abandonado ali junto com mais dois, que pareciam novos. Desesperada, eu encontrei a chave e dei partida, quando Liz apareceu na minha frente. Eu acelerei o carro tremendo de pânico, e infelizmente não consegui passar com o carro sobre ela. Movida pelo desespero, eu acelerei feito louca, saindo da mansão. Porém logo vi um dos carros que estava na garagem me seguindo.

— Não precisa continuar, Liana, eu já entendi o que aconteceu. A culpa não foi sua. Lia, eu fui um desgraçado com você e você não foi culpada.

— Agora você vai ouvir até o fim. — Não permito que ele me corte.

— Eles iam me pegar, eu tinha certeza que dessa vez ela iria me matar, seria meu fim. Então, eu acelerei pela Avenida Del Alberche; Taylor tentava me fechar para que eu parasse o carro. Eu apenas acelerava em pânico. Foi quando vi o sinal vermelho. Vi que alguém estava atravessando na faixa e coloquei o pé no freio, mesmo sabendo que eles me alcançariam e

seria meu fim.

— Para, Liana!! Já entendi o que aconteceu, chega!!! — Ele grita, tentando me calar.

— O freio não respondeu, Hector. Os freios não funcionaram e o carro não parou! — Grito, desabando no chão pela dor de reviver aquele momento.

— É isso, Hector. Eu sou a assassina de Melissa, eu matei sua esposa grávida! Fui eu!!! Eu vivi por cinco anos me corroendo em culpa pela morte dela. Talvez fosse isso que precisava ouvir para se libertar. Me perdoe, Hector, me perdoe por ter tirado a vida da sua mulher grávida — Digo com pesar, olhando para ele, de cabeça baixa, chorando.

— Você não precisa pedir perdão, a culpa não foi sua. — Ele tenta se aproximar, mas eu me afasto.

— Eu preciso terminar, pra tirar esse peso de dentro do meu coração. Após o choque do acidente, muitos curiosos se aproximaram para conferir. Por sorte, ou azar, não sei, eu não me machuquei muito; o airbag fora acionado. Por causa da multidão ao redor, Taylor e Liz não se aproximaram do meu carro. Contudo, eu os vi pelo retrovisor e, com medo, me aproveitei da confusão que se formara em volta para fugir deles.

— Eu não sei o que dizer, Lia... meu anjo... — começa a gaguejar.

Toco a minha barriga pensando apenas no meu bebê.

— Agora você já sabe a verdade; sabe o inferno que vivi em Toledo. E o inferno que vivi na cadeia, a seu pedido. Então, só peço que me deixe viver a minha vida ou acabe com isso, me matando. Porque eu não aguento mais um dia neste inferno.

— Liana, me perdoe, me perdoa, meu amor! Eu jamais teria coragem de tirar sua vida. Eu não sabia de nada disso. Juro que os farei pagar por todo mal que fizeram a você.

— E quem vai fazer você pagar pelo mal que me fez?! — Questiono magoada e ele engole em seco. — Não, Hector, eu não quero nada de você, apenas distância. Se depender de mim, eu nunca mais colocarei meus olhos em você.

— Não diga isso, Lia, nós nos amamos. Eu vou cuidar de você, meu anjo, vou curar todas as suas feridas, vou te amar como nunca foi amada por ninguém.

— As feridas do coração não têm cura. E amor? Não quero que ninguém repita essa palavra para mim. Já cansei, essa droga de amor só me

feriu! — Digo me levantando, pronta para dar um fim nessa história.

— Liana, eu jamais vou poder apagar tudo que fiz, mas eu prometo que daqui para frente darei a minha vida para te fazer feliz. — Ele fala me puxando para os seus braços, tentando me abraçar.

— Me solta. Eu vou embora dessa fazenda e você não vai me impedir. — Digo me esquivando, e ele me olha desesperado.

— Não. Não. Liana, você não pode ir, nós nos amamos. Amor, não pode ir assim, não sem dar me uma chance de me redimir, de conseguir seu perdão.

— Sabe quando vou te perdoar?! Nunca!! Me solta, me deixa sair dessa maldita fazenda!

— Não posso viver sem você, meu anjo. Por favor, não me deixe! Eu vou provar para você que o que eu sinto é real, só não vá!!

— Cala a boca, Hector! Chega de mentiras! Não vê que eu te odeio? O amor que eu sentia você matou com suas mentiras, com sua vingança. Agora eu estou vazia, dentro de mim só resta amargura, dor, ódio. Tudo de bom que ainda restava em mim eu dei a você; todo meu amor, todo meu carinho, e você retribuiu mentindo, me enganando e brincando com meus sentimentos. Eu te odeio, te odeio!!! — Grito, me debatendo em seus braços, me sentindo enojada, com a cabeça latejando e as pernas fracas. — Nunca mais você vai me tocar na sua vida, me solta!! — Digo e soco seu peito, mas ele tenta me acalmar.

— Fica calma, meu anjo, essa dor vai passar, eu prometo. — Diz me segurando firme e só o seu cheiro já me dá vontade de vomitar.

— Me solta, me deixa ir. Me solta!! — Puxo meu braço, tentando me esquivar.

De repente, a porta da frente é aberta e Pablo passa por ela gritando:

— Solta ela, Hector! Solta a menina. — Ele avança na direção de Hector, livrando meu corpo do aperto dele.

— Você não é um covarde, Hector, está machucando a garota! — Ele grita nervoso.

E eu aproveito esse momento para tentar escapar.

— Você não vai sair daqui, Liana, não sem antes me escutar.

Ignoro o que ele diz e subo as escadas correndo; entro no meu antigo quarto e tranco a porta em pânico.

— Preciso sair daqui, preciso sair daqui. Deus me ajude — caminho até a sacada, olhando ao redor tentando encontrar uma saída.

Noto que, ao lado da sacada, há uma imensidade de jasmim-dos-açores, uma planta forte que cresce nas paredes dos muros. Não penso duas vezes: pulo da sacada e vou segurando nos galhos para não cair. Quando meus pés tocam o chão, tudo que sei fazer é correr pelo jardim.

— Senhorita Liana, o que aconteceu? Por que está correndo desse jeito? — diz Ruiz ao me encontrar.

— Ruiz, uma vez você me disse que não concordava com o que estava acontecendo nessa fazenda. Eu já sei a verdade, descobri tudo, mas agora eu preciso fugir. Por favor, só não diga que me viu.

— Eu sinto muito. — Ele fala com pesar e olha ao redor; depois me puxa para trás de umas plantas. — Se for a pé, será encontrada facilmente. Pegue esta chave, entre na Captiva preta estacionada nos fundos. Vou distrair os seguranças do portão de trás e você vai sair por lá. Fuja daqui e não olhe pra trás. Esse é o único carro que não tem rastreador, é o meu carro. Fuja, vá para longe, onde ele não irá te encontrar. — Fala preocupado.

— Obrigada. — Digo e o abraço, emocionada por saber que ainda existem pessoas boas nesse mundo.



Consegui encontrar o carro e entrar nele sem ninguém perceber, mas ao girar a chave de ignição o pavor veio com tudo. Em pânico, comecei a suar; minhas mãos formigavam e minha cabeça latejava. É como se estivesse revivendo o dia da minha fuga. Meu coração parecia que ia saltar do meu peito. Com as pernas tremendo sem parar, parei e pensei em meu filho. Hector provavelmente o tiraria de mim se soubesse da sua existência; eu sou uma ex-presidiária, ele, o rei da Espanha, seria fácil para ele tomar meu filho. E foi pensando em meu bebê que engatei a marcha e sai dali cantando pneu. Dirigi pela estrada de chão um pouco mais calma, já não chorava mais. Hector não me encontraria, eu faria o possível para apagá-lo da minha vida.

O colar! Lembro-me do colar de Miranda, o diamante azul que esqueci na fazenda. Apenas a chave do guarda-volumes está em meu pescoço. Isso teria que bastar para me esconder, ao menos até o bebê nascer. O sol já tinha ido embora, porém não estava muito escuro. O tanque está cheio, para minha sorte.

Virei à direita para entrar na rodovia, quando notei que havia um carro vermelho atravessado no meio da rua, impedindo a minha passagem.

— Merda. Merda! — Buzino para a pessoa sair da minha frente e me dar passagem, mas o infeliz não sai. Nervosa, eu desço do carro para pedir para quem quer que seja esse idiota, que tire o carro da minha frente.

— Ei! Não tá vendo que eu preciso passar? Você está obstruindo o caminho.

A porta do lado do motorista se abre e noto as botas de salto pretas; em seguida, reconheço o meu pior pesadelo.

— Sentiu saudade, irmãzinha?

— Não, não pode ser.

Sinto uma pancada forte me acertar na cabeça, me fazendo cair no chão. Antes que eu apague totalmente eu imploro para que Deus proteja meu bebê.



CAPÍTULO 20



O AMANHÃ SERÁ PIOR

“Aqueles que se recusam a esquecer o passado, estão condenados a revivê-lo.”

Héctor

— Quem você pensa que é?! — Falo com ódio de Pablo.

— Sou seu amigo, e quero seu bem, e o bem da garota. Não está vendo que os dois estão exaltados? Acha que ela vai te ouvir nesse estado? Precisa se acalmar e raciocinar direito.

— Inferno!! — Grito jogando uma cadeira na parede, me sentindo um

inválido. — Por que diabos não me atendeu, ou me contou que ela não era uma assassina?

— Não pude, fui alvejado por homens armados quando saía de Toledo. Tanto Elisabeth como Taylor já sabem que um agente das forças especiais está na cola deles. Os dois fugiram, mas já estou em contato com um grupo de agentes na fronteira, eles não vão sair do país.

— Onde eles estão? Não acredito que deixou essa psicopata escapar! — Falo enfurecido.

— Tenho que lhe contar todas as coisas que descobri. — Ele diz sério, mas tudo que consigo pensar é em Liana lá em cima.

Deus, que ela esteja mais calma e que me deixe explicar.

— Pelo visto, Liana já lhe contou toda verdade sobre ela, sobre sua irmã. O nome verdadeiro dela é Elisabeth Franco. Filha de mãe solteira, foi deixada para a avó criar, quando a mãe abandonou a garota com apenas dois anos. Elisabeth cresceu com uma avó perturbada, viciada em drogas, que vendia seu corpo em troca de cocaína. Quando tinha quatro anos, houve um tiroteio na região mais pobre de Toledo. A avó de Elisabeth tentou esconder um traficante dentro da sua casa; a polícia invadiu e ela acabou morrendo, junto com o traficante. Elisabeth foi encontrada em um estado deplorável. Comia restos do lixo que encontrava, estava tão suja e magra que não dava para saber se era uma menina ou um menino e, pelo que os médicos relataram, estava em um estado avançado de desnutrição; apresentava um comportamento bastante agressivo. Elisabeth não conseguia diferenciar o certo do errado, e sofria de Transtorno de Apego Reativo. Foi levada a um centro de atendimento a crianças vítimas de violência. Durante um ano, Elisabeth foi assistida por um psiquiatra, o doutor Eugene Bleuler, porém todos os documentos sobre seu tratamento desapareceram. A justiça decidiu por levá-la para o orfanato local, onde ela poderia ter a chance de ser adotada. Elisabeth Cristina, já com um novo sobrenome, chegou ao Orfanato Caminho do Sol, onde conheceu Liana, que se tornou sua amiga inseparável. Algum tempo depois de Liana ter sido adotada pelo casal Castela, Elisabeth também foi.

— Os pais da Liana sabiam sobre o passado da Elisabeth? — Questiono assombrado ao saber quão ruim é essa história.

— A mãe adotiva de Liana, Luíza Castela, era uma juíza federal, e sim, ela tinha todo o histórico da garota antes de a adotar. Assim que ela foi adotada, contudo, seu pai, o doutor Miguel Castela, percebeu o

comportamento compulsivo da filha e deu início a um novo tratamento psiquiátrico de Liz, como ela gostava de ser chamada. O doutor Aaron Beck começou o tratamento, à base de remédios e terapia para tratar a desordem. Após dois anos de tratamento, o médico deu o diagnóstico de psicopatia infantil. A mãe da menina decidiu mudar de psiquiatra e ela começou a ser tratada pela doutora Cátia Maria Berna. Tenho todas as fichas médicas dela. Elisabeth passou por outros quatro psiquiatras, e por cada médico que ela passava, recebia o mesmo diagnóstico. Tenho algumas fitas de consultas com ela, e em muitas ela dizia que odiava a irmã, porque ela estava roubando o amor dos pais, que deveria ser só dela. Ao serem avisados, os pais relataram que Elisabeth não demonstrava nenhum comportamento anormal com a irmã, muito pelo contrário, ela parecia amar muito Liana.

— Na adolescência as coisas saíram do controle. Elisabeth já não conseguia mais esconder dos pais a inveja que sentia de Liana. Uma série de acontecimentos suspeitos levaram Luíza e Miguel à decisão de internar Elisabeth em uma clínica para pessoas com transtornos psiquiátricos. Todavia, antes que isso acontecesse, o casal morreu, no que a polícia indicou ser um latrocínio. Eu, porém, consegui descobrir que Elisabeth, juntamente com o amigo de seu pai, havia simulado uma emergência no fórum onde a mãe trabalhava naquela noite. Não sei se fazia parte do plano deles, mas Miguel foi junto da esposa. Era ele quem dirigia quando o carro foi abordado por uma moto. Os dois receberam um tiro fatal na cabeça; a bolsa de Luíza foi levada pelo assaltante. Como parecia ser um roubo seguido de homicídio, o delegado encerrou o caso. Pelo que investiguei, estou certo de que quem armou tudo foram Elisabeth e Taylor.

— Dois psicopatas filhos da puta! Não me conformo por não terem investigado melhor. Talvez, se tivessem feito a porra do trabalho deles, Liana não teria passado por todo aquele inferno.

— Após a morte dos pais, Taylor Silvergold ficou como tutor das duas, e Elisabeth como a única herdeira; Liana não herdou absolutamente nada. O que não faz sentido algum, por isso creio que o testamento é falso. Após a leitura do testamento, Liana não foi vista novamente, nem pelos vizinhos ou conhecidos. Pelo que me disseram, Elisabeth dizia que a irmã estava reclusa após o trauma da morte dos pais. Mas, alguns meses depois, ela foi vista saindo da mansão em alta velocidade, dirigindo o carro da mãe.

— Pablo pausa seu relato por um momento, mas não demora a continuar.

— Então sim, ela de fato atropelou Melissa. Contudo, após a perícia

que foi feita no carro pela minha equipe, descobri que os freios estavam cortados. Liana não conseguiu frear, e provavelmente fugiu por medo da irmã e do tutor. Ela teve a sorte de ser acolhida por um padre em Ávila, onde viveu por meses escondida; até ser descoberta por um detetive enviado por sua irmã. Foi aí que Liana resolveu se entregar à polícia pelo assassinato da princesa.

— Merda, inferno!! Não consigo nem imaginar o tamanho do inferno que ela viveu! E pior, eu mesmo contribuí para que continuasse sofrendo. Deus, como fui cruel, Liana não merecia passar por tudo isso.

— O promotor que fez as acusações contra Liana no julgamento está vivendo em Miami, nos Estados Unidos. Após o julgamento, misteriosamente ele recebeu uma quantia significativa e saiu do país. As testemunhas que afirmaram que Liana sempre fora uma garota rebelde que vivia bebendo e se drogando, eram todas amigas da irmã Elisabeth. Resumindo, Liana não teve um julgamento justo. A garota, com apenas dezessete anos, pegou quatro anos de prisão; sua sorte foi ser réu primária e menor de idade, senão poderia ter pego até vinte anos de prisão. — Ele diz e eu engulo em seco, pensando em Liana presa por tanto tempo.

— Malditos! Precisamos colocar esses desgraçados atrás das grades!

— Elisabeth não vive mais na mansão dos pais. Quando cheguei a Toledo, o primeiro lugar que fui investigar foi a mansão, que encontrei abandonada. Provavelmente um dos amigos dela que interroguei a avisou que estavam reabrindo o caso do acidente. Após conseguir todas as provas de que precisava e acionar meu departamento para ir atrás deles, fui emboscado na saída do hotel em que estava hospedado. Mandeí aquela mensagem a você horas antes. Por sorte escapei ileso e consegui pegar um dos caras vivos; os outros quatro estão mortos. O infeliz está amarrado no porta-malas do meu carro; não tive tempo de interrogá-lo. Vim para Andaluzia o mais rápido que pude.

— Não rápido o bastante, infelizmente. Não sei se Liana um dia irá me perdoar, nem mesmo eu me perdoo. — Falo desolado, me sentando no chão. — Elisabeth e Taylor irão pagar caro por tudo que fizeram a Liana, ou não me chamo Hector Carlos VI de Ortega!

Após ouvir tudo que Pablo tinha a relatar, conto a ele o que Liana já havia me dito.

— Como Liana descobriu sobre seu plano de vingança? — Ele questiona pensativo, olhando o caos que a sala se tornou.

— Ela não me disse, quando cheguei, ela já estava fora de si. — Digo com um nó na garganta, apenas em lembrar da cena.

— Irei verificar as câmeras de segurança e tentar entender como tudo aconteceu. Te aconselho a levar um calmante para ela. Ela precisa saber sobre o passado de Elisabeth, assim como sobre a morte dos seus pais.

Deus, quando penso que não pode ficar pior, Pablo chega e joga essa bomba sobre mim. Inferno! Como vou consertar as coisas com meu anjo?

Alessia

Chegamos à França por volta de três da manhã, estávamos todos exaustos. Demorou quase um dia para que enfim fôssemos liberados para sair da Colômbia. Enrico ainda não foi encontrado, mas isso me preocupa menos agora. Clara está comigo e amanhã será o meu casamento; Afonso não quer perder tempo. Segundo seus planos, ficaremos na França por um tempo antes de voltar à Espanha, mas ainda não entendi o porquê.

— Chegamos. — Ele diz abrindo a porta, assim que o carro para no alto de uma colina, onde uma bela mansão de pedra se esconde.

— Uau, esse lugar é lindo. — Clara fala encantada.

— Essa mansão se chama *Mas de Notre Dame de Vie*, e foi, anos atrás, a mansão de Pablo Picasso, o pintor. Foi vendida por mais de vinte milhões de euros num leilão, ocasião na qual a realeza espanhola a adquiriu. Como sou amigo do rei, ele me deixou usá-la pelo tempo em que ficaremos na França.

— Uau. — É única coisa que consigo dizer.

Descemos todos juntos e fiquei encantada com a beleza do lugar. O jardim é belíssimo, com oliveiras antigas e terraços. A casa parece muito antiga, com suas paredes de pedra e pórticos em arco. A vista daqui é privilegiada, podemos ver a baía de Cannes, o Mar Mediterrâneo.

Ao entramos na enorme sala de estar, vejo uma senhora de cabelos loiros e sorriso doce.

— Alessia, essa é Lorena, ela vai nos ajudar com Clara. Além de ser uma ótima orientadora infantil, ela fala seis idiomas e tem muita experiência com crianças da nobreza.

— Clara não é da nobreza. — Falo irritada por ele tomar decisões sem me consultar.

— A partir do momento que você se tornar a duquesa de Aragão, ela passará a fazer parte da família, e como tal deve ter uma educação à altura.

— Lorena, por gentileza, leve Clara para conhecer o quarto em que ela vai ficar, ela deve estar cansada e precisa dormir um pouco. — Falo para a simpática senhora, envergonhada pela pequena discussão.

— Qual o problema em cuidar da sua irmã, latina? — Ele diz tocando meu rosto, colocando uma mecha dos meus cabelos atrás da minha orelha.

— Já que vou ser sua esposa, gostaria que me consultasse antes de tomar decisões importantes. Esse pode ser um casamento arranjado, mas tudo que eu não sou é uma esposa troféu, submissa.

— Porra, mulher! Você não vê que se eu quisesse uma esposa dócil e submissa, teria escolhido outra? Tudo que eu quero é você. — Ele fala alterado e eu o olho chocada. — Até o final do nosso acordo, você estará apaixonada por mim, latina. Vai ser você que não vai querer me deixar.

— Não conte com isso. — Digo, mas nem mesmo eu acredito em minhas palavras.

— Isso é o que veremos, meu amor. — Ele fala debochado. — É melhor a gente subir, não tivemos chance de dormir ainda, você deve estar cansada.

— Sim, e preciso de um banho.

— Vem, vou te mostrar o nosso quarto. — Ele fala indicando as escadas e eu subo, o acompanhando.

Afonso abre a terceira porta do corredor e então posso ver a bela suíte em estilo colonial. A grande cama de casal faz meu corpo esquentar, é impossível não lembrar do hotel e da noite quente que nós tivemos. Maldito! Tinha que ser tão gostoso e ter esse sorriso lindo, que me deixa irritada e molhada ao mesmo tempo!

— Vou deixar você se arrumar e vou buscar alguma coisa para comermos, antes de dormir. — Ele fala me deixando sozinha na suíte.

Tomo um banho e, ao sair do banheiro, escolho uma lingerie provocante. Não sou nenhuma mocinha ingênua, e seria um desperdício ter um gostoso como Afonso à disposição e não usar e abusar. Sorrio e começo a passar creme nas pernas, quando ele passa pela porta com uma bandeja nas mãos.

— Você só pode estar querendo me matar, é isso! Não me provoca,

latina, se não for apagar meu fogo.

— Quem disse que não irei apagar? — Digo me aproximando dele e atacando sua boca de maneira selvagem.

— Você é minha perdição, latina teimosa.

Afonso rapidamente deixa a bandeja com comida sobre a cômoda e me abraça, mordendo meu pescoço, totalmente descontrolado. Ele não perde tempo; e devora meus seios, mesmo por cima da lingerie. Sinto-me ser arrastada pelo quarto até um grande sofá cinza. Afonso se afasta e se livra das suas roupas e eu fico babando em seu monumento espanhol.

— Você vai me pagar por ficar me provocando! — Dá um tapa na minha bunda, enquanto chupa minha orelha.

— Eu vou adorar pagar seu preço, Duque...

Ele nem responde, vai logo me mordendo e beijando, sugando meus lábios, grudando meu corpo ao dele. Sua boca volta a devorar a minha e sinto-me em êxtase por senti-lo. Seu beijo é viciante, quanto mais sinto, mais quero beijá-lo.

Separamo-nos quando já não havia ar. Afonso me coloca de bruços e faz questão de esbofetear minha bunda, a deixando ardida.

— Isso é para aprender a não me provocar. — Ele fala me estapeando e afastando minha calcinha, e logo sinto dois dedos me preencherem. — Você já está encharcada, *mi diosa*. Está doida pelo meu pau. — Ele fala enquanto seus dedos brincam com minha boceta.

Eu já estou pronta para gozar apenas com sua voz brava e suas mãos me fodendo. Sinto-o afastar seus dedos e me surpreendo ao sentir seu pau me invadindo. A calcinha é literalmente rasgada por ele, e seu pau entra e sai furiosamente.

— Você destruiu minha calcinha! — Falo me fingindo de brava.

— Ela estava atrapalhando a minha visão. — Ele fala mordendo meu pescoço.

— Aí... hum. Não para. — Digo ofegante, e gozo feito louca.

De joelhos, ele me come com gosto e tudo que sei fazer é gemer alucinada.

— Você me deixa louco, Alessia! Goza no meu pau, goza! — Ele puxa meu cabelo, me fazendo inclinar para trás, e me beija com fervor.

Trêmula, tenho meu segundo orgasmo, gemendo alto. Afonso me pega pelos quadris, me erguendo, para logo em seguida, me fazer sentar no seu pau; eu não me faço de inocente e rebolo com gosto, sentindo minha

boceta sendo devastada por ele.

— Ah, safada, você está esmagando meu pau com essa boceta gostosa! — Ele acelera as arremetidas, me ajudando a cavalgar ainda mais rápido.

Afonso aproveita a posição e devora meus seios, mordendo e chupando os dois como se fossem uma fruta succulenta. Senti-lo dentro de mim é indescritível. Com uma mão, ele massageia meu clitóris, e eu não aguento e grito alto, gozando mais uma vez. Ele vem logo em seguida, me enchendo com seu gozo. Estou tão cansada que desabo sobre ele.

Após recuperarmos o fôlego, comemos o lanche que Afonso trouxe, e depois vamos direto dormir, exaustos, mas completamente saciados.



Acordei de manhã com alguém batendo na porta do quarto.

— Posso entrar, Alessia? — Ouço a voz de Clara perguntar.

— Pode sim. — Fala me cobrindo com o edredom.

— Achei que não ia mais acordar. — Ela logo pula na minha cama, vestindo um lindo vestido azul claro.

— Que horas são? — pergunto preocupada de ter perdido a hora do meu próprio casamento.

— Já passa de uma da tarde. Afonso queria vir te acordar, mas eu quis vir antes. — Fala animada e vejo que segura uma grande caixa prateada.

— Afonso mandou te entregar. Disse que quando escolheu só conseguia pensar em você. — Ela fala sorrindo e me pergunto quando foi que ele conquistou a minha irmã.

— Obrigada, vou tomar um banho rápido e escovar os cabelos, me espera lá embaixo.

— Está bem. Estou tão animada, minha irmã vai virar uma duquesa, igual nos filmes. — Ela diz toda boba antes de me deixar sozinha.

Decido levantar e ver o que ele está aprontando, abro a caixa pensando encontrar uma lingerie provocadora, mas o que vejo é um lindo vestido branco de renda, é tão delicado que tenho até medo de estragar.

— Realmente não posso negar que tem bom gosto. — Falo para mim mesma.

Tomo um banho rápido, escovo meus cabelos, e faço uma maquiagem simples, tomando cuidado para esconder os chupões do meu pescoço.

O casamento será realizado aqui mesmo, no jardim da propriedade. Afonso insiste que o melhor é voltar à Espanha já casada, assim evita possíveis problemas com sua família. O que me faz pensar que sua família não ficará feliz com nosso casamento.

Sento-me no sofá em que, horas antes, estávamos transando, e coloco os saltos de cor nude, tentando não ficar nervosa.

Afonso tem demonstrado com suas palavras e atitudes que realmente me quer. É hora de ser corajosa e dar a ele uma chance, apesar de não acreditar mais nos homens. Afonso me parece diferente, e fez por merecer meu voto de confiança.

Sentindo-me confiante, fechei a porta do quarto e caminhei até a grande escadaria. Afonso estava lá embaixo, de pé, à minha espera. Em seus lábios, um sorriso se abriu ao me ver. Seus olhos brilhavam de uma maneira que eu não saberia explicar. Sinto um frio crescer no meu estômago.

— Você está linda — diz pegando minhas mãos e levando aos lábios.

— Obrigada, você também está lindo. — Reparo que está todo social, um perfeito lorde.

Clara já nos esperava no jardim junto com Lorena, assim como o advogado de Afonso e o juiz de paz. Não sei como Afonso teve tempo de mandar preparar nada, mas há um altar montado sob um gazebo em meio a buganvílias em flor no canto do jardim. Está uma linda tarde de sol, e a vista desse lugar é maravilhosa, com o mar ao fundo.

De repente me sinto nervosa; os traumas do passado queriam voltar para me assombrar. Eu só conseguia pensar que Afonso não era como Enrico, ele não iria me machucar.

— Ei, fica calma. Quase posso ver as fumaças saírem da sua cabeça. Vai dar tudo certo. — Afonso fala tão seguro, segurando a minha mão e me olhando com seus olhos azuis tão sinceros, que consigo relaxar.

— *Bonjour à tous*. Estamos reunidos nesta tarde para levar em matrimônio este casal, Alessia e Afonso. As testemunhas, por favor, fiquem ao lado direito. — Diz o juiz de paz e Lorena e Rodolfo, o advogado, vão aos seus lugares. — Afonso Dávila de Aragão, é de sua livre vontade que recebe Alessia Molina Gusman como sua legítima esposa?

— Sim. — Ele diz e sorri para mim.

— Alessia Molina Gusman, é de sua livre vontade que recebe Afonso

Dávila de Aragão como seu legítimo esposo?

— Sim. — Falo com as mãos tremendo e Afonso me conforta.

— As alianças, por favor. — Ele pede a Afonso.

Afonso retira do bolso um espojo preto e se vira para mim.

— Mande fazer especialmente para você, em sinal do meu amor e da minha devoção inteiramente a você. — Ele fala me olhando profundamente; eu perco o ar e sorrio apaixonada. — Elas são duplas. Como não pude te dar um anel de noivado, pensei que este anel seria perfeito para selar nosso compromisso. — Ele coloca o anel em minha mão e, em seguida, a beija.

Pego a sua aliança e digo:

— Eu prometo a você esquecer o passado e focar nesse sentimento que cresce cada dia mais dentro de mim. — Falo sendo sincera, colocando o anel em seu dedo com cuidado e o beijando em seguida.

— As testemunhas assinem aqui, por favor. — O juiz aponta para o papel, e então é nossa vez. O advogado de Afonso acrescenta o contrato de casamento e assinamos.

Por fim o juiz de paz diz:

— Então, eu os declaro marido e mulher. Felicidades ao novo casal. Pode beijar sua noiva.

Afonso me puxa para os seus braços e devora minha boca.

— Agora você é minha duquesa. — Ele fala me abraçando.

— E você é meu duque. — Digo possessiva.

Hector

Decidi fazer o que Pablo disse e levar um calmante para Liana, junto com o jantar. Ela precisa se alimentar; faz dias que vem tendo mal-estar. Mas nada se compara com a dor que eu causei, seu olhar ferido está gravado em minha mente. A forma como ela me olhava, com tanta mágoa. Como posso ter quebrado uma joia preciosa como ela? Tantas vezes a humilhei, disse coisas horríveis, ela quase ficou doente por minha culpa. Fui um monstro egoísta, e tudo que ela fez foi me amar. Meu Deus, eu não a mereço! Mas sou egoísta demais para viver sem ela. Liana me devolveu a vontade de viver, ela

me faz sentir um homem completo, e nem que eu precise viver o resto dos meus dias implorando, eu irei conquistar seu perdão. Tudo que quero agora é cuidar dela e curar cada uma de suas feridas. Vou mostrar a Liana que podemos dar certo, que meu amor por ela é maior que tudo.

Subi as escadas indo em direção ao nosso quarto, a porta estava destrancada, mas o quarto estava vazio. Penso que ela deva estar em seu antigo quarto. Pego a chave do mesmo na gaveta da minha cômoda e caminho até o quarto que antes era dela.

— Liana, meu amor, precisamos conversar. Eu trouxe o jantar para você.

Não ouço resposta, forço o trinco e vejo que está fechado.

— Lia, amor, sei que está com raiva de mim, mas precisamos conversar. Pablo descobriu algumas coisas que precisa saber.

Tento convencê-la abrir a porta, porém mais uma vez não obtenho resposta, o que me faz ficar em alerta. Uso a chave reserva, abrindo a porta do quarto, e fico nervoso quando vejo que está vazio. Não é possível. Onde Liana está? Vasculho sua suíte, mas nada está fora do lugar. As janelas estão abertas, olho por elas, mas não a vejo.

— Não tem saída externa do segundo andar, Liana teria que descer as escadas para fugir.

Lembro-me de suas palavras e perco o fôlego.

“Eu te odeio! Nunca mais você vai me tocar na sua vida!”

— Ela não pode ter me deixado, não, não!! — Falo desesperado, com medo.

Vasculho cada quarto à procura dela e nada. Volto para o nosso quarto; suas coisas continuam aqui, suas roupas, sapatos, até mesmo o colar de diamante azul que ela guarda em uma gaveta do closet.

— Deus, onde ela está? Liana!! — Grito descendo as escadas e encontro Pablo segurando um papel em suas mãos.

— O que aconteceu? — Ele questiona quando vê meu estado de desolação.

— Ela fugiu, ela fugiu de mim! — Digo sentindo o ar faltar e a dor me consumir. — Liana não está em lugar nenhum! Ela tem medo de mim, depois de tudo que eu fiz. Meu Deus!

— Como ela fugiu do segundo andar? — Pablo questiona.

— Eu não sei. — Me sinto perdido. — Talvez ela tenha pulado a janela do antigo quarto, a janela estava aberta e a porta trancada.

— Eu vou reunir todos os seguranças; ela está a pé, não deve estar longe. Nós iremos encontrá-la. Leia isto, encontrei caído na sala, no meio de toda a bagunça.

Pego os papéis de sua mão, sem entender a importância disso agora, mas leio.

— Laboratório de análise médicas. Teste de Beta HCG. Positivo para gravidez.

E então eu senti minhas pernas falharem, meu corpo desabar no chão e um medo tremendo tomar conta de mim.

— Não pode ser!

Minha mulher fugiu grávida, e pior: corre risco de vida, com uma psicopata atrás dela.

Preciso encontrar Liana, suplicar seu perdão mesmo não o merecendo. Preciso dizer que a amo e que provarei dia após dia o quanto estou arrependido.

Me levanto, recuperando as forças, ao imaginá-la sozinha, desolada. Saio pela porta pronto para procurá-la onde quer que ela esteja.

— Onde ela está? Liana!!! — Grito desesperado saindo pela fazenda, e logo vejo Pablo reunido com alguns dos seguranças.

— Precisamos achá-la o mais rápido possível! — falo fora de mim. — Liana, Liana! — Decidido a encontrá-la, grito seu nome feito louco; ela precisar voltar. — Liana!!!

Alguns funcionários me olham assustados.

— O que estão olhando? Vão procurá-la!! — Falo a todos os inúteis que não a estão procurando ainda. — Onde ela está?!! Liana!! — Tenho medo que seja tarde demais.

Meu coração está acelerado, minha visão turva por conta das lágrimas, mas o medo de perdê-la é maior que tudo.

— Senhor, acabei de voltar da garagem. Liana fugiu usando o carro de um dos funcionários da fazenda. — Fala Henry, correndo em minha direção .

— Que funcionário?! — Rosno em pânico, agora sabendo que ela já pode estar longe.

— Ruiz. — Ele diz olhando para o mesmo, que acaba de chegar parecendo assustado. Não espero ele dizer uma palavra sequer, e lhe dou um soco certeiro.

— Maldito, desgraçado! Você a queria esse tempo todo, você queria a

minha mulher!!

O jogo com tudo no chão, caindo por cima dele, que tenta se defender me socando, mas a minha ira me deixa cego. Tudo que eu faço é acertar seu rosto, cada vez mais forte. Ver o sangue escorrendo por seu rosto me dá prazer; esse desgraçado a ajudou a fugir.

— A culpa é sua, Majestade, você a deixou desprotegida. — Ele fala limpando o rosto e me acerta um chute no estômago, me fazendo soltá-lo por um segundo. A dor, porém, não é forte o bastante para me fazer parar, avanço em sua direção e dou uma chave de braço, o segurando pelo pescoço.

— Nunca mais vai falar da minha mulher, seu porco imundo! Ela é minha, seu maldito!

— Hector, solta ele, vai acabar o matando. — Diz Pablo tentando me puxar, mas meu ódio é tão grande que tudo que eu quero é acabar com sua vida miserável.

— Ele precisa nos contar para onde Liana foi, ela corre perigo. — As palavras de Pablo me fazem voltar à razão.

Largo o miserável no chão e Ruiz tosse, tentando recuperar o ar. Afasto-me e viro de costas, tentando me controlar. Precisamos encontrá-la. Minha mente me castiga, me fazendo visualizar várias cenas dela nas mãos dos dois psicopatas.

Eu não posso perdê-la, isso não pode estar acontecendo de novo! Liana está sozinha, grávida, e com uma maníaca atrás dela.

— Para onde ela foi?! — Exijo dele uma resposta.

— É tarde demais para encontrá-la, Majestade.

— Do que está falando? — Dessa vez é Pablo quem questiona.

— A uma hora dessas, ela já deve estar com Taylor. E nem mesmo o rei da Espanha pode evitar. — Ele sorri e eu fico fora de mim.

Avanço em sua direção, o derrubando no chão; sua arma cai na grama. Ruiz me acerta no nariz e sinto o sangue escorrer. Ele tenta pegar a arma, mas eu sou mais rápido. Pego a arma e disparo. O tiro foi certo; um lixo a menos no mundo.

Olho para meus homens descontrolado.

— Vocês têm duas horas para me dizer onde a minha mulher está!



CAPÍTULO 21



SANGUE

MAIS DENSO QUE ÁGUA

"Ninguém baterá tão forte quanto a vida. Porém, não se trata de quão forte se pode bater, trata-se do quanto se pode apanhar e continuar seguindo em frente. É assim que a vitória é conquistada."

Liz

Taylor acelerava pela rodovia, e meu corpo estava em êxtase. Era como se tivesse tomado uma pílula de Êxtase, tamanha a minha euforia por finalmente conseguir o que tanto queria.

— Conseguimos, meu amor, nós conseguimos! — Eu comemoro animada.

— Precisamos chegar logo, provavelmente o rei vira atrás de nós.

— Ruiz vai nos avisar se isso acontecer, estamos um passo à frente deles e logo vamos estar na França, longe desse maldito país.

— Vamos ter que ter muito cuidado. As identidades falsas já estão prontas, só precisamos de uma passagem segura.

Liana geme no banco de trás, mas continua desacordada.

— Será que ela vai morrer? — Pergunta Taylor, preocupado que o golpe na cabeça tenha sido forte demais.

— Não, ela não pode morrer, seria fácil demais. Liana tem que pagar por todo mal que fez a mim, só depois, vou querer ela morta.

— Eu sei, meu amor, essa negra suja não vai escapar desta vez.

Liana sempre foi uma pedra no meu sapato, sempre atrapalhou a minha vida. Ela destruiu meus sonhos, meus planos. Eu a odeio com todas as minhas forças! Ela tomou tudo que pertencia apenas a mim e agora eu a farei pagar.

Quando conheci Luíza, minha mãe, sabia que seria escolhida. Meu pai gostou de mim, eu vi, ele me pegou no colo e conversou comigo. Mas bastou Liana aparecer para mamãe gostar dela. Ela tomou o amor dos meus pais, e se não bastasse, fez questão de mostrar o quanto ela era melhor do que eu, fazendo eles me adotarem como se eu fosse um presente para ela, um bicho de estimação. Eles nunca me amaram, não como amavam a ela. Liana fazia questão de ser o centro das atenções, e eu ficava para escanteio; a problemática, com um passado ruim.

Mas todos eles vão pagar...

Meus pais já pagaram; agora é a vez dela.



Horas depois, Taylor estaciona o carro ao lado do pequeno e malcuidado jardim. O prédio é feio; a tinta cinza da parede está desbotada, descascando em alguns lugares, mas o que me chama atenção é a cerca elétrica, e os muros altos. Este lugar é tão afastado, é perfeito.

— Você a carrega para dentro, que eu vou direto falar com a diretora.

— Ok, gostosa. — Taylor pega a desgraçada desacordada e a leva para dentro.

Pobrezinha! Por acaso ela pensou que era o que, a Cinderela? Achou que seria livre para viver com seu príncipe encantado feliz para sempre? Jamais.

Taylor leva Liana até a recepção do lugar; o cheiro aqui não é agradável, o chão está sujo. Já mostra que tipo de lugar é esse, perfeito para minha irmã querida.

— A diretora Rosely Alcântara me aguarda, meu nome é Liana Montenegro.

— Claro, já esperávamos a sua chegada. O quarto para sua irmã já está pronto — Ela olha para Taylor e diz: — Pode vir comigo, a paciente ficará no quarto vinte e dois. A senhora pode entrar na segunda porta à direita, é a sala da diretora.

Vou na direção que ela indica e bato na porta; ouço Rosely mandar entrar.

— Senhorita Montenegro, que bom que chegou, aguardava ansiosa sua vinda. — Diz Rosely sentada em um belo sofá de couro italiano.

Sua sala, ao contrário do que vi lá fora, é bem limpa, organizada e um tanto luxuosa.

— É tão bom revê-la, você está ótima, minha amiga. — Sorrio a cumprimentando.

— Quanto tempo que não nos vemos, querida?

— Eu sei, precisamos marcar outra festinha. — Falo sorrindo.

— Tem razão. Bom, vamos ao que interessa. Ela já está aqui?

— Sim. Taylor a levou para o quarto junto com a recepcionista, ela está desacordada, como falei por telefone. Minha irmã está fora de controle, e só vocês podem me ajudar.

— Claro, faremos o que for possível. — Ela sorri me indicando uma cadeira.

— Dinheiro não é problema, você sabe. Não poupe nenhum tratamento, todos os métodos que me passou podem ser usados.

— Ótimo saber disso. — Fala acendendo um cigarro.

— Rosely, preciso que reforce a segurança. Liz é perigosa, é capaz de tudo para sair daqui. Ela já fugiu outras vezes, estão não pode bobear com ela.

— Nossa clínica fica em uma região remota, apenas nossos clientes sabem da nossa existência. A cidade mais próxima daqui fica a oitenta quilômetros. Garanto que ela não escapará.

— Perfeito, fico mais tranquila assim. Terei que fazer uma viagem para fora do país em breve, mas antes eu venho vê-la. Quero ter certeza que ela terá o tratamento merecido enquanto eu estiver fora. — Sorrio sabendo

que Liana agora estará no lugar certo para ela.

Liana

Desperto com uma dor horrível na cabeça e com a visão turva, meu corpo está dolorido, me sinto um pouco fraca. Tento lembrar o que aconteceu e um flash de memória vem com tudo, me fazendo entrar em pânico. Liz, ela voltou.

Pisco várias vezes lentamente para conseguir enxergar e vou me dando conta do lugar onde estou: um quarto de hospital talvez, as paredes são todas brancas, mas não há janela, apenas uma pequena abertura com grades. Em pânico, tento me mexer, mas não consigo, pois meus braços estão amarrados na maca.

— Que bom que acordou, querida; já estava preocupada com você, irmãzinha. — Liz diz me assustando, sentada em uma cadeira.

— O que você fez comigo, sua desgraçada?! — Digo tentando recuperar minhas forças.

— Eu disse que você me pagaria, irmãzinha. Por sua culpa, meus pais queriam me internar, e olha quem está aqui agora. — Ela sorri de maneira macabra.

— Você está louca, Liz, eu nunca te fiz nada! Me solta daqui! — Grito em pânico.

— Vou chamar o médico para cuidar de você, querida. — Ela sorri friamente, e eu tento me soltar, mas é inútil, amarrada como estou.

Ela sai, me deixando sozinha, e eu me debato, tentando lutar contra as amarras, porém é uma luta em vão. O pânico toma conta, e o medo de que ela faça algo que possa prejudicar meu bebê.

— Socorro, alguém me ajude!! — Grito implorando para que alguém atenda meu apelo.

A porta volta a se abrir e um médico passar por ela, olho para ele apavorada.

— Por favor, me deixe sair daqui. — Digo desesperada, porém o médico ignora o que eu digo e olha para a ficha lendo-a atentamente. A porta

se abre novamente e Liz volta.

— Me ajuda, por favor, não deixa ela me machucar! — Grito pensando no meu bebê.

— Como eu disse, doutor, minha irmã está totalmente desequilibrada.

— Não escuta ela. Por favor, me ajude, ela quer me ferir.

Liz faz cara de choro e olha para mim com cinismo.

— Elizabeth está fora de si, doutor, tenho medo que ela acabe se machucando. Minha irmã está totalmente maluca.

— Desequilibrada é você, sua maluca do caralho! Meu nome é Liana, e a única doente aqui é você! — Digo me debatendo e o médico me olha como se eu fosse louca.

— Está vendo? Ela insiste em dizer que seu nome é Liana, que eu a odeio, que sou um monstro. — Funga Liz, fingindo chorar. — Ela está com um grave quadro de desequilíbrio e transtorno de personalidade. Cuide da minha irmãzinha, doutor, tenho medo que ela nunca melhore. — Fala a desgraçada, se fazendo de vítima.

— Não escuta o que ela diz, me tira daqui, por favor! Ela é perigosa. — Digo tentando convencê-lo, porém é inútil.

— Não se preocupe, ela terá o tratamento devido. Iremos cuidar bem dela.

— Quero que não meçam esforços para fazê-la ficar boa, seja o que for, eu aceito. Podem usar todos os métodos da clínica, pagarei o valor que pedirem para dar o tratamento adequado a minha irmãzinha. — Ela diz com falsa tristeza, mas em seus olhos posso ver o quanto ela está feliz por me ver assim.

— Não se preocupe, senhorita, cuidaremos da sua irmã. — Diz o médico me deixando em pânico.

Meu corpo ferve de ódio e forço as amarrar, mas é inútil. Tudo o que queria era me soltar e tirar esse sorriso satisfeito da cara dela.

— A senhorita pode ir falar com a diretora, eu cuidarei dela. — Ele fala abrindo uma gaveta ao meu lado e tirando de lá uma seringa. Liz sorri para mim e sai do quarto.

— Não, não. Por favor, não faça isso — suplico, mas é em vão.

Sinto a picada da agulha e o líquido frio, e aos poucos vou sentindo meu corpo amolecendo; não antes de jurar pelo meu filho que Liz irá pagar.

Hector

As janelas do meu escritório estão abertas e um vento frio passa por ela. Não posso evitar pensar que Liana pode estar passando frio sozinha, pode estar com fome ou ferida.

Vinte e quatro horas se passaram e nenhuma notícia dela, é como se ela tivesse evaporado.

Não consegui nem dormir de tão angustiado. A única coisa que consegui fazer foi procurar por ela.

Após dar cabo do miserável do Ruiz, fui até a cidade em tempo recorde. Já era noite e a cidade estava calma. Fui a todos os hotéis e pousadas da cidade, qualquer lugar em que pudesse estar hospedada, e nada. Já não sabia onde a procurar, não fazia ideia de onde ela poderia ter ido. Foi quando, caminhando por uma calçada, após verificar o último hotel, vi uma pessoa saindo de um restaurante. Meu corpo ficou em alerta; pensando ser ela, avancei em direção à mulher, antes que a perdesse de vista. Assim que puxei seu braço e ela se virou, a reconheci como sendo a moça do bar, não era a minha Liana. Apenas um lembrete do quão merda eu sou; após ter tirado a virgindade do meu anjo, fui a um bar e dormi com outra mulher.

— Me desculpe, achei que era outra pessoa — falei envergonhado.

— Imagino que esperava que fosse Liana — ela diz rindo e eu me assusto com seu comentário.

— Como sabe sobre ela?

— Não lembra de mim, Thamy? Lembra daquela noite em que nós ficamos no bar? Você chegou no hotel todo eufórico e eu realmente achei que teríamos uma bela noite. Mas quando você já estava me beijando toda, começou a chamar uma tal de Liana. Como deve imaginar, quebrou o clima na hora. Fiquei muito irritada. Poxa, eu sou uma garota bonita. Essa foi a primeira vez que o gato que eu estava interessada chamava por outra. Quando eu vi, você já estava desmaiado na cama, e percebi que estava sofrendo por amor. Fique sabendo que não guardo mágoas, por ter me deixado sozinha no hotel, e espero que se acerte com a sua Liana.

— Me desculpe, eu não sei bem o que dizer.

— Não se preocupe. E boa sorte com sua garota — Ela se despede e entra em seu carro.

Saber que eu não dormi com aquela mulher não aliviou a culpa que sinto. Não ameniza o fato de que fui um canalha com Liana. Agora, olhando para o céu cheio de estrelas, da janela do escritório da fazenda, me dou conta de que terei que viver com essa culpa para sempre. O carro de Ruiz, que Liana usou para escapar, foi encontrado hoje cedo. Na rodovia, apenas marcas de pneu, indicando que alguém parou em frente a ela.

Saio do escritório e vou até a sala, onde os seguranças mapeiam possíveis locais para onde Elisabeth pode ter levado Liana. Me surpreendo ao ver Alexandra de pé em minha sala chorando.

— Hector, eu juro que não queria que isso tivesse acontecido. — Ela fala assim que me vê.

— O que ela tá fazendo aqui? — Questiono, não entendo nada.

— Mandei buscarem-na, provavelmente vai querer interrogá-la. — Pablo responde.

— Encontraram Liana? — Pergunto com um fio de esperança.

— Não, mas precisa ver isto. — Fala me entregando o notebook com um vídeo pausado.

Dou o play e vejo o jardim lateral, que dá para o quarto de Liana. Nas imagens, posso ver Liana na sacada do seu quarto olhando pela janela, ela parece chorar. Não demora para que a veja se apoiar na lateral da sacada e descer, se apoiando nas plantas do muro. Meu coração acelera, com medo de que ela tenha caído e se machucado. Assisto angustiado ela escapar e correr pelo jardim. Um guarda se aproxima, mas Liana o vê e se esconde atrás das plantas. Logo Ruiz a encontra e os dois conversam, mas as câmeras do jardim não têm áudio, não posso ouvir o que dizem. Liana limpa o rosto e ele entrega a chave do seu carro. Em seguida, Liana o abraça, e meu corpo todo endurece, nesse momento me arrependo de tê-lo matado tão rápido, ele merecia ser torturado lentamente.

Liana corre até a Captiva preta e consegue entrar sem ser vista, porém, ela fica um tempo parada dentro do carro. Logo em seguida, ela sai acelerando pela fazenda, saindo pelo portão dos fundos.

— A perícia no carro já foi feita?

— Sim. E amanhã pela manhã já saberemos qual o modelo do carro que deixou aquelas marcas, isso poderá ajudar a encontrá-la.

— Quero que feche todas as saídas de Andaluzia para os outros

estados e reforce as fronteiras do país. Ela pode tentar levar Liana para fora.

— Não tem como fazer isso sem a autorização do seu pai, já que ele está como regente. Será preciso falar com os governadores de cada estado, e com o prefeito de Cádiz.

— Faça o que for preciso para impedir que saiam do país com Liana.
— Falo pensando em todas as hipóteses.

Em menos de três horas, meus pais estarão aqui, e preciso me preparar para enfrentar os dois.

— Ainda não entendo o que Alexandra faz aqui. — Digo olhando diretamente para ela.

— Assista à segunda gravação. — Pablo fala olhando para ela duramente.

Faço exatamente o que ele diz. O vídeo é de antes da fuga de Liana, mais cedo. Ela chega à fazenda e sorri olhando para um papel em suas mãos, imagino que seja o teste de gravidez. Meu coração acelera ao ver o quanto ela estava feliz. Ela subia as escadarias da frente e, antes de entrar na sala, foi abordada por Alexandra. Olho para ela com o cenho franzido, ela volta a chorar. Meus olhos voltam para a tela e posso ver as duas começarem a conversar. Não é possível saber o teor da conversa, mas pela expressão no rosto da minha mulher, posso imaginar exatamente o que Alexandra está dizendo. A gravação segue, Liana entra na sala e desaba no chão chorando; meu peito se parte em mil pedaços assistindo a sua dor. Ela fica ali por um tempo, até se levantar e ir em direção ao escritório, onde, pelo vídeo, posso ver que ela tenta ligar o computador, mas não consegue, e então revira todas as gavetas até encontrar a foto de Melissa.

Nesse momento, eu queria poder trocar de lugar com ela. Seu desespero é tão forte que ela senta na cadeira e soluça, parecendo ferida. Liana encontra a pasta que continha todas as informações dela. Dou zoom na câmera e observo-a pegar minha agenda e folheá-la.

— Chega, eu não preciso mais ver isso. — Digo entregando o notebook para Pablo.

— O que disse a ela, Alexandra? — Puxo-a pelos braços com tanta brutalidade que a mesma cai no chão. — O que fez a Liana? O que disse a ela? — Chacoalho seu corpo.

— Hector, preciso que me entenda. Eu não sabia que isso aconteceria, eu só quis o seu bem.

— Meu bem? E desde quando você tem direito de se intrometer na

minha vida?! — Grito a largando no chão antes que eu faça uma besteira da qual me arrependa mais tarde.

— Essa garota matou Melissa, ela é perigosa. Eu tive medo que fizesse algo contra você.

— Não seja ridícula, Alexandra. Você não tinha esse direito! Eu mesmo ia contar para Liana. Você tem noção que ela corre perigo de vida.

— Eu não sabia, eu juro, Hector. Agi errado, mas eu te amo, não suportei ver a maneira como olhava para ela. Aquela assassina estava te enganando, ela estava te seduzindo.

— Amor, Alexandra? Você só pode estar louca. Eu nunca dei sequer uma brecha para essa paixão maluca que você tem.

— Hector, por favor, me entenda, eu só contei a ela porque tive medo. Essa mulher é uma pobre coitada, não passa de uma empregada, uma assassina. Como pode se preocupar com ela?! — Grita enfurecida.

Eu não me controlo e avanço em sua direção, a puxando pelo braço e olhando em seus olhos com todo o desprezo que sinto por ela.

— Essa mulher, essa empregada, a assassina que você tanto despreza, será sua rainha! E, se você não aceita isso, faça-me um favor e saia do meu país. — Digo e a solto. — Quero você fora da fazenda, Alexandra, e fora da minha vida! Não quero olhar na sua cara nunca mais! — Falo com desprezo.

— Não pode fazer isso, Hector! Você sabe que o parlamento quer que fiquemos juntos; eu sou uma nobre, não pode me tratar assim.

— Olha para mim, Alexandra, eu sou o rei da Espanha e parlamento nenhum vai me fazer tomar uma cobra como você como minha esposa!! Desapareça da minha frente, antes que me esqueça que é uma mulher e faça uma merda. — Digo furioso, sabendo que Liana e nosso filho correm perigo por causa dessa víbora.



Depois do desgosto de desmascarar Alexandra, fiquei sabendo por Pablo sobre o sujeito que ele havia trazido consigo, do atentado contra sua vida. Mesmo após ser duramente interrogado, o infeliz não havia dito muito. Ele apenas confirmou que foi Taylor quem o havia contratado, e que havia recebido metade do seu pagamento em dinheiro vivo. O restante seria pago

após concluído o serviço, em Madrid. O que nos leva a crer que Elisabeth e Taylor estejam na capital, afinal. Preciso urgentemente que o bloqueio seja implementado. Foi quando ouvi o som de um helicóptero pousando. Imediatamente, fui para fora, na entrada da fazenda, já sabendo que eram meus pais. Meu pai desceu do helicóptero primeiro, seguido por Henrique, seu assistente pessoal, e mais quatro seguranças. Por último, desceu minha mãe.

Engoli em seco, ansioso por como reagiriam ao saber a merda que fiz.

— Você tem muito o que explicar. — Diz minha mãe passando reto por mim e entrando na sala, sem nem mesmo me cumprimentar.

— O que está acontecendo, meu filho? — Questiona meu pai preocupado.

— É melhor vocês entrarem, eu explico tudo lá dentro.

— Você estava acobertando-o, não é, Pablo? Todo esse tempo vocês o estavam acobertando, pelas minhas costas. Cadê Afonso? Tenho certeza de que aquele moleque também está envolvido nisso. — Grita minha mãe e Pablo que fica estático.

— Mãe, se acalme, irei te contar tudo que está acontecendo.

— “Se acalme”, Hector? Como quer que eu fique calma se descubro que meu filho está mentindo para mim por quase seis meses? Espera, pode ser bem mais que isso, não é?! — Diz apontando o dedo na minha cara, nunca a vi tão nervosa como agora.

— Com licença. A perícia chegou, senhor — Diz Henry.

— Resolva isso para mim, Pablo. E mande preparar um retrato falado de Taylor e Elisabeth. Ofereça um milhão de euros para qualquer informação que leve ao paradeiro dos dois. E, se descobrir algo, me avise na hora.

— Ok, vamos, Henry. — Diz Pablo, e os dois saem da sala, deixando apenas eu e meus pais.

— Mãe, é melhor se sentar, preciso que fique calma.

— Você está péssimo, meu filho. O que está acontecendo? — Pergunta meu pai preocupado.

— Estou bem, pai. Sente-se também, preciso contar a vocês sobre a minha maldita vingança.

— Espera, você não fez o que eu estou pensando? — Mamãe balança a cabeça já entendendo. — Hector Carlos VI de Ortega, o que fez com aquela garota? — Questiona ela pálida.

Eu não consigo nem olhar em seus olhos. Me sinto um merda,

envergonhado pelos meus atos.

— Eu a destruí, mãe, eu destruí Liana. Eu a machuquei, magoei e brinquei com seus sentimentos. — Digo colocando para fora todo o meu desespero e arrependimento, e deixando as lágrimas desabarem.

— Hector, como foi capaz? — Meu pai fala desolado.

Minha mãe continua calada, nem sequer olha para mim. Vou narrando aos dois cada erro que cometi, cada passo que dei nessa maldita vingança. Por fim, quando consigo terminar meu relato, já não suporto e me sento na poltrona da sala com as mãos no rosto. E choro desoladamente, sem saber o que fazer para resgatá-la. Sem saber se um dia ela irá me perdoar. Sem saber se nosso bebê está bem. Mamãe se aproxima de mim; levanto meu rosto e olho para ela, vendo a decepção em seus olhos. Quando menos espero, ela me acerta um tapa tão forte que faz meu rosto girar.

— Esse tapa não é nada perto da surra que eu deveria dar em você. Me arrependo de nunca ter levantado a mão para você, meu filho. Talvez tenha sido esse meu erro na sua criação.

Suas palavras doem, mais do que mil tapas. A decepção em seus olhos é horrível de assistir.

— Me perdoa, mãe. — Suplico olhando para ela, que chora decepcionada.

— Onde eu errei, Felipe? Onde foi que nós erramos com esse menino?!

— A culpa não é sua, mãe. Você foi maravilhosa. — Tento convencê-la.

— Eu te dei todo o amor do meu coração, te amei desde que te vi pela primeira vez, tão pequenino naquela cesta. Lutei pela sua vida. Te eduquei para ser um homem, mais do que isso, para ser um rei.

— Mãe, por favor, me perdoa. Eu juro que me arrependo tanto. Pai...

— Inês tinha razão, Hector, o sangue é mais denso que água. Isso que você fez é coisa dos Cartier, não do meu filho, do príncipe que criei.

— Não diga isso, minha mãe, por favor. Mãe, me perdoa. Eu preciso de você, preciso de vocês agora mais do que nunca.

— Você não tem ideia do quanto estou decepcionado com você, filho. Nunca esperaria uma coisa dessas, Hector. — Fala meu pai se sentando na cadeira abatido.

— Mãe...

— Você tem noção da gravidade do que fez, Hector? Eu não faço

ideia do que vai fazer, mas precisa arrumar essa bagunça. Precisa encontrar Liana e meu neto.

— Sim, eu sei. Eu juro que farei de tudo para conseguir o perdão de vocês e da Lia.

— Quando se quebra a confiança, ela não pode ser mais restaurada. Eu sou sua mãe, sempre vou estar ao seu lado. Vou te perdoar, filho, meu amor é incondicional. Porém, não confio mais em você. — Fala magoada. — Torça, meu filho, para que ela te perdoe. Porque, sinceramente, eu, no lugar dela, não perdoaria.



Após a nossa conversa tudo mudou, minha mãe estava fria e meu pai decepcionado.

Voltamos todos para Madrid, onde uma grande operação de busca foi montada. Coloquei toda a inteligência trabalhando nisso. Contudo, é como se ela tivesse evaporado.

A imprensa está cercando feito urubus para entender o que aconteceu.

A perícia ficou pronta e descobrimos que Taylor e Elisabeth usaram uma caminhonete 4x4 L200 Triton. Pablo conseguiu encontrar o carro dentro do Lago da Concórdia, em Guadalajara, que é bem perto de Madrid, o que me faz crer que eles não saíram do país. Mas onde esses psicopatas se escondem e o que estão fazendo com meu anjo, isso ainda não conseguimos saber.

Liana

Uma forte claridade em minhas pálpebras me faz despertar. Abro os olhos, que ainda estão pesados, e pouco a pouco lembro de tudo que aconteceu.

Minhas mãos estão soltas e a primeira coisa que faço é tocar meu abdômen, pensando no meu bebê. *Senhor, proteja meu filho, não deixe que nada aconteça a ele.*

Com um pouco de dificuldade, consigo me sentar na cama. Meu coração está acelerado e sinto dificuldade em respirar, meu corpo está mole e cansado. Fecho os olhos tentando me acalmar. Não posso passar mal, não aqui nesse lugar. Preciso ser cautelosa para proteger meu bebê. Não sei o que essas pessoas são capazes de fazer se descobrirem que estou grávida.

A porta se abre e o mesmo médico de antes entra.

— Vejo que já acordou; espero que esteja melhor, Elisabeth.

— Meu nome é Liana. — Digo tentando me acalmar.

— Vou levar você para o quarto, ficará lá até se adaptar. Provavelmente uns três dias, se você se comportar bem. Terá a oportunidade de sair de lá e ficar com os outros pacientes. Mas já lhe aviso que aqui na clínica vem sem um preço, você terá que merecer. Entendeu? — diz olhando para os meus peitos, me causando repulsa.

— Entendi, prometo me comportar. — Finjo o melhor possível. Não irei fazer nada por enquanto, não posso arriscar que me dope novamente.

— Venha comigo, irei te levar até lá. — Fala me ajudando a ficar de pé.

Meu corpo todo fica tenso, não sei o que posso esperar desse lugar; vindo da Liz, nada de bom deve acontecer aqui. Mesmo com as pernas fracas, fiz de tudo para sustentar meu corpo e não cair ao ser arrastada por um corredor sujo e mal iluminado.

Passamos por um grande salão, onde muitas pessoas andavam de um lado para o outro. Imagino que muitos sucumbiram à loucura ao ficar presos em um inferno desse. O médico maluco me arrasta por entre os pacientes, porém, como minhas pernas estão fracas, eu cambaleio, perdendo o equilíbrio, quase caindo em cima de uma mulher.

Ela me olha brava; seus cabelos são vermelhos e cacheados, seu rosto está sujo. Ela veste uma camisa de força e parece fora de si, me analisa com seus olhos castanhos profundos.

— Me desculpe. — Tento dizer a ela, enquanto sou levada para longe dali.

Descemos algumas escadas até estar no que parece ser um subsolo. O chão é de terra batida, há muita umidade e o cheiro é horrível, me faz ter ânsia. Me seguro para não vomitar. Reparo que só há uma janela nesse lugar, e ela tem grades de ferro.

O médico para em frente a uma das celas e tira do bolso do jaleco uma chave, abre a porta e me empurra para dentro.

— Nós vemos em três dias, Elisabeth. E então iremos começar seu tratamento intensivo.

Olho para a cela escura e para o médico desgraçado, jurando a mim mesma que o farei pagar pelo que está fazendo comigo.

Sento-me no chão gelado e começo a pensar em mil maneiras de sair daqui. Preciso ganhar a confiança do médico e garantir que ninguém descubra que estou grávida; sairei daqui antes que minha barriga apareça. Se pudesse voltar atrás, não teria fugido, pois acabei caindo direto nas mãos de Liz. Com toda certeza Ruiz estava a mando dela.



Dois dias se passaram lentamente e, mesmo me odiando por isso, passei boa parte do tempo pensando nele. No quanto fui ingênua e caí na sua teia de vingança. Pensei em nosso filho, que cresce em meu ventre. Qual seria sua reação ao saber que a mulher que ele mais odeia no mundo está esperando um filho seu? Um homem cruel como ele jamais aceitaria uma criança vinda de mim, ainda mais sendo quem ele é.

Estou suja, não pude nem usar um banheiro, me sinto uma indigente. A comida é apenas um copo com água e uma sopa verde que parece lentilha, só é entregue uma vez ao dia.

O gosto é horrível, mas tenho que ser forte e não vomitar, o único alimento que tenho. Os gritos das outras celas são o que mais me perturba; é torturante pensar que essas pessoas podem ser vítimas como eu. Será que a polícia nunca investigou esse lugar?! Como pode existir uma clínica assim?

Ouçõ passos na escada e os outros internos começam a gritar, imagino que vieram buscar alguém. Vejo um homem vestido de branco que não é o doutor; ele é jovem, tem cabelos castanhos e olhos negros. Segura as chaves em uma mão e assobia como se nada estivesse acontecendo.

— Bom dia, Elisabeth, você tem visitas. — Fala sorrindo para mim.

— Meu nome é Liana Castela.

— Vixe, essa é doida de pedra. — Fala rindo de mim, olhando-me com nojo do meu estado. Mas não tenho tempo de dizer nada, porque atrás dele vejo Liz, vestida com um vestido vermelho de luxo, entrando na minha cela, enquanto o enfermeiro sai.

— Irmãzinha, não sabe como senti sua falta! — Ela fala sorrindo ao ver meu estado.

— O que quer aqui, Elisabeth, não está satisfeita ainda?!

— Estou, muito! Não imagina o quanto é adorável ver você assim! Você não imaginou mesmo que eu deixaria você ficar com seu príncipe encantado, né?

— Me deixa em paz, sua maluca desgraçada!! — Grito não aguentando segurar a raiva.

— Eu irei, queridinha. Vou fazer uma viagem bem longa pelo mundo. Terei uma vida maravilhosa enquanto você morrerá lentamente aqui.

— A única doida aqui é você, sua assassina! Eu sei que você e Taylor estão por trás da morte dos meus pais.

— Você está certa. Por sua culpa os dois iriam me colocar numa clínica para doentes mentais e antes disso acontecer, eu tinha que dar um jeito neles.

— Você é um monstro cruel, como pode?!

— Isso não importa, no final das contas eu sempre venço. E você está no lugar que sempre foi seu, no lixo. — Fala me olhando com nojo.

Antes que possa me controlar, avanço em sua direção, fora de mim e, com uma força sobrenatural, eu consigo derrubá-la no chão e socar seu rosto. Liz tenta se soltar, mas meu ódio é grande demais. Minhas unhas cortam seu rosto; eu a ataco ferozmente, até sentir meu cabelo ser puxado e o enfermeiro me separar da maldita.

— Você pagará caro por isso, desgraçada! Seu inferno está só começando. Você implorará para morrer ou ficará louca de vez. Farei questão que sua estadia seja a pior possível.

— Você pode não acreditar em mim, mas eu juro que te farei pagar. Eu juro, Elisabeth, você será a única a preferir morrer, quando começar a minha vingança.

— Você pensa que é quem para me enfrentar, Liana? Você é patética!

— Eu vou contar os minutos e as horas até acabar com você. Pois mesmo que esteja de joelhos, implorando por misericórdia, eu não terei clemência, até ver seu último suspiro! Olha bem para o meu rosto, ele será o último que verá em sua morte.

— Vamos, deixa essa louca aí. — Ela diz arrumando a roupa e saindo da cela.

— Eu vou te encontrar, onde quer que se esconda. Você pode ir, mas

saiba que eu vou te achar, eu juro! Eu vou sair daqui!! Você irá me pagar,
Elisabeth, eu prometo!



CAPÍTULO 22



FALTA, AMOR

SINTO SUA

"O verdadeiro vencedor é aquele que, mesmo nos momentos de dificuldade, jamais desiste dos seus objetivos e enfrenta o sofrimento de cabeça erguida, sabendo que mais à frente a grande vitória chegará."

Liana

Estava sentada no canto da parede observando tudo ao meu redor, analisando cada movimento de todos aqui. No total são vinte e oito funcionários, incluindo os seguranças e a “rainha”, como Rosely, a diretora desse lugar, gosta de ser chamada.

A maldita faz a vida de todos aqui um inferno. Ela sempre sorri quando um paciente é levado para a sala doze, onde sofrem vários tipos de tortura, inclusive lobotomia.

O pior foi ver a minha pulseira em seu braço. A linda joia que ganhei

de Hector no dia do nosso passeio de barco me foi tirada quando entrei nesse hospício.

Olho diretamente para a ruiva que está calada, sentada perto da porta; ela desce o olhar e baixa a cabeça. Uma enfermeira vem chamar todos para o refeitório.

Espero todos saírem para ser a última, e aguardo minha vez na fila; mesmo com vontade de vomitar aceito o prato de sopa. Olho para ela sentada à esquerda e vejo a oportunidade perfeita para me aproximar. Sento-me ao seu lado com o prato nas mãos.

— Eu sei que você não é louca. — Jogo a isca.

— Como você percebeu? — ela fala baixo para que ninguém escute.

— Faz algum tempo que observo você e sei que está fingindo. Também sei que escapa no meio da noite para se encontrar com o enfermeiro Rafael na lavanderia.

— O que você quer? — Questiona direta.

— Imagino que esteja planejando uma forma de sair daqui. — digo num sussurro.

— Isso não é da sua conta. — Ela diz na defensiva.

— Claro que é, já que nós duas queremos a mesma coisa. — Sorrio para ela e coloco uma colher de sopa na boca, fechando os olhos para não vomitar.

— Não sei o que você planeja, mas não deixarei que me atrapalhe. — Diz a ruiva irritada.

— Qual o seu nome? — Ignoro sua irritação.

— Wenida.

— Liana. Nós vamos sair daqui, Wenida, juntas. Mas para isso, precisamos nos unir. Você já percebeu que somos as únicas nesse lugar que não somos loucas, e se quisermos sair deste inferno teremos que contar com a ajuda uma da outra.

— Como saberei se posso confiar em você?

— Você não saberá, terá que arriscar se quiser sair daqui. — Digo me levantando e levando meu prato, a deixando sozinha para que pense.

— Elisabeth, o doutor Davis te espera na sala dele. — Fala a enfermeira que mais detesto.

— Já disse que meu nome é Liana. — Falo com raiva e ela puxa meu cabelo com força, me prendendo contra a parede.

— Escuta aqui, sua maluca, você não dá as ordens aqui, tá me

ouvindo?

— Tudo bem, desculpe. — Falo me controlando ao pensar no meu bebê.

— Vem comigo. — Me puxa para o corredor dos consultórios e abre a porta da sala de Davis, me jogando lá dentro com tudo; preciso me apoiar para não cair no chão.

Essa maldita vai me pagar caro por isso. — Penso comigo.

— Que bom que chegou, Elisabeth. Mande te chamar para nossa consulta de rotina. — Diz o nojento do médico.

— Eu estou me sentindo bem, não acho que precise de outra terapia de choque. — Falo lembrando da última consulta, em que ele tentou colocar eletrodos em meu cérebro e só parou quando eu afirmei que já entendia que meu nome era Elisabeth e não Liana, e disse que faria qualquer coisa que ele quisesse.

— Você sabe que é minha paciente mais linda, não sabe?

— Hum. — Digo me arrepiando só de pensar no pretende.

— E eu protejo quem eu gosto Liana, se não fosse por mim Rosely já teria te colocado na sala doze e você sabe o que acontece lá.

— Sim. — Digo engolindo em seco.

— Então, minha flor, não quero que isso aconteça com você — ele fala e acaricia meu rosto, enquanto eu me mantenho estática.

— Só não me coloque no choque, por favor.

— Terá que me dar algo em troca. — Ele fala malicioso.

— O que quer? — questiono, me segurando para não chorar.

— Por hoje eu só preciso que me beije. — Diz olhando para os meus peitos.

Me aproximo dele e encosto minha boca na sua com um nojo enorme.

— Não tão rápido. — Fala e puxa meu corpo para o seu, me beijando profundamente; eu não o correspondo, meu corpo fica paralisado de nojo e medo. — Seu gosto é melhor do que imaginava, Elisabeth, você não sabe quanto tempo tenho pensando em te beijar.

— Eu fiz o que você queria, agora eu quero que dê permissão para que eu trabalhe na cozinha. Não aguento mais ficar à toa, e eu vi duas pacientes trabalhando lá. Quero fazer alguma coisa, nem que seja lavar as louças ou descascar legumes.

— O que me pede é muito difícil de conseguir, Rosely não vai querer deixar; por ela você ainda estaria nas celas.

— Por favor, prometo me comportar.
— Verei o que posso fazer. — Ele fala beijando meu pescoço e tenho que me segurar para não dar uma tapa na cara dele.
— Posso ir? — falo tentando me afastar.
— Pode sim, minha flor. Vá para o pátio tomar um ar, está muito abatida.



Alguns dias depois, eu já estava trabalhando na cozinha, o que foi um ótimo avanço para o meu plano. Fazia de tudo para passar despercebida, e assim entendi porque Wenida se passava por louca. Falando nela, no dia seguinte à nossa conversa, ela veio me procurar e aceitou me ajudar no plano de fuga. Contei a ela tudo que planejo e fiquei chocada quando ela me disse que transa com o enfermeiro Rafael em troca de alimento e proteção. Aqui neste lugar me dei conta de que o desespero nos faz fazer as piores coisas.

Me sentei em um banco de concreto no pátio da clínica e esperei Wenida chegar. Ela não demorou muito para aparecer, com os cabelos bagunçados, fingindo dançar perto dos vigias. Fiquei quieta de cabeça baixa até ela sentar ao meu lado

— Conseguiu a chave? — Pergunto baixo para que ninguém note.
— Sim, foi mais fácil do que imagina, roubei enquanto “você sabe”, ele nem notou.
— Esconda dentro do colchão do seu quarto. Precisamos seguir com o plano e logo, logo estaremos fora daqui.

Hector

Estou na minha cama, já passa das duas da manhã e não consigo dormir; não sabendo que você não está aqui. O pior é que não posso culpar ninguém além de mim. Eu não te protegi amor, não cuidei de você da

maneira como você merecia.

Sinto tanto a sua falta; do seu cheiro, do sabor dos seus lábios e dos seus cabelos revoltos ao acordar. Suas coisas estão todas no meu quarto no Palácio de Oriente.

É uma tortura olhar para o seu colar e saber que não está aqui para usá-lo. O brilho azul me enfeitiça e me faz lembrar da única vez em que a vi usando-o, no dia do nosso casamento. Daria tudo para poder voltar atrás e ter lhe dado um casamento digno de uma rainha.

Me levanto da cama e pego meu celular, em busca de alguma mensagem de Pablo ou da equipe de inteligência. Porém não há nenhuma mensagem nova, apenas o silêncio da noite fria. Vinte e dois dias sem notícias de Liana, isso é angustiante. Não sei o que é pior: não conseguir dormir pensando nela, ou quem sabe dormir exausto e acabar sonhando com ela, mais uma vez presa nas mãos de dois psicopatas. Quanto mais o tempo passa, pior é meu medo de não a encontrar viva. Não temos nenhuma pista da psicopata ou de seu comparsa. Os desgraçados são espertos e provavelmente estão usando identidades falsas para se esconder. Decidido a tentar gastar essa raiva dentro de mim, saio do quarto, indo para a academia do palácio, já que dormir será impossível.



A cada golpe que dava no saco de pancada, eu imaginava o rosto dos miseráveis no lugar. Meu corpo estava dolorido, o suor escorrendo, mas não sentia alívio; a tensão continua. Largo as luvas no chão e recolho a camisa que usava. Saio da academia me sentindo tão miserável como quando entrei. Já passava das sete da manhã e, depois de um banho rápido, fui direto para o meu gabinete esperar Pablo chegar com alguma notícia. Meu celular toca sem parar, o que é estranho pela hora da manhã. O número de Arturo brilha na tela e decido atender, preocupado que algo tenha acontecido com meus afilhados.

— Cartier?

— Ortega, que bom que atendeu. Sei que ainda é muito cedo aí na Espanha, mas precisava falar com você.

— Aconteceu alguma coisa com Verônica ou com as crianças?

— Não. Verônica está bem, assim como meus filhos. — Diz ele ciumento.

— Então algo com Alice ou Paloma? — Pergunto preocupado me lembrando do quanto Paloma sofreu no passado.

— Não, elas estão bem, na medida do possível. Estou te ligando porque nosso pai está doente e ele quer falar com você. — Ele fala com a voz trêmula.

— Meu pai é Felipe Ortega, e se está me ligando para pedir que eu vá encontrar o meu doador de esperma, sinto muito te dizer, mas perdeu seu tempo.

— Hector, eu sei o que pensa dele, entendo que o odeie, mas ele precisa de você nesse momento.

— Como eu disse, Arturo, perdeu seu tempo ligando para mim. Se não tiver algo mais importante para dizer, preciso desligar, tenho assuntos mais importantes para resolver.

— Tudo bem, Ortega, espero que não se arrependa. — Diz antes de desligar.

Irritado com a ligação, quase arremesso o celular na parede. Era só o que me faltava, o maldito do Santiago me chamado.

A porta do meu gabinete se abre e meu pai passa por ela.

— Bom dia, filho, como dormiu?

— Não dormi; não consegui, pai, não sem saber como ela está.

— Você vai acabar ficando doente desse jeito. Nem quando Melissa se foi você ficou assim, Hector. Sua mãe chamou o doutor Magnelo para te examinar, filho, você está perdendo muito peso. Sua mãe também está preocupada com sua saúde mental.

— Eu estou bem, e ficarei melhor ainda quando encontrar Liana sã e salva.

— Precisamos dar uma coletiva para a imprensa, estão especulando muitas coisas sobre seu retorno. O parlamento quer marcar uma audiência com você.

— Não tenho cabeça para isso agora, meu foco é Liana.

— Toda a nossa equipe de inteligência está procurando por ela, Hector. Você é o rei, não pode negligenciar seu povo, nem o seu cargo.

— Como quer que eu vá para o parlamento ficar horas reunido com aqueles abutres se minha cabeça está em Liana?

— Nós vamos encontrá-la, filho — diz meu pai tentando me consolar,

mas a cada dia minhas esperanças vão se esvaindo. Algo dentro de mim diz que esse será meu castigo.

A porta volta a se abrir e mamãe passa por ela; seus olhos vêm direto em mim com pesar.

— Por que não veio tomar café com a sua família? Charlotte está preocupada com você. Desde que voltou, passa todas as horas possíveis na sede da inteligência ou trancado nesse escritório.

— Eu estou sem fome.

— Você acha que ficando doente, ela vai voltar? Ramon está fazendo a sua caveira no parlamento e você está aqui trancado enquanto uma crise se instala no nosso reino.

— Ramon é um covarde, não aceita que jamais irei me casar com a cobra da filha dele.

— Pedro Sánchez, o primeiro ministro, está segurando as pontas com a oposição no parlamento, mas eles estão aproveitando a sua ausência para votar em pautas como aumentos de impostos.

— Eles não podem fazer isso! — Digo enfurecido.

— Você está dando munição contra si mesmo. — Meu pai fala inconformado.

— Desgraçados, não podem fazer isso. Eu sou o rei. — Bato na minha mesa com ódio desses malditos sanguessugas!

— Então aja como um rei, e não como um moleque!! — Fala minha mãe enfurecida, virando as costas e saindo.

— Eu vou atrás dela. Pensa no que falamos, filho.

Decido tomar as rédeas da situação, se quero algo bem feito, terei eu mesmo que fazer. Ligo diretamente para Emmanuel Macron e no segundo toque ele me atende.

— Hector Ortega, *depuis combien de temps n'avons-nous pas parlé, mon ami*. — Fala ele assim que me atende de maneira cordial, perguntando quanto tempo que não nos falamos.

— *J'ai besoin d'une faveur de toute urgence. Je cherche deux fugitifs qui pourraient tenir mon otage!* — Peço sua ajuda para encontrar Elisabeth e Taylor ou Liana, que podem estar escondidos na França.

— *À la fin de la journée, j'aurai des informations, qu'ils soient ou non dans mon pays!* — Diz me avisando que até o fim do dia, ele saberá se eles estão ou não na França.

Após desligar o telefone, ligo para o presidente de Portugal, Marcelo

Rebelo, e após ter sua confirmação de ajuda, ligo para Joan Enric Sicília, rei de Andorra, que também me garante conseguir o máximo de informações possíveis.

Por fim, restou o rei do Marrocos, Mohammed Ben Youssef, que me deve um favor. Eu o ajudei a encontrar a noiva fugitiva do filho, Maya, amiga da Liana.

Uma sensação de esperança toma conta de mim e algo me diz que irei encontrá-la. Se Elisabeth e Taylor saíram do país, eles têm que ter passado por um desses países e agora, com eles ao meu lado nessa busca, irei encontrar os miseráveis.

Afonso

O voo da França até a Espanha foi rápido. Alessia dormiu o tempo todo, já que a noite anterior ela passou acordada. Só de lembrar das noites intensas que tivemos em Paris, meu pau já ganha vida própria.

A aeromoça avisa que iremos pousar, então decido acordar Alessia para que ela coloque o cinto.

— Amor, chegamos. — Falo enquanto tiro o cabelo do seu rosto, ela fica tão linda dormindo que tenho até dó de acordá-la.

— Oh meu Deus, você não devia ter me deixado dormir; agora vou chegar na frente da sua família com a cara borrada.

— Ei, para com isso, você está linda. Mas, se te deixa mais calma, nós não vamos para nossa casa. O rei precisa de mim aqui na capital, e também, Madrid é minha casa oficial. A minha mãe e meu irmão vivem em Ávila. Iremos para lá hoje e à noite, mas antes vamos nos instalar e descansar, depois vou te levar para conhecer a cidade.

— O que sua mãe vai achar de mim?

— Não vou mentir para você, provavelmente ela vai te odiar e fará de tudo para te fazer se arrepender de ter casado comigo. Mas tenho certeza que ela não é páreo para a minha latina teimosa.

— Com toda certeza, não. — Ela sorri, mas sei que está nervosa.



No carro, Clara olhava tudo curiosa, o que é comum para as crianças na sua idade.

— Você vai amar Madrid, é o melhor lugar do mundo. — Falo empolgado de ter as duas do meu lado. O caminho foi rápido, e logo estávamos entrando pelos grandes portões da Fortaleza Vermelha, uma bela construção histórica com arquitetura árabe e romana, feita inteiramente de pedra. Seus jardins são considerados patrimônio arquitetônico da Espanha, já que preservam um antigo sistema de irrigação romano.

Como já era de se esperar, todos os funcionários aguardavam do lado de fora em fila, e Alessi olha tudo alarmada. Lorena segura a mão de Clara, ajudando-a a descer do carro.

— Sejam bem-vindas à Fortaleza Vermelha. Vem comigo, vou apresentar os criados. — Falo ajudando Alessia a descer.

— Seja bem-vindo, senhor. — Diz meu mordomo Gérard.

— Esta é Alessia, minha esposa e nova duquesa de Aragão. A partir de agora ela dá as ordens aqui, quero que a tratem com respeito. Aquela pequena ali é minha cunhada Clara, irmã da minha esposa, e viverá conosco em Madrid.

— Seja bem-vindas. Senhora Aragão, estamos às ordens. — Diz ele a Alessia.

— Vem, vou te mostrar a casa. — Falo levando as duas para dentro. Alessia olha ao redor encantada com a decoração rústica em estilo espanhol. — Espero que goste. Você pode mudar qualquer coisa, afinal é dona da casa. A nossa suíte fica no segundo andar, afastada do restante dos quartos. Clara, o segundo quarto à direita é seu, mandei decorar especialmente para você. — Falo a ela. — Lorena vai te mostrar.

— Uau, obrigada, Afonso. — Ela diz dando pulinhos de animação e Lorena a leva para o andar de cima.

— Você está mimando demais essa garota.

— Não imagina como vai ser quando tiver nossos filhos. — Falo sorrindo só de imaginar ter filhos com minha latina teimosa.

— Calma aí, bonitão, vamos devagar com as coisas. Eu aceitei dar uma chance a essa coisa que estamos sentindo, mas filhos já é outra história.

— De novo essa história de ir com calma. Se fosse por mim, já teria jogado essa porcaria de anticoncepcional fora e estaríamos agora mesmo encomendando um herdeiro.

— Continua assim, meu duque, e pensarei no seu caso. — Ela diz e sobe as escadas rebolando. Porra, essa mulher ainda vai me deixar louco!

Subo as escadas atrás dela e a encontro na suíte principal olhando para o quarto de boca aberta.

— Esse é o maior quarto que já vi.

— Espera até experimentar a cama. — Digo a pegando no colo e jogando com tudo sobre os lençóis macios. Alessia tenta bater no meu peito, mas seguro suas mãos para cima e beijo sua boca com fome.

— Safado, filho da mãe. — Fala enquanto morde meu pescoço.

— Estou doido para mostrar o quão macia essa cama é. — falo mordendo seus seios por cima da blusa.

— Hum, então tá esperando o que para começar a mostrar? — A safada questiona provocando.

Começo a beijar seu pescoço, deslizando sua blusa para fora do seu corpo. Seus seios ficaram à mostra e é um pecado não deixar os dois vermelhinhos com meus beijos.

Mordi o biquinho rosado, lambendo e chupando, passando a língua sobre sua pele macia. Fazendo um caminho de beijos pelo seu colo e barriga até chegar na saia, que atrapalha meu trabalho. Abri o zíper e me desfiz dela rapidamente, deixando apenas sua calcinha vermelha.

— Vermelho virou minha cor favorita agora.

— Bom saber disso, irei comprar mais. — Ela fala mordendo os lábios.

— Hum, dá para sentir sua boceta molhada. — Falo tocando por cima da calcinha. —

— Para de me torturar, Afonso, e me chupa logo — diz manhosa e eu puxo as laterais da sua calcinha rasgando-a e libertando sua bocetinha da sua prisão.

Lentamente vou passando os lábios pela sua boceta, saboreando cada cantinho seu. Suas mãos vão direto para o meu cabelo, puxando com força.

— Afonso, não para, amor!

Seus gemidos são uma tortura, já estou com o pau latejando e minhas bolas já estavam doendo de tesão. Assoprei sua boceta e coloquei dois dedos dentro dela, fazendo movimentos de vai e vem. Alessia se contorce na cama,

louca de prazer. Minha língua massageia seu clítoris e não demora muito para que ela exploda em minha boca, gritando de prazer.

— Deliciosa. — Falo lambendo meus lábios, para logo em seguida me livrar das minhas roupas, sendo devorado por seus olhos castanhos.

— Você é lindo, ainda mais com esse pau duro apontando para mim. — Ela fala abrindo as pernas e se tocando apenas por olhar para mim.

— Você que me deixa desse jeito, minha duquesa. — Falo me masturbando.

Alessia sorri provocando e se ajoelha na cama. Seus olhos brilham em direção ao meu pau, que lentamente ela vai abocanhando, chupando devagar, me torturando. Seguro seus cachos rebeldes, fazendo um rabo de cavalo, a forçando a levar meu cacete por inteiro em sua boca. Eu não queria gozar logo, então a puxei para mim beijando sua boca e sentindo nossos sabores misturados. Puxei-a para o meu colo, encaixando meu pau em sua entrada.

— A sua boceta tá tão molhada, amor. — Falo enquanto estoco profundamente dentro dela, ainda de pé. Alessia rebola no meu colo arranhando minhas costas. Sento-a na cama, sobre os lençóis de seda, e beijo sua boca apaixonado; seu sabor é diferente de tudo que já experimentei na vida. Comecei a me movimentar dentro dela e a safada passou a gemer mais alto.

— Ai, Afonso! — Fala gozando e eu grito gozando junto.

Não sei quantas vezes fizemos sexo naquele quarto. Só saímos de lá com Clara chamando a gente para almoçar. Passamos uma tarde relaxante juntos, mostrei às duas cada canto da propriedade.



A noite já tinha começado, e eu já estava pronto para meu jantar em família. Após ter falado com Hector no telefone, fiquei pensando em como contar a Alessia o que aconteceu com Liana e Hector. Antes que eu termine meu raciocínio, a vejo descendo as escadas usando um vestido longo verde com uma fenda sensual na perna.

— Será que estou bem para uma duquesa?

— Você está linda, meu amor, é só um jantar simples na casa da minha mãe, só vai vir meu irmão e sua namorada.

— Tudo bem, só estou nervosa por deixar Clara sozinha com Lorena.
— A casa está segura; temos vários empregados aqui e a segurança é bem reforçada. Não vamos ficar muito tempo fora, eu prometo.
— Tudo bem, vamos então, estou ansiosa para conhecer minha sogrinha.



Dirigia meu Pagani Huayra BC esporte, preto, enquanto Alessia estava ao meu lado cantando as músicas que tocava no rádio. À nossa frente, a SUV preta com nossa equipe de segurança. O caminho foi rápido e em menos de uma hora estávamos estacionando na frente da casa da minha mãe. O que me chama a atenção é a quantidade de carros estacionados na entrada, assim como o som de música vindo de lá de dentro.

— Pelo visto não é apenas um jantar íntimo de família. — Diz Alessia receosa.

Abri a porta para ela já nervoso, com medo do que mamãe deve estar aprontando.

— Vamos. — Falo segurando sua mão e caminhamos juntos até a entrada da mansão.

Ao entrar pela sala, vi que acontecia uma festa na casa; engoli em seco com raiva. Eu avisei mamãe que tinha voltado de viagem e que precisava falar algo importante a ela e a meu irmão, e ela arma uma festa.

O primeiro que vejo é Lorenzo, meu irmão, junto com uma jovem muito bonita, os dois abraçados.

— Afonso, está atrasado.

— É bom vê-lo, esta é Alessia, minha esposa. — Falo mostrando-a a ele.

— Você sumiu por menos de seis meses e voltou casado. — Ele diz assustado e noto que a mulher do lado dele olha tudo confusa. — Esta é minha noiva, Aline. — Fala apresentando-a.

— O que tá acontecendo hoje aqui? — Pergunta minha mãe, chegando.

— Bem, mamãe chamou Emiliano Hernandez, sua esposa e filha. Não sei o que falou para ela, mas todos estão esperando que esse seja um jantar de

noivado. — Ele diz olhando para Alessia, que aperta tão forte minha mão que quase a arranca do braço.

— É melhor entrarmos e resolvermos logo essa situação. — Falo puxando Alessia para o salão principal, onde geralmente mamãe oferece suas festas.

— Vamos, Aline, essa eu quero ver se camarote. Dona Laura vai ter um infarto quando descobrir que seu primogênito, o filho perfeito, casou sem contar para ela. — Ele diz tirando sarro e noto que Alessia respira fundo para não dizer nada.

Entramos todos os quatro no salão principal que, como suspeitei, era onde estavam todos.

— Afonso, que bom que você chegou! — Diz Anahí, vindo em nossa direção e me abraçando fortemente.

— Uh-um. — Alessia chama nossa atenção e só então Anahí me solta. — Imagino que deva ser Anahí, estou certa? — Pergunta minha esposa com a voz ácida, e já imagino que essa noite ela me coloca para dormir com os cães.

— Sim, e você quem é? — Questiona Anahí olhando minha mulher com desdém.

— Eu sou Alessia, duquesa de Aragão, esposa do Afonso. — Diz minha mulher sorrindo.

Os olhos azuis de Anahí se enchem de lágrimas e ela sai correndo, chorando, nos deixando sozinhos.

— Pelo visto, você tem uma admiradora. — Fala Alessia com raiva.

— Antes que coloque coisas na sua cabeça, não tenho nada com Anahí, somos apenas amigos.

— Meu filho, que bom que chegou, estava ansiosa à sua espera. — Fala mamãe vindo até nós. Porém ela para quando vê minha mão na de Alessia, e rapidamente ela nota as alianças em nossos dedos. Vejo sua postura mudar e o sorriso de antes já não está em seu rosto.

— Desculpe a demora, mamãe, mas pelo visto a senhora está bem entretida com seus convidados. — Falo olhando ao redor, pelo menos umas quinze pessoas estão bebendo champanhe e conversando.

— Decidi te surpreender e fazer essa recepção especial para você, mas pelo visto eu que acabei sendo surpreendida. Não vai me apresentar sua acompanhante?

— Claro, esta é a Alessia, minha esposa. Alessia, esta é minha mãe,

Laura.

— É um prazer conhecê-la.

Mamãe fica pálida e seu corpo amolece, porém antes que ela caia no chão, Lorenzo a segura. Já eu, nem me mexo, sabendo que não passa de teatro da sua parte.

— Seu ingrato. Como ousa se casar com uma qualquer às escondidas, manchando o nome da nossa família?

— Respeite a minha esposa, ou partirei daqui agora mesmo.

— Calma, mamãe, você precisa se acalmar. As pessoas estão olhando para nós. — Fala meu irmão, tentando acalmá-la.

— Vem, amor, vamos conhecer os outros convidados. — Digo puxando Alessia, que se mantém calada, o que me assusta um pouco, na verdade.

Fui apresentando Alessia a todos os presentes, e ela, como sempre, simpática com todos. Quando chegou a vez de Emiliano, percebi que ele ficou vermelho no momento em que a apresentei como minha esposa, porém como todo aristocrata, ele não deixou transparecer sua raiva.

— Logo poderemos ir embora. — Falo no ouvido dela, tentando lhe passar segurança.

Minha mãe aparece junto com Anahí, que já parece recuperada.

— Boa noite a todos! Espero que estejam gostando da recepção ao meu filho Afonso, que passou uma temporada longe de nós.

— Obrigado, mamãe. É muito bom ver tantos rostos conhecidos, ainda mais quando voltei para anunciar meu casamento com Alessia. — Falo erguendo a mão de Alessia junta à minha.

— Claro, bem-vinda à família, Alessia.

— Obrigada, Laura. Não sabe o prazer que é estar aqui.

— O jantar está servido. — Ela fala cortando Alessia, que respira fundo, se segurando.

Fomos todos juntos para a mesa e reparei que Anahí estava sentada ao meu lado.

— Alessia, querida, espero que me desculpe. Como ninguém esperava sua chegada, não coloquei um lugar na mesa para você. — Diz mamãe a Alessia.

— Não se preocupe, Laura, tenho certeza que um empregado pode ir buscar uma cadeira para mim, sentarei bem aqui ao lado do meu marido.

Sorrio orgulhoso da sua postura, dou meu lugar para ela e espero um

funcionário trazer outra cadeira para mim. Lorenzo se diverte com a maneira como Alessia enfrenta mamãe e Aline a olha com admiração.

O jantar foi servido e as conversas discorriam por assuntos triviais.

— Alessia, querida, de onde você é? Seu rosto não é comum de alguém aqui da Espanha.

— Querida sogra, sou da Colômbia. — Ela fala sem perder a compostura.

— Colômbia, certo. Você pelo visto não está acostumada com as regras de uma monarquia, terá muito que aprender. Ao menos sabe cozinhar ou cuidar de uma casa como uma boa esposa deve ser? Olha o exemplo da Anahí, ela teve uma criação rígida, aprendeu desde cedo a ser uma esposa perfeita.

— Obrigada, Laura, você é muito gentil. — Fala Anahí respondendo a mamãe.

— Bem, sogrinha, não sei cozinhar, muitos menos todas essas coisas que você disse. Tenho certeza que se meu marido quisesse uma cozinheira e uma governanta para sua casa, teria contratado uma. — Fala minha latina afrontosa.

Decido intervir antes que mamãe avance em cima da minha mulher ou Alessia jogue as vieras na cara dela.

— Alessia é a mulher perfeita para mim, mãe; eu a amo e isso é o que importa. Ela é uma mulher independente, tenho sorte de a ter encontrado.

Mamãe bufa e já prevejo que essa história está longe de ser encerrada. Mas de uma coisa eu tenho certeza: não deixarei que ninguém estrague minha felicidade.

Héctor

Eu já estava possesso andando de um lado para o outro, me sentindo um animal enjaulado. Já demiti ao menos seis dos agentes das forças especiais. Até mesmo Pablo já foi demitido duas vezes, porém nas duas, meu pai me convenceu de que não há ninguém tão qualificado para procurar Liana do que ele.

Estou perdido sem notícias dela. Minha vontade é sair correndo pelas ruas gritando seu nome, mas seria em vão. A dor de não tê-la aqui é um castigo, e não há um dia em que eu não sinta sua falta, que não me lembre dos momentos em que vivemos juntos na fazenda, ainda que fugazes. Eu tive uma mulher que me amava, por quem estava louco, e estraguei tudo por orgulho e por rancor; a machuquei, a fiz sofrer.

Desperto dos meus pensamentos quando todos os envolvidos na busca por Liana entram na sala de reuniões.

— Quais informações novas nós temos? — Pergunto aos dozes homens que compõem a inteligência espanhola.

— Recebemos muitas ligações de possíveis lugares em que estejam e nossas equipes estão verificando todos eles, porém não tivemos nenhum resultado positivo ainda. Acredito que nesse momento os foragidos já conseguiram sair do país, ilegalmente. — Responde Rick nosso hacker.

— Como vocês deixaram isso acontecer? Que diabos vocês fazem aqui, que ainda não encontram ela?! — Pergunto diretamente para Pablo.

— Nós vamos encontrá-la. As contas que eles mantinham no exterior foram congeladas. Sem dinheiro, não há como se manter escondidos. Logo eles darão um passo em falso, e estaremos na cola deles.

— Liana não tem todo o tempo do mundo, ela está grávida e sozinha, nas mãos de dois psicopatas.

— O carro que eles abandonaram em Madrid não tinha GPS, não consegui descobri a rota que fizeram de Andaluzia a Madrid. Taylor não tem familiares fora do país. Estou tentando descobrir se existe algum amigo que daria abrigo a eles, mas no momento apenas três nomes apareceram, dois dos quais já foram descartados.

Meu telefone toca, interrompendo nossa conversa e, ao olhar, vejo que é o número pessoal do presidente da França.

— *Macron, quelle bonne nouvelle avez-vous pour moi?* — Pergunto se ele tem notícias boas para me dar.

— *Un homme semblable à celui du croquis a été vu par les caméras de circulation dans une petite ville de campagne, Eguisheim.*

— *Merci, je vais y aller aujourd'hui!* — Agradeço sua ajuda e desligo o telefone esperançoso com as novidades.

— Taylor foi visto por câmeras de trânsito em uma pequena cidade da França. Preparem tudo; quero cinquenta homens nossos, estamos indo, em trinta minutos, para Eguisheim.

Deixei-os resolvendo tudo para a busca enquanto fui até a sala de armas, onde alguns brinquedos estão guardados. Ligo para o comandante da Força Aérea Espanhola e mando preparar nosso jato mais potente. Mando meu assistente Allen deixar alguns carros alugados para nos receber em Eguisheim. Escrevo uma mensagem avisando minha mãe e meu pai que temos uma pista do paradeiro de Taylor. Visto um uniforme das forças especiais, escolho duas facas e uma pistola. Sinto-me pronto para buscar minha mulher e capturar esses dois malditos. Uma coisa é certa: desta vez eles não vão escapar.

Liz

Depois que deixamos a desgraçada da Liana em sua nova casa, Taylor e eu fomos até Madrid, onde um colega dele iria nos ajudar. Tive que cortar meus cabelos e pintar de loiro, enquanto Taylor raspou o seu e colocou lentes de contato. Tudo para que todo nosso plano desse certo. Até aí, tudo estava saindo conforme o planejado; de Madrid nós fomos ao Porto, onde conseguimos embargar em um navio contrabandista até a França.

Nos escondemos em uma pequena cidade para não chamar atenção, porém agora tudo deu errado: o meu dinheiro foi congelado e estamos fodidos.

— O que vamos fazer sem o dinheiro? — questiono Taylor ainda revoltada pelos cartões não estarem funcionando. E para piorar ainda mais, nossas cabeças estão a prêmio: cinco milhões é a recompensa.

— Eu não sei, porra! A maldita da sua irmã tinha que se envolver logo com o caralho do rei! O maldito está na nossa cola.

— Precisamos ir para mais longe, se formos pegos, iremos apodrecer na cadeia. — Falo nervosa, com tudo saindo do meu controle.

Deveria ter matado aquela miserável de uma vez. Mas, pensando bem, uma hora dessas, ela já deve estar conhecendo o inferno ao lado do diabo.

— Preciso pensar em uma saída, não podemos dar um passo em falso ou acabou para nós dois, e você está me deixando nervoso gritando desse jeito.

— A culpa é sua, você falou que era seguro deixar o dinheiro na conta

e olha no que deu.

— Como iria imaginar que isso aconteceria? Vamos atravessar a fronteira para a Bélgica, lá vendemos o carro e as joias que sobraram, dará pra segurar as pontas por um tempo. — Ele diz enquanto dirige em direção à saída da cidade.

— Estou com fome, saímos do motel sem ao menos jantar. Pare em algum lugar para que eu possa comprar algo.

— Isso vai nos atrasar. — Reclama ele.

— Logo você vai precisar abastecer, então para em algum posto que tenha uma loja de conveniência.

— Tudo bem, vou parar no próximo. — Diz irritado, mas obedece.



O carro para no posto de gasolina e Taylor desce e vai abastecer enquanto eu vou direto para a conveniência. A loja é grande e tem de tudo um pouco; pelas grandes portas de vidro posso ver tudo lá fora. Uma garota morena com várias tatuagens e piercing na boca atende no caixa.

— Posso ajudar, senhora?

— Não, obrigada. — Digo pegando um par de óculos escuros, umas garrafinhas de água e alguns biscoitos.

Um bebê começa a chorar e eu viro meu rosto vendo uma mulher loira com uma criança no colo, que fica se esgoelando. Minha vontade é enfiar um tampão na boca dessa criança.

— Desculpe, ele está irritado com os dentes que estão nascendo. — diz a mulher sorrindo para mim. Não respondo, só finjo que não a ouvi. Continuo olhando para as prateleiras e nesse momento Taylor entra na loja de conveniência.

— Precisa que eu pegue alguma coisa? — pergunta ele ao chegar perto de mim.

— Preciso de cigarros e absorventes. — Falo irritada com o barulho da criança.

— Vou pegar — ele fala e se afasta

O choro da criança fica mais forte; a loira está tentando o acalmar, porém a criança grita sem parar.

— Poderia pegar essa chupeta pra mim? — Ela pede apontando para a chupeta caída perto dos meus pés.

Foi no exato momento em que me abaixei para pegar o mapa que vi três carros chegando ao posto. A adrenalina tomou conta de mim; imediatamente eu soube que eles estavam atrás de mim.

— Moça, onde fica o banheiro? — pergunto à mulher com o bebê no colo.

— É naquela porta ali — ela diz apontando para a porta.

Caminho na direção indicada e não chamo Taylor; é tarde demais para ele. Preciso pensar em mim e é isso que faço ao passar pela porta do banheiro, trancando-a. Olho ao redor procurando uma saída e encontro uma pequena janela quebrada. Uso meu pé para empurrar a tela com toda a força. Quando se quebra, me jogo com tudo, tentando passar. Acabo caindo de lado e ouço meu ombro estralar, provavelmente quebrei algum osso. Desespero-me sem saber para onde ir, até que vejo um caminhão estacionando na parte de trás do posto. Corro em direção ao motorista, assim que ele estaciona.

— Moço, por favor, me ajuda. — Choro para dar mais veracidade a minha fala.

— O que houve, dona, o que aconteceu com a senhora? — ele pergunta.

— Meu ex-marido, ele está atrás de mim, ele quer me matar. Por favor, me ajude. Ele me encontrou.

— Entra no caminhão. — Ele fala ao abrir a porta lateral, e eu entro nervosa.

— Por favor, acelera. — Peço e ele liga o caminhão, saindo pelos fundos. Porém, ainda consigo ver de longe Taylor sendo algemado e arrastado para o porta-malas de um dos carros. Não senti nenhum remorso por deixá-lo para trás. Na verdade, foi um alívio. Quem sabe com Taylor na prisão eu não seja mais procurada.

O caminhão acelera em alta velocidade indo cada segundo mais longe deles e eu respiro aliviada, sabendo que escapei por pouco.

A vida é assim, temos que fazer sacrifícios para nos mantermos vivos dia após dia.



CAPÍTULO 23



DESESPERO

E DOR

"Não existe castigo, nem recompensa, o que existe é consequência. O plantio é livre, mas a colheita é obrigatória!"

Hector

Em menos de três horas já estávamos em Eguisheim, atrás de Taylor e Elisabeth. Não foi difícil encontrar os dois, já que tivemos ajuda da equipe de polícia local. A operação tinha tudo para dar certo, porém de maneira ardilosa, Liz conseguiu escapar deixando Taylor para trás. Frustrado, soquei o banco do carro, enfurecido com os agentes que não cercaram o posto de gasolina de uma vez. A desgraçada conseguiu escapar usando a janela do banheiro. Mas Elisabeth não vai escapar, não sairei da França até a encontrar, ela não vai escapar dessa vez.

— Iremos fazer um bloqueio nas saídas da cidade — fala Rico, o

delegado responsável pela cidade de Eguisheim, que nos ajudou aqui na França.

— Henry e mais seis dos meus homens irão acompanhar vocês, ela não pode sair da cidade. — Falo antes que eles se vão.

Taylor já está algemado de joelhos em frente ao carro, com Pablo ao lado pronto para começar a interrogá-lo.

— Onde Liana está? — Pergunto olhando diretamente para ele; o desgraçado levanta o rosto sangrando e olha diretamente para mim.

— É tarde demais, Majestade, a doce Liana não existe mais. — Diz o miserável rindo.

— Me diga de uma vez, onde minha mulher está?! — Falo puxando-o pelo pescoço, fazendo com que fique de pé, olhando para mim.

— Pode fazer o que quiser comigo, eu não me importo. Estou feliz em saber que Liana estará sofrendo o mesmo que eu.

Não aguento a provocação e acerto um soco tão forte na cara dele, que ele acaba caindo no chão desacordado.

— Levem-no para o galpão, vamos começar os jogos. — Falo limpando minha mão do sangue nojento desse miserável.



O trajeto foi rápido até o galpão, onde ficaremos até descobrir onde eles esconderam Liana. Taylor foi amarrado pelos braços a um poste de ferro no centro do galpão. Todos estavam calados, porém dava para ver nos olhos dos meus seguranças o ódio que tinham de Taylor, por nos haver feito de bestas até aqui. O pior é saber que Elisabeth conseguiu escapar. Uso uma cadeira de madeira e me sento a uma distância segura, de frente para ele. Vou curtir assistir cada minuto que Pablo brinca com ele.

— Miguel, use um balde com água para acordar nosso convidado. — Falo e ele não demora muito para acordar Taylor com água gelada.

— Hora, hora, até que acordou rápido. — Falo rindo da cara de desespero dele, quase se afogando.

Taylor olha ao redor atordoado, com seus dentes batendo um no outro de tanto frio. Podia ver o pânico tomando conta dele, já sabendo o que iria acontecer.

— Você pode facilitar as coisas e contar de uma vez onde Liana está.
— Fala Pablo segurando um taco de baseball nas mãos.

— Fodam-se todos vocês, eu não vou contar!!

Aceno para Pablo, que acerta com força o taco nos joelhos dele.

— Ha!!! — Grita se contorcendo.

— Nós temos o dia todo, e se não quiser contar onde ela está, Pablo vai se divertir muito com você.

— Eu não vou dizer, espero que ela esteja recebendo o que merece!

— Cospe no chão se fazendo de forte.

Levanto da cadeira e caminho em sua direção, parando bem a sua frente.

— Eu gosto da forma como você tenta fingir que está no controle, mas o que vou gostar ainda mais é de ver você quebrado no chão pedindo clemência. — Falei olhando o monte de merda em minha frente.

Pablo se aproxima com um saco plástico, colocando sobre a cabeça dele. Taylor começa a se debater desesperado por ar. Pablo tira o saco e Taylor respira agoniado em busca de ar, vejo seu peito subir e descer acelerado.

— Vai falar onde ela está ou podemos continuar a brincadeira?

— Foda-se essa negra suja, espero que ela já esteja morta! — Grita.

Eu não aguento e avanço em direção a ele fora de mim, socando seu estômago com tanta força que seu corpo despenca no chão.

— Pablo, me dê a pistola de choque. — Peço a Pablo dando um passo atrás e olhando para o miserável que mantém minha mulher refém em algum lugar.

— O que tá fazendo? O que você tá fazendo? — Pergunta com a voz alterada, tentando se soltar das cordas.

— Você não gosta de brincar? Então vamos brincar. — Falo e aperto o botão, acionando a voltagem em seu corpo molhado, o que intensifica o choque.

— Miserável, me solta daqui!! — Grita de dor.

— Ah, logo agora que estava me divertindo, você já pede pra parar? Por favor, não seja fraco. Isso não é nada! Nada comparado ao que pretendo fazer com você, se não disser onde Liana está!

Pablo se aproxima com uma tesoura de poda em mãos.

— Qual dos dedos você corta primeiro, Pablo, das mãos ou dos pés?

— Vamos começar pela mão — diz um de meus homens e até abre a

mão de Taylor para que Pablo arranque, sem dó, dois dedos.

— Ah!!! — Grita se mijando todo.

— Tá gostando, né? Isso é pouco perto do que fizeram com Liana. Mas sou misericordioso. Se me disser onde minha mulher está, te mando para uma prisão de segurança máxima. Você vai ficar preso pelo resto da sua vida, mas pensa pelo lado bom, não vai morrer lentamente sendo torturado pelo meu amigão aqui. — Faço minha oferta, mesmo que minha vontade seja matá-lo de uma vez. Me controlo para não perder a única chance que tenho de encontrar Liana.

Taylor não responde, apenas baixa a cabeça olhando para os dois dedos no chão.

— Pablo, talvez seja melhor arrancar o pau dele fora, quem sabe assim ele começa a falar? — falo sarcástico.

— Por favor, pare! — Implora.

— Você só precisa dizer onde está Liana, e tudo vai parar.

— Liz deixou Liana na Espanha, em uma clínica no interior de Fonfría. O lugar é afastado, uma espécie de hospício clandestino. Liana não sairá de lá como entrou, Liz fez questão disso. Eu fiz a minha parte. — Ele diz gemendo de dor.

— Espero, para o seu bem, que não esteja mentindo. Ou isso que aconteceu aqui vai ser brincadeira perto do que virá a seguir. Cuidem dos ferimentos dele e o levem direto para a prisão federal. Vamos dividir nossa equipe em duas; uma ficará aqui na França para encontrar Elisabeth e a outra vira comigo atrás de Liana.

Alessia

O jantar na casa da sogra foi um inferno, bem como imaginava. A novidade foi conhecer a tal Anahí, uma loira aguada, sem graça, que parece uma tripa de tão magra. Por sorte não foi pior, porque o irmão de Afonso, Lorenzo, e sua noiva Aline, estavam lá, e adorei conhecê-los.

Entediada, decidi procurar alguma coisa na tevê para assistir. Sinto falta de Liana. Sinto-me sozinha nessa casa enorme, sem conhecer ninguém. Afonso trabalha muito e chega sempre tarde em casa, o que não significa que

não ficamos juntos, pois ele faz questão de passar o máximo de tempo que pode comigo e com Clara.

No caminho até a sala, vou lembrando de algumas coisas que aconteceram nessas semanas que estamos, os três, juntos. Minha irmã, que agora está na aula de inglês, tem se adaptado bem à nova realidade na Espanha. Para completar minha alegria, ela está amando a nova escola. Lorena é ótima com ela, a ajuda nos deveres e a acompanha na escola. E quando as duas estão em casa, ela continua a dar as aulas de etiqueta para Clara.

Entrei na grande sala de tevê, não tem como não ficar encantada com esse lugar, e ligo a televisão à minha frente. Mas paraliso ao escutar o que está sendo anunciado no canal.

— O rei da Espanha, Hector Ortega, está de volta, mas parece muito recluso. Fontes exclusivas nos dizem que o rei voltou da viagem de férias mudado e que passa muitas horas na sede da inteligência do país.

O que essa família real esconde?

Era a manchete do jornal. Fico chocada e confusa, sem saber o que diabos está acontecendo. Como assim, Hector é o rei da Espanha? Onde está Liana?

Minha cabeça começa a latejar. Por que Hector não disse nada para Liana? Como Afonso escondeu isso de mim? Ele me escondeu todo esse tempo que seu amigo era o rei do seu país. Desligo a tevê e começo a andar de um lado para o outro, tentando entender o que está acontecendo. Pego meu celular, indo direto para o Google, me xingando mentalmente por nunca ter tido a curiosidade de pesquisar mais sobre a realeza espanhola.

A primeira coisa que busco é pelo nome de Hector, e assim que confirmo a pesquisa, logo aparecem várias fotos suas com o nome de “Hector Carlos VI de Ortega”. Pesquiso um pouco mais e rapidamente aparecem fotos dele ao lado de uma mulher loira com a legenda “Melissa Ortega, princesa da Espanha”.

Confusa, continuo a buscar por notícias sobre ele, mas nada faz muito sentido. Ele é viúvo e não tem nenhuma notícia sobre Liana.

— Oi, amor estava te procurando. — Diz Afonso entrando na sala de tevê, com o paletó nos ombros, todavia paralisa quando percebe meu olhar.

— Espero que você tenha uma boa explicação para o fato do seu amigo, Hector, ser o rei da Espanha e vocês dois estarem enganando a mim e a Liana!

— Não era para você saber dessa forma. Eu pretendia contar, estava me preparando para isso...

— Claro, você pretendia contar. Só pelo seu tom de voz, Afonso, já percebo que é pior do que eu imagino. O que vocês dois fizeram?

— Eu preciso que fique calma, antes de começar.

— Ah, claro! É fácil falar, seu duque mentiroso! Seu nome é Afonso mesmo ou isso também é uma mentira?

— É claro que é, eu não menti sobre mim pra você, latina, você sabe que eu te amo.

— Ama mesmo? Você mentiu pra mim.

— A história é mais complicada do que você imagina. Tudo acabou saindo do controle e a situação tá pior do que quando começou. — Fala tirando a gravata num gesto nervoso.

— Anda, desembucha logo de uma vez.

— A fazenda Del Diablo é minha, sempre foi. Apenas a emprestei a Hector para que ele pudesse colocar seu plano de vingança em ação. Ele...

— Como assim, “plano de vingança”? — Pergunto confusa.

— Hector perdeu a esposa grávida cinco anos atrás em um grave acidente de trânsito. O motorista fugiu do local sem prestar socorro. Algum tempo depois, a assassina foi presa, porém, por ser menor de idade e ré primária, ficou pouquíssimo tempo na prisão. O tempo foi passando e eu vi meu amigo, que um dia foi uma pessoa alegre, cheio de vida, se transformar em um homem amargo e vingativo.

— Foi Liana, não foi? — Pergunto, mesmo já imaginando sua resposta.

— Sim, foi Liana que matou a esposa do Hector, mas não foi como nós imaginávamos.

Sento no sofá, ouvindo Afonso me contar sobre os planos de Hector e tudo que ele fez com ela naquela fazenda.

— Meu Deus, como vocês foram capazes de fazer isso com ela?

— Eu juro que fiz de tudo para convencer Hector a desistir da vingança. Ele, contudo, estava decidido.

— Como ele pode ser tão sujo? E aquele casamento? Como foram cruéis! Afonso, você ajudou, não se isente da culpa, você foi cúmplice nessa armação. Coitada da Liana, ela se entregou a ele; você não imagina o quanto ela ama aquele monstro.

— Eu não me orgulho do que aconteceu, mas Hector está arrependido

e sofrendo muito. Ele amou a Liana, mesmo quando pensava que ela era culpada. Quando nós estávamos na Colômbia, ele me disse que havia desistido da vingança e que estava apaixonado por ela; ele decidiu deixar o passado para trás e ser feliz.

— Amor, sério isso? Depois de ter enganado e pisado nela, acha que Liana vai acreditar que Hector tem qualquer sentimento por ela? Não seja idiota. — Questiono de forma sarcástica. — Onde está minha amiga? Preciso falar com ela, ajudá-la, imagino que ela deve estar sofrendo muito.

— Liana sumiu, amor. Hector está desesperado atrás dela. Liz, a irmã maluca dela, a sequestrou.

A história é muito mais complicada do que parecia. Fiquei em choque ouvindo cada palavra que saía da boca de Afonso, mais horrorizada a cada minuto.

— Amor, você está pálida. Fala comigo, latina. Grita, me xinga, mas diga algo, não me deixa assim no escuro. — Ele suplica segurando minhas mãos.

— Eu não sei o que pensar, Afonso. Jamais pensei que você seria capaz de se envolver em um plano macabro desse. Uma hora dessa Liana está sofrendo nas mãos de uma psicopata e eu não posso fazer nada.

— Ela vai ser encontrada, tenho certeza. Hector está empenhado em encontrá-la, agora mesmo ele está na França atrás de uma pista. Você vai ver, logo Liana estará aqui.

Espero que isso realmente seja verdade e que logo ela esteja sã e salva; não só da irmã maluca, quanto do rei vingativo.

Hector

Sinto meu coração acelerado ao percorrer a distância até a tal clínica. Minha cabeça diz que pode ser mentira, que ela pode não estar aqui, mas meu coração clama para que a encontremos.

— Falta quanto tempo para chegar? — Questiono nervoso.

— Já estamos chegando. — Diz o piloto do helicóptero no rádio.

Meu corpo todo paralisa conforme nos aproximamos do lugar e vejo

uma fumaça branca amarelada saindo do local.

— Não, não pode ser! — Falo em pânico vendo altas chamas queimando o lugar.

— Solicito com urgência ambulâncias e um helicóptero de resgate, junto com bombeiros. Um grande incêndio está acontecendo na entrada de Zínia, sentido Albacete. — Diz Pablo via rádio. Conforme o helicóptero vai pousando, nós podemos ter uma visão do que está acontecendo. Todo o prédio estava em chamas, a fumaça atrapalhava o pouso, porém Tyler, como um piloto experiente, consegue manobrar e pousar o helicóptero.

Quando coloco meus pés no chão o desespero aumenta. Há muitas pessoas vestidas de branco parecendo pacientes do lugar, apavoradas, correndo pelo gramado.

— Liana!!! — Grito por ela em meio a todas essas pessoas, porém não obtenho resposta.

Meus homens se espalham procurando entre os sobreviventes, e tudo que eu consigo fazer é gritar seu nome.

— Ela não está aqui diz, senhor. — Fala Roger.

Quando ouço essa informação, sinto meu mundo ruir. Tudo está acontecendo novamente! Não posso perdê-la, isso não pode acontecer! Tomado pelo desespero, avanço em direção à porta do local em chamas, não me importando com nada, apenas em tirá-la de lá.

— Não posso deixar você entrar. — Fala Pablo me segurando e fazendo com que eu tropece em uns escombros.

— Eu vou entrar, Liana está lá dentro!! — Grito.

— Os bombeiros já estão chegando. — Fala tentando me segurar, porém acerto uma cotovelada no seu rosto, me desvencilhando e correndo em direção às chamas.

O fogo está por todo lado, a fumaça impede que eu enxergue direito.

— Liana, meu anjo. Onde você está?! — Grito desesperado, rodeado por fortes labaredas de fogo. A cada passo que dou, só peço a Deus que Liana esteja bem; nunca me perdoarei se acontecer alguma coisa com ela e nosso filho.

Meu nariz arde pela fumaça, assim como minha garganta. O fogo está por todo o lado. Tento me proteger das chamas enquanto a procuro por todas as portas que encontro.

Vejo dois corpos caídos no chão, no que parece ser um pátio, checo seus sinais vitais e percebo que estão mortos. A ansiedade aumenta; tudo que

penso é numa forma de tirar Liana daqui o mais rápido possível. Porém, ao virar num corredor comprido, sou atingido por uma enorme placa de gesso, que cai do teto sobre mim, prendendo minhas pernas.

Meu corpo pulsa com a adrenalina, e não sinto a dor, não sinto nada, só consigo pensar em salvar meu anjo daqui. Usando uma força que nem sabia que tinha, afasto a placa das minhas pernas. Meu braço acaba sendo atingido pelas chamas; rapidamente tiro minha camisa e noto o estrago em minha pele, mas não paro. Não deixo a dor me parar, não sem encontrá-la. Tento abrir uma porta à esquerda, porém o fogo está tomando conta dela. Ouço os gritos dos bombeiros e logo dois deles estão ao meu lado, um cobrindo meu corpo com uma manta molhada enquanto o outro usa um machado para abrir a porta.

— Precisa sair daqui, senhor — ele diz, mas eu não o escuto.

Acompanho o outro bombeiro para dentro da sala tomada pelo fogo. O lugar está escuro, não consigo enxergar grande coisa, há muita fumaça.

— Liana!!! — Grito por ela, mas novamente não obtenho resposta.

É quando noto uma mão feminina e o reconhecimento me atinge com tudo. Atrás de uma grande mesa está Liana, seu corpo coberto por queimaduras, completamente desfigurado. Um dos bombeiros corre até ela, e, com muito cuidado, a pega nos braços, e eu choro desesperado.

— Lia! Amor, aguenta firme!! — Falo me lamentando por não a ter protegido. — Liana, escuta minha voz, amor, não desista!! — Choro enquanto eles carregam seu corpo queimado por entre as chamas do lugar. Minhas pernas estavam falhando e meu corpo todo tremia de medo. Quando meus pés tocam a grama, meu corpo fraqueja, e quase caio ao vê-la sendo amparada pelos paramédicos. Vejo tudo acontecendo em câmera lenta; os médicos ao redor do seu corpo quase sem vida. Sento-me um inválido vendo a vida se esvaindo do seu corpo; seguro sua mão, onde a pulseira que lhe dei repousa em sua pele toda queimada.

— Abre os olhos, Lia, abre os olhos pra mim, amor!! — Imploro em meio ao pranto. — Não me deixe, amor! Não me deixe, Lia, não faz isso comigo; não agora que te encontrei. — Soluçando, eu peço.

— Se afaste, ela está perdendo a pulsação. — Diz o médico massageando seu tórax.

— Eu te amo, Liana! Não me deixe, amor, não posso viver sem você. — Tento em vão chamar por ela.

— A paciente não está respondendo, seu coração parou. — Diz o

paramédico.

É como se meu mundo tivesse acabado. A dor que me possuiu foi violenta, preferia desmaiar de tanto apanhar a sentir aquilo. O desespero latente, a sensação de perda amarga. Por um segundo, fiquei parado como se meu coração tivesse esquecido como bater, olhando para o médico, em choque.

— Não é verdade, não é verdade!! — Gritei empurrando todos eles de perto.

— Ela morreu, senhor, é tarde demais. — Ouço alguém dizer.

— Não, não, cala a boca! Liana, amor abre os olhos. — Tento tocar seu rosto, mas ele se encontra desfigurado pelas queimaduras.

— Senhor, preciso ver seu braço. — Uma médica tenta me tocar, mas me afasto e começo a fazer massagem cardíaca em Liana.

— Não!! Não pode morrer assim!! — Grito — Amor, acorda. Lia, não faz isso comigo, não faz isso. Não me deixe, meu anjo, preciso de você.

Massageio seu peito, clamando que ela volte para mim. Todos me olham com pesar, porém não quero a pena de ninguém, só quero que minha Liana volte.

— Amor, eu preciso de você. Liana, abre os olhos pra mim, meu bem. Você foi a única que conseguiu me tirar da escuridão. Você me devolveu a vontade de viver, me deu esperança de felicidade. Não pode tirar isso de mim assim!! — Falo com o coração sangrando.

— Hector, precisa parar. Liana se foi. — Fala Pablo do meu lado.

— Não, ela vai acordar!! — Falo massageando seu peito sem parar, em busca de um batimento, de um sopro de vida. Não posso aceitar que se vá dessa maneira.

— Senhor, já faz uma hora que está massageando o peito dela. Eu sinto muito, mas ela morreu. — Diz o médico me destruindo com suas palavras.

— Por quê?! — Grito chorando, ajoelhado de frente ao seu corpo inerte, sem vida. — Por que fazer isso comigo? Por que tirar o amor da minha vida? Por que levar a mulher que amo dessa forma? — Olho para os céus esperando uma resposta divina. Ali, eu vi que era o fim, minha vida tinha acabado no instante em que vi cobrirem seu corpo sem vida.

Paloma

A noite está fria, a chuva se foi, mas o clima triste continua. Hector estava em pedaços. Não tem uma pessoa que o veja nesse estado que não sinta compaixão perante a sua dor.

Assim que Letícia ligou para Verônica contando sobre a morte de Liana, Arturo avisou a todos no grupo da família, e logo em seguida mandou preparar o jatinho para que viéssemos à Espanha. Mamãe estava aflita e nós, seus irmãos, muito preocupados. Deixamos papai, que está internado no hospital onde faz o tratamento para o câncer, aos cuidados de um amigo de Martim, e embarcamos no jatinho.

— Você está pronta, princesa? — Pergunta Martim entrando no quarto, já vestido para o funeral.

— Sim. Ethan e Sarah vão ficar com Meire, assim como os trigêmeos. Dulce veio para ajudar a cuidar das crianças. Os outros já estão todos lá embaixo? Hector já saiu do quarto? — Pergunto preocupada, já que desde que chegamos não conseguimos ao menos falar com ele. Apenas Inês entrou no quarto junto com Charlotte, a irmã mais nova dele.

— Ainda não o vimos. O enterro está marcado, ele já deve estar pronto.

— Então vamos. — Digo pegando minha bolsa e juntos descemos até o salão principal, onde estavam Felipe, Letícia e Charlotte, Pablo, Arturo e Verônica, mamãe, Alice e Guilherme. Todos aflitos com a situação.

— Ele ainda está trancado no quarto? — Pergunto a Letícia.

— Eu tentei falar com ele, mas foi em vão. Ele simplesmente fica lá parado, olhando para o colar dela; é como se sua mente estivesse longe.

— Foi feita uma autópsia no corpo dela? — pergunta Arturo ao pai de Hector.

— Não foi necessário realizar autópsia, pois a causa da morte já era conhecida. Além do mais, Hector não quis que profanassem seu corpo dessa maneira. Ele mesmo fez o reconhecimento do corpo. Embora Liana estivesse completamente desfigurada, ele reconheceu uma joia que havia dado a ela, que estava em seu pulso na ocasião da morte. Além disso, dentre os

sobreviventes, obtivemos a confirmação de que Liana estava mesmo internada naquele manicômio clandestino.

— Tudo que queremos agora é que sua pobre alma descanse em paz. Ela estava grávida, vocês sabiam? — Letícia diz e começa a chorar, sendo amparada pelo marido. — Oh, meu filho! Que dor ele está sofrendo!

— A perda de um ente querido gera reações diferentes em cada indivíduo. Hector está sofrendo o luto sozinho, trancado em suas lembranças. O que me preocupa é seu estado mental. A culpa tem o poder de destruir uma mente sã. Infelizmente ele não quis conversar comigo — fala meu marido, como bom médico que é.

— Não podemos ir sem ele. Como vamos enterrar a mulher que ele ama, sem ele estar lá? — Diz Verônica desolada.

— Arturo, Guilherme e Alice, vamos conversar com ele. Tentar ajudá-lo de alguma forma. — Falo já nervosa.

— Espero que vocês consigam que ele tenha alguma reação. Eu já não sei o que dizer para tirá-lo dessa situação — diz Felipe.

Fomos, os quatro, em direção ao quarto de Hector. Assim que chegamos à frente da porta, Arturo chama por ele:

— Hector, precisamos falar com você. — Porém ninguém responde.

— Vê se está trancada. — Diz Alice preocupada.

— Está aberta. — Constata Guilherme, abrindo a porta, e todos nós entramos.

A primeira coisa que noto é o cheiro forte de bebida.

O quarto está uma penumbra e procuro o interruptor na parede para enxergar o que está acontecendo. Assim que a luz toma conta do quarto podemos ter uma dimensão do seu estado. Arturo corre em direção a Hector, que está caído no tapete com vários cacos de vidro ao redor. O espelho da parede está quebrado, assim como quase todos os móveis da suíte.

— Ei, cara, o que você fez?! — Diz Arturo tentando fazê-lo acordar.

Guilherme vai até Hector, tenta acordar nosso irmão, e verifica seus sinais vitais, concluindo que ele só está desmaiado.

— Alice, vê se encontra algo no banheiro para acordar ele!! — Grita para Alice, que não demora a entrar no banheiro e volta de lá com uma caixa de primeiros socorros.

Guilherme molha gazes com álcool e então lentamente Hector vai acordando. Seus olhos azuis parecem tão opacos e sem vida que um gosto amargo enche minha boca.

— O que você tá fazendo com a sua vida? — Arturo pergunta triste.

— Eu não chamei ninguém aqui, me deixem sozinho. — Ele diz se sentando no chão ainda meio tonto, com o rosto inchado de tanto chorar.

— Perdão, Hector, nós não queríamos ser importunos ao invadir seu quarto assim, mas estamos preocupados com você, meu irmão. — Diz Alice tirando o cabelo do seu rosto.

— Hector, eu imagino o quão difícil está sendo passar por isso de novo, mas estamos aqui por você, precisa se levantar. — Digo com um nó na garganta.

— Todos nós entendemos o que você está passando, mas não pode se entregar dessa forma. — Diz Arturo tentando ajudar.

— Eu sinto como se tivesse morrendo por dentro. Melissa foi tirada de mim junto com minha filha e agora Liana, grávida também. Não tem mais sentido viver.

— Não pode entrar nesse buraco, Hector, eu já estive aí e sei como é difícil sair. Mas, por favor, irmão, nós precisamos de você! — Peço nervosa.

— Ninguém entende o que eu estou sentindo, eu a perdi. Liana está morta, morta!! — Ele grita desolado.

É terrível assistir seu estado.

— Ficar trancado aqui não ajuda em nada. Liana se foi e a única coisa que pode fazer por ela é lhe dar um enterro digno. — Fala Arturo tentando levar a razão.

— O que vai ser de mim sem ela? Me sinto em um grande vazio. — Fala chorando muito.

— Vai passar, você vai ver, essa dor vai passar. — Alice diz o abraçando.

— Nunca vai passar, ela morreu.

— Nós precisamos ir, Hector, estão todos nos esperando para ir ao cemitério.

— Me deixem sozinho que logo irei descer. — Ele diz se fazendo de forte.

— Vamos te esperar lá embaixo. Não se esqueça que amamos você e estamos todos aqui.



Hector desceu minutos depois, de banho tomado, bem vestido. Quem o visse de longe, não notava seu estado, mas todos nós sabemos que ele está destruído. O caminho foi curto até o cemitério da família Real. O caixão estava fechado para preservar a memória dela. Alessia, a única amiga de Liana, estava em prantos desde a hora que o caixão chegou. Seu marido estava segurando-a pelos braços para que ela não desabasse não chão.

Hector se mantinha calado, de pé, olhando para as várias coroas de flores com o nome de Liana, segurando um colar nas mãos. Provavelmente era dela, já que não largou a joia um minuto sequer. O padre começa a cerimônia de despedida e Letícia abraça Hector, que chora no ombro da mãe.

— Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou. Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar. Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar. Eclesiastes 3:1-4 — diz o Padre.

— Por que, por que tiraram ela de mim?! Por que tirar o amor da minha vida, padre?! — Ele chora, se jogando sobre o caixão. É uma cena devastadora e de cortar o coração de qualquer um; ver seu estado de desolação total.

— Hector, você precisa deixá-la ir, tem que ser forte. — Inês tenta consolá-lo.

— Por que fazer isso comigo, por quê?! Eu não vou suportar. — Ele chora em prantos.

— Nosso Senhor jamais te abandona. O senhor vai encontrar a paz. — Diz o padre.

— Me perdoa, meu anjo, me perdoa por tudo que fiz. Cuida do nosso filho. Dia após dia, através dos anos, não importa quanto tempo passe, eu sempre vou te amar.



CAPÍTULO 24



EU SOU

UMA SOBREVIVENTE

“A diferença entre o amor e o ódio, é que pelo ódio a gente mata e pelo amor a gente morre!”

Liana

Antes do incêndio

— Quantos comprimidos você conseguiu? — Pergunto a Wenida.

— Doze. Não foi fácil fingir que engoli os calmantes toda noite, quando a cadela da Hilda que me dá, ela faz mostrar a língua. — Diz e me entrega os comprimidos, que coloco no bolso de dentro do uniforme branco

que usamos.

— Certo, eu consegui outros vinte dois. Tenho sorte de ser Davis que vai me medicar, ele tem uma fixação por mim e graças a isso não percebe quando não engulo.

— Rafael está desconfiado de mim, ele não encontrou a chave e veio me questionar se a peguei dele. Mesmo me fazendo de boba, não acho que o convenci.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa Rosely aparece, junto com os três enfermeiros mais cruéis daqui.

— Você vem comigo, sua espertinha. Acha que engana alguém se fingindo de louca?! Se prepara que você vai para a sala doze. — Diz puxando Wenida pelo cabelo.

Meu corpo treme em choque, fico imóvel, sem poder fazer nada para ajudá-la, apenas assisto ela ser arrastada. Ouço seus gritos por socorro e uma lágrima cai do meu rosto, fazendo com que eu me sinta inválida por não a ajudar.

Espero todos saírem, restando apenas os internos e uma enfermeira. Vejo que é tarde demais para seguir o plano original; é hora de improvisar ou eles podem matar Wenida, e não irei deixar isso acontecer. Pego meu prato respirando fundo, indo até a cozinha ajudar na limpeza. Minhas mãos estão tremendo, mas faço o possível para terminar a louça mais rápido. Quando percebo que a enfermeira não está olhando, jogo todos os comprimidos na carne de panela que é preparada para os funcionários.

— Elisabeth, vai recolher o restante dos pratos no refeitório. O imbecil do Adilson vomitou no chão e você quem vai limpar. — Diz ela se referindo a mais uma vítima desse lugar.

— Tudo bem. Acho que a carne já tá pronta. — Aponto para a panela e ela desliga o fogo.

Um tique-taque parece tocar na minha cabeça, e tento fazer tudo o mais rápido possível, mas acabo me atrapalhando com os pratos e recolho tudo tremendo de medo de não dar tempo de salvar Wenida.

Quando termino tudo, a enfermeira me libera e caminho pelo corredor tentando não demonstrar meu nervosismo até chegar ao consultório de Davis. Bato na porta e ouço sua voz dizendo para entrar.

— O que faz aqui, Elisabeth?! Não era para estar indo para a sala de banho? Já está quase na hora de todos estarem dormindo.

— Desculpa, mas estou desesperada.

— O que aconteceu? — Fala levantando da sua cadeira, vindo em minha direção.

— Minha amiga, a Wenida, não sei o que aconteceu, mas ela está encrencada. Preciso que ajude ela, por favor. — Imploro desesperada.

Davis olha para mim sem expressão, tira os óculos e os coloca dentro do bolso do jaleco.

— Sua amiga roubou o molho de chave do Rafael, ela está tendo o que merece. Rosely não tem piedade com as fugitivas.

— Precisa ajudá-la, por favor. — Suplico aterrorizada.

— Doce Elisabeth, o que me pede é difícil demais; não sei se posso atendê-la desta vez. Já fiz muito por você e não fui recompensado como merecia. — Diz de maneira vulgar.

— O que preciso fazer para salvar minha amiga? — Pergunto de uma vez. Davis coloca a mão no queixo, seu olhar me devora como se eu fosse uma presa e ele o predador. Meu corpo todo se arrepia, mas é de terror e medo do que ele pode pedir.

— Tire a roupa, me deixe vê-la, me deixe te tocar.

— Por favor — suplico em pânico.

— Eu só quero tocar seu corpo. Sua pele negra me encanta, Elisabeth. Seu cheiro é único, mesmo no meio de toda essa podridão.

Afasto-me da porta, trêmula, com medo de ser descoberta. Tive tanto cuidado em nunca deixar ninguém ver minha barriga até agora. Por ser magra e alta, mal dá para perceber a elevação em meu ventre, mas o desgraçado é médico e assim que me livrar das roupas ele verá o que tanto esconde.

— Vamos, Elisabeth, você sabe que não vou te machucar, e é a vida da sua amiga que está em jogo. Você nem sonha com o que ela deve estar passando agora.

— Tudo bem — me aproximando da maca encostada na parede.

— Isso, minha linda, é assim que eu gosto de ver você, bem mansinha — fala se aproximando de mim, me encurralando contra a maca.

Tiro os chinelos, desço a calça e ouço-o gemer; fecho os olhos e tiro a blusa.

— Olha o que ela esconde aqui — fala tocando meu abdômen e meu corpo todo se encolhe de pavor. — Por que não me disse que estava grávida?

— Por favor, não faça nada contra meu filho.

— Isso eu não posso garantir. Quanto mais cedo resolvermos este problema, melhor para você. Nunca deixamos um feto escapar por tanto

tempo. — Fala e aí eu percebo que preciso agir agora. — Pode se vestir, e por ter mentido para mim, não irei ajudar sua amiga. Amanhã mesmo irei preparar a sala sete para fazermos esse aborto. — Sua voz é como uma faca me rasgando. Olho para o lado em busca de algo que possa me ajudar. E então vejo a bandeja de metal do lado da maca com algumas coisas em cima. Finjo que vou colocar a calça enquanto ele se vira para pegar algo em sua mesa. Aproveito essa chance e, em um gesto brusco, pego a seringa, avançando em sua direção, a enfiando com força em seu pescoço.

Sem ter tempo nem mesmo de entender o que aconteceu, ele fraqueja e cai no chão anestesiado. Não sinto pena, apenas nojo desse homem macabro.

Termino de me vestir, pego a última seringa e guardo para caso precise usar. Vasculho sua mesa atrás de algo que ajude a me proteger, contudo, a única coisa que encontro é sua carteira com trezentos e vinte euros e um celular, que escondo no meu sutiã. Seguro a seringa e saio, trancando a porta por fora para que ninguém o encontre, não antes que eu saia daqui. Trêmula, com o coração acelerado e adrenalina a mil, faço uma prece rápida pedindo a Deus para que tudo dê certo e que todos já estejam desacordados. Caminho amedrontada, indo direto para a sala doze. Ao passar pelo refeitório, vejo duas enfermeiras apagadas. Me aproximo da porta e tento ouvir o que acontece lá dentro. Porém está tudo o mais silencioso possível. Sem alternativa, pego o molho de chave que Wenida roubou e tento abrir a porta.

— Ei! O que você tá fazendo aqui? — O enfermeiro Rafael me surpreende.

— Eu... Eu...

— Onde conseguiu essas chaves, sua filha da puta? — Questiona tomando a chave das minhas mãos bruscamente, porém sou rápida e coloco a mão no bolso, pegando a última seringa e avançando em sua direção.

— Sua maluca, desgraçada. — Diz e tenta se esquivar apertando meu pescoço; me debato fora de mim e coloco toda minha força sobre ele, acertando a seringa em seu peito.

Ele geme de dor e tira a seringa do peito; me afasto dele e vejo seu corpo desabar. Respiro fundo tentando recuperar o ar, pego a chave no chão e abro a porta da sala doze. Assim que entro, sou atingida pelo cheiro forte de vômito e urina. A sala parece uma sala de tortura, escura e suja, com muitos objetos estranhos. Wenida está amarrada na maca, desacordada, seu corpo

todo marcado. Há sangue escorrendo por seu nariz e vários cortes pelo seu corpo. Rosely deve ter acabado sua sessão de tortura, já que ela está sozinha aqui. Volto para o corredor, e com muita dificuldade consigo arrastar o corpo de Rafael pelas pernas, o trazendo para dentro. Fecho a porta com a chave e avanço em direção à maca, horrorizada com seu estado. Começo a desamarrar suas pernas, tomando cuidado para não tocar nas suas feridas; solto seus braços e a chacoalho tentando acordá-la.

— Wenida, precisamos sair daqui. Acorda, Wenida!!

Ela nem ao menos se mexe.

— Ricardo. Ricardo, seu maldito!! — ela começa a falar e gemer.

Procuro por algo que me ajude a acordá-la e encontro um vidro marrom com um líquido com cheiro forte, que imagino ser algo inflamável. Rasgo um pedaço da minha camisa, o molho no líquido e aproximo do rosto da Wenida.

— Liana... é você. — Ela diz abrindo os olhos lentamente.

— Que bom que despertou, eu já estava desesperada achando que não ia acordar.

— Eu sabia que viria me ajudar.

— Precisamos sair daqui, vem — ajudo-a a se levantar, pois ainda está fraca.

— Mas e o plano, como vamos sair daqui sem o plano?

— É tarde demais para seguir o plano, vamos improvisar.

Saímos pela porta e noto que os enfermeiros já estão apagados em vários cantos do lugar.

— Vamos, Wenida, temos que passar por aquela porta, vamos — falo puxando ela, que se atrapalha com as pernas, mas me acompanha.

— Onde você pensa que vai, sua desgraçada?! — Diz a diretora me pegando de surpresa, parando em nossa frente. — Bem que sua irmã me avisou que você era terrível. Deveria ter acabado com a sua raça quando entrou aqui, mas fui ouvir Davis, que me disse que estava controlada. Olha só no que deu, foi ajudar sua amiguinha. — Diz e se aproxima mais de nós.

— Você não vai mais machucar ninguém. Não percebe o quão errado esse lugar é? Está ferindo pessoas inocentes. — Digo a distraíndo, enquanto Wenida pega um balde de metal que eu nem tinha visto no chão e acerta com tudo Rosely, fazendo seu corpo tombar para o lado. Aproveito seu momento de dor e avanço em direção a ela, empurrando seu corpo sobre a mesa da recepção. Wenida aparece, pegando-a por trás com seu braço, e a imobiliza,

apertando seu pescoço com uma fúria que nunca tinha visto.

Lentamente o corpo de Rosely cai no chão desfalecido. Wenida se apoia na parede e vomita tudo que havia em seu estômago, em choque.

— Ela está morta? — Pergunta Wenida ao meu lado olhando para Rosely.

Aproximo-me do seu corpo e checo sua pulsação.

— Não, está desacordada. Me ajuda a tirar a roupa dela, não podemos sair daqui vestidas com essas roupas.

Wenida me ajuda a vestir as roupas da diretora e colocar meu uniforme nela. Uso sua calça e sua camisa; e Wenida seu sobretudo, que fica parecendo um vestido nela, que também prende o cabelo.

— Vamos sair pela cozinha, assim o vigia do lado de fora não nos vê; quebramos a janela e saímos direto no matagal.

— Perfeito. — Fala trancando a porta.

Desesperadas, nós duas corremos em direção à cozinha. Ao entrar, vejo duas enfermeiras dopadas em cima da mesa, restos de comida por todos os lados; provavelmente alguém derrubou pelo chão.

— Precisamos de algo para quebrar a janela. — Aponto para a janela da cozinha, a única aqui que não tem grades.

Wenida começa a revirar a cozinha atrás de alguma coisa e eu faço o mesmo, procurando na pia por algo forte o bastante para quebrar a janela.

— Isso pode servir. — Fala mostrando o cabo de uma vassoura e o acertando com tudo na janela, que se quebra espalhando cacos por todo lado.

— Sua louca, quase que me acerta! — Digo dando um passo atrás, enquanto ela termina de quebrar o resto.

— Nunca disse que era normal, bebê. Vai que te ajudo a subir na janela e pular. — Diz me ajudando a pular.

Ao pular, acabo me desequilibrando e rolando no meio do mato. Coloco as mãos sobre a barriga para proteger meu bebê. Levanto-me devagar e espero Wenida sair, porém ela não vem.

— Wenida, cadê você? Vem logo!! — Grito chamado por ela.

De repente, um clarão amarelo toma conta das paredes da cozinha e, pela janela, noto que há fogo se espalhando por todo lado.

— Wenida!!! — Grito apavorada, e só me acalmo quando vejo ela pular para fora com um sorriso no rosto.

— O que você fez, sua maluca? Quase morri do coração.

— Não posso deixar esses malditos saírem impunes depois de tudo

que me fizeram. Foi um ano sendo molestada e torturada por esses psicopatas.

— Os pacientes, Wenida. Como fez isso?! As portas estão trancadas, eles vão morrer lá dentro. — Grito chacoalhando-a.

— É tarde demais, eu não pensei nisso. Na hora, só quis descontar todo o mal que já fizeram nesse lugar.

— Eu vou voltar, vou abrir a porta — falo me aproximando da janela.

— Liana, vamos embora daqui!! — Grita Wenida tentando me impedir.

— Eu não vou deixar essas pessoas aqui, precisamos abrir as portas.

— Algum deles pode te pegar, não sabemos se todos estão dopados. Você não precisa ser uma heroína, sua idiota, vai acabar sendo pega!

— Eu não me importo, não posso deixar essas pessoas para trás. — Falo me soltando.

— Você está louca, está arriscando sua vida. E eu devo estar mais louca ainda, por ir junto com você — disse me ajudando a passar pela janela e subindo também.

— As chamas estão tomando conta de tudo, temos que ser rápidas.

— Precisamos abrir o portão principal e ajudar os internos a sair.

— Vamos por aqui, Wenida — digo indicando o corredor, a fumaça atrapalha nossa visão, mas o desespero nos guia.

— Eu vou abrir a porta e você vai ajudando os internos a sair. — Wenida diz e entrego a chave para ela; cada uma vai por um caminho.

Começo a abrir as portas uma por uma, gritando para que eles corram até a saída. Muitos estão desesperados gritando, mas correm para a saída. Verifico todas as salas, ajudando todos os pacientes. A fumaça me faz tossir sem parar. Desço as escadas indo até o porão, onde fiquei da primeira vez. Ajudo duas mulheres que estão na cela, elas estão fracas e têm dificuldade de caminhar rápido.

— Pensei que você não tinha conseguido. — Diz Wenida chorando ao me abraçar, assim que me vê do lado de fora.

— Acabou, Wenida, eles já não podem nos fazer mal.

— Estamos livres. — Ela sorri olhando para as chamas que consomem todo o lugar.

— Vamos sair daqui, precisamos estar longe quando a polícia chegar com os bombeiros.

Alessia

Meses se passaram desde que tive que ver minha única amiga ser enterrada, após morrer queimada de maneira cruel. O lugar em que ela estava foi completamente destruído pelo fogo, sobraram poucos com vida, todos eles pacientes. Ninguém sabe como o incêndio começou e não há pistas sobre quem era o dono daquele hospício dos infernos. Os internos que sobreviveram disseram ter passado por vários tipos de tortura ali. Só posso imaginar como minha amiga sofreu, para no fim, morrer ali.

Afonso está trabalhando em dobro com muitas reuniões na câmara dos lordes. Esta noite teremos que jantar no Palácio Real, onde serei apresentada formalmente ao rei. Como se eu me importasse com o que Hector pensa, porém é o protocolo.

Todo esse tempo ele passou em luto, mas agora retomou suas atividades oficiais.

O motorista estaciona na entrada da minha casa. Ainda estou me acostumando com o fato de ser casada com um duque e morar num castelo; ter motorista particular e segurança para me levar à faculdade. Mas desde que contei para Afonso que venho tendo uma sensação estranha, como se alguém estivesse me seguindo e me vigiando, ele decidiu colocar um segurança para tomar conta de mim. Estou fazendo faculdade de Relações Internacionais. Sempre sonhei em estudar e ter a minha própria carreira, minha independência.

Desço do carro segurando meu notebook. O mordomo abre a porta para mim, como sempre gentil.

— Senhora Aragão, tem visitas a aguardando na sala de estar.

— Quem é, Gérard? Não me lembro de Afonso ter avisado que alguém viria.

— A senhora Laura e a senhorita Hernandez.

— Tudo bem. Irei receber as duas, obrigada.

— Às ordens, senhora. Pedirei a Serena que prepare um chá e levarei para as senhoras.

— Perfeito. — Digo ao colocar meu casaco e o notebook no aparador da sala de entrada, indo direto ver o que essas duas cobras querem aqui.

Desde aquele jantar, tanto Laura como a barata descascada da Anahí não deram sinal de vida, e minha intuição diz que quando a cobra está silenciosa, ela está armando o bote. Ao entrar na sala, já vejo as duas com suas poses de donas da casa.

— Enfim chegou, querida. Estava comentando aqui com Anahí que não é comum uma duquesa passar tanto tempo na rua quando o marido está trabalhando.

— Bem, é normal a senhora pensar assim, já que viveu sua vida em torno do seu falecido marido. Porém, como já sabe, os tempos são outros.

— Você é uma duquesa e tem que se portar como uma, ou estará desonrando o nome do meu filho. O que vão pensar dele?! Está jogando o sobrenome da minha família no lixo. Olha que tipo de roupa que veste, isso está fora protocolo real.

— Quem tem que se preocupar com isso é meu marido, e não você.

— Mas é uma selvagem mesmo. Mal chegou à realeza e já está colocando as garrinhas de fora. Logo se vê que você não se encaixa no papel de uma mulher honrada. Você está mais para uma bárbara.

— Eu não sei, Laura, o que aconteceu na sua vida que a deixou tão amarga, tão má. Mas nunca lhe fiz nada. O único problema que tenho é não ser tão rica como vocês, tão nobre como vocês. Mas seu filho me ama e isso deveria ser a única coisa que importa para você.

— Afonso está enfeitiçado, mas tenho certeza que logo ele vai perceber a desqualificada que você é. — Diz a barata descascada da Anahí.

— Escuta aqui, você está na minha casa, e exijo que me respeite. — Falo enfurecida com a arrogância das duas.

— Fica calma, Laura. Não está vendo que é isso que ela quer, te deixar descontrolada? Não sei o que Afonso viu nessa maltrapilha.

— Ele viu tudo que você não tem, sua loira aguada. Eu não sei o que vocês duas vieram fazer aqui, mas o melhor é irem embora antes que eu acabe mostrando às duas quem sou.

— Já mostra que não tem classe. A única coisa que vim fazer aqui é dar um cheque para você sumir da vida do meu filho, sua aproveitadora.

— Eu não quero seu dinheiro, Laura, se veio aqui para isso, perdeu seu tempo.

— Diga de uma vez, não importa o quanto seja, apenas me dê um número. Todo mundo tem seu preço. Posso te fazer uma mulher rica, só precisa deixar meu filho em paz.

— Para mim já deu. Tentei manter a compostura, mas vocês duas fazem qualquer um sair do sério. Fora da minha casa agora! — Grito enfurecidamente.

— Você está louca, não pode nos expulsar assim. Laura é mãe de Afonso, essa casa já foi dela. — Diz a loira aguada.

— Foda-se! Não estou nem aí se ela é a própria rainha; esta casa é minha e quero as duas fora daqui. Gérard!! — Grito pelo mordomo, batendo o pé no chão irritada.

— Você não seria capaz — Laura me testa com seu olhar desafiante.

— Gérard! — Grito novamente e o mesmo aparece assustado, correndo com a bandeja de chá nas mãos.

— Acompanhe essas duas senhoras para fora, por favor. — Digo com um sorriso debochado.

— Você vai me pagar caro por isso. — Laura diz pegando sua bolsa.

— Não tenho medo de você.

— Veremos, Alessia. Você não sabe do que sou capaz de fazer para proteger o nome da minha família. Uma coisa eu garanto: vai se arrepender de não ter aceitado o dinheiro.

— Pode vir com tudo. Veneno de cobra para mim é refresco, sogrinha. — Falo ao abrir a porta principal para as duas cascavéis saírem.

Hector

Os dias estão se passando lentamente; acordar e dormir me parece a mesma coisa. Uma nostalgia enorme me consome, e a dor, essa dor incessante que não alivia, muito pelo contrário, a cada abrir dos meus olhos ela piora. Todos os dias tenho que me conter e lutar para fazer as coisas mais simples, como trabalhar e comer. A saudade que sinto dela é imensa e não me deixa; é sempre uma agonia sem fim. Saber que ela se foi e nada que eu faça terá o poder de trazê-la de volta. Dizem que as pessoas só aprendem com o amor e com a dor. Eu me pergunto todos os dias o quanto de dor seria o bastante para acabar com esse sofrimento. Viver sabendo que ela morreu é como padecer em um inferno eterno. Eu daria tudo para ter morrido junto

com ela, assim a dor teria fim e eu poderia ter paz.

Liana Castela chegou em meu peito e fez sua morada, foi transformando tudo que era escuro em luz. Sua bondade, seu carinho, seu amor foram derrubando as barreiras de ódio que havia erguido contra ela. Pouco a pouco eu me vi rendido por seu sorriso doce e sua mania de querer me agradar mesmo quando eu não merecia.

Largo os documentos que tenho que revisar e os deixo para amanhã. Exausto, saio do meu gabinete e decido tomar um banho e fingir por algumas horas que tudo está bem. Já se tornou minha especialidade nos últimos meses; fingir, pelo bem do país, fingir para acalmar minha mãe.

Inês, Afonso, meu pai, minha mãe e até mesmo Charlotte me cercam o tempo inteiro, perguntando se estou bem. Como se pudesse um dia estar bem, após perder meu filho e o meu anjo. Caminhei pelos corredores do palácio me preparando psicologicamente para o jantar. Se fosse por mim, teria desmarcado, mas sei o quanto é importante para meu amigo o jantar de apresentação da nova duquesa de Aragão, que já adiei por tempo demais.



Entro no salão principal e cumprimento meus pais.

— Como você está, meu filho? — Pergunta meu pai tocando meu ombro.

— Bem melhor, não se preocupe.

— Tem certeza? Nós podemos marcar uma consulta para essa semana.

— Eu estou bem, pai, de verdade. — Tento tranquilizá-lo.

— Seu pai tem razão, meu filho. Você está abatido, talvez seja bom conversar com um terapeuta. Ter ajuda profissional não o torna fraco.

— Eu estou melhor, mãe, só preciso descansar um pouco — falo beijando o rosto dela e me sento no trono, quando a grande porta se abre.

— O Duque e a duquesa de Aragão! — anuncia um dos guardas.

Afonso e Alessia entram juntos, vindo até mim. Os dois fazem uma reverência tradicional.

— Seja bem-vinda ao palácio, duquesa de Aragão. — Digo de maneira formal, sabendo que ela me odeia pelo que aconteceu com a amiga.

— Ela é realmente linda, Afonso; parabéns, meu querido. — Fala minha mãe a Afonso e abraça Alessia. — Bem-vinda à família real, querida. Sinta-se à vontade; praticamente troquei as fraldas desse moleque, me sinto tão mãe dele quanto de Hector, os dois viviam grudados.

— Obrigada, Majestade.

— Me chame de Letícia — diz mamãe já fazendo amizade.

— E aí, meu amigo, como você está? — pergunta Afonso.

— Cansado de responder a essa pergunta a cada dois minutos. — Falo me levantando do trono, indo até ele, e o cumprimentando.

— O jantar será servido no salão rosa. — Diz o mordomo chamando nossa atenção.

— Vamos então. — diz meu pai indicando o caminho.

— Prazer, Alessia, eu sou Charlotte, irmã de Hector.

— Encantada, Charlotte. Você é mais linda pessoalmente do que vi pelos jornais.

— Obrigada — diz minha irmã, tímida com o elogio.

Fomos todos para a sala de jantar, onde nos se sentamos nos lugares marcados. Próximo a mim estavam meus pais e minha irmã e, como era um jantar em honra à esposa de Afonso, o mesmo sentou se ao lado de meu pai, e Alessia à sua frente.

— Desculpe meu atraso, espero que não esteja atrapalhando. — Diz Inês entrando.

— Fique à vontade, Inês. Acabamos de chegar. — Fala meu pai a ela, que me olha com seus olhos profundos, como se pudesse enxergar meus mais profundos segredos.

— Alessia, esta é Inês, amiga da família. — Falo omitindo sua verdadeira identidade.



A entrada foi servida e o jantar foi seguindo; a conversa se mantinha em assunto políticos, todos evitavam tocar no nome de Liana. Cansado e querendo voltar para o meu quarto, decido fazer um brinde e encerrar de uma vez a noite.

— Com licença — digo batendo de leve na taça, todos olham para

mim — Quero propor um brinde a meu amigo duque e a Alessia, sua esposa e nova duquesa de Aragão. — Falo erguendo a minha taça e todos brindam felizes. Eu olho para Alessia e é impossível não pensar em Liana, ela poderia estar aqui com todos nós brindando.

Após o jantar, fomos todos à sala de estar para conversar. Eu mal troquei duas palavras, pois minha cabeça estava em outro lugar, ou melhor, em outra pessoa.

— Afonso, preciso te mostrar minha coleção nova de charutos. — Fala meu pai se levantando e levando Afonso para ver sua coleção. Inês e mamãe pareciam concentradas em algum assunto.

— Eu olho para você e tento ter pena, mas é inútil. Não consigo ter empatia por alguém que fez o estrago que você fez. — Fala Alessia, parando do meu lado.

— Pois saiba que me arrependo amargamente e que estou pagando um preço caro demais. Viver sem ela é como ser um morto-vivo, estou vivo, mas morto por dentro.

— Você está aqui com a sua família, vivendo a sua vida, enquanto ela está em uma cova fria, sem vida.

— Alessia, amor, é melhor irmos, já está ficando tarde. — Fala Afonso nos interrompendo antes mesmo que eu possa responder.

Engulo suas palavras com gosto amargo nos lábios. A noite terminou aí; todos foram para seus quartos. Porém eu fiquei na sala sozinho, pensando no que ela disse, o único culpado por tudo sou eu. Decido ir para o meu escritório, que tem sido o único lugar que me traz um pouco de tranquilidade. Quando estou atolado de problemas com o reino, me sinto ocupado demais para pensar. Ao entrar no cômodo, caminho em direção ao bar e pego uma garrafa do uísque mais forte; preciso esquecer por pelo menos por uma noite esse sofrimento.

Abro a garrafa bebo direto no bico, o gosto forte enche meus lábios fazendo a garganta arder, mas isso não impede que eu beba cada vez mais. Sento na minha cadeira com a garrafa nas mãos, sufocando em memórias.

Raios de sol passando por seus cabelos enquanto ela colhia flores para espalhar pelo casarão. Eu a observava vidrado do segundo andar. Ela não podia me ver, mas eu era banhando pela sua visão. Levanto, pegando outra garrafa, deixando a vazia no chão. Nem mesmo sei o que estou bebendo, as garrafas vazias apenas vão se acumulando no chão. O espelho feito com moldura de ouro que está na parede mostra um homem derrotado e sem

esperança. Minha imagem chega a ser ridícula: rodeado de imensa riqueza e imenso poder, mas que não servem de nada, não podem trazê-la de volta.

Levanto-me cambaleando e saio do escritório; o palácio está silencioso, já deve ser madrugada. Caminho pela ala norte, para a Torre dos Reis. Subo as escadas com dificuldade. Lágrimas caem do meu rosto sem pedir permissão. Abro a porta que leva ao topo da torre, de onde posso ver toda Madrid, olho para o céu e grito com toda a minha força:

— Liana!!! Por que me deixou, amor?!

Eu já não aguento mais, não aguento fingir que está tudo bem, não consigo viver desse jeito. Estou completamente sozinho, agonizando. Jamais vou conseguir ser feliz, não sem você. Alessia tem razão. Eu sou um monstro; alguém capaz de fazer tudo que fiz não merece perdão. Meu anjo sofreu tanto em minhas mãos. Fui um carrasco e a fiz sofrer demasiadamente em busca de uma vingança sem fundamento. Ela se foi e o maior culpado sou eu. Não sou digno de amor, não sou digno de ser o rei desse país. Charlotte será uma rainha melhor do que eu fui. Eu não mereço a felicidade, não depois de tudo que causei. Nem mesmo protegi nosso filho.

A melhor coisa que faço é livrar minha família do peso que me tornei — penso ao olhar para baixo, imaginando quanto tempo eu demoraria a morrer quando me atirasse daqui. — Eu vou te encontrar. — Falo sufocando com o choro.

— Não faça isso!!! — Grita Inês, chamando minha atenção.

— Não era pra você estar aqui, me deixe sozinho. — Tento dizer, mas as palavras saem emboladas pela bebida.

— Hector, filho, não faça isso, por favor!

— Você não sabe o que eu estou passando, você não entende. — Digo apontando para o meu peito, para o órgão morto que chamo de coração.

— Por favor, fique comigo, meu filho.

— Você não entende, não aguento! Essa dor é horrível, sufocante. Para que continuar vivendo?!

— Tente, tente por mim. Não desista da sua vida assim. Felipe e Letícia precisam de você; eu preciso de você, meu filho! — Diz desesperada.

— Para que viver sem ela, Inês? Talvez eu nem devesse ter nascido. Santiago deveria ter me jogado numa lata de lixo, e não me entregado à minha mãe; assim teria posto fim à minha existência e eu não teria feito tanta gente sofrer.

— Não diga besteira. Você é meu filho, e eu te amo. Te amei desde

que descobri que estava grávida; mesmo com medo do futuro, medo da gravidez, eu amei você.

— Eu não mereço o amor de ninguém, Inês. — Falo a verdade sufocante que há dentro de mim.

— Liana não ia querer que se entregasse dessa forma. — Fala se aproximando e eu dou mais um passo para trás.

— Ela morreu me odiando, eu não tive a chance de pedir perdão. — Digo conseguindo lembrar do seu rosto cheio de lágrimas na fazenda.

— Onde quer que ela esteja, está olhando para você, meu filho, e te garanto que, se o amou um terço do quanto você a ama, jamais ia querer te ver assim.

— Eu queria voltar atrás, mãe, corrigir todos os meus erros; amá-la da maneira que ela merecia.

— Não há como voltar atrás, mas pode seguir em frente e tentar melhorar. Por favor, eu não posso te perder, não de novo. Não faça isso comigo, meu filho, eu já te perdi uma vez, não vou suportar!! — Ela chora tanto que me sinto culpado por a estar fazendo sofrer.

— Me perdoa, Inês, me perdoa por te ferir. Eu só estrago as coisas, tudo que eu toco se destrói. Perdi Melissa e o filho que ela esperava. E como se não fosse o bastante, eu perdi Liana e nosso bebê. Tudo porque fui burro, covarde, e a maltratei. Se não fosse por mim, ela não teria fugido e caído nas mãos dos psicopatas.

— Meu filho, se pudesse, eu trocava de lugar com você, apenas para não o ver sofrendo dessa maneira. Se você se jogar daí, eu juro que me atiro em seguida, e não será apenas você que morrerá, mas eu também. Não vou te perder de novo.

Suas palavras me atingem em cheio e não aguento de tanta dor, me ajoelho no chão chorando desolado.

— Dói, mãe. Faz parar. Dói demais viver sem ela. Dói, faz parar. Já não aguento! — Suplico ao sentir seus braços me rodearem; a chamei de mãe pela primeira vez.

— Eu estou aqui, meu filho, estou aqui com você.

Choro colocando para fora toda a dor que me consome.

— Por que, mãe? Por que justo ela tinha que morrer? Liana não merecia morrer de maneira tão terrível.

— A vida nem sempre é justa, meu amor. Mas vai passar. Pode parecer impossível, mas uma hora essa dor vai passar. — Ela diz tentando me

consolar, mas dentro de mim eu sei que jamais vai passar.



CAPÍTULO 25



SEGUINDO

EM FRENTE

*"O tempo não apaga, palavras não desfazem, gestos não podem amenizar.
Entendam, feridas fecham e saram, mas nunca deixarão de existir."*

Liana

Caminhamos por aquela mata até quase amanhecer. Exaustas e com dores nas pernas, Wenida e eu conseguimos chegar à estrada, onde conseguimos uma carona até a próxima cidade. Emília, uma senhora idosa gentil, que viajava junto com o neto Gael até Fonfría, nos ajudou; mesmo sob protesto do neto. Wenida, como a boa atriz que é, disse que nosso carro tinha fundido o motor e que havíamos caminhado por horas em direção à cidade, onde chamaríamos o reboque. E foi assim que chegamos à cidade.

Gael nos deixou em frente a uma mecânica e, juntas, esperamos os dois saírem para ir atrás de um motel. O dinheiro que havia roubado da

carteira de Davis serviu para pagar por uma noite de descanso e uma refeição, a primeira decente que tive após um mês trancada naquele lugar. Dormimos por quase doze horas e, com as energias recuperadas, saímos do motel atrás de uma maneira de chegar a Madrid.

— Quanto sobrou? — perguntou Wenida.

— Não muito, talvez cento e vinte euros. Como vamos chegar a Madrid sem documentos?

— Vamos precisar de um táxi.

— Juro que não te chamo mais de louca, você é um gênio, minha amiga.

— Tem um brechó naquela esquina, precisamos de roupas mais normais. Podemos vender este sobretudo, aposto que é couro legítimo.

— Perfeito. — Falo e nós duas caminhamos até lá.

A atendente ficou satisfeita em trocar um sobretudo Gucci por duas calças jeans e camisetas.

— Vamos até um ponto de táxi, iremos direto para Madrid.

Caminhamos até o taxista ansiosas para conseguir sair dali.

O motorista foi gentil e ficou a viagem inteira até Madrid falando do quão estava feliz com o nascimento do primeiro filho. Naquele momento pensei no meu bebê e no que Hector diria se soubesse que eu estava esperando um filho dele. Eu não deveria mais pensar nele; tenho que tirar esse sentimento de dentro de mim.

— Chegamos, senhoritas.

— Obrigada, Josh, foi uma viagem agradável.

— Eu que agradeço, senhoritas.

Após pagar, nós duas entramos na estação de trem de Atocha, que estava lotada.

De cabeça baixa, fomos direto para os guarda-volumes. Eu não sabia se a essa altura Liz já sabia que eu tinha fugido. Provavelmente sim, então preciso tomar muito cuidado.

— Qual o número do guarda-volumes mesmo? — Pergunta Wenida olhando a infinidade de números.

— Quatro cinco meia.

— É aquele ali, vamos. Estou ansiosa para saber quanto dinheiro tem.

Tiro a corrente com a chave do pescoço e, com o coração acelerado, eu abro a porta de metal, encontrando uma mala marrom pesada.

— Não podemos abrir aqui, alguém pode ver.

— Tem razão, vamos. — Falo pegando a mala e fechando a porta do guarda-volumes.

Wenida e eu fomos a uma lanchonete simples, a dois quarteirões da estação. Já passava das quatro da tarde e o movimento estava calmo. Sentamos no fundo, em uma mesa bem afastada. Pedi um sanduíche para nós duas e suco de laranja, estávamos famintas já que nossa última refeição foi no motel.

— Eu vou abrir, você dá uma olhada se tem alguém olhando para nossa mesa. — Falo nervosa.

— Tranquilo, pode abrir. — Ela responde, disfarçando enquanto olha ao redor.

Rapidamente eu abro o zíper da bolsa e fico chocada com a quantidade de dinheiro que vejo lá dentro.

— Uau. Você não falou que sua amiga era rica. Meu Deus, deve ter no mínimo duzentos mil aí dentro. — Ela fala sorrindo.

E, pela primeira vez desde que meu mundo desabou, eu sorrio, sabendo que agora sim estarei segura e que ninguém mais entrará no meu caminho.

Alessia

Essa semana tive meu primeiro evento como duquesa de Aragão. Afonso e eu fomos à inauguração de um hospital público na cidade de Segóvia. Pelo que Afonso me explicou, os membros da realeza espanhola se dividem em uma agenda lotada de compromissos e eventos reais, e eu como a nova duquesa, teria a mesma função. No final da semana teríamos que comparecer a um baile na casa de campo onde ficaríamos hospedados, propriedade de Leonor, a baronesa Lehzen, que é casada com Adolfo Suárez, antigo primeiro ministro do país. Pelo que Afonso me explicou, ele ainda detém grande influência, e sua esposa todo ano sedia um baile na chegada do inverno. Confesso que esse evento estava me deixando nervosa, tinha medo de cometer algum erro e fazer Afonso passar vergonha, já que meu nome está em todos os jornais do país. “Alessia Molina, a plebeia que conquistou o coração do duque de Aragão.” Insinuações horríveis são feitas todo dia sobre

mim, mas não é isso que está me tirando o sono, pois nunca me importei com o que as pessoas pensam de mim, e não seria agora que me preocuparia. Contudo, a ligação que recebi ontem, e novamente hoje de manhã, vem me assombrando.

Quase não prestei atenção nas aulas da faculdade, minha cabeça vagava para o telefonema estranho, com apenas o som de uma respiração. Perguntei quem era várias vezes, mas não obtive resposta. Poderia ser um trote, ou talvez eu estivesse ficando paranoica; contudo, dentro de mim algo me dizia que poderia ser Enrico.

— Alessia, é hora de ir. — Fala Judy, minha nova amiga de faculdade.

— Eu nem vi a aula passar.

— Deu pra perceber, você parecia estar no mundo da lua. — Ela diz recolhendo os livros.

— Desculpa, estava pensando em outras coisas. Você me passa a matéria de hoje para que eu possa estudar? — digo a seguindo para fora da sala.

— Claro te envio pelo celular, não se preocupe. — Fala ela se despedindo de mim.

Olho para a entrada da faculdade esperando Roy, meu motorista e segurança. Estranho ele ainda não estar aqui, já que nunca foi de se atrasar. Pego meu celular e ligo para Afonso, mas só chama e cai na caixa postal. Fiquei por quase vinte minutos esperando Roy chegar, quando uma leve garoa começou a cair. Não sei explicar por que, mas sentia que estava sendo observada. Já estava preocupada, na certa acontecera alguma coisa com Roy. Estava pronta para ligar no telefone dele quando o carro encostou.

— Estava preocupada. Você está bem? Aconteceu alguma coisa? — Pergunto a Roy assim que ele abre o guarda-chuva para mim.

— Teve um acidente na Gran Via, o trânsito tá caótico.

— Tudo bem, é melhor irmos logo. Estou preocupada com Afonso, ele não atende o celular.

Entrei no carro, coloquei o cinto e mandei outra mensagem para Afonso, perguntando se ele ia demorar para chegar. A mensagem foi enviada, mas não foi entregue. Fechei os olhos pensativa, quando notei que o carro passou a andar mais rápido.

— O que houve? — Pergunto olhando para trás.

— Estamos sendo seguidos. — Fala Roy ao fazer um cruzamento na

Avenida Las Conterias. Olho para trás e percebo que o carro preto ainda não segue em alta velocidade.

— Quem pode ser?

— Não sei, senhora, vou tentar despistar; aperte o cinto. — Fala trocando a marcha e olhando pelo retrovisor; continuamos sendo seguidos.

Ouçó o som de tiros e entro em pânico; estão atirando contra nós em plena luz do dia na Alameda High Liverpool. Meu coração dispara, começo a suar frio; a chuva começa a ficar ainda mais forte. Roy se concentra em entrar ainda mais no meio do trânsito, tentando despistar nosso perseguidor.

— Por que estão atirando na gente? — Pergunto nervosa.

— Pode ser uma tentativa de sequestro. A senhora é uma duquesa, criminosos ganhariam uma fortuna com o resgate.

Suas palavras não me convencem e algo me alerta que é Enrico que está atrás de mim. Ele quer se vingar por ter acabado com a organização e fugido dele. Um tiro acerta o retrovisor do meu lado e eu solto um grito de pânico.

— O carro é blindado, senhora, não se preocupe. No que depender de mim, eles não vão pegar a senhora.

Meu coração acelera; tento ligar para Afonso novamente, mas o telefone chama e ninguém atende. Lágrimas começam a tomar conta do meu rosto. Os tiros não cessam e meu medo é que uma dessas balas pegue o pneu e o carro capote. O carro preto bate contra o nosso, fazendo meu corpo impulsionar para frente. Minhas mãos tremem, sinto que será meu fim, ele irá me pegar. Alguns carros fogem ao ver a perseguição, entretanto Roy não para; vira para a esquerda em alta velocidade, entrando em uma rua bem movimentada.

Dou graças a Deus por sua experiência, ele consegue cruzar em meio a vários carros. Roy gira o volante entrando na frente de uma carreta, fazendo o carro que vem atrás da gente ficar para trás. Cruza outra vez em uma rua mais tranquila e me sinto aliviada por termos conseguido sair dessa e despistar o carro.

Meu corpo está tão anestesiado que somente ao ver os grandes portões da minha casa percebo que meu rosto está coberto por lágrimas.

— Chegamos, a senhora está segura. — Roy tenta me acalmar.

— Obrigada, Roy, você salvou a minha vida. — Agradeço pelo que ele fez, e sem me importar com a chuva que caía forte, assim que Roy abre a porta para mim, eu salto para fora ansiosa. Minhas pernas estão bambas e

tudo que eu quero é me refugiar nos braços do meu marido. Entro em casa nervosa e de cara vejo quem está sentada na minha sala de estar, ninguém menos que Anahí. A loira estava sentada no meu sofá como se estivesse em casa, e reparo que está com os cabelos molhados. E ao me vê, sorri debochada.

— O que está fazendo aqui? — Praticamente rosno vendo-a na minha casa.

— Eu vim com Afonso. — Sorri provocando.

Entretanto antes que eu possa colocá-la para fora da minha casa, vejo Afonso descendo as escadas com os cabelos molhados e abotoando a camisa.

— O que tá acontecendo aqui? — Questiono tremendo vendo os estados dos dois.

— Oi, amor, não sabia que já tinha chegado. — Fala tentando me beijar, mas eu me afasto.

— O que essa mulher faz na minha casa?! — Falo olhando diretamente para ela.

— Alessia, não é assim que se fala com as visitas. Anahí é uma amiga de infância, não pode tratá-la assim.

— Ah, não posso? Pensei que tivesse me dito que a casa é minha e eu podia fazer o que quisesse. E você, Afonso, não respondeu à minha pergunta. O que essa mulher faz aqui?

— Encontrei Anahí perto de casa, ela estava na chuva com o pneu furado, então ofereci carona para ela. Só passei em casa para trocar de roupa, já que estava encharcado. — Ele diz firme, mas o olhar debochado dela diz outra coisa.

— Por que não atendeu minhas ligações ou respondeu minhas mensagens? — Acuso olhando para ele decepcionada. Eu quase perdi minha vida e ele estava com essa cobra falsa, aposto que ela armou tudo para que ele a levasse para casa.

— Esqueci meu celular no escritório, e quando cheguei que me dei conta.

Mesmo magoada e enfurecida com ele, não deixo transparecer, não na frente dessa cobra. Tudo que ela quer é que eu desabe, mas não darei esse gostinho a ela.

— Bem, agora que o mal entendido foi resolvido, acho que Roy pode levar a senhorita Hernandez em casa e chamar um guincho para rebocar o carro dela. — Falo com um sorriso frio e vejo sua postura mudar.

— Ela tem razão, Afonso, eu não quero atrapalhar. Falei para você que poderia ter me deixado lá, logo papai iria atender o celular e viria me ajudar.

— Você não atrapalha, Anahí, é quase da família. Se preferir eu mesmo...

Me aproximo dele e toco seu ombro, segurando todo meu ódio, e digo baixo apenas para que ele ouça:

— Se você sair por essa porta junto com ela, garanto que se arrependerá duramente. — Falo com um sorriso frio e vejo-o engolir em seco e olhar em meus olhos, só agora reparando o quão tensa estou.

— Não é preciso, querido. Roy me leva. — Ela fala pegando a bolsa e eu me adianto chamando Roy para levá-la e tirar, o quanto antes, essa cobra da minha casa.

Hector

Os dias se passam de forma lenta, acho que isso faz parte do meu castigo. Do lado de fora a neve toma conta de toda Espanha, o inverno este ano está rigoroso. Me sinto como se vivesse em um frio sem fim. Após a noite na torre as coisas mudaram. Não posso dizer que a dor passou, isso é impossível. Mas dia após dia faço um esforço imenso para conviver com a culpa que carrego e com a falta que Liana me faz.

Inês ficou na Espanha por mais um mês, provavelmente se assegurando que eu não fizesse nenhuma besteira. Estranhamente ela e minha mãe estão se dando bem, é como se as duas estivessem unidas para me vigiar. Arturo me ligou duas vezes perguntando como eu estou. Paloma e Alice me mandam mensagens diariamente, sinto-me como se fosse uma criança e precisasse de supervisão. Me entreguei ao trabalho para não afundar em um poço de auto piedade. Todos os dias eu luto para fazer coisas simples como comer, trabalhar, cuidar da minha saúde e do bem estar da minha família. Charlotte estava tendo problemas na escola e eu, como o péssimo irmão que estava sendo, não tinha reparado. Precisei colocar a Espanha acima dos meus sentimentos, acima da minha dor. É nela que foco meu pensamento durante o

dia todo, mas à noite a tortura da sua falta me assola.

Ontem sonhei com ela. Liana estava linda, seus cachos rebeldes estavam soltos, nos seus lábios um sorriso lindo, enquanto olhava pela sacada do nosso quarto. Me aproximei dela abraçando-a por trás, beijando seu pescoço, e olhei na mesma direção que ela. Lá, estavam dois meninos correndo atrás de um cachorro, sorrindo felizes.

Não sei por que, mas eu sentia que eles eram nossos, nossos filhos, e eu me senti o homem mais feliz do mundo. Ao acordar, me dei conta de que tudo não passava de um sonho. Minha mente estava me pregando peças e me torturando, fazendo-me sonhar com algo que jamais terei. Como meu pai disse uma vez, a tortura de uma consciência pesada é um inferno para uma alma viva. Essa é a mais pura realidade; mesmo com todos me dizendo que não sou culpado, não consigo parar de pensar que era minha obrigação protegê-la. Elisabeth ainda está foragida; provavelmente conseguiu sair da França. Mas não descansarei enquanto não conseguir colocá-la atrás das grades.

Uma investigação foi aberta para descobrir como aquele manicômio dos horrores se manteve escondido por tanto tempo. O inquérito ainda não foi finalizado, mas ao que tudo indica eles tiveram ajuda de gente grande para manter o lugar escondido.

Terminei de abotoar meu paletó; tinha acabado de chegar de uma exposição de arte contemporânea, em que todo o lucro das vendas dos quadros seria destinado a uma fundação que ajuda crianças com autismo.

Desço as escadas em direção ao quarto de Charlotte. Bato na porta e ouço-a gritar:

— Já estou indo! — Ela abre a porta atrapalhada, com os saltos nas mãos.

— Quando foi que eu dormi, acordei e você já estava tão moça?

— Uma hora isso ia acontecer, já tenho quinze anos. Tá vendo esses cabelos brancos na sua cabeça? É a idade, meu irmão.

— Não sei de que cabelo branco você está falando. — Digo colocando a mão no peito me fazendo de ofendido. — Vamos, *mi princesa*.

Despedimo-nos de nossos pais e fomos de helicóptero até Sevilha, para assistir ao XVI Congresso da Associação de Academias de Língua Espanhola.

— Você sabe que eu odeio esses eventos. — Ela diz olhando ao redor e só vendo gente velha, como costuma dizer.

— Era isso ou teria que recorrer a Alexandra para vir comigo. — Falo provocando.

— Deus, prefiro sofrer essa tortura de participar desse congresso do que te ver nas garras daquela megera.

Fomos encaminhados até uma ala reservada para nós, de onde teríamos visão privilegiada do palco. Fomos recebidos por muitos admiradores da família real, que nos aguardavam. Ali tivemos um encontro com os diretores das Academias de Língua Espanhola e com os patronos da Fundación pro Real Academia.



O ato começou com a atuação do coro, onde a Infanta Charlote, minha irmã, leu seu discurso. No final, me foram oferecidos alguns exemplares das obras completas de Miguel de Cervantes. Charlote estava quase dormindo de olhos abertos ao final do meu discurso sobre a importância da cultura espanhola e do significado das nossas raízes culturais. Recusei o coquetel ao final do evento, louco para ir para casa. Charlote já estava cansada e assim que entramos no helicóptero ela acabou dormindo com a cabeça no meu colo. Chegamos já de madrugada; carreguei Charlote no colo até seu quarto, mamãe como sempre estava nos esperando na sala.

— Não precisava ficar acordada. — Falo a repreendendo.

— Só consigo dormir quando tenho certeza que meus filhos estão seguros em casa. — Ela diz assim que fecho a porta do quarto de Charlote.

— Vá descansar, meu filho, você me parece exausto.

— Estou bem, a viagem foi cansativa, mas nada que uma noite de sono não resolva.



Na manhã seguinte, às seis horas, acordei com o celular tocando. Olhei no visor, havia várias chamadas perdidas, dentre elas de Paloma, Arturo e Verônica, até mesmo de Guilherme. Nervoso, retorno a última ligação, que é de Guilherme, e pela hora imagino que algo grave tenha

acontecido.

— Até que enfim conseguimos falar com você. — Diz Guilherme tenso.

— O que aconteceu? Cheguei tarde ontem e acabei pegando no sono, não vi as ligações.

— Esteban está morrendo, Hector. — Fala e sinto um gosto amargo em minha boca.

— Eu não posso fazer nada quanto a isso.

— O câncer se espalhou por todo seu corpo. Ele vinha lutando há anos, escondido de toda família. Mas agora a batalha está perdida, Esteban não tem chances de sobreviver.

— Se pensa que com isso vou esquecer o que ele me fez, está enganado.

— Eu entendo você, meu irmão, mais do que possa imaginar. Eu passei anos da minha vida chamando Esteban Cartier de pai, e por muito tempo fiz de tudo para agradar ele; fui um filho exemplar, mas nada disso parecia importar. Desde pequeno, fui rejeitado por ele, sofri com seu desprezo, nunca tive uma palavra de carinho da parte dele; talvez lá no fundo ele já soubesse que eu não era seu filho.

— Depois de tudo que ele fez, como pode ainda estar tentando ajudá-lo?

— Justamente por isso estou aqui, Hector, dando a Esteban o que ele nunca teve por mim, compaixão. Ele está morrendo e o que posso fazer é ajudar. Minha mulher não dorme direito há dias preocupada com o pai. Alice teve o pai que eu nunca tive, e ela o ama. Paloma o ama, e até Arturo, mesmo sendo o mais frio de todos, também está sofrendo. Então se você não consegue ter compaixão por um velho moribundo que está chamando por você, venha pelas suas irmãs e pelo seu irmão. Eles precisam de você.

— Tudo bem. Eu irei. Não por consideração a esse homem, e sim por Alice, Paloma e Arturo. Apenas por eles irei a Londres.

Liana

Suada e ofegante, desperto de mais um sonho com Hector. Dessa vez, estávamos juntos, abraçados como um casal, enquanto olhávamos nossos filhos correndo atrás de um cachorro. Não é possível que mesmo depois de meses eu ainda sonhe com ele. Deve ser culpa dos hormônios da gravidez! Não posso sonhar com um homem que foi meu carrasco, que me humilhou e brincou com meus sentimentos. Hector não merece nem mesmo que me lembre que ele existiu. Mas é bem mais fácil falar do que sentir. Sua lembrança está viva dentro de mim. Acaricio minha barriga e lembro que já se passaram três meses desde que fugi daquele lugar terrível. Minha barriga já está bem grande, o que me faz lembrar que não espero um bebê, mas sim dois. Logo que peguei o dinheiro de Miranda, marquei uma consulta com uma ginecologista, ainda em Madrid. Estava muito preocupada, por conta de todo estresse e maus tratos que havia passado desde que descobrira a gestação. Foi um alívio saber que estava tudo bem e uma surpresa enorme saber que seria mãe de duas crianças de uma vez. Hoje iniciarei meu pré-natal aqui em Londres; tenho uma consulta marcada com um médico conceituado, o doutor Thunderwolves, no The Lister Hospital.

— Ei, no que tanto pensa? — Pergunta Karina, minha amiga da prisão que, após eu ter conseguido o dinheiro de Miranda, fiz questão de pagar sua fiança e trazê-la comigo e com Wenida para a Inglaterra. Nada melhor do que um local neutro para o nascimento dos meus bebês.

— Estou pensando em como a minha vida mudou de maneira drástica desde que saí da prisão.

— Você está pensando nele, não é?

— Estava, mas agora irei me trocar que hoje é a minha primeira consulta com o novo obstetra, o doutor Thunderwolves. Dizem que é um dos melhores de Londres. — Falo mudando de assunto.

— Nossos documentos falsos já estão prontos, mas ainda tenho medo que alguém te reconheça, ou a Wenida, já que o tio dela é um homem perigoso. — Fala ela, se referindo ao tio que colocou Wenida naquele lugar para ficar com a herança dela.

— Eu confesso que fico com medo da Elisabeth toda vez que saio na rua, mas preciso cuidar da minha gravidez, não posso mais postergar.

— Deveríamos contratar um segurança profissional, cuidado nunca é o bastante. — Fala Wenida, entrando na sala com um balde de pipoca nas mãos.

— Tem razão, precisamos conseguir um segurança de confiança para

nós. — Digo pensativa.



Chegamos, eu e minhas amigas, ao hospital; eu estava tremendo de nervoso e ansiedade. Pelas minhas contas, contando com o tempo que fiquei na clínica, eu deveria estar com aproximadamente quatro meses e meio de gravidez.

— Fica calma, está tremendo. Vai ver que está tudo bem com esses bebezinhos. — Wenida fala tentando me acalmar.

— Ela tem razão, não fique assim. — Diz Karina enquanto aguardamos na sala de espera.

— Lilia Wright! — Fala uma enfermeira.

— Sou eu. — Falo ficando de pé.

— Quer que nós entremos com você? — Pergunta Wenida.

— Não é preciso.

— É sua primeira consulta do pré-natal? — Pergunta a enfermeira.

— É sim. — Respondo nervosa.

— Vem comigo, vou medir sua pressão, colher uma amostra de sangue e te pesar, após isso te levo para sala do doutor Thunderwolves.

Acompanhei-a até uma sala de triagem, onde passei pelos procedimentos que ela informou, para logo em seguida ser encaminhada à sala do médico.

— Boa tarde, senhorita Wright. É sua primeira consulta? — Pergunta o doutor Thunderwolves, um moreno de olhos castanho muito simpático.

— Na verdade é minha segunda consulta; descobri que são gêmeos, mas ainda não sei os sexos. Também preciso fazer os exames para garantir que eles estão bem.

— Você sabe aproximadamente quanto tempo de gestação está?

— Não tenho certeza, imagino que por volta dos cinco meses.

— Faz uso de algum medicamento?

— Não, doutor.

— Tem hipertensão, depressão ou diabetes?

— Também não, apenas nos últimos tempos estive sob pressão e com muita ansiedade.

— Tudo bem. — Fala anotando o que informei. — Eu vou pedir alguns exames, que você pode fazer aqui no laboratório do hospital mesmo; é só levar o pedido na recepção e eles marcam para você. Agora eu vou pedir que tire toda sua roupa ali atrás, vista o avental e deite na maca; vamos dar uma olhadinha nesses bebezinhos. Faço exatamente o que ele diz, ansiosa para ver meus anjinhos, que já amo mais que tudo no mundo. Se tem uma coisa que conhecer Hector me trouxe de bom foram esses anjos. Não importa o quanto eu tenha sido humilhada, tenha sofrido, no final eu tenho meus bebês. Deito na maca e ele coloca um gel gelado na minha barriga, o espalha, e usa um aparelho. Depois de um tempo, um som rápido de batimentos ritmados preenche meus ouvidos e me emociono sabendo que é o coração dos meus bebês.

— Olha só que surpresa, estão de perna aberta. — Fala sorrindo, com os olhos no monitor, e aponta para o que parece ser meus bebês. — Parabéns, são dois garotinhos.

— Dois meninos, dois anjinhos — Falo com a voz embargada de emoção.

— Isso mesmo. Olha aqui, esse é o bebê número um — diz apontando na tela e mostrando um dos bebês. — Aqui está o segundo, ele é menorzinho, mas isso é normal, ser um menor que o outro. Os dois estão na mesma placenta, o que indica que serão idênticos. Seus bebês estão aparentemente ótimos. Vou pedir um ultrassom morfológico, mas não há nada de errado com seus bebês. Novamente parabéns, senhorita Wright.

— Obrigada, doutor. — Falo limpando as lágrimas de felicidade.



Depois que contei para as meninas que eram dois meninos, elas quiseram comemorar. Pode-se dizer que a maneira de comemorar da Wenida é diferente. Fomos para um salão de beleza no melhor shopping da cidade, onde nós três tivemos um dia de beleza. Acabei cortando meu cabelo para tentar não ser reconhecida. Wenida pintou o seu, deixando-o ainda mais vermelho, e Karina fez um corte Chanel lindíssimo. De lá, não resisti e passamos em uma loja de bebê; comprei dois macacões brancos com detalhes em azul.

— Olha que lindo esse, Arturo! — diz uma mulher a um homem que imagino ser seu marido. Segurando uma linda bebezinha de olhos azuis.

— Sua filha é linda — falo encantada com a bebê.

— Obrigada. Esta é a Jade, minha caçulinha. E você, de quantos meses está? Já sabe o sexo? — Diz sendo simpática.

— Sou Lilian, estou de cinco meses, e são gêmeos, dois meninos — falo orgulhosa dos meus bebês.

— Liana, vem ver esse carrinho duplo! — Grita Wenida me chamando. E me despeço do casal bonito e da pequena Jade, imaginando como seria diferente se Hector estivesse aqui comigo e não existisse nenhum plano de vingança.



CAPÍTULO 26



OS

HERDEIROS DA ESPANHA

"Simples, exato, incomparável, inenarrável, incondicional, imensurável, é o único que atravessa as portas do infinito e se eterniza no pergaminho inviolável do tempo, esse é o amor de mãe".

Afonso

— Seu miserável!! Tem noção do que eu passei enquanto você estava aqui curtindo com a sua amiguinha?! — Fala Alessia enfurecida, assim que ficamos a sós.

— Do que está falando? Não está pensando que eu e Anahí estávamos...?

— Como pode ser tão cego? Não vê que essa mulher e sua mãe estão tramando contra mim? — Diz ela me interrompendo.

— Amor, eu sei que a minha mãe não é uma santa, mas Anahí não

tem nada a ver com isso; ela é tão vítima quanto eu dos planos dos nossos pais.

— Você é ridículo, Afonso! Eu quase morri e olha só que lindo, onde estava o meu marido quando fui perseguida por bandidos que atiraram no carro? Com a querida Anahí!

— Que história é essa, Alessia, do que você está falando? — Questiono assustado.

— Quer saber? Se estivesse realmente preocupado, teria atendido a droga do telefone! — Diz emburrada, me deixando sozinho ao subir as escadas.

Passo as mãos pelo cabelo frustrado, odeio o quanto ela é teimosa. Que diabos está acontecendo? Espero Roy chegar enquanto converso com os outros seguranças da casa, e quando o vejo, já vou logo perguntando:

— Roy, pode me explicar que história é essa de tiroteio?

— Bem, senhor, eu já iria relatar o que ocorreu, quando a senhora Aragão me pediu para levar a senhorita Hernandez em casa.

— Me fala o que aconteceu de uma vez. — Digo preocupado.

— No trajeto de volta da faculdade da sua senhora, percebi que estávamos sendo seguidos por um carro preto. Suspeito que eles queriam sequestrar a duquesa. — Fala sério e meu coração acelera em pânico pelo que poderia ter acontecido. — Infelizmente não ficou só na perseguição. Dois homens encapuzados, que estavam dentro do carro, alvejaram o nosso com pistolas calibre vinte e dois. Por sorte o carro é a prova de bala e não sofremos dano algum. Com um pouco de dificuldade, consegui despistá-los jogando o carro para uma marginal, e trouxe a duquesa intacta. Ela ficou muito abalada, mas chegou em casa ilesa.

— Precisamos de mais homens para reforçar a segurança da minha esposa. Entre em contato com a Interpol e avise o que aconteceu, só pode ser Enrico.

— Tudo bem, senhor.

Volto para dentro de casa preocupado com a minha latina. Preciso pedir desculpas por não a ter protegido como deveria. Subo as escadas ensaiando meu discurso, quando vejo Clara e Lorena no corredor.

— Tio Afonso, aconteceu alguma coisa com a minha irmã?

— Não, meu anjo, ela só está preocupada com a faculdade.

— É que ela subiu chorando e quando fui contar para ela sobre as aulas de balé, ela disse estava com dor de cabeça.

— Aposto que amanhã ela estará melhor, pequena. Prometo que semana que vem eu e sua irmã vamos levar você a uma apresentação de balé. O que acha?

— Eu vou amar. — Fala me abraçando empolgada.

Eu fico feliz por ter Clara aqui. Ela é um anjo, é impossível não se apaixonar por essa menina. Despeço-me de Clara e vou direto para o quarto tentar falar com Alessia, porém assim que tento abrir a porta, vejo que está trancada.

— Amor, abre a porta, vamos conversar! — Tento apelar, porém ela não me escuta. — Não faz assim, latina. Eu sei que errei, não deveria ter trazido Anahí para nossa casa sem te avisar, mas, por favor, amor, não faz isso comigo. — Imploro nervoso com seu silêncio, mas não adianta, ela simplesmente ignora meus pedidos e não abre a porta. Decido ir dormir no quarto de hóspedes e conversar com ela amanhã de manhã, antes da viagem para o campo.



Passei boa parte da noite em claro, dormir sozinho após ter me acostumado com as pernas de Alessia enroscadas nas minhas é praticamente impossível. Até tentei ver se ela tinha destrancado a porta, mas a minha duquesa estava irredutível e o que restou para mim foi a cama fria do quarto de hóspedes.

— Porém hoje ela vai ter que me ouvir. — Falo saindo do banho e voltando para o meu quarto.

Encontro minha latina vestindo uma lingerie vermelha sexy para caralho e meu pau sobe na hora, mas ela nem ao menos olha para mim.

— Bom dia, minha linda, podemos conversar agora?

— Não tenho nada para falar com você. — Diz terminado de colocar as meias pretas.

— Não pode ficar me ignorando para sempre.

— Tem razão, não posso, então é melhor dizer de uma vez o que você quer.

— Eu sinto muito por não protegido você, amor! Prometo que isso não vai mais acontecer. Já mandei reforçar a segurança e nunca mais ficarei

longe do meu celular.

— Pode me prometer que não vai mais ficar perto da cobra da Anahí?

— É sério que você está com ciúmes dela? Eu não vejo e nunca vi Anahí de outra maneira além de uma amiga.

— Você é cego ou o quê? Não está vendo que ela e sua mãe estão armando alguma coisa? Está na cara que elas estão tramando para nos separar.

— Claro que não, Alessia. Anahí não tem para que fazer isso, ela sabe que estou com você e que te amo. Sei que a minha mãe não te aceita ainda, mas é apenas uma questão de tempo para que ela veja que eu não vou mudar de ideia.

— Você é um burro mesmo. — Diz terminando de colocar o vestido e sai do quarto me deixando frustrado.



A viagem até a propriedade da baronesa Lehzen foi silenciosa. Alessia passou o tempo todo calada lendo um livro, o que era motivo o suficiente para saber que ela estava brava comigo.

Desço do carro e abro a porta para ela, que olhava a construção encantada.

— É lindo, não? O castelo já foi usado como forte para proteger as terras da coroa de invasores; foi reformado ao longo dos anos, mas não perdeu sua característica histórica.

— É realmente lindo. — Fala observando as torres de pedra.

Entramos e fomos recebidos por Adolfo Suárez e pela baronesa Lehzen, que ficaram felizes ao conhecer a nova duquesa.

— Por que não me avisou que teria tanta gente aqui? — Sussurra Alessia.

— Nem eu sabia, pensei que fosse um final de semana mais íntimo, antes do baile.

— Todos estão olhando para mim.

— Você é carne fresca no meio da aristocracia, estão curiosos para conhecer a dama de vermelho que roubou o coração do duque de Aragão. — Digo beijando sua mão.

Como era de se esperar num evento como esses, havia uma programação preparada para todo o final de semana. Alessia se saía bem conversando com outros membros da realeza e acabou fazendo amizade com a viúva Filipa, prima do nosso anfitrião. Já era quase noite, quando estávamos ouvindo a baronesa Lehzen tocando piano e o mordomo anunciou a chegada de Anahí junto com seu irmão. Senti Alessia ficar tensa do meu lado, e tentei tranquilizá-la, segurando sua mão e beijando seu rosto, mas ela continuava quieta, tentando disfarçar seu desgosto prestando atenção na música.

— Eu vou subir para o nosso quarto, estou cansada. — Fala olhando para mim.

— Quer que eu vá com você? — pergunto mesmo sabendo que Júnior, meu amigo de pôquer, estava me chamando para uma rodada no salão de jogos.

— Não precisa, Júnior está te chamando para jogar; eu estou com uma leve dor de cabeça. — Diz fechando os olhos, esfregando a fronte.

— Tem certeza?

— Claro. — Diz dando um selinho em meus lábios e quase a puxo para meu colo, mas seria escandaloso demais. Observo-a subir as escadas me sentindo um sortudo por ter essa mulher como minha esposa.



O jogo estava chato, continuei perdendo a maior parte das partidas. Ítalo, irmão da Anahí, estava com sorte na mesa; estava com várias fichas, que ele ganhou, assim como várias garrafas de uísque, que nós já bebemos. Eu já estava embriagado, me sentindo tonto.

— É melhor você subir, cara; está bêbado e sua mulher vai te matar. — Fala Júnior, mas eu não o vejo.

— Eu o levo. — Diz Ítalo, me ajudando a ficar de pé.

Eu não sabia bem o que estava acontecendo; tudo estava rodando. Meu corpo estava leve, sentia como se pudesse voar. Não sei como subi as escadas, mas sentia como se alguém me amparasse para subir.

— Alessia, amor, é você?

— Sim, querido, nós já estamos chegando — ela fala carinhosa e eu sorrio sabendo que ela já me perdoou.

— Senti sua falta ontem, amor, não quero mais dormir sozinho, é horrível ficar longe de você. — Falo sentindo minha língua embolada.

— Eu estou aqui, meu amor. — Ela fala, e ouço a porta abrir e entramos no nosso quarto.

— Eu te amo tanto, Afonso. — Fala beijando meus lábios, contudo sua boca tem um gosto diferente.

— Eu também te amo, minha latina teimosa. Eu juro que vou cuidar de você, ninguém vai te machucar.

— Eu sei amor. — Ela diz me ajudando a tirar a roupa e volta a me beijar.

Alessia

Esperei Afonso no nosso quarto por horas. Imaginei que ele estivesse bebendo com seus amigos, entretanto já passava das três da manhã e a preocupação estava me incomodando; mesmo chateada com ele não deixo de me preocupar. Decido descer e ver o que está acontecendo lá embaixo. Visto um robe por cima da camisola. Amarro meu cabelo tentando dar uma melhorada na minha aparência e desço as escadas em direção ao salão de jogos onde ele estava. Estranho o silêncio no ambiente, porém assim que abro as grandes portas francesas que dão acesso ao salão, não encontro ninguém. Verifico todas as áreas comuns procurando por ele e nada; nem ele e nem seus amigos se encontram.

Onde será que eles estão? — questiono internamente. Fui caminhando pelos imensos corredores dos quartos de hóspedes, quando um gemido alto me chamou atenção.

— Afonso, eu te amo. — Fala uma voz abafada fazendo todo meu corpo congelar.

— Não. Não pode ser, ele não faria isso. — Tento me convencer, mas o som rouco da voz dele me chama atenção e eu dou dois passos em direção à porta, com o coração acelerado, as mãos tremendo de medo do que poderia ver. Minha cabeça dizia para abrir, mas meu coração queria apenas que eu fugisse dali. Foi quando decidi escutar minha cabeça e coloquei a mão no trinco, forçando a porta a se abrir.

A cena na minha frente era exatamente a que eu temia. Meu coração se quebra ao meio. Lá está meu marido, o homem a quem entreguei meu coração, nu, junto com Anahí, sobre uma cama. Em choque, eu paraliso olhando para ele, enquanto ela que finge espanto ao me ver.

— O que está acontecendo aqui?! — Grito tão alto que aposto que acordaria todo mundo do castelo; mas, quer saber? Fodam-se todos eles!

— O que você acha, querida, não está claro para você? — Ela debocha da minha cara.

— Afonso, seu miserável!!! — Grito e ele abre os olhos assustados ao me ver.

— O que... o que... tá acontecendo? — Fala com a voz embriagada, confuso.

— Eu que pergunto, o que você tá fazendo na cama com essa desgraçada? — falo avançando em direção a eles.

— Amor, não é nada disso que você está pensando. — Ele fala assustado, levantando da cama, mas acaba esbarrando no criado-mudo e quase cai no chão.

Não sei o que deu em mim, mas quando os vi senti tanto ódio, que eu juro que poderia matar os dois agora mesmo.

— Não tá vendo que está sobrando aqui, sua trouxa? Afonso nunca te amou, ele só casou com você para afrontar a mãe dele.

— Você só pode estar louca, Anahí! Como vim parar aqui?! — Ele fala, vestindo as roupas que estão no chão.

— Sua ratazana anoréxica, acha que me engana com esse teatro barato? — Digo sorrindo, mas por dentro estou em prantos. — Eu não caio nessa sua armação de quinta categoria, já assisti muita novela mexicana para saber que você armou para que eu pegasse vocês aqui! — Falo olhando para ela friamente.

— Aceita de uma vez, Alessia. Você não vê que Afonso não é para você?

— Ah é, vagabunda, ele é para quem?! Para uma piranha como você?! Não mesmo! Eu vou te ensinar a nunca mais mexer com o marido dos outros! — Falo encostando-a na parede e dando uma rasteira, para que a vaca caia no chão. — Você gosta de brincar com o marido dos outros? Agora toma, sua cadela! — Subo em cima dela e soco a mão na sua cara. — Não tá bom? Ainda quer mais? — Falo arranhando seu rosto com minhas unhas, com toda a força.

— Me solta, sua maluca!! — Ela tenta se esquivar e sair do meu aperto.

— Maluca, é?! Vou mostra para você quem é a maluca! — Puxo seu cabelo com força, batendo sua cabeça no chão. — Achou mesmo que eu ia cair nessa sua armadilha, piranha?

Ouçó vozes e algumas pessoas entram no quarto. Afonso olha para a cena — eu batendo na cara da lambisgoia — e não sabe o que fazer.

— Me ajudem a separar as duas ou elas vão acabar se matando! — Ouçó a voz de Adolfo, o anfitrião, que se aproxima e tenta me puxar, porém eu acabo puxando os cabelos de Anahí junto.

Afonso se aproxima e me puxa de cima dela.

— Me solta, seu desgraçado, não toca em mim!! — Digo me afastando dele, como se ele tivesse uma doença contagiosa.

Ouçó seus gritos enquanto ele vem atrás de mim, mas estou tão cega de raiva que tudo que não quero é olhar para ele nesse momento. Corro para fora e encontro seu carro; como já esperava, a chave está no porta-luvas. Ligo o motor e quase passo por cima dele, cantando pneu.

Héctor

Após falar com Guilherme, mandei meu assistente preparar tudo para a viagem. Conversei com meus pais e recebi o apoio dos dois para ouvir o que Esteban tinha a dizer. As palavras do meu pai ainda estão gravadas em minha mente.

— Para ter o perdão, filho, você deve começar perdoando.

O dia estava frio, como de costume em Londres. Liana iria gostar daqui. Tenho certeza que a levaria para conhecer cada canto histórico da cidade. Já faz tanto tempo que ela se foi, mas a saudade é constante. Os meses após a morte de Liana passaram tão rápido.

O carro em que estou acelera pelas avenidas em direção ao condômino onde mantenho a casa dos meus pais. Como de praxe, sou acompanhado pela segurança real. Dessa vez Pablo não veio, já que está investigando a ligação de um conde espanhol com a clínica clandestina.

— Chegamos, senhor. — Diz meu motorista, estacionando em frente à mansão.

Desço do carro e, antes mesmo que eu possa entrar, meu telefone toca e vejo o número de Paloma.

— Hector, você já chegou? — questiona assim que atendo.

— Acabei de chegar. Pretendo ir ver os trigêmeos, antes de ir ao hospital.

— Verônica tá em casa com Arturo, ele passou a noite no hospital e está descansando. Martim está no hospital com Alice, cuidando do nosso pai.

— Ele não é meu pai, Paloma. E só vim porque sabia que vocês precisavam de mim. Em nenhum momento esqueci o que Esteban fez.

— Ele está chamando por você, Hector, ele precisa do seu perdão para descansar em paz. Eu, mais do que ninguém, sei o quão importe é receber o perdão daqueles a quem a gente fez mal. Esse peso eu já senti e sei o quão desesperador ele é. — Ela diz se referindo ao que aconteceu com ela e Martim na África.

— Não quero que fique triste, Paloma. Prometo que falarei com ele, apenas não me peça para perdoá-lo, isso está acima de mim.

— Apenas o ouça, já é o bastante, e é tudo que lhe peço.

— Tudo bem, depois que sair da casa de Arturo, irei direto ao hospital.

— Vou deixar Sarah e Ethan com a mamãe e te encontro lá.

— Tudo bem — disse desligando o telefone e entrando em casa.

Sem demora parti em direção à casa de Arturo Cartier.



O caminho foi rápido e logo estávamos atravessando os portões da casa de Arturo e Verônica. Nina, a governanta, abre a porta para mim e sigo em direção à sala, onde encontro Verônica, Arturo e todas as crianças.

— Padrinho! — Grita Safira assim que me vê e vem correndo em minha direção.

— Senti tanta falta de vocês, meus amores. — Falo beijando seu rosto.

Logo em seguida vêm Arthur e Cristal, correndo também, e me

abraçando.

— Vocês cresceram tanto. — Digo feliz por estar com eles, meus afilhados.

— Que bom que chegou, Hector, já estava cogitando pegar um avião e ir atrás de você. — diz Verônica.

— Você não ia a lugar nenhum, não sem mim — diz Arturo todo protetor, com a caçula nos braços; Jade é a cara de Verônica.

— Não deixaria vocês na mão, não quando precisam de mim. — Falo olhando para Jade, que sorri para mim.

Penso que se Liana estivesse viva, sua barriga estaria enorme, e faltaria pouco para nosso filho nascer.

— Padrinho, você precisa ver o vestido de princesa que a tia Paloma mandou pra mim e pra Safira! — Diz Cristal empolgada.

— Eu vou adorar ver, minhas princesas, mas agora preciso falar com seu pai no escritório. — Digo olhando para Arturo.

— Vai lá, amor, eu fico com as crianças — fala Verônica pegando Jade do colo do pai.

— Vou chamar Dulce para ficar com você.

— Como ele está? — pergunto assim que me sento.

— Mal, não sei se ele vai passar dessa semana. — Diz Arturo caminhando até o bar e servindo uísque em dois copos para nós.

— Então é pior do que eu pensei? — Falo pegando o copo e bebendo, enquanto Arturo senta em minha frente.

— Esteban tem câncer de pâncreas e quando descobriu o câncer já estava bem avançado. Ele fez o tratamento em segredo, nenhum de nós sabia que ele estava doente. Na noite de ação de graças, estávamos na ilha quando Alice reparou e comentou que ele tinha perdido muito peso e estava abatido. Não o questionamos naquele dia para não estragar o feriado, mas depois disso Paloma foi falar com ele, que acabou confessando que estava doente, já em fase terminal. — Diz Arturo bebendo de seu copo. — Martim, além de psiquiatra, é oncologista e está cuidando do seu caso, mas é muito tarde, não está apto para operação ou quimioterapia. Ele está morrendo. — Arturo fala com a voz embargada.

— Não imaginei que fosse tão grave.

— Não pediríamos que viesse se não fosse. — Ele responde se fazendo de forte, mas posso ver o quanto ele está abatido.

— Você precisa ser forte, Arturo; Paloma e Alice precisam de nós

dois quando ele se for.

— Eu sei, eu sei. — Fala terminando de beber sua bebida.

Conversamos por mais um tempo até que Arturo decidiu vir comigo até o hospital. Meus seguranças, como sempre, me acompanham e fazem uma checagem no local antes de entrar. Na recepção, tive uma sensação estranha; não sei bem explicar, mas senti meu peito queimar e uma saudade gigante de Liana tomou conta de mim.

— Que bom que chegou, Hector. — Diz Paloma me tirando dos meus devaneios.

— Eu disse que viria, não disse? — Digo abraçando ela, que está com o rosto vermelho e os olhos inchados.

— Obrigada, é muito importante você estar aqui, irmão.

— Já falou com ele? — Arturo pergunta a Paloma.

— Sim, ele se despediu de mim, e pediu perdão por não ter sido o pai que eu merecia... Eu disse a ele que o amo e não importa o que tenha acontecido, ele sempre será meu pai.

— E Alice, como ela está? — pergunto angustiado só de estar aqui.

— Claire e Guilherme estão com ela na sala dele, ela está arrasada. Os dois estão consolando-a, mas Martim disse que o quadro dele está pior e é uma questão de horas para que ele parta. — Diz chorando e Arturo a abraça.

— Eu vou falar com ele de uma vez. — Falo deixando os dois, e indo em direção ao quarto. Giro a maçaneta da porta nervoso, e ao entrar vejo Martim cuidando do que deve ser o soro.

— Que bom que veio, Hector, ele estava chamado por você. — Diz meu cunhado.

— Ele está consciente? — Questiono olhando para Esteban.

— Está sim; ele não permitiu que déssemos morfina para aliviar sua dor, pediu que o deixassem consciente até você chegar.

Só agora posso reparar o estado lastimável em que ele se encontra. Debilitado, magro e com a pele pálida, o cabelo ralo, longe do homem poderoso e frio que conheci.

— Vou tirar a máscara de oxigênio e acordar ele para que possam conversar.

Não demora muito para Esteban abrir os olhos, e assim que seus olhos azuis focam em mim, se enchem de lágrimas. Engulo em seco sem saber o que dizer.

— Você veio... meu... filho. — Diz com a voz trêmula, me olhando

com lágrimas nos olhos.

— Sim, eu vim, Esteban, você me chamou. — Tento não soar irônico, mas é inútil.

— Eu sabia que viria... você tem um coração enorme, Hector, talvez seja por isso que o destino se encarregou de fazer de você um rei. — Diz com dificuldade.

— Não culpe Deus, nem o destino, pelas suas escolhas, Esteban.

— Não houve um dia que eu não me arrependesse de ter abandonado você. Não posso voltar atrás, Hector, mas se pudesse, precisa saber que eu teria feito tudo diferente.

— Isso não importa mais, Esteban. Sinto muito que esteja morrendo. — Digo sinceramente, sem saber bem o que dizer a esse homem.

— Meu tempo está acabando, é hora de descansar, mas antes preciso te pedir perdão.

— Não é necessário, Esteban.

— Eu não quero morrer carregando esse peso dentro de mim. Preciso te contar, filho. Preciso que me entenda, preciso do seu perdão para ter paz.

— Houve um tempo em que eu tentei te entender, Esteban, mas eu cheguei à conclusão de que seria impossível. Eu era seu filho, seu primeiro filho. Um bebê frágil. E mesmo assim você me rejeitou. Não consigo entender por que.

— Eu era um fraco, Thomas, um covarde que não media esforços para ter o que queria. Fui ambicioso, não poderia manchar o nome da família Cartier. — Fala e começa a tossir.

— Não se esforce, Santiago, você não pode ficar nervoso. — Diz Martim acalmando-o.

— Eu juro, filho, me arrependo amargamente de ter deixado você. Eu tentei procurar por você depois, estava arrependido. Eu pretendia te trazer você de volta para Inês, que estava desolada. — Diz e volta a tossir, e Martim o ajuda a se ajeitar na cama.

— É melhor você não forçar a fala, precisa descansar. — Digo nervoso.

— Eu não tenho mais tempo. Eu te procurei, Hector, eu juro, mas foi em vão. O tempo passou depressa e mesmo pagando vários detetives, não tinha sequer uma pista. Com o tempo, foi mais fácil fingir que você tinha morrido, assim a dor era menor, e eu não me lembraria da monstruosidade que fiz. Agora eu não posso voltar atrás, a única coisa que me resta é pedir o

seu perdão.

— Eu te perdoo, Esteban. Do fundo do meu coração, eu te perdoo. — Falo de uma vez e sinto um peso de enorme sair de dentro de mim.

— Obrigado, filho, obrigado. Amo você, meu filho, meu pequeno Thomas. — Fala emocionado e eu não consigo me conter, duas lágrimas caem pelos meus olhos.

Os aparelhos começam a apitar, enquanto eu fico ali inerte, vendo tudo se passar em câmera lenta. Paloma invade o quarto e começa a chorar vendo seu pai ir embora.

— Pai, não morre, pai! Não me deixe! — Ela grita desesperada enquanto Martim a segura. Ao lado de Arturo, eu continuo olhando para Esteban, para o homem tão parecido comigo, o meu pai.

— Ele se foi, não há mais nada a fazer. — Fala Martim com pesar.

E então saio do transe, tirando meus olhos do seu corpo já sem vida, e saio do quarto angustiado, sentindo o ar me faltar. Caminho pelos corredores desesperado para sair daqui, as palavras de Esteban voltam com tudo e ficam se repetindo. Sua imagem debilitada naquela cama implorando por perdão é desesperadora.

Confuso, com a cabeça latejando, decido sair para fora dessas paredes, tentando me acalmar antes de falar com Alice e Paloma.

Liana

Por mais que eu tente negar há um espaço vazio dentro do meu coração. Vejo tantos rostos distantes e me pergunto se eles já tiveram alguma vez seu coração partido. Tenho lutado todos os dias para continuar e fingir que Hector nunca existiu, mas é impossível. É como se eu estivesse acordada, mas meu coração adormecido, esperando pelo seu dono. Minhas amigas dizem que eu devo seguir em frente pelos meus filhos, mas há um vazio dentro de mim que jamais será preenchido. Levanto-me, tomo um banho rápido, e visto uma camisola longa, que ultimamente anda sendo meu look diário. Só visto pijamas e camisolas, com essa barriga enorme. Termina de me arrumar e caminho até a cozinha, onde encontro Karina colocando a mesa

do café na varanda.

— Bom dia, Karina, como dormiu? — Pergunto sorrindo.

— Ótima, naquela cama enorme, muito melhor que o colchão duro da prisão. E você?

— Os meninos estão agitados, agora no último trimestre de gravidez. — Falo me servindo de uma fatia de bolo de chocolate, sendo inevitável lembrar a última vez que comi um bolo desses, estava com Hector no hotel, após ele ter me salvo da tentativa de estupro que ele mesmo causara.

— Pela sua cara, estava pensando naquele idiota do rei-sapo, não é? — Fala Wenida, me pegando de surpresa, e sentando do meu lado com a cara toda amassada, o cabelo bagunçado.

— Bom dia pra você também. — Digo rindo da sua cara de sono.

— Não sei como vocês duas conseguem acordar tão cedo.

— Costume, na prisão acordamos muito cedo — diz Karina colocando a jarra de suco de laranja na mesa e se sentando também.

— Hoje vou falar com o advogado que ficou responsável pelo testamento do meu pai, e também com um colega dele, que é da polícia federal.

— Tenho medo que ele tente algo contra você. — Falo olhando para ela apreensiva.

— Dessa vez estou um passo à frente dele, e quando ele menos esperar, eu aparecerei na reunião do conselho como a legítima herdeira da fortuna Lewis.

— Ainda assim, Wenida, Liana tem razão. Talvez Murilo não seja o suficiente e devêssemos contratar mais seguranças — fala se referindo ao nosso segurança Murilo, que sinto ter uma quedinha pela minha amiga.

— E o rei-sapo, vai contar para ele sobre os bebês quando voltar? — Corta Wenida.

— Sim, Hector tem o direito de saber dos filhos. Mesmo sem saber qual será sua reação, não é justo nem com ele, nem com os meninos.

— Dá para ver que ainda sente algo por ele, e que isso ainda a machuca.

— Não dá para esquecer um sentimento tão forte em meses apenas. — Falo tentando cortar o assunto.

— Você sente falta dele mesmo depois de tudo? — questiona Wenida.

— Tudo que eu queria era deixar de amá-lo; me diga se existe algum

problema comigo. — Falo deixando uma lágrima escapar e me sinto uma idiota, por estar chorando por ele.

— Não há nada de errado com você, Liana, não é fácil superar um amor. Mas você vai ver, com o tempo, Hector será apenas uma lembrança. — Fala Wenida, tentando me convencer.

— Talvez, Liana, você só consiga seguir em frente quando conversar com ele. — Diz Karina seriamente.

— Hector foi um carrasco com ela, não me diga que está com dó desse babaca? — Wenida se revolta.

— Hector também sofreu muito com toda essa história, lembrando que ele perdeu a esposa e o filho de maneira trágica.

— Isso não dava a ele o direito de ter feito da vida da Liana um inferno, de ter brincado com os sentimentos dela!

— Eu não discordo de você, Wenida, mas tenta entender; esses bebês não têm culpa de nada, não é justo que eles não conheçam o pai. — Diz Karina firme.

— Meus príncipes merecem ter o pai por perto, mesmo que não estejamos juntos. Entretanto, não posso esquecer que Liz e Taylor estão por aí, e que Ruiz, que trabalha pra Hector, é aliado deles. Não posso colocar a vida dos meus bebês em risco.

— Liana, Hector é o rei da Espanha, ele pode proteger vocês três. — Fala Karina.

— Hector era o rei da Espanha quando Ruiz me mandou direto para armadilha daquela psicopata. O que me garante que não vá acontecer novamente? Eu mesma irei resolver esse problema e, quando Liz não for mais uma ameaça, aí sim poderei voltar à Espanha e enfrentar Hector.

— Ainda não desistiu, vai esperar os bebês nascerem e ir atrás dela. — Fala Wenida.

— Não, eu não desisti. Irei atrás dela, onde quer que ela esteja. Só terei paz quando ela pagar por todo o sofrimento que me causou. Não só ela, como o desgraçado do Taylor.



Mais tarde naquele dia, Wenida foi até a empresa dos seus pais com a

polícia e o mandado de prisão para seu tio. Karina foi com ela para apoiá-la. Eu, como já estava no fim da gestação, preferi ficar em casa e terminar de decorar o quarto dos meus meninos. Ainda é difícil acreditar que estou esperando gêmeos, ainda mais dois príncipes.

— Obrigada, Belinda, pelo visto terminamos tudo. Eu não conseguiria sem sua ajuda. — Agradeço à nossa empregada, colocando o último macacãozinho no cabide, para logo em seguida ir até a sala descansar um pouco, já que minhas pernas estão inchadas. Os bebês estão mexendo muito mais do que de costume.

— Ei, meus amores, podem parar a festa aí dentro? Mamãe está com dor nas costas. — Digo erguendo as pernas sobre o pufe, enquanto acaricio a minha barriga.

A tevê está ligada em um canal qualquer, nem presto atenção no que está passando, fico mais ocupada conversando com meus bebezinhos.

— Saiu uma notícia urgente, meu povo!! Esteban Santiago Cartier está internado em estado grave. E, segundo a assessoria da família Cartier, ele luta contra um câncer no pâncreas. — Diz o apresentador do programa de tevê. O sobrenome Cartier me faz lembrar o nome falso que Hector usou contra mim. Confusa, pego o controle remoto, aumentando o volume.

— Toda a família Cartier está de plantão no hospital; a única que não foi vista foi a rainha maior Inês Damasceno.

— É, Hugo, muito triste; mas ao que tudo indica o quadro do patriarca de uma das famílias mais conhecidas de Londres é muito grave. — Fala a outra apresentadora.

— Sabe quem mais foi visto entrando no hospital no dia de hoje?

— Quem pode ser? — Pergunta a apresentadora a ele.

— Hector Carlos VI de Ortega. Isso mesmo, minha gente! O rei da Espanha está na Inglaterra.

Quando ele diz isso sinto uma pontada tão forte na minha barriga que me levanto, olhando para a tela da televisão, onde uma foto de Hector entrando no hospital está congelada.

— Ao que tudo indica ele tem uma agenda real a cumprir no nosso país, mas o mais chocante foi que ele foi visto no hospital junto com a família Cartier. O que reforça o que eu já havia dito, que após o fim do romance dele com a diva Verônica Cartier, ele se tornou amigo da família.

Minha cabeça gira, não consigo raciocinar direito. O que ele está fazendo aqui?

Ofego ao sentir uma dor repentina.

— Pelo visto ele é um grande amigo da família, ou não estaria visitando Esteban.

A dor nas minhas costas se torna insuportável, já não consigo mais olhar para a tevê, apenas chamo por Murilo, desnorteada.

— Murilo, me ajuda! — Digo chorando de dor.

A imagem de Hector continua congelada na minha mente. À medida que a dor vai piorando, eu tento me sentar, mas minhas pernas se molham. Olho para baixo e vejo todo o tapete molhado.

— Senhora, o que aconteceu? — Diz Belinda correndo em minha direção, junto com Murilo.

— Me ajuda, meus bebês... me leva para o hospital! — Grito assustada, pois meus príncipes resolveram chegar antes da hora.

Murilo me pega no colo e corre comigo em direção ao carro.

— Por favor, rápido, Murilo. — Suplico chorando de dor.

Em menos de dez minutos, Murilo estaciona no hospital. Eu fico no carro suando e gemendo, minhas costas parecem estar sendo rasgadas de tão forte que é a dor.

— Murilo, liga para Wenida e Karina, por favor, preciso que elas estejam aqui, estou com medo. — Falo desesperada.

— Calma, senhora, vai dar tudo certo.

Rapidamente um enfermeiro aparece com uma cadeira de rodas e eu sou levada para dentro do hospital.

— Por favor, meus bebês... — Imploro aos enfermeiros, que me levam direto para uma sala de parto.

— Fique tranquila, senhorita Wright. Já chamamos seu médico; o doutor Guilherme é nosso melhor ginecologista. — Ele fala me colocando sobre a maca; uma enfermeira me ajuda a tirar a roupa e me preparar.

— Quanto tempo de gestação? — Ela pergunta olhando para minha barriga.

— São gêmeos, vinte e nove semanas. Por favor, salva meus filhos.

— Fica calma. Nós vamos cuidar de vocês três. — Ela fala colocando soro no meu braço.

Tento me tranquilizar, mas sei que eles são pequenos demais.

— Mandou chamar o doutor Guilherme? — a mesma enfermeira pergunta ao colega.

— Ele está com a esposa e a família, Teresa foi chamar ele.

— Por favor, não me deixem perder meus filhos, está doendo muito.
— Digo sentindo mais uma cólica forte e sinto vontade de vomitar.

— Respira e tenta se acalmar, precisamos que você esteja consciente para colocar esses bebês para fora. — Ela diz gentil.

A porta volta a se abrir e assim que o doutor Guilherme entra eu respiro fundo, mais tranquila.

— Como está se sentindo, senhorita Wright?

— A bolsa já se rompeu, um dos bebês está em posição, mas o outro não. A dilatação já está em oito e meio, falta pouco para que comece a fazer força. — Diz a enfermeira a ele.

— Salve meus filhos, doutor. — Suplico em aflição.

— Sei que está nervosa, é normal em mães de primeira viagem. Mas sua bolsa estourou e o parto tem tudo para ser normal, mesmo que seja prematuro. Não é incomum que gêmeos cheguem antes da hora. Vai dar tudo certo, só vou precisar que me ajude.

— Tudo bem, doutor. — Falo firme, pensando apenas nos meus bebês.

— Você está quase pronta para começar a fazer força. Vou fazer um ultrassom rápido para conferir certinho a posição dos bebês e depois eu vou pedir que comece a empurrar.

— Ok, entendi. — Digo me segurando para não gritar quando outra contração forte vem.

O doutor passa o aparelho de ultrassom na minha barriga e analisa a tela concentrado.

— Vamos começar. Vou pedir que prenda a respiração por dez segundos e então faça toda a força que conseguir.

Respiro fundo e faço exatamente o que ele diz; quando a contração forte vem eu faço toda força que aguento, segurando na maca a ponto de forçar meu corpo para frente.

— Isso, muito bem. Só mais um pouquinho, já estou vendo a cabeça dele saindo.

Repito o mesmo processo, fazendo força até meu corpo tremer.

—Vamos lá, Lilia, você consegue. Faz força que esse garotão já tá coroando.

— Ah!! — Grito alto fazendo muita força, e então sinto ele puxar.

— Parabéns, mãezinha, o primeiro garotão saiu. — Diz erguendo o bebê para que eu possa ver, e então corta o cordão umbilical. Lágrimas de

felicidade escorrem por meu rosto. Uma emoção indescritível toma conta de mim, um amor único, incondicional.

A enfermeira limpa a boca dele e logo ouço seu choro baixo. Ele tem cabelo castanho claro e os mesmos olhos azuis de Hector, uma cópia perfeita do pai.

— Qual o nome dele, mamãe? — Pergunta a enfermeira, enrolando-o em uma manta e o trazendo para perto de mim.

— Seu nome é Elijah, meu príncipe. — Digo emocionada.

— Eu sei que está cansada, mas o bebê número dois precisa que faça força para ele sair. — Fala o doutor apertando a minha barriga de maneira que tenta virar o bebê para a posição correta, e a dor que antes já era ruim acaba piorando.

O suor escorre pelo meu rosto, a dor é forte demais, mas o choro de Elijah me dá forças para continuar. Seguro a barra da maca e faço força com tudo, e não demora muito para sentir o doutor Guilherme puxando-o de dentro de mim. Ouço seu choro forte; diferente do irmão, ele já grita chamando atenção. Eu não me contenho e deixo as lágrimas transbordarem de tanta felicidade.

— Ele é lindo. — Digo encantada olhando para ele, que é igualzinho ao irmão, a única diferença é que ele é um pouco maior.

— Qual o nome desse aqui? — Pergunta o doutor cortando o cordão umbilical e entregando meu bebê para a enfermeira.

— Elliott, meu caçulinha.

Eu não conseguia tirar meus olhos deles, encantada com a perfeição dos dois. Quando os dois estavam limpos e vestidos, a enfermeira os trouxe para que eu os visse de perto, ainda que dentro da incubadora. Meu coração parece que vai sair pela boca. É um sentimento incomparável. O amor maior que qualquer coisa que jamais senti na vida. Bastou colocar meus olhos sobre eles para saber que faria qualquer coisa por eles, até o fim da minha vida.



CAPÍTULO 27



BRUXA

CAÇA À

"Eu não gosto dos seus joguinhos. Não gosto desse seu palco forjado, do papel de tola que você me fez interpretar. Eu não gosto dos seus crimes perfeitos, do jeito que você ri quando mente, quando diz que a arma é minha!"

Wenida

Depois de uma manhã tensa, em que fui à empresa dos meus falecidos pais colocar Ricardo atrás das grades, recebi a notícia de que os gêmeos já estavam a caminho. Meu maldito tio não esperava me ver ali, muito menos com um delegado de polícia e um mandado de prisão. Depois de tudo que ele me fez, a prisão é até misericordiosa. Ele me deixou por mais de um ano naquele hospício, apenas para roubar a herança dos meus pais, me decretando como morta. Ver ele sendo arrastado pelos policiais me deu um alívio tremendo; enfim ele iria pagar por seus crimes.

— Acabou, amiga, acabou. — Diz Karina me abraçando.

Antes mesmo que eu dissesse alguma coisa, meu telefone tocou e vi que era Murilo.

— Alô? — Atendo preocupada, já pensando no que pode ter acontecido com Liana.

— Wenida, que bom que atendeu. Estou no hospital com Liana, ela está em trabalho de parto e pediu para que avisasse as duas.

— Como assim trabalho de parto? Liana está de sete meses! Estamos indo já pra aí. — Falo pegando minha bolsa e Karina me acompanha até a saída.

Eu nem sei em quanto tempo chegamos ao hospital, mas quando dei por mim estávamos atravessando as grandes portas duplas da entrada do lugar.

— Por favor, gostaríamos de ver a paciente Lilia Wright. Ela deu entrada em trabalho de parto. — Digo à recepcionista da maternidade.

— Bem, a paciente está sendo atendida pelo doutor Thunderwolves, e assim que o parto acabar, será levada ao quarto, então poderão vê-la. Se quiserem, podem aguardar na sala de espera à sua direita, no final do corredor. — Ela disse indicando a sala.

Karina e eu fomos até a sala de espera, e ficamos ali por horas, aflitas, sem notícias de Liana, até que, enfim, uma enfermeira veio nos buscar. Karina foi ver Liana primeiro, mas eu queria ver as crianças e ter a certeza de que estavam bem.

Fui levada até o berçário e, por um vidro grosso, pude ver vários bebês, um mais lindo que o outro.

— Eles estão ali. — Diz a enfermeira apontando para as incubadoras onde havia dois pacotinhos bem pequeninos, mas que já amo. Fico emocionada pensando em tudo que Liana e eu passamos naquela clínica. No fim, minha amiga conseguiu e seus príncipes estão aqui. Elijah e Eliott são as coisas mais fofas que já vi; fiquei encantada por eles. Até notar que tinha alguém do meu lado. Um homem muito bonito, alto, de cabelos loiros e olhos azuis, que me lembrava alguém, mas não sabia de onde.

— Qual deles é o seu? — Pergunto com um sorriso no rosto, ainda olhando meus pequenos, como a tia babona que sou.

— Nenhum, infelizmente nenhum — diz com a voz triste e eu então reparo que ele está chorando, mas tenta disfarçar.

Alessia

Se eu soubesse a dor que estaria sentindo agora, jamais teria entregado meu coração em uma bandeja de prata a Afonso. Se imaginasse que agora estaria aqui com meu coração destruído em milhares de pedacinhos, não teria confiado em suas promessas de amor e cumplicidade. As lágrimas embaçam minha visão, me sinto uma idiota por ter caído na armadilha dela. E pior, por ele ter confiado naquela megera. Está na cara que ela e a mãe dele estão unidas contra mim e mais uma vez ele não ficou do meu lado e se deixou enredar pelos planos delas. A mais de cento e quarenta por hora acelero pela auto estrada. A dor dentro de mim não me deixa raciocinar; tudo que eu quero é fugir, sumir e nunca mais vê-lo. Noto que há um carro preto me seguindo, e começo a entrar em pânico. Olho no retrovisor e lembro-me do que aconteceu ontem.

— Será o mesmo carro? — Pergunto a mim mesma, enquanto troco a marcha e viro na próxima esquina tentando escapar. Contudo, o carro que me segue não desiste e continua em alta velocidade atrás de mim. Mesmo eu acelerando, ele consegue me alcançar e começa a bater contra meu carro, tentando fazer com que eu pare; faço o contrário e acelero ainda mais.

Quando dobro em uma avenida vazia, sou arremessada com toda a força contra um poste. Ao sentir o impacto da batida, meu corpo é forçado para frente, mas os airbags são acionados. Meu rosto está molhado, tento limpar e noto o sangue escorrendo. Tiro o cinto de segurança, tentando escapar antes que seja tarde demais, porém sinto uma dor insuportável que me faz gemer alto, meu braço parece deslocado. Tento abrir a porta, mas ela está emperrada. Me inclino para sair pela porta do passageiro, porém a porta se abre antes que eu consiga sair. Vejo Enrico, o próprio diabo em pessoa, sorrindo ao ver meu estado e tentando me puxar para fora. Chuto seus braços tentando escapar, mas ele é mais forte.

— Te achei, traidora. Pensou que ia se ver livre de mim, desgraçada?! — Ele me puxa com tanta brutalidade que bato o ombro na porta.

— O que você quer comigo?! Me deixa ir embora! — Imploro em pânico, enquanto seu sorriso macabro apenas aumenta.

— Isso querida, implore. Eu amo ver você implorando para que eu

pare.

Me jogo no chão me soltando dele, tentando escapar, porém Enrico me puxa pelas pernas, abrindo o roupão que eu uso, me deixando apenas de camisola.

— Você está linda, amor. Se não tivesse com pressa, te foderia aqui e agora. — Fala tocando minha coxa, e aproveito sua distração para acertar um chute no meio da sua cara, me desvencilhando e correndo em direção à calçada.

— Onde pensa que vai? — diz um dos seus homens, me pegando pelos cabelos e me arrastando até onde Enrico se encontra já de pé, me olhando com ódio. Ele me acerta um tapa tão forte que meu corpo só não foi ao chão porque seu capanga me segura.

— Pensou mesmo que deixaria você escapar? Não, amor!

— Me deixa em paz, seu desgraçado! Eu já não sou nada sua! Me solta! — Tento me soltar do seu segurança, e então ouvimos o som de carros vindo em nossa direção.

Dois homens armados começam atirar em direção ao Audi A5 vermelho. Dentro de mim eu sei que é Afonso, ele veio me salvar. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Enrico se aproxima, tira um pano branco do bolso e o segura no meu rosto com força. Um cheiro forte de algum produto químico queima minhas vias aéreas e já não consigo lutar mais contra ele. Aos poucos, vou vendo tudo ficar escuro e meu corpo amolece, se entregando à escuridão.

Afonso

Alessia pegou meu carro e saiu da propriedade em alta velocidade. Apenas de calças, fiquei perdido no meio do gramado, desesperado e atordado.

— Como a deixaram sair sozinha?! — Grito para um dos seguranças.

— Desculpe, senhor, o vidro do carro estava fechado, pensamos ser o senhor a dirigir.

— Precisamos encontrá-la. — Falo nervoso. — Preciso explicar o que

aconteceu. Merda, merda, como fui cair nessa?! — Grito revoltado passando as mãos pelo cabelo.

— Eu dirijo, você não tá em condições. — Fala meu amigo Júnior, pegando seu carro.

Sento no banco do carona e saímos de lá em direção à auto estrada.

— Acelera essa porra! — Grito enfurecido.

— Calma, cara, você vai conseguir falar com ela.

— Você não entende, merda! Alessia é teimosa, ela não vai me perdoar.

— Você e Anahí. Vocês chegaram a transar?

— Claro que não, seu idiota. Eu estava drogado, não tava vendo coisa com coisa, acha que tinha condições?!

Júnior acelera o carro, seguindo o GPS do meu celular, que mostra a localização de meu carro. Ao longe, vejo o veículo parado no meio de um acidente. Meu corpo todo treme em pânico, mas nada é pior do que eu vejo a seguir: homens armados saem do carro que atropelou Alessia e disparam tiros contra nós.

— Que porra é essa?! — Grita meu amigo jogando o carro para o acostamento enquanto os tiros seguem.

— Eles estão levando minha mulher, segue a porra desse carro! — Digo em pânico.

— Estão acabando com meu carro!

— Eu te compro outro, mas segue aquele carro!

Seguimos o carro até um bairro afastado; meu amigo e eu tivemos o cuidado de manter certa distância para que eles pensassem que conseguiram nos despistar. Já havia mandado nossa localização para a equipe de segurança, e rezava para que chegassem o mais rápido possível, mas não ficaria parado esperando. Foi quando o carro parou em uma rua de chão esburacado na periferia de Córdoba.

— Aqui é melhor irmos a pé, para não chamar atenção. Não sabemos quantos homens ele tem. — Falo pegando uma arma de um dos meus seguranças, que nos seguiam no carro de trás.

Todos nós descemos já com as armas em punho, e a cada passo que eu dava em direção àquela casa abandonada, só implorava a Deus que Alessia estivesse bem. Nunca me perdoaria se algo acontecesse com ela. Mais à frente, Roy faz sinal para que aguardemos.

— No três nós entramos. — Diz Roy fazendo um gesto.

Conforme nos aproximamos, posso ver alguns homens armados vigiando a entrada da casa. O carro que eles usaram está estacionado na entrada.

Júnior acerta um deles no braço e aí o tiroteio começa. Acerto um deles no tórax; é bala voando por toda parte. Só quando estávamos muito próximos da entrada que nos demos conta de que havia homens no telhado, que tinham uma visão privilegiada. Meu corpo pulsa com a adrenalina, só consigo pensar em salvar minha latina. Preciso encontrá-la, implorar seu perdão. Minha vida era sem sentido até ela chegar, preciso que ela me ouça e me perdoe.

As balas da minha arma acabaram, meu corpo está molhado de suor. Não vejo Roy ou Júnior em lugar nenhum. Ando desnorteado, tentando me localizar em meio ao caos de balas. Vejo um homem armado de costas para mim, ele está em frente à porta de entrada do que parece um porão da casa velha. Lentamente, me aproximo dele, e dou-lhe uma chave de braço, pegando-o de surpresa; sua arma cai longe e aproveito esse momento para enforcá-lo. Ele tenta revidar, mas minha fúria não tem tamanho. Aperto tão forte que o deixo inconsciente. Me levanto meio tonto, cambaleando até a porta do porão, ando em passos rápidos para dentro. Caminho sem direção até parar em uma porta. Forço a tranca, mas ela não cede. Tento ouvir algum som, mas não ouço nada. Decido arremessar meu corpo contra a porta uma, duas, três vezes; até que na quarta a porta se abre com um estrondo. Meu coração se estilhaça ao ver Alessia deitada em um colchão velho, ferida e desacordada.

— Eu sabia que viria salvá-la, que tentaria roubar a minha mulher de mim! — Grita Enrico, chamando minha atenção para o canto do quarto, onde ele se encontra sentado em uma cadeira com uma arma na mão.

— Ela nunca foi sua, seu desgraçado! — Grito, completamente transtornado. — Eu vou acabar com você! — Falo com ódio avançando em sua direção.

Ele dispara em minha direção, porém eu desvio da bala e, num ato de desespero, jogo meu corpo sobre o dele, com um ódio tão grande que chega a ser sobrenatural. Nós dois caímos no chão e, rugindo de raiva, eu começo a socar seu rosto fora de mim.

— Vou fazer questão de te matar, miserável! — Falo enquanto soco seu rosto com força.

O infeliz consegue revidar, me acertando no nariz; a pancada foi tão

forte que cambaleei e ele se aproveitou meu descuido para se levantar e chutar minhas pernas. Giro meu corpo, dando um mortal, e ficando de pé.

— Você vai pagar por todas as surras que deu na minha mulher, seu covarde! — Falo acertando seu estômago, o fazendo ficar sem ar. — Vou ver você apodrecendo na cadeia, por tudo que fez a ela!! Você é um monstro covarde. Reze para Alessia sair bem dessa, pois sou capaz de te matar com minhas próprias mãos!!

— Ela é minha mulher, minha! Alessia é minha desde pequena, e sempre foi minha, eu fui seu primeiro — diz sorrindo mesmo todo ensanguentado.

— Você nunca mais vai tocar na minha mulher, seu verme!! — Chuto suas pernas e ele se desequilibra, caindo sobre um balcão. Aproveito esse momento para enforcá-lo.

Aperto seu pescoço com força vendo seu rosto ficar branco, todavia sinto um golpe forte em meu abdômen; olho e vejo uma faca fincada em meu corpo. Puxo a faca com força, não me importando com o sangue que sai da ferida. Cravo a lâmina firmemente em seu pescoço, e ouço o baque surdo do seu corpo caindo no chão. Seguro minha ferida, tentando estancar o sangue, enquanto corro em direção à minha latina. Toco seu rosto molhado de sangue e me desespero ao ver a quantidade de machucados pelo seu corpo.

— Amor, acorda. Alessia, fala comigo. Amor, briga comigo, me xinga, mas abre esses olhos lindos. — Imploro chorando, vendo seu estado, sua respiração está lenta. Seu corpo parece tão frágil e debilitado. — Alessia, amor, olha pra mim. Abre os olhos, não faz isso!

Tudo se passa como em câmera lenta. Minha equipe de segurança chega, juntamente com a polícia, e carregam Alessia para o lado de fora, onde uma ambulância já aguardava. Eu estava tonto, sentia meu corpo fraco. Um dos paramédicos tenta me perguntar alguma coisa, mas a minha vista estava embaçada e tudo estava confuso. Por fim, vi tudo escurecer.

Liana

Já ouvi muita gente falando do amor de uma mãe por um filho e

sempre achei lindo. Mas nada se compara ao momento em que se pode pegar os próprios filhos no colo e dizer: “Eles são meus, meus filhos, meus bebês, meus pequenos”.

— Elijah e Eliott, darei minha vida para que sejam felizes e, por amor a vocês, serei capaz de tudo. Vocês são a verdadeira razão do meu viver.

Meus pequenos tiveram que ficar duas semanas na incubadora, por serem prematuros. A doutor Taciana, pediatra maravilhosa, cuidou bem deles, assim como toda a equipe do neonatal. Agora que estamos em casa e bem, Karina tem me ajudado bastante com os dois, enquanto Wenida tenta colocar sua empresa nos trilhos. Hoje ela ainda iria depor no julgamento do tio, que foi adiantado. Olho para meus pequeninos completamente encantada. Elijah abre a boquinha com sono enquanto o irmão dorme, fazendo meu peito de chupeta. Devo ser a mãe mais babona do mundo.

— Aí estão vocês. Ai, que coisinhas mais lindas, eles hoje estão com os macacõezinhos iguais — diz Karina me ajudando, pegando Elijah para o colocar no berço, e eu faço o mesmo com Eliott.



Dois meses se passaram rapidamente, e eu já tinha estabelecido uma rotina com meus anjinhos. Elijah quase não dava trabalho, sempre quietinho e dorminhoco. Já Eliott é temperamental e dengoso, quer ficar o tempo todo no colo, e só dorme quando eu o pego. Eu já estou me planejando para voltar à Espanha. Não posso viver escondida como se fosse uma fugitiva. O advogado que contratei já estava trabalhando para recuperar a minha herança. Eu sei que o testamento foi forjado, só precisava entrar com uma ação de contestação. Hector se mantinha vivo em minha lembrança, bastava olhar para meus filhos para pensar nele, sempre me perguntando qual seria sua reação ao descobrir sobre nossos filhos. Já não tinha medo; ter meus filhos me fez amadurecer, me tornou forte, e nem ele, nem ninguém me separaria dos meus bebês.

Não seria justo deixar Hector no escuro, sem saber que é pai; não seria justo com ele, nem com os meus anjinhos. Karina, como sempre, me acompanha à academia de artes marciais. Eu não conseguia deixar os meninos em casa sem mim, por isso onde quer que fosse, eu os levava, e

minha amiga sempre estava aqui para me ajudar. Na verdade, ela adora vir à academia e ficar babando no meu professor.

Matt é um cara bonito, tem um sotaque brasileiro, é todo tatuado, forte, e deixa todas as meninas da academia babando.

— Está pronta para a aula de hoje, Lilia? — Ele pergunta assim que nós duas chegamos.

— Boa tarde, Matt, estou sim. Pode pegar pesado, é nossa última aula.

— Bom ouvir isso, sabe que não terei pena; seu treinamento está acabando.

Coloco as faixas nos punhos e prendo meu cabelo; entro no ringue preparada para mais uma das exaustivas aulas que venho fazendo. Não deixarei que ninguém mais, me pegue desprevenida, e principalmente agora vou saber defender meus filhos.

— Relaxa, fecha os olhos. Eu estou aqui. Ela não está aqui — diz enquanto eu soco com toda a minha força o saco de pancada que ele segura.

— Relaxa, respire e feche os olhos — diz enquanto eu soco. — Vai, mantém o equilíbrio. Está pronta?!

— Estou. — Digo socando novamente.

— Tem certeza? Você sabe que pode perder.

— Não, jamais! — Respondo dando um chute no saco de pancada.

— Ela pode te ferir. Ela pode pegar seus filhos e fazer o mesmo que fez a você!

— Nunca, eu não vou deixá-la se aproximar dos meus filhos.

— Mesmo ela sendo sua irmã, mesmo ela sendo mais forte, mesmo que ela tente te manipular.

— Ela nunca vai tocar nos meus filhos. Ela não é minha irmã, não é mais forte e ela não vai me manipular! Eu vou acabar com ela.

— Mesmo ela te pedindo para parar, mesmo ela implorando por perdão.

— Eu não vou parar, ela não merece minha pena, não merece clemência. Muito menos perdão! — Digo enquanto tento acertar ele, que desvia, usando o saco de pancada contra mim. Com movimentos rápidos eu me abaixo, dando uma rasteira nele, fazendo com que ele caia no chão. Subo rapidamente em cima dele e soco seu rosto sem parar.

Matt desvia, segurando minhas mãos. — Muito bem, me pegou desprevenido. Vamos continuar assim com a bola. — Diz pegando uma bola de basquete e jogando contra mim, enquanto eu desvio com os punhos. —

Você só tem uma chance. Olha pra mim. — Diz tentando me acertar e eu me esquivo. — Se ela te acertar, te pegar desprevenida.

— Ela não vai me acertar.

— Se ela te acertar?! — Grita me fazendo ficar com raiva.

— Use as pernas, mantém o queixo para baixo. Gire o corpo e a derrube no chão.

Faço exatamente o que diz e Matt cai no chão.

— Parabéns, Lilia, você está preparada. Lembre-se de tudo que treinamos e tudo vai correr bem.

Após o árduo treinamento, voltamos para casa. Tomei um banho gelado, e depois fui dar banho nos meus filhos. Tirei as roupas e a fralda de Elijah e levei ele para a banheira. Ele se mantinha quietinho, com os olhos azuis arregalados enquanto jogava água sobre ele.

Terminei de dar banho nele e passei um perfume gostoso de bebê, depois o vesti com o macacão igualzinho o do irmão. Coloquei meu pequeno no balancinho, com sua chupeta, enquanto pegava o manhoso do irmão para tomar banho. Eliott estava todo molhado, fazendo um bico lindo, olhando para mim.

— Oh, meu amor, você tá molhado. A mamãe vai cuidar de você, anjinho.

Tiro sua roupa, o levando para o banho quentinho. Eliott resmungou o tempo todo até o vestir e deixá-lo arrumado, ele sempre chora quando tiram suas roupas, odeia tomar banho. Coloco-o no peito, sentando na cadeira de amamentação. Após algum tempo, ele dorme tranquilamente. Calmamente me levanto com ele nos braços e o coloco junto com o irmão, que continua dormindo tranquilo. Pego a babá eletrônica e saio do quarto, deixando a porta aberta. Encontro Karina, Wenida, Gabriel, o hacker que contratamos, e também Murilo, nosso segurança, na sala de estar, reunidos, como se já me esperassem.

— E aí, Gabriel, a encontrou?

Gabriel tem me ajudado a buscar a localização exata da Liz. Eu tinha um palpite, um lugar em que ela poderia estar, mas a desgraçada está se escondendo bem.

— As contas estão congeladas, ela não pode usar a herança para se manter. Taylor está na penitenciária de segurança máxima. Ela está sozinha e sendo procurada pela polícia.

— Taylor é nossa melhor chance. — Wenida diz pensativa.

— É impossível que entre lá sem que a descubram. Qualquer visita a Taylor, a inteligência espanhola descobrirá.

— Ele tem algum colega de cela? — Pergunta Karina.

— Sim, tem, só um minuto que irei verificar. — Ele diz sem tirar os olhos da tela do computador, onde digita sem parar.

— Miguel Cayon está preso por assassinato e tráfico internacional de drogas, e foi condenado a prisão perpétua, sem direito a recorrer de sua sentença.

— Perfeito. Murilo, quero que vá até a prisão e marque uma visita com o colega de cela de Taylor. Faça o que for preciso para convencê-lo a nos ajudar. Ele deve ter algum parente aqui fora. — Digo andando pela sala, enquanto penso.

— Sim, ele tem uma filha de quatorze anos, que mora com a avó. — Diz Gabriel mexendo no computador.

— Perfeito. Ofereça uma boa quantia para bancar os estudos da menina. A única coisa que ele precisa fazer é pressionar Taylor para dizer onde Liz pode estar.

— Farei o mais rápido possível, senhorita. — Diz Murilo saindo da sala.

Conversamos por mais um tempo sobre o que eu faria quando descobrisse onde Liz está. Foi uma luta convencer Wenida que resolveria isso sozinha.

— De qualquer forma eu, Karina e os seguranças estaremos no carro do lado de fora para te proteger.

— Você e Karina ficam no hotel cuidando dos meninos. Não confio em mais ninguém para cuidar deles e, se alguma coisa acontecer comigo, Wenida, você vai até Hector e conta a ele sobre as crianças. — Digo séria e ela resmunga irritada.

— Nada vai acontecer com você, pare de dizer besteiras ou eu mesma terei que dar fim de ti. — Diz brincando.

— Que amigas eu fui arrumar. — Digo feliz por saber que não poderia ter amigas melhores do que elas; só faltava Alessia e Maya aqui.



Duas semanas se passaram e meus filhos estão completando três meses. A cada dia que passa, eles estão mais espertos e gordinhos, se parecendo mais com o pai. São as cópias perfeitas de Hector e uma lembrança viva de tudo que vivemos naquela fazenda.

Chegamos na França no meio da noite. Murilo já tinha descoberto o suposto paradeiro de Liz. Gabriel e Karina vieram na frente para investigar melhor e, ao que tudo indica, ela de fato está lá. Uma casa simples em Córsega, emprestada por Jeniffer, antiga amiga dela. A casa foi do avô de Jeniffer, por isso foi difícil de rastrear. Foi preciso duas idas à enfermaria para que Taylor contasse onde imaginava que ela poderia estar.

Ficamos hospedadas em um hotel no centro da cidade. Meus filhos ficariam com minhas amigas e Murilo me levaria de carro até a entrada da casa, todo meu plano foi meticulosamente calculado. Vesti minhas roupas, coloquei os anéis nos dedos, e as luvas pretas, que me protegeriam. Prendi meus cabelos em um coque, por fim coloquei as botas e saí pelas escadas, direto para a área de serviço. Gabriel cuidaria das câmeras para que desse a entender que eu estava no quarto junto com minhas amigas. Saí pelos fundos e Murilo estava me esperando no carro que compramos num ferro velho.

— Vamos, está preparada?

— Mais preparada do que nunca. — Sorrio friamente.

— Ela não está na casa, saiu com um cliente. — Ele fala ao estacionar do outro lado da rua, se referindo ao fato de Liz estar fazendo programas para se manter na cidade.

— Fique com o rádio ligado; quando acabar, eu te chamarei.

— Tudo bem, boa sorte. Qualquer coisa eu entro e acabo com tudo.

— Não se preocupe, nada sairá fora do planejado.

Entrei na casa usando a chave que estava debaixo do tapete. Não acendi as luzes. Caminhei lentamente tentando me situar, calculando bem meus passos. Tirei o telefone da tomada e, usando a minha lanterna, caminhei até a cozinha. Peguei todas as facas do faqueiro e escondi dentro da geladeira. Fiz o mesmo com a pistola que achei dentro da gaveta da cômoda. Quando tudo estava pronto, esperei pacientemente sua chegada.

A porta se abre e ouço seus passos pela sala, porém me mantenho imóvel esperando ela. Liz larga a bolsa no sofá e acende as luzes, que no mesmo instante se apagam, conforme o combinado.

— Merda, essa bosta tá com defeito.

— Não está com defeito. Sou eu, irmãzinha. Sentiu saudade de mim?

— Digo a pegando de surpresa.

— Você deveria estar morta, o que tá fazendo aqui?! — Fala andando pela sala escura, tentando me encontrar.

— O que acha, irmãzinha? Eu vim cumprir a minha promessa.

— Você está sozinha, ou tem mais alguém com você? Vieram me pegar.

— Não, eu vim sozinha acabar com a sua raça. — Falo e dou um tapa forte na sua cara, fazendo ela se desequilibrar.

— Era para você ter morrido naquele lugar, sua vadia! Eu vou acabar com você, nem que eu mesma tenha que te matar.

— Igual você fez com nossos pais, é isso?! — Digo e acerto outro tapa na sua cara, e dessa vez, ela consegue me empurrar.

— Não, com nossos pais foi mais rápido; um tiro em cada e fim. Mas você, sua maldita, faço questão de ver agonizar. — Ela corre até a cômoda, tentando achar a arma, mas o local está vazio.

— O que foi, tá procurando sua arma? Sinto muito, mas não vai achar. — Falo me aproximando e a pegando por trás. — O que foi? Não consegue me bater quando não estou numa jaula?

— Quer lutar contra mim? Justo você, Liana? A podre coitada, Liana.

— Está com medo de mim?! O que foi? Era bom me bater quando eu estava fraca. — Digo e acerto outro tapa em seu rosto, tão forte que ouço som de ossos se partindo.

— Isso não vai adiantar, de um jeito ou de outro, eu vou te matar. — Ela diz e me acerta um soco no estômago; eu caio por cima da mesa de madeira.

— Vem, irmãzinha, vem. — Digo sorrindo.

— Eu não entendo o seu propósito nisso tudo; esse seu planinho idiota não vai funcionar, pois nós duas sabemos que não tem coragem de me matar. Deveria ter mandado Morgana te matar de uma vez na cadeia, e não só te dar uns corretivos — fala ela me pegando de surpresa.

— Desgraçada! É melhor pagar para ver. — Digo com ódio, ao saber que ela estava por trás de tudo.

Ela pega o abajur e o joga na minha direção, eu viro, me esquivando, e corro em sua direção, puxando-a pelos cabelos.

— Você pode contar com uma coisa, mesmo se eu não conseguir matar você, nunca vai conhecer sua família.

— Do que tá falando, sua louca?!

— Ah, você não sabe? Pelo visto não é tão esperta como acha. Quando você estava no porão, um velho gagá apareceu na minha porta atrás de você. Ele disse que era seu pai biológico e que estava procurando a pobre garota negra que fora adotada.

— Sua miserável, você vai pagar caro por isso. — Falo acertando uma joelhada em seu estômago e ela dá um soco no meu rosto, cortando meu supercílio.

— Olha, a indestrutível Liana sangra! — Diz debochada, mesmo toda ferida ainda me olha se sentindo superior.

— Você é patética, Elisabeth! Tudo que você tem é graças a mim; mas mesmo assim não ficou satisfeita. — Digo seguindo seus passos em direção à cozinha.

— Eu te odeio, Liana! Você sempre tomou tudo que era meu; você destruiu a minha vida. — Ela fala procurando nas gavetas por uma faca.

— É inútil, você não vai achar nada. Quem destruiu a minha vida foi você. Me arrependo amargamente de um dia ter pedido para te adotarem, você deveria ter ficado mofando no orfanato.

— Você roubou a minha vida! — Avança em minha direção, com um garfo nas mãos, e tenta me acertar, contudo eu desvio, dando um golpe certo, fazendo com que ela bata a cabeça na bancada de mármore e caia desacordada no chão.

Vejo seu corpo desfalecido, o corte na testa sangrando, e pego uma tábua de vidro, pronta para acertar nela e acabar de uma vez por todas com isso. Porém não consigo.

— Eu não posso fazer isso, não sou uma assassina. — Falo entrando em pânico olhando para ela. Tremendo, pego meu celular e ligo para Wenida.

— O que aconteceu? — Wenida perguntou nervosa.

— Eu não consigo, não posso fazer isso. Eu não sou uma assassina, eu não sou ela. — Falo me afastando do seu corpo.

— Se não fizer, ela vai vir atrás de você, vai vir atrás dos seus filhos. Não tenha pena dessa vadia.

— Eu sei, eu sei, mas eu não consigo... — falo chorando, porém antes que dissesse mais uma palavra, fui acertada na nuca por uma pancada forte.

Caio no chão e nessa hora as palavras de Matt se repetem em meu ouvido. Me controlo, imóvel, a esperando estar na posição. Cruzo a perna na canela dela, derrubando-a no chão. Liz se levanta e tenta me golpear, mas eu fui certa: acertei seu rosto uma, duas, três vezes e, a cada golpe, ela dava

um passo para trás. Chuto suas pernas, ela se desequilibra e cai sobre a mesa de vidro da cozinha. Seu corpo cai agonizando, há um pedaço grande de vidro atravessado no abdômen. Eu apenas olho em seus olhos paralisada, vendo por fim ela morrer. Pego meu telefone caído no chão e ligo novamente para Wenida, que atende no primeiro toque.

— Acabou, ela está morta.

— Graças a Deus, já tinha ligado para Murilo entrar.

— Eu estou livre, ela não vai mais me fazer nenhum mal — digo chorando, sentindo meu corpo fraquejar de dor.

A porta se abre e Murilo aparece e me abraça, me acalmando.

— Liana, você está livre, amiga. É sua hora de recomeçar. Acabou, o inferno acabou. — Ela fala e eu sinto o peso de suas palavras como se uma corrente invisível tivesse sido arrancada de sobre mim.

— Não chora, acabou, amiga. Ela não pode mais te fazer mal. Chega de chorar. É hora de voltar a Madrid. É hora de recuperar tudo aquilo que ela te roubou.



CAPÍTULO 28



FILHOS, MAJESTADE

SÃO SEUS

"Se não te machuca, não te fará feliz. Ficar com você é doloroso, porém pior é te deixar partir. Dizem que coisas boas levam tempo, eu estou esperando há tanto tempo que as coisas boas não querem vir"

Alessia

Abro os olhos e minhas vistas ardem pela claridade forte da janela, sinto uma dor forte no ombro e na cabeça, que parece que vai explodir. Noto que estou em um quarto de hospital, com soro no braço e um aparelho no outro. A porta do quarto se abre e uma enfermeira entra por ela.

— Que bom que acordou, senhora. — Ela sorri e vem até mim, desligando um aparelho.

— Vou chamar o doutor e avisar que você já acordou.

— Onde está Afonso? — Pergunto com a voz entrecortada.

— Seu marido foi um herói, ele deve amar muito a senhora.

— O que aconteceu, onde ele está? — Falo nervosa tentando sentar na cama.

— Fica calma, não pode se exaltar, ainda mais na sua condição.

— O que quer dizer?

— Eu vou chamar o médico, senhora. — Ela sai e me deixa sozinha, confusa com tudo que está acontecendo.

Lembro-me de Enrico me tirando do carro, lembro-me de tentar fugir e ver Afonso em um carro vindo até mim. Depois disso, tudo está em branco e não faço ideia do que aconteceu. Não demora muito para a porta abrir e um médico entrar junto com a mesma enfermeira.

— Bom dia, senhora Aragão, que bom que acordou. Como está se sentindo? — Pergunta anotando algo em sua prancheta.

— Um pouco de dor na cabeça e tontura.

— Isso é normal. Chegou aqui desacordada, sob forte efeito de clorofórmio, com algumas escoriações. Teve sorte que isso não afetou o bebê que espera.

— Bebê, como assim, bebê? Onde está Afonso, o que aconteceu com Enrico?

— A senhora está grávida de quatro semanas. A gestação é bem recente, talvez por isso não tenha tido sintomas.

Quando ele diz isso, não aguento e deixo as lágrimas caírem. Grávida, eu estou grávida de um filho de Afonso; sorrio emocionada. Não era uma gravidez planejada, mas isso não significa que amaria menos esse bebê. Seria complicado por conta da faculdade, mas eu não seria a primeira, nem a última mulher a estudar grávida. Preciso contar a Afonso.

— É normal que fique confusa depois do que passou.

— Onde está meu marido? Eu preciso contar para ele.

— Ele teve que passar por uma pequena cirurgia; por sorte a facada que ele recebeu não perfurou nenhum órgão vital, mas ele perdeu muito sangue. Só foi preciso suturar seu abdômen e realizar uma transfusão de sangue. O quatro dele é estável, e logo ele estará no quarto. Seu marido foi um verdadeiro herói.

— Ele salvou a vida da senhora. — Diz a enfermeira sorrindo.

— Preciso vê-lo, preciso vê-lo. — Falo nervosa.

— Calma, vou tirar o soro e examinar seus sinais vitais. Assim que ele estiver no quarto te levo para vê-lo.



Os minutos pareceram horas, eu estava aflita e preocupada com Afonso. Toda a raiva de ontem se foi, assim que soube tudo que ele fez para me salvar. Parte de mim sempre soube que Anahí era a única culpada, junto com Laura, claro. Afonso só foi ingênuo de acreditar naquelas duas. A enfermeira finalmente veio me buscar, eu já conseguia caminhar sozinha. Lorena havia me trazido roupas limpas, pude tomar um banho mesmo com um pouco de dor no ombro. Paramos em frente à porta do quarto. A enfermeira abre a porta para mim e eu entro, a primeira coisa que vejo é Afonso na maca desacordado e pálido. Meu coração perde uma batida, dou dois passos em sua direção, mas congelo ao ver ninguém menos que Anahí e Laura sentadas em duas cadeiras do lado da cama.

— O que vocês estão fazendo aqui?! — Pergunto amarga.

— Onde mais estaria se não aqui? Meu filho está nesse estado por sua culpa, deveria fazer o favor de sumir de uma vez das nossas vidas.

— Laura, eu não vou sair da vida de Afonso nunca, está na hora de você se conformar!

— Nunca. Afonso vai ter que assumir um compromisso com Anahí, ele a desonrou, todos viram. Ele é um homem de honra e terá que assumi-la. Seu casamento vai ser anulado e então, meu filho vai ter uma mulher digna dele.

— Era esse seu plano, não é, Laura? Forçar Afonso a ficar com essa aí. Você planejou tudo, inclusive drogar seu próprio filho. Que tipo de mãe você é?!

— Uma mãe que é capaz de tudo pelo filho. — Ela diz fria e Anahí se mantém confiante sorrindo ao seu lado.

— Se quisesse o bem de Afonso, não se meteria na vida dele. Você me enoja. E, se pensa que meu marido vai cair nessa sua armadilha, está muito enganada. Saiba que eu mesma vou pedir à baronesa Leonor as imagens das câmeras de segurança. E vou pedir um exame toxicológico, vai ficar claro que Afonso foi drogado. E, se os pais dessa aí vierem exigir alguma coisa, eu farei questão de expor quem é a filhinha deles.

— Você não ousaria. — Anahí diz ficando de pé.

— Pensei que a surra que te dei tinha sido bastante para mostra do que sou capaz.

— Quando Afonso acordar, ele vai assumir Anahí e você vai cair do cavalo.

— Isso é o que vamos ver. — Falo e saio do quarto, deixando-as sozinhas. Caminho até a segurança do hospital fora de mim. É hora de usar o título de duquesa e mostrar a essas duas cobras que o veneno delas é refresco para mim. Falei com os seguranças e voltei ao quarto de Afonso junto com o diretor do hospital e dois homens.

— Bem, senhores, eu como esposa legítima do senhor Aragão peço que retirem essas duas senhoras do quarto do meu marido. E também deixo explícito que as duas estão proibidas de entrar neste quarto. — Sorrio mostrando quem é que manda aqui.

— Você não pode fazer isso, eu sou a mãe dele! Isso é um absurdo. — Laura fala nervosa enquanto um segurança a leva até a porta.

— Eu posso, querida, eu sou a duquesa de Aragão. — Falo irônica e assisto de camarote as duas sendo escoltadas para fora do hospital.

Assim que a porta foi fechada, eu volto a respirar aliviada, sabendo que as duas cobras não podem mais soltar seu veneno contra mim.

— Então quer dizer que minha duquesa sabe defender o marido. — Afonso fala abrindo os olhos azuis para mim e eu não me aguento e começo a chorar, me jogando sobre ele. — Aí, minha latina, assim eu vou voltar para a sala de cirurgia. — Fala gemendo de dor.

— Desculpa, eu não queria te machucar. Faz muito tempo que estava acordado?

— Desde o momento que você e Laura começaram a brigar.

— Então ouviu tudo!

— Sim. Eu não esperava isso da mulher que chamo de mãe — diz ainda debilitado. — Eu sinto muito por não ter confiado em você, quando dizia que ela e Anahí estavam querendo nos separar.

— Não precisa pedir perdão, o importante é que não vamos deixar essas duas estragarem nossa felicidade, ainda mais agora.

— Agora...? — ele pergunta confuso, com a voz fraca.

— Sim. Agora que vamos ser pais — digo sorrindo. — Estou grávida. Não foi planejado, mas eu já amo nosso bebezinho. — Falo emocionada.

Afonso olha atentamente para minha barriga e começa a chorar.

— Eu te amo, latina, você me faz o homem mais feliz desse mundo.

Me aproximo dele e dou um beijo singelo em seus lábios.

— Eu também te amo, meu super herói.

— Só falta uma coisa para que a felicidade que você trouxe a minha vida seja completa. Alessia, minha latina, teimosa e briguenta, linda, que amo mais que tudo no mundo, você quer casar comigo?

Sorrio com seu pedido todo atrapalhando, mas que não deixa de ser lindo.

— Bem, deixa eu pensar um pouco.

— Mulher, eu quase morri e você diz que ainda vai pensar.

— Eu aceito, seu bobo, mas se prepara que eu vou querer um casamento de contos de fadas.

— Apenas o melhor para você, meu amor.

Liana

No começo da tarde do dia seguinte, após passar a manhã me recuperando dos acontecimentos da noite anterior, fomos, em um jatinho fretado por Wenida, direto para Madrid. Era hora de encarar um certo rei. Por mais que eu finja e diga que está tudo bem, dentro de mim sei que não está. Não sei qual será a minha reação ao vê-lo. Se as paredes que ergui são fortes o bastante para me proteger. Tento me convencer que ele aceitará bem nossos filhos e que iremos conviver civilizadamente como pais de Elijah e Eliott.

— Mandei preparar tudo para nossa chegada, você vai adorar a casa que comprei. — Diz Wenida enquanto o carro acelera pela bela capital espanhola.

— Você não dormiu ontem, Lia, deve estar cansada. Quando chegarmos, eu fico com os meninos para você dormir. — Fala Karina enquanto brinca com Eliott, que está acordado no bebê conforto.

— Eu estou bem, não se preocupe.

— Isso não está em negociação, você precisa estar maravilhosa, e sem olheiras, para ir falar com o sapo real. — Diz Wenida séria.

— Não consegui pregar o olho depois do que aconteceu.

— Você não deve se sentir mal pelo que fez. Liz não merece que

gaste um mísero segundo da sua vida pensando nela. — Fala Karina segurando minha mão.

— Vocês têm razão, não sei o que seria de mim sem vocês.

Chegamos a uma grande mansão branca, com altas palmeiras e um portal de pedra. Wenida não mentiu quando disse que a casa era lindíssima. Peguei os bebês e saí do carro, seguida pelos seguranças. Havia três empregados à nossa disposição na casa nova. Wenida pensou em tudo; ela vai mudar a sede da sua empresa para Espanha. Eu ficaria hospedada com ela até resolver toda a papelada da minha herança. Pretendia comprar um lugar para mim e para os meus filhos. Karina será minha sócia; pretendo montar uma escola de balé, realizar um sonho que deixei adormecido por muito tempo. Cumprimento os funcionários da mansão e Wenida me mostra o quarto que ficarei, junto com meus pequenos. Coloco os meninos nos berços, Murilo entra com nossas malas e Elijah resmunga acordando, provavelmente faminto.

— Obrigada, Murilo, você deve estar cansado também; pode ir para o seu quarto descansar. — Digo agradecendo por toda sua ajuda.

Fecho a porta do quarto e pego meu príncipe no colo. Karina entra no quarto assim que sento na cama.

— Vou levar Eliott comigo, para você descansar. Esse bonitão aqui não tá com cara que vai dormir por ora. — Fala ela.

— Obrigada, provavelmente Elijah vai dormir enquanto mama, então vou tentar descansar um pouco.

Karina sai e eu acaricio os cabelos fininhos do meu anjinho, pensando que amanhã Hector saberá que é pai dos filhos da mulher que ele mais odeia nesse mundo. Espero que ele consiga esquecer o passado, e que consiga amar nossos filhos da maneira como eles merecem. Mentalmente exausta, coloquei meu príncipe no berço e deitei na cama tentando dormir.



No dia seguinte, me olho no espelho me sentindo outra mulher. Já não sou aquela garota de vinte e dois anos, ingênua e frágil, que acreditava em todo mundo. Não. Agora eu sou Liana Castela, uma mulher forte, que enfrentará o mundo se for preciso, pelo bem dos meus filhos. Preparei a bolsa

dos meninos e saí do nosso quarto, indo até a sala, onde vi Wenida e Murilo discutindo

— Isso ainda vai dar casamento. — Falo brincando e Wenida fecha a cara.

— Tenho muito para curtir nessa vida, pra que me amarrar? — Ela resmunga e Murilo sai da sala, sem nem ao menos responder.

— Ele gosta de você, por que não dá uma chance pra ele?

— Liana, meu amor, você tem que aprender, homens não prestam. Murilo quer a mim e mais cinco, eu quero ele e outros seis, essa é a vida.

— Tudo bem, você sabe o que está fazendo — digo me abaixando para pegar meus príncipes em seus carrinhos.

— Você sabe que horas Karina chega? — Wenida pergunta.

— Ela foi com a corretora verificar alguns imóveis para montarmos a escola de balé.

— Você está pronta para vê-lo? — Ela pergunta me olhando atentamente.

— Eu já não sou a mesma. Não tenho medo de Hector. Mesmo que ele tenha destruído meu coração, eu sei que ele será um bom pai.

— Você não acha que ele pode tentar tomar os meninos de você?

— Sinceramente, não sei, mas uma coisa é certa, não deixarei que ele faça nada contra mim ou contra meus filhos. Ele pode ser o rei da Espanha, mas eu sou a mãe deles.

— Boa sorte, minha amiga, você sabe que, por mim, iria junto. Mas respeito seu momento.

— Eu preciso fazer isso sozinha. — Falo pegando a chave do carro.

— Vou te ajudar com as crianças. — Fala colocando Elijah na cadeirinha do carro. — Vai dirigindo? Não prefere que Murilo te leve? — Ela questiona.

— Os monstros já não podem me machucar. — Sorrio confiante. Irei enfrentar o rei da Espanha de cabeça erguida. Não deixarei ninguém me amedrontar.

Coloquei os dois no banco de trás, nas cadeirinhas, bem presos e seguros. Me despedi de Wenida, saindo dali a caminho do Palácio Real, residência oficial do rei Hector.

É tão estranho imaginar que ele é o rei. Isso me faz lembrar de Inês, será que ela era apenas uma atriz, assim como o juiz? O caminho foi rápido, olhei pelo retrovisor, os pequenos já estavam dormindo. Isso sempre acontece

quando entramos em um carro, eles sempre dormem rápido. Paro em frente ao suntuoso palácio com grandes muros, que mais lembra uma fortaleza, e estaciono em frente. Há quatro guardas armados em frente do grande portão. Só agora me dou conta de que deveria ter pensado em uma abordagem melhor. Será praticamente impossível eles me deixarem passar.

Abro o porta-malas, pegando o carrinho de bebê, e os acomodo, com cuidado para que não acordem. Então, caminho até um dos guardas do portão.

— Boa tarde, eu gostaria de falar com Hector.

— Tem hora marcada e uma autorização prévia? — Ele diz me olhando atentamente.

— Infelizmente eu não tenho nenhuma autorização, mas é realmente importante. Tenho certeza que se ligar para ele e disser que Liana Castela está aqui, ele vai liberar minha entrada.

— Sinto muito, mas sem hora marcada e uma autorização, ninguém pode passar.

— Você pode ao menos ligar e me ajudar? Não está vendo que é importante?

Ele me olha com deboche e fala:

— Moça, a senhora não é a primeira e nem a última pobre coitada que aparece aqui com supostos herdeiros. Desde que a princesa Melissa morreu, vive chovendo mulheres nesse portão.

Engulo a minha vontade de xingar esse homem, olho para o carrinho dos meus filhos para me controlar.

— Qual o seu nome?

— Lippi. — Fala revirando os olhos.

— Obrigada, Lippi!

Empurro o carrinho dos meus filhos saindo dali, irritada com minha tentativa inútil de falar com Hector. Caminho em direção ao meu carro, atravesso a rua e destravo o veículo, quando reparo que os grandes portões estão se abrindo. Um conversível preto passa rapidamente, no banco do passageiro uma mulher bonita que sorri para o homem que dirige. É Hector. Tudo aconteceu tão ligeiramente que nem tive tempo de reagir, ele passou por mim e foi tão rápido que não pude fazer nada. Meu coração está acelerado, um gosto amargo preenche meus lábios. Pelo visto ele seguiu em frente e está vivendo sua vida. Fecho os olhos tentando me acalmar. Deus, o que está acontecendo comigo? Não posso ficar assim, tão afetada, apenas por

vê-lo.



Entrei em casa me sentindo frustrada, pensando que deveria ter planejado melhor nosso reencontro. Wenida estava com o notebook no colo e uma taça de vinho na mão. Karina olhando algumas revistas, que estavam sobre a mesa de centro.

— Já voltou. Pelo visto o reencontro não foi como o esperado — fala Karina.

— Não consegui falar com ele. Hector nem me viu. Eu já deveria saber que não me deixariam entrar assim no Palácio Real.

— E agora, o que pretende fazer? — Pergunta Wenida.

— Alessia, preciso falar com minha amiga. Ela pode me ajudar a chegar até Hector, já que agora está casada com Afonso.

— Isso vai ser mais fácil, amore. — Diz Karina levantando uma revista onde uma foto de Alessia e Afonso está estampada na capa, com a seguinte legenda:

“Casamento Real”

Pego a revista das mãos de Karina e leio a matéria.

“Duque de Aragão decide legitimar, perante a igreja e a monarquia, seu casamento com a estudante, divorciada e já sua esposa, Alessia Molina. O relacionamento foi considerado uma quebra da tradição perante a toda a coroa, já que esse será o primeiro casamento real da Espanha com uma plebeia divorciada.”

Sorrio sabendo que minha amiga está causando entre a realeza.



Cheguei à Universidade Rey Juan Carlos sozinha. Para não chamar muita atenção, fiquei do lado de fora aguardando, até que consegui ver Alessia em um carro preto, acompanhada de dois seguranças. Segui-a de longe, entrando na universidade atrás dela. Assim que ela ia virando o corredor, me adiantei e entrei na sua frente.

— Alessia. — Digo chamando sua atenção.

Lentamente ela tira os olhos do celular e me olha; seus olhos se arregalam e sua pele fica pálida, dou um passo em sua direção antes que ela desmaie.

— Não é possível, eu estou ficando louca. — Diz beliscando o próprio braço, enquanto eu abro um sorriso por vê-la.

— Você não está louca, sou eu, Liana, sua amiga.

— Meu Deus, é você mesmo! — diz emocionada e me abraça.

— Eu senti tanto a sua falta. — Falo não contendo as lágrimas.

— Eu pensei que você estava morta, todos nós pensamos! — Ela fala tremendo.

— Tenho tantas coisas para te contar. Podemos ir para outro lugar? — Falo olhando ao redor, alguns alunos já começam a entrar em suas salas.

— Tem uma cafeteria do outro lado da rua, o que acha que irmos até lá?

Na cafeteria, nos sentamos em uma mesa afastada, Alessia pediu para que seus seguranças ficassem em outra mesa, para que ficássemos mais à vontade.

— Não consigo entender como você tá viva, aqui na minha frente. Liana, você não imagina o que nós sofremos pensando que estivesse morta.

— Realmente houve um grande mal-entendido. Melhor te contar desde o começo. Começando com o dia em que descobri que Hector estava mentindo para mim e que nosso casamento foi falso, tudo não passou de um plano de vingança.

— Afonso acabou confessando o que ele e Hector fizeram. Me senti horrível por fazer parte, de maneira indireta, de todas as atrocidades que Hector fez naquela fazenda.

— Eu briguei com Hector naquela noite, contei para ele toda a verdade sobre a morte da sua esposa; foi horrível. Ainda posso sentir a dor apenas por lembrar daquele dia. Eu não vi outra saída a não ser fugir. Estava quebrada, confusa e com o coração partido, e não pensei na besteira que estava fazendo. Arrependo-me de ter fugido, eu deveria ter enfrentado Hector de frente, ter sido forte pelos meus filhos.

— Filhos? — Pergunta confusa.

— Sim, tive gêmeos. Elijah e Eliott, vai amar conhecê-los.

— Oh, meu Deus! Hector já sabe disso? Quer dizer, já sabe que você está viva, e que é pai?

— Não, ainda não tive a chance de falar com ele. Depois que Liz me encontrou na estrada, eu percebi que tinha caído em uma armadilha. Fui levada a um manicômio dos horrores; você não imagina as coisas que tive que suportar. — Conto a ela cada detalhe do que aconteceu.

Quando termino, nós duas estamos chorando emocionadas.

— Meu Deus, eu não consigo imaginar pelo que você deve ter passado sozinha.

— Acabou, Alessia. Agora estou livre e feliz com meus filhos.

— Você está linda. A maternidade fez bem a você. E, falando em maternidade, eu estou grávida. — Diz fazendo carinho em sua barriga quase imperceptível.

— Fico muito feliz por você, minha amiga. Afonso acabou conquistando seu coração.

— E como! Não consigo me imaginar longe dele, por mais que tenha horas que sinto vontade de esganá-lo. — Fala rindo.

— Eu fico tão feliz por vocês.

— Hector precisa saber que você está viva, Liana.

— Eu sei, preciso que você me ajude a encontrá-lo. Nós dois precisamos ter uma conversa definitiva, pelo bem dos nossos filhos. Hector merece saber sobre as crianças, assim como meus filhos merecem ter o pai presente.

— Por um tempo eu culpei Hector por sua morte, mas conforme o tempo foi passando eu via o quanto ele sofria, sem você. O homem que conheci na fazenda parecia mais um fantasma. Hector sofreu muito com sua morte. Soube que foi preciso muito tempo para que ele se recuperasse. Até mesmo Afonso teve que o ajudar com problemas relacionados à coroa. E, segundo ele, Hector estava se tornando um bêbado, largado em seu quarto.

— Não posso acreditar nisso. O Hector que eu conheço me odeia e jamais iria sofrer pela morte da assassina do seu grande amor. — Digo desviando o olhar.

— Talvez você só tenha visto o pior dele. Agora que tudo está esclarecido, não há mais vingança, nem mentiras, e vocês podem se entender.

— Não se engane, minha amiga, não estou de volta para isso. Se estou aqui, é pelos meus filhos. O amor que sentia por Hector ficou enterrado naquela fazenda.

— Vocês dois foram feridos. Hector é tão vítima quanto você da sua irmã. Tá na hora de esquecer o ódio e encontrar o perdão; vocês precisam se

perdoar. Não só por vocês, mas pelos anjinhos que fizeram juntos.

— Você tem razão, e por esse motivo, preciso que me ajude a falar com ele.

— Tenho uma ideia perfeita para esse encontro. — Ela sorri com uma cara de quem tá aprontando.

— Tenho até medo de perguntar o que está planejando.

— Amanhã é meu casamento e também seu grande retorno.

Hector

Os três meses após a morte de Esteban se passaram voando. Continuo tendo sonhos com Liana, alguns são tão bons que não quero acordar. Outras vezes, o sonho me leva para aquele maldito incêndio, em que a perdi para sempre. Minha mãe sempre diz que o tempo cura todas as feridas, entretanto eu não concordo. As feridas permanecem. Com o tempo, a mente se protege da insanidade, cobrindo a ferida com cicatrizes, e a dor diminui, mas nunca desaparece. E não há um dia que não pense em Liana.

Ouçó baterem em minha porta, me tirando dos meus pensamentos. Mando entrar e Allen, meu secretário, avisa que a princesa Marie chegou.

— Obrigado, Allen, já estava indo até a sala principal para recebê-la.
— Digo me levantando e o acompanhando.

A princesa Marie Pomeline Casiraghi de Mônaco ficará hospedada no palácio por dois dias, temos uma série de reuniões e acordos comerciais para fechar. Hoje mesmo a levarei para uma visita ao centro de tecnologia e inovação, onde ela conhecerá nossos projetos de energia renovada. A porta do grande salão se abre. Marie, como sempre, está muito bonita, ela vem acompanhada do seu guarda-costas e uma assistente.

— Seja bem-vinda à Espanha, Marie.

— Obrigada, faz muito tempo que não nos vemos. — Ela diz me cumprimentando de maneira polida.

Após as saudações, Dona Letícia levou Marie para a ala reservada apenas a ela, enquanto eu fui para o meu gabinete resolver alguns assuntos com meu pai.

O almoço foi tranquilo, em seguida, levei Marie no meu carro até o centro de pesquisa. Foi uma tarde produtiva, conversamos muito sobre a produção de energia do meu país.

Depois, Afonso me chamou para ir com ele para a última prova do terno do casamento; eu seria seu padrinho junto com Lorraine, sua prima. Laura, mãe de Afonso, não foi convidada e, pelo que ele me disse, não fala com ela desde o dia em que ela foi a sua casa tentar obrigá-lo a se separar de Alessia e ficar com Anahí. Nunca imaginei que Laura seria capaz de algo tão sujo.



Termino de colocar minhas abotoaduras de ouro, verifico minha gravata, se está alinhada, e fico pronto para ir ao casamento do meu melhor amigo. Hoje acordei com uma sensação boa, como se algo muito importante estivesse para acontecer. Acho que a felicidade de Afonso acabou passando para mim. Na sala, encontro meus pais já prontos, assim como Charlotte. Juntos, nos dirigimos ao Palácio de Liria de Madrid. A entrada principal estava cheia de curiosos e jornalistas prontos para tentar filmar detalhes da cerimônia e da festa; desde os convidados até a decoração.

— E aí, cara, está nervoso? — Falo ao meu amigo, na sala do noivo, onde Afonso deve esperar a hora de entrar.

— Muito, meu medo é que ela desista na última hora. Já liguei três vezes para confirmar que ela vem.

— Fica tranquilo, Alessia não vai fugir. — Falo rindo.

A cerimonialista nos chama para nos posicionarmos para a entrada. Minha mãe entra com Afonso, no lugar de Laura. Lorraine, minha acompanhante, vem até mim e juntos entramos ao som do coral. Caminhei lentamente, como me foi ensinado, porém algo me chama a atenção em meio a todos os convidados: uma mulher de azul que está de costas. Não consigo ver seu rosto, porém meu corpo todo fica arrepiado apenas com um breve olhar. Tento não pensar muito nisso e prestar atenção na cerimônia. A marcha nupcial começa a tocar. Alessia está linda, usando um vestido clássico de renda, com um longo véu e um buquê de flores claras. Assim que chega ao altar, Afonso beija seu rosto e vejo como ficam perfeito juntos, meu amigo

tem sorte. A cerimônia foi emocionante, não tinha uma pessoa que não percebesse o amor entre eles dois. Clara, irmã de Alessia, entregou as alianças e então o padre perguntou:

— Afonso Dávila de Aragão e Alessia Molina Gusman, é de vossa livre vontade e de todo o coração que aceitam o santo matrimônio?

— Sim! — disseram juntos.

— Uma vez que é vosso propósito contrair o santo Matrimônio, uni as mãos esquerdas e manifestai o vosso consentimento na presença de Deus e da sua igreja.

— Eu, Afonso Dávila de Aragão, recebo-te por minha esposa, a ti Alessia Molina Gusman, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe.

— Eu, Alessia Molina Gusman, recebo-te por meu esposo, a ti Afonso Dávila de Aragão e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe.

— Assim, eles se tornam uma só carne, um só coração e um só espírito. Portanto, o que Deus uniu ninguém poderá separar. Pode beijar a noiva!

Afonso não perde tempo, e puxa Alessia para ele, selando esta união.

A festa seria no jardim do palácio, onde uma imensa tenda fora armada. Entretanto, antes que eu pudesse ir ao local indicado, fui abordado por Afonso.

— Preciso conversar com você em particular. — Diz sério, um tanto preocupado, me indicando o corredor que leva à biblioteca privada.

— O que aconteceu? — Questiono assim que passo pela porta.

Antes que eu possa reagir, Afonso sai trancando a porta por fora.

Pego meu celular no bolso para ligar para alguém, mas paraliso quando vejo a mesma mulher de vestido azul de antes. Confuso, sinto meu coração acelerar, reconhecendo essas curvas e esse cabelo.

— Não é possível. — Digo esfregando os olhos, nervoso.

Lentamente ela se vira e eu congelo ao ver Liana, *mi Liana*, parada bem na minha frente.

— Hector...

— Não pode ser. Devo estar sonhando. Não... não é possível. — Falo sentindo o ar me faltar e meu corpo balançar.

— Hector. — Ela diz novamente, andando em minha direção.

— Você não é real, você está morta. Isso deve ser minha cabeça me pregando peças. — Falo balançando a cabeça descrente, ela paralisa a menos de um metro de distância de mim.

— Você precisa se acalmar, Hector. Eu estou aqui, estou viva, e pedi a Afonso e Alessia que me ajudassem, para que possamos conversar. — Ela fala como se estivesse recitando um discurso ensaiado.

— Você é real? — Digo deixando as lágrimas caírem.

Acabo com a distância que nos separa e caio de joelhos no chão, sentindo meu corpo vibrar de emoção.

— Sim, Hector, eu estou aqui, estou viva. E nós dois precisamos conversar. — Ela diz e eu não aguento mais, deixo os soluços escaparem enquanto abraço suas pernas.

— Por que fez isso, Liana? Todos esses meses... Eu quase morri sem você! Com um remorso imenso que você nem imagina... Você se fez passar por morta e me matou junto com você. O que queria, me castigar? Pois fique sabendo que eu sofri como um louco, me correndo de arrependimento! — Me levanto revoltado, passando as mãos pelo cabelo.

— Por favor, preciso que se acalme. Temos muito a conversar, eu preciso te contar tudo que aconteceu. — Ela diz tão calma que chega a me irritar.

— Como?! Como me acalmar, Liana? Eu chorei sobre seu túmulo, sofri pensando que estava morta!! — Me aproximo dela contrariado, a puxando pelos braços, e a abraço forte, para sentir que é real, que ela está aqui. Seu cheio continua o mesmo. E me sinto como um deserto que recebe a chuva pela primeira vez em anos; meu corpo treme de saudade.

Liana se desvencilha de mim e se afasta. Aproveito a distância para olhar melhor para ela, que está mais linda do que nunca.

— Eu sinto muito, Hector, tudo não passou de um mal-entendido. — Diz se afastando ainda mais, como se precisasse da distância.

— Eu pensei que estivesse morta, Lia. Eu enterrei você, chorei sobre seu caixão. Meses se passaram, por que não voltou antes?! — Pergunto confuso, tentando arrancar dela uma explicação.

— Por favor, não me chame mais assim. Pode se referir a mim como Liana ou senhorita Castela. — Diz tão fria que até me assusta. Como ela pode estar assim, se eu estou só o caco, sentindo sua falta dia após dia? — Muita coisa aconteceu, Majestade. É melhor você se sentar, temos muito o que

conversar.

— Por que não me procurou antes? Onde você estava, meu anjo? — Questiono confuso, tentando me recuperar do choque de vê-la, depois de tanto tempo.

Liana caminha pela sala e se senta em uma poltrona próxima a mim, mas eu estou tão nervoso que me mantenho de pé. Noto que ela engole em seco, nervosa, se preparando para me responder. Seus olhos estão fixos em mim, sinto meu peito arder de saudade, mágoa e desespero, e de amor, muito amor. Há uma confusão de sentimentos em seus olhos, a dor é o principal. Minha respiração está pesada. Decido me aproximar dela, é como se precisasse tocar nela para ter a certeza de que tudo que está acontecendo é real. Me sento ao seu lado e pego em suas mãos frias, olhando dentro dos seus olhos.

— Quando você saiu da fazenda, eu encontrei o teste de gravidez. Você estava grávida, meu anjo, o que aconteceu com nosso filho? — Pergunto mesmo temendo a resposta, mas preciso saber ou vou acabar enlouquecendo.

— Sim, Hector, eu estava grávida quando fugi. — Diz soltando suas mãos da minha. — Tinha ido à cidade para fazer o exame de sangue e confirmar minha suspeita. Eu planejava te surpreender, quando Alexandra me abordou e me contou toda a verdade. Fiquei tão desolada que esqueci do teste. Fui para seu escritório atrás de alguma prova de que ela mentia, mas apenas confirmei tudo que me havia sido dito. Depois você chegou e tivemos aquela briga horrível.

— Eu queria tanto ter te explicado tudo, meu amor. Mas você fugiu, Liana, sem me dar a oportunidade de pedir seu perdão, de conversar e dizer que não fui eu que me mandou dar as surras quando você estava na prisão. E que nunca quis que você fosse estuprada. Eu fui um miserável com você e me arrependo amargamente por isso.

— Isso já não importa, Hector. Eu o perdoei há muito tempo. Não guardo rancor pelo que houve. Você foi tão vítima quanto eu. Perdeu a mulher que ama por minha culpa, eu irei carregar esse peso nas minhas costas até o fim dos meus dias.

— Não diga isso, meu anjo. Você não foi culpada, a psicopata da Elisabeth que foi. Eu te amo, Liana, e te perdoei quando percebi que não conseguiria viver sem você.

— Me escuta, Hector, você precisa me escutar; dessa vez até o final.

— Diz mudando de assunto, como se para ela o que eu sinto já não importasse mais. — Liz me pegou assim que cheguei à estrada. Taylor me acertou com um taco de baseball, e quando acordei, mais tarde, estava em um hospício. Ela dizia que eu era louca e que me passava por ela, que meu nome era Elisabeth. No começo, eu pensei que, se convencesse um dos médicos de que eu não era louca, eles me soltariam; mas conforme os dias se passaram, vi que todos naquele lugar eram doentes. A pulseira que você havia me dado foi roubada de mim pela diretora do lugar; ela gostava de joias e, assim que a viu, a pegou para si. Aquele lugar foi um verdadeiro inferno, eu estava grávida, debilitada e sozinha.

— Deus, meu anjo! Era meu dever proteger você e nosso bebê. Não posso imaginar as coisas pelas quais passou. Eu juro que tentei te achar, mas quando cheguei, era tarde demais.

— Como eu ia dizendo, lá dentro fiquei trancada em uma cela por alguns dias, até Liz ir me visitar. Ela não aguentou e quis ir ver o meu estado deplorável pessoalmente. Eu estava trancada em uma cela imunda, comendo apenas uma vez por dia, sem direito nem mesmo a usar um banheiro. Mais tarde, como se isso já não fosse o bastante, um médico descobriu a minha gravidez e pretendia fazer um aborto e matar meu bebê. É horrível demais ouvir tudo que ela vem dizendo; isso faz com que eu me sinta um inútil por não ter salvado ela e nosso filho, por ter falhado com os dois.

— Eu passei pelo inferno, mas eu sempre pensava no meu bebê. O que me mantinha de pé? Foi a fé; não em um príncipe encantado, não em justiça ou esperança de que alguém viria me resgatar. Eu tive fé em mim mesma, sabia que conseguiria sair de lá. E eu consegui.

— Onde você estava quando houve o incêndio? Por onde você esteve, Liana, todo esse tempo, enquanto eu fiquei aqui pensando que estava morta? Enquanto eu sofria sem você, amor! — Falo colocando minhas mãos em seu rosto. E percebo que uma lágrima solitária cai pelo seu rosto, uma lágrima de dor.

— Para de me chamar de amor, Hector, isso já está me irritando. Chega de fingimento, de mentiras.

— Eu nunca vou conseguir parar, porque te amo com todo meu coração. Mesmo que não acredite, eu sou completamente apaixonado por você. — Falo tocando seu rosto e ela se afasta, como se meu toque a machucasse.

— Eu não vim aqui para isso, Hector!

— É a verdade, Liana. Mesmo pensando que estava morta, eu não pude te esquecer. Lia, não vou te esquecer nunca. Eu ainda sinto suas carícias sobre minha pele. Todo meu corpo te chama e clama por você. Você foi aquela que me ensinou a amar. Em você estão todas as coisas que eu desejo. Passei noites e noites em claro, pensando só em você. Nas palavras que nunca cheguei a dizer, e que fico repetindo em silêncio, porque te amo, Liana. *Te amo con toda mi alma.*

— É melhor parar, Hector. Eu já não sou aquela menina ingênua que você conheceu. Estou aqui pelos nossos filhos e nada mais.

— Filhos? Você disse “filhos”, no plural?! — Questiono confuso.

— Sim, temos dois meninos. Quando eu fugi, com a ajuda de uma amiga que fiz lá dentro, assim que pude, fui a um médico, verificar como estava minha gestação, depois de tudo que havia passado. Descobri, então, que esperava gêmeos.

Minha mente fica zozna, é muita informação. Meu peito parece que vai explodir de tanta emoção. Filhos. Eu tenho dois filhos. Liana está viva e eu sou pai.

— Como pôde se esconder, sabendo que estava esperando filhos meus? Por que não me procurou, por que não me pediu ajuda, Liana?! — Falo revoltado, pensando em tudo que perdi. Levanto-me, sem conseguir me conter. Se ela tivesse me procurado, tudo seria diferente.

— E o queria que eu fizesse?! Liz estava à solta, Ruiz estava trabalhando para ela, você me odiava, queria se vingar de mim. Eu estava sozinha, grávida e frágil; só pensei em proteger a mim aos meus filhos.

— *No es verdad, no te odio, te amo.* Era meu dever cuidar dos nossos filhos.

— Eu não poderia arriscar. Você me ensinou a não confiar nas pessoas, e não poderia arriscar a vida dos meus filhos.

— Nossos filhos, Liana! — Falo com raiva por ter perdido tanto tempo longe deles três.

— Sim, Hector, nossos filhos. Elijah e Eliott são as coisas mais lindas desse mundo. Porém, antes que você vá conhecê-los, quero que nós dois coloquemos tudo em pratos limpos. Eu quero pedir seu perdão. Mesmo não querendo, eu atropeliei Melissa. Talvez eu só possa me libertar dessa culpa e dor quando eu conseguir o seu perdão e da família dela. Eu cheguei à conclusão de que tudo que fez para me ferir, foram atos de dor, mágoa e ressentimento. Você estava machucado e não pensou nas consequências dos

seus atos. Eu preciso colocar um ponto final nessa história, para que possamos nos dar bem, pelos nossos filhos.

— Você... Você não precisa me pedir perdão, Lia. Eu devo isso a você. Nem que eu passe o resto da minha vida te pedindo perdão, meu anjo, farei de tudo para que um dia possa me perdoar.

— Eu já te perdoei há muito tempo, Hector. Você me deu a melhor coisa que existe em minha vida, que são meus filhos.

— Eu prometo, meu anjo, que farei de tudo para fazer você e nossos filhos felizes. —Digo sorrindo, me dando conta de que essa é minha segunda chance, a chance que tanto pedi a Deus para recuperar seu amor.

— Faça nossos filhos felizes, isso é tudo que importa. — Diz firme.

— Como eles nasceram, como eles são? — Pergunto ansioso para saber mais sobre eles.

— São dois meninos saudáveis e lindos, ambos têm seus olhos. Quase não dão trabalho. Elijah nasceu primeiro e é o mais calmo, já Eliott é mais temperamental.

Seus olhos brilham ao falar deles. Percebo que as minhas lágrimas caem sem parar. A emoção é tão grande que não sei choro ou se rio.

— Obrigado, meu amor. Obrigado por me fazer o homem mais feliz da terra.

— Não me chame de amor. O único vínculo que vamos ter são nossos filhos. Não pense que eu esqueci tudo que me fez. Eu te perdoei, mas isso não significa que confio em você.

Suas palavras machucam e ela sabe disso. Isso me faz lembrar de todas as vezes que eu rechacei o amor dela por mim, as tantas vezes que a fiz chorar.

Seu coração está partido, e eu terei muito trabalho para colar os pedaços.

— Como eu estava dizendo, eles nasceram prematuros e, por sorte, não tiveram complicações. Um ótimo ginecologista me atendeu no The Lister Hospital, em Londres. O doutor Guilherme Thunderwolves salvou a vida de Eliott, que não estava em posição.

— Guilherme? Espera, você estava em Londres. Qual foi a data do nascimento deles?

— Dia vinte e cinco de janeiro.

— Meu Deus... meu irmão fez o parto. — Falo sentindo meu corpo pesar. — Eu deveria ter estado ao seu lado, meu amor. — Falo me

aproximando dela.

— Por favor, se afasta, não toque em mim!

— *Me voy a tentar*, vou tentar recuperar seu amor até o último dia de minha vida.

— Você está mudando o foco dessa nossa conversa, Hector. Não me engana mais com essas palavras bonitas.

— Talvez você possa não acreditar porque, para você, eu fui um pesadelo. Fui um canalha que te coloquei em uma armadilha de vingança. Mas fui eu quem caí nela, *cariño*, me apaixonei por você feito um louco. E agora que sei que está viva, Liana, lutarei com todas as minhas forças para recuperar o seu coração.

— Eu não acredito em você. Nada que fale vai me convencer. Suas palavras são como poeira ao vento, a basta uma leve brisa e elas se vão para longe.

— Tudo bem, eu não vou insistir, por ora. Gostaria muito de ver nossos filhos, preciso conhecê-los. Onde eles estão?

— Eu posso te levar para vê-los agora. — Ela fala, pegando uma chave de dentro da bolsa.

— Vamos. Não quero perder um segundo mais longe dos meus filhos.

Eu a levei até meu carro, nem me dei ao trabalho de me despedir dos noivos. Estava chateado com meu amigo, ele deveria ter me dito sobre Liana assim que a viu.

Saímos pelos fundos para evitar a imprensa e seguimos o caminho da saída lateral. Liana se manteve fria e distante, e eu me perguntava o tempo todo como ela poderia estar tão bem, se eu estava completamente abalado.

Estacionei na grande mansão nervoso. Não perguntei de quem era a casa para não ser invasivo, mas minha cabeça formou várias hipóteses e uma delas é que ela tinha alguém. Um homem que cuidou dela quando ela precisou. Abro a porta do carro para ela e a acompanho até a entrada. Liana abre a porta da mansão, e vejo dois seguranças do lado de fora olhando para mim. Faço uma nota mental de mandar alguns guardas reais para cuidar da segurança dela e dos meus herdeiros. Entro na sala seguindo Liana, que coloca a bolsa sobre o sofá, e vejo uma mulher ruiva, que me parece familiar, com uma mamadeira nas mãos.

— Lia, que bom que chegou... — Ela ia dizendo, mas paralisou ao me ver — Espera, você é o rei sapo?! — Ela pergunta olhando para mim.

— Hector Ortega, pai dos gêmeos. Você deve ser a amiga de Liana.

Mucho gusto. — Falo sendo educado e ignorando a forma como ela se referiu a mim.

— Wenida. Não posso dizer que é um prazer conhecê-lo, mas respeito a vontade da Liana.

— Vamos, Hector, o quarto é por aqui — diz Liana quebrando o clima tenso. — Wenida, obrigada por cuidar dos meninos. Não precisa da mamadeira, eu mesma amamento.

Acompanho-a até a porta e meu coração parece que vai sair pela boca. Liana abre a porta e eu ouço um choro baixo vindo de um dos berços.

— Elijah está acordado, provavelmente com fome. — Ela fala indo até o berço e eu acompanho seus passos, olhando para eles com uma emoção tão grande que posso dizer claramente que nunca senti algo assim.

— São seus filhos, Majestade. — Ela diz mostrando os meninos.

Os dois estão acordados, com os grandes olhos azuis fixos em mim. E, como um raio direto no peito, sinto um amor maior que tudo. Meus filhos, eles são meus.

— Eles são os bebês mais lindos que já vi. — Falo deixando as lágrimas caírem, enquanto sorrio, agradecendo a Deus e a ela por esse presente.

— Eu sei. Não tem um dia que não olhe para eles e não me sinta privilegiada por ser a mãe desses tesouros. Eu vou pegar Eliott, você pode sentar naquela poltrona que vou te dar ele, enquanto amamento Elijah. — Ela sorri pela primeira vez desde que a revi.

Faço exatamente o que ela diz; tiro o paletó com as mãos trêmulas, ansioso, quando a vejo trazer o pequeno pacotinho para mim.

— Pegue ele com cuidado, eles ainda são muito novinhos, acabaram de completar três meses. — Diz me entregando meu filho.

Minhas mãos tremem; observo-o encantado com esse pequeno serzinho.

— *Mi hijo.* — Digo o abraçando contra meu peito, enquanto ele se aninha a mim, fechando os olhos.

Olho para Liana, que está com Elijah no colo, e percebo que eles são idênticos, é impossível notar qualquer diferença.

— Como consegue diferenciar os dois? — Pergunto beijando o meu pequenino.

— Você vai se acostumar e notar as pequenas diferenças entre os dois. Eliott tem uma marca de nascença na perna. E Elijah tem um pouco

mais de cabelo; até mesmo a personalidade é diferente. Estou surpresa por Eliott estar tão calmo, ele é o mais agitado dos dois. Provavelmente ele sentiu que você é o pai. — Ela diz com os olhos cheios de lágrimas, assim como os meus.

— Obrigado, meu anjo, obrigado por ter dado à luz a esses dois tesouros.

Liana senta na beirada da cama e afasta a alça do vestido, colocando nosso filho para mamar. Na mesma hora ele para de chorar e mama de maneira esfomeada. Acabo rindo emocionado, tamanha minha alegria por estar presenciando esse momento.

— Ele sempre mama assim? — pergunto ansioso para saber mais sobre eles.

— Sim, os dois mamam no peito, não pretendo tirar eles do peito tão cedo. Quando é realmente necessário, deixo leite reservado para que uma das minhas amigas deem a eles, mas costumo não ficar muito tempo longe deles.

— Você é uma mãe maravilhosa, Lia.

— Tenho certeza que você também será um ótimo pai, Hector. Eles não precisam de muito, apenas que dê seu amor a eles.

— Já os amos mais que tudo nessa vida. Você realizou meu maior sonho, que era ser pai, ter uma família. — Digo e a vejo engolir em seco, se levantando para colocar Elijah para arrotar.

— Vou colocar Eliott no berço para que ele fique mais à vontade para dormir, e você pega Elijah um pouco. — Diz colocando o nosso pequeno no berço e vindo até mim. Quando ela o tira, Eliott sente minha falta de imediato.

— Eu não me importo de deixá-lo dormindo no meu colo. — Falo triste por não o segurar mais.

— Deixa ele dormir no berço enquanto você fica com Elijah, tá bom?

Confirmo mesmo pensando que poderia ficar por muito tempo com os dois no colo. Se depender de mim, não irei me afastar dos três nunca mais. Liana volta com nosso filho mais velho no colo. Elijah, ao contrário do irmão, está acordado e sorri para mim.

— Não acredito que você sorri para o seu pai, e não para mim. — Diz Liana rindo, colocando-o nos meus braços, ele começa a balbuciar algo.

— Oi, *mi príncipe*, papai está aqui, meu amor.

Ele sorri de novo, arrancando de mim lágrimas de emoção. Deito-o no meu colo e beijo seus pezinhos, encantado com tanta perfeição. Tudo que eu

mais quero está dentro deste quarto. A minha família...



CAPÍTULO 29

RECONQUISTAR

"Não há nada mais triste que o silêncio e a dor. Nada mais amargo que saber que te perdi. Hoje busco na noite o som da tua voz. E onde te escondes para me preencher do seu amor".

Liana

Meu coração estava acelerado. É lindo ver a conexão entre os três, a emoção de Hector ao conhecer os dois realmente me comoveu. Seus olhos azuis se fixam em mim e é impossível não sentir saudade, não ficar mexida com a proximidade. A droga do coração acelera toda vez que ele sorri, entretanto não deixarei mais o coração guiar minha vida, é hora de ouvir minha mente, que grita em alto e bom som para me afastar do perigo.

— Está ficando tarde, é melhor você ir. Eles provavelmente não vão acordar mais hoje, você pode vir vê-los amanhã. — Digo cansada, morrendo

de vontade de tomar um banho relaxante e tirar esse vestido.

Hector olha para mim e parece desolado.

— Eu não quero ir, tenho medo de dormir e descobrir que tudo não passou de um sonho. — Fala olhando para mim.

— Não é um sonho, Hector. Jamais te afastarei dos seus filhos. Pelo contrário, quero que eles convivam com o pai, que tenham em você um exemplo, um super herói, aquele que vai levá-los para o futebol e que vai ensinar a andar de bicicleta, e todas as coisas que os pais fazem. — Falo sendo sincera.

— Eu não quero que só meus filhos convivam comigo, Lia, eu quero você, quero a família que podemos ser. Quero acordar com você ao meu lado, quero sentir sua pele se arrepiar ao meu toque, quero ouvir seus sussurros na hora do prazer. Quero estar junto a você em todos os momentos. — Desvio o olhar, respirando fundo.

— Tudo isso é muito bonito, Hector, mas nós dois sabemos que isso jamais irá acontecer. Eu e você só existimos por Elijah e Eliott, nada mais. Não confunda as coisas, como disse, eu quero que você participe da vida dos nossos filhos, não da minha.

— Isso é o que vamos ver, meu anjo. Você ainda me ama, só está machucada demais para me deixar entrar. Mas, advinha só? Eu tenho uma vida inteira para curar seu coração e provar que te amo.

— Eu te acompanho até a porta. Realmente estou cansada; preciso de um banho e cama. — Falo ignorando seu discurso perfeito.

Hector está perdendo o tempo dele se pensa que irei cair no seu joguinho de sedução pela segunda vez, uma vez já foi o bastante para me destruir. Ele se abaixa e beija a testa de Elijah e depois de Eliott, para em seguida me acompanhar até a saída do quarto.

A sala está vazia, provavelmente Wenida saiu com Karina; sexta à noite essas duas pouco ficam em casa.

— Boa noite, Hector. Você é bem vindo para visitar os meninos sempre que quiser — digo abrindo a porta para que ele saia, todavia Hector para de frente a mim, que fico de costas contra a porta, a menos de dois palmos dele, e posso sentir seu perfume másculo.

— Eu vou, meu amor, mas saiba que isso é por pouco tempo, em breve você e nossos filhos estarão comigo.



Eu mal consegui dormir, pensando no que aconteceu ontem. O tempo passou e eu achei que todas as minhas feridas estavam cicatrizadas, mas bastou estar em sua frente que as feridas voltaram a sangrar. Estar tão perto do único homem que amei, de maneira tão intensa e destrutiva, machuca. Acordei com Eliott chorando, provavelmente com cólica. Tiro a roupa dele e faço uma massagem shantala, que é ótima para cólica e para fazer o bebê relaxar. Uso um óleo de bebê com camomila e lavanda, e quando termino ele já não chora mais. Dou um banho morninho e assim que o visto, ele acaba dormindo. Coloco-o junto com o irmão, que dorme feito um anjo.

Na mesa da cozinha, encontrei com minhas amigas para o café da manhã.

— Como você está se sentindo após vê-lo? — Pergunta Wenida, assim que me sento.

— Bom dia para você também, Wenida.

— Liana, eu mal preguei os olhos de tanta curiosidade, dá pra contar logo? — Ela fala e Karina ri.

— Tudo bem, já que não vai me deixar tomar meu café até contar, vou logo ao assunto. A reação dele não foi bem como eu esperava, Hector me deixa confusa. Foi um choque para ele, isso ficou claro, mas as coisas que ele disse me abalaram. Mesmo não querendo e me odiando por isso, eu ainda sigo o amando.

— Espera aí, preciso de algo um pouco mais forte que café, para ouvir essa história.

— Não são nem dez da manhã e você já vai beber, Wenida, sério? — Karina questiona.

— Estou sóbria demais para ouvir Liana declarando o amor dela por aquele babaca.

— Como se eu pudesse escolher amar ou não uma pessoa.

— Você conseguiu contar tudo para ele, sobre os meninos e sobre a clínica? — Karina pergunta, ignorando o comentário de Wenida.

— Sim, falei logo tudo de uma vez. É melhor deixar tudo claro entre nós dois, afinal temos dois filhos e esse é um vínculo que será eterno.

— E vocês dois, como ficam? — Wenida pergunta voltando a sentar

na cadeira com uma taça de Martini.

— Não existe nós dois, Wenida. Eu posso seguir amando Hector, mas não sou mais a garota boba que ele conheceu. Palavras bonitas não apagam tudo que ele me fez.

— Isso significa que ele tentou convencer você?! — Ela questiona.

— Eu não sei qual o jogo dele, mas não vou deixar os muros que ergui para me proteger caírem.

— O problema é que não adianta muro quando o inimigo já vive dentro de você. — Diz Wenida divagando.

Antes que eu possa responder e dizer que Hector não irá me enganar dessa vez, somos interrompidas pelo som de um helicóptero sobrevoando a mansão.

Afonso

A festa foi linda, mas não consegui tirar os olhos da minha latina. Alessia estava sensual em um vestido justo, que deixava todas suas curvas a mostra.

Após ter visto Liana e Hector saindo juntos, nós dois voltamos para a festa e tiramos várias fotos, dançamos, cortamos o bolo; tudo que Alessia tinha direito. Eu me sinto o homem mais feliz do mundo casado com a mulher da minha vida, que espera nosso primeiro filho. Ao final da festa, Lorena levou Clara para a casa, já que eu e minha duquesa iríamos passar a noite no hotel Lovitons, e de lá embarcar no jatinho para um final de semana romântico em Cancún, no México.

— Está feliz? — pergunto olhando nos olhos castanhos que tanto amo, assim que chegamos no hotel.

— Mais do que nunca. — Diz encostando o rosto no meu ombro.

Seguimos até a recepção.

— Boa noite, temos um quarto reservado. Senhor e senhora Aragão.

— A suíte presidencial já está pronta, aqui estão as chaves.

— Suíte presidencial, é? — Fala Alessia mordendo os lábios e me olhando com aquele olhar que me domina.

— Só o melhor para a minha esposa. — Falo beijando seu pescoço assim que as portas do elevador se fecham.

— Agora você é todo meu. — Alessia fala e beija minha boca, e é como se tivessem roubado todo o oxigênio do elevador. Nossas línguas duelam em uma batalha gostosa. Abraço seu corpo e Alessia cruza as pernas em minha cintura, eu a levanto pressionando-a contra a parede do elevador, sem desgrudar sua boca da minha. O elevador apita, avisando que chegamos ao nosso andar, mas nem eu e nem Alessia paramos o beijo. Caminho com ela nos meus braços, coloco-a no chão apenas para passar o cartão na porta, e assim que ela se abre, pego-a novamente, como manda a tradição, e adentramos na suíte.

Alessia olha as rosas vermelhas sobre a cama, as inúmeras velas acesas, e fica encantada.

— Isso é lindo, Afonso.

— Sei que não podemos nos afastar muito tempo. Se fosse por mim, nossa lua de mel seria maior. Mas como você tem a faculdade e eu tenho as minhas obrigações... Porém, eu prometo fazer nossa pequena lua de mel inesquecível. — Digo apaixonado, roubando um beijo dela e a colocando sobre a cama.

Estamos embriagados de desejo; eu já vou tirando o paletó e desabotoando minha camisa. Alessia sorri arteira, deita sobre os cotovelos e morde os lábios olhando para o meu peitoral. Desfaço-me do cinto, descendo a calça e ficando apenas de boxer. Ela se levanta e caminha até mim, desfaz do laço do vestido, que cai no chão revelando sua lingerie branca sexy para caralho. Seus seios estão pulando fora do decote e minha boca enche de vontade de chupar essas delícias. Ela é a baixinha perfeita para mim, minha latina teimosa.

— Safada! Você quer me enlouquecer, só pode.

— Gostou, meu duque? — diz a safada ficando de joelhos, me dando a visão perfeita.

Alessia abaixa a boxer e pega meu pau, que salta duro feito ferro, babando por ela.

— Você já está pronto para mim, amor. — Diz manhosa beijando a cabeça do meu pau, eu fecho os olhos tremendo.

— Não judia de mim, latina. — Ela o leva à boca, envolvendo com seus lábios carnudos; faz movimentos de vai e vem deliciosos.

Seguro seus cachos fartos, ajudando-a a levá-lo mais fundo em sua

garganta. Ela se engasga com os movimentos, deixando tudo ainda mais sensual, levando-me ao delírio, e preciso me segurar para não gozar.

— Não quero gozar na sua boquinha, amor — digo levantando-a e colocando seu corpo contra o meu sobre a cama, atacando seu pescoço, chupando e mordendo cada pedacinho da sua pele, caminhando para seus seios fartos, que estão me enlouquecendo. Rapidamente abro o fecho do seu sutiã e seus seios pulam para fora.

— Eu sei que estão mais cheios por conta da gravidez. — Ela fala quando vê que fico paralisado analisando cada sutil mudança em seu corpo.

Abocanho seu bico escuro, mordendo e chupando seus seios esfomeado. Sua pele está toda arrepiada e, enquanto devoro um, vou massageando o outro, e ela geme de prazer em meus braços. Vou descendo meus lábios por cada pedacinho do seu corpo até chegar à calcinha de renda branca. Lentamente deslizo-a por suas pernas e não me aguentando chupo seu brotinho com gosto, como se estivesse degustando minha fruta favorita. É assim com Alessia; seu sabor é único e viciante. Quanto mais eu a tenho, mais eu a quero.

Coloco dois dedos e faço movimentos de vai e vem, enquanto brinco com seu clítoris. Ela não aguenta e treme em meus braços, gozando enquanto puxa meus cabelos.

— Uh, seu safado. Ah!! — treme quando dou um tapa em sua boceta. — Eu preciso de você, amor, eu quero você dentro de mim. — Ela diz gemendo, me puxando para cima e beijando minha boca de maneira desesperada.

— É isso que você quer, sua safada? — Falo interrompendo o beijo e colocando meu pau na porta do paraíso e tirando só para judiar dela.

— Sim, Afonso, eu quero você. Agora para de graça e me come logo. Soco com tudo, meu pau desliza de tão encharcada que ela está.

— Afonso... — Ela geme enquanto eu estoco com gosto, segurando suas mãos no alto da cabeça, olhando em seus olhos nublados de prazer.

Alessia goza mais uma vez, apertando tão forte meu pau, que preciso me segurar para não gozar junto com ela. Giro seu corpo, colocando-a por cima, do jeito que eu gosto, para que ela cavalgue no meu pau. Essa é a melhor visão do mundo: minha mulher nua, toda suada, subindo e descendo no meu pau. Ela faz movimentos lentos e arranha meu peito feito uma gata selvagem.

— Mais forte, amor. — Digo sentindo toda a eletricidade que emana

sobre nossos corpos. Alessia empina e quica gostoso. Segurando firme em sua cintura, a ajudei com os movimentos até vê-la tremendo, com mais um orgasmo intenso. Meu corpo suado treme; quando o meu orgasmo acontece, gozo feito louco enchendo minha latina com meu leitinho. Ela deita sobre meu peito respirando rápido, cansada.

— Nada de dormir, amor. Eu quero muito mais de você esta noite. A nossa noite está apenas começando.

Hector

— Pai, não dá pra acreditar que eu sou pai. Deus, obrigado! — falo caminhando em direção ao meu carro. — Obrigado. — Sorrio emocionado.

Olho mais uma vez para a bela mansão, onde eles estão, e tenho que me segurar para não voltar e bater na porta dela, implorando para que me deixe ficar. Entro no carro, me sento no banco do motorista e decido sair, antes que ela apareça e me expulse daqui. Todavia ao sair, eu paro o carro na esquina e decido ligar para Pablo e pedir para que vigiem a casa de Liana. Não posso correr o risco de ela fugir ou de alguém tentar fazer mal a ela e aos meus filhos.

— Majestade. — Diz Pablo ao atender, mas ouço a voz de Luciene ao fundo resmungando.

— Liana está viva. — Digo de uma vez.

— Como isso é possível? — Ele questiona, provavelmente tão confuso quanto eu fiquei ao vê-la, depois de tanto tempo.

— Depois te explico. O que preciso que saiba por ora é que ela está viva e que teve gêmeos, meus filhos. Preciso que mande uma equipe para a localização que te mandei. Quero que façam a segurança dela e dos meus filhos vinte e quatro horas por dia.

— Então o corpo não era o dela?

— É uma longa história. Te espero no meu gabinete no primeiro horário da manhã e então contarei tudo.

— Tudo bem, senhor. Já estou solicitando uma equipe para cobrir a segurança.

Desligo o telefone e aguardo a equipe chegar, e só depois parto em direção ao palácio, ainda eufórico. É tão bom que não parece ser real. Sinto em meu coração que é minha chance de consertar tudo e recuperar o amor de Liana.

Ao entrar em casa, ando pelos corredores chamando por meu pai, minha mãe e minha irmã. Preciso contar a novidade a eles.

— Mãe!!! Pai!! — Grito chamando por eles — Charlotte! Mãe! Pai!

Não demora muito para ver os três de pijamas, correndo pelas escadas, assim como o nosso mordomo Abner e três outros funcionários, todos assustados com meus gritos.

— O que aconteceu? Pelo amor de Deus, meu filho! Quer me matar do coração? Quem morreu?

— Ninguém morreu, mãe; nasceu na verdade. — Falo emocionando, enchendo-a de beijos.

— O que aconteceu? Que escândalo é esse? — Fala Charlotte, que aparece com um creme verde no rosto.

— Eu sou pai! Você precisa ver, mãe, eles são lindos.

— Como assim pai, Hector? O que tá acontecendo?! — Fala meu pai sério, dispensando os funcionários.

— Espero que você não tenha engravidado nenhuma dessas... — mamãe diz brava.

— Liana está viva, mãe. Liana não morreu, não era ela naquele caixão. A minha Liana está viva!! — Falo deixando as lágrimas de felicidades caírem e vejo mamãe se sentar na poltrona da sala um tanto pálida.

— Espera, se ela não morreu, isso significa que eu sou tia; ela teve o bebê que esperava? — conclui Charlotte.

— Sim, e são gêmeos. Elijah e Eliott são os bebês mais lindo desse mundo.

— Oh, Deus, gêmeos. — Diz meu pai emocionado, me abraçando. — Parabéns, filho. — Diz emocionado.

— Onde ela está? Por que não veio com você? Quero conhecê-los. — Pergunta mamãe.

— Ela está na casa dela, junto com duas amigas e nossos filhos. Já mandei uma equipe reforçar a segurança.

— Como assim, meu filho? São os seus herdeiros, aqui é o lugar deles. — Diz meu pai consternado.

— Ah, pai, tudo que eu queria era que eles estivessem aqui comigo, mas Liana não acredita em mim. Ela está magoada, eu a feri muito e vou precisar colar cada pedacinho do seu coração antes de tê-la de volta.

Passo a próxima hora e meia contando-lhes tudo que aconteceu com Liana.

— Meu Deus, eu não posso nem imaginar tudo o que Liana passou, grávida dos meus netos. Quero muito conhecê-la. Só de ela ter lutando contra a víbora da irmã sozinha e ainda ter enfrentado você, já merece meu respeito. Você tem um longo caminho pela frente para conquistar sua rainha, filho.

— Minha rainha?! — Pergunto com um sorriso bobo na cara.

— Você nem ouse perder essa mulher. Você a ama de verdade. E depois de tudo que ela suportou, não existe mulher mais forte para carregar a coroa de rainha da Espanha do que Liana Castela.

— Ainda temos que resolver como fica a questão da legitimidade. Liana e você não são casados. Sem contar que não será difícil a imprensa descobrir que ela é uma ex-presidiária.

— Não deixarei que ninguém a ofenda. Preciso conquistar Liana de volta, depois eu me preocupo com o resto.

Fiquei por mais um tempo conversando com eles. Meu pai prometeu pesquisar sobre as leis de sucessão para me ajudar. Mandeí chamar o advogado da família para que trabalhasse no caso. Por fim fui para meus aposentos, mas não conseguia dormir. Eram mais de três da manhã e ainda estava repassando nossa conversa.

Ela está ainda mais linda, como se isso fosse possível. Ela conseguiu ficar ainda mais atraente e ao mesmo tempo tão fria, longe da doce Liana que conheci. Todavia moverei céus e terra, para provar que meu amor é real, e que podemos ser felizes juntos.



Sem sono, decido ir até o meu escritório e ligar para meu irmão para agradecer por ele ter salvo meus filhos. Como Guilherme é médico, talvez esteja acordado. O telefone chama por um tempo até que ouço sua voz rouca de sono ao atender.

— Hector. O que aconteceu? Sabe que horas são?

— Sim, sei que é tarde, mas não poderia esperar.

— Eu mal saí de um plantão de vinte e quatro horas; Alice tá dormindo, eu estou exausto.

— Me desculpa a hora, mas estou eufórico demais e preciso te agradecer.

— Pelo que? — Fala confuso.

— Por ter salvado a vida dos meus filhos e feito o parto da minha mulher.

— Você por acaso andou bebendo ou usando drogas ilegais?!

— É claro que não, seu idiota. Liana está viva. E no dia vinte e cinco de janeiro, lembra dos gêmeos que você ajudou a nascer? Eles são meus filhos.

— Espera, seus filhos, como assim? A moça se que atendi se chamava Lilia.

— Não era ela naquele caixão.

Passo os minutos seguintes contando tudo que descobri a Guilherme. Após falar com ele, até tentei dormir, mas foi inútil. Passei a noite revirando na cama, admirando o colar que Liana deixara na fazenda, imaginando como ela ficaria linda usando apenas ele em sua pele nua. Porra, apenas em pensar nela eu já tinha uma ereção. Preciso me controlar para não estragar tudo novamente.



Às cinco e meia da manhã eu saía da academia após um treino pesado. Precisava ficar em movimento, gastar um pouco de energia. Sinto-me renovado, como se houvesse acordado após um longo período adormecido. Tentei trabalhar, mas não conseguia me concentrar em nada do que tentava fazer. Às sete, Pablo entrou em meu gabinete e conversamos por um bom tempo. Contei a ele toda a verdade e lhe pedi que investigasse o manicômio clandestino, além de cuidar da exumação do corpo que fora enterrado como Liana Castela.

Tomei o café da manhã com meus pais e Charlotte, e o assunto foi inevitavelmente Liana. Combinei de trazê-la ao palácio juntamente com meus filhos, para que meus pais e minha irmã os conhecessem. Estava entretido,

pensando nos bebês, quando meu computador começou a apitar sem parar. Uma chamada de vídeo no Skype. Atendo à vídeo chamada e de cara vejo Paloma, com Ethan no colo, e também Alice e Guilherme, Verônica e Arturo, com a pequena Jade, e até mesmo minha mãe Inês.

— O que é isso, reunião de família e eu não fui avisado? — Pergunto rindo.

— Você esperava o quê? Estamos todos eufóricos para saber que história é essa da morta que está viva — diz Paloma sem um pinga de moderação.

— Ela não está morta, Paloma, nunca esteve.

— Caracas, essa é das minhas; ela forjou a própria morte. Já gostei da minha cunhada. — Diz Paloma.

— Paloma, para com isso, não fala assim. Você nem conhece a garota. — Alice a repreende.

— Pelo visto a fofoca já se espalhou. — Falo rindo, olhando para Alice que fica vermelha.

— Você sabe como são os Cartier, ainda mais as suas irmãs. Me diga como ela está e como são os meninos — pergunta minha mãe, ansiosa.

— Ela está linda, e os bebês são perfeitos. Mas eu a feri muito e não vai ser fácil conseguir seu perdão.

— Então é verdade, Ortega, você entrou para o time dos pais. — Arturo diz sorrindo.

— Sim, Liana estava grávida de gêmeos quando foi sequestrada. E eu os conheci, são as coisas mais perfeita que já vi. Elijah e Eliott, eles têm três meses de idade.

— Oh, Hector, não imagina o quanto eu estou feliz por você. — Diz Verônica emocionada com Jade nos braços.

— Agora, a pergunta que não quer calar, meu irmão, como vai reconquistar essa mulher? Porque imagino que Liana não esteja facilitando as coisas para você. — Fala Paloma.

— Sinceramente eu estou ferrado, não vai ser fácil convencê-la de que a amo.

— Converse com ela, Hector, seja sincero. Tenho certeza que ela vai entender, e vai notar que suas palavras são verdadeiras. — Fala Alice docemente.

— Eu já fiz isso, Alice. Liana não quer nem ouvir falar de nós dois. Para ela, o único vínculo que temos são os nossos filhos.

— Ela te ama. Eu vi isso quando estive na fazenda. Seja persistente que ela vai acabar te perdoando. — Diz Inês tentando me convencer.

— Bem feito, quem manda dar uma de justiceiro. Você não viu que essa merda de amor e vingança andam lado a lado? — Diz Arturo apontando o dedo para mim.

— Eu reconheço meus erros e estou pagando caro por isso; me arrependo amargamente de todo mal que fiz a Liana.

— Jogar sal na ferida também não ajuda, né, Arturo. — Verônica me defende.

— Por que não leva ela para um jantar ou quem sabe, um passeio ao ar livre com ela e os pequenos? — Fala Arturo dando uma ideia.

— É uma boa, não sei se ela vai aceitar, mas não custa tentar.

— Hector, não vai nas ideias de Arturo porque você foi testemunha do tanto de merda que ele fez.

— Isso não é verdade, minha rainha, eu fiz até serenata para você, roubei até flores.

— Você estava tão bêbado que não lembrava nem a letra, aquele balde de água foi pouco perto do que merecia.

Começamos a rir da cara que Arturo faz.

— Você pode mandar cem dúzias de rosas pra ela — diz Alice toda romântica.

— É claro, flores são lindas, mas nada se compara a um casamento surpresa. É isso, Hector, faz um casamento digno de uma rainha. — Fala Paloma olhando para sua aliança.

— É capaz dela dizer não na frente do padre. — Falo pensativo.

— É, meu filho, você vai precisar lutar para conquistar Liana de volta — Inês reconhece.

— Hector, esqueça tudo que nós dissemos, e apenas seja você mesmo. Tenho certeza que ela ainda o ama, está apenas magoada. Tenha paciência e vá conquistando-a aos poucos, da sua maneira. — Fala Verônica com sabedoria.

— Bem, faça o que Verônica está dizendo, Hector e, caso tudo dê errado, você a sequestra e a leva para Mali, minha casa está desocupada. Ela não terá como fugir de você. — Martim diz, chegando atrás de Paloma com Ethan no colo.

— Que família eu fui arrumar. — Falo rindo das ideias malucas.

— A melhor do mundo. — Diz Alice rindo.

Desligo a vídeo chamada e chamo Allen; peço que ele prepare a surpresa para mim. Como ainda era cedo, fui até uma loja de brinquedos; bastou uma ligação da minha assessora e a loja estava fechada. Escolher o que levar foi difícil, confesso que por mim levava tudo, mas não queria parecer um idiota como Arturo. Então mandei boa parte dos brinquedos para o palácio, pois mandarei preparar o maior quarto de brinquedos que já se viu. Também mandei reformar três suítes da ala principal do palácio para transformar em um quarto para os meus filhos. Algo me diz que em breve eles estarão correndo por aqueles corredores, brincando, e seremos uma linda família.



Assim que o helicóptero sobrevoou a casa onde Liana mora, as pétalas de rosas vermelhas começaram a ser jogadas. Rapidamente, as três saíram lá fora. Meu anjo segura um dos nossos filhos nos braços, o outro está com uma das suas amigas. Liana olha tudo de boca aberta, e eu sorrio, vendo que consegui surpreendê-la. A chuva de rosas continua e, quando todo o jardim está vermelho de pétalas, o helicóptero pousa. Sorrindo eu desço, segurando um buquê de rosas nas mãos.

— Bom dia, meu anjo, espero que goste da surpresa. Essas rosas são suas.

Liana me olha séria, analisando o jardim coberto pelas pétalas, e entrega nosso filho para a amiga de cabelos vermelhos, a que não gosta de mim. Ela pega o buquê, mas seu rosto está uma máscara fria de indiferença. Pensei que ela fosse gostar das flores.

— Lurdes, você gosta de rosas? — Perguntas à empregada.

— Claro, senhora, são lindas.

— Então leve para você, é um desperdício jogar algo tão belo no lixo.

— Ela diz olhando nos meus olhos e posso ver claramente o quanto ela está ferida.

A empregada sai carregando as flores que escolhi especialmente para Liana.

— Esperava ter deixado claro a você que entre nós dois não existe mais nada, então para de encenar. É tão difícil para você perceber que não te

quero, Hector? Acabou, não estou disposta a cair no seu papinho. Não adianta vir com um milhão de rosas na minha porta, Majestade, a Liana que te amava morreu naquela fazenda. — Fala pegando os meninos nos braços e entrando na casa, me deixando totalmente sem chão.

Meu coração fica em frangalhos toda vez que ela diz que o amor que sentia por mim acabou. Não é possível, ela não pode ter me esquecido assim.

— É melhor você chamar sua equipe e dar um jeito no meu jardim, ou vou ser obrigada a processá-lo — diz a ruiva entrando na casa irritada.

— É melhor eu ir embora, já fiz muito estrago por um dia. — Falo perdido.

— Só dê tempo a ela. Liana passou por muita coisa em pouco tempo, é difícil para ela voltar a confiar, principalmente em você. — Diz a outra amiga, cujo nome não sei.

— Obrigado, você é uma boa amiga para ela.

— Vem, entra. Tenho certeza que quer ver os meninos antes de ir. Aliás, Liana não consegue ficar brava com ninguém por mais de dez minutos.

Sorrio com seu comentário, pois sei que ela tem razão. Liana sempre foi uma pessoa bondosa. Volto para o helicóptero e busco os presentes que comprei para meus filhos.

A amiga de Liana, que logo descubro se chamar Karina, me ajuda com as caixas e entro na sala, encontrando meu anjo colocando um dos meninos em um balancinho no tapete, enquanto o outro descansa em um chiqueirinho.

— O deixei entrar para ver as crianças, antes de ir embora. — Diz Karina à amiga. — Wenida, lembra que você ficou de me emprestar aquela blusa?

— Não, não lembro não. — Fala a ruiva, nem um pouco a fim de nos deixar a sós.

— É claro que lembra, vamos logo lá no seu quarto que vou te mostrar. — Fala Karina puxando-a para fora da sala, e só então volto a respirar aliviado.

— Desculpe-me. De maneira nenhuma quis deixá-la desconfortável. Pensei que gostaria das flores. — Falo sentando ao seu lado e acariciando nosso menino, sentindo a proximidade do seu corpo e a eletricidade que emana entre nós dois.

— Tudo bem, Hector, nada que faça será pior do que já fez. — Diz acertando direto no meu peito. Por favor, só não insista. Nós não podemos

ficar brigando o tempo todo, nossos filhos não precisam disso.

— Tem razão. Esse é o Elijah, não é? — Pergunto notando as sutis diferenças entre os dois, e tentando quebrar o clima tenso entre nós.

— Sim, é ele, você já o reconheceu.

— Depois que você falou, comecei a perceber. Eu trouxe alguns brinquedos para os dois.

— Obrigada, tenho certeza que eles irão amar.

— Gostaria que fossem jantar com meus pais esta noite.

— Não acho prudente. — Ela nega de primeira.

— Meus pais querem te conhecer e conhecer os netinhos, eles estão eufóricos por saber da existência dos netos.

— Eu entendo, é sua família... — Ela fica calada e pensativa, deve sentir a falta dos pais. Por um segundo, eu quase a puxo para os meus braços.

Liana dá um sorriso tímido, e eu me contenho para não a beijar. A saudade é tão grande que para me conter, preciso colocar as mãos no bolso.

— Eu pego vocês às sete, então? — Pergunto ansioso.

— Não vai ser nada chique, não é? Quer dizer, um jantar no palácio provavelmente é bem formal, mas, não terá mais ninguém lá, além dos seus pais? Não quero expor nossos filhos a estranhos.

— Não, seremos apenas nós e Charlotte, minha irmã.

— Tudo bem.

— Obrigado, meu anjo. — Falo me levantando, porém antes que eu saia pela porta não resisto. — A propósito, você está linda essa manhã. Não consegui tirar os olhos de você desde que a vi de dentro do helicóptero.

— Você sabe o caminho da porta — resmunga irritada, mas sei que ela gostou do elogio.

Liana

Ainda não acredito no circo que Hector armou, e sinceramente não consigo entender onde ele quer chegar. Wenida está furiosa, resmungando aos quatro ventos que Hector estragou o jardim dela. E ainda tem o convite para hoje à noite. Sei que não deveria ir, pois quanto menos me envolver na

vida pessoal dele, melhor. Mas, se a família dele quer conhecê-los, terá que ser na minha presença.

— Você vai jantar no palácio. Quem diria, minha amiga de cela hoje vai jantar com a realeza. — Diz Karina rindo.

— Não me deixe mais nervosa do que já estou. Não sei o que esperar. Para mim, a mãe de Hector era Inês, e não Letícia Ortega, a rainha da Espanha.

— *Antiga* rainha, querida, agora esse título está vago para a próxima esposa do rei Hector. — Wenida diz jogando uma almofada em mim.

— Eu não me importo, Hector tem o direito de refazer a vida dele com quem quiser.

— Sei. — Ri, como se não acreditasse em minhas palavras. — Uma coisa não podemos negar. O sapinho foi criativo, mesmo destruindo meu jardim, ele até que foi romântico.

— Não consigo entender o que ele ganha fazendo isso, já deixei claro que não caio mais na conversa dele.

— Ele pode realmente amar você, Liana, já pensou nisso? — diz Karina olhando para as flores que Lurdes colocou em um vaso bonito de cristal.

— Pra mim esse sapo só quer brincar com a nossa amiga, ou melhor, ele quer é sexo, deve ter se apaixonado no corpo da morena.

— É melhor nós mudarmos de assunto, minha cabeça já está doendo de tanto que vocês duas discutem sobre minha vida. — Falo brava.

— Certo, não está mais aqui quem falou. — Karina se levanta, pegando seu celular.

— Conseguiu fechar a compra daquele imóvel? Quero montar a escola o quanto antes.

— Sim, já entreguei toda a documentação para o seu advogado. Vou me encontrar hoje à tarde com o arquiteto que será responsável pela reforma.

— Eu não vejo a hora de poder realizar o sonho das crianças carentes, que não tem a oportunidade de entrar em uma escola de balé.

— Aos poucos tudo vai se encaminhando. O principal é que agora você já está de posse do que seus pais deixaram para você.

— Falando nisso, como anda a investigação sobre seu pai biológico? — Pergunta Wenida.

— Bem lembrado. Murilo, Gabriel ligou avisando que horas ele chega? — pergunto para nossa segurança.

— Às treze, senhora. Ele diz ter informações importantes para a senhora. — Responde prontamente.

— Obrigada. — Ele sai, deixando-nos sozinhas, acho que ele e Wenida estão brigados.

— Lia, você precisa ver isso. — Diz Karina me entregando o celular.

Vejo uma matéria em um site de fofoca; há uma foto minha e de Hector saindo do palácio onde foi a cerimônia do casamento de Alessia.

“Mulher misteriosa foi vista saindo do casamento do duque e a duquesa de Aragão com o rei Hector. Ainda não se sabe nada sobre a moça, apenas o fato de que o rei chegou ao Palácio Real tarde da noite. Cheiro de romance no ar... Quem será a misteriosa dama do vestido azul?”

— Tem mais. — Karina diz, me entregando dois jornais e uma revista. As capas estão estampadas com o momento em que ele abre a porta para mim.

— Liana, minha querida, se prepara que isso é só o começo. Você tem que entender que de agora em diante a imprensa vai cair matando em você. Eliott e Elijah são filhos do rei, isso vai ser uma bomba quando descobrirem. — Fala ela olhando para meus filhos, que brincam com os brinquedos que o pai trouxe.



À tarde, Gabriel chegou e fomos até o escritório conversar.

— Tem notícias para mim? — Pergunto ansiosa.

— Sim, Liana. Pelo que pesquisei sobre o Orfanato Caminho do Sol, você foi encontrada em uma praça no centro da cidade. Um guarda encontrou um bebê em cima de um banco e levou até o orfanato. Os documentos da época já não existem mais, tudo que prova que você foi encontrada na praça são os relatos das antigas funcionárias do orfanato; o tal guarda morreu de câncer de próstata faz dez anos. Mas, descobri que cinco anos atrás, alguém foi até o orfanato procurando por você. Um senhor chamado Otávio Fajardo Mancini.

— Nunca ouvi falar de nenhum Otávio.

— Ele foi à procura de uma menina que tivesse por volta de dezessete anos, negra, que fora adotada na época do seu nascimento. Mas, como ele não

tinha nenhum documento que provasse qualquer parentesco com você, não obteve nenhuma informação. Mas ele não desistiu, e eu aposto minhas fichas que foi ele que procurou sua irmã, enquanto você ainda estava cativa no porão da sua casa.

— Bem provável. Será que esse tal Otávio é meu pai?

— Só há uma maneira de saber, indo até ele.

— Onde ele vive atualmente?

— Na Itália. Otávio mora na Itália com seu único filho; é viúvo e um grande empresário do ramo de azeite.

— Assim que inaugurar a escola irei à Itália conhecer Otávio Mancini.



CAPÍTULO 30



DE VOLTA AMOR

TE QUERO

“Só quem já perdoou na vida sabe o que é amar, porque entendeu que o amor só é amor se já provou de alguma dor.”

Hector

Ansiedade me define nesse momento. Fiz a barba e escolhi uma roupa mais casual para hoje, não quero assustar Liana com todos os protocolos reais. Sinto como se estivesse pisando em ovos com ela. Saio do meu gabinete real ansioso para ir buscá-los, porém ainda é cedo. Encontro mamãe na grande cozinha do palácio, como sempre, supervisionando tudo.

— Espero que não esteja exagerando, dona Letícia. Eu disse a Liana que era um jantar íntimo em família.

— Você está muito bonito, meu filho, difícil minha nora resistir ao seu charme. — Ela fala arrumando um fio de cabelo invisível no meu paletó.

— Obrigado, espero que tudo corra bem.

— No que depender de mim, tudo correrá perfeitamente. Você já conversou com o seu pai, sobre o que nosso advogado falou?

— Sim, não sei bem como agir nessa situação. Não acredito que Liana vá aceitar fazer o mesmo que a senhora e papai fizeram quando voltaram comigo para a Espanha.

— Um paparazzo fotografou vocês dois na saída do casamento. A mídia já deve estar investigando a fundo para descobrir quem ela é. Filho, você é o rei da Espanha, nós vamos precisar soltar uma nota explicando a situação.

— Não antes que eu consiga convencer Liana, mãe. Não é hora para envolver ela em questões de legitimidade e regras da monarquia, preciso reconquistar o amor dela. Depois, juntos, enfrentaremos o que quer que seja.

— Tome cuidado, a coroa tem o peso de uma nação, o dever sempre vem à frente. Não se esqueça disso, seja o que for. Elijah e Eliott são seus herdeiros e é isso que importa.

— Tudo bem, a senhora tem razão. Avise Charlotte para não se atrasar. — Beijo seu rosto e me despeço da equipe da cozinha.

Meu motorista me aguardava em um carro não oficial usado para despistar a imprensa. Fomos direto para a casa de Liana.

Toquei a campainha e não demorou muito para a ruiva abrir a porta.

— Ah, é você.

— Boa noite, Wenida, vim buscar Liana e as crianças.

— Eles já estão te esperando. Presta atenção, Majestade, você pode ser o rei da Espanha, mas se você fizer algo para machucar ainda mais a minha amiga e meus anjinhos, saiba que eu já tenho rótulo de louca. Não é à toa que estava no hospício, será dois palitos para dar cabo de você.

— Você está me ameaçando?! — Pergunto com a voz fria.

— Só um aviso. — Diz dando espaço para que eu passe pela porta.

Na sala encontro Karina e um homem alto de terno, provavelmente um dos seguranças.

— Boa noite. — Digo aos dois.

— Boa noite, Hector, vou chamar Liana; ela estava terminando de preparar os meninos.

Fico na sala de pé enquanto a tal Wenida me encara como se fosse um inseto. Logo ouço a voz do meu anjo e paraliso vendo o quanto ela está linda usando uma saia preta justa e uma blusa de seda vermelha, com seus cachos

revoltos.

— Boa noite, meu anjo, você está linda.

— Boa noite, Hector. Você me ajuda com os bebês confortos? — Diz ignorando meu elogio, porém não deixarei que nada me desanime.

Eliott e Elijah sorriem assim que me veem.

— Oi, meus anjinhos, papai falou que ia voltar.

Ajudo Liana a colocar os dois bebês no carro e nos despedimos das amigas dela. O caminho até o palácio foi silencioso. Tentei puxar assunto, mas Liana se manteve distante.

Ao passamos pelos grandes portões notei que ela ficou encantada com a beleza do Palácio de Oriente.

— Todas as vezes que eu passo por essas muralhas me pergunto quantas histórias já se passaram por aqui.

— É realmente lindo, nunca vi algo tão belo. — Ela fala encantada com a arquitetura.

— O Palácio Real também é chamado de Palácio do Oriente, meus pais vivem aqui há mais de trinta anos, e eu cresci dentro desses muros.

— Imagino que deva ter sido uma infância solitária, esse lugar é muito grande. Deve ter se perdido muitas vezes.

— Não tão solitária, eu tinha muitos empregados, que para mim sempre foram parte da família. Meus pais são os melhores pais do mundo e sempre me deram muito amor. Eu fui muito feliz aqui e espero que nossos filhos também sejam. — Digo e noto que ela engole em seco.

— Claro, eles podem vir sempre te visitar e ver os avós. — Diz erguendo uma barreira invisível contra mim.

O carro para e ajudo-a com as crianças, seguro os dois nos braços e Liana pega a bolsa.

— Vamos. — Chamo por ela, que está parada olhando para a grande porta de carvalho com dois leões esculpidos em ouro na entrada.

— Isso é ouro de verdade? — Sorrio com sua pergunta.

— Sim, não se assuste com o exagero dentro desse palácio.

O mordomo abre a porta para que entremos e, assim que passamos pelo hall, Liana paralisa em frente a um guarda.

— Algum problema, meu anjo? — Questiono vendo que ela olha diretamente para Lippi, que me parece um tanto pálido.

— Não, claro que não. Vamos, seus pais devem estar nos esperando. Qual é o tamanho desse palácio?

— Sua área é de 135.000 m² e possui 4318 quartos, é o maior palácio real na Europa. Eu particularmente prefiro a residência não oficial, que fica ao sul de Madrid, no Monte de El Pardo, é um lugar mais reservado. Posso te levar lá quando quiser.

— Não é preciso. — Ela diz olhando para as pinturas renascentistas do teto do salão da rainha.

— Essas pinturas foram feitas por volta de 1744. Dez anos após o início das obras para conclusão do palácio. O arquiteto foi Giovanni Battista Sacchetti. Ele fez todo o projeto e construiu o palácio onde ficava o antigo, que fora destruído por um incêndio.

— Uau. Eu jamais imaginaria, vendo você naquela fazenda, que era o rei da Espanha.

— Eu sou apenas Hector, Liana. Não pense em mim como rei, e sim como Hector. Um homem como outro qualquer. Um homem apaixonado, e capaz de tudo para reconquistar seu amor.

— É melhor irmos logo, sua mãe deve estar estranhando nossa demora.

— Sim, por aqui. — Digo indicando o caminho, e logo um dos guardas nos ajuda, abrindo a porta que leva até a sala de recepções.

Mamãe, assim que nos vê, abre um sorriso.

— Bem vinda, Liana, é um prazer ter você aqui — diz vindo até Liana e a pega de surpresa com um abraço forte.

— Obrigada, Majestade.

— Me chame de Letícia, querida, você já é da família. — Diz deixando Liana sem graça.

— Seja bem vinda, Liana, estávamos ansiosos para a sua chegada. — Meu pai fala a cumprimentando.

— Obrigada.

— Você é linda. Uau, agora entendo por que meu irmão está caído de amores por você. — Diz Charlotte sendo repreendida por mamãe.

— Essa é minha irmã, Charlotte. Esses aqui são meus filhos, Elijah e Eliott. — Digo mostrando os dois, orgulhoso.

— Posso pegar eles? — Mamãe pergunta a Liana, que acena sorrindo.

— É como estar com Hector nos braços novamente — diz mamãe encantada com Elijah. — Eles são lindos, filho. — Fala deixando uma lágrima cair.

Meu pai pega Eliott, que decide acordar e abre os olhos para o avô.

— São azuis como os seus.

— Sim, eu que carreguei, mas nasceram a cara do pai. — Diz Liana e todos sorrimos.

— Vamos tirar uma foto de todos juntos, para registrar esse momento. Não é todo dia que ganho dois sobrinhos. — Diz minha irmã pegando o celular.

Meus pais se juntam a nós com os meninos.

— Liana, se aproxima do Hector, você está muito distante, assim não vai aparecer. — Diz minha irmã e eu sorrio por dentro.

Meu anjo fica ao meu lado; eu não resisto e encosto-me nela, sentindo seu corpo se arrepiar com meu toque. Charlotte sorri e chama um segurança para tirar a foto.

— Estou tão feliz de vocês estarem aqui. — Meu pai fala se sentando no sofá com meu filho e mamãe senta ao seu lado.

— Filho, por que não toca pra nós? Aposto que Liana não sabe que você toca piano. — Pede mamãe.

— Faz muito tempo que não toco, devo estar enferrujado. — Respondo sem graça olhando para Lia, que senta ao lado de Charlotte curiosa.

— Sabe como é, Liana, a idade uma hora chega. — Charlotte caçoa.

— Bem, talvez eu possa tocar uma canção. — Falo olhando diretamente para Liana.

Abro o belo piano de cauda Bösendorfer e me sento pensando em qual canção tocar, quando uma me vem à mente. Talvez eu possa demonstrar para Lia o que estou sentindo através dessas notas.

— Essa música é para você, Liana Castela.

Toco “Same Mistake”, de James Blunt.

O som das teclas do piano reverbera pela sala, e sorrio sendo embalado pelas notas e pela letra, que fala tanto sobre o que estou sentindo. Sobre pedir, implorar por uma segunda chance.

A música termina e Liana disfarça, limpando o rosto.

— Foi lindo, filho, estou emocionada. Você sempre me encanta quando toca. Faz seis anos que não vejo você tocar. Graças a você, Liana, pude ouvir meu filho tocando novamente. — Mamãe diz e Liana fica sem graça.

— Acho que os meninos dormiram, é melhor buscarmos o carrinho no carro para que eles fiquem mais confortáveis. — Ela fala vendo que os pequenos dormem profundamente no colo dos avós.

— Querida, você se importa se os levamos para o meu quarto? Eu e Felipe já jantamos; cuidaremos deles para que você e Hector jantem tranquilos.

Ela olha para mim como se perguntasse se é um plano meu para que fiquemos sozinhos, confesso que mamãe foi esperta nessa.

— Claro que não, Letícia, eu não posso demorar muito, é apenas o tempo de jantar. Vamos, Charlotte?

— Ah, já ia me esquecendo, Liana, infelizmente não poderei jantar com vocês. Combinei de dormir na casa de uma amiga, pois nós temos um trabalho da escola para fazer.

— Claro, eu entendo. Foi um prazer conhecer você, Charlotte.

Liana entrega a bolsa dos bebês para meu pai, e eu aproveito que ela se despede dos dois para pedir que preparem nossa mesa na torre. Assim que estamos sozinhos, ela se aproxima de mim parecendo furiosa.

— Você armou tudo, não foi? A música, o jantar a dois? Onde você quer chegar, Hector? Não vê que isso não nos leva a nada?

— Meu anjo, não sabia que meus pais já tinham jantado. Eu pedi que visse para que eles conhecessem vocês.

— Não acredito em você, Hector.

— Eu sei, mas vamos fazer uma trégua. — Falo tocando seu ombro e sentindo aquela mesma eletricidade. — Vem, vamos jantar. — Digo pegando sua mão, mas Liana se solta como se o meu toque a ferisse.

A conduzo até as escadarias que levam à torre leste. Conforme caminhamos, fui mostrando a ela algumas alas do palácio. Por fim chegamos à torre, e uma mesa pequena arrumada para dois nos espera, com velas e flores, o que deixa o lugar romântico.

— É sério que você quer que eu acredite que não planejou todo esse jantar romântico, no alto de uma torre, com uma vista dessas?

— O que foi, meu anjo? Não foi você mesma que disse que não sente nada mais por mim!? Que mal há jantar comigo? — Falo provocando, tirando a cadeira para ela.

— Você tem razão, não há nada de mal em um jantar. Só não consigo me acostumar com você agindo de maneira tão educada, como um cavalheiro. Esse não é o Hector que conheço.

— Eu só mostrei a você o meu pior lado, Lia, mas este aqui que você vê, é quem sou. Esse é o Hector que te ama.

— Amor, Hector? Não jogue essas palavras no vento. A única mulher

que você amou foi Melissa, e deixou claro que por mim você só sentiu desprezo.

Antes que eu possa redarguir, um dos empregados trás nossas refeições. A entrada, composta por canapés de carpaccio tradicional. Liana fica em silêncio enquanto bebe o suco de laranja e eu a acompanho. O pranto principal chega, um salmão com vinho branco, creme de raiz-forte e redução de vinho, realmente maravilhoso. O jantar estava sendo incrível, comecei a perguntar sobre os nossos filhos, para quebrar o clima de tenso de antes. Foi difícil, mas consegui fazê-la sorrir conforme ela contava sobre sua rotina com os dois e sobre a escola de balé. Sentia tanta falta dela que não conseguia tirar os olhos do seu rosto. Ainda é inacreditável que ela está aqui, que estamos tendo essa noite perfeita.

— No que tanto pensa, meu anjo? — Pergunto pegando sua mão sobre a mesa e olhando para ela, que se mantivera pensativa por um tempo.

— Como vamos fazer com os meninos? Não vai demorar muito para que a imprensa descubra sobre eles.

— Não se preocupe, eu vou resolver tudo. — Falo acariciando sua mão.

Seus olhos se fixam nos meus, fazendo-me perder o fôlego, há tanta dor dentro dela que me deixa angustiado.

— É melhor ir embora; o jantar foi maravilhoso, mas está ficando tarde. — Diz se levantando e eu faço o mesmo. Porém, antes que ela escape, eu seguro seu braço virando-a para mim.

— Me deixa tentar recuperar seu amor, me deixa provar que tudo será diferente agora. Que podemos ser felizes juntos. Deixe-me mostrar a você um lado meu que não conheceu.

— Eu não acredito em você, Hector! Não dá para acreditar nesse sentimento que diz ter.

— Você me ama, Liana, eu sei que ama. Posso sentir como seu coração acelera quando está comigo, eu sei que tudo que vivemos não acabou. Talvez tenha sido o destino, uma história de ódio e perdão, mas não deixe a mágoa vencer nosso amor.

— Eu não posso! Você sabe que não posso! Não posso passar por cima de tudo que aconteceu, até mesmo da minha razão, fingir que o passado não existiu. Eu já não sou a mesma!

— Então me deixe descobrir quem é essa Liana, vamos juntos descobrir um ao outro. — Digo desesperado e lágrimas escorrem pelo rosto

de Liana, seu coração está partido e o único culpado sou eu.

— Não chora, meu amor, por favor, não chora. — Toco seu cabelo tentando aliviar essa dor horrível que eu causei.

— Eu te amo, Liana, amo mais que tudo. — Digo levantando seu rosto para mim.

— Hector, nós...

Não espero ela dizer mais nada, e faço o que queria fazer desde o momento em que a reencontrei naquele casamento. Beijo seus lábios como um louco, sedento por água no deserto, saboreando cada pedacinho de sua boca. O beijo começa lento, e eu vou mordiscando seus lábios carnudos, sentindo todo meu corpo se arrepiar. Meu coração parecia querer pular do peito, eu senti todas as emoções de sempre. Liana não demora a corresponder, suas mãos vão para os meus ombros e eu aprofundo ainda mais o beijo, como se necessitasse dela para respirar. Empurrei-a contra a parede de pedra da torre enlouquecido de saudade, de paixão, e o beijo que começou lento, foi se transformando em labaredas queimando nós dois. Nossas línguas duelam numa batalha lenta e gostosa. E eu soube que, custasse o que custasse, eu a teria de volta para mim.



CAPÍTULO 31



A RAINHA

ODIADA

"O amor será forte o suficiente para suportar todas as tempestades que estavam nesse caminho, todas as ondas agressivas que os juntou, poderiam eles aguentar pela força dos sentimentos que sentem um pelo outro. Será o amor o bastante?"

Liana

Dói, queima, arde, é como se tivessem arrancando meu coração do peito. As lágrimas caem sem parar, queria dormir e acordar sem sentir isso.

— Será que eu nunca deixarei de amá-lo? Só posso ser um tipo de masoquista; mesmo sabendo tudo que ele fez, não consigo deixar de o querer.

A droga do passado fica indo e voltando na mente, suas palavras, suas promessas, tudo foi fingimento, mentira, engano. Vendo agora como tudo aconteceu, pude perceber o quanto fui burra e ingênua de cair tão fácil em sua

armadilha.

— Inferno, eu só queria deixar de amá-lo.

Reviro não cama e desisto de dormir. Olho para o berço dos meus filhos, que dormem tranquilos. O relógio marca três da manhã e ainda estou pensando no beijo, no maldito beijo. Quando paramos, já estávamos sem fôlego, e o arrependimento veio no segundo que nossos lábios se desgrudaram. Hector ainda tentou me tocar, mas me afastei amedrontada, pensando na merda que eu estava fazendo.

— O que você quer de mim? — Perguntei magoada.

— Quero seu amor, Lia, quero uma segunda chance.

— Pode ter havido um tempo que daria tudo de mim para que me pedisse isso. Eu te amava tanto, até mais do que a mim mesma e me sujeitei a tantas coisas, me humilhei de várias maneiras. Mas você, Hector, você não dava a mínima para o meu amor. Eu era um troféu, a trouxa que se apaixonou por você — As lágrimas já caíam sem parar. — Eu fui seu segredinho sujo. Você teve vergonha de mim — falei tocando meu peito derrotada. — Eu fui só um objeto de vingança. Sinto muito se não consigo acreditar em seu amor, Hector, mas eu aprendi com você a desconfiar da vida.

— Me diga o que preciso fazer para que confie em mim, meu amor, que acredite que é verdadeiro meu sentimento. Faço qualquer coisa, Liana, para provar que te amo de verdade. Você entrou na minha vida quando estava tomado pelo ódio, vivendo na escuridão. Eu quis tanto te odiar, eu lutei tanto contra você, mas foi em vão, eu me vi rendido pela sua doçura e pela sua simplicidade. Me vi amando alguém que deveria odiar. Dentro de mim sentia como se estivesse traindo a memória de Melissa, me apaixonando justo por sua assassina. Eu vivi um inferno me condenando pelo sentimento que crescia dentro de mim. No fim eu percebi que precisava de você como do ar para respirar e que não suportaria levar a vingança até o final. Eu sei que não serve de nada, mas eu desisti, e desisti por amar você.

— Já chega! — Gritei fora de mim, o empurrando para longe. — Você não vê o quanto me machuca? Não percebe o quanto me fere, quando diz essas coisas, quando me beija? Chega de mentiras, chega de tentar me enganar. Eu não caio mais na sua conversa.

— Não é mentira, amor, nunca deixei de amar você. Liana, eu estava morto, vivendo por viver, sem expectativa de felicidade, até te ver naquele casamento. Acredita em mim.

— Eu vou embora. Vou chamar um táxi e, de agora em diante, só nos

falaremos quando for a respeito dos nossos filhos.

— Lia, meu anjo...

Eu não o esperei dizer mais nada, desci as escadarias daquela belíssima torre como se o demônio estivesse atrás de mim. Não foi difícil encontrar um funcionário para chamar Letícia. Todavia, tive que voltar com o motorista da família, já que não poderia chamar atenção. Eu não olhei para ele quando entrei naquele carro, mas podia sentir seu olhar em minhas costas. Ele beijou nossos filhos, e disse alguma coisa para mim, que tratei de ignorar. Sento-me na sacada do meu quarto com uma xícara de café, tentando pensar em outra coisa que não seja a noite de ontem. A expectativa de inaugurar a escola, assim como de encontrar uma casa perfeita para mim e para meus filhos. Ainda tem a viagem para a Itália. O sol nasceu e eu não consegui dormir. Decidi ajudar Lurdes com o café da manhã, faria de tudo para me manter ocupada e não pensar no maldito beijo que ainda podia ser sentido em meus lábios.

Contei para as minhas amigas tudo que aconteceu.

— Eu estou começando a concordar com Karina, Liana, talvez esse sapo realmente esteja arrependido e, que ele não ouça isso, mas talvez ele possa realmente gostar de você.

— Até você, Wenida, achei que estivesse do meu lado.

— Eu sempre vou estar, mas do que adianta dizer para você se afastar do sapo, se fica assim desolada apenas com um beijo? Liana, está na cara que você gosta dele.

— Ela tem razão, Lia, não dá pra fugir desse sentimento; e outra, ainda tem a questão dos meninos.

— Sobre os meus filhos já está tudo resolvido. Hector já sabe sobre eles e juntos vamos criá-los.

— Liana, querida, a realidade não é tão simples assim. Elijah é o primogênito, o herdeiro do trono espanhol. Já parou para pensar em como vai ser para legitimar os dois?

— Não quero colocar meus filhos no meio de uma disputa pelo trono. Hector pode se casar de novo e ter outros filhos; tudo que eu quero dele é que ame meus filhos como eles merecem.

— Eu entendo seu ponto, é assustador imaginar que o pai dos seus filhos é um rei e tem todos esses protocolos e regras, mas já pensou que pode estar tirando algo de Elijah que ele vai te cobrar lá na frente? É o sangue de Hector que corre naquelas veias, querendo você ou não, isso faz parte da

história deles.

Héctor

Dois meses se passaram desde que Liana apareceu. O corpo da diretora da clínica foi retirado do cemitério real. A investigação sobre a morte de Elisabeth foi encerrada, com uma pequena ajuda minha. Liana se mudou para a casa que comprou numa região nobre de Madrid, não aceitando nenhuma das propriedades que ofereci dar a ela. Como também não aceitou minha ajuda financeira para ajudar a montar a escola de balé. Na verdade, as coisas entre nós dois pioraram muito depois daquele beijo. Mesmo eu fazendo de tudo para mostrar a ela quem sou de verdade, ela não deixa eu me aproximar.

Após o jantar na torre, ela não voltou a ficar sozinha comigo e foge de mim como o diabo foge da cruz. Me despreza como se eu fosse a pior criatura da terra. Já fiz de tudo, mandei flores, chamei para passear, até uma serenata na sua janela. Tento conversar com ela quando vou ver meus filhos, mas nada surte efeito. Ela está irredutível e nada que eu faça a faz acreditar que a amo. A cada dia está ficando mais difícil esconder meus filhos da mídia, e ainda não tive a oportunidade de falar com ela sobre a questão da legitimidade. Mesmo Liana me obrigando a fazendo o teste de DNA, ainda não é o bastante para conseguir legitimar os dois. A situação está ficando complicada e, para piorar, não tenho maioria no congresso, onde pretendo entrar com um pedido de legitimação. Estou, junto com nossos advogados, pensando em uma nova adaptação na constituição, através da qual poderia legitimar meus filhos mesmo fora do casamento. Dando assim a Elijah o direto na linha de sucessão ao trono. Porém, para isso, precisarei de apoio no congresso. Os novos registros de nascimento já foram feitos e os dois já carregam meu nome. Elijah Castela de Ortega e Eliott Castela de Ortega. Todavia carregar meu sobrenome não lhes confere direito à herança ou ao trono. E tudo que menos quero é ver meus filhos recebendo o título de bastardos.

Ao chegar ao palácio após uma cerimônia de entrega de um hospital

para o tratamento de câncer, encontro Charlotte descendo as escadas toda arrumada para sair.

— Posso saber aonde a senhorita vai tão bonita?

— Vou almoçar com a minha cunhada no Terazza.

— Como assim, vai almoçar com Lia?

— Sim, vou aproveitar e conhecer a escola de balé dela.

— Então quer dizer que ela aceita o convite para almoçar de todo mundo menos o meu. — Digo com ciúmes.

— Tudo que estou fazendo é me aproximar da minha cunhada e dizer o quanto você é apaixonado por ela; estou tentando limpar sua ficha suja.

— Que horas vocês vão se encontrar? — Pergunto tendo uma ideia.

— Meu motorista já vai me levar até a escola de balé, e de lá vamos até o Terazza.

— Espere eu trocar de roupa e fazer uma ligação, que te levo e aproveito para ver Liana.

— Você não tinha uma reunião com o primeiro ministro, hoje à tarde?

— Posso adiar para amanhã, afinal eu sou o rei.

Deixo-a na sala e vou direto para o meu quarto, onde tiro os trajes sociais e visto uma roupa mais casual para um almoço, que se tudo der certo irei almoçar com as duas. Assim que estou pronto, decido ligar para Arturo e fazer um pedido a ele. O telefone chama e não demora a ser atendido.

— Ortega, como vai?

— Boa tarde, Arturo, bem, na medida do possível. Ainda não me acertei com Liana, mas com sua ajuda isso será resolvido logo. Preciso de um favor seu, com urgência.

— O que estiver ao meu alcance.

— Preciso de um anel de noivado. Quero pedir Liana em casamento, mas preciso de algo especial.

— Verônica vai amar desenhar algo único para a futura rainha da Espanha.

— Tenho certeza que será incrível, entretanto, como disse, essa joia tem que ser especial, para que apague qualquer memória do primeiro anel que dei a ela, que era falso. Eu preciso de um diamante azul, como o colar que Liana tem.

— Diamantes coloridos são raros de achar. Foi uma sorte ter encontrado na Serra Azul um verde e um vermelho; não é sempre que isso acontece.

— Eu sei, mas creio que a Cartier deva ter os melhores contatos e os melhores fornecedores de pedras raras. Não me importo com o valor, só quero o mais fabuloso anel de casamento que a Cartier já fez, com um diamante azul.

— Se tiver alguma gema de diamante colorido à venda, com toda certeza a Cartier saberá. Irei tentar encontrar um diamante azul no mercado; assim que estiver pronto entro em contato.

— Obrigado, Arturo. — Agradeço e me despeço dele.



Minutos mais tarde, paramos em frente ao Castela Studio de Ballet. Alguns seguranças fazem a nossa escolta, como é costume. Desço do carro abrindo a porta para minha irmã, tomando o cuidado de verificar se não havia nenhum paparazzi por perto.

Olhei o grande prédio e fiquei orgulhoso ao ver o fruto do trabalho de Liana. É maravilhoso ver o sonho dela se tornar realidade. Entro com Charlotte e fico impressionado com o ambiente. Uma bela recepção, com quadros de arte moderna, tudo muito iluminado e elegante. A música suave se faz presente por todo o ambiente.

— Majestade. — Diz uma funcionária, pálida ao me reconhecer, assim que chegamos à frente do balcão da recepção.

— Boa tarde. Poderia me dizer onde a senhorita Castela se encontra?

— Ah... A dona Liana ela está se aquecendo no salão dourado. Ela não me avisou que o receberíamos, se não teríamos preparado algo.

— Não se preocupe, pode mostrar a escola para minha irmã enquanto eu falo com a senhorita Castela?

— Pois não, Majestade. — Ela diz nervosa, indicando o caminho para o salão dourado.

Caminho ansioso, sabia que ela estaria ensaiando e fico contente por vê-la dançar pela primeira vez. Entro no salão dourado sem bater na porta; a música lenta de melodia triste ressoa por todo o cômodo. As paredes são revestidas por papel de parede dourado e há espelhos no teto. Mas nada disso me chama atenção, e sim a linda morena vestida com uma roupa de balé bege, que rodopia ao som da canção. Nunca vi nada tão perfeito como Liana

dançando. É como se a música fosse parte dela, seus movimentos são sincronizados, seu corpo flutua, posso sentir a todos os sentimentos que a sua dança trás.

Não consigo me mexer e nem dizer nada, fico extasiado com sua dança. Quando a música chega ao fim, ela rodopia rapidamente e se joga no chão.

— Isso foi brilhante. — Digo me aproximando, e só então ela percebe a minha presença.

— Hector, não sabia que estava aqui.

— Eu não quis atrapalhar, fiquei encantado te vendo dançar. Você é brilhante, meu amor.

— Obrigada, espero que tenha gostado da escola. — Ela diz mudando de assunto.

— Sim, esse lugar é incrível, pelo menos o pouco que vi, e o que encanta mais é você dar aulas totalmente gratuitas para as crianças carentes.

— Eu não preciso do dinheiro, quero que as crianças encontrem aqui um sonho. — Ela fala com um brilho nos olhos e me vejo me aproximando mais dela.

— Você é uma mulher maravilhosa. — Falo pegando uma de suas mãos e a beijando.

— É melhor eu ir ver como estão nossos filhos, Charlote está me esperando.

— Para de fugir, Liana, será que ainda não se deu conta de que não estou brincando com você? Que sou sincero quando digo que quero uma segunda chance?

— Vamos, os meninos estão na brinquedoteca, provavelmente com fome, meus seios estão vazando.

Quando ela diz isso eu não resisto e olho para os seus seios fartos; não tem como não ficar duro com essa visão deliciosa. Liana nota o meu olhar e fica vermelha, percebo que ela engole em seco. Sei que ela está excitada. Porra, preciso me controlar para não fazer uma besteira, mas esses espelhos no teto não estão ajudando. — Penso olhando ao redor.

A porta se abre e Ema passa por ela com o carrinho duplo onde meus filhos estão.

— Desculpa atrapalhar, senhora, mas como pediu que avisasse quando eles estivessem com fome, vim trazê-los para a mamãe. — Diz ela gentilmente.

Aproximo-me do carrinho soltando Eliott, que chora irritado.

— Ei, garotão, por que esse choro todo? Tá com fome, meu príncipe?

— Digo encantado. — Pode ir almoçar, Ema, eu ajudo Liana com eles.

— Tudo bem, senhor. — Ela responde nos deixando sozinhos.

Liana higieniza os seios e senta em um banco largo, pegando Eliott dos meus braços.

— Pega o Elijah, antes que ele comece a chorar também. — Ela fala colocando nosso pequeno no seio, ele mama de maneira desesperada.

Solto Elijah do cinto e sento com ele em meu colo, enquanto o pequeno brinca com um astronauta de pelúcia. Sento-me ao lado de Liana.

— Eles estão crescendo tão rápido, daqui a pouco já estarão falando...

— Tem razão, Elijah já está querendo engatinhar. Sinto como se num piscar de olhos eles tivessem crescido. — Fala acariciando os cabelos finos do nosso filho.

Brinco com o astronauta do meu príncipe, até que seu irmão termine de mamar. Alterno com Liana e coloco Eliott para arrotar, até que ele vomita tudo que mamou.

— O que ele tem? — Pergunto preocupado.

— Provavelmente você o balançou demais. Vou ter que voltar para casa e dar banho neles. Pobre Charlotte, vou ter que desmarcar o almoço com ela.

— Vai almoçar com Charlotte, eu os levo para sua casa e cuido dos dois, Ema me ajuda.

— Tem certeza que dá conta? — Ela pergunta preocupada.

— Claro que sim, você merece um descanso. — Digo já tendo ideias.

Liana

Charlotte e eu nos sentamos em uma mesa reservada do luxuoso restaurante Terazza.

— O que foi, Liana? Você parece um tanto triste.

— Não é nada, querida, só me lembrei de algo que já passou.

— Quando você e Hector vão parar com essa briga? — Pergunta

quando o garçom serve as entradas.

— Não estamos brigados, apenas não estamos juntos como um casal.

— Eu não entendo como podem se amar tanto e ficar separados.

— Você é muito jovem para entender essas coisas, Charlotte. Às vezes, o amor não é o bastante quando existe tanta mágoa e dor.

— Mamãe sempre diz que quando a gente ama de verdade, isso é tudo que importa.

— Não posso discordar dela. — Digo bebendo um gole do suco de abacaxi.

Conversamos por mais um tempo sobre os meninos e então decidi perguntar algo que estava me tirando o sono ultimamente.

— Charlotte, eu gostaria de lhe perguntar uma coisa, se for muito invasivo você não precisa responder; é sobre a questão da legitimação. Andei pesquisando a respeito e não cheguei a uma conclusão a respeito de Elijah e Elliott.

— Bem, não sei se Hector vai gostar que eu lhe conte isso, mas pelo que sei filhos nascidos fora do casamento não têm direito ao trono. Hector e papai estão tentando entrar com um pedido de emenda à constituição para poderem legitimar os dois.

— Então significa que se Hector se casar novamente e tiver filhos com outra mulher, o fruto desse relacionamento seria o seu herdeiro legítimo.

— Infelizmente, mas não se preocupe com isso, meu irmão, não se casará com outra que não seja você. — Ela fala tão sincera que sinto dificuldade de raciocinar.

— Eu preciso ir ao toalete, já volto. — Digo, pois, preciso tomar um pouco de ar.

Me levanto e caminho até o banheiro pensando que, quando decidi voltar à Espanha e contar sobre meus filhos a Hector, jamais imaginei que estaria entrando no meio de uma disputa pelo trono espanhol. Antes que eu possa entrar no banheiro, sou empurrada bruscamente contra a parede e quando me viro, vejo ninguém menos que Alexandra.

— Então quer dizer que você voltou dos mortos! Meu sexto sentido não mentia, quando vi aquela foto no casamento de Afonso, logo pensei que era você.

— O que tá fazendo aqui? — Digo arrumando a postura, ficando frente a frente com ela.

— Eu vim atrás de você, para te colocar no seu lugar, sua

empregadinha de merda. Hector é meu, você jamais será rainha, nem que para isso eu mesma tenha que te matar.

— Está me ameaçando, sua ordinária?!

— Você e seus bastardos nunca terão o que é meu, está me ouvindo? Você não vai ficar com Hector, vai voltar para o esgoto, de onde nunca deveria ter saído.

Não espero ela dizer uma segunda vez, acerto um tapa forte na sua cara, fazendo seu corpo se chocar contra a parede do corredor. Antes que ela possa se defender, seguro seus cabelos e a empurro contra a parede.

— Nunca mais chame meus filhos de bastardos, sua cobra. Eu não tenho medo de você, vadia. Não consegue aceitar que Hector nunca te quis. Você pode falar o que for de mim, mas nunca abra sua boca nojenta para falar dos meus filhos. — Digo mais uma vez e bato sua cabeça na parede; ela cai no chão como um saco de batata.

— Você vai me pagar, maldita, eu juro que isso não vai ficar assim!

— Ela grita e eu saio do corredor encontrando todos os clientes curiosos olhando para mim.

— Charlotte, é melhor irmos embora daqui!

— O que aconteceu?

— Alexandra está aqui. Vamos embora desse lugar, antes que a imprensa chegue. — Digo colocando o dinheiro da conta na mesa e pegando a mão de Charlotte.

O motorista de Charlotte me deixou em casa e em seguida a levaria para o palácio. No caminho, contei por cima o que aconteceu e ela me disse que nunca gostou de Alexandra. Ainda me garantiu que Hector não deixará que nada aconteça com nossos filhos. Assim que passo pela porta da sala, encontro Hector sem camisa, descendo as escadas do segundo andar.

— O que aconteceu? — Pergunto babando em seu abdômen sarado, que parece ainda mais malhado do que antes.

— Eliott fez xixi na minha camisa assim que o tirei da banheira. — Fala rindo e eu não resisto e rio junto.

— Ossos do ofício de pai. — Digo tirando os saltos e sentando no sofá.

— O danadinho ainda riu de mim; agora tá dormindo junto com o irmão, como um anjo.

— Nós precisamos conversar. — Falo indicando um lugar para ele se sentar, mas ele faz questão de sentar ao meu lado.

— Pode falar, meu anjo.

— Daqui a três dias irei à Itália, tenho uma pista de quem possa ser meu pai biológico, por isso irei até lá.

— Itália, como descobriu sobre ele? — Pergunta curioso.

— Contratei um detetive particular. Não tenho certeza, mas antes da Elisabeth morrer, ela disse que meu pai verdadeiro me procurou, e esse senhor Otavio é minha melhor chance.

— Eu vou com você, assim não estará sozinha quando for encontrá-lo.

— Não é preciso, os seguranças irão comigo, e Ema também.

— Você vai precisar de alguém que fale italiano na viagem, sem contar que estarão mais seguros no meu jatinho.

— Você fala italiano, também?

— Sim, entre outras línguas.

— Eu me pergunto o que você não sabe fazer.

— Conquistar seu amor, mas tenho certeza que logo vou conseguir.

— Bem, é melhor você ir tomar seu banho. Eu vou descansar. Nos falamos depois sobre os preparativos da viagem.

— Tudo bem, meu anjo. — Sorri de lado eu tremo na base.



Dois dias depois, eu estava terminando de fechar a escola e me despedia do segurança, quando fui abordada por uma multidão de jornalistas.

— Liana Castela, é verdade que a senhora teve um caso com o rei da Espanha e que esse relacionamento resultou em dois filhos bastardos?

Não consigo nem responder, pois estou sendo puxada por outros repórteres.

— É verdade que a senhora é a assassina da princesa Melissa?

Uma chuva de flashes quase me cega.

— O que tem a dizer à família da princesa Melissa, após se envolver com o rei Hector?

— Eu... Eu...

— Nos cinco anos que passou na prisão, você já planejava se envolver

com o rei?

— Me solta! — Tento empurrar todos eles; a cada pergunta ficava mais aterrorizada.

— Qual o nome dos bastardos? — Outra gritou e eu acabei tropeçando.

— Foi feito um teste de DNA? A senhorita pode provar que eles são mesmo filhos do rei?

Não sei como aconteceu, só sei que em um minuto estava cercada por repórteres e no minuto seguinte dois seguranças me arrastavam para longe deles.

As lágrimas desceram sem parar, eu estava em estado de choque, e só queria abraçar meus filhos.

— Está segura, senhor. — Diz um dos seguranças ao telefone, imagino que com Hector.

Em frente à minha casa havia outra multidão, e com muita dificuldade, conseguimos entrar. Assim que o carro parou, eu saltei correndo. A porta se abre e Karina vem até mim, me abraçando.

— Já sabemos tudo que aconteceu. Wenida e eu viemos ficar com você nesse momento.

— Onde estão meus filhos?

— Na sala com Wenida.

Não espero ela dizer mais nada, entro e vejo os dois no tapete da sala com Wenida brincando com eles. Pego meus pequenos no colo e os abraço forte, sentindo um medo horrível pelo futuro deles.

— Como você está, Lia? — Pergunta Wenida.

— Péssima, a imprensa está toda lá fora.

— Como eles descobriram que você esteve presa? — Pergunta Karina sentando no tapete também.

— Alexandra, só pode ter sido ela.

— Amiga, eu não quero ter que te falar isso, mas você vai precisar ser muito forte, agora a tendência é que tudo piore. — Alerta Wenida.

Meu telefone toca sem parar e atendo quando vejo que é Hector.

— Amor, como você está? Alguém te machucou? — Pergunta aflito.

— Eu estou bem, Hector, os seus seguranças me ajudaram. Você sabe quem soltou essa história na imprensa?

— Não, ainda não, mas já instalamos um gabinete de crise e estou

trabalhando em uma nota para a imprensa. Não se preocupe, eu vou arrumar tudo, prometo.

— Eles estão chamando meus filhos de bastardos, Hector. São duas crianças inocentes, eles não têm culpa de nada.

— Eu sei, meu anjo, eu prometo que vou dar um jeito; agora tenta descansar, amanhã é a viagem pra Itália.



Às cinco da tarde, uma coletiva de imprensa foi dada pelo advogado da família real. Foi exposto para toda a imprensa o teste de paternidade dos gêmeos, deixando claro que Elijah e Eliott são filhos legítimos de Hector Carlos VI de Ortega. Também foi explicado que há no parlamento um projeto de adaptações à constituição, para legitimar os dois como herdeiros reais. Eu mal consegui dormir naquela noite, não depois de ver fotos minhas em todos os noticiários, e das coisas horríveis que diziam a meu respeito.

Wenida e Karina dormiram na minha casa e tentaram me tranquilizar, dizendo que logo a mídia iria esquecer tudo isso.

Os muros da minha casa foram pixados com a palavra “ASSASSINA”.

Tive que mandar reforçar a segurança da escola de balé, já que a imprensa estava praticamente acampada em frente. A repercussão no órgão de imprensa internacional estava sendo péssima. Eu passei de uma desconhecida, para a mulher mais odiada de toda Espanha. Penso que a viagem para a Itália calhou em ótima hora, tudo que eu precisava era sair do meio desse inferno com meus filhos, mesmo que apenas por dois dias.



Fecho os olhos e espero o jatinho decolar rumo à Calábria. Hector está lindo usando um terno preto e óculos escuros. A todo o momento tenta

me convencer de que quando voltarmos tudo estará mais calmo e que as pessoas irão aceitar nossos filhos. Entretanto posso ver claramente que nem ele confia que isso vá acontecer.

— Por que não tenta dormir um pouco, meu anjo? Eu fico com nossos filhos enquanto você descansa. — Diz com aquele sorriso que deixa qualquer uma rendida.

Deus, por que ele tem que ser tão lindo, tão sedutor, tão gostoso...? — penso comigo.

— Não tenho sono, Hector. Não se preocupe, só estou ansiosa para descobrir se Otávio é ou não meu pai biológico.

Tentei me distrair com meus filhos durante as duas horas de viagem, enquanto Hector ficou trabalhando no computador. O jatinho de Hector é muito confortável e as crianças praticamente não deram trabalho durante o percurso. Por fim o avião pousou em solo italiano. Do lado de fora, dois carros já nos aguardavam. Não conseguia segurar minha ansiedade, minhas mãos estavam tremendo e Hector as puxou para si, beijando-as.

— Vai dar tudo certo, eu estou aqui com você.

Não demora muito para o carro estacionar na entrada de uma bela mansão. Desço do veículo e deixo Ema cuidando dos meus filhos, enquanto Hector me acompanha até a porta. Toco a campainha e rapidamente uma empregada vem nos atender.

— *Come posso aiutare?* — Pergunta em italiano.

— *Siamo venuti per parlare con Otávio Fajardo Mancini.* — Diz Hector em italiano com um sotaque sexy.

— *Il tuo nome, per favore.*

— *Digli che è Liana Castela.* — Hector fala e a moça nos manda entrar, enquanto vai chamar o senhor Otávio.

Fico de pé ansiosa, enquanto Hector se senta e observa toda a casa. Penso que, se Otávio tem dinheiro, por que ele e minha mãe me abandonam em uma praça? Me aproximo da lareira de pedra e reparo em uma foto de família; nela há uma mulher bonita, de cabelos pretos, e um menino. Mas o que me chama atenção são os traços dela.

— Quando ouvi Manu dizer seu nome, eu não acreditei que era real. — Diz um senhor entrando na sala e me olhando com lágrimas nos olhos.

— O senhor deve ser Otávio Fajardo Mancini. Hector Ortega, e esta é Liana Castela. — Hector disse, pois eu ainda não conseguia pronunciar nada,

estava paralisada olhando para ele.

— Minha filha. — Ele fala emocionado, vindo até mim e me abraçando forte. — Eu pensei que tinha perdido você. Eu sofri por tanto tempo, sem saber onde você estava, e quando te encontrei era tarde demais.

— Então o senhor é o pai de Liana?

Otávio se aproxima e usa uma bengala para se sentar em minha frente. Eu me mantenho de pé, chocada demais para esboçar qualquer reação.

— Você me deixou em uma praça quando era apenas um bebê recém-nascido, que tipo de pai faz isso com uma criança inocente? — Questiono de uma vez, colocando para fora toda a dor que carrego dentro de mim.

— Eu sei que é difícil para você entender, mas não foi bem assim que as coisas aconteceram, *bambina*.

— Não consigo imaginar motivos para abandonar um ser indefeso em via pública. — Falo exaltada, deixando as lágrimas caírem, e Hector se levanta e me abraça.

— Por favor, minha filha, você precisa se acalmar e ouvir toda a história. Quem sabe assim você possa me perdoar?

— Eu vim da Espanha até aqui para isso, senhor Mancini.

— Eu me casei com a sua mãe contra a minha família. Cassandra era apenas uma funcionária da casa dos meus pais. Eu era apaixonado por ela, desde o momento que a vi cuidando do jardim da minha casa. Nós dois começamos a namorar escondido. Naquela época, era comum os pais arranjarem o casamento dos filhos, e eu já tinha uma noiva. Victoria tinha uma paixão descontrolada por mim; mesmo eu deixando claro que não nos casaríamos, ela não estava satisfeita. Victoria armou tudo e, uma noite, quando Cassandra vinha se encontrar comigo no meu apartamento na cidade, Victoria chegou antes e disse que estava grávida. O que me deixou confuso, porque só havia ficado com ela uma vez, e antes de me apaixonar por Cassandra. Ela disse que se eu não assumisse nosso filho, ela faria um aborto, e não demorou muito para Cassandra chegar. Ela viu Victoria no meu apartamento e deduziu tudo errado. Victoria gritou aos quatro ventos que estava grávida e que iríamos nos casar. Tudo desmoronou depois daquilo. Cassandra desapareceu da Itália, eu não a encontrava em canto algum. Tive que assumir o filho que Victoria esperava e me casei com ela, para meu total desgosto. Minha vida se transformou em um inferno depois disso. Eu tinha perdido o grande amor da minha vida e nem sabia que ela estava grávida de

você. Meses depois, Victoria deu à luz a Lucca meu filho, e faleceu no parto. Porém, antes de morrer, ela disse que Cassandra estava na Espanha.

Nesse momento, as lágrimas já transbordam em meu rosto.

— Eu encontrei Cassandra em uma clínica, ela estava doente, debilitada, com depressão profunda. A família de Victoria a manteve presa e afastada de mim; ela estava grávida e quando você nasceu, a arrancaram dos braços dela. Nós procuramos por você por muito tempo. Liana, sua mãe nunca a esqueceu. Ela amou Lucca como se fosse seu filho, mas não houve um só dia em sua vida que ela não tenha procurado por você.

— Onde Cassandra está? Eu quero conhecê-la. — Digo com um nó na garganta.

— Ela se foi, *bambina*, faz dez anos que um câncer a levou de mim. Eu perdi não só a minha filha, como também a mulher da minha vida — ele fala emocionado. — Lucca continuou as investigações do seu paradeiro, até que chegamos a um orfanato em Toledo, Espanha. Mas quando descobri quem eram as pessoas que haviam te adotado, pensei ser tarde demais. Encontrei sua irmã Elisabeth e ela me contou que você tinha falecido, me levou até seu túmulo e me deu uma foto sua. — Ele fala abrindo a carteira e me entregando uma foto antiga minha — Agora, olhando para você de pé em minha frente, parece irreal. — Diz chorando e nesse momento a porta da sala volta a se abrir e um rapaz negro, muito bonito, passa por ela segurando uma bolsa de academia.

— Pai, de quem é o carro lá fora... — Ele para de falar assim que me vê.

— Lucca, esta é sua irmã Liana. — Otávio fala e parece que demora um minuto para Lucca entender; ele vem até mim e me abraça forte.

— Você está viva! Pai, ela é linda. — Ele fala emocionado, eu não aguento e deixo um sorriso escapar.

— Obrigada, Lucca, estou muito feliz em saber que tenho um irmão.

Abraço meu pai, me sentindo acolhida pelos dois, sentindo que tenho uma família.

Hector saiu e foi buscar os gêmeos; Otávio ficou emocionado ao conhecê-los. O clima tenso se foi; eu estava feliz por ter uma família, até nos hospedamos na casa deles. Foi complicado explicar que eu e Hector não somos casados, mas apenas amigos. Pelo olhar que meu irmão lhe deu, eu sabia que ele queria dizer algo, mas ficou calado. No fim, foi difícil me

despedir de Otávio, a conexão que senti com os dois foi indescritível; me senti acolhida e amada, por ele e por Lucca. Os dois me garantiram que, até o final do mês, estariam vindo passar uma temporada na Espanha comigo. Quando embarcamos no jatinho de volta à Espanha, eu senti um enorme peso sair de sobre mim e uma sensação boa de felicidade me preencher.

Hector

Quatro dias se passaram após a viagem à Itália. A imprensa espanhola descobriu sobre nossa viagem e fotos minhas com Liana estavam espalhadas por todos os jornais. Não ando tendo um minuto de paz. Todos os dias me reúno com membros do parlamento, tentando buscar apoio na legitimação dos meus filhos. Até mesmo mamãe está se reunindo com alguns membros da realeza, pedindo apoio. Por outro lado, sei que preciso me posicionar perante a mídia e explicar o meu envolvimento com Liana.

— Hector, filho, você precisa ver isso. — Diz meu pai interrompendo minha reunião com lorde Pétriz.

— O que aconteceu? — Questiono ao ver meu pai tão nervoso.

Meu pai me mostra a tela de seu iPad, onde vejo ao vivo a entrada do Castela Studio de Ballet. O repórter sobrevoa com um helicóptero, e posso ver claramente uma multidão protestando na entrada da escola, com faixas e cartazes.

— Chame Pablo agora mesmo, estou indo para lá! — Digo correndo para sair do palácio.

Não espero meus seguranças me acompanharem, apenas entro no meu Aston Martin AM-RB 001 e parto em alta velocidade em direção à escola de balé.



Em menos de dez minutos estou em frente ao local, porém uma multidão cerca a entrada, o que impossibilita que eu me aproxime. Estão todos gritando e não consigo enxergar direito o que está acontecendo. Saio do carro e ando em direção à entrada; assim que os jornalistas me veem, começam a fazer várias perguntas e tirar fotos. Ouço os manifestantes gritarem “assassina!”. Contudo, não consigo enxergar o que estão fazendo. Ignoro todos, entrando no meio da multidão. E então a vejo caída no chão, enquanto as pessoas gritam e jogam tomates nela. Corro em sua direção desesperado, empurrando todos que estão no meu caminho.

— Liana, você está bem? Lia, fala comigo. — Falo preocupado, tirando o cabelo do seu rosto.

— Eu... Hector, me tira daqui... — Chora assustada, toda suja, com um corte no ombro.

Pego-a no colo, enfurecido com quem tenha ousado machucar minha mulher.

Rapidamente, a equipe de choque chega e somos cercados. Os agentes tentam controlar a multidão, e eu seguro Liana nos meus braços, enquanto minha equipe de segurança vai abrindo caminho. Coloco-a dentro do carro e entro dirijo em direção à residência do Monte de El Pardo, provavelmente é o último lugar que a imprensa vai nos procurar.

— Vai ficar tudo bem, ninguém mais vai te machucar — falo nervoso vendo seu rosto cheio de lágrimas, pensando que se demorasse um pouco mais eles a teriam massacrado.

Assim que estacionei, abri a porta do carro e a peguei nos braços.

— Onde estamos? — pergunta.

— Em um lugar seguro. Vou pedir que Alessia e Afonso fiquem na sua casa com nossos filhos, enquanto eu cuido de você.

Levo Liana para o segundo andar, por sorte a casa estava arrumada. Provavelmente um caseiro a mantém em ordem, caso alguém decida vir para cá.

— Você pode tomar um banho, enquanto eu falo com Afonso.

— Hector, obrigada. — Diz frágil.

— Você não precisa me agradecer, eu vou sempre proteger você. Isso não voltará a acontecer, prometo.

Fiz uma ligação rápida para Afonso, em seguida encontrei Liana sentada na cama com os cabelos molhados, vestindo um roupão. Entro no banheiro buscando a caixa de primeiros socorros e, com cuidado, começo a

limpar seu corte, que por sorte não foi muito fundo.

— Tá doendo muito? — Digo limpando com gazes.

— Não, está tudo bem. A culpa não é deles, Hector, eles amavam muito Melissa e eu sou apenas a assassina Liana, uma ex-presidiária.

— Para de dizer isso, você não é só a Liana, você é a minha Liana, a mulher que amo, a mãe dos meus filhos, e merece respeito. Eles... Eles podiam... Eu mal consigo falar só de imaginar o que poderia ter acontecido.

— Eu estou bem. — Ela diz tocando meu rosto, tentando me acalmar.

— Por um momento, pensei que tinha te perdido de novo. Eu não posso viver aquilo outra vez. — Digo angustiado, sentindo meu peito arder, e sou surpreendido com seus lábios nos meus.

Meu corpo todo se aqueceu e eu a abracei forte, acariciando sua língua com a minha. Liana coloca as mãos no meu cabelo, querendo sentir mais do que meu toque. Parecia um sonho; em um momento eu estava preocupado com ela, e no seguinte estávamos nos beijando.

— Eu amo você, Liana Castela. — Falo beijando seu pescoço.

— Eu te amo, Hector Ortega. Cansei de lutar contra esse sentimento dentro de mim. Não aguento mais estar perto de você e fingir que não te amo. — Ela diz deslizando as mãos quentes por meu abdômen.

Volto a beijar seus lábios loucamente, matando a saudade que me consumia.

— Eu te amo tanto, meu anjo. — Falo apaixonado distribuindo beijos por todo seu rosto.

— Eu também te amo, Majestade! — Ela fala olhando em meus olhos.

— Ah, meu amor, eu senti tanto a sua falta, do seu cheiro, da sua pele, do seu sabor. Vou te mostrar exatamente o quanto eu senti. — Falo puxando-a para o meu colo e ela geme, fechando os olhos.

— Preciso de você, Hector, não aguento esperar nenhum segundo sem seu toque.

Seguro-a nos braços ficando de pé, empurro-a contra a parede e mordo sua orelha, espalhando beijos por todo seu pescoço. Agarro-a por trás e puxo com força o roupão que ela usa. Dou um passo para trás para poder apreciar melhor a visão do seu corpo moreno, puro pecado. Meu pau chega a babar com essa visão.

— Oh, meu Deus! Eu preciso de você, amor, preciso de você dentro de mim! — Ela geme quando eu me ajoelho no chão e beijo sua bunda

gostosa.

— Eu amo seu cheiro, Lia, amo sua pele, amo como ela fica arrepiada quando te toco. — Falo espalhando beijos e chupões por toda parte. — Vou te mostrar o quanto eu te amo, quanto te quero! — Digo rouco, ela fica arrepiada ao ouvir isso e geme.

Liana se esfrega em mim, e eu abocanho sua boceta molhada, chupando-a por trás. Levanto uma de suas pernas, apoiando-a no meu ombro para que eu tenha melhor acesso a minha fruta preferida. Chupo, mordo e vou lambendo seu clitóris, sentindo-a gozar na minha boca deliciosamente. Liana rebola na minha cara me deixando enlouquecido, vou colocando dois dedos dentro dela enquanto chupo seu clitóris. Penetro-a com a língua e a fodo por uns bons minutos, observando seu rosto em êxtase, a maneira como ela ofega, abre a boca e morde os lábios. Deslizo os dedos para dentro dela, mas desta vez, enfio um na boceta e um no cuzinho. Ela ofega, contrai o cuzinho e se contorce em minhas mãos.

Começo a fodê-la lentamente, aumentando a velocidade, até que estou fodendo rápido com os dedos e ela arqueia em direção à minha mão.

— Eu vou gozar! Oh, meu Deus, não para, Hector! — Antes que ela atinja o orgasmo, eu retiro meus dedos dela e os lambo, sentindo seu sabor.

Amo o cheiro adocicado da sua boceta, amo tudo nessa mulher.

— Você quer gozar, né, minha safada!?

— Sim, Hector, eu preciso de você, agora.

Viro-a para mim, pegando-a no colo e a levando até a cama. Subo por cima do seu corpo, olho para os seus seios, os devorando. Meu corpo treme de ansiedade, faz tanto tempo que eu não a toco que tenho até medo de machucá-la. Liana é perfeita para mim, tudo nela me encanta e me domina. Com apenas um sorriso, ela me tem rendido.

— Escuta bem, meu anjo, nunca mais vou ficar longe de você, tá me ouvindo? Você é minha, minha mulher, minha esposa e a minha rainha. — Beijo seu pescoço exposto, mordo e chupo todo o caminho até seus seios fartos, dando a devida atenção aos dois.

Meu pau está a ponto de estourar nas calças. Aperto mais ainda seu corpo junto ao meu, puxando-a, para que ela sinta meu pau duro, pronto para ela.

— Eu preciso de você dentro de mim, Hector. — Ela provoca.

— Você quer, safada, quer meu pau até o talo, dentro de você?! — Tiro a camisa e me desfaço das calças rapidamente, ansioso para senti-la.

Volto a beijar seus lábios, querendo matar a saudade avassaladora pelos meses que passamos longe um do outro.

— Que saudade que estava de poder tocar sua pele, sentir seu corpo suado após o orgasmo! — Liana geme, arranhando minhas costas.

Com a mão direita, seguro seus braços contra a cabeceira da cama e vou pincelando meu pau na sua bocetinha, deslizando de cima a baixo, sem entrar. Liana geme desesperada e se esfrega em mim, se contorcendo, louca, implorando para que eu a foda. Pincelo mais na portinha da sua boceta, fazendo-a implorar muito, até que meto de uma vez só, fazendo-a se inclinar para tentar encaixar melhor. Me sinto no melhor lugar do mundo, com sua boceta esmagando meu pau, ela está encharcada. Soco com força, é possível escutar o som dos nossos corpos se chocando e da cama de madeira maciça batendo contra a parede.

— É assim que você quer, safada? — Estoco sem parar, fodendo sua boceta com força.

— É, amor... assim, mais rápido... não para! — Diz entre gemidos, mordendo meu ombro.

Giro seu corpo, colocando-a por cima de mim. Liana arranha meu peito enquanto sobe e desce no meu pau. Seus deliciosos seios pulam e eu não me faço de rogado, ataco-os chupando os biquinhos, enquanto ela desce lentamente no meu cacete.

Coloco minha mão esquerda em sua boca e ela chupa meus dedos como se fosse meu pau.

Tiro meus dedos molhados de sua boca e acaricio seu cuzinho apertado. Devagar, deslizo um dedo nela, depois outro. Seguro-a firme no lugar e estoco forte, fazendo-a gemer e arranhar meu peito. Deslizo mais um dedo para dentro dela, metendo três dedos no seu cuzinho apertado. Fodo seu cuzinho com os dedos e sua boceta com meu pau. Ela grita, tendo seu segundo orgasmo, sua bocetinha engolindo meu pau e meus dedos em seu cuzinho. Acelero os movimentos, mantendo-a em cima de mim quando vejo que ela amolece.

— Ah... Hector...! — Liana goza novamente, apertando meu pau, e eu volto a socar dentro dela, tomando cuidado para não forçar meu corpo pesado sobre ela.

Acelero meus movimentos, enquanto beijo sua boca, metendo sem dó, marcando-a como minha. Por fim, gozo junto com dela, despejando toda minha porra na sua bocetinha.

Espero os espasmos do orgasmo se acalmarem; estamos os dois exaustos, deitados na cama. Abraço seu corpo junto ao meu e beijo seu rosto com carinho.



Fizemos amor por horas e horas; seu corpo, seu cheiro e seus gemidos de prazer estão gravados em minha mente e em minha pele. Sorrio sentindo a ardência dos arranhões que ela fez nas minhas costas e peito. Levanto-me e recolho as nossas roupas, todas jogadas no chão. Pego o estojo que recebi esta manhã e o abro. Fico encantado com a beleza do anel, o diamante azul em um corte oval, rodeado de vinte e sete pequenos diamantes. Verônica se superou com este anel. Aproximo-me da cama, pronto para surpreendê-la com o pedido. Sem fazer movimentos bruscos, coloco a joia preciosa em seu dedo anelar direito. Visto minhas roupas e, disposto a preparar algo para que possamos comer, antes de voltar para casa e buscar nossos filhos, vou em direção à cozinha. Desço as escadas e, na ampla cozinha, encontro algumas frutas, suco, presunto e muçarela. Faço sanduíches para nós dois e, quando a bandeja está pronta, e eu já me preparava para levar tudo para o andar de cima, ouço um barulho de algo se quebrando. Subo as escadas de dois em dois degraus, com medo que Liana tenha se machucado. Passei pelo quarto onde estávamos e vi a porta aberta, mas ela não estava. Meu coração acelera, já imaginando onde ela deva estar.

Chego à porta do quarto e estaco. Minha respiração fica presa na garganta. Liana estava parada em frente a uma foto. Foto essa onde Melissa e eu estamos sorrindo para a câmera no dia do nosso casamento.

— Essa é a casa de vocês, não é? — Ela pergunta com a voz trêmula.

— Amor, não é bem como você está pensando...

— Você me trouxe aqui para me ferir, para esfregar na minha cara o quanto a ama! Você me odeia tanto, ao ponto de me trazer aqui depois de tudo que passei hoje. — Ela diz soluçando.

— Calma, amor, fica calma, não é bem assim.

— Esse lugar parece um santuário para sua amada Melissa. Deus,

tenho nojo de mim mesma. Eu estava aqui sob o teto dela. — Ela fala com as mãos na cabeça, transtornada.

— Liana, meu anjo, eu não planejei nada. Me escuta, não pensei bem, só queria te tirar de lá. — Falo tentando tocar seu corpo, que treme enquanto ela soluça.

— Tire essas mãos de mim! O que queria? Me enganar, me iludir e me fazer de palhaça para provar que você é o garanhão, que eu ainda te amo? — fala com mágoa — Parabéns, Hector! A idiota da Liana caiu mais uma vez no seu charme. — Diz olhando as joias sobre a penteadeira, tudo continua no mesmo lugar, do jeito que Melissa mantinha.

— Me perdoa, eu não deveria ter trazido você aqui. Eu juro que nem lembrava mais que as coisas de Melissa ainda estavam nesta casa.

— Você não imagina o que é carregar essa culpa dentro de mim. Não tem ideia do que é todos me odiarem. Não sabe o quanto dói saber que eu fiz mal a uma pessoa inocente — diz apontando para si mesma — Mas para você, Hector, isso não importa.

— Não, Liana, para de dizer isso. — Falo segurando-a pelos braços, fazendo com que ela olhe para mim.

— Eu amo você, só você, minha rainha. Me perdoe, meu anjo.

— Amor, Hector?! Esse amor só me trouxe dor. Eu já me cansei, o amor não existe. — Fala se virando e partindo.

Fico parado a vendo partir. Tudo parece um pesadelo. Então, lentamente, me dei conta de que não havia mais volta, eu a perdi...



CAPÍTULO 32

O DIAMANTE AZUL

“A vida é cheia de escolha quando damos um passo a frente, algo tem que ficar para trás.”

Liana

Estou afundando, e desta vez, temo que não haja maneira de superar. Eu baixei minha guarda e então Hector puxou o meu tapete. As lágrimas embaçam minha visão, não sei como consegui pegar um táxi, mas quando dei por mim estávamos em frente à minha casa. Para minha surpresa, havia

homens da força nacional impedindo a multidão. Assim que as pessoas viram o táxi começaram a gritar “assassina!”. Como viver com a culpa da morte de uma pessoa inocente? A minha liberdade custou a vida dela, e isso me atormenta todos os dias. Paguei o táxi e corri para dentro de casa. Ao entrar encontrei Alessia, com sua barriguinha de cinco meses, e Afonso com Eliott no colo, enquanto Elijah brincava no tapete com um carrinho.

— Lia, ficamos preocupados quando Hector ligou nervoso. — Diz Alessia se levantando e me abraçando.

— Eu estou bem, não aconteceu nada.

— Onde está Hector, ele não veio com você? — Questiona Afonso.

— Não. — Digo amarga, indo até Elijah e beijando seus finos cabelos.

— O que aconteceu, Liana? Você está estranha.

— Não aconteceu nada, apenas o óbvio. Eu me tornei a mulher mais odiada deste país, e hoje Hector fez questão de me mostrar porque todos me odeiam.

— Do que está falando? — Questiona Afonso confuso.

— Espera, que anel é esse no seu dedo?! — Grita Alessia, me assustando, apontando para o meu dedo.

Só então eu noto que há um anel em minha mão direita. Um anel enorme com uma pedra azul rodeada por pequenas pedrinhas brancas. Nunca vi algo tão lindo como esse anel. Engulo em seco sem saber o que dizer, tentando lembrar como veio parar no meu dedo.

— Dessa vez Hector se superou, isso é um diamante azul, e aposto que é da Cartier. — Diz Afonso apontando para o anel.

— Eu... eu não sei porque ele colocou esse anel em meu dedo. — tento tirar, mas ele não sai.

— Parece um pedido de casamento. Oh, Liana, ele realmente te ama! — diz Alessia com um olhar encantado.

— Não! É claro não. A única mulher que Hector amou e sempre irá amar é Melissa. Ele mostrou isso para mim hoje à tarde, me levando para a casa dela. Apenas para esfregar na minha cara que ela se mantém viva dentro dele e que eu não sou nada além da mãe dos filhos dele. — Digo derrotada, me sentando no sofá e pegando Eliott no colo.

— Liana, eu sei que você não tem motivos para acreditar em mim, mas eu posso dizer, como alguém que conhece Hector desde de sempre: ele

te ama. Eu vi meu amigo definhando lentamente quando acreditamos que você estava morta; o vi chorar e virar um trapo sem você. A morte de Melissa foi traumática, ele sofreu muito; mas nada se compara à morte em vida que ele viveu sem você.

— Amiga, não deixe a mágoa ser maior que o amor que vocês sentem. Do que adianta o rancor, se vocês dois estão infelizes? Eu mesma vi o quanto ele sofreu, se culpando por tudo que fez a você.

Suas palavras me deixam confusa.

— Bem, é melhor nós irmos, amor. Liana precisa descansar, e você também — diz Afonso segurando a mão de Alessia, que acaricia sua barriga.

Me despedi dos dois com o coração pesado, pois não queria ficar sozinha. Um sentimento tremendo de solidão se apossou de mim. Levei meus filhos para o quarto deles, dei banho nos dois, e enquanto os observava dormindo no berço, fiquei pensando se fiz certo. Saí correndo de lá, talvez eu tenha sido imatura e devesse ter deixado ele se explicar. Deitei na minha cama e chorei, pensando nele, eu jamais imaginei que amar alguém doeria tanto assim. Toquei o anel em meu dedo, encantada com sua beleza, pensando no que ele significa. Eu sobrevivi, eu lutei. Lutei pela minha vida, por meus filhos. Mas não posso ser hipócrita e negar que sonhei por várias vezes com nossas noites de amor, com nossos beijos no lago...

— Deus, será que estou cometendo um erro? Será que estou deixando a minha felicidade escapar por entre minhas mãos? Eu o amo! Eu o amo! Eu não devia, mas não consigo deixar de amar Hector Carlos VI de Ortega.

Hector

Devastado e totalmente fora de mim, comecei a quebrar todo o quarto sem entender porque mantive esse lugar por tanto tempo. Não pensei em nada quando a trouxe aqui, tudo que queria era tirá-la daquele lugar e protegê-la. Se ao menos ela tivesse me ouvido, me deixado explicar... Mais uma vez eu meti os pés pelas mãos e estraguei tudo.

Me sento no chão e olho os cacos de vidro e as penas dos travesseiros

jogados no chão, e percebo que, se eu quero ter uma vida com Liana, preciso deixar o passado para trás. Melissa nunca será esquecida, porém a vida segue. Melissa faz parte do meu passado, e Liana será o meu futuro. Não importa o quanto seja difícil, jamais irei desistir.

Levanto-me do chão, olho para minha foto com Melissa e, com o coração mais leve, consigo me despedir e dizer adeus. Ligo para Liana preocupado, querendo saber se ela conseguiu chegar em casa segura, mas seu telefone só chama. Decido, então, ligar para Pablo.

— Majestade. — Diz assim que atende.

— Preciso saber se Liana está bem, se chegou em casa e se meus filhos estão seguros.

— A senhorita Castela chegou a sua casa há menos de dez minutos, senhor. Ela e os herdeiros estão seguros. Conseguimos conter a multidão em frente à escola de balé e montamos uma barreira de contenção em frente a sua residência, porém ainda há muitos jornalistas e civis protestando em frente.

— Obrigado. Quero que o foco total nesse momento sejam ela e meus filhos. Não deixem que nada aconteça com eles. A segurança falhou gravemente hoje. Por pouco não aconteceu algo mais sério. Quero o nome dos responsáveis e que sejam afastados, por tempo indeterminado, pela incompetência.

— Certo, senhor, será feito. Gostaria de avisar que agora seria um bom momento para mostrar as provas que temos sobre a morte da princesa Melissa. Acredito que, se tudo chegar a conhecimento público, a população se compadeça com fato de a senhorita Castela ser apenas uma vítima, e a morte da princesa, uma fatalidade.

— Estou pensando no que fazer a respeito disso. Ainda tem a votação no parlamento. Talvez não seja a melhor hora. A coroa já está vivendo momentos de instabilidade, primeiro preciso legitimar meus filhos. — Falo me despedindo dele.

Liguei para meu assessor e pedi que mandasse uma equipe para vir até minha antiga casa fazer o que já deveria ter feito há muito tempo. As joias e as coisas de Melissa serão entregues à família dela, que é o que ela ia querer.



Ao entrar no palácio, encontro meus pais conversando com nosso advogado e com a secretaria de imprensa da coroa.

— Boa tarde. — Digo chamado a atenção deles.

— Como Liana está? — Pergunta meu pai, assim que me vê.

— Ela está bem, já chegou em casa e, por sorte, não aconteceu algo mais grave. Mandeí a segurança nacional para proteger ela e meus filhos.

— Senhor, precisamos soltar uma nota, ou melhor, marcar uma coletiva de imprensa para falar sobre o caso da princesa Melissa e da senhorita Castela.

— Amanhã é a audiência no parlamento. Marque a coletiva para as seis da tarde, em frente ao palácio. Farei um pronunciamento ao povo espanhol e à imprensa. Pai, como estamos a respeito do congresso?

— Estou tentando convencer dois parlamentares a mudarem para o nosso lado. Por enquanto estamos com o parlamento dividido. Muitos estão resultantes em legitimar Elijah e Eliott, pois a Espanha já sofreu por muitos anos com problemas de legitimação; uma disputa pelo trono seguiu por séculos em nossa história.

— Filho, a grande questão é que eles não aceitam o fato que você pode vir a se casar e ter outros filhos, e esses filhos estarem atrás de Elijah e Eliott na linha de sucessão. — Diz mamãe.

— Isso jamais irá acontecer. — Falo nervoso passando a mão em meu queixo.

Fiquei conversando com eles por mais uma hora, até ir para o meu quarto.

Tomei um banho relaxante e senti minhas costas ardendo onde Liana me arranhou. Saí do banho com uma toalha enrolada na cintura e fui mandar uma mensagem para ela, já que não atende meus telefonemas. Coloco no texto todos os sentimentos que tenho, não irei desistir, não sem lutar. Envio a mensagem e espero ela visualizar, o que não acontece. Então decido tentar dormir, já que não adianta ficar olhando para a tela desse celular, ela não vai responder. Talvez devesse começar a cogitar as ideias malucas dos meus irmãos.

Liana

Na manhã seguinte, acordei com a cabeça latejando e com um pressentimento estranho. Ao pegar meu celular, vejo várias ligações perdidas de Hector, Wenida, Karina e até do meu pai. Sorrio pensando que logo ele e Lucca estarão aqui.

Uma mensagem de Hector aparece brilhando na tela, e penso se devo ou não ler. Deixo o celular sobre a cama e começo a andar de um lado para o outro no quarto, até que decido ver de uma vez. Abro o aplicativo e leio a mensagem:

“Porque te amo!

*Sei que está ferida demais para acreditar em minhas palavras. Sei que o maior culpado do seu coração sangrar sou eu. Entretanto, você precisa saber que **eu te amo**.*

Te amei desde que a vi desacordada em meus braços. Eu a quis assim que coloquei meus olhos sobre você. Te amei quando deveria odiar, e me recriminava por isso. Tentei resistir ao seu olhar doce, sua voz delicada, seu toque sutil e sua bondade fascinante, mas isso foi impossível. Cada vez que sentia seu perfume doce, e sua pele estremecia em minhas mãos, eu me via mais apaixonado. Você tornou minha vida cinza em um arco-íris de cores. Eu errei em te levar lá hoje, um erro que não cometerei novamente. Melissa foi importante para mim, mas hoje ela faz parte do meu passado. E você, Liana, é meu presente e meu futuro.

Eu te amo e provarei isso quantas vezes for preciso.”

Engoli a saliva sentindo meu coração acelerar no peito, pensando em seu olhar desolado, suas palavras dizendo que me ama de maneira tão profunda.

— O que eu fiz, meus amores? Será que eu entreguei tudo? — Falei para meus filhos, que me olham atentamente sorrindo.

Segurei os dois em meus braços e, como de costume, desci as escadas em direção à cozinha, onde encontro Ema.

— Bom dia, senhora, preparei uma fruta amassada para os meninos.

— Obrigada, Ema. Vou colocar eles no cadeirão e você dá para eles.

A campainha toca e vou atender, quando Ema fica com os meninos. Assim que abro a porta, me surpreendo por ver um dos seguranças chamando por mim.

— Bom dia, senhora, tem uma senhora lá fora, ela parece um tanto desesperada para falar com a senhora.

— Qual o nome dela? — Pergunto estranhando.

— Paulina Castillo.

Sinto minhas pernas fraquejarem assim que ouço o nome. Um nó se forma em minha garganta e minhas mãos começam a tremer. Fiquei em choque, sem saber o que dizer.

— Senhorita, está bem? — Ele pergunta preocupado ao ver minha provável palidez.

— Estou, espere uns minutinhos para que eu possa me recompor e leve ela até a sala de visitas, eu estarei lá em um minuto.

Fui direto ao banheiro, onde molhei meu rosto, tentando me recuperar do choque de saber que a mãe de Melissa estava aqui. Eu nunca esqueceria esse nome; ela estava lá, no dia do julgamento. Seu olhar de dor ficou gravado em minha memória e jamais se apagará.

Sequei meu rosto e avisei Ema que estaria na sala de visitas, e pedi para que cuidasse dos meninos na cozinha. Caminhei até lá com as mãos tremendo de nervosismo.

Assim que entrei, vi uma senhora loura de aparência frágil, de pé em frente a uma foto minha com os gêmeos na maternidade; fiquei estática.

— Bom dia, senhora. — Falo a fazendo se virar e olhar para mim.

— Obrigada por me receber. — Ela diz e faz uma pausa, como se escolhesse as palavras que vai usar.

— Fiquei surpresa, jamais esperei que um dia viesse me procurar. — Falo.

— Eu quero que saiba que não é fácil para mim estar aqui, não depois do que aconteceu. Mas se passou tanto tempo. Quase seis anos e eu ainda não consigo entender por que você matou minha filha. — Ela deixa uma lágrima cair e eu não consigo olhar para ela sem sentir desespero e sentir toda sua dor em minha pele.

— Eu.... Eu sinto muito... — Tento dizer com a voz trêmula. — Eu nunca quis fazer mal a sua filha. Eu juro que, se pudesse voltar atrás, nunca teria entrado naquele carro.

— Você não prestou socorro! Minha filha estava grávida, caída no

chão sangrando e você não a socorreu. Que tipo de pessoa faz isso? E agora, você está aqui com dois filhos do meu genro! — Ela grita me acusando friamente e me preocupo com seu rosto pálido.

— Por favor, senhora, preciso que se acalme.

— Como quer que eu me acalme? Você está roubando a vida que era da minha filha!

— Se eu soubesse que sair daquela jaula custaria a vida da sua filha e do seu neto, eu jamais teria saído. Preferiria viver anos sendo torturada por dois psicopatas, do que tirar a vida de dois inocentes. — Falo chorando, e só então a vejo sem fala. — Irei contar tudo que aconteceu. Talvez assim eu consiga libertar meu coração desse peso enorme que carrego.

Lentamente vou contando todo o inferno que vivi, não deixando nada para trás. Conteí sobre a maneira como fui torturada, como passei fome e frio trancada em uma cela. O medo que senti quando entrei no carro, e por fim os freios que não funcionaram.

— Eu fui fraca, eu errei. Não deveria ter fugido. Mas eu era apenas uma garota assustada e tive medo. Eu fugi, com medo do que eles fariam comigo. Depois passei quatro anos na prisão, me corroendo em culpa. Eu não queria machucar sua filha, ou destruir a vida da sua família. Eu juro que não sou esse monstro que estão pintando.

— Por que nunca fiquei sabendo disso...?

— Minha irmã tinha muito dinheiro e influência. A senhora não imagina do que ela era capaz. — Falo limpando o rosto.

— Mas, e Hector? Onde o rei entra nessa história? — Questiona me olhando atentamente, tentando ver verdade em meus olhos.

— Conheci Hector na fazenda de Afonso de Aragão, onde fui contratada para cuidar da casa e trabalhar na colheita de uvas. Não sabia quem ele era quando nos envolvemos. Ele foi meu primeiro amor, meu primeiro tudo, e quando descobri quem ele era, eu fugi, mas já estava grávida. Infelizmente minha irmã me encontrou e passei novamente por um inferno nas mãos dela. Depois que fugi, só pensei em proteger meus filhos, então fui à Inglaterra, onde os gêmeos nasceram.

— Eu fiz um julgamento totalmente errado sobre você, Liana. Me perdoe por ter sido injusta com minhas palavras. Você foi apenas mais uma vítima, assim como minha filha, de dois monstros sem coração. — Diz e me surpreende ao tocar minhas mãos em um gesto de compaixão.

— Eu preciso que me perdoe por tudo; por ter ferido você e sua

família, e por ser a culpada por sua filha não estar aqui. — Digo soluçando e ela surpreende, me abraçando.

— Você não precisa me pedir perdão. Mas se é o que precisa para acalmar seu coração, eu te perdoo, Liana, sei que Melissa iria querer isso. Eu posso estar velha, mas consigo reconhecer um coração bom, e entendo plenamente o que Hector viu em você.

Suas palavras retiram um peso enorme do meu coração.

Ficamos conversando por mais um tempo, Paulina me mostrou ser uma pessoa boa, com um coração enorme, a ponto de dar o perdão a uma pessoa que foi a causadora da morte de sua única filha. Despedi-me dela prometendo ir conhecer seu esposo e levar os gêmeos. E, quando a porta se fechou, sentei-me no sofá e sorri vendo meu pequeno Elijah sorrindo para mim tentando engatinhar. Nesse momento me senti a mulher mais sortuda no mundo por ser a mãe deles; eles são um presente de Deus, meus pequenos príncipes.

Passei a manhã inteira sentindo que precisava ver Hector, me sentindo uma idiota por nunca deixar ele falar e conversar como adulta. Wenida, Karina e até mesmo Alessia vieram me fazer companhia. Já que eu não poderia sair de casa.

— Não acredito que deixou Murilo ir embora e não disse que o ama. — Digo com seriedade, já que está claro para todos que Wenida gosta dele e deixou ele se demitir apenas por não assumir que o ama.

— Você está louca, eu amar o Murilo, que absurdo! — Diz ela fazendo um gesto de chocada com as mãos.

— Ah, Wenida, até eu que te conheço há menos tempo sei que você gosta do boy. — Fala Alessia, comendo o bolinho de chocolate que Ema fez.

— Liana, e você e Hector, depois do salvamento digno de contos de fadas, fizeram as pazes ou continua tudo na mesma? — Pergunta Karina.

— Pois é, só se falava disso na televisão, você sendo resgatada pelo sapo real. — Fala Wenida revirando os olhos.

— Bem.... Nós dois... — Começo a gaguejar nervosa com as três águias me olhando.

— Desembucha de uma vez, dona Liana, sua carinha diz que andou aprontando.

— Nós transamos, foi isso, nós tivemos uma tarde incrível.

— Eu não queria falar nada, não, mas isso justifica esse anel imenso no seu dedo? — pergunta Karina.

— Eu não sei explicar, quando ele me toca eu esqueço o mundo. E quando dei por mim, nós estávamos nos entregando naquela cama.

— Graças a Deus! Enfim uma das duas vai ser feliz e parar com todo esse drama de novela mexicana! — Fala Karina, se ajoelhando no chão em agradecimento.

— Bem, a Liana ainda não terminou. — Aponta Alessia.

— Quando acordei, Hector não estava na cama. Então eu me vesti e fui procurar por ele. Acabei entrando em um quarto e lá vi uma foto dele e de Melissa. Depois disso, vocês já devem imaginar o que aconteceu; eu disse coisas horríveis. Hector tentou se explicar, mas eu o deixei falando sozinho e fugi. — Falo deixando tanto Wenida como Karina sem fala.

— Uau, ele é um babaca mesmo. Te levar na casa da falecida! Fez certinho, amiga. Tem mais é que dá o pé na bunda desse sapo!

— Wenida!!! — Tanto Alessia como Karina dizem ao mesmo tempo.

— Liana, você já é uma mulher adulta. Não acha que já passou da hora de ficar fugindo toda vez que vocês têm um desentendimento? — Karina questiona.

— Eu... Eu não sei. As vozes das pessoas me chamando de assassina, aquela foto, as coisas dela, as joias, tudo se misturou às palavras de Hector na fazenda; eu simplesmente entrei em pânico e fugi magoada.

— Pois eu acho que Hector não pensou bem quando te levou para lá. Se ele não se importasse com você, bastava não ter ido te salvar daquela multidão em frente à escola. — Diz Alessia me deixando pensativa.

Todavia, antes que eu possa responder que me arrependo e que pensei em ligar para Hector, Alessia recebe uma ligação.

— Só um minuto, meninas, é Afonso, deve ser importante — ela fala atendendo ao telefone e se afastando da gente.

Todas ficamos olhando para Alessia, que parece tensa com a conversa. Meu coração acelera pensando que algo possa ter acontecido com Hector. Alessia desliga o telefone e me olha com tristeza.

— Liana, preciso que seja forte, minha amiga. O parlamento acabou de votar contra a legitimação dos meninos. Afonso me ligou para avisar e dizer que Hector saiu transtornado da câmara dos lordes em direção ao palácio. Parece que ele quebrou o protocolo e atacou o pai da Alexandra.

Inês

Decidida a dar um fim ao sofrimento do meu filho mais velho, optei por eu mesma ir tentar resolver a situação. Letícia pediu para que eu não me intrometesse. Porém, as notícias que estão circulando por todo mundo não são boas; é minha hora de entrar em ação. Quando descobri que Liana estava viva, pensei que tudo se resolveria de vez, já que tenho certeza dos sentimentos dela por meu filho. A maneira como Hector sofreu com sua suposta morte foi a prova que faltava para confirmar o quanto ele a ama. Logo que o jatinho pousa em solo espanhol, pego minha pequena bolsa e desço, indo em direção ao motorista que me aguarda com o carro. Assim que entro no veículo, meu telefone toca e atendo.

— Você já chegou, Inês? — Fala Letícia com a voz um tanto desesperada.

— Estou saindo do aeroporto, preciso que me passe o endereço da casa de Liana.

— Hector perdeu, Inês, nosso filho está arrasado. O congresso não aceitou legitimar nossos netos. Ele está transtornado, trancado em seu quarto, e não quer falar com ninguém. Tenho medo que ele faça uma besteira. — Ela diz com a voz trêmula, me deixando nervosa.

— Não se preocupe, ele não fará nada. Logo essa tormenta irá acabar e nosso filho será feliz. Não saí da Inglaterra para vir até aqui, para não ver Hector feliz.

— Deus te ouça, tomara que seu plano dê certo. Aguardo você no palácio.



Não demorou muito para que o carro em que estou estivesse atravessando os portões da casa de Liana. Letícia já havia avisado os seguranças sobre minha chegada, o que facilitou, devido à multidão

protestando na frente da residência.

Bando de abutres. — Penso comigo.

Toquei a campainha e logo uma empregada vem me receber.

— Boa tarde, vim falar com Liana Castela. — Digo de uma vez, sem paciência.

— Pois não, senhora...?

— Inês Damasceno. — Falo e já vou entrando, sem tempo a perder.

Na sala, encontro Liana e outras três mulheres, junto com dois bebês, que imagino serem meus netos. Uma delas me lembro da fazenda, as outras não reconheço.

— Inês! — Liana exclama chocada ao me ver ali de pé em sua sala.

— Boa tarde, Liana. Precisamos conversar. — Falo séria, olhando para suas amigas.

— Bem, Liana, eu vou ter de ir para casa, Afonso deve estar chegando. — Fala a moça da fazenda.

— Nós vamos também, já está ficando tarde. Se precisar, sabe que pode ligar a qualquer hora.

— Obrigada, meninas. — Fala Liana se despedindo das amigas, enquanto eu aproveito para me aproximar dos bebês; fico apaixonada assim que os vejo.

Posso ver claramente os traços do meu filho neles, a única coisa que puxaram de Liana são os cabelos negros.

— Eu não esperava ver você aqui! — Ela fala confusa.

— Eu deveria estar em uma viagem para Paris uma hora dessas, em plena temporada de moda. Mas precisei vir arrumar a bagunça que você e meu filho fizeram — falo brava e ela fica calada, parece ainda mais confusa. — O que está fazendo enquanto essas pessoas estão gritando no seu portão? — Pergunto com raiva do seu comportamento.

— Não espera que eu saia lá fora e enfrente essas pessoas.

— E ficar aqui trancada como uma criminosa, se condenando em culpa, resolve o quê? Eu realmente pensei que não tinha me enganado com você, Liana Castela.

— Eu não estou entendendo aonde quer chegar, dona Inês.

— Quando a vi naquela fazenda, e vi a maneira como tratava meu filho, pensei que você o amava, que era a mulher certa para ele, mas me enganei. Estava totalmente errada.

— Eu amo Hector, mas muitas coisas nos separam. Não duvide do

meu sentimento.

— Meu filho foi tirado dos meus braços quando ainda era um recém-nascido. Meu filho, que só fui conhecer quando já era um homem formado, criado por outras pessoas. Você diz que ama meu filho! — sorrio amarga. — Eu perdi uma vida inteira ao lado dele, e por mais que ele diga que me ama, esse amor nunca vai ser comparado ao que ele sente por Letícia. Sabe como eu consigo me conformar pelo que perdi? Eu penso que o destino quis assim. Hector é um rei, o melhor rei que esse país já teve. Ele viveu a vida toda se preparando para ser o que ele é. Eu quase o perdi pela segunda vez por sua culpa. — Falo com raiva apontando o dedo para ela.

— Mas eu não fiz nada, do que está falando?

— O meu filho quase se matou por você. Ele estava tão embrenhado de dor, tão desolado, que não suportava mais viver sem você. Vivia bêbado, trancado no quarto, olhando para um colar. Se eu não tivesse sido rápida e o impedido, talvez hoje ele não estivesse aqui — falo enfurecida e vejo Liana se contorcer e chorar. — Você diz que o ama; que amor é esse que não está disposto a esquecer o passado e lutar por ele? Lutar contra aqueles abutres, lá fora. Meu filho merece uma rainha, alguém melhor que você!! — Grito jogando com ela.

— Chega!!! Você vem à minha casa me ofender? Para mim já chega!! Você não sabe nada sobre mim e Hector, eu o amo. E não vai ser você, Espanha ou ninguém que ficará no meu caminho. — Fala transtornada, me olhando com ódio, e eu sorrio sabendo que acertei em cheio.

— Foi mais rápido do que eu pensei.

— Você está rindo de mim? — Ela fala irritada.

— Troca de roupa que vou pegar a bolsa dos meninos. E você vai atrás do meu filho, antes que ele faça uma besteira em rede nacional.

Liana parece que agora compreende o que eu vim fazer. Beija os filhos sorrindo e limpando as lágrimas.

— Obrigada, Inês.

— Escolha uma roupa digna de uma rainha, afinal você viu quem é meu filho, ele merece o melhor.

Hector

A votação no parlamento foi um completo desastre; eu perdi, não consegui legitimar meus filhos. Elijah e Eliott serão considerados bastardos, sem títulos da nobreza e sem direito à herança. Aperto o volante do carro enfurecido, minha vontade era voltar lá e socar a cara de cada um da oposição. Ramón, pai da Alexandra, estava todo esse tempo tramando pelas minhas costas. A forma como ele falou de meus filhos, querendo insinuar que os testes de DNA hoje em dia são forjados e que outras mulheres podem aparecer com filhos pedidos... Deixou-me fora de mim. Mas o pior foi ouvir da boca dele o questionamento sobre a índole de Liana, que é uma ex criminoso. Quando dei por mim, eu já estava socando-o, quebrado pelo menos uns sete protocolos. Meu pai ficou horrorizado, assim como os lordes que lá se encontravam. A votação prosseguiu, mesmo sob os protestos da oposição. E o apoio que estava conseguido se esvaiu depois do meu ataque de fúria.

— Não consegui legitimar meus únicos filhos, os meus herdeiros.

Eu dirigia em alta velocidade, quando vi uma senhora atravessando a rua. Pisei no freio com tudo e por sorte o carro parou, mas não consegui ver se a havia acertado.

Em pânico, saí do carro preocupado com o estado da mulher. Porém, assim que a vi, senti todo meu corpo se arrepiar. Eu a reconheci de imediato; havia visto essa mulher no dia do meu falso casamento.

— O menino rei está sempre correndo, mas o destino não tem pressa. O rei já escolheu seu lado da moeda e colheu a dor. A maldição tem que acabar. E só o amor vence o mal.

— O que quer dizer com isso? — Pergunto tentando entender seu enigma.

— Faça a escolha certa — Ela diz e se vai, me deixando do plantado no meio da rua, sem entender o mistério.

Voltei para o meu carro e segui para o palácio pensativo. Os portões já estavam abertos e muita gente já aguardava para conseguir o melhor lugar para assistir ao discurso do rei. A imprensa também já estava posicionada.

Minha cabeça lateja e apenas uma coisa vem em minha mente. Talvez seja melhor assim, talvez seja a melhor saída para acabar com esse inferno que estamos vivendo. Meus filhos não merecem passar por toda essa pressão e julgamento, muito menos Liana.

— Filho, seu pai me ligou contando o que aconteceu. — Diz mamãe, assim que passo pela porta do salão dourado.

— Eu vou para o meu quarto, não quero ser incomodado. — Falo nervoso, subindo as escadas até a suíte real.

Ao chegar lá, abro a gaveta do criado-mudo, pegando de lá o estojo com o colar, o magnífico diamante azul, a pedra parece que hipnotiza aquele que a tem.

Saio do meu quarto e paro em frente à porta do quarto de Charlotte. Bato e não demora muito para que ela apareça.

— Que cara é essa, irmão?

— Preciso falar com você, é muito importante. — Digo sério e ela não questiona, apenas me acompanha até meu gabinete.

Mando todos os assessores e meu secretário saírem para falar a sós com minha irmã. Assim que nos vemos sozinhos, me sento em minha cadeira e coloco o colar sobre a mesa, encarando minha linda irmã. Charlotte é uma mistura perfeita da mamãe com o papai. Lembro de como eles ficaram felizes depois de anos de tratamento, ao descobrir que logo teriam um bebê pelo palácio.

— Pela sua cara, a votação não foi boa, não é? — Ela fala preocupada.

— Eu te amo muito, sabia? Desde que eu te vi naquele embrulho, com esses cabelos de fogo, toda manhosa no colo do papai.

— Eu também te amo, irmão, não poderia ter um irmão melhor do que você, Hector.

Lentamente, fui contando para Charlotte tudo que aconteceu no parlamento. O fato de a imprensa estar crucificando Liana, e da nossa população a odiar, e como não desejo que meus filhos sejam tratados de maneira inferior apenas por serem meus filhos ilegítimos. Por fim, tomei a minha decisão e, quando a se conversa se encerrou, tanto Charlotte quanto eu estávamos abraçados e chorando um junto ao outro.

— É a melhor decisão a ser tomada no meio dessa crise.

— Eu estou com medo, Hector.

— Não tenha medo, você é uma Ortega. — Falo sorrindo.

Charlotte me deixou sozinho em meu gabinete, mas não demorou muito para meu pai chegar, e mamãe o acompanhar na invasão do meu escritório. contei aos dois sobre a minha decisão e pude ver o quanto isso os feria. Mamãe foi amparada por meu pai, que só me disse para pensar bem no que eu estava fazendo. Troquei de roupa, vestindo um uniforme militar e o manto principal, que uso apenas em ocasiões solenes ou cerimônias reais. Pronto, olhei para o meu celular em busca de uma mensagem de Liana, mas não havia nenhuma. Saí do meu quarto, indo até a grande sacada, onde já foram feitos inúmeros discursos que ficaram marcados na história do meu país.

— O seu discurso já está pronto, senhor.

A assessora de imprensa da coroa diz e me acompanha, junto com meus secretários e Pablo, meu chefe da segurança. Caminhei até o microfone e fui recebido pelo povo com gritos de viva ao Rei.

Um cumprimento bem diferente do que Liana vem tendo. Após uma pausa olhando para todos, guardo o discurso que a assessoria fez e decido fazer o que meu coração diz. A escolha certa.

— Por toda minha vida eu fui treinado e ensinado a amar a minha pátria. A lutar por vocês, a pensar no meu povo acima de tudo. Esse era o verdadeiro dever da coroa.

Nestes três anos, cumpri o meu dever, o tenho cumprido dia e noite, trabalhando infatigavelmente, sem prevenções, nem rancores. Mas meus esforços não são o bastante, quando o meu povo não confia em mim, em meus julgamentos e em meus valores. A Espanha crucificou uma mulher inocente, uma espanhola, nascida e criada nesta terra. Uma mulher que teve uma vida terrível, cheia de tormenta e dores.

Vejo os olhares de choque das pessoas olhando para mim.

— Sim, Liana Castela, a mulher que eu amo, aquela que passou quatro anos da sua vida presa, e presa injustamente. Liana Castela não é uma assassina, é apenas uma vítima de uma fatalidade, que foi a morte da princesa Melissa. Todos ficam chocados com minhas revelações. Porém, não me espanto e continuo meu discurso, até chegar ao fim. — Liana Castela é a mãe dos meus filhos, Elijah e Eliott. Uma mulher que não merece o desprezo de vocês e sim sua compaixão. Eu nunca medi esforços para conduzir esta nação. Hoje à tarde o parlamento espanhol tomou uma decisão, decisão que afeta diretamente a vida dos meus filhos, meus herdeiros. Decisão com a qual eu não concordo e, pensando no bem da minha família, farei o que é certo.

Dito isso, eu Hector Carlos VI de Ortega, tomo aqui a minha decisão e afirmo a todos que desejo uma Espanha justa para todos os espanhóis. Frente a todo o povo da minha amada Nação, venho por meio deste pronunciamento dizer que eu, Hector Carlos VI de Ortega, abdicó.



CAPÍTULO 33

O FIM DA MALDIÇÃO

“Um grande amor o vento não leva, a distância não separa e nenhuma maldição o destrói.”

Liana

Depois da conversa com Inês, onde ela me fez enxergar que eu mesma estava estragando a minha felicidade, eu percebi que não poderia deixar o homem que amo escapar assim.

Escolhi um vestido maravilhoso, que Karina me convenceu a comprar. Deixei meus cabelos soltos, como sei que ele gosta. E fiz uma maquiagem delicada, mas marcante. Assim que estava pronta, encontrei com Inês e os meninos na sala, os dois já estavam devidamente arrumados.

— Ema, chama as duas empregadas e prepara as minhas malas e dos meninos. Vou mandar um segurança vir buscar mais tarde, e você também

vai com eles. Se Deus quiser, hoje mesmo estaremos nos mudando para o Palácio Real. — Digo esperançosa.

Meus seguranças fizeram a escolta na saída da minha casa. E eu fui dirigindo meu carro, Inês junto comigo, no banco de trás com os meus príncipes.

O percurso foi o mais longo da minha vida e, quando enfim chegamos em frente ao palácio, tive um pouco de dificuldade para entrar. Devido à multidão de pessoas que se aglomeravam em frente ao prédio. Deixei o carro na entrada lateral e, com ajuda de um guarda, consegui passar despercebida pelas pessoas que lá se encontravam. Inês pegou os meninos nos braços, enquanto eu corri para dentro do palácio, ansiosa para falar com Hector e dizer a ele que sou uma idiota, que o amo e que estarei ao lado dele contra tudo e contra todos. Que não me importo com o que a imprensa diga ao meu respeito, e que irei ser forte e lutar por nós dois.

— Onde o rei está? — Pergunto a um guarda, e o reconheço como sendo o mesmo que me barrou da primeira vez.

— Na sacada do salão do rei. — Fala indicando o caminho e eu não perco tempo, o acompanho apressadamente.

Assim que subo os dois lances de escada, vejo um salão adornado que abriga várias obras de arte, e vejo que há muitas pessoas no cômodo. Entre essas pessoas Letícia, que está sentada ao lado de Felipe, chorando.

— O que aconteceu, onde está Hector? — Pergunto com um nó na garganta.

— Ele... ele... meu filho vai abdicar ao trono.

— O quê? Como assim, abdicar? — Pergunto aflita.

— Ele está abdicando ao trono, por amor a você e a seus filhos. — Felipe diz sério e eu não o espero dizer mais nada. Avanço em direção às portas duplas, que estão fechadas, e é onde imagino ser a sacada. Abro a porta de uma vez, batendo-a contra a parede e ouvindo Hector dizer:

— Frente a todo o povo da minha amada Nação, venho por meio deste pronunciamento dizer que eu, Hector Carlos VI de Ortega, abdicó.

Todos, incluindo Hector, olham para mim assustados pela invasão no meio do discurso. E, com uma coragem que não sabia que tinha, me aproximei dele, respirando fundo. Hector se afastou do microfone confuso. Parei em frente a ele e segurei suas mãos com a minha mão direita, onde o anel repousa, olhando profundamente em seus olhos.

— Eu amo você, Hector Carlos VI de Ortega. — Digo segurando suas

mãos e o puxando para perto do microfone. Posso ver uma multidão de pessoas nos observando, assim como a feroz imprensa, que dispara registrando o momento com várias fotos.

— O que vai fazer? — ele pergunta assim que fico em frente ao microfone.

— Lutar por você, amor — falo baixo, olhando firme em seus olhos, tentando passar por eles todo o amor que sinto.

— Boa tarde a todos, meu nome é Liana Alvarez Castela. Muitos já devem me conhecer pelo que saiu na mídia a meu respeito, entretanto poucos sabem da minha história. Estou hoje aqui, diante de todos vocês, por amor a este homem que está ao meu lado. E irei agora contar o que realmente aconteceu. — Digo respirando fundo e sinto Hector colocar um braço ao meu redor, me dando apoio.

— Eu era órfã e fui adotada quando tinha sete anos de idade, por um casal que me amou muito. Todavia, ao sair do orfanato, senti muita falta de uma amiga que fiz lá dentro, e acabei convencendo meus pais a adotarem Elisabeth. Liz, que era minha melhor amiga, se tornou minha irmã. Na infância, ela foi diagnosticada com psicopatia infantil. Meus pais tentaram esconder sua doença e seguir uma vida normal, porém isso não foi possível. Com apenas dezesseis anos, ela armou o assassinato dos nossos pais adotivos, e logo em seguida me trancou em uma espécie de jaula, no porão de nossa residência. Por seis meses, passei fome, frio, e fui torturada e molestada. — Faço uma breve pausa para respirar e tomar coragem. — Quando por fim eu consegui escapar, entrei no carro da minha mãe e fugi, sendo seguida pela minha irmã e seu comparsa. Mas os freios do veículo estavam cortados e, por estar acima da velocidade permitida, não consegui frear e acabei atropelando Melissa Ortega. Eu fugi, com medo deles, e me arrependo amargamente por isso. Com apenas dezessete anos, eu fui condenada a quatro anos de prisão em regime fechado. Eu tinha tanto medo da minha irmã, e sentia tanta culpa pelo que fiz, que preferi a prisão a viver aqui fora e ela me encontrar. Aceitei minha sentença calada, sem nunca revelar o motivo que me levou ao acidente. Aceitei ser julgada pelas pessoas, como estou sendo agora, por medo dela. — Respiro fundo e continuo.

— Quando enfim recebi a minha liberdade, fui trabalhar em uma fazenda, longe de Toledo, onde eu vivia. Andaluzia parecia um refúgio perfeito para me manter escondida da minha irmã. Foi lá que conheci Hector, que estava de férias com o duque de Aragão. Eu não sabia quem ele era e não

demorou muito para que nós nos apaixonássemos de maneira intensa. Em um ato precipitado, nós dois nos casamos.

Assim que falei isso, pude ouvir os murmúrios da multidão.

— Sim, nós nos casamos no civil naquela fazenda, portanto Elijah e Eliott são seus filhos legítimos, gerados dentro do sagrado casamento. — Falo e noto que Hector fica tenso, e que a população fica chocada. — Porém, logo que descobri que estava grávida, também descobri que Hector era o rei da Espanha, e não só isso, mas que ele era o marido de Melissa Ortega. Hoje sei que o que fiz foi imaturo e irresponsável, mas eu fugi. E, meses depois, me dei conta de que não poderia privar meus filhos de conviver com o pai e voltei à Espanha, para tentar recomeçar a minha vida e realizar o meu sonho de ter uma escola de balé para crianças carentes das periferias espanholas. Assim como reconquistar o amor do meu marido. — Digo sorrindo para o Hector.

— Espero que tenha deixado clara toda a nossa história. O povo espanhol é compreensivo e caloroso, e tem uma imensa compaixão. Tudo que peço é que Elijah e Eliott sejam aceitos e amados por todos vocês, como os príncipes herdeiros que são. Hector e eu, juntos, estamos aqui diante de vocês para contar nossa história e renunciar, isso mesmo, renunciar a toda maldade, mentira e ódio.

Termino meu discurso ouvindo aplausos e gritos da população. Felipe aparece ao meu lado segurando Elijah, mostrando ao público o futuro rei da Espanha, e ao lado de Hector está Letícia, com Eliott. Ouvimos gritos eufóricos de “viva a coroa espanhola!”, “Viva o rei e viva os príncipes da Espanha!”. Nos despedimos da população e Hector encerra o discurso, agradecendo a todos por estarem ali. Quando voltamos para o salão do rei, todos saíram da sala, nos deixando sozinhos, inclusive Letícia e Felipe, que levaram as crianças. Hector se mantinha distante e de costas para mim. Confesso que estava com medo de ter feito errado em falar daquele jeito.

— Por que fez aquilo, Liana? Foi por Elijah, para assegurar o direito do nosso filho? — Ele questiona se virando para mim.

— Não! Não foi por meus filhos, e sim por você, Hector. — Digo caminhando em sua direção e parando a sua frente. — Eu fiz isso por você, porque eu te amo, e não posso deixar que abra mão do seu povo, do seu dever, por mim. — Digo sendo sincera.

— Você ainda me ama? — Ele questiona levantando meu rosto para o seu.

— É claro que te amo, nunca deixei de te amar. Só fui teimosa demais, por estar muito ferida. Mas eu juro que não voltarei a cometer esse erro. É claro, se você ainda me quiser. — Digo nervosa e sou surpreendida por seus lábios devorando os meus.

— Eu nunca vou deixar de te querer. Eu sou seu, assim como você é toda minha — fala e me ergue em seus braços, aprofundando nosso beijo. Quando já estávamos sem fôlego paramos o beijo, mas eu ainda estava em seus braços.

— Vamos deixar o passado para trás e ser felizes juntos.

— É tudo que eu mais quero, meu amor. — Fala e volta a me beijar.

O beijo que começou calmo foi se transformando em fogo puro. Hector e eu passamos pela sala onde estávamos e fomos andando de mãos dadas por um imenso corredor. No meio do caminho ele me agarrou, me encaixando em seu colo e me beijando com loucura. E foi assim que subimos os degraus da escada, nos agarrando pelos corredores do palácio, e eu torcendo para que ninguém nos visse. Eu nunca tinha estado nessa área do palácio e imaginei que deveria ser reservada ao rei. Hector abriu uma porta ornamentada, com os pés, sem desgrudar seus lábios do meu pescoço. Meu corpo todo está arrepiado, seu toque me deixa louca de tesão. Eu mal tive tempo de reparar no quarto, pois fui jogada na imensa cama, que aposto que acomodaria umas seis pessoas.

— Você não tem ideia do poder que tem sobre mim. Nunca mais vamos nos separar. — Fala se desfazendo das roupas; eu apenas fico sobre os cotovelos, admirando o meu rei se despedindo para mim.

— Eu não sei como você fica mais bonito, se vestido como rei, ou completamente nu. — Falo sedenta para sentir o centro real em ação mais uma vez.

Hector sorri e eu quase chego ao orgasmo, apenas assistindo ele se tocar. Não me faço de rogada e vou logo tirando o vestido, ficando apenas de calcinha na sua frente.

— Você sabe que não vai sair deste quarto pelos próximos três dias, para aprender a não me provocar, sua safada!?

— Bom saber, Majestade, mas você vai ter que me manter bem entretida por todo esse tempo. — Digo e ele vem como uma fera feroz até a cama e rasga o tecido fino da minha calcinha, com um sorriso travesso no rosto.

— Você é a mulher mais linda que já vi! Perfeita, e toda minha.

— E você é todo meu, Majestade, só meu. — Digo puxando-o para um beijo lento de saudade, de pura paixão.

Giro, ficando por cima dele e puxo seu pescoço, aprofundando ainda mais nosso beijo. Então me afasto e começo a beijar seu rosto, peito e abdômen trincado, até chegar ao seu cetro, que está duro e pingando, tamanha a sua excitação. Toco-o com minhas mãos, quase não conseguindo fechá-las pela grossura. Acaricio lentamente, olhando em seus olhos. Passo a ponta da língua por toda a extensão, e logo vou acariciando com meus lábios. Hector geme alto e isso me incentiva a ir além; abocanho e tento levar ele mais fundo na minha garganta, fazendo um vai e vem rápido e, com as mãos, trabalhando no que não cabe em minha boca. Sinto ele pegando meu cabelo e fazendo um rabo de cavalo, acelerando os golpes. Sinto seu pau ficando mais grosso e as veias incharem. Aperto minha boca como se o tivesse ordenhando e por fim o ouço rugir e gozar forte em minha garganta; eu bebo todo seu prazer, sentindo meu corpo latejar ainda mais.

— Você ainda me mata, safada.

— Você merece, Majestade. — Falo limpando uma gota que escorreu.

Hector me puxa, girando-me para que fique sob ele; suas mãos percorrem meu corpo em uma carícia que mais parece uma tortura, tudo que eu quero é seu pau dentro de mim.

— Essa bocetinha está sedenta por mim, amor? — Pergunta, mordendo minha orelha enquanto dois dedos fazem movimentos de vai e vem dentro de mim.

Hector não se demora e ataca minha boceta com sua boca gostosa, torturando meu clitóris, com dois dedos dentro de mim, enquanto acelera os movimentos circulares com sua língua, subindo e descendo. Sinto-me na beira de um precipício, o orgasmo me atinge com força, me deixando lânguida, com as pernas mole.

— Ainda não acabamos, amor, estou só começando. — Aponta para seu pau duro.

Não penso em mais nada quando sinto ele meter de forma bruta dentro de mim, gemo sentindo seu pau me alargando. Nossos corpos se encaixam de maneira perfeita, e a intensidade dos seus golpes me deixa louca; o som dos nossos corpos se chocando preenche o quarto.

— Oh, meu Deus! Hector não para!! — Digo quando ele chupa meus seios, mordendo o biquinho e assoprando em seguida.

Hector acelera os movimentos, puxando seus cabelos, e me beija com

força, fazendo nossas línguas se chocarem em um beijo alucinante.

Olhando em seus olhos, vi que não posso ficar sem esse homem. Hector para o beijo e desliza seus lábios pelo meu pescoço, chupando minha pele e beijando todo o caminho até meu colo. Estremeço e grito seu nome, sem conseguir me controlar quando o segundo orgasmo me atinge. Nem tive tempo para me recuperar. Hector me posiciona de quatro e pude senti-lo inteiro deslizando dentro de mim. Senti o primeiro tapa forte na minha bunda e todo meu corpo entra em combustão.

— Te amo, *mi diosa, me dejas loco*. — Diz e acelera as arremetidas, e ouço suas bolas batendo em mim, enquanto eu seguro nos lençóis para não cair.

Hector puxa meu cabelo, que já está molhados de suor, inclinando meu pescoço para ele, mordendo meus lábios de leve. Senti-lo dentro de mim era indescritível.

— Se toca, amor, quero você gozando comigo. — Diz rouco, me deixando cheia de tesão.

Com a mão livre, massageio meu clitóris. Não aguento e grito alto de prazer enquanto ele soca seu cetro em mim por trás. Tremo arrepiada com mais um orgasmo devastador e logo em seguida ele goza também, me enchendo com seu gozo. Desabamos na cama abraçados, sentindo o som dos nossos corações acelerados.

— Ainda não posso acreditar que você está aqui. — Ele fala olhando em meu rosto como se quisesse confirmar que é real.

— Você me perdoa, por ser tão teimosa?

— Não tenho motivos para te perdoar. Nós dois erramos, mas no fim o nosso amor superou a mágoa, o rancor e o ódio, e de agora em diante seremos felizes juntos.

Ele se levanta e caminha até suas roupas caídas no chão; eu fico admirando a vista da sua bunda sexy, enquanto ele pega algo dentro do paletó.

— Talvez esse não seja o melhor pedido do mundo, mas... — Abre o estojo onde vejo o meu colar de diamante azul, e me lembro do significado especial que tem para mim.

— Olho para nossa história e é como se ela tivesse saído de um livro cheio de drama, amor e paixão. Tudo foi acontecendo de maneira tão intensa e dolorosa. O destino nos uniu, em meio a tanto sofrimento, dor e ódio. Mas o amor venceu todos os obstáculos. Você, Liana, com seu jeito meigo e doce,

me conquistou tão rápido, que me vi louco. Hoje venho humildemente lhe pedir, Liana Alvarez Castela, que seja minha para sempre. Aceita casar-se comigo? — Fala entregando o colar, e eu não consigo nem responder; apenas me jogo em cima dele, beijando-o apaixonada e digo várias e várias vezes:

— Sim, sim, sim...



CAPÍTULO FINAL



“A partir deste momento a vida começou. Ofereço as minhas mãos com todo o meu coração, porque é ao seu lado o meu lugar. A partir deste momento fui abençoada e vivo somente pela sua felicidade, e pelo seu amor daria o último suspiro. Você é a razão pela qual acredito no amor.”

Hector

Liana está dormindo em meus braços, nua e com os cabelos bagunçados, sobre os lençóis brancos de seda Mulberry. Não consegui dormir, mesmo depois de nos amarmos incontáveis vezes em cada canto desse quarto. A luz do sol entra pela janela, e lentamente vejo meu anjo abrindo os olhos, olhando para mim com um sorriso delicado no rosto.

— Faz tempo que acordou?

— Estava admirando a mulher mais linda que já vi.

— Hum, me elogiando assim vou ficar mal acostumada.

— Não me importo de mimar minha rainha, a dona do meu coração.

— Digo beijando seus cabelos que tanto amo. — É tão bom ter você dormindo em meus braços.

— Se depender de mim, esse será só o primeiro dia do resto das nossas vidas. Já mandei até Ema trazer as minhas malas e dos meninos.

— Você me faz o homem mais feliz desse mundo. Tudo que eu mais quero é você e nossos filhos ao meu lado. — Falo beijando todo seu rosto, arrancando risos dela.

— Sabe que horas são? Os pequenos devem estar famintos. — Ela diz se sentando e deixando o lençol escorregar pelo seu corpo, me deixando duro apenas com seu gesto.

— São quase dez da manhã, mas tenho certeza que as duas avós corujas devem estar mimando tanto os netos, que eles nem deram falta da gente. — Falo rindo.

— Vou tomar um banho, estou faminta, você roubou todas as minhas energias.

— Então vem comigo. — Falo pegando-a no colo e caminhando até o banheiro da suíte.

Liana ficar de boca aberta ao ver o tamanho do banheiro, e eu me divirto com seu olhar.

Coloco a banheira para encher, enquanto escovamos os dentes. É maravilhoso tê-la aqui fazendo as coisas mais triviais comigo. Coloco sais no banho e ajudo-a a entrar, a sentando entre as minhas pernas.

— Isso está uma delícia. — Fala gemendo ao sentir a água quente.

— Não me provoca, sua safada. — Falo mordendo sua orelha e ela sorri, se virando para mim.

— A culpa é sua que me deixa viciada nesse cetro real.

— Agora meu pau tem nome? — Digo olhando para o meu amigão que já está pronto.

— O que posso fazer, se ele se parece um cetro? — Fala tocando meu pau, fazendo movimentos de vai e vem.

Liana lentamente começa a me masturbar, deixando-me louco de desejo.

— Você gosta de provocar — digo jogando a cabeça para trás e gemendo com seu toque.

Levo minhas mãos até sua bocetinha, colocando dois dedos e sentindo

que ela já está molhada.

— Vem aqui, sua safada, vem! — Falo puxando-a para um beijo quente, fazendo com que ela fique inclinada. — Encosta sua bocetinha na minha boca, vem!

Liana não se faz de rogada e faz o que peço, ficando de pé, com a boceta na minha cara. Começo a passar a ponta da minha língua por toda sua boceta, de baixo para cima, torturando ela, que rebola. Uso as mãos para espalmar sua bunda, deixando-a arreganhada no meu rosto.

— Não para, eu vou gozar. — Fala tremendo toda enquanto eu chupo seu clítoris.

— Que delícia — falo chupando todo seu gozo — Senta no meu pau, senta! — Digo virando-a de costas para mim.

Lentamente ela foi se encaixando em mim. Pude sentir meu pau sendo esmagado por sua bocetinha apertada. Minhas mãos vão para seus seios, apertando os biquinhos. A água da banheira pula para fora enquanto Liana sobe e desce no meu pau.

— Ai! Ai! — Geme quando dou um tapa em sua bunda gostosa.

Puxo seus cabelos em um rabo de cavalo apertado em meu punho, e ajudo-a a descer com força. Ela forçava a cabeça para trás para me beijar, para me morder, enquanto minha outra mão deslizava por seus seios cheios e descia pela sua barriga e suas coxas, até chegar em sua boceta, que engolia meu pau. Sem pressa, toco seu clítoris inchado, sem parar de meter, fazendo com que ela goze instantaneamente. Viro Liana para mim, olhando em seus olhos repletos de paixão, e a ergo em meus braços.

— Você ama me pegar no colo. — Fala ela chupando meu pescoço.

— Por mim você nunca mais sairia dos meus braços. — Falo saindo com ela da banheira, e colocando-a de pé contra a parede do box do chuveiro. Entro em sua boceta de uma vez, a fazendo gritar. Olhando um nos olhos do outro, fui metendo, fazendo com que seu corpo se chocasse contra a parede, sentindo o quanto aquilo era mágico e estonteante.

Liana grita, arranhando meu ombro; a seguro com força e estoco de forma feroz, sentindo-a estremecer e encharcar meu pau com seu gozo. Meu corpo inteiro se arrepia; olhar para seus lábios carnudos entreabertos foi um convite que não pude recusar, e novamente a beijei apaixonadamente, gozando forte, sentindo todo meu corpo tensionar pelo orgasmo intenso. Terminamos o banho no chuveiro mesmo, entre beijos e carícias. Enrolamos um ao outro em um robe macio.

— Hoje você judiou um pouquinho! — Fala bem baixinho e eu sorrio olhando para sua bunda.

— Não é culpa minha, se você me enlouquece. — Falo entrando no closet e escolhendo uma roupa mais casual, enquanto Liana veste o mesmo vestido de ontem.

Saímos de mãos dadas do quarto, indo direto para o jardim leste, onde o café da manhã é servido. De longe, já vemos Inês, Charlotte, meus pais, e nossos filhos nas cadeirinhas, em volta da mesa farta no jardim. Estranhamente Inês e Leticia estão se dando muito bem.

— Bom dia. — Diz Liana cumprimentado todos.

— Bom dia, querida, pensei que não iam acordar antes do meio-dia. — Diz minha mãe Inês com um sorriso provocador.

Liana cora e beija os meninos, pegando os dois no colo. Puxo a cadeira para ela se sentar com os dois, e me sento ao seu lado, pegando Elijah, que dá o braço para mim.

— Bom dia, meu amor. — Falo beijando-o e ao irmão.

— Eles deram trabalho para dormir? — Pergunta Liana.

— São uns anjinhos, não deram trabalhado nenhum e dormiram a noite toda. — Fala meu pai, encantado com os netos.

— Inês, antes de mais nada, eu quero agradecer pelo que fez ontem, trazendo Liana para mim. Obrigado, mãe. — Falo pegando sua mão, grato por tudo que ela fez para que eu e Liana estivéssemos bem hoje.

— Tudo que quero é sua felicidade, meu filho. — Diz emocionada.

— Bem, agora que estamos juntos e felizes, temos muita coisa para resolver. — Falo pensando na repercussão do pronunciamento de ontem.

— Estávamos falando sobre isso antes de vocês chegarem. — Diz Inês servindo seu chá.

— Inês deu uma ideia que achei pertinente. — Fala mamãe.

— Devemos fazer uma festa aqui no palácio e convidar todos os lordes que votaram contra a legitimação dos bebês, e de Elijah como herdeiro. — Diz Inês.

— Para que convidar essas pessoas, se está claro que eles me odeiam, assim como a meus filhos? — Questiona Liana tensa.

— Exatamente por isso. Você será a rainha. Elijah e Eliott são os herdeiros. Faça o jantar e mostre a todos esses lordes de merda que está acima deles. Nunca demonstre fraqueza ao inimigo.

— Também precisamos preparar os documentos que provem que

vocês se casaram no civil ainda na fazenda. — Fala meu pai, lembrando que foi exatamente isso que ele fez para me legitimar como filho.

— Os documentos terão que ser forjados. — Fala Liana e eu seguro sua mão, dando-lhe segurança.

— Nada que eu não possa resolver. Também precisamos marcar a data do casamento verdadeiro na igreja. — Falo beijando a mão de Liana, onde seu anel está.

— Perfeito. Isso será ótimo para encerrar qualquer escândalo. E marcamos a coroação para o mesmo dia. — Diz meu pai.

— A partir de agora, Liana, você vai precisar estar envolvida em todos os eventos da coroa. Provavelmente que terá que dar entrevistas para a imprensa, também. — Fala mamãe, deixando Liana apreensiva.

— Não se preocupe, meu amor, eu estarei sempre ao seu lado.

— Eu não me importo, Letícia, desde que possamos manter os meninos longe de toda essa exposição.

— Deixa isso comigo. — Fala mamãe animada.

— Então temos uma coroação e um casamento para preparar.

Liana

Três dias se passaram e posso dizer que estou vivendo um conto de fadas, junto com o meu rei, meu amor. Hector e eu estamos mais unidos do que nunca. Mesmo com a agenda lotada, nós dois não aguentamos ficar muito tempo longe um do outro.

Minhas coisas já estão no nosso quarto, e toda ala norte foi redecorada para os meninos. Hector mandou preparar antes mesmo de estarmos juntos, e não tem como não amar cada detalhe do quarto dos meus príncipes. Nossas noites são intensas, regadas a amor e paixão, nunca me sinto saciada dele. Hector me mantém viciada nele. Desde meu pronunciamento tudo mudou. A imprensa foi atrás de funcionários da fazenda de Afonso para confirmar minha história. O laudo médico da minha irmã foi vazado, e não se fala em outra coisa em toda Espanha. De um lado, apoiadores da minha coroação promovem o fato de eu ser a primeira rainha negra da Espanha. Por outro

lado, os mais conservadores não aceitam o fato de uma rainha com um passado como o meu. Mas nada disso importa, o fato é que ninguém irá atrapalhar minha felicidade.

Saio do banho e, enrolada num robe branco, encontro Hector já pronto para o evento de hoje à noite.

— Você está tão bonito que por mim nem sairíamos deste quarto — digo babando nele, que veste um smoking azul marinho, com seus cabelos penteados para trás.

— Não me provoque, safada, não podemos nos atrasar — fala vindo até mim e me roubando um beijo quente. Antes que possa aprofundar o beijo, batem na porta e já até imagino quem deva ser. Me separo de Hector e recebo uma multidão em meu quarto. Charlotte, dois cabeleireiros e um maquiador, assim como Magrit Varela, estilista famosa espanhola, que ficou responsável pelo vestido que eu usaria esta noite, assim como por meu vestido de noiva.

— É melhor eu ir, vejo que está em boas mãos. Vou ver como os meninos estão e te encontro lá embaixo — diz beijando meu rosto e partindo.

— Venha, Lia, temos muito a fazer e pouco tempo. Logo os convidados estarão todos aqui. — Fala Charlotte me sentando em frente a uma grande penteadeira de ouro incrustada com pedras de diferentes cores.



Duas horas depois, me olhei no espelho e não acreditei no resultado que estava vendo. O vestido se encaixou perfeitamente em meu corpo; minha maquiagem ressaltava meu tom de pele, e os cabelos presos no alto, deixava meu decote mais profundo.

— Você está maravilhosa. — Diz Magret sorrindo para mim.

Batem na porta do quarto e imagino ser Hector, porém ao Charlotte abrir, eu vejo meu pai entrando no quarto.

— Não sabia que vinha. — Falo abraçando-o emocionada.

— Seu irmão e eu decidimos vir mais cedo, não quero perder mais tempo longe da minha filha. Você está linda, querida. — Fala emocionado.

— Não chora, senão vou acabar chorando também.

— Hector é um homem de sorte por ter você.

— Eu também sou. — Digo rindo.

— Eu trouxe algo especial para que use hoje. Era da sua mãe e tenho certeza que ela ia amar vê-la usando. — Fala abrindo um estojo de joias e posso ver um belo conjunto com brincos de esmeraldas e um colar de diamantes com uma esmeralda no centro.

— São lindos — falo tocando as joias, feliz por ter algo dela nesse momento. — Coloca para mim. — Digo e ele abre o fecho do colar e o coloca em meu pescoço, enquanto coloco os brincos, sorrindo olhando no espelho.

— Ficou perfeito, minha filha está maravilhosa, como uma rainha deve ser. — Fala limpando as lágrimas com um lenço.

— Você me acompanha? — Digo ao meu pai, me despedindo da equipe de beleza e da estilista.

— Hector deve estar nervoso te esperando. Mamãe parece uma surtada hoje, correndo de um lado para o outro, para que tudo dê certo nesse jantar. — Diz Charlotte nos acompanhando até o corredor que leva à escadaria.

No topo da escada pude ver Hector, e caminhamos juntos até ele.

— Você está maravilhosa, meu amor. — Diz beijando meus lábios.

— Já estão todos aqui? — Pergunto assim que caminhamos em direção à Sala de Refeições de Gala, onde tudo foi preparado para esta noite.

— Sim, Alexandra e o pai também já estão aqui.

— É claro que mamãe fez questão de mandar o convite para ela, só para ver a cara da inimiga cair de raiva. — Fala Charlotte debochando.

— Não se preocupe, ele não ousará dizer nada contra você, não depois dos socos que levou no parlamento. — Fala Hector segurando meu braço.

Papai nos deixou em frente à grande porta dourada, entrando no salão e caminhando até o lugar reservado que Letícia separou para minha família. De onde estamos, vejo Letícia em um belíssimo vestindo rose ao lado de Felipe.

— Onde está Inês? — Pergunto procurando por ela.

— Ela está lá dentro, junto com seu irmão Lucca e suas amigas. — Fala Felipe.

— Afonso e Alessia também já chegaram. — Fala Hector, me passando confiança.

A grande porta se abre e ouvimos a orquestra começar a tocar. Primeiro entram Letícia e Felipe, seguidos por Charlotte, e por último Hector e eu. Assim que vejo todas aquelas pessoas usando belíssimas roupas de gala e me olhando atentamente, sinto como se eu estivesse no lugar errado. Estremeço de nervosismo, mas não deixarei ninguém me amedrontar.

— Boa noite, sejam todos muito bem vindos ao jantar oferecido pela futura rainha, minha querida esposa, em homenagem aos nossos filhos, Infante Eliott e Príncipe Elijah, o herdeiro do trono espanhol. — Fala Hector no microfone com um sorriso triunfante.

Todos de pé olham para mim, enquanto levo minhas mãos ao microfone.

— Queridos amigos, membros do parlamento e convidados, espero que saibam o quão importante é a presença de vocês. E espero que apreciem esta noite tão importante para a minha família, noite de homenagear o Infante Eliott e o Príncipe herdeiro Elijah Castela de Ortega, o Príncipe das Astúrias. Que ensinaremos a amar, respeitar e servir ao reino da Espanha, de acordo com a Constituição e os valores familiares.

Encerro meu pequeno discurso ouvindo palmas. Hector segura minha mão e juntos descemos do pequeno palco montado para o discurso. Caminhamos até a mesa; todos se mantêm de pé e, apenas quando eu e Hector nos acomodamos, que faço sinal para que todos se sentem. Hector segura minha mão por baixo da mesa, me transmitindo segurança. Alexandra e seus pais estão bem afastados de nós, em um canto da mesa estrategicamente longe de todos os lordes importantes da câmara. Wenida está linda em um vestido brilhante. Surpreendo-me ao ver Karina e meu irmão sentados um ao lado do outro enquanto conversam animadamente. Alessia está deslumbrante com um vestido lilás e aquela barriguinha linda; Afonso ao seu lado. Surpreendo-me novamente ao ver Murilo de pé junto com Pablo, fazendo parte da segurança.

— Você não me disse que Murilo estava trabalhando no palácio. — Falo baixo, apenas para Hector ouvir.

— Ele passou no teste para as forças especiais, tem experiência. Já foi da Marinha e trabalhou como segurança para minha querida esposa; nada mais justo do que um cargo à altura. — Ele diz me deixando ainda mais apaixonada por ele.

— Obrigada, agradeço seu gesto. — Falo feliz, vendo Wenida

olhando para ele; e pela troca de olhares, hoje esses dois se acertam.



O prato principal é servido, enquanto eu tento conversar com quase todos os lordes e suas esposas, que parecem disputar a minha atenção. Quando enfim o jantar termina, fomos todos ao salão dourado da rainha, onde a orquestra sinfônica toca uma bela canção de Monet.

— Você está linda, querida. — Diz meu irmão, assim que se aproxima, junto ao nosso pai.

— Obrigada. Agradeço por terem vindo, é muito importante para mim estarem aqui.

— Estamos pensando seriamente em nos mudarmos para a Espanha e ficar mais perto de você e dos meus sobrinhos. Sem contar o fato que a Espanha é belíssima. — Diz ele olhando para Karina de maneira diferente. Algo me diz que vai sair um casamento aí.

Logo Alessia vem com Afonso nos cumprimentar.

— Quando meu afilhado nasce, hein? — questiona Hector para Afonso.

— Falta pouco, não vejo a hora de conhecer meu filho. — Diz Afonso todo orgulhoso.

— Ele fala como se ele quem estivesse grávido, parecendo que engoliu uma melancia. — Fala Alessia resmungando, eu não aguento e rio.

— Vocês realmente nasceram um para o outro. — Digo feliz por ver os dois tão bem.

Aos poucos, as pessoas vão indo embora. Cansada, peço licença a Hector e aos convidados que restam e vou ver como meus filhos estão.



Entro no quarto e sorrio vendo Ema vigiando o sono dos dois.

— Deram trabalho para dormir? — Pergunto colocando o cobertor sobre Eliott.

— Não muito, só Eliott que é o mais danadinho, e resmungou um pouco, mas estava cansado e logo dormiu.

Beijo ele e vou até o berço onde Elijah dorme tranquilamente. Acaricio o rostinho do meu anjinho e ele sorri em seu soninho. Me despeço de Ema e a deixo dormir tranquila no quarto anexo. Não sem antes confirmar que os dois guardas ficariam na porta e não deixariam ninguém entrar. Voltei pelo corredor indo em direção ao salão, porém fui surpreendida por Alexandra, com toda sua pose superior, à minha espera.

— Alexandra. — Falo com desgosto.

— Nunca imaginei que chegaria tão longe. — Ela fala me olhando dos pés à cabeça.

— A vida realmente acha um jeito de nos surpreender, não é? — Digo irônica.

— Você mentiu naquele discurso ridículo, e nós duas sabemos disso. Você pode estar vestida com as melhores roupas, mas não passa de uma empregadinha, e seu casamento nunca foi real.

— Está me acusando sem provas, senhorita Ortiz. Essa é uma acusação grave contra a coroa espanhola. Mas não levarei em conta sua ofensa, porque afinal deve ser difícil me ver ocupando o lugar que sempre quis e nunca vai ter. — Falo séria, olhando friamente para ela, vendo que há três guardas próximos a nós.

— Você chegou agora na monarquia e acha que sabe mais do que eu! Não deixarei que tome tudo que me pertence. Você jamais será rainha! Eu irei mostrar a todos que seu casamento é falso, vou provar que seus filhos são bastardos. Como dizem, conhecimento é poder, queridinha!

Sorrio diante da sua audácia e decido mostrar a ela com quem ela está lidando.

— Guardas!! — Falo em voz alta, chamando a atenção dos três guardas que vigiam o corredor. — Prendam-na, levem-na para o antigo calabouço. — Digo sorrindo e dois deles se aproximam, pegam firmemente Alexandra pelos braços, arrastando-a, que fica aterrorizada.

— Parem. Esperem! — Falo sorrindo, andando em sua direção — Mudei de ideia, podem soltá-la — digo debochando. — Acho que deixe claro quem tem o poder. Eu sou a futura rainha da Espanha, não ouse me ameaçar. A próxima vez que estiver em minha presença, faça o favor de se

curvar, pois é isso que fazem quando estão diante de uma rainha! — Falo friamente, deixando-a estática.

Alessia

Acordo no meio da noite sentindo um enorme desejo de tomar sorvete de pistache. Afonso estava deitado em um sono profundo, então decido levantar sem fazer barulho.

Caminho pela casa em direção à cozinha, pensando que faltam poucas semanas para o casamento real da minha amiga. E pensar que quando nos conhecemos éramos duas empregadas trabalhando em um vinhedo, e agora eu me tornei uma duquesa e Liana será a rainha da Espanha! O foco da imprensa agora é no casamento e coroação de Liana, mas semana retrasada foi o escândalo com o meu cunhado. Lorenzo fugiu para Las Vegas, onde se casou com Aline. O que fez a dona Laura quase morrer de desgosto, porque agora não é só um filho dela casado com uma plebeia, e sim os dois.

— Ei, garotão, você está agitado hoje, hein? — Digo conversando com meu filho, que chuta forte em minha barriga.

Abro o freezer em busca de um pote do sorvete. Assim que o encontro, pego uma colher na gaveta, retiro a tampa, sento na banquetta da ilha e gemo ao sentir o sabor doce e gelado do sorvete.

— Sabia que te encontraria aqui. — Fala Afonso entrando na cozinha.

— A culpa não é minha se seu filho está faminto.

— Deveria ter me acordado, que pegava para você, não precisava levantar da cama.

— Estou grávida e não invalida, posso andar pela minha própria casa. — Digo enchendo a colher de sorvete e levando à boca.

Afonso senta ao meu lado e acaricia minha barriga, e nessa hora sinto uma pontada forte; gemo me contorcendo de dor.

— O que tá sentindo, amor? — Pergunta Afonso ficando de pé assustado.

— Acho que não é nada, apenas uma pontada.

— Vou te levar para cama e você volta a descansar. — Ele fala me pegando no colo, me levando até nosso quarto, mas ao contrário do que eu

pensei, a dor não diminui, mas piora.

— Afonso, acho que nosso filho tá querendo nascer, é melhor me levar para o hospital! — Grito quando sinto mais uma pontada forte em meu ventre.

— Agora, ele vai nascer agora?! — Diz em pânico, ficando tão pálido que penso que ele vai desmaiar.

— Você não ouse desmaiar, seu desgraçado! Me engravidou e agora vai me ajudar a parir essa criança, que está me rasgando. — Digo gemendo de dor.

Depois disso, tudo passou em um borrão. Afonso gritava feito um louco, acordando todos os empregados, até parecia que era ele que estava sentindo a dor. Lorena acordou e nos ajudou a pegar as malas. Clara ficou animada em saber que logo seu sobrinho estaria em casa. Afonso me levou até o carro e nosso motorista dirigia até o hospital, enquanto ele tentava respirar fundo para não desmaiar.

— Calma, amor, vai passar. — Diz ele acariciando minhas costas.

— Vai passar um caralho! Noah vai ser filho único, eu estou sentindo como se estivesse sendo esfaqueada!! — Grito com a dor que parece me partir ao meio.

— Fica calma, tudo vai dar certo, você vai ver. — Diz ele me ajudando a sentar na cadeira de rodas, assim que chegamos ao hospital.

Rapidamente sou levada para dentro, Afonso vai junto para acompanhar o parto. Após um breve exame, sou levada para a sala de parto, já com cinco dedos de dilatação. Meu filho já estava encaixado e pronto para nascer. Sentia minhas costas se abrindo, e uma dor dilacerante.

— Você vai querer a epidural? — Pergunta a doutora.

— Da logo essa anestesia nela, pelo amor de Deus, não tá vendo o estado dela?! — Fala Afonso nervoso.

A médica anestesista chega e não demora a dar a injeção. Aguardamos a bolsa se romper e a minha dilatação ficar completa. Afonso a todo momento me dizia para ser forte e respirar fundo.

— Vamos lá, mãezinha, já está com a dilatação completa. Eu irei romper sua bolsa, e aí é só começar a fazer força. — Diz a médica com a maior calma do mundo.

— Vamos, amor. Vamos trazer nosso filho ao mundo. — Afonso diz me passando segurança.

A bolsa é rompida e logo sou compelida a fazer força.

—Vamos lá, Alessia, você consegue. Faz força.

— Ah!! — Grito forte, fazendo muita força.

— Mais uma vez, vamos lá; ele já está coroando.

Seguro a mão de Afonso e faço força com tudo, e então sinto a médica puxando-o de dentro de mim. Ouço seu choro fraquinho e não aguento, deixo as lágrimas transbordarem de emoção.

— Ele é lindo, amor. — Diz Afonso, cortando o cordão umbilical, e chorando como eu ao ver nosso pequeno.

A doutora o enrola em uma manta e o coloca em meus braços. Eu olho para essa coisinha tão pequena e sinto um sentimento inexplicável, um amor inigualável.

— Como ele é lindo. — Falo tocando seus cabelos negros, e ele abre os olhos para mim; vejo que são azuis, tão azuis como os do pai.

Afonso sorri emocionado, beijando meu rosto:

— Ele é perfeito. Obrigado por me fazer o homem mais feliz desse mundo.

— Você também me fez a mulher mais feliz desse mundo. Eu amo você. Agora somos uma família completa.

Verônica

Jade dorme tranquila no bebê conforto, enquanto Safira, Cristal e Arthur, que já estão com seis anos, jogam em seus tablets. Às vezes nem acredito como o tempo passou voando. O jatinho pousa e sinto os braços de Arturo me rodeando.

— No que tanto pensa, minha rainha? — Fala me fazendo virar.

— Estou ansiosa para conhecer Liana e os gêmeos, espero nos darmos bem. Afinal, ela é parte da família de agora para frente.

— Tem razão. Ainda não acredito que o sapo conseguiu que a morena o perdoasse. — Fala debochando e eu acerto um tapa em seu braço.

— Olha quem fala, senhor Cartier. — Digo rindo e ele pega o bebê conforto de Jade, a levando para a saída do jatinho, enquanto eu e Dulce ajudamos os trigêmeos.

Martim desce segurando Ethan no colo, de mãos dadas com Sarah, que já está uma moça. Paloma vem logo depois da filha. Guilherme, Alice e a pequena Luna vão à frente junto com Arturo, e por fim todos descemos, indo para a limusine que nos aguarda no aeroporto. No caminho, fomos conversando sobre o quanto Hector sofreu, com toda essa história de ódio e perdão.

— Ele está tão feliz que em nada lembra o cara amargurado que foi.
— Diz Guilherme.

— Mamãe falou que Hector parece um bobo de tão apaixonado, e que Liana é uma mulher a sua altura. Olha que para dona Inês aceitar uma nora é raridade. — Fala Paloma e nessa hora tanto eu como Alice rimos, pensando o quanto foi difícil.

A limusine estaciona na entrada do palácio e, ainda do lado de fora, somos recebidos por Hector e Liana, assim como Inês, que está praticamente morando na Espanha, para o desagrado de seu namorado Eduardo.

— Sejam todos muito bem vindos. — Diz Liana sorrindo, e me lembro dela imediatamente, daquele dia, na loja de artigos para bebê.

— Eu sou Paloma, irmã desse bonitão aí — Fala Paloma cumprimentando Liana antes de todo mundo. — Este é Martim, meu marido, e aquela é Sarah, nossa filha, e o Ethan, meu caçula.

— Alice, prazer. Liana, ouvimos falar muito em você. — Fala Alice abraçando Liana.

— Bom, você deve lembrar-se de mim? — Diz Guilherme sorrindo para ela.

— Doutor Guilherme, ainda não acredito onde o destino nos levou.

— Pois é, mas me chame de Guilherme, nada de doutor, somos família agora. — Ele diz sorrindo e Liana acaricia o rosto da pequena Luna.

— Bem, eu sou Arturo Cartier, irmão do rei-sapo; lembro de você na loja de bebês que fui com minha mulher. — Fala Arturo.

— Tem razão, eu me lembro de vocês, e dessa princesinha aqui. — Fala acariciando os cabelos negros de Jade.

— É um prazer revê-la, Verônica. Ainda mais sabendo que faz parte da família — Ela diz timidamente; eu me aproximo e a abraço.

— Seja bem vinda à família, Liana, Hector é um homem de sorte.

Após as apresentações, fomos todos para dentro. Ao conhecer os trigêmeos, Liana ficou muito emocionada, ao lembrar do acidente, mas a tranquilizei, deixando claro que não carrego nenhuma mágoa por aquela

fatalidade. E que, no fim, tudo deu certo.

Contei para Hector que Amanda não pôde vir porque Eva esta doentinha, mas que mandou o presente de casamento, assim como um aviso que em breve estaria na Espanha para conhecer a morena que arrebatou o coração do amigo. Letícia e Felipe, assim como Inês, nos aguardavam com uma bela recepção. Elijah e Eliott são a coisas mais fofas que já vi, depois dos meus filhos, claro. Fiquei espantada com o quão parecidos eles são com Hector. Com a exceção dos cabelos, poderia dizer que são a cópia do pai. Os dois, com apenas dez meses, já estão começando a dar seus primeiros passos.

As crianças começaram a brincar entre si, enquanto nós, adultos, conversávamos sobre o casamento de amanhã, que seria seguido pela coroação da rainha.

— Se amanhã é o casamento, hoje você não pode ver a noiva. — Fala Alice.

— Você tá brincando, né?! Como eu não vou ver a noiva se dormimos juntos? — Fala Hector achando graça, mas o sorriso irônico de Paloma o faz engolir o riso rapidamente.

— Alice tem razão, Liana, pode dar azar. O melhor é Hector dormir em outro quarto e vocês só se verem amanhã, na hora da cerimônia.

— Nem morto, já estou acostumado a dormir e acordar com a minha mulher. Pode parar de graça, Paloma. — Fala Hector ficando de pé.

— Bem, te desafio a fazer essa mulher mudar de ideia. — Fala Martim rindo do cunhado.

— Talvez elas tenham razão, querido, é a tradição. — Fala Liana e Hector fica vermelho de raiva das irmãs.

— Para de ser frouxo, Hector, uma noite longe de Liana não vai te matar. — Arturo fala debochando.

— Fala isso, mas duvido que fosse gostar de dormir longe de Verônica. — Diz fazendo meu marido engolir em seco.

— Está resolvido, Hector. Depois do jantar, você só verá a noiva na igreja. — Paloma fala firme e Inês ri da cara que o filho faz.



O jantar foi servido e todos nós fomos nos sentando à mesa. A

refeição das crianças fora uma verdadeira bagunça; no fim, Dulce, Meire e Ema acompanharam eles para os quartos, antes que colocassem fogo no palácio.

— Vocês são uma família linda. Confesso que tive um pouco de receio de que não me aceitassem. — Diz Liana olhando para nós, os Cartier, quando já estamos todos reunidos em volta da grande sala de estar.

— Como não aceitar? Você faz o idiota do nosso irmão feliz, e isso é o que importa. — Fala Arturo, e todos nós concordamos.

— Eu vejo que o anel que desenhei ficou perfeito, espero que tenha gostado. — Falo reparando que ela usa a minha obra de arte.

— Hector me contou que você desenha, eu amei o anel.

— Sim, Verônica é talentosíssima, e está por trás das mais famosas coleções da Cartier. — Responde Arturo orgulhoso.

Letícia, Felipe, e Charlotte se retiram para dormir. Assim como Inês, que foi ligar para Eduardo, e se retirou para seu quarto.

Hector escolheu uma garrafa de champanhe Goût de Diamants especialmente para nós. O mordomo serve as taças e ficamos de pé para um brinde.

— Um brinde à família Cartier! — Fala Guilherme, abraçando Alice.

— Um brinde ao amor, que é maior que todas as dores! — Fala Arturo olhando para mim.

— Um brinde ao desejo, que continue sempre em nossas vidas! — Diz Paloma olhando nos olhos de Martim de maneira apaixonada.

— Um brinde ao perdão, pois graças a ele que pudemos encontrar a nossa felicidade! — Diz Hector emocionado.

Aproveito esse momento, em que estamos todos juntos, e peço para que um empregado tire uma foto de todos nós. A grande e intensa família Cartier.

Liana

Chegou o grande dia. Dormir sozinha não foi nem um pouco fácil,

quase fugi na calada da noite para ir ao quarto de Hector, mas confesso que o medo de encontrar Paloma de vigia me fez voltar para minha cama e me forçar a dormir. Sento-me na cama ansiosa, depois de uma maratona de entrevistas e eventos reais. Chegou o dia mais importante da minha vida: meu casamento com o homem da minha vida.

Alexandra até tentou, mas nunca conseguiu provar que o casamento na fazenda não foi real. Sem contar o fato de Hector ter tirado os títulos do pai dela, o rebaixando de cargo dentro do parlamento. Batem na porta e logo mando entrar. Letícia e Inês entram, junto com uma das empregadas, trazendo uma bandeja de café da manhã.

— Bom dia, querida, que bom que já acordou, temos um longo dia pela frente.

— Hector já acordou? — Pergunto.

— Sim, ele saiu com os irmãos e o cunhado, e vão se arrumar na casa de duque de Aragão. — Fala Inês.

— Os meninos já acordaram?

— Ainda não. Ema está no quarto deles, logo que acordarem peço para ela trazer eles para você vê-los. Agora tome seu café da manhã e vá tomar um banho.

— Estaremos te esperando na Ala da Rainha. O seu vestido já chegou e a equipe de profissionais de beleza também. — Fala Letícia.

Após comer e tomar banho, coloco um vestido simples, de mangas compridas, pois estamos em novembro e o inverno já está chegando. Não espero e vou direto para o quarto dos meus filhos para ficar um pouquinho que seja com eles. Encontro Elijah e Eliott acordados, tomando mamadeira, após o banho.

— Bom dia, meus amores. — Falo beijando Eliott e ouço Elijah resmungar.

— Mama, maiii.

— Oi, meu amor, você tá com ciúme, meu príncipe? — Digo enchendo-o de beijos, fazendo-o soltar várias gargalhadas.

— Eu tenho que ir, Ema, mais tarde leva eles para ficar um pouco comigo, antes da cerimônia. Você também precisa se arrumar, Kelly fica com eles pra você se preparar. — Falo sorrindo caminhando para a porta, e ela acena concordando.

Chegando à Ala da Rainha, encontro minhas cunhadas todas de robe

me esperando, assim como minhas amigas. A equipe já estava toda na espera, mais o que realmente me fez paralisar foi ver o meu vestido estendido em um manequim, me deixando totalmente encantada. Perfeito. Estilo princesa, incrustado de pérolas e brilhantes, com uma renda delicada na cauda. Um vestido maravilhoso, que deixou meu rosto cheio de lágrimas, ao me dar conta de que é real, que em algumas horas eu estarei casada com Hector.

— Ei, pode parar de chorar, hoje é um dia de alegria, nada de choro.
— Fala Wenida, me repreendendo.

Eu vejo que ela tem razão e limpo as lágrimas, sorrindo para elas. Estão todas aqui. Wenida, que graças a Deus, se acertou com Murilo. Alessia, que mesmo ainda de resguardo, não poderia deixar de ser minha madrinha. Karina, que está quase virando minha cunhada, já que ela e Lucca estão cada dia mais envolvidos. Estou cercada de pessoas que me amam e que querem o meu bem, minhas amigas e família.



As horas se passaram entre risadas, conversas animadas e champanhe. As meninas me fizeram até mostrar a lingerie que comprei para a noite de núpcias, me deixando super envergonhada. Minhas madrinhas já estavam todas prontas, assim como minhas cunhadas, todas lindas usando elegantes vestidos de festa. Letícia chega, usando um requintado vestido nude.

— Você está linda, querida; esse colar é magnífico. Combinou perfeitamente com seu vestido — ela fala se referindo ao diamante azul que está em meu pescoço.

— Obrigada, Letícia, você também está belíssima.

— Vamos, meninas, a limusine aguarda vocês! — Diz para as madrinhas, que se despedem de mim, indo para a catedral onde a cerimônia acontecerá.

Ema entra com os meninos, que estão vestindo um lindo conjunto social.

— Meu Deus, vocês estão as coisinhas mais lindas da mamãe! — Digo beijando os dois, que sorriem para mim.

— Nós vamos junto com as madrinhas, só passei para trazer eles para a senhora ver antes da cerimônia. — Fala Ema

— Obrigada, Ema, por cuidar tão bem dos meus príncipes.

— É uma honra, senhora.



Inês entra no quarto usando um vestido vermelho, belíssima.

— Você está linda, Liana. Faça meu filho muito feliz. — Ela diz sorrindo, mas sei bem que isso não é um pedido.

— Obrigada, Inês. Eu prometo que farei tudo para que Hector seja feliz.

As minhas duas sogras me ajudam a descer as grandes escadarias; lá embaixo vejo meu pai lindo, usando um belo terno preto, já emocionado ao me ver.

— Você parece uma princesa, digna de um conto de fadas. — Ele fala beijando minha testa.

— Eu sinto que estou vivendo um, pai. — Falo também emocionada.

— Sua mãe ficaria orgulhosa da mulher forte que se tornou. — Ele fala sorrindo e limpando o rosto, e me conduz à carruagem dourada.

Letícia entra no Mercedes junto com Felipe e Inês, enquanto eu e meu pai partimos na carruagem real.

No caminho, havia muitos guardas reais fardados nos seguindo, e uma segurança fortemente armada acompanhando de carro. Muita gente aguardava com ansiedade para assistir ao casamento do lado de fora da catedral, o evento seria televisionado.

A carruagem para em frente à grande Catedral de Santa Maria a Real de Almudena, e um dos guardas que conduziam a carruagem abre a porta para mim. Com cuidado para não tropeçar no vestido, desço segurando a mão dele, sendo recebida por uma chuva de flashes. Um tapete vermelho está estendido até a entrada. Papai se posiciona ao meu lado me oferecendo o braço, que eu seguro com firmeza e, mesmo com as pernas bambas, sorrio para a imprensa.

— Não me deixa cair, por favor. — Falo baixo, apenas para ele ouvir.

— Jamais, minha filha. — Diz sorrindo e continuamos caminhando pelo tapete vermelho, até a belíssima catedral histórica.

Vejo a decoração sofisticada, com flores azuis e brancas. Na porta, as damas de honra já se posicionam. Uma das organizadoras arruma meu vestido, deixando toda a cauda aberta, enquanto os fotógrafos continuam nos fotografando. A porta é aberta e então ouço o coral todo composto de crianças carentes cantando “Hallelujah”, canção de Leonard Cohen, acompanhando a belíssima voz da cantora Alexandra Burks.

Meus olhos encontram os de meu noivo e ficam presos nele durante toda a canção. A cada passo que dava, sentia meu coração acelerar.

O meu único e verdadeiro amor, Hector Carlos de VI Ortega.

Ele está belíssimo, usando um traje militar de gala com as insígnias reais da Espanha; a coroa dourada incrustada em pedras preciosas descansa em sua cabeça.

Um rei, o meu rei. Sorrio sem tirar os olhos dele, notando que a catedral está lotada. Toda a corte espanhola está aqui, assim como amigos e familiares. Vejo meus padrinhos, Wenida e Murilo, Alessia e Afonso, assim como Karina e Lucca. Do lado de Hector, Arturo e Verônica, Martim e Paloma, assim como Guilherme e Alice.

Mais três passos e paramos a sua frente, eu quase perco o fôlego.

— Cuida bem dela. — Diz meu pai, entregando minha mão a ele.

— Com a minha vida. — Hector diz e levanta meu véu e beija minha testa, suas mãos estavam trêmulas e frias, assim como as minhas.

— Você está maravilhosa, meu amor!

— Obrigada. Você também está lindo, meu rei.

Ajoelhamo-nos de frente ao altar e o arcebispo começa a falar no microfone.

— Sejam bem vindos à santa Casa de Deus. *Hic sumus omnes congregentur ad hanc celebrationem.* — Fala em latim. — Perdoar é a mais bela forma de amar. Perdoar sempre será a melhor escolha. Quem escolhe não perdoar carrega consigo mágoa e ressentimentos que só fazem mal para o coração. O amor e o perdão andam lado a lado, não existe um sem o outro. E, para firmar em sagrado matrimônio a união de duas almas que estão destinadas a ficar juntas, estamos aqui neste momento solene. Cristo vai abençoar o vosso amor, com infinita felicidade. Ele irá fortalecer-vos com a

graça e a sabedoria, para poderdes assumir o dever de mútua e perpétua fidelidade, se fordes obedientes e submissos à sua vontade. Hector Carlos VI de Ortega e Liana Alvarez Castela, viestes aqui para celebrar o vosso matrimônio. É de vossa livre vontade e de todo o coração que aceitam o santo matrimônio?

— Sim! — Dizemos juntos.

— Vós que seguis o caminho do matrimônio, estais decididos a amar-vos e a respeitar-vos, ao longo de toda a vossa vida, até que a morte vos separe?

— Sim! — Dizemos novamente, olhando um para o outro.

— Uma vez que é vosso propósito contrair o santo matrimônio, Hector e Liana, eu agora os convido para darem as mãos e proferirem seus votos, na presença de Deus e do povo.

— Eu, Hector Carlos VI de Ortega, recebo a ti, Liana Alvarez Castela, como minha legítima esposa a partir deste dia, no melhor e no pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amá-la e respeitá-la até que a morte nos separe, segundo a lei sagrada de Deus. Na presença de Deus, eu faço este voto. — Diz e uma lágrima escapa por seu rosto.

— Eu, Liana Alvarez Castela, recebo a ti, Hector Carlos VI de Ortega, como meu legítimo esposo a partir deste dia, no melhor e no pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amá-lo e respeitá-lo até que a morte nos separe, segundo a lei sagrada de Deus. Na presença de Deus, eu faço este voto.

Após isso, Charlotte aparece andando com as alianças nas mãos. Sorrio para ela, vendo o quanto está linda. O arcebispo benze as alianças, as consagrando, e entrega a Hector.

— Esta aliança é sinal de nosso casamento. Vou honrá-la com tudo o que eu sou. Entrego a você tudo o que eu tenho, compartilho com você, com o amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. — Diz Hector colocando o anel em meu dedo anelar e beijando em seguida. Pego a dele e digo, olhando em seus olhos:

— Esta aliança é sinal de nosso casamento. Vou honrá-lo com tudo o que eu sou. Entrego a você tudo o que eu tenho, compartilho com você, com o amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

— Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu não separe o homem. — Diz o arcebispo dando a bênção final —

Pode beijar a noiva!

Hector me puxa para ele e me beija de maneira apaixonada. Ouvimos todos batendo palmas e as lágrimas que segurava transbordam pelo meu rosto.

— Eu te amo, minha esposa.

— Eu te amo, meu marido.

Tiramos algumas fotos, em seguida os padrinhos deixam o altar. Hector veste o manto real vermelho e branco, e segura em sua mão o cetro real da Espanha.

O arcebispo conduz a cerimônia de coroação. Em latim, ele dizia palavras de bênçãos e dever à nova rainha, me reconhecendo como soberana de toda a Espanha. Em um gesto que ficará gravado para sempre em minha memória, Hector abre a caixa de veludo vermelho e tira de lá a coroa mais linda que já vi. Faz uma oração em nome do país e a coloca sobre a minha cabeça. O arcebispo faz o sinal da cruz e então Hector segura minhas mãos, me levantando. Olhando em meus olhos, ele diz:

— Eu, Hector Carlos VI de Ortega, Rei de toda a Espanha, lhe proclamo Liana Alvarez Castela de Ortega, rainha da Espanha!

Então ficamos de frente a todos os convidados, que se curvam diante de nós.

— Viva a rainha. — Hector diz.

— Viva!! — todos dizem em voz alta.

— Viva a Espanha.

— Viva!! — Repetem em coro.

— Viva o rei e a rainha da Espanha.

— Viva!!



EPÍLOGO

Quando você ama uma mulher, você diz a ela que realmente é desejada.

Quando você ama uma mulher, você diz a ela que é única e que estará sempre junto a ela. Para amar realmente essa mulher, para a compreender, e para a conhecer profundamente, é preciso que ouça cada pensamento seu e veja cada sonho. Dar-lhe asas quando ela desejar voar, e então, quando ela repousar em seus ombros, você saberá o que é realmente amar uma mulher.

Héctor

Quatro anos se passaram e não há um dia sequer que eu me arrependa de ter escolhido Liana para ser minha mulher. Juntos enfrentamos toda a repercussão negativa contra a coroa, uma crise econômica em toda a Espanha, uma crise diplomática contra o Marrocos. Quando sua amiga Maya fugiu do marido e veio para a Espanha pedir a ajuda de Liana, me senti na obrigação de ajudá-la, já que, por minha culpa, ela havia sido encontrada pelos pais e sido obrigada a entrar em um casamento que não desejava. Por sorte, no final, tudo acabou bem. Com o tempo Liana pôde mostrar a todo o povo espanhol o quão doce e amável ela é. Não demorou muito para que o povo estivesse encantado com a nova rainha.

Liana arregaçou as mangas e usou da influência que tem para ajudar não só jovens e crianças carentes, como familiares que não tinham moradia digna, através de um projeto incrível entre a coroa e uma iniciativa privada, onde conseguimos entregar mais de seis mil residências para essas famílias. Sua escola de balé virou referência em toda a Espanha e, anualmente, um espetáculo é realizado no próprio Palácio Real, e com o valor do ingresso, conseguimos arrecadar dinheiro para ajudar as famílias das próprias crianças da instituição. Charlotte está namorando com Haakon, príncipe da Dinamarca, e eles estão felizes. Mas eu fico sempre de olho aberto, ainda é difícil para mim aceitar que minha irmã é adulta. Saio da câmara após uma reunião exaustiva. Hoje Liana e eu completamos quatro anos de casados, e a surpresa que planejei enfim ficou pronta. Sorrio imaginando o choque que ela terá ao ver. Gomes, meu motorista, abre a porta para mim. Entro no carro e assim que ele dá a partida, recebo uma mensagem de Liana.

“Boa tarde, querido. Senti sua falta no almoço. Amei as rosas azuis. Venha para o palácio logo, seu presente de aniversário de casamento te aguarda na sala do trono.”

Sorrio pensando no que ela deve estar aprontando.

“Já estou voltando.” — Respondi e guardei o celular.



Não demorou muito para que estivéssemos atravessando os portões do palácio. Meus pais se mudaram para a propriedade do campo. Segundo eles, queriam nos dar mais privacidade depois de casados. Sem contar o fato de que meus pais precisavam curtir a aposentadoria deles. Saio do carro ansioso para levar Liana até a surpresa. Cumprimento os guardas da entrada e adentro no palácio. Logo estranho muitíssimo o fato de não haver nenhuma pessoa do lado de dentro do palácio.

Onde estão os guardas? — Perguntei a mim mesmo confuso.

Continuei caminhando por um amplo corredor, também vazio. A sala do trono estava com as portas fechadas, o que não é comum. Abro a porta receoso e mal posso acreditar no que vejo à minha frente. Lá está ela, Liana, meu anjo, minha esposa, completamente nua, usando apenas o diamante azul e sua coroa, sentada no meu trono. Meu pau fica tão duro que falta saltar das calças.

— Feliz aniversário de casamento, querido. — Ela fala abrindo as pernas suavemente.

— Você só pode estar querendo me enlouquecer, mulher! — Falo louco indo em sua direção.

— Hum, te enlouquecer, só se for de prazer, Majestade. — Passa suavemente as mãos pelos seios fartos.

Paro no primeiro degrau que leva ao trono e Liana sorri, me chamando com os dedos. Assim que estou em sua frente, não resisto e a puxo para um beijo devastador. Nossas línguas duelam entre si, e o seu sabor me leva ao delírio. Ela me puxa mais para si e eu a pressiono contra o trono durante todo o beijo.

— Senti sua falta, Majestade.

— Eu ainda mais. — Falo mordendo seu queixo e ela sorri puxando meu paletó.

— Você está vestido demais, querido. — Fala mordendo os lábios.

— Acho que vou precisar de uma ajudinha para me livrar de toda essa roupa. — Falo provocando.

Liana não demora a puxar a minha camisa, sem um pinga de delicadeza, fazendo os botões voarem pelo piso de mármore imperial. Ajudo ela, me livrando das calças e da boxer e, quando estou nu em sua frente, ela passa a mão esquerda pelo meu peitoral.

— Você é lindo, não é justo que um homem seja tão bonito.

— Digo o mesmo; me pergunto como você pode ficar mais linda a cada vez que te vejo. — Falo e volta a beijá-la.

Liana cruza as pernas sobre mim e se esfrega no pau, que está a ponto de explodir. Seguro sua bunda, pegando-a no colo e sentando no trono.

— Você está encharcada, safada. — Falo dando um tapa forte na sua bunda.

— Fazer o que, se meu marido me deixou viciada em um certo cetiro. — Fala esfregando a bocetinha molhada na cabeça do meu pau, enquanto seus seios fartos pulam no meu rosto.

Eles são um convite delicioso e não o recuso, beijo o biquinho e vou chupando devagar apenas para castigá-la, enquanto minha mão vai direto para sua boceta, onde meus dedos deslizam, fazendo movimentos de vai e vem, enquanto minha boca devora seus seios, mordendo e chupando cada um deles. Liana se ajoelha aos meus pés e, porra, essa imagem ficará gravada em minha mente para sempre! Minha linda usando sua coroa, nua, com apenas o diamante azul no pescoço, de joelhos com as duas mãos no meu pau.

Então ela decidiu me torturar com sua boca gostosa, e lentamente começou a passar a língua, sentindo a textura. Arrancando um gemido rouco dos meus lábios. Liana não resiste quando me vê inclinado, jogando a cabeça para trás tamanho meu prazer. Abocanha meu pau com gula, vai chupando como se meu pau fosse um sorvete, e eu não tiro meus olhos dela.

Meu rosto se contorcia de prazer, ela sorri descendo e subindo seus lábios pelo meu pau. Relaxa a garganta, o levando o mais fundo que conseguia. O que não cabia, ela usava as mãos. Segurei seus cabelos, que estavam espalhados em suas costas, e fiz um rabo de cavalo, sem deixar sua coroa de diamantes cair. Incentivei-a a levar mais e mais fundo, arranhando de leve com os dentes. Porra, se ela não tem a boca mais gostosa desse mundo!

Liana acelera seus movimentos, e com a mão livre massageia minhas bolas; meu corpo estremece pronto para gozar, ela suga com força me levando ao limite.

Gozo rugindo seu nome e rapidamente ela engole os jatos de porra, e continuou me chupando com força até beber a última gota do meu gozo. Enlouquecido de prazer, eu voltei a sentá-la no trono e me ajoelhei aos seus pés, como um súdito diante da sua rainha. Fui beijando seus pés vagarosamente, arrastando minha língua por cada centímetro de seu corpo. Liana não se aguentava mais, tamanho o tesão, e quando minha língua

chegou em sua boceta, ela puxou meus cabelos se esfregando sedenta. Meu pau já estava pronto para o segundo round.

— Eu preciso de você, meu rei, preciso de você dentro de mim.

— Você quer meu pau, safada. Primeiro eu vou chupar muito essa bocetinha.

Abocanhei sua boceta encharcada, sentindo seu gosto adocicado preencher meus lábios. Gemo fechando os olhos, beijando sua boceta como se fosse sua boca.

Introduzo a língua em seu canal, em seguida fui lambendo e chupando seu clítoris. A chupei como se sua boceta fosse a fruta mais deliciosa do mundo. Liana puxa meus cabelos com força e eu vou dando pinceladas na sua bocetinha.

— Oh, Deus. Hector, não para, amor! — Geme toda arrepiada, pronta para gozar.

Aproveito esse momento para morder seu clítoris, e foi aí que ela não aguentou, gemendo feito louca e gozando. E eu fiz questão de chupar todo seu gozo, sentindo seus espasmos de um orgasmo arrebatador. Mas não a deixei descansar. Puxei-a para mim e beijei sua boca, a fazendo sentar em meu colo no trono.

— Você está me deixando louco! Preciso ter você agora! — disse com uma voz rouca, passando o dedo na sua boceta encharcada.

— Hector, preciso de você! Preciso do seu cetro em mim!

Não precisei de mais nenhum incentivo; coloquei meu pau na sua boceta tão desesperado quanto ela. Liana rebola com gosto, subindo e descendo, com os cabelos espalhados pelas costas, sua pele de ébano coberta de suor. Ela é linda, cada pedacinho dela me fascina.

A beijo como um louco apaixonado, me sentindo o homem mais sortudo da terra por ter ela comigo. Os barulhos dos nossos corpos se chocando pareciam música para os meus ouvidos, me deixando ainda mais enlouquecido por essa mulher.

Girei Liana, colocando-a de quatro, apoiando as mãos no trono, me abaixei e enfiei de uma só vez, e nesse momento eu posso jurar que sentir estar no paraíso.

— Safada, você é muito apertada, está esmagando meu pau! — Falei gemendo alto quando sua boceta se apertou na cabeça do meu pau.

— Isso, amor! Não para. Mais, mais, por favor!

E eu não parei. Pelo contrário, acelerei, metendo com força. Eu podia

sentir meu pau tocando seu útero e, depois de algumas estocadas violentas, percebo que ela já tinha gozado mais uma vez. E já estava pronta para a terceira. Puxei seus cabelos e dei um tapa forte na sua bunda farta.

— Quer gozar de novo, safada?

— Sim! Não para, por favor! Mais!

— Você quer meu pau, gostosa? — soco com força, a girando; em seguida pegando-a no colo enquanto ergo ela no meu pau — Gosto de te ter em meus braços. Gosto de sentir meu pau te preenchendo toda, safada!

— Hector, eu não aguento mais!

— Aguenta! Eu estou longe de me saciar de você.

Coloquei-a no meu colo ao sentar no trono, usei seu próprio gozo para lambuzar seu cuzinho, e com dois dedos o preparei para mim. Liana fecha os olhos gemendo, sei o quanto ela gosta disso.

— Você está pronta, amor? — Perguntou rouco.

— Eu sempre estou pronta para você, meu rei.

— Eu vou te comer tanto que todas as vezes que sentar neste trono me lembrarei do que fizemos hoje. — Falo e vou massageando sua entrada de trás devagar, tirando e colocando meus dedos. Fui colando a cabeça do meu pau na sua entrada, Liana gemeu arranhando meus braços. Gemo louco sentindo meu pau entrando todo em seu canal.

— Ele já está todo dentro de você, amor, rebola gostoso. — disse ajudando-a a se movimentar.

Liana rebolou gostoso e eu fui ajudando-a, tocando seu clitóris, sentindo a intensidade do nosso amor. Quando dei por mim já estava socando com força, ouvindo minhas bolas batendo na sua bunda com força. Liana gozou, tendo um orgasmo intenso.

Sinto seu coração bater acelerado, assim como o meu. Não espero mais nada e soco com ainda mais gosto, estremecendo e gozando forte, enchendo-a com meu gozo. Liana caiu exausta sobre mim, respirando rápido.

— Esse foi o melhor presente de casamento que já recebi. — Falo beijando seus cabelos.

— Acho que não vou conseguir ficar de pé pelos próximos dois dias.

— Ah, mas você vai sim. Precisamos de um banho e depois vou te levar para a sua surpresa.

— Pensei que as rosas eram meu presente. — Fala se referindo ao fato de ter enchido sua sala, na escola de balé, de rosas azuis.

— O melhor eu guardei para o final. — Falo pegando-a no colo e

caminhando até nossa suíte.



— Não acredito que vamos de helicóptero, a última vez que você pilotou um helicóptero, foi no casamento de Karina e Lucca nas Ilhas Canárias. — Fala Liana surpresa ao ver que irei pilotar hoje, até nosso destino.

— Como a surpresa é especial, preciso te levar em grande estilo.

— Odeio ficar curiosa, ainda não entendi por que os meninos não vieram com a gente.

— Você está muito curiosa, aguenta que logo vai entender. — Falo levantando voo, indo em direção a minha surpresa.

Liana ficou calada observando toda a paisagem de Madrid e, quando fomos chegando na região montanhosa sentido leste, assim que nos aproximamos da surpresa, ela já estava com os olhos arregalados. Sobrevoei todo o palácio, uma obra de arte, desenhado especialmente para a minha rainha, que preserva a arquitetura tradicional espanhola, mas com um contraste moderno de um palácio construído em pleno século vinte e um. Dei a volta por toda a propriedade para que ela tivesse uma bela vista de cima. Pousei na pista de pouso e ajudei-a a descer do helicóptero.

— Hector, eu não sabia que existia esse palácio.

— Ele não existia. Demorou mais de três anos para ficar pronto, e foi feito especialmente para você, amor. — Digo apaixonado. — Este é o Palácio de Castela.

Levo-a para entrada do palácio e Liana fica encantada com nossa nova moradia. Vou mostrando a ela cada cantinho; a entrada principal, com uma bela escadaria de mármore, e o teto catedral com um lustre de cristal séptico. Uma lareira de mármore italiano, as obras de arte, que sei que ela ama; cada pedacinho foi pensado para nós quatro.

— Eu pensei que este palácio seria perfeito para ser nosso refúgio. Um lugar só nosso, construído para nossa família. Sei o quanto fica nervosa quando os meninos se escondem pelo Palácio de Oriente. Podemos deixar aquele lugar para exposições e eventos reais.

— Eu acho perfeito. — Fala ela encantada, tocando na mesa da sala

de jantar.

— Vem comigo, vamos conhecer nosso quarto.

Subimos as escadas e vamos direto para a suíte principal; o quarto ocupa quase todo o andar. Já está decorado, na verdade o lugar está pronto para uso. Entretanto, a cereja do bolo é a sala de balé, que mandei preparar para Liana, para que ela possa ensaiar em casa. Assim, claro, eu aproveito e a vejo dançar apenas de lingerie para mim.

— Você pode mudar a decoração caso não goste de algo. — Digo abraçando-a por trás enquanto ela admirada a bela suíte.

— Ele é lindo, tudo está perfeito.

— Bem, você sabe que os empregados vêm com a gente, e toda a segurança. Infelizmente não podemos relaxar na segurança.

— Tem razão, mas estou tão feliz. O Palácio de Oriente é lindo, mas não tem a nossa cara, é grandioso e opulento demais.

— Vem, quero te mostrar outra coisa. — Falo pegando suas mãos e a conduzindo para os fundos, onde há uma bela varanda que dá visão para o amplo jardim.

O vento forte fez os cabelos dela balançarem, o sol estava se pondo, foi uma visão linda. Abracei-a por trás enquanto víamos, pela varanda, o jardim, onde Elijah e Eliott corriam atrás da cadela deles, Atena. Me lembrei do sonho que tive muito tempo atrás, que pensei ser um castigo na época, pois eu nunca seria feliz; mas agora estamos aqui, juntos.

— Papai, papai! — Grita Elijah assim que eu e Liana nos aproximamos deles no jardim.

Os dois correm em minha direção com os braços abertos; Elijah me derruba e Eliott pula sobre mim, no famoso abraço de urso.

— Papai, nós vamos morar aqui? — Pergunta Elijah e Liana sorri ao me ver caído, com os dois monstros sobre mim.

— Vamos sim, meu príncipe, agora essa será nossa nova casa — falo enchendo-os de cócegas e logo Atena entra na brincadeira.

— Mamãe, falta muito para Atena ter os filhotinhos? — Pergunta Eliott acariciando a cadela de raça labrador, que ganhou de Afonso, e me lembrando que Woody, o cachorro folgado do Arturo, abusou da pobre cadela enquanto passávamos as férias na ilha.

— Falta pouquinho, meu amor — diz Liana ajudando Ema a estender a toalha de piquenique sob o grande carvalho, que tive cuidado para que fosse preservado na construção do palácio.

Sentamos todos em volta da toalha, e Ema traz a cesta, nos deixando sozinhos. Não demora muito para os meninos estarem comendo; Eliott se sujando todo e eu admirando os três, me sentindo o homem mais privilegiado do mundo.

— O que tanto você olha, meu amor? — pergunta Liana mordendo um morango e dando um pedaço em minha boca; não resisto e mordo a ponta dos seus dedos.

— É uma bela vista — digo olhando para os três, sorrindo.

— Tem razão, nosso conto de fadas — Ela fala emocionada e eu beijo seus cabelos, abraçando-a forte.

— A história do sapo teimoso e cheio de ódio, que se apaixonou por uma princesa linda, que curou suas feridas. Uma história de *amor* e *ódio*, onde o amor venceu todos os obstáculos e agora a felicidade reina.

— Para sempre. — Ela diz se virando e olhando nos meus olhos apaixonadamente.

— Para toda a eternidade.

Nove anos depois

Elijah

— Hoje estamos reunidos para entregar a insígnia de ouro para sua Alteza Real Príncipe Elijah Castela de Ortega, continuando a tradição secular da casa real espanhola. Neste dia, o conselho da câmara dos lordes concede ao príncipe Elijah o título honroso de Príncipe das Astúrias. Esse decreto foi publicado no diário oficial, pelo primeiro ministro, e assinado por Sua Majestade, rei de Espanha. Meu pai se levanta e vem até mim, como manda a tradição, e coloca o brasão em meu peito, do lado direito. Fico de frente para todos os lordes espanhóis e ouço a salva de palmas. O restante da cerimônia passou rapidamente. Agora, aos quatorze anos de idade, começo toda a preparação, como herdeiro; minhas responsabilidades irão aumentar.

— Parabéns, meu filho, tenho muito orgulho de você — diz minha

mãe vindo me abraçar quando enfim estamos sós na sala do trono do Palácio Real.

— Obrigado, mãe — digo retribuindo seu abraço.

— Parabéns, irmão, você merece — fala Elliott, me dando um abraço.

Nós somos muito unidos. Já me acostumei a sempre tirá-lo de enrascadas; como o irmão mais velho, sobra pra mim tentar colocar juízo na cabeça de Elliott.

— Meu filho, sua mãe e eu temos uma coisa para te entregar. — Fala meu pai pegando um estojo preto da mão da minha mãe.

Olho para os dois confuso, sem ter a mínima ideia do que possa ser.

— Eu conversei com seus tios e decidimos fazer algo especial na nossa família, algo que irá virar uma tradição de agora em diante. Isto fará parte da sua herança, e espero que passe, futuramente, para seu primeiro filho.

— Você lembra-se da história do diamante azul? O famoso Hope, que fora amaldiçoado, e que ganhei de uma grande amiga quando estive presa? O mesmo diamante que seu pai guardou por meses como uma memória que ele tinha de mim quando ficamos separados.

— Sim, mãe, o papai até contou a história da tal cigana, mas eu não acredito nessas coisas.

— Bem, a maldição não existe mais, filho, e seu pai e eu decidimos entregar o colar a você hoje, nesse dia tão especial para a nossa família.

— Para mim? — pergunto confuso, sem entender a utilidade de um colar.

Papai abre o estojo e olho para o grande diamante azul no centro, rodeado por pequenos diamantes, que parece me hipnotizar.

— Esta joia tem um enorme significado na nossa história. O diamante azul simboliza a verdade, a pureza, a perfeição, a imortalidade e também é muito associado ao invencível. Hope leva consigo anos de uma história terrível em seu passado, porém você, filho, assim como eu e seu pai, tem o dever de transformar esta joia em um símbolo de amor e felicidade. — Fala mamãe.

— Eu quero que você entregue este colar à mulher que for verdadeiramente a dona do seu coração. Aquela que, como sua mãe, transformará seus dias cinzas em ensolarados; aquela que será a única capaz de te fazer feliz. — Diz meu pai sorrindo para minha mãe. — Este colar será passado de geração em geração, começando a partir de hoje, se iniciando um

legado na família.

— Obrigado, pai, me sinto honrando por carregá-lo. — Digo sendo sincero.



Quando voltamos para casa para nos preparar para a viagem para Londres, fiquei pensativo olhando para o colar. Entrei no meu quarto e fiquei olhando para a joia.

— Eu quase fiquei com inveja, quando vi o estojo na mão da mãe. Achei que era um Rolex novinho, mas daí ganhar um colar, pode ficar pra você mesmo. — Diz o idiota do meu irmão entrando no meu quarto.

— O que está fazendo aqui, já fez suas malas?

— Já sim. Não vejo a hora de chegar em Londres. Ethan me falou que a festa vai estar lotada de gatinhas. — Fala se jogando na cama do meu quarto.

— Fala sério, Elliott! Achei que você já tinha aprendido. Não basta a confusão na escola, você foi dar em cima justo da Bianca, que namora o zagueiro da equipe de futebol! Queria ver se eu não tivesse chegado na hora pra separar a briga.

— Como eu ia dizendo, depois da bronca que levei da dona rainha, não irei mais me envolver com gatinhas comprometidas.

— Estou cansado de livrar a sua cara, comece a se comportar como um Ortega e não envergonhe nossa mãe.

— Tá bem, irmão, prometo que irei me comportar. — Fala levantando as mãos em um gesto de rendição e eu reviro os olhos, sabendo que ele ainda vai aprontar muitas, e que eu, como seu irmão mais velho, estarei lá tirando ele das confusões. — Eu amo você, Elijah, mesmo quando você dá uma de papai.

— Você não vale o pão que come, mas eu também te amo, seu palhaço. Agora sai do meu quarto que eu preciso me arrumar. — Digo atirando o travesseiro nele.

— Já estou indo. — Diz rindo e correndo em direção à porta.



Chegamos em Londres um dia antes da festa. Mamãe foi a um evento na ONU, onde nossa prima Sarah faria um discurso e receberia um prêmio pela liderança da ONG da tia Paloma, que ajuda mulheres e crianças africanas vulneráveis.

No começo da noite, já estávamos todos entrando na mansão dos Cartier e a festa já estava a todo vapor. Muita gente reunida; não só a família, como também muitos jovens, amigos dos meus primos. Meu pai pediu para a equipe dele colocar os presentes dos meus primos no jardim, com a ajuda dos seguranças do meu tio. Mamãe estava linda usando um vestido branco, meu pai de terno azul, assim como eu e meu irmão, já que a festa era de gala.

— Eu vou circular pela festa, vejo vocês mais tarde. — Fala Eliott e eu aproveito para ir junto com ele.

— Eu vou com ele pra ficar de olho nessa peste — falo me despedindo dos meus pais e indo curtir a festa. Sempre adoro vir a Londres e me desligar um pouco de tantas regras e protocolos que me sufocam.

— Você viu quanta gatinha nessa festa hoje, mano? Vou me dar bem. — Fala todo empolgado.

— Só não arruma nenhuma confusão na festa dos nossos primos. — Falo sério e decido ir procurar Arthur, faz tempo que não conversamos, apesar de sermos muito amigos. Não é sempre que tenho tempo para vê-lo, já que Arthur trabalha com meu tio e faz faculdade, e eu tenho muitos compromissos na Espanha.

Encontro ele e as meninas no jardim, empolgados com o carro que meu pai lhes deu de presente. É engraçado a forma como Arthur está emocionado, falta beijar o jaguar preto.

— Tio, lembra que meu aniversário é em agosto, e o meu pode ser azul. — Fala meu primo Ethan, de braços dados com uma morena.

— Pelo visto você gostou do carro. Confesso que tem um dedinho meu nessa escolha. — Falo rindo e me aproximando deles.

— É por isso que você é meu primo favorito. — Diz Arthur me

abraçando.

— Eu estou ouvindo isso. — Fala Ethan enciumado.

Porém, antes que Arthur possa responder, ele paralisa, olhando para trás de mim. Viro-me curioso para saber o que ele está olhando. É quando vejo Eliott e Eva, filha de Scott, dançando. Fazia muito tempo que não via Eva e ela está ainda mais linda que da última vez que a vi.

— O que diabos ele tem na cabeça? — Fala Arthur com raiva, indo em direção aos dois.

Eu fico confuso, sem entender o porquê da raiva.

— O que pensa que tá fazendo, Eliott? — Pergunta nervoso.

— Dançando, você não tá vendo? — Responde meu irmão, ignorando totalmente o ódio nos olhos de Arthur.

— Você não vê que Eva é uma criança? Tira suas mãos de cima dela. — Ruge feito uma fera.

— Deixa de ser idiota, Arthur, Eva tem apenas um ano a menos que eu. — Fala Eliott, tão confuso quanto eu; a explosão de Arthur não tem sentido.

— Ei, o que está acontecendo, reunião de primos? — Fala Luna sorrindo ao chegar no meio da roda, junto com Jade.

— Não é nada, Luna, é só o palhaço do Arthur dando showzinho de ciúmes! — Fala Eva vermelha de brava, e então Jade a acompanha para longe da briga.

— Arthur, vem, nossa madrinha está chamando. — Fala Cristal, chamando-o antes que ele possa ir atrás de Eva.

— Ei, o que estava acontecendo aqui? Estão todos olhando para vocês — fala Sarah muito bonita de amarelo.

— Não foi nada, prima, só Arthur com dor de cotovelo — diz Eliott rindo.

— Vamos ver o que é a surpresa dos meninos — fala Luna. Como sempre, de todos os primos, ela é a que apazigua os desentendimentos.

Todos nós caminhamos em direção ao palco montado no jardim, e então a cortina cai e a banda Coldplay começa a tocar. Cristal, assim como Safira e Arthur, vibram ao ver a banda favorita não só deles, mas minha também. A festa seguiu animada. Dancei com várias garotas; o clima tenso de antes se foi. Safira chama todos os primos para tirarmos uma foto. Reunimo-nos sorrindo; Arthur pelo visto já tinha até esquecido o desentendimento de

mais cedo, já que estava de braços dados com uma bela loira.

Safira, Arthur, Cristal, Jade, Sarah, Ethan, Luna, Eliott e eu, Elijah, todos os herdeiros, como meu tio Arturo costuma falar. O legado da família.

Do camarote, olhamos para o céu acompanhando a queima de fogos que ilumina todo o jardim. No centro do lugar, podíamos ver os nossos pais dançando ao som de Yellow.

— Eles são lindos juntos. — Fala Sarah olhando para os pais, Paloma e Martim.

— Realmente são perfeitos um para o outro. — Responde Luna olhando para tio Guilherme e a tia Alice.

— Espero que um dia possamos viver uma história de amor tão bela como a dos nossos pais. — Fala Safira olhando para Arturo e Verônica.

— Eles se amam de verdade. Um amor como o dos nossos pais não é fácil de encontrar — falo olhando para meu pai e minha mãe, que se beijam.

— Quem poderá saber o que destino nos reserva? — Arthur fala.

— Afinal, nós somos os Cartier! — Dizemos todos juntos em sincronia.

Olhando para os quatro casais e nós, seus filhos, até poderíamos achar que esse é o fim de uma história. Mas nós, da família Cartier, não sabemos o significado de um ponto final.

Fim

Em breve...

SÉRIE - Legado
dos Cartier